|  |  |
| --- | --- |
| **ENERGIA** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- A agonia das religiões - pág. 12** | **02 - A alma é imortal - pág. 232** |
| **03 - A levitação- pág. 85** | **04 - A matéria psi - pág. 22** |
| **05 - A vida além do véu - pág. 185** | **06 - Alquimia da mente - pág. 61** |
| **07 - Ave luz - pág. 156** | **08 - Cartilha da natureza - pág. 59, 191** |
| **09 - Da alma humana - pág. 199** | **10 - Lázaro redivivo - pág. 221** |
| **11 - Mãos de luz - pág. 46** | **12 - O consolador - pág. 24** |
| **13 - O Livro dos Espíritos - q. 946, 974, 995** | **14 - Palingênese, a grande lei - pág. 90** |
| **15 - Passes e radiações - pág. 63** | **16 - Tambores de Angola - pág. 25** |
| **17 - Técnica da mediunidade - pág. 31** | **18 - Universo e vida - pág. 40, 67, 71** |
| **19 - Vida e Sexo - pág. 25** |  |
| **ENERGIA RADIANTE** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- A alma é imortal - pág. 232** | **02 - A levitação - pág. 178** |
| **03 - Libertação - pág. 41, 84, 144** | **04 - Mão de luz - pág. 39** |
| **5 - O espiritismo - pág. 161** | **6 - O passe magnético - pág. 31** |
| **7 - Personagens do espiritismo - pág. 216** | **8 - Tambores de Angola - pág. 99** |
| **9 - Universo e vida - pág. 67, 69, 71, 112** | **10 - Vida e Sexo - pág. 25** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**ENERGIA -– COMPILAÇÃO**

**01- A agonia das religiões - José Herculano Pires - pág. 12**

**CAPÍTULO II - RELIGIÃO COMO FATO SOCIAL  
O homem contemporâneo, vivendo numa fase de crise universal, determinada por mudanças rápidas em todos os campos de sua atividade, defronta-se com um grave problema subjetivo: ser ou não ser religioso. Os estudos sobre a origem e o desenvolvimento da Religião, sua natureza, sua significação para o comportamento humano, seus efeitos na dinâmica social e nos processos de renovação das estruturas econômicas e administrativas da sociedade, bem como no desenvolvimento cultural e mais especificamente das pesquisas científicas, oferecem-lhe opções contraditórias que não levam a nenhuma solução, agravando a crise com o levantamento de novos conflitos aparentemente insanáveis.  
  
Culturalmente marginalizada, a partir do Renascimento, a Religião se transformou numa questão opinativa. Para os materialistas e ateus é apenas um resíduo do passado supersticioso; para os pragmatistas, uma questão de conveniência; para os espiritualistas, um problema vital, do qual depende a própria sobrevivência da Humanidade. As posições opiniáticas, em todas essas áreas, geram a desconfiança e a indiferença no seio das massas populares, desprovidas de elementos para uma avaliação do problema, e muito menos para a sua equação.  
  
O que hoje se convencionou chamar de Ciência da Religião, abrangendo vários aspectos da questão religiosa em diversas perspectivas científicas, fora do campo religioso, apresenta-se como análise fria do processo religoso, com base nos dados objetivos da História. Mesmo a Psicologia das Religiões vê-se obrigada a pairar no plano das estruturas das escolas psicológicas, sem mergulhar na essência do fenômeno religioso, sob pena de perder a sua qualificação científica.  
  
Acontece com a Religião o mesmo que verificamos no tocante ao problema da vida, cuja solução se busca no pressuposto de que o impulso vital se origina no campo dos aminoácidos. A matéria, considerada como a fonte de toda energia — apesar da comprovação científica atual de que é o produto da acumulação energética — mantém-se na posição de geradora da vida. Assim também se busca o segredo da Religião nas suas formas de manifestação, na sua estrutura e no seu funcionamento, como se ela se originasse das en­tranhas do homem e não das profundezas do seu psiquismo. A vida, a alma, o sentimento e o pensamento não seriam mais do que epifenômenos, efêmeras eclosões do fenómeno orgânico, destinadas a desaparecer com este.  
  
Não pretendo promover uma revolução copérnica no assunto, mas apenas mostrar, se possível, a conveniência de uma mudança de posição. Basta encararmos a Religião como um fato social, segundo a tese de Durkheim, sem nos limitarmos aos aspectos puramente estruturais e funcionais do fato em si, para que as perspectivas da análise se tornem mais amplas e flexíveis. Religião e Sociedade se mostram conjugadas indissoluvelmente no plano histórico. Se tomarmos como exemplo o clã judaico de Abraão, do grupo étnico dos Habiru, na Caldéia, veremos que ali se formava ao mesmo tempo uma nova sociedade e uma nova religião que iriam exercer papel fundamental no desenvolvimento da civilização.**

**Ambas, sociedade e religião, nasciam no seio de outra sociedade e outra religião, organizadas, tradicionais, e delas se distinguiam pelas características étnicas e pela destinação histórica tipicamente carismática, determinada pela tendência monoteísta do clã, sob o impulso de crenças que se corporificavam nas manifestações de entidades mitológicas. Abraão, Isac e Jacó assumiram a direção do clã e o levariam, através do Egito, às terras de Canaã, na Palestina, na sangrenta epopéia dos relatos bíblicos.  
  
Temos de distinguir no caso dois elementos conjugados que provocam o nascimento da nova religião: primeiro, o elemento étnico, determinante do agrupamento social; segundo, o elemento mítico, determinante da nova orientação religiosa. Este último não se mostra como subjetivo, mas caracteriza-se pela sua objetividade. É a intervenção ativa de influências exógenas na vida do clã, provenientes de manifestações concretas de entidades espirituais. Por mais que isso possa repugnar aos adeptos da interpretação psicológica dos fatos, que só aceitam as manifestações espirituais como de ordem subjetiva, os resultados das pesquisas modernas e contemporâneas no campo das Ciências Psíquicas, atualmente confirmadas pelas pesquisas parapsicológicas, com a anterior comprovação das pesquisas metapsíquicas, mostram que a intervenção espiritual poderia ter sido objetiva, segundo a descrição dos relatos bíblicos.  
  
Admitindo-se a realidade dessa manifestação concreta, que corresponde a milhares de outras verificadas em todas as latitudes do planeta, podemos chegar à conclusãode que as religiões se originam de uma conjugação de fatores humanos e espirituais, nenhum deles podendo ser excluído da análise hones do fato social, sem que se pratique uma violência contra a realidade mundialmente comprovada. (...)**

**02 - A alma é imortal - Gabriel Dellane - pág. 232**

**A energia e os fluidos  
Até há pouco, a Ciência negava a existência de estados imponderáveis da matéria e a hipótese do éter estava longe de ser unanimemente admitida, apesar da sua necessidade para tornar compreensíveis os diversos modos da força. Atualmente, já a negação não será talvez tão absoluta, pois que toda uma categoria de novos fenômenos veio mostrar a matéria revestida de propriedades de que nem se suspeitava. A matéria radiante dos tubos de Crookes revela as energias intensas que parecem inerentes às últimas partículas da substância. Os raios X, que nascem no ponto em que os raios catódicos tocam o vidro da empola, ainda mais singulares são, porquanto se propagam através de quase todos os corpos e têm propriedades fotogênicas, sem serem visíveis de si mesmos.**

**Finalmente, as experiências espíritas de Wallace, de Beattie, de Aksakof consignam, fotografados, esses estados da matéria invisível, que concorrem para a produção dos fenômenos espíritas. O Dr. Baraduc, o comandante Darget, o Dr. Adam, o Dr. Luys, o Sr. David e as experiências do Sr. Russel põem de manifesto essas forças materiais que emanam constantemente de todos os corpos, mas, sobretudo, dos corpos vivos, e os clichés que se obtêm são testemunhos irrecusáveis da existência desses fluidos. Assistimos, presentemente, à demonstração científica desses estados imponderáveis da matéria antes tão obstinadamente repelidos. Mais uma vez, confirma-se o ensino dos Espíritos, sendo a prova de veracidade das suas revelações dada por pesquisadores que não partilham das nossas idéias e que, portanto, não podem ser suspeitados de complacências.  
  
É necessário que o público, ao ouvir-nos falar de fluidos, se habitue a não ver nessa expressão um termo vago, destinado a mascarar a nossa ignorância. É necessário fique ele bem persuadido de que estamos constantemente mergulhados numa atmosfera invisível, intangível pelos nossos sentidos, porém, tão real, tão existente, quanto o próprio ar. Não é certo que as maiores inteligências do século, os mais hábeis analistas, químicos e físicos hão vivido em contacto com o argônio, o novo gás que faz parte integrante do ar, sem lhe suspeitarem a presença? Esse exemplo deve inspirar modéstia a todos quantos orgulhosamente proclamam que sabem todas as coisas e que a Natureza nenhum mistério mais lhes guarda. A verdade é que ainda somos muito ignorantes e que a nossa existência se escoa num lugar do qual só pequeníssima parte conhecemos.  
  
O de que todos se devem bem compenetrar é de que a atmosfera que nos circunda contém seres e forças cuja presença normal somos incapazes de apreciar. O ar se encontra povoado de miríades de organismos vivos, infinitamente pequenos, que não lhe turvam a transparência. No azul translúcido de um belo dia de verão volteia uma inumerável quantidade de sementes vegetais, que irão fecundar as flores. Ao mesmo tempo, o espaço se encontra atravancado de bilhões de seres, a que foi dado o nome de micróbios. Todos esses seres evolvem dentro de gases cuja existência nada nos revela. O ácido carbônico, produzido por tudo o que tem vida ou se consome, mistura-se aos gases constitutivos do ar, sem que alguém o possa suspeitar. Quase todos os corpos emitem vapores que imergem nesse laboratório límpido e os nossos olhos permanecem cegos para todos esses corpos tão diversos, cada um com a sua função e a sua utilidade.  
  
Tampouco os nossos sentidos nos advertem dessas correntes que sulcam o globo e desorientam a bússola durante as tempestades magnéticas. Só raramente a eletricidade se manifesta sob forma que nos seja apreciável. Ela não existe unicamente no instante em que o raio risca a nuvem, em que repercutem ao longe os roncos do trovão; antes, atua perpetuamente, por meio de lentas descargas, por meio de trocas incessantes entre todos os corpos de temperaturas diferentes. A própria luz não a percebemos, senão dentro de limites muito acanhados. Seus raios químicos, de ação tão intensa, escapam completamente à nossa visão.  
  
Somos banhados, penetrados por todos esses eflúvios em meio dos quais nos movemos e longuíssimo tempo viveu a humanidade sem conhecer tais fatos que, entretanto, sempre existiram. Foram necessárias todas as descobertas da ciência, para criarmos sentidos novos, mais poderosos, mais delicados do que os que devemos à Natureza. O microscópio nos revelou o átomo vivo, o infinitamente pequeno; a chapa fotográfica é, ao mesmo tempo, um tato e uma retina, de incomparáveis finura e acuidade de visão. O colódio registra as vibrações etéreas que nos chegam dos planetas invisíveis, perdidos nas profundezas do espaço, e nos revela a existência deles.**

**Apanha os movimentos prodigiosamente rápidos da matéria quintessenciada; reproduz fielmente a luz obscura que todos os corpos à noite irradiam. Se a nossa retina possuísse essa singular sensibilidade, seríamos impressionados pelas ondas ultravioletas, como o somos pela parte visível do espectro. Pois bem! essa chapa preciosa ainda presta o serviço de dar--nos a conhecer os fluidos que emanam do nosso organismo, ou que nele penetram. Mostra-nos, com irresistível certeza, que em torno de nós forças existem, isto é, movimentos da matéria sutil, que se diferençam uns dos outros pelos seus caracteres particulares, por uma assinatura especial. Presentemente, já não se pode duvidar dessas modalidades, desses avataras da matéria.  
  
Há, envolvendo-nos, uma atmosfera fluídica incorporada na atmosfera gasosa, penetrando-a de todos os lados. São ininterruptas as suas ações: é todo um mundo tão variado, tão diverso em suas manifestações, quanto o é a natureza física, isto é, a matéria visível e ponderável. Há fluidos grosseiros, como fluidos quintessenciados, uns e outros com propriedades inerentes ao respectivo estado vibratório e molecular, que os tornam substâncias tão distintas, quanto o podem ser, para nós, os corpos sólidos ou gasosos. Mas, que energias se manifestam nesse meio! Que de mudanças visíveis, de mobibilidade, de plasticidade nessa matéria sutil! Quanto ela difere da pesada, compacta e rígida substância que conhecemos.**

**A eletricidade nos permite julgar da instantaneidade das suas transformações: é um prodígio, uma febre contínua. É bem a fluidez ideal para as tão leves, tão vaporosas, tão instáveis criações do pensamento. É a matéria do sonho, na sua impalpável realidade. Estudando a matéria gasosa, chegamos a imaginar esses estados transcendentes. Já, sob a forma radiante, vemos os átomos, movendo-se com velocidades fantásticas, produzirem fenômenos cuja intens**

|  |
| --- |
| **INTERCESSÃO** |

|  |  |
| --- | --- |
| **01 - A Mediunidade sem lágrima - pág. 84** | **02 - O Consolador - pág. 221** |
| **03 - O Livro dos Espíritos - questão 665** | **04 - Pão Nosso - pág. 45** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**INTERCESSÃO - COMPILAÇÃO**

**02 – O CONSOLADOR – FRANCISCO C. XAVIER (EMMANUEL), pág. 221**

**Perg. 399 – Quando a opinião irônica ou insultuosa ataca uma expressão da verdade, no campo mediúnico, é justo buscarmos apoio dos Espíritos amigos para revidar:  
  
-Vossa inquietação no mundo costuma conduzir-vos a muitos despautérios.  
-Semelhante solicitação aos desencarnados seria um deles. Os valores de um campo mediúnico triunfam por si mesmos, pela essência de amor e de verdade, de consolação e de luz que contenham, e seria injustificável convocar os Espíritos para discutir com os homens, quando já se demasiam as polêmicas dos estudiosos humanos entre si.  
  
-Além do mais, os que não aceitam a palavra sincera e fraternal dos mensageiros do plano superior terão, igualmente, de buscar o túmulo algum dia, e é inútil perder tempo com palavras, quando temos tanto o que fazer no ambiente de nossas próprias edificações.  
  
Perg. 400 – Poderá admitir-se que um médium se socorra de outro médium para obter o amparo dos seus amigos espirituais?  
-É justo que um amigo se valha da estima fraternal de um companheiro de crença, para assuntos de confiança íntima e recíproca, mas, na função mediúnica, o portador dessa ou daquela faculdade deve buscar em seu próprio valor o elemento de ligação com os seus mentores do plano invisível, sendo contraproducente procurar o amparo, nesse particular, fora das suas próprias possibilidades, porque, de outro modo, seria repousar numa fé alheia, quando a fé precisa partir do íntimo de cada um, no mecanismo da vida.  
  
-Além dos mais, cada médium possui a sua esfera de ação no ambiente que lhe foi assinalado. Abandonar a própria confiança para valer-se de outrem, seria sobrecarregar os ombros de um companheiro de luta, esquecendo a cruz redentora que cada Espírito encarnado deverá carregar em busca da claridade divina. Intercessão: sf. Ato de interceder. Interceder: vt. Intervir a favor de alguém.**

**03 – O LIVRO DOS ESPÍRITOS – ALLAN KARDEC, questão 665.**

**Que pensar da opinião que rejeita a prece pelos mortos, por não estar prescrita nos Evangelhos?  
-O Cristo disse aos homens: Amai-vos uns aos outros. Essa recomendação implica também a de empregar todos os meios possíveis de testemunhar afeição aos outros, sem entrar, entretanto, em nenhum detalhe sobre a maneira de atingir o objetivo. Se é verdade que nada pode desviar o Criador de aplicar a justiça, que é inerente a Ele mesmo, a todas as ações do Espírito, não é menos verdade que a prece que lhe dirigis, em favor daquele que vos inspira afeição, é para este um testemunho de recordação que não pode deixar de contribuir para aliviar os seus sofrimentos e o consolar.  
  
Desde que ele revele o mais leve arrependimento, e somente então, será socorrido; mas isso não o deixará jamais esquecer que uma alma simpática se ocupou dele e lhe dará o doce crença de que essa intercessão lhe foi útil.Disso resulta necessariamente, de sua parte,, um sentimento de afeição por aquele que lhe deu essa prova de interesse e de piedade. Dessa maneira, o amor recomendado aos homens pelo Cristo desenvolveu-se e aumentou entre eles, e ambos obedeceram à lei de amor e de união de todos os seres, lei divina que deve conduzir à unidade, objetivo e fim do Espírito.**  
**04 – PÃO NOSSO – FRANCISCO C. XAVIER (EMMANUEL), pág. 45**

**17. INTERCESSÃO  
"Irmãos, oral por nós." — Paulo. (I TESSALONICENSES, 5:25.)  
Muitas criaturas sorriem ironicamente quando se lhes fala das orações intercessórias.  
O homem habituou-se tanto ao automatismo teatral que encontra certa dificuldade no entendimento das mais profundas manifestações de espiritualidade. A prece intercessória, todavia, prossegue espalhando benefícios com os seus valores inalterados. Não é justo acreditar seja essa oração o incenso bajula-tório a derramar-se na presença de um monarca terrestre a fim de obtermos certos favores.  
  
A súplica da intercessão é dos mais belos atos de fraternidade e constitui a emissão de forças benéficas e iluminativas que, partindo do espírito sincero, vão ao objetivo visado por abençoada contribuição de conforto e energia. Isso não acontece, porém, a pretexto de obséquio, mas em consequência de leis justas. O homem custa a crer na influenciação das ondas invisíveis do pensamento, contudo, o espaço que o cerca está cheio de sons que os seus ouvidos materiais não registram; só admite o auxílio tangível, no entanto, na própria natureza física, vêem-se árvores venerandas que protegem e conservam ervas e arbustos, a lhes receberem as bênçãos da vida, sem lhes tocarem jamais as raízes e os troncos. Não olvides os bens da intercessão. Jesus orou por seus discípulos e seguidores,nas horas supremas.**  
**A súplica da intercessão é dos mais belos atos de fraternidade e constitui a emissão de forças benéficas e iluminativas que, partindo do espírito sincero, vão ao objetivo visado por abençoada contribuição de conforto e energia (...).**

|  |
| --- |
| **INTERVENÇÃO** |

|  |
| --- |
| **BIBLIOGRAFIA** |

|  |  |
| --- | --- |
| **01 - A Mediunidade sem lágrima - pág. 84** | **02 - Auto obsessão - pág. 25** |
| **03 - Caminho verdade e vida - pág. 93** | **04 - Joana D'Arc - pág. 229** |
| **05 - Missionários da Luz - pág. 122** | **06 - O Consolador - pág. 221** |
| **07 - O Livro dos Espíritos - Questão 963** | **08 - Oferenda - pág. 31** |
| **09 - Pedaços do cotidiano - pág. 223** | **10 - Revista Espírita - 1859, pág. 21** |
| **11 - Técnica da Mediunidade - pág. 41** | **12 - Vida e Atos dos Apóstolos - pág. 82** |
| **13 - Temas da vida e da morte - pág.** |  |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**INTERVENÇÃO - COMPILAÇÃO**

**03 - Caminho verdade e vida - Emmanuel - pág. 93**

**39 - ENTRA E COOPERA  
"E ele, tremendo e atônito, disse: Senhor, que queres que eu faça? Respondeu-lhe o Senhor: — Levanta-te e entra na cidade e lá te será dito o que te convém fazer." — (ATOS, 9:6.)  
  
Esta particularidade dos Atos dos Apóstolos reveste-se de grande beleza para os que desejam compreensão do serviço com o Cristo.  
Se o Mestre aparecera ao rabino apaixonado de Jerusalém, no esplendor da luz divina e imortal, se lhe dirigira palavras diretas e inolvidáveis ao coração, por que não terminou o esclarecimento, recomendando-lhe, ao invés disso, entrar em Damasco, a fim de ouvir o que lhe convinha saber? É que a lei da cooperação entre os homens é o grande e generoso princípio, através do qual Jesus segue, de perto, a Humanidade inteira, pelos canais da inspiração.  
  
O Mestre ensina os discípulos e consola-os através deles próprios. Quanto mais o aprendiz lhe alcança a esfera de influenciação, mais habilitado estará para constituir-se em seu instrumento fiel e justo. Paulo de Tarso contemplou o Cristo ressuscitado, em sua grandeza imperecível, mas foi obrigado a socorrer-se de Ananias para iniciar a tarefa redentora que lhe cabia junto dos homens.  
  
Essa lição deveria ser bem aproveitada pelos companheiros que esperam ansiosamente a morte do corpo, suplicando transferência para os mundos superiores, tão-somente por haverem ouvido maravilhosas descrições dos mensageiros divinos. Meditando o ensinamento, perguntem a si próprios o que fariam nas esferas mais altas, se ainda não se apropriaram dos valores educativos que a Terra lhes pode oferecer. Mais razoável, pois, se levantem do passado e penetrem a luta edificante de cada dia, na Terra, porquanto, no trabalho sincero da cooperação fraternal, receberão de Jesus o esclarecimento acerca do que lhes convém fazer.**

**06 - O Consolador - Emmanuel - pág. 221**

**Perg. 396 — Tratando-se da necessidade de preparação para a tarefa mediúnica, é justo acreditarmos na movimentação de fluidos maléficos em prejuízo do próximo?  
— É o caso de vos perguntarmos se não haveis movimentado as energias maléficas, no decurso da vida, contra a vossa própria felicidade.  
Num orbe como a Terra, onde a porcentagem de forças inferiores supera quase que esmagadoramente os valores legítimos do bem, a movimentação de fluidos maléficos é mais que natural; no entanto, urge ensinar aos que operam, nesse campo de maldade, que os seus esforços efetuam a sementeira infeliz, cujos espinhos, mais tarde, se voltarão contra eles próprios, em amargurados choques de retorno, fazendo-se mister, igualmente, educar as vítimas de hoje na verdadeira fé em Jesus, de modo a compreenderem o problema dos méritos na tarefa do mundo.  
A aflição do presente pode ser um bem a expressar-se em conquistas preciosas no futuro, e, se Deus permite a influência dessas energias inferiores, em determinadas fases da existência terrestre, é que a medida tem sua finalidade profunda, ao serviço divino da regeneração individual.  
  
Perg. 397 — Por que razão alguns médiuns parecem sofrer com os fenômenos da incorporação, enquanto outros manifestam o mesmo fenômeno, naturalmente?  
— Nas expressões de mediunismo existem características inerentes a cada intermediário entre os homens e os desencarnados; entretanto, a falta de naturalidade do aparelho mediúnico, no instante de exercer suas faculdades, é quase sempre resultante da falta de educação psíquica.  
  
Perg. 398 — Ê natural que, em plenas reuniões de estudo, os médiuns se deixem influenciar por entidades perturbadoras que costumam quebrar o ritmo de proveitosos e sinceros trabalhos de educação?  
— Tal interferência não é natural e deve ser muito estranhável para todos os estudiosos de boa-vontade. Se o médium que se entregou à atuação nociva é insciente dos seus deveres à luz dos ensinamentos doutrinários, trata-se de um obsidiado que requer o máximo de contribuição fraterna; mas, se o acontecimento se verifica através de companheiro portador do conhecimento exato de suas obrigações, no círculo de atividades da Doutrina, é justo responsabilizá-lo pela perturbação, porque o fato, então, será oriundo da sua invigilância e imprevidência, em relação aos deveres sagrados que competem a cada um de nós, no esforço do bem e da verdade.  
  
Perg. 399 — Quando a opinião irônica ou insultuosa ataca uma expressão da verdade, no campo mediúnico, é justo buscarmos o apoio dos Espíritos amigos para revidar?  
— Vossa inquietação no mundo costuma conduzir-vos a muitos despautérios. Semelhante solicitação aos desencarnados seria um deles. Os valores de um campo mediúnico triunfam por si mesmos, pela essência de amor e de verdade, de consolação e de luz que contenham, e seria injustificável convocar os Espíritos para discutir com os homens, quando já se demasiam as polémicas dos estudiosos humanos entre si. Além do mais, os que não aceitam a palavra sincera e fraternal dos mensageiros do plano superior terão, igualmente, de buscar o túmulo algum dia, e é inútil perder tempo com palavras, quando temos tanto o que fazer no ambiente de nossas próprias edificações.  
  
Perg. 400 — Poderá admitir-se que um médium se socorra de outro médium para obter o amparo dos seus amigos espirituais?  
— É justo que um amigo se valha da estima fraternal de um companheiro de crença, para assuntos confiança íntima e recíproca, mas, na função mediúnica, o portador dessa ou daquela faculdade deve busca em seu próprio valor o elemento de ligação com os sei mentores do plano invisível, sendo contraproducente procurar o amparo, nesse particular, fora das suas próprias possibilidades, porque, de outro modo, seria repousar numa fé alheia, quando a fé precisa partir do íntimo de cada um, no mecanismo da vida.  
Além do mais, cada médium possui a sua esfera de ação no ambiente que lhe foi assinalado. Abandonar a própria confiança para valer-se de outrem, seria sobrecarregar os ombros de um companheiro de luta, esquecendo a cruz redentora que cada Espírito encarnado deverá carregar em busca da claridade divina.  
  
perg. 401 — A mistificação sofrida por um médium significa ausência de amparo dos mentores do plano espiritual?  
— A mistificação experimentada por um médium traz, sempre, uma finalidade útil, que é a de afastá-lo do amor-próprio, da preguiça no estudo de suas necessidades próprias, da vaidade pessoal ou dos excessos de confiança em si mesmo.  
Os fatos de mistificação não ocorrem à revelia dos seus mentores mais elevados, que, somente assim, o conduzem à vigilância precisa e às realizações da humildade e da prudência no seu mundo subjetivo.  
  
07 – O LIVRO DOS ESPÍRITOS – ALLAN KARDEC, questão 963, 964**

**III – INTERVENÇÃO DE DEUS NAS PENAS E RECOMPENSAS**

**Perg. 963. Deus se ocupa pessoalmente de cada homem? Não é ele demasiadamente grande e nós muito   
pequenos, para que cada indivíduo em particular tenha aos seus olhos alguma importância?  
-Deus se ocupa de todos os seres que criou, por menores que sejam; nada é demasiado pequeno para a sua bondade.  
  
Perg. 964.Deus tem necessidade de se ocupar de cada um dos nossos atos, para nos recompensar ou punir?  
A maioria desses atos não são para Ele insignificantes? -Deus tem as suas leis, que regulam todas as vossas ações. Se as violardes, a culpa é vossa. Sem dúvida, quando um homem comete um excesso, Deus não expende um julgamento contra ele, dizendo-lhe, por exemplo: tu és um glutão e eu te vou punir. Mas Ele traçou um limite: as doenças e, por vezes, a morte são conseqüências dos excessos. Eis a punição: ela resulta da infração da lei. Assim se passa em tudo.  
  
Todas as nossas ações são submetidas às leis de Deus; não há nenhuma delas, por mais insignificante que nos pareça, que não possa ser uma violação dessas leis. Se sofrermos as conseqüências dessa violação, não nos devemos queixar senão de nós mesmos, que nos fazemos assim os artífices de nossa felicidade ou de nossa infelicidade futura.  
Essa verdade se torna sensível pelo seguinte apólogo:  
  
“Um pai dá ao filho a educação e a instrução, ou seja, os meios para saber conduzir-se. Cede-lhe um campo para cultivar e lhe diz: Eis a regra a seguir e todos os instrumentos necessários para tornar fértil o campo e assegurar a tua existência. Dei-te a instrução para compreenderes essa regra. Se a seguires, o campo produzirá bastante e te proporcionará o repouso na velhice; se não a seguirdes, nada produzirá e morrerás de fome. Dito isso, deixa-o agir à vontade.”  
  
Não é verdade que o campo produzirá na razão dos cuidados que se dispensar à cultura e que toda negligência redundará em prejuízo da colheita? O filho será, portanto, na velhice, feliz ou infeliz, segundo tenha seguindo ou negligenciado a regra traçada pelo pai. Deus é ainda mais previdente, porque nos adverte a cada instante, se fazermos o bem ou o mal. Envia-nos Espíritos que nos inspiram, mas não os escutamos. Há ainda outra diferença e é que Deus dá ao homem um recurso, por meio das novas existências, para reparar os seus erros do passado, ao passo que o filho de que falamos não o terá, se empregar mal o seu tempo.**

**08 - Oferenda - Joanna de Ângelis- pág. 31**

**INTERFERÊNCIA ESPIRITUAL  
Que os Espíritos interferem na vida dos homens, não há dúvida. Afinal, os Espíritos são as almas dos homens, que vivem na Terra, com as suas paixões perniciosas, com as suas inspirações elevadas.  
  
Que a vida responde conforme a qualidade da sementeira de cada um, não se pode negar. Cada semente repete a espécie, sempre e indefinidamente. Que o homem atual é o somatório dos seus atos procedentes das reencarnações passadas, não há porque contestá-lo.  
  
Qualquer edificação resulta da reunião das peças que são delicadas na sua execução. Que as situações, pessoas e realidades que a criatura defronta são decorrências dos investimentos morais e espiritualizados, ninguém deve desconhecer. Toda ação produz uma reação semelhante. Que o futuro está sendo construído enquanto o ser age presente, não se refuta. Qualquer movimento gera uma correspondente onda que se espraia ao infinito.  
  
O homem não é o autor da própria vida, todavia; é o responsável por ela. O que se pensa vai plasmado no mundo mental, a fim de condensar-se na esfera física. Onde e como aspira a vida, esta mais cedo ou mais tarde se expressa.  
  
Foge às situações perturbadoras e fixa-te aos propósitos dignificantes e assim fruirás paz. Elabora uma programação altruística e cumpre-a, em cujo mister encontrarás alegria.  
  
Firma propósitos de renovação moral para superar imperfeições e limites, engajando-te no labor do otimismo, que te enriquecerá de saúde íntima.  
  
Conforme teus pensamentos - as aspirações -, tuas tarefas - as ações habituais-, sintonizarás com os Espíritos que, doentios, perturbadores e egoístas ou sadios, instrutores e nobres, interferirão em tua vida, fazendo-te escravo ou facultando-te aprendizagem em campo de educação superior.  
  
O que hoje produzas ressumará depois, implantado que se encontra nos tecidos sutis das tuas realidades espirituais. Atua bem, sempre ligado ao amor e o amor te responderá com eficiência, mediante a interferência dos Mentores da Vida Mais Alta, na programática da tua existência**  
**12 - Vida e Atos dos Apóstolos - Cairbar Schutel - pág. 82**

**FILIPE E O EUNUCO DE CANDACE  
Um anjo do Senhor falou a Filipe, dizendo: Levanta-te e vai em direção do Sul, ao caminho que desce de Jerusalém a Gaza: este se acha deserto. Ele, levantando-se, partiu. E eis que um homem da Etiópia, eunuco, alto funcionário de Candace, rainha dos etíopes, o qual era superintendente de todos os tesouros, viera a Jerusalém fazer a sua adoração: e regressava e, sentado no seu carro, lia o profeta Isaías. Disse o Espírito a Filipe: aproxima-te e ajunta-te a esse carro. Correndo Filipe, ouviu-o ler o profeta Isaías, e perguntou:   
  
Entendes, porventura, o que estás lendo? Ele respondeu: Pois, como poderei entender, se alguém não mo explicar? E pediu a Filipe que subisse e se assentasse com ele. Ora, a passagem da Escritura que estava lendo, era esta: Como ovelha foi levado ao matadouro; e como um cordeiro está mudo diante do que o tosquia, assim Ele não abre a sua boca. Na sua humilhação foi tirado o seu julgamento; quem contará a sua geração? Porque a sua vida é tirada da Terra.  
  
Perguntou o eunuco a Filipe: peço-te que me digas de quem falou isto o profeta? De si mesmo ou de algum outro? Filipe abriu a boca e, principiando por esta Escritura, anunciou-lhe a Jesus. Indo eles pelo caminho, chegaram a um lugar onde havia água, e disse o eunuco: Eis aqui água, que impede que seja balizado? E mandou parar o carro, e desceram ambos à água, Filipe e o eunuco, e Filipe o balizou. Quando subiram da água, o Espírito do Senhor arrebatou a Filipe; o eunuco não o viu mais, pois seguia o seu caminho, regozijando-se. Mas Filipe achou-se em Azot e, passando além, evangelizava todas as cidades, até que chegou a Cesárea. — Cap. 8, v. v. 26 - 40.  
  
Três fatos bem significativos se realçam desta narrativa: l2 - a ação dos Espíritos, seja atuando em Filipe para conversão do Emissário de Candace, seja para preparar o coração deste para receber a Boa Nova; 22 - A crença geral sobre a interpretação das Escrituras; 32 - O transporte de Filipe operado pelo Espírito, do caminho de Jerusalém para Azot.  
Vamos examinar, embora sumariamente, cada um destes fatos.  
  
A AÇÃO DOS ESPÍRITOS  
A ação dos Espíritos sobre os homens é um fato mais que comprovado. Seja em sua influência benévola, seja com sua influência malévola, Espíritos de diversas categorias e ordens hierárquicas agem decisivamente sobre os destinos humanos e outros sobre a vida particular dos indivíduos.  
  
Todos os atos que ultrapassam a nossa esfera de ação, pode-se dizer que têm um fator oculto a nos incentivar para praticá-los.  
Neste caso referido nos Atos, nós vemos claramente estabelecida a comunicação do Espírito protetor de Filipe, com o seu protegido. Pelo que se vê, Filipe, dentre outros dons que possuía, era ainda um médium ouvinte, pois ouviu a voz do "Anjo do Senhor", de quem recebeu ordens para ir ao encontro do Eunuco.  
  
Interessante ainda é que o referido Espírito havia estado com o funcionário de Candace, pois, sabia que ele se achava a caminho de Jerusalém e que naquele momento não havia na estrada transeunte algum que pudesse atrapalhar o encontro que seu protegido ia ter com o Eunuco (este trecho está deserto).  
  
Provavelmente o espírito atuante deveria ter sido não só um grande amigo de Filipe como também amigo do funcionário de Candace, devido ao interesse que tomou pela conversão deste.  
  
A facilidade com que se deu a aproximação de Filipe com o Eunuco, a humildade e a submissão deste, as relações amistosas que apareceram subitamente entre os dois "desconhecidos", deixam ver claramente a existência de um elo oculto entre ambos, para um fim altamente providencial. Essa união, essa fraternidade nascida repentinamente entre um cristão e um prosélito do judaísmo, deixam aparecer claramente a ação do Espírito, dividindo a barreira que separava aqueles dois homens, para a conversão definitiva do judeu.  
  
Nos anais do Espiritismo são inúmeros os casos desta natureza.  
Passemos agora à segunda questão.  
  
A ESCRITURA NÃO É DE INTERPRETAÇÃO HUMANA  
Paulo, o doutor dos gentios, disse com justa razão que a Escritura não é de interpretação humana.  
Esta afirmação já havia sido pronunciada por Jesus Cristo, na sua promessa de enviar o Consolador, para nos ensinar todas as coisas e nos guiar em toda a verdade (João, XIV, XV, XVI).  
  
Além disso nós observamos, no Novo Testamento, que mesmo os Apóstolos não conheciam o sentido espiritual das Escrituras: "Eram tardos de ouvido e incircuncisos de entendimento". Foi só depois que Jesus "soprou" sobre eles e lhes abriu a comunicação com o Espírito, que eles despertaram para as coisas espirituais, como de um sono de longo tempo.  
  
Era mesmo corrente nos tempos antigos que a Escritura não era de interpretação fácil, que a mente humana pudesse alcançá-la. Pelas palavras do Eunuco à pergunta de Filipe: "Entendes, porventura, o que estás lendo?" nós vemos que, embora o funcionário de Candace fosse um homem de letras, pois era representante de um reino, não podia compreender aquela passagem de Isaías, que estava lendo. Foi preciso que Filipe lhe explicasse e Filipe, a seu turno, não lhe deu uma explicação pessoal, mas sim transmitiu, como médium que era, a mensagem explicativa do Espírito, que se relacionava com a conversão do funcionário de Candace.  
  
A conversão foi rápida, não houve contestações e nem mesmo objeções. Quando o Espírito toca o coração do homem e lhe ilumina a inteligência, tudo é fácil. Mas para que assim aconteça é preciso que haja boa vontade e humildade da parte daquele que deseja as graças divinas. '  
  
ARREBATAMENTO DE FILIPE  
Um dos fenômenos interessantes do Espiritismo é este de "arrebatamento". A Escritura narra vários fatos de indivíduos que foram arrebatados. Na vida dos Apóstolos, nós vemos, por exemplo, o arrebatamento de Filipe. Da estrada que une Gaza a Jerusalém, Filipe foi transportado a Azot, localidade muito distante daquela estrada. Esses fenômenos são, sem dúvida, interessantíssimos.  
  
Embora raros, na História do Espiritismo podemos encontrar alguns desses fatos extraordinários. Por exemplo, os irmãos Pansini, dois meninos que foram transportados por mais de uma vez, de Bari, Itália, a uma distância de quarenta e cinco quilômetros, em quinze minutos.  
  
Esta natureza de fenômeno pode ser catalogada no número das levitações e transportes. No Antigo Testamento, nós lemos em Daniel, XIV, 35, que Habacuc foi transportado pêlos ares, do país da Judéia às terras da Caldéia. Elias também foi elevado aos ares.  
  
A história dos santos está cheia desses casos, tidos antigamente como miraculosos.  
Finalmente, nos diz Lucas que Filipe transportado pelo Espírito para Azot, continuando a sua excursão apostólica pelas cidades, evangelizava até que chegou a Cesárea, sua terra.**

**13 - TEMAS DA VIDA E DA MORTE - MANOEL P. DE MIRANDA - PÁG.121**

**RELAÇÕES ESPIRITUAIS:**

**O inter-relacionamento entre os Espíritos e os homens é mais vasto e constante do que se pode imaginar. Não sendo a Esfera espiritual senão a realidade primeira, para ali retornam os que deambulam na roupagem carnal, restabelecendo os vínculos afetivos e familiares ou sustentando os ódios e animosidades decorrentes da inferioridade, na qual, por acaso, estagiam. Em consequência, o intercâmbio se dá automático e natural, circunscrito aos impositivos da afinidade que vigem em toda parte como decorrência das soberanas Leis da Vida.**

**Formando grupos que se atraem ou se repelem, os Espíritos reencarnam obedecendo à programação evolutiva dentro dos quadros de conquistas ou perdas em que se desenvolvem. Os problemas derivados da convivência humana são transferidos da Terra para a Erraticidade e de uma para outra reencarnação, dando curso às simpatias e antipatias, aos afetos profundos como aos ódios alienantes.**

**O trânsito no século terrestre sempre se dá sob o beneplácito de tais amores ou a interferência desses adversários. Graças aos registros mentais, ao cultivo de um como de outro tipo de aspiração emocional, são atraídos para a convivência psíquica desencarnados portadores de aptidões e anelos equivalentes, surgindo um relacionamento que se agrava ou se aprofunda conforme seja a faixa dos interesses existentes.**

**Quando alguém se afirma responsável absoluto pelos seus pensamentos e atos, ingenuamente não passa de um presunçoso. Da mesma forma, quando se esconde na posição de vítima dos Espíritos que lhe comandam a existência, afligindo-a e levando-a a desacertos, tomba, de igual modo, na irresponsabilidade. Inegavelmente, a interferência espiritual na vida cotidiana dos homens é tão natural quanto a oxigenação sanguínea para a preservação do corpo...  
  
Pelo fato de se fazer oculta a intercomunicação, isto não significa inexistência, à semelhança da árvore vetusta, cujas flores perfumadas e frutos saborosos são a consequência das raízes ocultas no milagre do húmus da terra, mantenedoras de todo o vegetal que esplende acima do solo... Os homens, em razão das construções mentais, irradiam ondas nas quais intercambiam uns com os outros, estabelecendo fixações e mandando mensagens, emitindo e captando forças que são incorporadas à economia emocional, conscientemente ou não.  
  
Da mesma forma sucede o fenômeno de dependência mental entre esses e os desencarnados, que, invariavelmente, se acercam daqueles que lhes são afins, fiéis aos postulados que abraçam. Os maus, em razão da predominância dos instintos e paixões primitivas, fomentam desequilíbrios, dando gênese a processos obsessivos que, não cuidados em tempo, se transformam em parasitose perniciosa quão destrutiva.**

**Igualmente a dependência se dá, em caráter oposto, quando a mente encarnada se fixa naqueles que se desligaram pela morte e que a ela, mente encarnada, se vêem atraídos, sofrendo-lhe a incidência perturbadora e rebelde do pensamento enfermiço. Por outro lado, os Benfeitores empenham-se em auxiliar os seus pupilos, mediante a inspiração e o socorro nos momentos difíceis, tanto quanto através da proteção constante, de modo que esses pupilos consigam executar os compromissos a que se vinculam como necessidade evolutiva.  
  
Cumpre, ao homem esclarecido, selecionar as áreas de aspirações emocionais e os pensamentos que atraiam os nobres Instrutores que os erguerão às cumeadas da sabedoria e aos remansos de paz íntima, como prenúncio da felicidade que os aguarda. No Universo de vibrações, onde pululam ondas, mentes, idéias e aspirações, cada ser se imanta a outro de teor equivalente, propiciador de inevitável intercâmbio espiritual.  
  
Conforme é lógico, os afetos se esforçam para auxiliar-se reciprocamente, enquanto os inimigos se armam de sutilezas e agridem com violência ou não para desforços inconcebíveis. Na razão em que os primeiros criam condições favoráveis ao êxito e impulsionam pessoas generosas para que ajudem aos seus pupilos, promovendo circunstâncias promissoras, aqueloutros, os invejosos e perversos, armam ciladas, emulam às decisões arbitrárias, estimulam os instintos e paixões inferiores, em cujo processo se comprazem, mais se infelicitando, sem dúvida, em razão da ignorância na qual permanecem.**

**Elevar-se moralmente, através dos pensamentos nobilitantes, do estudo libertador e da ação fomentadora do progresso, deve constituir um miniroteiro para quem anele por uma sintonia com os Mensageiros da Luz, já que, a sós, tal é a verdade, ninguém se movimenta no mundo...**

|  |  |
| --- | --- |
| **INTUIÇÃO** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- A agonia das religiões- pág. 61, 112** | **02 - A caminho da Luz - pág. 125** |
| **03 - A mediunidade sem lágrimas - pág. 30** | **04 - Alquimia da mente - pág. 82** |
| **05 - Antologia do Espírito - ref. 468** | **06 - Caminho verdade e vida - pág. 93, 327** |
| **07 - Ciência e Espiritismo - pág. 74** | **08 - Correlações espírito-matéria- pág. 13** |
| **09 - Cromoterapia - pág. 42** | **10 - Depois da morte - pág. 148** |
| **11 - Devassando o invisível - pág. 178** | **12 - Dramas da obsessão - pág. 11** |
| **13 - Emmanuel - pág. 49** | **14 - Estudando a Mediunidade - pág. 61** |
| **15 - Forças sexuais da alma - pág. 28** | **16 - Hipnotismo e espiritismo - pág. 89** |
| **17 - Jesus o verbo do Pai - pág. 28** | **18 - Magnetismo espiritual - pág. 56** |
| **19 - Mecanismos da Mediunidade - pág. 154** | **20 - Nas telas do infinito - pág. 25** |
| **21 - O consolador - pág. 79** | **22 - O espírito e o tempo - pág. 71, 187** |
| **23 - O grande enigma - pág. 199** | **24 - O problema do ser do destino e da dor - pág. 324** |
| **25 - Renovar-se e viver - pág. 90** | **26 - Roteiro - pág. 115** |
| **27 - Seara dos médiuns - pág. 211** | **28 - Seareiros de volta - pág. 167** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**INTUIÇÃO– COMPILAÇÃO**

**02– A CAMINHO DA LUZ – EMMANUEL – pág. 125**

**A grandeza da doutrina não reside na circunstância de o Evangelho ser de Marcos ou de Mateus, de Lucas ou de João; está na beleza imortal que se irradia de suas lições divinas, atravessando as idades e atraindo os corações. Não há vantagem nas longas discussões quando à autenticidade de uma carta de Inácio de Antioquia ou de Paulo de Tarso, quando o raciocínio absoluto não possui elementos para a prova concludente e necessária.**

**A opinião geral rodopiará em torno do crítico mais eminente, segundo as convenções. Todavia, a autoridade literária não poderá apresentar a equação matemática do assunto. É que, portas a dentro do coração, só a essência deve prevalecer para as almas e, em se tratando das conquistas sublimadas da fé, a INTUIÇÃO tem de marchar à frente da razão, preludiando generosos e definitivos conhecimentos.**

**01– A AGONIA DAS RELIGIÕES – J. HERCULANO PIRES – pág. 61/112**

**Todas as coisas têm sua origem no mundo das idéias, como Platão, levado pelas mãos de Sócrates, percebeu claramente. Nos planos superiores do Universo não se usa a linguagem articulada das hipóstases inferiores. Fala-se do pensamento, na linguagem telepática pura. Sócrates descobriu esta linguagem ao encontrar o conceito no fundo de cada palavra. Podemos assim conceber que a linguagem de Deus seja puramente mental.**

**Na mente divina a idéia do Universo delineia-se perfeita, mas a projeção dessa idéia no plano inferior da matéria tem de vencer os obstáculos e as resistências da materialidade. Foi o que Hegel viu e descreveu com precisão em sua teoria estética, mostrando a luta do belo para se sobrepor, no tempo, às imperfeições materiais.**

**O mesmo se dá com o Princípio Inteligente, que, para vencer a opacidade da matéria, para inteligência-la, segundo Kardec, tem de lutar na temporalidade. Mas, podemos perguntar, porque Deus não fez em condições transparentes a matéria, ao invés de opaca? O Espiritismo explica que a matéria se torna transparente na proporção em que visualizamos os planos superiores, de tal maneira que a confundimos com o espírito.**

**Isso nos mostra que a técnica dos contrastes desaparece naquilo que Buda chamou de Nirvana e que a nossa apoucada inteligência considerou como o Nada. Kant teve razão ao localizar os limites da razão humana no momento em que cessam as contradições dialéticas. Mas nesse momento, nessa linha divisória entre o mundo real e o mundo ideal, começa a razão Angélica.**

**Os homens transformados em anjos – não com asas nem com estrelas na fronte – mas com a mente e o coração purificados, passam a ver e a compreender a realidade pela INTUIÇÃO direta e global. Neste momento descobrem a perfeição do Universo, aquela perfeição que, desde o princípio, estava na concepção ideal de Deus, mas que nas hipóteses materiais tornava-se irreconhecível como a Vênus de Milo coberta de terra e lama quando a arrancaram do subsolo.**

**O próprio tempo desaparece nesse momento. Não há mais necessidade do véu de Isis da temporalidade pra encobrir a verdade das coisas e dos seres. Mergulhamos no eterno, que não é estático e inerte como o supomos, mas tem a dinâmica e a lucidez de que o pensamento nos pode dar um vago exemplo. Kardec verificou, em suas pesquisas espíritas, que a esquematização do sensório humano, com a divisão das faculdades sensoriais em órgãos específicos e rigidamente localizados no corpo humano, não existe para os espíritos libertos das impressões materiais**

**Os espíritos percebem, vêem e sentem de maneira global, por todo o seu ser em sintonia com toda a realidade. As deslocalizações e transferências das sensações nas práticas hipnóticas comprovam, em nosso plano, a veracidade dessa descoberta efetuada nas suas pesquisas mediúnicas**

**03 – DEPOIS DA MORTE – LÉON DENIS – pág. 148**

**Sem o esquecimento, os grandes culpados, os criminosos célebres estariam marcados a ferro em brasa por toda a eternidade. Vemos condenados da justiça humana, depois de sofrida a pena, serem perseguidos pela desconfiança universal, repelidos com horror por uma sociedade que lhes recusa lugar em seu seio, e assim muitas vezes os atira ao exército do mal. Que seria se os crimes do passado longínquo se desenhassem aos olhos de todos?**

**Quase todos temos necessidade de perdão e de esquecimento. A sombra que oculta as nossas fraquezas e misérias conforta-nos o ser, tornando-nos menos penosa à reparação. Depois de termos bebido as águas de Letes, renascemos mais alegremente para uma vida nova e desvanecem-se os fantasmas do passado. Transportando-se para um meio diferente, despertamos para outras sensações, abrem-se-nos outras influências, abandonamos com mais facilidade os erros e os hábitos que outrora nos retardaram a marcha.**

**Renascendo sob a forma de criança, a alma culpada encontra em torno de auxílio e a ternura necessários à sua elevação. Ninguém cuida em reconhecer nesse ser fraco e encantador o Espírito vicioso que vem resgatar um passado de faltas.**

**Entretanto, para certos homens esse passado não está absolutamente apagado. Um sentimento confuso do que foram jaz no fundo de sua consciência. É a origem das INTUIÇÕES, das idéias inatas, das recordações vagas e dos pressentimentos misteriosos, como eco enfraquecido dos tempos decorridos.**

**Consultando essas impressões, estudando-se a si mesmos com atenção, não seria impossível reconstituir esse passado, se não em suas minúcias ao menos em seus traços principais.**

**Porém, no termo de cada existência, essas recordações longínquas ressuscitam em tropel e saem da sombra. Avançamos passo a passo, tateando na vida; vem a morte e tudo se esclarece. O passado explica o presente, e o futuro ilumina-se mais claramente. Cada alma, voltando à vida espiritual, recobra a plenitude das suas faculdades. Para ela começa, então, um período de exame, de repouso, de recolhimento, Durante o qual se julga a si mesma e avalia o caminho percorrido.**

**Recebe opiniões e conselhos de Espíritos mais adiantados. Guiada por eles, tomará resoluções viris, e, na ocasião propícia, escolhendo um meio favorável, baixará a um novo corpo, a fim de se melhorar pelo trabalho e pelo sofrimento.**

**Voltando à carne, a alma perderá ainda a memória das suas vidas anteriores, e bem assim a recordação da vida espiritual, a única verdadeiramente livre e completa, perto da qual a morada terrestre lhe pareceria medonha.**

**Longa será a luta, penosos os esforços necessários para recuperar a consciência de si mesma e as suas potências ocultas; porém, conservará sempre a INTUIÇÃO, o sentimento vago das resoluções tomadas antes de renascer.**

**08 – EMMANUEL – EMMANUEL –  DESENVOLVIMENTO DA INTUIÇÃO - pág. 49**

**Faz-se mister, em vossos tempos, que busqueis desenvolver todas as vossas energias espirituais – forças ocultas que aguardam o vosso desejo para que desabrochem plenamente. O homem necessita das suas faculdades INTUITIVAS, através de sucessivos exercícios da mente, a qual, por sua vez, deverá vibrar ao ritmo dos ideais generosos.**

**Cada individualidade deve alargar o círculo das suas capacidades espirituais, porquanto, poderá como recompensa à sua perseverança e esforço certificar-se das sublimes verdades do mundo invisível, sem o concurso de quaisquer intermediários. O que se lhe faz, porém, altamente necessário é o amor, o devotamento, a aspiração pura e a fé inabalável, concentrados nessa luz que o coração almeja fervorosamente: esse estado espiritual aumentará o poder vibratório da mente e o homem terá então nascido para uma vida melhor.**

**12 – O CONSOLADOR – EMMANUEL – pág. 79**

**Perg. 122. Que se deve fazer para o desenvolvimento da intuição?**

**-O campo do estudo perseverante, com o esforço sincero e a meditação sadia, é o grande veículo de amplitude da INTUIÇÃO, em todos os seus aspectos.**

**14 – O GRANDE ENIGMA – LÉON DENIS, pág. 199**

**É à luz do Espiritualismo que desejo estudar as diversas fases da vida humana, ligando-as e comparando-as às estações alternadas que se sucedem no tempo. Igual a Maurice de Guérin, o iluminado e iniciado que morreu jovem, tal como ocorre a todos “os amados dos deuses”, queríamos poder também “penetrar os elementos interiores das coisas, remontar o raio das estrelas e a corrente dos rios e da vida, até o imo dos mistérios de sua geração; ser admitido, enfim, pela grande Natureza, no mais retirado de suas divinas moradas, isto é, ao ponto de partida da vida universal. Lá nos surpreenderia, certamente, a causa primeira do movimento, e ouviríamos o primeiro cântico dos seres, em sua matinal frescura”.**

**Esses DONS INTUITIVOS são, em certos homens, uma das formas mais elevadas da mediunidade. A mediunidade, poder-se dizer, é – uma – em seu princípio e multiforme em suas multiforme em suas manifestações: é a verdadeira iniciação íntima, o misterioso idioma com que o mundo superior comunica com a Alma, com o pensamento daqueles que escolheu para correspondentes na Terra.**

**15 – O LIVRO DOS ESPÍRITOS – ALLAN KARDEC - QUESTÕES:  218/ 219**

**Perg. 218. O Espírito encarnado conserva algum traço das percepções que teve e dos conhecimentos que adquiriu nas existências anteriores?**

**-Resta-lhe uma vaga lembrança, que lhe dá o que chamamos idéias inatas.**

**Perg. 218a. A teoria das idéias inatas não é então quimérica?**

**- Não, pois os conhecimentos adquiridos em cada existência não se perdem; o Espírito, liberto da matéria, sempre se recorda. Durante a encarnação pode esquecê-los em parte, momentaneamente, mas a INTUIÇÃO que lhe fica ajuda o seu adiantamento. Sem isso, ele sempre teria de recomeçar. A cada nov existência, o Espírito toma como ponto de partida em que se achava na precedente.**

**Perg. 219. Qual é a origem das faculdades extraordinárias dos indivíduos que, sem estudo prévio, parecem ter a INTUIÇÃO de certos conhecimentos como as línguas, o cálculo etc...? - Lembrança do passado; progresso anterior da alma, mas do que ela mesma  não tem consciência. De onde queres que elas venham? Os corpos mudam, mas o Espírito não muda, embora troque a vestimenta.**

**16 – ROTEIRO – EMMANUEL – pág. 115**

**27. MEDIUNIDADE: Esmagadora maioria dos estudantes do Espiritismo situam na mediunidade a pedra basilar de todas as edificações doutrinárias, mas cometem o erro de considerar por médiuns tão-somente os trabalhadores da fé renovadora, com tarefas especiais, ou os doentes psíquicos que, por vezes, servem admiravelmente à esfera das manifestações fenomênicas.**

**Antes de tudo, é preciso compreender que tanto quanto o tato é o alicerce inicial de todos os sentidos, a INTUIÇÃO é a base de todas as percepções espirituais e, por isso mesmo, toda inteligência é médium das forças invisíveis que operam no setor de atividades regular em que se coloca.**

**Dos círculos mais baixos aos mais elevados da vida, existem entidades angélicas, humanas e sub-humanas, agindo através da inteligência encarnada, estimulando o progresso e divinizando experiências brunindo caracteres ou sustentando abençoadas reparações, protegendo a natureza e garantindo as leis que nos governam. (...)**

**LEMBRETES:**

**1 -  A INTUIÇÃO não é, pois, as mais das vezes, senão uma das formas empregadas pelos habitantes do mundo invisível para nos transmitirem seus avisos, suas instruções. Outras vezes será a revelação da consciência profunda à consciência normal. No primeiro caso pode ser considerada como inspiração. Pela mediunidade o Espírito infunde suas idéias no entendimento do transmissor. Este fornecerá a expressão, a forma, a linguagem e, na capacidade de seu desenvolvimento cerebral, o Espírito achará meios mais ou menos seguros e abundantes para comunicar seu pensamento com todo o desenvolvimento e relevo.  Leon Denis**

**2 – A INTUIÇÃO é instrumento de prospecção do fundo anímico do educando, das camadas sedimentares de perfeições e imperfeições acumuladas nas existências anteriores (..). Ney Lobo**

**3 – A faculdade INTUITIVA é instituição universal. Através de seus recursos, recebe o homem terrestre as vibrações da vida mais alta, em contribuições religiosas, filosóficas, artísticas e científicas, ampliando conquistas sentimentais e culturais, colaborando essa que se verifica sempre, não pela vontade da criatura, mas pela concessão de Deus. Emmanuel**

**4 – Yagananda vai além ao ensinar que a aceleração da evolução humana é proporcionada pelo desenvolvimento da INTUIÇÃO por meio da concentração da atenção. Diz que a INTUIÇÃO nascida da concentração percebe a verdade por meios internos, intrapsíquicos; e que o método usual de aprendizagem depende do censo de realidade e da experiência, além da capacidade de inferência, o qual pode apenas explicar a “aparência” das coisas. Também ensina que por meio da INTUIÇÃO é possível a realização de qualquer processo de conhecimento correta e diretamente, sem a intermediação dos sentidos. Leopoldo Balduíno**

**5 – INTUIÇÃO NATURAL: este sentimento inato em todos os homens, a que podemos chamar “a intuição natural” do futuro excelso que nos foi posto e nos chama a todos, Platão explicou-o pela preexistência. “Antes de vimos a esta vida, já tivemos outras, e no tempo intermediário, que passamos no mundo dos Espíritos, adquirimos o conhecimento das grandezas a que somos destinados; donde essa reminiscência, a que chamamos Intuição de um futuro, que mal entrevemos, envoltos no véu da carne. Adolfo Bezerra de Menezes**

**6 – Pressentimento é uma vaga e confusa INTUIÇÃO do que vai acontecer. Léon Denis**

|  |  |
| --- | --- |
| **JESUS** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- A caminho da luz - pág. 105, 209** | **02 - A divina epopéia - pág. 11,181** |
| **03 - A educação segundo o Espiritismo - pág. 100** | **04 - A Gênese - cap. XV, XVII** |
| **05 - A queda dos véus - pág. 84** | **06 - A reencarnação na Bíblia - pág. 17, 21** |
| **07 - Agenda Cristã - pág. 121** | **08 - Alerta - pág. 23,38, 81, 145** |
| **09 - Antologia Med. do Natal - pág. 13, 17, 38..** | **10 - Aos médiuns - pág. 77** |
| **11 - Após a tempestade - pág. 118** | **12 - Ave luz - pág. 11** |
| **13 - Caminho, verdade e vida - pág. 123, 243, 281** | **14 - Catecismo Espírita - pág. 13** |
| **15 - Celeiros de bênçãos - pág. 28, 47** | **16 - Conduta Espírita - pág. 153** |
| **17 - Coragem - pág. 91** | **18 - Depois da morte - pág. 67** |
| **19 - Emmanuel - pág. 27** | **20 - Estude e viva - pág. 156, 188** |
| **21 - Estudos Espíritas - pág. 181** | **22 - Evolução em dois mundos - pág. 161** |
| **23 - Fonte viva - pág. 11,356** | **24 - História do Espiritismo - pág. 451** |
| **25 - Jesus no Lar - pág. 11** | **26 - Justiça Divina - pág. 171** |
| **27 - Na era do Espírito - pág. 161** | **28 - Nas pegadas do mestre - pág. 103, 137** |
| **29 - O Batismo - pág. 17** | **30 - O Consolador - pág. 167** |
| **31 - O Espiritismo - pág. 73** | **32 - O Evangelho S.o Espiritismo - Cap. I,3, II, 4 VI** |
| **33 - O Redentor - toda a obra** | **34 - O Livro dos Espíritos - q.222,275,469,625...** |
| **35 - Obrás póstumas - pág. 121** | **36 - Os funerais da santa sé - pág. 110,157** |
| **37 - Religião dos Espíritos - pág. 47, 91, 213** | **A bibliografia é muito extensa, por motivo de espaço citamos somente esses.** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**JESUS** **– COMPILAÇÃO**

**04 - A Gênese - Allan Kardec - cap. XV, XVII**

**CAPÍTULO XV OS MILAGRES DO EVANGELHO - SUPERIORIDADE DA NATUREZA DE JESUS  
1. - Os fatos narrados no Evangelho e que foram até aqui considerados como miraculosos, pertencem, na maioria, à ordem dos fenômenos psíquicos, quer dizer, daqueles que têm por causa primeira as faculdades e os atributos da alma. Aproximando-os daqueles que estão descritos e explicados no capítulo precedente, reconhece-se, sem dificuldade, que há entre eles identidade de causa e de efeito.**

**A história mostra-os análogos em todos os tempos e em todos os povos, pela razão que, desde que há almas encarnadas e desencarnadas, os mesmos efeitos devem ter-se produzido. Pode-se, é verdade, contestar sobre este ponto a veracidade da história; mas hoje eles se produzem sob os nossos olhos, por assim dizer, à vontade, e por indivíduos que nada têm de excepcional. Só o fato da reprodução de um fenômeno, em condições idênticas, basta para provar que é possível e submetido a uma lei, e que, desde então, não é mais miraculoso.  
  
O princípio dos fenômenos psíquicos repousa, como se viu, sobre as propriedades do fluido perispiritual, que constitui o agente magnético; sobre as manifestações da vida espiritual, durante a vida e depois da morte; enfim, sobre o estado constitutivo dos Espíritos e o seu papel como força ativa da Natureza. Estes elementos conhecidos, e seus efeitos constatados, têm por consequência fazer admitir a possibilidade de certos fatos que eram rejeitados quando se lhes atribuía uma origem sobrenatural.  
  
2.-Sem nada prejulgar sobre a natureza do Cristo, que não entra no quadro desta obra examinar, e não o considerando, por hipótese, senão um Espírito superior, não se pode impedir de reconhecer nele um daqueles de ordem mais elevada, e que está colocado, pelas suas virtudes, bem acima da Humanidade terrestre. Pelos imensos resultados que ele produziu, a sua encarnação neste mundo não poderia ser senão uma dessas missões que não são confiadas senão aos mensageiros diretos da Divindade para o cumprimento de seus desígnios. Supondo que ele não fosse o próprio Deus, mas um enviado de Deus para transmitir a sua palavra, ele seria mais do que um profeta, porque seria um Messias divino.  
  
Como homem, tinha a organização dos seres carnais; mas como Espírito puro, desligado da matéria, deveria viver a vida espiritual mais do que a vida corpórea, da qual não tinha as fraquezas. A superioridade de Jesus sobre os homens não se prendia às particularidades de seu corpo, mas às de seu Espírito, que dominava a matéria de maneira absoluta, e à de seu perispírito, haurida na parte mais quintessenciada dos fluidos terrestres. (Cap. XIV, ne 9). Sua alma não devia prender-se ao corpo senão pelos laços estritamente indispensáveis; constantemente desligado, devia dar-lhe uma dupla vista não somente permanente, mas de uma penetração excepcional e bem de outro modo superior àquela que se vê entre os homens comuns. Deveria ser do mesmo modo em todos os fenômenos que dependem dos fluidos perispirituais ou psíquicos. A qualidade destes fluidos lhe dava uma imensa força magnética, secundada pelo desejo incessante de fazer o bem.  
  
Nas curas que ele operava, agia como médium? Pode-se considerá-lo como um poderoso médium curador? Não; porque o médium é um intermediário, um instrumento de que se servem os Espíritos desencarnados. Ora, o Cristo não tinha necessidade de assistência, ele que assistia os outros; agia, pois, por si mesmo, em virtude de seu poder pessoal, assim como podem fazê-lo os encarnados em certos casos e na medida de suas forças. Que Espírito, aliás, ousaria insuflar-lhe seus próprios pensamentos e encarregá-lo de transmiti-los? Se recebesse um influxo estranho, este não poderia ser senão de Deus; segundo a definição dada por um Espírito, ele era médium de Deus.  
  
SONHOS  
3. -José, diz o Evangelho, foi advertido por um anjo, que lhe apareceu em sonho, e lhe disse para fugir para o Egito com o Menino. (São Mateus, cap. II. v. de 19 a 23).  
As advertências pelos sonhos desempenham um grande papel nos livros sagrados de todas as religiões, em garantir a exatidão de todos os fatos narrados, e sem discuti-los, o fenômeno em si mesmo nada tem de anormal, quando se sabe que o tempo do sono é aquele em que o Espírito, se desligando dos laços da matéria, entra momentaneamente na vida espiritual, onde se encontra com aqueles que conheceu. E neste momento, frequentemente, que os Espíritos protetores escolhem para se manifestarem aos seus protegidos e dar-lhes conselhos mais diretos. Os exemplos autênticos de advertências por sonhos são numerosos, mas disso não se poderia inferir que todos os sonhos sejam advertências, e ainda menos, que tudo o que se vê em sonho tem o seu significado. É preciso classificar entre as crenças supersticiosas e absurdas a arte de interpretar os sonhos. (Cap. XIV, n9 27 e 28).  
  
ESTRELA DOS MAGOS  
4. - Diz-se que uma estrela apareceu aos magos que vieram adorara Jesus, que ela caminhava na frente deles para lhes indicar o caminho e se deteve quando chegaram. (São Mateus, cap. II, v. de 1 a 12).  
A questão não é saber se o fato narrado por Sáo Mateus é real, ou se não é senão uma figura para indicar que os magos foram guiados de maneira misteriosa para o lugar onde estava o Menino, tendo em vista que não existe nenhum meio de controle, mas bem se um fato dessa natureza é possível.  
  
Uma coisa certa é que nesta circunstância a luz não podia ser uma estrela. Podia-se acreditá-lo na época, quando se pensava que as estrelas são pontos luminosos pregados no firmamento, e que podiam cair sobre a Terra; mas não hoje que se conhece a sua natureza.  
Por não ter a causa que se lhe atribui, o fato da aparição de uma luz, tendo o aspecto de uma estrela, não é menos uma coisa possível. Um Espírito pode aparecer sob uma forma luminosa, ou transformar uma parte do seu fluido perispiritual em um ponto luminoso. Vários fatos deste gênero, recentes e perfeitamente autênticos, não têm outra causa, e essa causa nada tem de sobrenatural. (Cap. XIV, n° 13 e seg.).  
  
DUPLA VISTA ENTRADA DE JESUS EM JERUSALÉM.  
5. - Quando se aproximaram de Jerusalém, e que chegaram a Betfagé, junto da montanha das Oliveiras, Jesus enviou dois de seus discípulos, - e lhes disse: Ide a essa cidade que está diante de vós, e ali chegando encontrareis uma jumenta amarrada e seu jumentinho junto dela; soltai-a e trazei-os a mim. - Se alguém vos disser qualquer coisa, dizei-lhe que o Senhor tem necessidade deles, e logo os deixará levar. - Ora, tudo isto se fez para que esta palavra do profeta se cumprisse: Dizei à filha de Sião: Eis vosso rei que vem a vos, cheio de doçura, montado sobre uma jumenta, e sobre um jumentinho daquela que está sob o jugo. (Zacarias, IX, v. 9,10).  
  
Os discípulos se foram, pois, e fizeram o que Jesus lhes ordenara. -E tendo levado a jumenta e o jumentinho, os cobriram com as suas vestes, e o fizeram montar. (São Mateus, cap. XXI, v, de 1 a 7).   
  
BEIJO DE JUDAS.  
6. - Levantai-vos, vamos, aquele que me deve trair está perto daqui. -E não tinha ainda terminado estas palavras, quando Judas, um dos doze, chegou, e com ele uma tropa de pessoas armadas de espadas e de paus, que foram enviadas pelos príncipes dos sacerdotes e pelos anciãos do povo. - Ora, aquele que o trairia dera-lhes um sinal para reconhecê-lo, dizendo-lhes: Aquele que eu beijar, é a ele mesmo que procurais; apoderai-vos dele. - Logo, pois, ele se aproximou de Jesus e lhe disse: Mestre, eu vos saúdo; e o beijou. -Jesus lhe respondeu: Meu amigo, que viestes fazer aqui? Ao mesmo tempo, todos os outros avançaram, lançaram-se sobre Jesus e se apoderaram dele. (São Mateus, cap. XXVI, v. de 46 a 50).  
  
4. PESCA MIRACULOSA.   
  
7. - Um dia em que Jesus estava na margem do lago de Genezaré, achando-se oprimido pela multidão de povo que se comprimia para ouvir a palavra de Deus, -ele viu dois barcos parados na margem do lago, cujos pescadores desceram e lavavam as suas redes. - Ele entrou, pois, num desses barcos, que era o de Simão, e pediu-lhe para se afastar um pouco da terra; e, estando sentado, ensinava o povo de cima do barco.  
  
Quando cessou de falar, disse a Simão: Avançai em plena água e lançai as vossas redes para pescar. - Simão lhe respondeu: Mestre, trabalhamos toda a noite sem nada pegar, mas, apesar disso, sobre a vossa palavra eu lançarei a rede. - E tendo, pois, lançado, pegaram tão grande quantidade de peixes, que a sua rede se rompeu. - E eles fizeram sinal aos seus companheiros, que estavam no outro barco, para que viessem ajudá-los. Eles vieram, e encheram de tal modo seus barcos, que pouco faltou para que não afundassem. (São Lucas, cap. V, v. de 1 a 7).  
  
VOCAÇÃO DE PEDRO, ANDRÉ, TIAGO, JOÃO E MATEUS.  
8. - Ora, Jesus, andando à beira do mar da Galiléia, viu dois irmãos, Simão, chamado Pedro, e André seu irmão, que lançavam as suas redes ao mar, porque eram pescadores; - e ele lhes disse: Segui-me, e eu vos farei pescadores de homens. - Logo eles deixaram as suas redes e o seguiram.  
Dali, avançando, ele viu dois outros irmãos, Tiago, filho de Zebedeu, e João seu irmão, que estavam num barco com Zebedeu, seu pai, e que remendavam as suas redes, e os chamou. - Ao mesmo tempo eles deixaram suas redes e seu pai e o seguiram. (São Mateus, cap. IV, v. de 18 a 22).  
  
Jesus, saindo dali, ao passar, viu um homem sentado numa mesa de impostos, chamado Mateus, ao qual disse: Segui-me; e logo ele se levantou e o seguiu. (São Mateus, cap. IV, v. 9).  
  
9. - Estes fatos nada têm de surpreendente, quando se conhece o poder da dupla vista e a causa muito natural desta faculdade. Jesus a possuía em grau supremo, e pode-se dizer que ela era o seu estado normal, o que atesta grande número de atos de sua vida, e que é explicado hoje pelos fenômenos magnéticos e pelo Espiritismo. A pesca qualificada de maravilhosa se explica, igualmente, pela dupla vista. Jesus não produziu espontaneamente peixes ali onde eles não existiam; ele viu, como o teria podido ver um lúcido desperto, pela visão da alma, o lugar onde se encontravam e pôde dizer, com segurança, aos pescadores que ali lançassem as suas redes.  
  
A penetração do pensamento e, por conseguinte, certas previsões, são a consequência da visão espiritual. Quando Jesus chama a si Pedro, André, Tiago, João e Mateus, seria necessário que conhecesse as suas disposições íntimas, para saber que o seguiriam e que eram capazes de cumprir a missão da qual deveria encarregá-los. Seria necessário que eles mesmos tivessem a intuição dessa missão para se abandonarem a ele. Ocorreu o mesmo no dia da Ceia, quando anunciou que um dos doze o trairia, e o designou dizendo que seria aquele que pusesse a mão no prato, e quando disse que Pedro o renegaria.  
  
Em muitos lugares do Evangelho, diz-se: "Mas Jesus, conhecendo o seu pensamento, lhes disse...." Ora, como poderia conhecer o seu pensamento, se isso não for, ao mesmo tempo, pela irradiação fluídica que lhe levava esse pensamento, e a visão espiritual que lhe permitia ler no foro interior dos indivíduos?  
  
Então, frequentemente, quando se crê um pensamento profundamente oculto nas dobras da alma, não se desconfia que se carrega em si um espelho que o reflete, um revelador na sua própria irradiação fluídica que dele está impregnada. Vendo-se o mecanismo do mundo invisível que nos cerca, as ramificações desses fios condutores do pensamento que religam todos os seres inteligentes, corpóreos e incorpóreos, os eflúvios fluídicos carregados com as marcas do mundo moral, e que, como correntes aéreas, atravessam o espaço, ficar-se-ia menos surpreso com certos efeitos que a ignorância atribui ao acaso. (Cap. XIV, n°s. 15, 22 e seguintes).  
  
CURAS - PERDA DE SANGUE.  
10 - Então, uma mulher, enferma com uma perda de sangue há doze anos, - que muito sofrera nas mãos de vários médicos, e que, tendo gasto todos os seu bens, com ele não recebera nenhum alivio, mas se achava cada vez pior, - tendo ouvido falar de Jesus, veio na multidão por trás, e tocou as suas vestes; porque ela dizia: Se eu puder tocar somente as suas vestes, estarei curada. - No mesmo instante, a fonte do sangue que ela perdia secou, e sentiu em seu corpo que estava curada dessa doença.  
  
No mesmo instante Jesus, conhecendo em si mesmo a virtude que dele saíra, retornou para o meio da multidão e disse: Quem tocou as minhas vestes? - Seus discípulos lhe disseram: Vedes que a multidão vos comprime de todos os lados, e perguntais quem vos tocou? - E ele olhava tudo ao seu redor para ver aquela que o tocara.  
Mas essa mulher, que sabia o que se passara com ela, tomada de medo e de pavor, veio se lançar aos seus pés, e lhe declarou toda a verdade. - E Jesus lhe disse: Minha filha, a vossa fé vos salvou; ide em paz, e sede curada de vossa doença. (São Marcos, cap. V, v. de 25 a 34).  
  
11.- Estas palavras: "Conhecendo em si mesmo a virtude que dele saíra, são significativas; elas exprimem o movimento fluídico que se operou de Jesus para a mulher enferma; ambos sentiram a ação que acabara de se produzir. É notável que o efeito não foi provocado por nenhum ato da vontade de Jesus; ele não fez nem magnetização e nem imposição das mãos. A irradiação fluídica normal bastou para operar a cura.  
  
Mas por que essa irradiação se dirigiu para essa mulher, antes que para os outros, uma vez que Jesus não pensava nela, e que estava cercado pela multidão? A razão disso é bem simples. O fluido, sendo dado como matéria terapêutica, deve atingir a desordem orgânica para repará-la; pode ser dirigido sobre o mal pela vontade do curador, ou atraído pelo desejo ardente, a confiança, em uma palavra, a fé do enfermo. Com relação à corrente fluídica, o primeiro fato tem o efeito de uma bomba premente e o segundo de uma bomba aspirante. Algumas vezes, a simultaneidade dos dois efeitos é necessária, outras vezes, um só basta; foi o segundo que ocorreu nesta circunstância.  
  
Jesus tinha, pois, razão em dizer: "A vossa fé vos salvou."Compreende-se aqui que a fé não é a virtude mística, tal como certas pessoas a entendem, mas uma verdadeira força atrativa, ao passo que aquele que não a tem opõe à corrente fluídica uma força repulsiva, ou pelo menos uma força de inércia, que paralisa a ação. Segundo isto, compreende-se que dois enfermos atingidos pelo mesmo mal, estando em presença de um curador, um pode ser curado e o outro não. Está aí um dos princípios mais importantes da mediunidade curadora e que explica, por uma causa muito natural, certas anomalias aparentes. (Cap. XIV, n8 31,32,33).  
  
CEGO DE BETSAIDA.  
12. - Tendo chegado a Betsaida, levaram-lhe um cego que lhe pedia para tocá-lo.  
E, tomando o cego pela mão, levou-o para fora da povoação; colocou-lhe saliva sobre os olhos, e lhe tendo imposto as mãos, perguntou-lhe se via alguma coisa.-Esse homem, olhando, lhe disse: Vejo andar homens que parecem arvores. - Jesus lhe colocou ainda uma vez mais as mãos sobre os olhos, e ele começou a ver melhor; e, enfim, foi de tal modo curado, que via distintamente todas as coisas.  
  
Em seguida, ele o mandou para a sua casa, e lhe disse: Ide para a vossa casa; e se entrardes na povoação, não digais a ninguém o que vos ocorreu. (São Marcos, cap. VIII, v. de 22 a 26).  
  
13.- Aqui, o efeito magnético está evidente; a cura não foi instantânea, mas gradual e em consequência de uma ação firme e reiterada, embora mais rápida do que na magnetização comum. A primeira sensação deste homem foi bem aquela que sentem os cegos em recobrando a luz; por um efeito de óptica, os objetos parecem de um tamanho desmesurado.  
  
PARALÍTICO.  
14. - Jesus, tendo subido num barco, tomou a atravessar o lago e veio para a cidade (Cafarnaum). — E como se lhe apresentassem um paralítico, deitado sobre um, leito, Jesus, vendo a sua fé, disse a esse paralítico: Meu filho, tende confiança, os vossos pecados estão perdoados.  
  
Imediatamente, alguns dos escribas disseram para si mesmos: Este homem blasfema. - Mas Jesus, tendo conhecido o que pensavam, lhes disse: Por que tendes maus pensamentos em vossos corações? - Porque o que é mais fácil dizer: Os vossos pecados estão perdoados, ou dizer: Levantai-vos e andai? - Ora, a fim de que saibais que o Filho do homem tem sobre a Terra o poder de perdoar os pecados: Levantai-vos, disse então ao paralítico; carregai o vosso leito, e com ele ide para a vossa casa.  
  
O paralítico se levantou imediatamente e se foi para a sua casa. - E o povo, vendo o milagre, se encheu de medo e rendeu glória a Deus por ter dado um tal poder aos homens. (São Mateus, cap. IX, v. de 1 a 8).  
  
15. -O que poderiam significar estas palavras: "Os vossos pecados estão perdoados" e em que poderiam servir para a cura? O Espiritismo disto dá a chave, como de uma infinidade de outras palavras incompreendidas até este dia; ele nos ensina, pela lei da pluralidade das existências, que os males e as aflições da vida são, frequentemente, expiações do passado, e que sofremos, na vida presente, as consequências das faltas que cometemos numa existência anterior: sendo as diferentes existências solidárias, umas com as outras, até que se pague a dívida de suas imperfeições. (...)**

**06 - A reencarnação na Bíblia - Hermínio C. Miranda - pág. 17, 21**

**O SINÉDRIO  
O termo — aliás Sanhedrim — é uma hebraização da palavra grega synedrion (junta, sessão, assembleia, conselho, senado). Fontes rabínicas, no dizer da Enciclopédia Britânica, identificam dois desses conselhos — o Grande Sinédrio, com 71 membros e o Sinédrio Menor, com 23.**

**O Grande Sinédrio era uma instituição permanente e funcionava como Corte Suprema em matéria legislativa e judicial. Era dirigido por uma dupla de sábios. Fontes não-rabínicas caracterizam o Sinédrio como instituição político-executiva e judicial sob a chefia do Sumo Sacerdote. Em verdade, o que parece acertado é identificar a existência de dois corpos distintos: um de natureza estritamente religiosa e outro secularizado e voltado para o exercício do poder civil.  
  
Segundo a mesma fonte, Jesus e alguns de seus discípulos foram julgados pelo Sinédrio sacerdotal, ou seja, religioso, e a sentença teve que ser sancionada ou referendada por Pôncio Pilatos. A execução do Cristo como "Rei dos Judeus" se caracteriza, assim, juridicamente, como problema da lei romana e não do Grande Sinédrio, pois este, embora tendo condições para aplicar a pena de morte, só poderia fazê-lo no âmbito da lei religiosa.  
  
Cabia ao Grande Sinédrio expedir decretos relativos às práticas religiosas, bem como julgar as violações cometidas, na qualidade de Corte Suprema e, ainda, supervisionar as cortes menores e controlar o cerimonial do Templo. Era, portanto, o organismo que velava pela santidade da lei tradicional, mesmo nas suas interpretações orais baseadas na lei escrita do Torá.**

**Como se pode observar, até nas suas funções secularizadas de natureza civil, a predominância Lei era indiscutível, o que reduzia qualquer orientação pública ou particular, bem como decisões em disputas pessoais ou coletivas ao arbítrio da lei escrita. Os homens que compunham o Sinédrio e participavam de suas discussões e deliberações tinham que ser, pois do melhor gabarito.**

**07 - Agenda Cristã - André Luiz - pág. 121**

**39. COM JESUS  
A renúncia será um privilégio para você. O sofrimento glorificará sua vida. A prova dilatará seus poderes.**

**O trabalho constituirá título de confiança em seu caminho. O sacrifício sublimará seus impulsos. A enfermidade do corpo será remédio salutar para a sua alma.**

**A calúnia lhe honrará a tarefa. A perseguição será motivo para que você abençoe a muitos. A angústia purificará suas esperanças.**

**O mal convocará seu espírito à prática do bem. O ódio desafiar-lhe-á o coração aos testemunhos de amor.**

**A Terra, com os seus contrastes e renovações incessantes, representará bendita escola de aprimoramento individual, em cujas lições purificadoras deixará você o egoísmo para sempre esmagado.**

**08 - Alerta - Joanna de Ângelis - pág. 23,38, 81, 145**

**4. OBSESSÃO E JESUS  
A idéia enfermiça, sem contornos definidos alcança os painéis mentais, sutilmente. Aceita, desenvolve características, apresenta-se com maior riqueza de detalhes, estabelece o contato através do qual se originam as penosas fixações, lamentáveis quão perniciosas. ..Se recusada, apaga-se em névoa diluente para repetir-se com maior intensidade até alcançar correspondente vibratório na mente receptora, que passa, a largo prazo, a submeter-se ao impositivo que termina por dominar. ..  
  
A obsessão é enfermidade generalizada, que grassa entre os homens, em decorrência do comércio psíquico, infeliz quão desesperador.  
Desde que o agente obsessivo é persistente no plano negativo a que se afervora, este muda de técnica Ioda vez que repudiado, mantendo rigoroso cerco em (orno de quem lhe padece a influência, até dobrar a vontade resistente, caso esta não se fortaleça nos valores morais e espirituais que constituem defesa e vitalidade contra essa terrível chaga devastadora.  
  
Mentes viciadas com mais facilidade aceitam as sugestões morbíficas que lhes são insufladas dentro do campo em que melhor se expressam: desconfiança, ciúme, ódio, desvario sexual, dependência alcoólica ou toxicómana, gula, maledicência. . . Temperamentos arredios, suspeitosos, são mais acessíveis em razão de melhor agasalharem as induções equivalentes, que se lhes associam em forma de perfeita sintonia.  
  
Caracteres violentos, apaixonados, mais fortemente se fazem maleáveis em decorrência do espírito rebelde que nesse corpo habita, dissimulando as chispas que lhes acendem as labaredas do incêndio interior, a exteriorizar-se como fogaréis destruidores. . . Personalidades ociosas são mais susceptíveis em razão da mente vazia sempre acolher o que lhe apraz, deixando-se conduzir pela personalidade dos seus afins desencarnados.  
  
Desnecessário reafirmar que, não apenas além-da-morte, se encontram os perturbadores, desde que a obsessão campeia, igualmente, entre os transeuntes do corpo, obedecendo ao mesmo processo de sintonia mental, por cultivo das mesmas paixões inferiores.  
  
A ação do pensamento otimista e sadiamente operante; o labor fraternal de solidariedade; a preocupação edificante em favor do próximo; os serviços humílimos ou grandiosos a benefício dos outros; o interesse honesto pelo bem-estar alheio constituem a terapia preventiva quanto curadora contra a obsessão.  
  
A prece — o hábito de orar —, gerando um clima de paz; a leitura elevada, que cria clichês psíquicos superiores; a meditação em torno das questões enobrecedoras da vida; o diálogo edificante impedem qualquer intercâmbio perturbante, verdadeiros antídotos que se fazem à obsessão, por constituirem meios de elevação vibratória na qual não vigem as interferências maléficas, as parasitoses e as vampirizações prejudiciais que somente têm curso em faixas mentais semelhantes.  
  
Ademais, o exercício de tais métodos libera qualquer tombado nas malhas apertadas da alienação obsessiva de perniciosos efeitos na Terra.. .  
  
Na condição de Terapeuta Divino prescreveu Jesus, contra os flagelos da obsessão: "Fazer ao próximo somente o que desejar que este lhe faça", porquanto, assim procedendo, o amor que nos dedicamos a nós mesmos, automaticamente se dilatará em relação ao nosso próximo, desfazendo as matrizes do mal que ainda se demoram fixadas em muitos dos seres que pululam em torno da Terra, ao mesmo tempo auxiliando-os a despertarem para o bem e para a felicidade.**

**9. PALAVRA E JESUS  
A palavra, colocada a serviço da saúde, exerce inimaginável função terapêutica, oferecendo larga pauta de benefícios. A utilização do verbo de fornia positiva faculta o otimismo, criando uma psicosfera renovadora de que se nutre o ser. Em face do fenômeno da sintonia, o conceito edificante produz empatia e atrai fatores benéficos, inclusive, a presença das Entidades Felizes, que se sentem motivadas a um intercâmbio edificante, mediante o qual se enriquecem os clichés mentais com paisagens novas e a organização físio-psíquica com estímulos benéficos.  
  
A palavra é instrumento da vida para vestir as ideias e exteriorizá-las com clareza. Aplicada de forma edificante, levanta o mundo, sustenta o pensamento e enriquece a vida com belezas. Falando, Jesus estruturou, nas mentes e nos corações, os ideais da vida eterna, de que os fatos e os exemplos por Ele vividos constituíram corolário dos incomparáveis ensinos.  
  
Modulando a palavra com a autoridade de que se fazia portador, impregnou os ouvintes, que jamais foram os mesmos.. .Ouvindo-O, ninguém lograva esquecê-lO. Dialogando com Ele, alicerçavam-se os ideais de enobrecimento humano, que mudaram o curso da História.  
  
Ensinando na cátedra viva da natureza, projetou luz inapagável que passou a clarear os discípulos por todo o sempre. Sempre usou a palavra para a construção imperecível da felicidade humana. Com energia ou doçura, em suave tranquilidade ou grave admoestação, o Seu verbo sempre esteve colocado a serviço do bem e da paz.  
  
Maria de Magdala, atenazada por obsessores cruéis, libertou-se do aturdimento a que fora atirada, sob o magnetismo salutar do Seu veftíb, desobsidiando-se. Simão Pedro, periodicamente influenciado por mentes perniciosas da Erraticidade Inferior, encontrou, na Sua palavra, a terapia da libertação, a ponto de poder oferecer-se integralmente ao ministério da doutrina, que dele fez o grande mártir do Evangelho.  
  
O gadareno, visivelmente possesso, saiu das sombras da alienação e volveu à claridade da razão, ante a Sua voz. Lázaro, retornou do profundo transe da catalepsia, atendendo-Lhe ao chamado enérgico. Perturbador desencarnado, contumaz na ação infeliz, silenciou, em plena Sinagoga, onde desejava gerar tumulto, repreendido pela Sua palavra severa.. . .E falando, no monte, Jesus compôs o soberano código do amor, jamais igualado, que nunca será superado.  
  
Utiliza-te da palavra a fim de inspirares imagens felizes. O que digas, como digas, gerará clichês mentais e incidirá em ondas-pensamento, produzindo resultados conforme a intensidade emocional com que vistas a expressão verbal, favorecendo ou infelicitando aquele a quem a diriges, a ti mesmo responsabilizando.**

**Faze da palavraum veículo da esperança, da paz, da saúde e do bem. Há demasiado verbo aplicado com o ácido da crítica, com o azedume da inveja e do pessimismo, com a labareda do ódio produzindo o mal. Seja tua a palavra de vida, de vida abundante.**

**26. VIOLÊNCIA E JESUS  
Diante da agressividade que te vigia, impiedosa, exerce o equilíbrio, guardando serenidade. Em todos os trâmites da vida, Jesus é o modelo e guia em quem encontramos a diretriz de segurança. Acicatado pela impiedade farisaica, Ele preconizou o amor indistinto.  
Perseguido pela malta irresponsável, Ele recomendou o perdão.  
  
Instado a aceitar a justiça arbitrária, Ele propôs a resignação e a humildade. Antes, porém, em todos os Seus passos, vemos Sua vida assinalada pela total abnegação, com que estabeleceu, na Terra, o primado do Espírito Imortal. Quando a fome angustiava a multidão, Ele transformou peixes e pães em abundante repasto para todos.  
  
Quando defrontou a mulher equivocada, que lhe foi trazida para lapidação, Ele ensinou misericórdia. Insulado, na soledade, buscou Deus. Abandonado pelos comensais do seu afeto, volveu a demonstrar fidelidade ao amor. Traído por um amigo, distendeu a Sua magnanimidade como lição de complacência. Nunca receitou a violência.**

**A violência, nos quadros do Cristianismo, não vige, em página alguma. Quando hoje, a Terra em aturdimento estertora sob os guantes da agressividade e da violência, que se transformam em lobos ferozes, apavorando os homens, Jesus prossegue o modelo. Não te deixes engalfinhar na luta da arbitrária justiça pelas próprias mãos.  
  
Toda violência oculta um ser enfermo, que extrapola da sua dor para a agressão infeliz. Somente o amor em plenitude e a paz em profundidade podem constituir antídotos eficazes para minimizar a força hiante que avassala o mundo e expulsar este adversário, que se disfarça: o egoísmo! Nenhuma medida existe, a curto prazo, para deter a onda desencadeada pela invigilância desde há muito.  
  
A tarefa que te cumpre realizar é a da educação das gerações moças pelo exemplo de total dignificação humana sob as bênçãos do Senhor. Nenhuma pena capital pode erradicar a paixão ultriz que vige no homem. A tomada de atitude arbitrária mais açula a insânia do pervertido, enquanto que a solidariedade, destruindo o caldo de cultura criminógena, que fecunda, que enlouquece, é o recurso para diminuir e neutralizar a ação do mal que se espraia pelo mundo.  
  
Quem tem Jesus no coração não tomba nas ciladas da impiedade, pois "somente lobos caem nas armadilhas para lobos". Não te deixes atemorizar pela onda de desespero, armando-te de violência para revidar golpe por golpe. O cristão se arma de paz e de amor para atender à luta que vem sendo desencadeada, concitando à misericórdia e ao perdão, em qualquer conjuntura anárquica e perturbadora da atualidade.  
  
Sê tu quem ama, quem confia e quem realiza a resistência pacífica, a fim de mudar a paisagem da Terra e plantar no coração humano o Triunfador Invencível da Cruz. A violência é sempre sem Jesus. Jesus nunca em clima de violência.  
  
52. ANTE O MUNDO E JESUS  
O mundo pede socorro a Jesus. Ele atende, porém, espera por nós. O mundo apresenta a larga faixa dos necessitados de pão. Jesus, entretanto, não se esquecendo destes, socorre também os que têm necessidade de luz.  
  
O mundo roga paz, nos estertores da violência em que se debate. Jesus transmite tranquilidade, todavia, emula todos a que nos auxiliemos na fraternidade. O mundo suplica apoio, a fim de liberar-se das constrições do ódio e da loucura.  
  
Jesus, no entanto, é recurso libertador, que propõe a paciência fraternal e o trabalho solidário entre as criaturas. O mundo promove desespero e algaravia. Jesus doa silêncio e fé.  
  
Compara as incertezas no mundo e a segurança com Jesus. Considera os impositivos de fora, no mundo, e as forças interiores que se haurem em Jesus. Vive, no mundo; no entanto, nunca te apartes de Jesus.  
  
Tua vida física, mesmo que se alargue por dezenas de anos-a-fio, defronta um momento em que cessa, conquanto a tua realidade espiritual com Jesus jamais terminará. O mundo te leva a conquistas, mas, Jesus, quando conquista, faz que o homem se vença por dentro. As vitórias externas esmaecem e passam, as íntimas se fortalecem e ficam.  
  
Aprende com a luz. Após realizar o seu périplo, no Universo, depois de contornar a nossa hiperesfera, volve à fonte geradora, seu ponto de partida. . . Ninguém, mesmo que o deseje, jamais fugirá da sua nascente divina. . . Aproveita, portanto, hoje.  
  
No duelo, mundo e Jesus, a tua será a opção da permanente angústia ou da promissora ventura. Diante da moeda que trazia a efígie de César, respondendo à colocação maliciosa e venal do adversário gratuito, Jesus definiu a situação do contributo que cada um deve dar: "a César, o que lhe pertence e a Deus o que é d'Ele". D'Ele, é a vida, e Jesus é o caminho único, mediante o qual lograrás alcançá-Lo.**

**13 - Caminho, verdade e vida - Emmanuel - pág. 123, 243, 281**

**54 - A VIDEIRA   
"Eu sou a videira verdadeira, e meu Pai é o lavrador." -Jesus. (JOÃO, 15:1.)   
Deus é o Criador Eterno cujos desígnios permanecem insondáveis a nós outros. Pelo seu amor desvelado criam-se todos os seres, por sua sabedoria movem-se os mundos no Ilimitado.  
  
Pequena e obscura, a Terra não pode perscrutar a grandeza divina. O Pai, entretanto, envolve-nos a todos nas vibrações de sua bondade gloriosa. Ele é a alma de tudo, a essência do Universo. Permanecemos no campo terrestre, de que Ele é dono e supremo dispensador.  
  
No entanto, para que lhe sintamos a presença em nossa compreensão limitada, concedeu-nos Jesus como sua personificação máxima.  
Útil seria que o homem observasse no Planeta a sua imensa escola de trabalho; e todos nós, perante a grandeza universal, devemos reconhecer a nossa condição de seres humildes, necessitados de aprimoramento e iluminação.  
  
Dentro de nossa pequenez, sucumbiríamos de fome espiritual, estacionados na sombra da ignorância, não fosse essa videira da verdade e do amor que o Supremo Senhor nos concedeu em Jesus-Cristo. De sua seiva divina procedem todas as nossas realizações elevadas, nos serviços da Terra.**

**Alimentados por essa fonte sublime, compete-nos reconhecer que sem o Cristo as organizações do mundo se perderiam por falta de base. N'Ele encontramos o pão vivo das almas e, desde o princípio, o seu amor infinito no orbe terrestre é o fundamento divino de todas as verdades da vida.  
  
  
114 - AS CARTAS DO CRISTO  
"Porque já é manifesto que sois a carta do Cristo, ministrada por nós, e escrita, não com tinta, mas com o Espírito de Deus Vivo, não em tábuas de pedra, mas nas tábuas de carne do coração." — Paulo. (II CORlNTIOS, 3:3.)  
  
É singular que o Mestre não haja legado ao mundo um compêndio de princípios escritos pelas próprias mãos. As figuras notáveis da Terra sempre assinalam sua passagem no planeta, endereçando à posteridade a sua mensagem de sabedoria e amor, seja em tábuas de pedra, seja em documentos envelhecidos.  
  
Com Jesus, porém, o processo não foi o mesmo. O Mestre como que fez questão de escrever sua doutrina aos homens, gravando-a no coração dos companheiros sinceros. Seu testamento espiritual constitui-se de ensinos aos discípulos e não foram nrafarins oor ele mesmo.  
  
Recursos humanos seriam insuficientes para revelar a riqueza eterna de sua Mensagem. As letras e raciocínios, propriamente humanos, na maioria das vezes costumam dar margem a controvérsias. Em vista disso Jesus gravou seus ensinamentos nos corações que o rodeavam e até hoje os aprendizes que lhe conservam fiéis são as suas cartas divinas dirigidas à Humanidade.**

**Esses documentos vivos do Santificante amor do Cristo palpitam em todas as religiões e em todos os climas. São os vanguardeiros que conhecem a vida superior, experimentam o sublime contacto do Mestre e transformam-se em sua mensagem para os homens.**

**Podem surgir muitas contendas em torno das páginas mais célebres e formosas, todavia, perante a alma que se converteu em carta viva do Senhor, quando não haja vibrações superiores da compreensão, haverá sempre o divino silêncio.  
  
115 - EMBAIXADORES DO CRISTO  
"De sorte que somos embaixadores da parte do Cristo." — (II CORlNTIOS, 5:20.) -  
Na catalogação dos valores sociais, todo homem de trabalho honesto é portador de determinada delegação. Se os políticos e administradores guardam responsabilidades do Estado, os operários recebem encargos naturais das oficinas a que emprestam seus esforços.  
  
Cada homem de bem é mensageiro do centro de realizações onde atende ao movimento da vida, em atividade enobrecedora. As ruas estão cheias de emissários das repartições, das fábricas, dos institutos, dos órgãos de fiscalização, produção, amparo e ensino, cujos interesses conjugados operam a composição da harmonia social.**

**É necessário, contudo, não esquecermos que os valores da vida eterna não permaneceriam no mundo sem representantes. Cristo possui embaixadores permanentes em seus discípulos sinceros. Importa considerar que na presente afirmativa de Paulo de Tarso não vemos alusão ao sacerdócio presunçoso.**

**Todos os colaboradores leais de Jesus, em qualquer situação da vida e no lugar mais longínquo da Terra, são conhecidos na sede espiritual dos serviços divinos. É com eles, cooperadores devotados e muita vez desconhecidos dos beneficiários do mundo, que se movimenta o Mestre, cada dia, estendendo o Evangelho aplicado entre as criaturas terrestres, até à vitória final.**

**Entendendo esta verdade, consulta as próprias tendências, atos e pensamentos. Repara a quem serves, porque, se já recebeste a Boa Nova da Redenção, é tempo de te tornares embaixador de sua Luz.  
  
  
133 - HEGEMONIA DE JESUS  
- "Disse-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo que, antes que Abraão existisse, eu sou." — (JOÃO,8:58.)  
É impossível localizar o Cristo na História, à maneira de qualquer personalidade humana. A divina revelação de que foi Emissário Excelso e o harmonioso conjunto de seus exemplos e ensinos falam mais alto que a mensagem instável dos mais elevados filósofos que visitaram o mundo.  
  
Antes de Abraão, ou precedendo os grandes vultos da sabedoria e do amor na História mundial, o Cristo já era o luminoso centro das realizações humanas. De sua misericórdia partiram os missionários da luz que, lançados ao movimento da evolução terrestre, cumpriram, mais ou menos bem, a tarefa redentora que lhes competia entre as criaturas, antecedendo as eternas edificações do Evangelho.**

**A localização histórica de Jesus recorda a presença pessoal do Senhor da Vinha. O Enviado de Deus, o Tutor Amoroso e Sábio, veio abrir caminhos novos e estabelecer a luta salvadora para que os homens reconheçam a condição de eternidade que lhes é própria.**

**Os filósofos e amigos ilustres da Humanidade falaram às criaturas, revelando em si uma luz refratada, como a do satélite que ilumina as noites terrenas; os apelos desses embaixadores dignos e esclarecidos são formosos e edificantes; todavia, nunca se furtam à mescla de sombras.**

**A vida do Cristo, porém, é diversa. Em sua Presença Divina temos a fonte da verdade positiva, o sol que resplandece.**

**18 - Depois da morte - Léon Denis - pág. 67**

**VI - O CRISTIANISMO  
Conforme a História, é no deserto que ostensivamente aparece a crença no Deus único, a idéia-mãe de onde devia sair o Cristianismo. Através das solidões pedregosas do Sinai, Moisés, o iniciado do Egito, guiava para a terra prometida o povo por cujo intermédio o pensamento monoteísta, até então confinado nos Mistérios, ia entrar no grande movimento religioso e espalhar-se pelo mundo.  
  
Ao povo de Israel coube um papel considerável. Sua história é como um traço de união que liga o Oriente ao Ocidente, a ciência secreta dos templos à religião vulgarizada. Apesar das suas desordens e das suas máculas, a despeito desse sombrio exclusivismo que é uma das faces do seu caráter, ele tem o mérito de haver adotado, até enraizar-se em si, esse dogma da unidade de Deus, cujas consequências ultrapassaram as suas vistas, preparando a fusão dos povos em uma família universal, debaixo de um mesmo Pai e sob uma só Lei.  
  
Essa perspectiva, grandiosa e extensa, somente foi reconhecida ou pressentida pelos profetas que precederam a vinda do Cristo. Mas esse ideal oculto, prosseguindo, transformado pelo Filho de Maria, dele recebeu radiante esplendor, também comunicado às nações pagãs pelos seus discípulos. A dispersão dos judeus ainda mais auxiliou a sua difusão. Segundo sua marcha através das civilizações decaídas e das vicissitudes dos tempos, ele ficará gravado em traços indeléveis na consciência da Humanidade.  
  
Um pouco antes da era atual, à proporção que o poder romano cresce e se estende, vê-se a doutrina secreta recuar, perder a sua autoridade. São raros os verdadeiros iniciados. O pensamento se materializa, os espíritos se corrompem. A índia fica como adormecida num sonho: extingue-se a lâmpada dos santuários egípcios, e a Grécia, assenhoreada pelos retóricos e pelos sofistas, insulta os sábios, proscreve os filósofos, profana os Mistérios. Os oráculos ficam mudos. A superstição e a idolatria invadem os templos. E a orgia romana se desencadeia pelo mundo, com suas saturnais, sua luxúria desenfreada, seus inebriamentos bestiais. Do alto do Capitólio, a prostituta saciada domina povos e reis. César, imperador e deus, se entroniza numa apoteose ensanguentada!  
  
Entretanto, nas margens do Mar Morto, alguns homens conservam no recesso a tradição dos profetas e o segredo da pura doutrina. Os essênios, grupo de iniciados cujas colônias se estendem até ao vale do Nilo, abertamente se entregam ao exercício da medicina, porém o seu fim real é mais elevado: consiste em ensinar, a um pequeno número de adeptos, as leis superiores do Universo e da vida. Sua doutrina é quase idêntica à de Pitágoras. Admitem a preexistência e as vidas sucessivas da alma; prestam a Deus o culto do espírito.  
  
Nos essênios, como entre os sacerdotes de Mênfis, a iniciação é graduada e requer vários anos de preparo. Seus costumes são irrepreensíveis; passam a vida no estudo e na contemplação, longe das agitações políticas, longe dos enredos do sacerdócio ávido e invejoso.   
  
Foi evidentemente entre eles que Jesus passou os anos que precederam o seu apostolado, anos sobre os quais os Evangelhos guardam um silêncio absoluto. Tudo o indica: a identidade dos seus intuitos com os dos essênios, o auxílio que estes lhe prestaram em várias circunstâncias, a hospitalidade gratuita que, a título de adepto, ele recebia, e a fusão final da ordem com os primeiros cristãos, fusão de que saiu o Cristianismo esotérico.  
  
Mas, na falta de iniciação superior, o Cristo possuía uma alma bastante vasta, bem superabundante de luz e de amor, para nela sorver os elementos da sua missão. Jamais a Terra viu passar maior Espírito. Uma serenidade celeste envolvia-lhe a fronte. Nele se uniam todas as perfeições para formarem um tipo de pureza ideal, de inefável bondade.   
  
Há em seu coração imensa piedade pelos humildes, pelos deserdados. Todas as dores humanas, todos os gemidos, todas as misérias encontram nele um eco. Para acalmar esses males, para secar essas lágrimas, para consolar, para curar, para salvar, ele irá ao sacrifício de a própria vida oferecer em holocausto a fim de reerguer a Humanidade. Quando, pálido, se dirige para o Calvário, e é pregado ao madeiro infamante, encontra ainda em sua agonia a força de orar por seus carrascos, e de pronunciar estas palavras que nenhum impulso de ternura ultrapassará jamais:  
  
"Pai, perdoai-lhes, porque não sabem o que fazem!" Entre os grandes missionários, o Cristo, o primeiro de todos, comunicou às multidões as verdades que até então tinham sido o privilégio de pequeno número. Para ele, o ensino oculto tornava-se acessível aos mais humildes, senão pela inteligência ao menos pelo coração, e lhes oferecia esse ensino sob formas que o mundo não tinha conhecido, com uma potência de amor, uma doçura penetrante, uma fé comunicativa, que faziam fundir os gelos do cepticismo, eletrizar os ouvintes e arrastá-los após si.  
  
O que ele chamava "pregar o Evangelho do reino dos céus aos simples" era pôr ao alcance de todos o conhecimento da imortalidade e o do Pai comum. Os tesouros intelectuais, que os adeptos avaros só distribuíam com prudência, o Cristo os espalhava pela grande família humana, por esses milhões de seres, curvados sobre a Terra, que nada sabiam do destino e que esperavam, na incerteza e no sofrimento, a palavra nova que os devia consolar e reanimar. Essa palavra, esse ensino, ele distribuiu sem contar, e lhes deu a consagração do seu suplício e da sua morte.**

**A cruz, esse símbolo antigo dos iniciados, que se encontra em todos os templos do Egito e da índia, tornou-se, pelo sacrifício de Jesus, o sinal da elevação da Humanidade, tirada do abismo das trevas e das paixões inferiores, para ter enfim acesso à vida eterna, à vida das almas regeneradas,  
  
O sermão da montanha condensa e resume o ensino popular de Jesus. Aí se mostra a lei moral com todas as suas consequências; nele os homens aprendem que as qualidades brilhantes não fazem sua elevação nem sua felicidade, mas que só poderão isto conseguir pelas virtudes modestas e ocultas — a Humildade, a Bondade, a Caridade:  
  
"Bem-aventurados os pobres de espírito, porque é para eles o reino dos céus. — Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados. — Bem-aventurados os que têm fome de justiça, porque serão saciados. — Bem--aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia. — Bem-aventurados os que têm o coração puro, porque verão a Deus."  
  
Assim se exprime Jesus. Suas palavras patenteiam ao homem perspectivas inesperadas. É no mais recôndito da alma que está a origem das alegrias futuras: "O reino dos céus está dentro de vós!" E cada um consegue realizá-lo pela subjugação dos sentidos, pelo perdão das injúrias e pelo amor ao próximo. Para Jesus, no amor encerra-se toda a religião e toda a filosofia.  
  
"Amai vossos inimigos; fazei bem àqueles que vos perseguem e caluniam, a fim de que sejais filhos do vosso Pai que está nos céus, que faz com que o Sol tanto se levante para os bons como para os maus; que faz chover sobre os justos e injustos. Porque, se só amardes aqueles que vos amam, que recompensa tereis vós?" Esse amor é Deus mesmo quem no-lo exemplifica, pois os seus braços estão sempre abertos ao arrependido. É o que se depreende das parábolas do filho pródigo e da ovelha desgarrada:  
  
"Assim vosso Pai que está nos céus não quer que pereça um só de seus filhos." Não será isto a negação do inferno, cuja idéia se atribuiu a Jesus? Se o Cristo mostra algum rigor e fala com veemência, é a esses fariseus hipócritas que torcem a lei moral, entregando-se às práticas minuciosas de devoção. A seus olhos é mais louvável o samaritano cismático do que o sacerdote e o levita que desdenham socorrer um ferido. Ele desaprova as manifestações do culto exterior, e levanta-se contra esses sacerdotes:  
  
"Cegos condutores de cegos, homens de rapina e de corrupção que, a pretexto de longas preces, devoram os bens das viúvas e dos órfãos." Aos devotos que acreditam salvar-se pelo jejum e abstinência, diz: "Não é o que entra pela boca que mancha o homem, mas o que dela sai." Aos partidários de longas orações, responde: "Vosso Pai sabe aquilo de que tendes necessidade, antes que lho peçais."  
  
Jesus condenava o sacerdócio, recomendando aos seus discípulos não escolherem nenhum chefe, nenhum mestre. Seu culto era íntimo, o único digno de espíritos elevados, e a respeito do qual assim se exprime: "Vai chegar o tempo em que os verdadeiros crentes adorarão o Pai em espírito e em verdade, porque são estes os adoradores que o Pai procura. Deus é espírito, e cumpre que os seus filhos o adorem em espírito e verdade." O Cristo só impõe a prática do bem e da fraternidade:  
  
"Amai vosso próximo como a vós mesmos, e sede perfeitos assim como vosso Pai celeste é perfeito. Eis toda a lei e os profetas." Em sua simplicidade eloquente, este preceito revela o fim mais elevado da iniciação — a pesquisa da perfeição, que é, ao mesmo tempo, a do conhecimento e da felicidade. Ao lado desses ensinos que se dirigem aos simples, Jesus também deixou outros, onde a doutrina oculta dos Espíritos é reproduzida em traços de luz.**

**Nem todos podiam subir a tais alturas, e eis por que os tradutores e intérpretes do Evangelho alteraram, através dos séculos, a sua forma e corromperam-lhe o sentido. Apesar das alterações, é fácil reconstituir esse ensino a quem se liberta da superstição da letra para ver as coisas pela razão e pelo espírito. É principalmente no Evangelho de S. João que encontraremos feição ainda mais acentuada:  
  
"Há diversas moradas na casa de meu pai. Vou preparar o vosso lugar, e, depois que eu for e tudo houver arranjado, voltarei e vos chamarei a mim, para que onde eu estiver também vos encontreis." A casa do Pai é o céu infinito com os mundos que o povoam e a vida imensa, prodigiosa, que se espalha na sua superfície. São as inumeráveis estações na nossa jornada, e que somos chamados a conhecer se seguirmos os preceitos de Jesus. Ele descerá até nós para induzir-nos, por exemplo, à conquista dos mundos superiores à Terra. No Evangelho também se nos depara a afirmação das vidas sucessivas da alma:  
  
"Em verdade, se o homem não renascer de novo não poderá entrar no reino de Deus. — O que nasce da carne é carne, o que nasce do espírito, é espírito. — Não vos admireis do que vos digo, pois é necessário nascerdes de novo. — O espírito sopra onde quer e entendeis a sua voz, mas não sabeis donde ela vem, nem para onde vai; também sucede o mesmo com todo homem que nasce do espírito." "Quando os seus discípulos lhe interrogam:  
  
"Por que dizem os escribas que é preciso primeiro que Elias volte?" Ele responde: "Elias já voltou, porém não o reconheceram." E os discípulos compreendem então que Jesus se referia a João Batista. Ainda em outra ocasião diz o seguinte: "Em verdade, entre todos os filhos de mulher nenhum há maior que João Batista. E se quiserdes entender, é ele mesmo Elias que deve vir. Que ouça aquele que tem ouvidos para ouvir."  
  
O alvo a que tende cada um de nós e a sociedade inteira está claramente indicado. É o reinado do "Filho do homem", do Cristo social, ou, em outros termos, o reinado da Verdade, da Justiça e do Amor. As vistas de Jesus dirigem-se para o futuro, para esses tempos que nos são anunciados. "Enviar-vos-ei o Consolador. — Tinha ainda muitas coisas a dizer-vos, porém ainda não poderíeis compreendê-las. — Quando vier esse Espírito de Verdade, ele vô-las ensinará e restabelecerá tudo no seu sentido verdadeiro."   
  
Algumas vezes, o Cristo resumia as verdades eternas em imagens grandiosas, em traços brilhantes. Nem sempre os apóstolos o compreendiam, mas ele deixava aos séculos e aos acontecimentos o cuidado de fazer frutificar esses princípios na consciência da Humanidade, como a chuva e o Sol fazem germinar a semente confiada à terra. É nesse sentido que assim se exprimiu: "O céu e a Terra passarão, porém não as minhas palavras."  
  
Jesus dirigia-se pois simultaneamente ao espírito e ao coração. Aqueles que não tivessem podido compreender Pitágoras e Platão, sentiam suas almas comoverem--se aos eloquentes apelos do Nazareno. É por aí que a doutrina cristã domina todas as outras. Para atingir a sabedoria, era preciso, nos santuários do Egito e da Grécia, franquear os degraus de uma longa e penosa iniciação, ao passo que pela caridade todos podiam tornar-se bons cristãos e irmãos em Jesus.  
  
Mas, com o tempo, as verdades transcendentais se velaram. Aqueles que as possuíam foram suplantados pelos que acreditavam saber, e o dogma material substituiu a pura doutrina. Dilatando-se, o Cristianismo perdeu em valor o que ganhava em extensão. A ciência profunda de Jesus vinha juntar-se à potência fluídica do iniciado superior, da alma livre do jugo das paixões, cuja vontade domina a matéria e impera sobre as forças sutis da Natureza. O Cristo possuía a dupla vista; seu olhar sondava os pensamentos e as consciências; curava com uma palavra, com um sinal, ou mesmo somente bastando a sua presença.**

**Eflúvios benéficos se lhe escapavam do ser, e à sua ordem os maus espíritos se afastavam. Comunicava-se facilmente com as potências celestes, e, nas horas de provação, alentava desse modo a força moral que lhe era necessária em sua viagem dolorosa. No Tabor, seus discípulos, deslumbrados, o vêem conversar com Moisés e Elias. É assim mesmo que mais tarde, depois de crucificado, Jesus lhes aparece na irradiação do seu corpo fluídico, etéreo, desse corpo a que Paulo se refere nos seguintes termos: "Há em cada homem um corpo animal e um corpo espiritual." (...)**

**19 - Emmanuel - Emmanuel - pág. 27**

**A ASCENDÊNCIA DO EVANGELHO  
Nenhuma expressão fornece imagem mais justa do poder d'Aquele a quem todos os espíritos da Terra rendem culto do que a de João, no seu Evangelho — "No princípio era o Verbo..." Jesus, cuja perfeição se perde na noite imperscrutável das eras, personificando a sabedoria e o amor, tem orientado todo o desenvolvimento da Humanidade terrena, enviando os seus iluminados mensageiros, em todos os tempos, aos agrupamentos humanos e, assim como presidiu à formação do orbe, dirigindo, como Divino Inspirador, a quantos colaboraram na tarefa da elaboração geológica do planeta e da disseminação da vida em todos os laboratórios da Natureza, desde que o homem conquistou a racionalidade, vem-lhe fornecendo a idéia da sua divina origem, o tesouro das concepções de Deus e da imortalidade do espírito, revelando-lhe, em cada época, aquilo que a sua compreensão pode abranger.**

**Em tempos remotos, quando os homens, fisicamente, pouco dessemelhavam dos antropopitecos, suas manifestações de religiosidade eram as mais bizarras, até que, transcorridos os anos, no labirinto dos séculos, vieram entre as populações do orbe os primeiros organizadores do pensamento religioso que, de acordo com a mentalidade geral, não conseguiram escapar das concepções de ferocidade que caracterizavam aqueles seres egressos do egoísmo animalesco da irracionalidade. Começaram aí os primeiros sacrifícios de sangue aos ídolos de cada facção, crueldades mais longínquas que as praticadas nos tempos de Baal, das quais tendes notícia pela História.  
  
AS TRADIÇÕES RELIGIOSAS  
Vamos encontrar, historicamente, as concepções mais remotas da organização religiosa na civilização chinesa, nas tradições da Índia védica e bramânica, de onde também se irradiaram as primeiras lições do Budismo, no antigo Egito, com os mistérios do culto dos mortos, na civilização resplandecente dos faraós, na Grécia com os ensinamentos órficos e com a simbologia mitológica, existindo já grandes mestres, isolados intelectualmente das massas, a quem ofereciam os seus ensinos exóticos, conservando o seu saber de iniciados no círculo restrito daqueles que os poderiam compreender devidamente.  
  
OS MISSIONÁRIOS DO CRISTO   
Fo-Hi, os compiladores dos Vedas, Confúcio, Hermes, Pitágoras, Gautama, os seguidores dos mestres da antiguidade, todos foram mensageiros de sabedoria que, encarnando em ambientes diversos, trouxeram ao mundo a idéia de Deus e das leis morais a que os homens se devem submeter para a obtenção de todos os primores da evolução espiritual. Todos foram mensageiros d'Aquele que era o Verbo do Princípio, emissários da sua doutrina de amor.**

**Em afinidade com as características da civilizacão e dos costumes de cada povo, cada um deles foi portador de uma expressão do "amai-vos uns aos outros". Compelidos, em razão do obscurantismo dos tempos, a revestir seus pensamentos com os véus misteriosos dos símbolos, como os que se conheciam dentro dos rigores iniciáticos, foram os missionários do Cristo preparadores dos seus gloriosos caminhos.  
  
A LEI MOISAICA  
A lei moisaica foi a precursora direta do Evangelho de Jesus. O protegido de Termutis, depois de se beneficiar com a cultura que o Egito lhe podia prodigalizar, foi inspirado a reunir todos os elementos úteis à sua grandiosa missão, vulgarizando o monoteísmo e estabelecendo o Decálogo, sob a inspiração divina, cujas determinações são até hoje a edificação basilar da Religião da Justiça e do Direito, se bem que as doutrinas antigas já tivessem arraigado a crença de Deus único, sendo o Politeísmo apenas uma questão simbológica, apta a satistazer à mentalidade geral.   
  
A legislação de Moisés está cheia de lendas e de crueldades compatíveis com a época, mas, escoimada de todos os comentários fabulosos a seu Despeito, a sua figura é, de fato, a de um homem extraordinário, revestido dos mais elevados poderá espirituais. Foi o primeiro a tornar acessíveis às massas populares os ensinamentos somente conseguido, à custa de longa e penosa iniciação, com a síntese luminosa de grandes verdades.  
  
JESUS  
Com o nascimento de Jesus há corno que uma comunhão direta do Céu com a Terra. Estranhas e admiráveis revelações perfumam as almas e o Enviado oferece aos seres humanos toda a grandeza do seu amor, da sua sabedoria e da sua misericórdia. Aos corações abre-se nova torrente de esperanças e a Humanidade, na Manjedoura, no Tabor e no Calvário, sente as manifestações da vida celeste, sublime em sua gloriosa espiritualidade.  
  
Com o tesouro dos seus exemplos e das suas palavras, deixa o Mestre entre os homens a sua Boa Nova. O Evangelho do Cristo é o transunto de todas as filosofias que procuram aprimorar o espírito, norteando-lhe a vida e as aspirações. Jesus foi a manifestação do amor de Deus, a personificação de sua bondade infinita.  
  
O EVANGELHO E O FUTURO   
  
Raças e povos ainda existem, que o desconhecem, porém não ignoram a lei de amor da sua doutrina, porque todos os homens receberam, nas mais remotas plagas do orbe, as irradiações do seu espírito misericordioso, através das palavras inspiradas dos seus mensageiros.  
  
O Evangelho do Divino Mestre ainda encontrará, por algum tempo, a resistência das trevas. A ma-fé, a ignorância, a simonia, o império da força conspirarão contra ele, mas tempo virá em que a sua ascendência será reconhecida. Nos dias de flagelo e de provações coletivas, é para a sua luz eterna que a Humanidade se voltará, tomada de esperança. Então, novamente se ouvirão as palavras benditas do Sermão da Montanha e, através das planícies, dos montes e dos vales, o homem conhecerá o caminho, a verdade e a vida.  
  
  
20 - Estude e viva -André Luiz e Emmanuel - pág. 156, 188**

**No exame do perdão  
Observemos o ensinamento do Cristo, acerca do perdão. Note-se que o Senhor afirma, convincente: — «Se o vosso irmão agiu contra vós...» Isso quer dizer que Jesus principia considerando-nos na condição de pessoas ofendidas, incapazes de ofender; ensina-nos a compreender os semelhantes, crendo-nos seguros no trato fraternal.  
  
Nas menores questões de ressentimento, sujeitemo-nos a desapaixonado auto-exame. Quem sabe a reação surgida contra nós terá nascido de ações impensadas, desenvolvidas por nós mesmos ? Se do balanço de consciência estivermos em débito para com os outros, tenhamos suficiente coragem de solicitar-lhes desculpas, diligenciando sanar a falta cometida e articulando serviço que nos evidencie o intuito de reparação.  
  
Se nos sentimos realmente feridos ou injustiçados, esqueçamos o mal. Na hipótese de o prejuízo alcançar-nos individualmente e tão-somente a nós, reconheçamo-nos igualmente falíveis e ofertemos aos nossos inimigos imediatas possibilidades de reajuste. Se, porém, o dano em que fomos envolvidos atinge a coletividade, cabendo à justiça e não a nós o julgamento do golpe verificado, é claro que não nos compete louvar a leviandade.**

**Ainda assim, podemos reconciliar-nos com os nossos adversários, em espírito, orando por eles e amparando-os, por via indireta, a fim de que se valorizem para o bem geral nas tarefas que a vida lhes reservou.  
  
De qualquer modo, evitemos estragar o pensamento com o vinagre do azedume. Nem sempre conseguimos jornadear, nas sendas terrestres, junto de todos, porquanto, até que venhamos a completar o nosso curso de autoburilamento no instituto da evolução universal, nem todos renasceremos simultaneamente numa só família e nem lograremos habitar a mesma casa.  
  
Sigamos, assim, de nossa parte, vida afora, em harmonia com todos, embora não possamos a todos aprovar, entendendo e auxiliando, desinteressadamente, aqueles diante dos quais ainda não possuímos o dom de agradar em pessoa, e rogando a Bênção Divina para aqueles outros junto de quem não nos será lícito apoiar a delinquência ou incentivar a perturbação.**

**Perdão e nós  
Habitualmente, consideramos a necessidade do perdão apenas quando alvejados por ofensas de caráter público, no intercurso das quais recebemos tantos testemunhos de solidariedade, na esfera dos amigos, que nos demoramos hipnotizados pelas manifestações afetivas, a deixar-nos em mérito duvidoso .  
  
A ciência do perdão, todavia, tão indispensável ao equilíbrio, quanto o ar é imprescindível à existência, começa na compreensão e na bondade, perante os diminutos pesares do mundo íntimo.  
  
Não apenas desculpar todos os prejuízos e desvantagens, insultos e desconsiderações maiores que nos atinjam a pessoa, mas suportar com paciência e esquecer completamente, mesmo nos comentários mais simples, todas as pequeninas injustiças do cotidiano, como sejam:  
  
a observação maliciosa;  
a referência pejorativa;  
o apelo sem resposta;  
a gentileza recusada;  
o benefício esquecido;  
o gesto áspero;  
a voz agressiva;  
a palavra impensada;  
o sorriso escarnecedor;  
o apontamento irônico;  
a indiscrição comprometedora;  
o conceito deprimente;  
a acusação injusta;  
a exigência descabida;  
a omissão injustificável;  
o comentário maledicente;  
a desfeita inesperada;  
o menosprezo em família;  
a preterição sob qualquer aspecto;  
o recado impiedoso...  
Não nos iludamos em matérias de indulgência.  
  
Perdão não é recurso tão-somente aplicável nas grandes dores morais, à feição do traje a rigor, unicamente usado em horas de cerimônia. Todos somos suscetíveis de erro e, por isso mesmo, perdão é serviço de todo instante, mas, assim como o compositor não obtém a sinfonia sem passar pelo solfejo, o perdão não existe, de nossa parte, ante os agravos grandes, se não aprendemos a relevar as indelicadezas pequenas.  
  
  
Resignação e resistência  
De fato, há que se estudar a resignação para que a paciência não venha a trazer resultados contraproducentes . Um lavrador suportará corajosamente aguaceiro e granizo na plantação, mas não se acomodará com gafanhoto e tiririca. Habitualmente, falamos em tolerância como quem procura esconderijo à própria ociosidade.**

**Se nos refestelamos em conforto e vantagens imediatas, no império da materialidade passageira, que nos importam desconforto e desvantagens para os outros ? Esquecemo-nos de que o incêndio vizinho é ameaça de fogo em nossa casa e, de imprevisto, irrompem chamas junto de nós, comprometendo-nos a segurança e fulminando-nos a ilusória tranquilidade.  
  
Todos necessitamos ajustar a resignação no lugar certo. Se a Lei nos apresenta um desastre inevitável, não é justo nos desmantelemos em gritaria e inconformação. É preciso decisão para tomar os remanescentes e reentretecê-los para o bem, no tear da vida. Se as circunstâncias revelam a incursão do tifo, não é compreensível cruzar os braços e deixar campo livre aos bacilos.  
  
Sempre aconselhável a revisão de nossas atitudes no setor da conformidade. Como reagimos diante do sofrimento e diante do mal? Se aceitamos penúria, detestando trabalho, nossa pobreza resulta de compulsório merecimento. Civilização significa trabalho contínuo contra a barbárie.  
  
Higiene expressa atividade infinitamente repetida contra a imundície. Nos domínios da alma, todas as conquistas do ser, no rumo da sublimação, pedem harmonia com ação persistente para que se preservem. Paz pronta ao alarme. Construção do bem com dispositivo de segurança. Serenidade é constância operosa; esperança é ideal com serviço.  
  
Ninguém cultive resignação diante do mal declarado e removível, sob pena de agravá-lo e sofrer-lhe a clava mortífera. Estudemos resignação em Jesus-Cristo. A cruz do Mestre não é um símbolo de apassivamento à frente da astúcia e da crueldade e sim mensagem de resistência contra a mentira e a criminalidade mascaradas de religião, num protesto firme que perdura até hoje.  
  
  
21 - Estudos Espíritas - Joanna de Ângelis- pág. 181**

**25. JESUS**  
**CIRCUNSTÂNCIAS — Após as contínuas vicissitudes experimentadas através dos tempos, a Casa de Israel se mantinha obstinada quanto ao regime de exceção que supunha merecer desfrutar entre as demais nações da Terra. Não obstante os incessantes bafejos da Misericórdia Divina, pela boca dos incontáveis profetas, os hebreus auguravam a plenitude celeste através da rígida ritualística terrena e dos preceitos humanos, granjeando, assim, supremacia para eles próprios de modo a tomarem as rédeas da hegemonia política das mãos arbitrárias dos gentios, assumindo-as depois, não menos arbitrariamente, eles mesmos...  
  
Aqueles eram, portanto, sem dúvida dias de contrastes e paradoxos, sob quaisquer aspectos em que fossem considerados. O antigo esplendor se apagara, embora a astúcia de Heródes, que se empenhava, por todos os meios, em manter-se no trono que fora negociado, a pesado tributo, com o Império Romano dominador. Em consequência, os valores éticos, desde há muito sem oportunidade de espraiarem o conceito veneratio vitae, das antigas tradições, ora renascido, eram manipulados a bel-prazer das circunstâncias, em que o absolutismo da força trabalhava esmagando as diretrizes do direito.  
  
O homem, reduzido à expressão mais simples, significava o que valia no jogo arriscado das posições transitórias, cujas peças mudavam de lugar, conforme sopravam os ventos que as intrigas prolongadas produziam nos ouvidos dos astutos governantes. Não apenas em Israel ocorria assim. As cidades vencidas eram disputadas por ambiciosos árbitros argentários que logo as transformavam em espólios inermes, sob as garras da rapina irreversível, até a consumação pelo desfalecimento total.  
  
Na Capital do Império, a voz das legiões assustava o Senado e, apesar de as leis elaboradas no período do "divino" César — tão estróina e venal quanto poderoso soldado — permanecerem em vigor, Augusto assumira o poder em circunstâncias muito singulares e complexas... Amante da paz, chegara ao trono após lutas cruentas e sanguinárias.  
  
Esteta e frágil, prometera arrancar ao Egito Antônio e arrastá-lo galé até às escadarias do Senado, ante o delírio do povo, demonstrando força e audácia, o que não conseguiu em razão do nefário suicídio duplo que aquele e Cleópatra se impuseram, em fuga espetacular à responsabilidade. Idealista, esmagara contínuas rebeliões que lavraram por toda parte.  
  
Acoimado por enfermidades constritoras, no entanto, estimulou as Artes, a Filosofia, a Literatura, de tal forma que o seu foi o período áureo. Apesar disso, padecia no lar terríveis flagícios morais que o martirizavam, tendo lenidas somente as ulcerações íntimas, quando se empolgava ante as massas deslumbradas que o ovacionavam, na tribuna de ouro a que assomava, nos inesquecíveis espetáculos públicos...  
  
O mundo era, então, imensurável caldeira de aflições. Os nobres ideais da Humanidade de todos os tempos vicejavam efemeramente, para logo sucumbirem. O carro da guerra dizimava cidades inteiras e a ferocidade dos homens pouco diferia das expressões selvagens das feras. Ao lado do poder externo destrutivo, o culto do prazer atingia expressões dantes não igualadas, nem sequer sonhadas.  
  
O homem fossilizava-se, mantendo-se nos pauis da sensualidade, a repetir os espetáculos truanescos do passado com as motivações vis do presente. A ambição do poder e da glória, da fortuna e do mando engendrava as facilidades para as exteriorizações da sensação nunca amainada. Os governos tinham por motivação "dividir para imperar" e "possuir para gozar".  
  
Aumentavam, no entanto, os desaires e frustrações, as penas e injunções da perversidade, porquanto somente as experiências decorrentes do amor e da ordem facultam paz, como propiciam entusiasmo sadio aos que lhe fazem culto de submissão e serviço. O homem, todavia, estimulado pelas conquistas ultrajantes em que predominavam as manifestações do instinto, se permitia continuar nas insanas pelejas do ódio, da astúcia, da intriga, embora os imediatos malogros nos quais sucumbia.  
  
De um lado, as inspirações divinas, através das musas, a se manifestarem nos sábios, nos artistas e filósofos conclamando à beleza, à cultura, à fé. E, simultaneamente, o fogo-fátuo da dominação guerreira, a arder por um dia para logo se consumir em treva densa, na qual as sombras do horror chafurdam no desespero inominável. O instinto animal lutando por domínio e a inteligência sonhando pela fixação do sentimento e da razão.  
  
O despotismo da força, no entanto, erigia os monumentos que fascinam e despertam a bajulação, o agrado e o engodo das fantasias céleres, mas anestesiantes e absorventes.... Hoje, porém, ainda é quase assim. A História se repete invariavelmente, até que os rios das lágrimas lavem todas as purulentas feridas que as paixões produzem, ensejando o nascer da saúde moral.  
  
As grandes lições do passado não parecem ter ensinado às sucessivas gerações o indispensável à felicidade e à paz, de modo a que se evitassem contínuas, demoradas agonias, que se repetem exaustivas, demolidoras... A moderna "revolução industrial" certamente modificou a técnica da economia universal e estatuiu novos códigos de moral. Simultaneamente, estimulou o relaxamento dos valores éticos e humanos, reduzindo o homem a condição mínima ante as conquistas da máquina.  
  
Indubitavelmente, as mudanças se fazem necessárias, sem que, contudo, sejam destruídas ou subestimadas as aquisições-alicerces da evolução. Talvez, vencido por incoercível angústia, foi que Voltaire declarou ser a História "uma coleção de crimes, loucuras e desgraças", olvidando as estruturas que arrancaram o homem, a duras penas, da animalidade à civilização.  
  
E os exemplos de renúncia, de bondade, de abnegação e de sacrifício que salmodiam bênçãos em todos os fastos dos tempos? Também eram tormentosos aqueles dias.  
  
Então, no fragor de mil angústias e cruentas lutas, no solstício do inverno do ano l a.C., nasceu Jesus. (As opiniões históricas e da tradição variam. Os estudiosos da cronologia calculam que tal ocorrência se deu entre 4 e 8 a.C, o que afinal não é importante, em se considerando que o essencial é que Ele veio ter conosco.J.A)  
  
A NOVA ERA — Incompreendido desde os primeiros instantes, a Sua é a vida dos feitos heróicos, da renúncia, do sacrifício e do supremo amor. Anunciado pelos anjos e por eles assessorado, inaugurou desde o berço o período da humildade, em que a vitória do direito se faz legítima ante a prepotência da força.  
  
Elegendo o bucolismo das paisagens verdejantes e a adusta aridez das montanhas, onde o horizonte visual se confunde a distância, entoou o hino mais estóico e nobre que jamais foi modulado na Terra, de tal modo que nenhum clamor conseguiu abafá-lo, ou qualquer tormenta logrou silenciá-lo.  
  
Escolhendo a meditação, em profundos ensimesmamentos, nos quais mergulhava no Oceano do Pensamento Divino, alimentava-se mais da oração de que toda hora se nutria do que do repasto material. Dispondo de todos os recursos imagináveis, preferiu a simplicidade para assinalar a Sua presença e mimetizar os que dele se acercavam, sem que O pudessem esquecer jamais.  
  
Utilizando-se das expressões comuns, Suas palavras adquiriram desconhecida vitalidade. Preferindo a solidão, mas podendo arregimentar exércitos de fiéis servidores, apenas chamou doze companheiros de frágil estrutura cultural e moral, na aparência, para o ministério, modificando os conceitos humanos da Terra e reformulando as bases sociais, culturais e artísticas da Humanidade, desde então. Jesus, o Divino Sol! Sem embargo, dialogou e conviveu com aqueles que se deixaram vencer pelos vis miasmas das iniqüidades...  
  
Não os censurou, nem os execrou. Em momento algum os constrangeu ou os magoou. Ofereceu-lhes mãos amigas, generoso concurso.  
Fê-los entender e desejar o dealbar de novos dias de sol e paz, que passaram a anelar, lutando com acendrado esforço por consegui-los. Sabia que dentre os Seus, os escolhidos, havia o barro da fragilidade humana; entretanto, não os amou menos.  
  
Conhecia o travo que deixa n'alma as tentações e investiu os que d'Ele se acercavam com recursos poderosos, a fim de pugnarem contra elas, apesar de não ignorar que nem sempre conseguiriam permanecer imunes sob tal guante. Viveu cercado pela malícia de muitos e experimentou o acicate dos astuciosos, impertérrito, a serviço do Pai. E amou sempre, incessantemente, por ser o amor a fonte inexaurível da vida.  
  
Diante dos aparentemente grandes da Terra jamais se apequenou e ao lado dos pequenos não os sombreou com a Sua grandeza, antes os levantou à categoria de amigos, à nobreza de irmãos. Tinha a certeza da necessidade de ser imolado... A Terra exigia holocaustos, ainda. Doou-Se com imperturbável serenidade. Nenhuma queixa. Solicitação alguma fez. Traído, perdoou. Abandonado, ligou-Se ao Pai.  
  
Conquanto todas as acres aflições experimentadas, retornou ao seio dos amigos atoleimados, ansiosos, saudosos, atestando para eles a excelência da Imortalidade. Seus ditos, Seus feitos ora recordados e estudados, dão a eloquente dimensão da Nova Era que veio implantar, cujos alicerces são o hálito do amor e o pão da caridade.  
  
Libertando as consciências da sombra do egoísmo, conseguiu romper a grilheta dos evos recuados, facultando às criaturas a verdadeira visão do mundo e da vida, o legítimo valor das coisas, dos objetos, das posições.Sua mensagem de fraternidade igualou todos os homens, cujas diferenças estão nas indestrutíveis e inamovíveis conquistas do espírito imortal, em que o maior se faz servo do menor e o que possui se despoja para socorrer o que não conseguiu reter...  
  
Enquanto as crianças, as mulheres, os velhos, os mutilados e os enfermos constituíam carga inútil, pesando na economia social, Ele inaugurou os dias da misericórdia e da esperança para todos. Honrou a mulher, soerguendo-a da escravidão que padecia sob os abusos da masculinidade, sustentando-a nas suas aparentes limitações e santificando-a, graças à maternidade. As crianças foram tomadas como símbolo de pureza. A viuvez e a dor, sob qualquer disfarce, receberam o bálsamo do alento, da alegria e da oportunidade.  
  
Não construiu um reino de mendigos — antigos potentados; de enfermos — anteriores estróinas da saúde; de atormentados — passados perseguidores; de vencidos — que vinham de vitórias mentirosas; do expurgo social — que antes ultrajava e corrompia —, mas plantou as bases da família universal legítima sem qualquer limite de fronteira, raça ou posição terrena. Os pródromos da Nova Era nele começaram e se desenvolverão pelo futuro do tempo melhor.  
  
JESUS e ESPIRITISMO — Em face da decadência do pensamento cristão mediante as naturais injunções humanas através do tempo, deturpações estas esperadas e compreensíveis, em considerando o estágio evolutivo em que se encontrava o homem, Jesus prometeu o Consolador, que se encarregaria de restabelecer os ensinos na sua pureza primitiva e completar as necessidades intelectuais das criatura» no período das investigações científicas e culturais.  
  
Sob a Sua direção, as "Vozes dos Céus" voltariam à Terra a fim de consolar os homens e consolidar neles as aspirações libertadoras. Sem o perigo de novas injunções negativas, porque o advento do Espírito de Verdade facultaria mais amplas possibilidades de intercâmbio entre as duas esferas da vida a material e a espiritual, os Espíritos impediriam, no momento propício, as chãs turbações humanas que ameaçassein a sua inteireza doutrinária e moral.  
  
O Espiritismo, portanto, veio restaurar o Cristianismo e o fato espeta fundamentou a existência de Jesus, repetindo na atualidade as realizações do pretérito, enquanto despiu das fantasias do miraculoso e do sobrenatural os eventos e realizações normais, inusitadas quanto legítimas.  
  
Ao tempo em que sondas e naves espaciais se adentram pelo Sistema Solar, tentando decifrar-lhe alguns enigmas e os observatórios radioastronômlcos escutam o pulsar das estrelas, buscando a linguagem da vida nelas existente; enquanto instrumentos sensíveis penetram nas partículas infinitesimais, estudando-as e compreendendo a sua constituição, os Espíritos retornam, proclamando a experiência imortalista além da sepultura e a vida inteligente precedente ao berço, em sublime epopéia de inigualável grandeza para o ser humano.  
  
Nem extinção do ser nem sofrimento perene para o Espírito. Vida estuante, sim, meta-felicidade, vida total! Confirmando Jesus, Kardec consubstanciou o Paracleto. Afirmando Kardec, Jesus, pelos Espíritos, voltou à Terra, a ampliar-lhe infinitamente os horizontes na direção das galáxias. Jesus, o Excelso Rei Solar! Espiritismo, estrela fulgurante e sempre luminescente no Mundo!  
  
ESTUDO E MEDITAÇÃO:  
"Qual o tipo mais perfeito que Deus tem oferecido ao homem, para lhe servir de guia e modelo? -"Jesus."  
(O Livro dos Espíritos, Aliam Kardec, questão 625.)  
"Assim como o Cristo disse: "Não vim destruir a lei, porém cumpri-la", também o Espiritismo diz: "Não venho destruir a lei cristã, mas dar-lhe execução." Nada ensina em contrário ao que ensinou o Cristo; mas, desenvolve, completa e explica, em termos claros e para toda gente, o que foi dito apenas sob forma alegórica. Vem cumprir, nos tempos preditos, o que o Cristo anunciou e preparar a realização das coisas futuras. Ele é, pois, obra do Cristo, que preside, conforme igualmente.**

|  |  |
| --- | --- |
| **JUDAS** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- A reencarnação na Bíblia - pág. 87** | **02 - Ave luz - pág. 82** |
| **03 - Boa nova - pág. 38, 42, 159** | **04 - Caminho, verdade e vida - pág. 195, 197** |
| **05 - De Francisco para você - pág. 111** | **06 - De Jesus para as crianças - pág. 56** |
| **07 - De Mário a Tiradentes - pág. 316** | **08 - Do país da luz - vol. ii pág. 125** |
| **09 - Florações Evangélicas - pág. 174** | **10 - Jesus no Lar - pág. 63** |
| **11 - Lázaro Redivivo - pág. 249** | **12 - Luz acima - pág. 187** |
| **13 - O Consolador - pág. 183** | **14 - O Redentor - pág. 143** |
| **15 - O solar de Apolo - pág. 206** | **16 - Oferenda - pág. 96** |
| **17 - Os milagres de Jesus - XV** | **18 - Palavras de vida eterna - pág. 37; 62** |
| **19 - Parnaso de além túmulo - pág. 398** | **20 - Pérolas do além - pág. 130** |
| **21 - Pontos e Contos - pág. 183** | **22 - Religião dos Espíritos - pág. 35, 48** |
| **23 - Renúncia - pág. 316** | **24 - Saúde e Espiritismo - pág. 186** |
| **25 - Síntese de o Novo Testamento - pág. 180, 192, 195** | **26 - Vida de Jesus - pág. 100,121** |
| **27 - Vida e atos dos apóstolos - pág. 244, 259** | **28 - Vozes do grande além - pág. 174** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**JUDAS** **– COMPILAÇÃO**

**01- A reencarnação na Bíblia - Hermínio C. Miranda - pág. 87**

**DE VOLTA AO APOCALIPSE  
Continuemos, porém, já de volta ao Apocalipse, capítulo 19. João anuncia o retorno do Cristo, nestes termos:— Ei-lo que vem sobre as nuvens; todo o olho o verá, até aqueles que o traspassaram, e todas as nações da terra se lamentarão por ele. Como poderão estar presentes para vê-lo com seus olhos, entre todos os demais, aqueles mesmos seres que ajudaram a sacrificá-lo na cruz ?  
  
No rosário de existências vividas desde que Jesus esteve entre nós, é certo que alguns dos que contribuíram, de uma forma ou outra, para a sua condenação e execução, aproveitaram bem as oportunidades concedidas e poderão estar redimidos de seus erros e pacificados quanto aos seus remorsos quando Ele retornar.  
  
Em comunicação mediúnica de fontes insuspeitas — Irmão X a Chico Xavier —, Judas Iscariotes alude a uma série de existências vividas no sofrimento e na angústia, até concluir o resgate de seu espírito numa fogueira ateada pela intolerância religiosa no século 15. Esse é um dos que poderão contemplar em paz a figura majestosa de Jesus, no seu anunciado retorno à terra.  
  
Outros, porém, e talvez sejam maioria, estão ainda envolvidos nos conflitos, nos ódios e nas incompreensões que os levaram a traspassar o coração daquele excelso Espírito, cuja grandeza não conseguiram nem mesmo vislumbrar. Também a estes foram concedidas repetidas oportunidades de reajuste, mas persistiram no erro, reincidiram na prática de desatinos, continuaram a culpar Jesus por suas desarmonias, esquecidos de que não foi Jesus o responsável pelos seus crimes, pelas suas incompreensões e rebeldias.   
  
Para muitos desses, a doutrina do amor tornou-se, de fato, o pomo de discórdia, não pela doutrina em si e nem pelo amor, mas precisamente pela ausência de amor e de paz em seus rudes corações. Esses olhos são tantos que, a quase dois mil anos de distância, João pode vê-los a chorar por toda a terra, lamentando-se, por certo, por não terem sabido aceitar, no tempo devido, o Cristo e a sua doutrina da fraternidade universal.  
  
E, por isso, "todo o olho o verá; até os que o traspassaram", redimidos ou não. Nenhum daqueles seres que lá estavam na Palestina ou em Roma desapareceu ou deixou de existir. Estão por aí mesmo, reencarnados ou no mundo dos Espíritos, pacificados ou ainda afligidos por remorsos e revoltas. Nesse ínterim, viveram outras vidas, tiveram novas oportunidades, exercitaram seu livre arbítrio e livraram-se de suas dores ou as agravaram, tudo estritamente segundo o procedimento que resolveram adotar.**

**Não ficou dito que a cada um será dado segundo suas obras? Não ficou dito que cada um responde pelos seus próprios erros, não os outros? E que ninguém se livra das agonias enquanto não resgatar o último dos seus crimes ? E que não insistíssemos no pecado porque senão nos aconteceriam coisas ainda piores ? E que aquele que fere com ferro com o mesmo ferro será ferido? E que nos reconciliássemos com os nossos adversários enquanto estivéssemos a caminho com ele? E que nos amássemos uns aos outros tal como Ele nos amou ?  
  
Não faltaram, portanto, advertências, ensinamentos, exemplos e apoio para a prática dos bons propósitos. Multidões inteiras, porém, continuaram a seguir pelas trilhas do desvairamento, rejeitando todas as oportunidades de aprendizado e de reajuste, mergulhando cada vez mais fundo no erro, em vez de emergirem para a luz.  
  
Não se admira, pois, que naquele dia da grande separação, muitos sejam os olhos que estarão a chorar, pois muitos foram os que olharam e não viram e os que não sentiram uma só lágrima deslizar ante o sofrimento alheio que eles próprios causaram. Nessa hora inexorável, todo olho O verá . . .  
  
Não há como fugir agora, nem do resgate, nem de si mesmo e muito menos de Deus.**

**03 - Boa nova - Humberto de Campos - pág. 38, 42, 159**

**5. OS DISCÍPULOS  
Frequentemente, era nas proximidades de Cafarnaum que o Mestre reunia a grande comunidade dos seus seguidores. Numerosas pessoas o aguardavam ao longo do caminho, ansiosas por lhe ouvirem a palavra instrutiva. Não tardou, porém, que ele compusesse o seu reduzido colégio de discípulos. Depois de uma das suas pregações do novo reino, chamou os doze companheiros que, desde então, seriam os intérpretes de suas ações e de seus ensinos. Eram eles os homens mais humildes e simples do lago de Genesaré.  
  
Pedro, André e Filipe eram filhos de Betsaida, de onde vinham igualmente Tiago e João, descendentes de Zebedeu. Levi, Tadeu e Tiago, filhos de Alfeu e sua esposa Cleofas, parenta de Maria, eram nazarenos e amavam a Jesus desde a infância, sendo muitas vezes chamados "os irmãos do Senhor", à vista de suas profundas afinidades afetivas. Tomé descendia de um antigo pescador de Dalmanuta e Bartolomeu nascera de uma família laboriosa de Caná da Galiléia. Simão, mais tarde denominado "o Zelote", deixara a sua terra de Canaã para dedicar-se à pescaria, e somente um deles, Judas, destoava um pouco desse concerto, pois nascera em Iscariotes e se consagrara ao pequeno comércio em Cafarnaum, onde vendia peixes e quinquilharias.  
  
O reduzido grupo de companheiros do Messias experimentou a princípio certas dificuldades para harmonizar-se. Pequeninas contendas geravam a separatividade entre eles. De vez em quando, o Mestre os surpreendia em discussões inúteis sobre qual deles seria o maior no reino de Deus; de outras vezes, desejavam saber qual, dentre todos, revelava sabedoria maior, no campo do Evangelho.  
  
Levi continuava nos seus trabalhos da coletoria local, enquanto Judas prosseguia nos seus pequenos negócios, embora se reunissem diariamente aos demais companheiros. Os dez outros viviam quase que constantemente com Jesus, junto às águas transparentes do Tiberíades, como se participassem de uma festa incessante de luz. Iniciando-se, entretanto, o período de trabalhos ativos pela difusão da nova doutrina, o Mestre reuniu os doze em casa de Simão Pedro e lhes ministrou as primeiras instruções referentes ao grande apostolado.  
  
De conformidade com a narrativa de Mateus, as recomendações iniciais do Messias aclaravam as normas de ação que os discípulos deviam seguir para as realizações que lhes competiam concretizar.— Amados — entrou Jesus a dizer-lhes, com mansidão extrema —, não tomareis o caminho largo por onde anda toda gente, levada pelos interesses fáceis e inferiores; buscareis a estrada escabrosa e estreita dos sacrifícios pelo bem de todos. Também não penetrareis nos centros de discussões estéreis, à moda dos samaritanos, nos das contendas que nada aproveitam às edificações do verdadeiro reino nos corações com sincero esforço.  
  
Ide antes em busca das ovelhas perdidas da casa de nosso Pai que se encontram em aflição e voluntariamente desterradas de seu divino amor. Reuni convosco todos os que se encontram de coração angustiado e dizei-lhes, de minha parte, que é chegado o reino de Deus. Trabalhai em curar os enfermos, limpar os leprosos, ressuscitar os que estão mortos nas sombras do crime ou das desilusões ingratas do mundo, esclarecei todos os espíritos que se encontram em trevas, dando de graça o que de graça vos é concedido.  
  
Não exibais ouro ou prata em vossas vestimentas, porque o reino do céu reserva os mais belos tesouros para os simples. Não ajunteis o supérfluo em alforjes, túnicas ou alpercatas para o caminho, porque digno é o operário do seu sustento. Em qualquer cidade ou aldeia onde entrardes, buscai saber quem deseje aí os bens do céu, com sinceridade e devotamento a Deus, e reparti as bênçãos do Evangelho com os que sejam dignos, até que vos retireis. Quando penetrardes nalguma casa, saudai-a com amor.  
  
Se essa casa merecer as bênçãos de vossa dedicação, desça sobre ela a vossa paz; se, porém, não for digna, torne essa mesma paz aos vossos corações. Se ninguém vos receber, nem desejar ouvir as vossas instruções, retirai-vos sacudindo o pó de vossos pés, isto é, sem conservardes nenhum rancor e sem vos contaminardes da alheia iniquidade. Em verdade vos digo que dia virá em que menos rigor haverá para os grandes pecadores, do que para quantos procuram a Deus com os lábios da falsa crença, sem a sinceridade do coração.  
  
É por essa razão que vos envio como ovelhas ao antro dos lobos, recomendando-vos a simplicidade das pombas e a prudência das serpentes. Acautelai-vos, pois, dos homens, nossos irmãos, porque sereis entregues aos seus tribunais e sereis açoitados nos seus templos suntuosos, de onde está exilada a idéia de Deus. Sereis conduzidos, como réus, à presença de governadores e reis, de tiranos e descrentes, a fim de testemunhardes a minha causa.  
  
Mas, nos dias dolorosos da humilhação, não vos dê cuidado como haveis de falar, porque minha palavra estará convosco e sereis inspirados, quanto ao que houverdes de dizer. Porque não somos nós que falamos; o espírito amoroso de Nosso Pai é que fala em todos nós. Nesses dias de sombra, em que se lutará no mundo por meu nome, o irmão entregará à morte o próprio irmão, o pai os filhos, espalhando-se nos caminhos o rastro sinistro dos lobos da iniquidade.  
  
Os que me seguirem serão desprezados e odiados por minha causa, mas aquele que perseverar, até o fim, será salvo. Quando, pois, fordes perseguidos numa cidade, transportai-vos para outra, porque em verdade vos afirmo que jamais estareis nos caminhos humanos sem que vos acompanhe o meu pensamento. Se tendes de sofrer, considerai que também eu vim à Terra para dar o testemunho e não é o discípulo mais do que o mestre, nem o servo mais que o seu senhor.  
  
Se o adversário da luz vai reunir contra mim as tentações e as zombarias, o ridículo e a crueldade, que não fará aos meus discípulos?  
Todavia, sabeis que acima de tudo está o Nosso Pai e que, portanto, é preciso não temer, pois um dia toda a verdade será revelada e todo o bem triunfará. O que vos ensino em particular, difundi-o publicamente; porque o que agora escutais aos ouvidos será o objeto de vossas pregações de cima dos telhados.  
  
Trabalhai pelo reino de Deus e não temais os que matam o corpo, mas não podem aniquilar a alma; temei antes os sentimentos malignos que mergulham o corpo e a alma no inferno da consciência. Não se vendem dois passarinhos por um ceitil? Entretanto, nenhum deles cai dos seus ninhos sem a vontade do nosso Pai. Até mesmo os cabelos de nossas cabeças estão contados. Não temais, pois, porque um homem vale mais que muitos passarinhos.  
  
Empregai-vos no amor do Evangelho e qualquer de vós que me confessar, diante dos homens, eu o confessarei igualmente diante de meu Pai que está nos céus. As recomendações de Jesus foram ouvidas ainda por algum tempo e, terminada a sua alocução, no semblante de todos perpassava a nota íntima da alegria e da esperança. Os apóstolos criam contemplar o glorioso porvir do Evangelho do Reino e estremeciam do júbilo de seus corações.  
  
Foi quando Judas Iscariotes, como que despertando, antes de todos os companheiros, daquelas profundas emoções de encantamento, se adiantou para o Messias, declarando em termos respeitosos e resolutos:— Senhor, os vossos planos são justos e preciosos; entretanto, é razoável considerarmos que nada poderemos edificar sem a contribuição de algum dinheiro.  
  
Jesus contemplou-o serenamente e redarguiu: — Será que Deus precisou das riquezas precárias para construir as belezas do mundo? Em mãos que saibam dominá-lo, o dinheiro é um instrumento útil, mas nunca será tudo, porque, acima dos tesouros perecíveis, está o amor com os seus infinitos recursos. Em meio da surpresa geral, Jesus, depois de uma pausa, continuou:   
  
— No entanto, Judas, embora eu não tenha qualquer moeda do mundo, não posso desprezar o primeiro alvitre dos que contribuirão comigo para a edificação do reino de meu Pai no espírito das criaturas. Põe em prática a tua lembrança, mas tem cuidado com a tentação das posses materiais. Organiza a tua bolsa de cooperação e guarda-a contigo; nunca, porém, procures o que ultrapasse o necessário.  
  
Ali mesmo, pretextando a necessidade de incentivar os movimentos iniciais da grande causa, o filho de Iscariotes fez a primeira coleta entre os discípulos. Todas as possibilidades eram mínimas, mas alguns pobres denários foram recolhidos com interesse. O Mestre observava a execução daquela primeira providência, com um sorriso cheio de apreensões, enquanto Judas guardava cuidadosamente o fruto modesto de sua lembrança material. Em seguida, apresentando a Jesus a bolsa minúscula, que se perdia nas dobras de sua túnica, exclamou, satisfeito:  
  
— Senhor, a bolsa é pequenina, mas constitui o primeiro passo para que se possa realizar alguma coisa... Jesus fitou-o serenamente e retrucou em tom profético: — Sim, Judas, a bolsa é pequenina; contudo, permita Deus que nunca sucumbas ao seu peso!**

**24 - A ILUSÃO DO DISCÍPULO  
Jesus havia chegado a Jerusalém sob uma chuva de flores. De tarde, após a consagração popular, caminhavam Tiago e Judas, lado a lado, por uma estrada antiga, marginada de oliveiras, que conduzia às casinhas alegres de Betânia. Judas Iscariotes deixava transparecer no semblante íntima inquietação, enquanto no olhar sereno do filho de Zebedeu fulgurava a luz suave e branda que consola o coração das almas crentes.  
  
— Tiago — exclamou Judas, entre ansioso e atormentado —, não achas que o Mestre é demasiado simples e bom para quebrar o jugo tirânico que pesa sobre Israel, abolindo a escravidão que oprime o povo eleito de Deus?— Mas — replicou o interpelado — poderias admitir no Mestre as disposições destruidoras de um guerreiro do mundo?  
  
— Não tanto assim. Contudo, tenho a impressão de que o Messias não considera as oportunidades. Ainda hoje, tive a atenção reclamada por doutores da lei que me fizeram sentir a inutilidade das pregações evangélicas, sempre levadas a efeito entre as pessoas mais ignorantes e desclassificadas. Ora, as reivindicações do nosso povo exigem um condutor enérgico e altivo.  
  
— Israel — retrucou o filho de Zebedeu, de olhar sereno — sempre teve orientadores revolucionários; o Messias, porém, vem efetuar a verdadeira revolução, edificando o seu reino sobre os corações e nas almas!...Judas sorriu, algo irônico, e acrescentou:— Mas, poderemos esperar renovações, sem conseguirmos o interesse e a atenção dos homens poderosos?— E quem haverá mais poderoso do que Deus, de quem o Mestre é o Enviado divino?  
  
Em face dessa invocação, Judas mordeu os lábios, mas prosseguiu:— Não concordo com os princípios de inação e creio que o Evangelho somente poderá vencer com o amparo dos prepostos de César ou das autoridades administrativas de Jerusalém que nos governam o destino. Acompanhando o Mestre nas suas pregações em Cesaréia, em Sebaste, em Corazim e Betsaida, quando das suas ausências de Cafarnaum, jamais o vi interessado em conquistar a atenção dos homens mais altamente colocados na vida.**

**É certo que de seus lábios divinos sempre brotaram a verdade e o amor, por toda parte; mas só observei leprosos e cegos, pobres e ignorantes, abeirando-se de nossa fonte.— Jesus, porém, já nos esclareceu — obtemperou Tiago com brandura — que o seu reino não é deste mundo. Imprimindo aos olhos inquietos um fulgor estranho, o discípulo impaciente revidou com energia: — Vimos hoje o povo de Jerusalém atapetar o caminho do Senhor com as palmas da sua admiração e do seu carinho; precisamos, todavia, impor a figura do Messias às autoridades da Corte Provincial e do Templo, de modo a aproveitarmos esse surto de simpatia.**

**Notei que Jesus recebia as homenagens populares sem partilhar do entusiasmo febril de quantos o cercavam, razão por que necessitamos multiplicar esforços, em lugar dele, a fim de que a nossa posição de superioridade seja reconhecida em tempo oportuno.  
— Recordo-me, entretanto, de que o Mestre nos asseverou, certa vez, que o maior na comunidade será sempre aquele que se fizer o menor de todos.— Não podemos levar em conta esses excessos de teoria.**

**Interpelado que vou ser hoje por amigos influentes na política de Jerusalém, farei o possível por estabelecer acordos com os altos funcionários e homens de importância, para imprimirmos novo movimento às idéias do Messias.— Judas! Judas!... — observou-lhe o irmão de apostolado, com doce veemência — vê lá o que fazes! Socorreres-te dos poderes transitórios do mundo, sem um motivo que justifique esse recurso, não será desrespeito à autoridade de Jesus?**

**Não terá o Mestre visão bastante para sondar e reconhecer os corações? O hábito dos sacerdotes e a toga dos dignitários romanos são roupagens para a Terra... As idéias do Mestre são do Céu e seria sacrilégio misturarmos a sua pureza com as organizações viciadas do mundo!... Além de tudo, não podemos ser mais sábios, nem mais amorosos do que Jesus e ele sabe o melhor caminho e a melhor oportunidade para a conversão dos homens!... As conquistas do mundo são cheias de ciladas para o espírito e, entre elas, é possível que nos transformemos em órgão de escândalo para a verdade que o Mestre representa. Judas silenciou, aflito.  
  
No firmamento, os derradeiros raios de Sol batiam nas nuvens distantes, enquanto os dois discípulos tomavam rumos diferentes. Sem embargo das carinhosas exortações de Tiago, Judas Iscariotes passou a noite tomado de angustiosas inquietações. Não seria melhor apressar o triunfo mundano do Cristianismo? Israel não esperava um Messias que enfeixasse nas mãos todos os poderes? Valendo-se da doutrina do Mestre, poderia tomar para si as rédeas do movimento renovador, enquanto Jesus, na sua bondade e simpleza, ficaria entre todos, como um símbolo vivo da idéia nova.  
  
Recordando suas primeiras conversações com as autoridades do Sinédrio, meditava na execução de seus sombrios desígnios. A madrugada o encontrou decidido, na embriaguez de seus sonhos ilusórios. Entregaria o Mestre aos homens do poder, em troca de sua nomeação oficial para dirigir a atividade dos companheiros. Teria autoridade e privilégios políticos. Satisfaria às suas ambições, aparentemente justas, com o fim de organizar a vitória cristã no seio de seu povo. Depois de atingir o alto cargo com que contava, libertaria Jesus e lhe dirigiria os dons espirituais, de modo a utilizá-los para a conversão de seus amigos e protetores prestigiosos.  
  
O Mestre, a seu ver, era demasiadamente humilde e generoso para vencer sozinho, por entre a maldade e a violência. Ao desabrochar a alvorada, o discípulo imprevidente demandou o centro da cidade e, após horas, era recebido pelo Sinédrio, onde lhe foram hipotecadas as mais relevantes promessas. Apesar de satisfeito com a sua mesquinha gratificação e desvairado no seu espírito ambicioso, Judas amava o Messias e esperava ansiosamente o instante do triunfo para lhe dar a alegria da vitória cristã, através das manobras políticas do mundo.  
  
O prêmio da vaidade, porém, esperava a sua desmedida ambição. Humilhado e escarnecido, seu Mestre bem-amado foi conduzido à cruz da ignomínia, sob vilipêndios e flagelações. Daqueles lábios, que haviam ensinado a verdade e o bem, a simplicidade e o amor, não chegou a escapar-se uma queixa. Martirizado na sua estrada de angústias, o Messias só teve o máximo de perdão para seus algozes.  
  
Observando os acontecimentos, que lhe contrariavam as mais íntimas suposições, Judas Iscariotes se dirigiu a Caifás, reclamando o cumprimento de suas promessas. Os sacerdotes, porém, ouvindo-lhe as palavras tardias, sorriram com sarcasmo. Debalde recorreu às suas prestigiosas relações de amizade: teve de reconhecer a falibilidade das promessas humanas. Atormentado e aflito, buscou os companheiros de fé. Encontrou-os vencidos e humilhados; pareceu-lhe, porém, descobrir em cada olhar a mesma ex-probração silenciosa e dolorida.  
  
Já se havia escoado a hora sexta, em que o Mestre expirara na cruz, implorando perdão para seus verdugos. De longe, Judas contemplou todas as cenas angustiosas e humilhantes do Calvário. Atroz remorso lhe pungia a consciência dilacerada. Lágrimas ardentes lhe rolavam dos olhos tristes e amortecidos. Malgrado à vaidade que o perdera, ele amava intensamente o Messias.  
  
Em breves instantes, o céu da cidade impiedosa se cobriu de nuvens escuras e borrascosas. O mau discípulo, com um oceano de dor na consciência, peregrinou em derredor do casario maldito, acalentando o propósito de desertar do mundo, numa suprema traição aos compromissos mais sagrados de sua vida.  
  
Antes, porém, de executar seus planos tenebrosos, junto à figueira sinistra, ouvia a voz amargurada do seu tremendo remorso. Relâmpagos terríveis rasgavam o firmamento; trovões violentos pareciam lançar sobre a terra criminosa a maldição do céu vilipendiado e esquecido. Mas, sobre todas as vozes confusas da Natureza, o discípulo infeliz escutava a voz do Mestre, consoladora e inesquecível, penetrando-lhe os refolhos mais íntimos da alma: - "Eu sou o Carminho, a Verdade e a Vida. Ninguém pode ir ao pai, senão por mim!..."**

**04 - Caminho, verdade e vida - Emmanuel - pág. 195, 197**

**90 - ENSEJO AO BEM  
"Jesus, porém, lhe disse: Amigo, a que vieste? — Então, aproximando-se, lançaram mão de Jesus e o prenderam." — (MATEUS, 26:50.)  
É significativo observar o otimismo do Mestre, prodigalizando oportunidades ao bem, até ao fim de sua gloriosa missão de verdade e amor, junto dos homens.  
  
Cientificara-se o Cristo, com respeito ao desvio de Judas, comentara amorosamente o assunto, na derradeira reunião mais íntima com os discípulos, não guardava qualquer dúvida relativamente aos suplícios que o esperavam; no entanto, em se aproximando, o cooperador transviado beija-o na face, Identificando-o perante os verdugos, e o Mestre, com sublime serenidade, recebe-lhe a saudação carinhosamente e indaga: Amigo, a que vieste?  
  
Seu coração misericordioso proporcionava ao discípulo inquieto o ensejo ao bem, até ao derradeiro instante. Embora notasse Judas em companhia dos guardas que lhe efetuariam a prisão, dá-lhe o título de amigo. Não lhe retira a confiança do minuto primeiro, não o maldiz, não se entrega a queixas inúteis, não o recomenda à posteridade com acusações ou conceitos menos dignos.  
  
Nesse gesto de inolvidável beleza espiritual, ensinou-nos Jesus que é preciso oferecer portas ao bem, até à última hora das experiências terrestres, ainda que, ao término da derradeira oportunidade, nada mais reste além do caminho para o martírio ou para a cruz dos supremos testemunhos.**  
**91 - CAMPO DE SANGUE ;  
"Por isso foi chamado aquele campo, até ao dia de hoje, Campo de Sangue." — (MATEUS, 27:8.)   
Desorientado, em vista das terríveis consequências de sua irreflexão, Judas procurou os sacerdotes e restituiu-lhes as trinta moedas, atirando-as, a esmo, no recinto do Templo.  
  
Os mentores do Judaísmo concluíram, então, que o dinheiro constituía preço de sangue e, buscando desfazer-se rapidamente de sua posse, adquiriram um campo destinado ao sepulcro dos estrangeiros, denominado, desde então, Campo de Sangue.  
  
Profunda a expressão simbólica dessa recordação e, com a sua luz, cabe-nos reconhecer que a maioria dos homens continua a irrefletida ação de Judas, permutando o Mestre, inconscientemente, por esperanças injustas, por vantagens materiais, por privilégios passageiros.**

**Quando podem examinar a extensão dos enganos a que se acolheram, procuram, desesperados, os comparsas de suas ilusões, tentando devolver-lhes quanto lhes coube nos criminosos movimentos em que se comprometeram na luta humana; todavia, com esses frutos amargos apenas conseguem adquirir o campo de sangue das expiações dolorosas e ásperas, para sepulcro dos cadáveres de seus pesadelos delituosos, estranhos ao ideal divino da perfeição em Jesus-Cristo.  
  
Irmão em humanidade, que ainda não pudeste sair do campo milenário das reencarnações, em luta por enterrar os pretéritos crimes que não se coadunam com a Lei Eterna, não troques o Cristo Imperecível por um punhado de cinzas misérrimas, porque, do contrário, continuarás circunscrito à região escura da carne sangrenta.**

**10 - Jesus no Lar - Néio Lúcio - pág. 63**

**13 - O revolucionário sincero  
No curso das elucidações domésticas, Judas conversava, entusiástico, sobre as anomalias na governança do povo, e, exaltado, dizia das probabilidades de revolução em Jerusalém, quando o Senhor comentou, muito calmo:— Um rei antigo era considerado cruel pelo povo de sua pátria, a tal ponto que o principal dos profetas do reino foi convidado a chefiar uma rebelião de grande alcance, que o arrancasse do Trono.  
  
O profeta não acreditou, de início, nas denúncias populares, mas a multidão insistia. «O rei era duro de coração, era mau senhor, perseguia, usurpava e flagelava os vassalos em todas as direções» — clamava-se desabridamente. Foi assim que o condutor de boa-fé se inflamou, igualmente, e aceitou a idéia de uma revolução por único remédio natural e, por isso, articulou-a em silêncio, com algumas centenas de companheiros decididos e corajosos.**

**Na véspera do cometimento, contudo, como possuía segura confiança em Deus, subiu ao topo dum monte e rogou a assistência divina com tamanho fervor que um Anjo das Alturas lhe foi enviado para confabulação de espírito a espírito. A frente do emissário sublime, o profeta acusou o soberano, asseverando quanto sabia de oitiva e suplicando aprovação celeste ao plano de revolta renovadora.  
  
O mensageiro anotou-lhe a sinceridade, escutou-o com paciência e esclareceu: — «Em nome do Supremo Senhor, o projeto ficará aprovado, com uma condição. Conviverás com o rei, durante cem dias consecutivos, em seu próprio palácio, na posição de servo humilde e fiel, e, findo esse tempo, se a tua consciência perseverar no mesmo propósito, então lhe destruirás o trono, com o nosso apoio». O chefe honesto aceitou a proposta e cumpriu a determinação.  
  
Simples e sincero, dirigiu-se à casa real, onde sempre havia acesso aos trabalhos de limpeza e situou-se na função de apagado servidor; no entanto, tão logo se colocou a serviço do monarca, reparou que ele nunca dispunha de tempo para as menores obrigações alusivas ao gosto de viver. Levantava-se rodeado de conselheiros e ministros impertinentes, era atormentado por centenas de reclamações de hora em hora.**

**Na qualidade de pai, era privado da ternura dos filhos; na condição de esposo, vivia distante da companheira. Além disso, era obrigado, frequentemente, a perder o equilíbrio da saúde física, em vista de banquetes e cerimônias, excessivamente repetidos, nos quais era compelido a ouvir toda a sorte de mentiras da boca de súditos bajuladores e ingratos. Nunca dormia, nem se alimentava em horas certas e, onde estivesse, era constrangido a vigiar as próprias palavras, sendo vedada ao seu espírito qualquer expressão mais demorada de vida que não fosse o artifício a sufocar-lhe o coração.  
  
O orientador da massa popular reconheceu que o imperante mais se assemelhava a um escravo, duramente condenado a servir sem repouso, em plena solidão espiritual, porquanto o rei não gozava nem mesmo a facilidade de cultivar a comunhão com Deus, por intermédio da prece comum.  
  
Findo o prazo estabelecido, o profeta, radicalmente transformado, regressou ao monte para atender ao compromisso assumido, e, notando que o Anjo lhe aparecia, no curso das orações, implorou-lhe misericórdia para o rei, de quem ele agora se compadecia sinceramente.**

**Em seguida, congregou o povo e notificou a todos os companheiros de ideal que o soberano era, talvez, o homem mais torturado em todo o reino e que, ao invés da suspirada insubmissão, competia-Ihes, a cada um, maior entendimento e mais trabalho construtivo, no lugar que lhes era próprio dentro do país, a fim de que o monarca, de si mesmo tão escravizado e tão desditoso, pudesse cumprir sem desastres a elevada missão de que fora investido.  
  
E, assim, a rebeldia foi convertida em compreensão e serviço. Judas, desapontado, parecia ensaiar alguma ponderação irreverente, mas o Mestre Divino antecipou-se a ele, falando, incisivo:  
  
— A revolução é sempre o engano trágico daqueles que desejam arrebatar a outrem o cetro do governo. Quando cada servidor entende o dever que lhe cabe no plano da vida, não há disposição para a indisciplina, nem tempo para a insubmissão.  
  
13 - O Consolador - Emmanuel - pág. 183**

**Perg. 319 - Quem terá recebido maior soma de misericórdia na justiça divina: -Judas, o discípulo infiel, mas iludido e arrependido, ou o sacerdote maldoso e indiferente, que o induziu à defecção?  
- Quem há recebido mais misericórdia, por mais necessitado e indigente, é o mau sacerdote de todos os tempos, que, longe de confundir a lição do Cristo uma só vez, vem praticando a defecção espiritual para com o Divino Mestre, desde muitos séculos.**

**18 - Palavras de vida eterna - Emmanuel - pág. 37; 62**

**12. PERANTE JESUS  
"Porventura sou eu, Senhor?" - (MATEUS, 26:22.)  
Diante da palavra do Mestre, reportando-se ao espírito de leviandade e defecção que o cercava, os discípulos perguntaram afoitos:  
— "Porventura sou eu, Senhor?" E quase todos nós, analisando o gesto de Judas, incriminamo-lo em pensamento. Por que teria tido a coragem de vender o Divino Amigo por trinta moedas?  
  
Entretanto, bastará um exame mais profundo em nós mesmos, a fim de que vejamos nossa própria negação à frente do Cristo. Judas teria cedido à paixão política dominante, enganado pelas insinuações de grupos famintos de libertação do jugo romano... Teria imaginado que Jesus, no Sinédrio, avocaria a posição de emancipador da sua terra e da sua gente, exibindo incontestável triunfo humano...  
  
E, apenas depois da desilusão dolorosa e terrível, teria assimilado toda a verdade!... Mas nós? Em quantas existências e situações tê-lo-emos vendido no altar do próprio coração, ao preço mesquinho de nosso desvairamento individual?  
  
Nos prélios da vaidade e do orgulho...  
Nas exigências do prazer egoísta...  
Na tirania da opinião...   
Na crueldade confessa...  
Na caça da fortuna material...  
Na rebeldia destruidora...  
No olvido de nossos deveres...  
  
No aviltamento de nosso próprio trabalho...Na edificação íntima do Reino de Deus, meditemos nossos erros conscientes ou não, definindo nossas responsabilidades e débitos para com a vida, para com a Natureza e para com os semelhantes e, em todos os assuntos que se refiram à deserção perante o Cristo, teremos bastante força para desculpar as faltas do próximo, perguntando, com sinceridade, no âmago do coração:  
  
— "Porventura existirá alguém mais ingrato para contigo do que eu, Senhor?"  
  
  
24. LIBERDADE EM CRISTO  
"Estais pois firmes na liberdade com que o Cristo nos libertou e não vos submetais de novo ao Jugo da escravidão." — Paulo.  
(GALATAS, 5:1.)  
Meditemos na liberdade com que o Cristo nos libertou das algemas da ignorância e da crueldade. Não lhe enxergamos qualquer traço de rebeldia em momento algum. Através de todas as circunstâncias, sem perder o dinamismo da própria fé, submete-se, valoroso, ao arbítrio de nosso Pai.  
  
Começa a Missão Divina, descendo da Glória Celestial para o estreito recinto da manjedoura desconhecida. Não exibe uma infância destacada no burgo em que se acolhe a sua equipe familiar; respira o ambiente da vida simples, não obstante a Luz Sublime com que supera o nível intelectual dos doutores de sua época.  
  
Inicia o apostolado da Boa Nova, sem constranger as grandes inteligências a lhe aceitarem a doutrina santificante, contentando-se com a adesão dos pescadores de existência singela. Fascinando as multidões com a sua lógica irresistível, não lhes açula qualquer impulso de reivindicação social, ensinando-as a despertar no próprio coração os valores do espírito.  
  
Impondo-se pela grandeza única que lhe assinala a presença, acenam-lhe com uma coroa de rei, que Ele não aceita. Observando o povo jugulado por dominadores estrangeiros, não lhe aconselha qualquer indisciplina, recomendando-lhe, ao invés disso, "dar a César o que é de César e a Deus o que é de Deus".  
  
Sabe que Judas, o companheiro desditoso, surge repentinamente possuído por desvairada ambição política, firmando conchavos com perseguidores da sua Causa Sublime, contudo, não lhe promove a expulsão do círculo mais íntimo. Não ignora que Simão Pedro traz no âmago da alma a fraqueza com que o negará diante do mundo, mas, não se exaspera, por isso, e ajuda-o cada vez mais.  
  
Ele, que limpara leprosos e sarara loucos, que restituíra a visão aos cegos e o movimento aos paralíticos, não se exime à prisão e ao escárnio público, à flagelação e à cruz da morte.  
  
Refutamos, pois, que a liberdade, segundo o Cristo, não é o abuso da faculdade de raciocinar, empreender e fazer, mas sim a felicidade de obedecer a Deus, construindo o bem de todos, ainda mesmo sobre o nosso próprio sacrifício, porque somente nessa base estamos enfim livres para atender aos disígnios do Eterno Pai, sem necessidade de sofrer o escuro domínio das arrasadoras paixões que nos encadeiam o espírito por tempo indeterminado às trevas expiatórias.  
  
22 - Religião dos Espíritos - Emmanuel - pág. 35, 48**

**Pureza - Reunião pública de 16-2-59 Questão n° 632  
«Bem-aventurados os puros, porque verão a Deus.»  
Estudando a palavra do Mestre Divino, recordemos que no mundo, até hoje, não existiu ninguém quanto Ele, com tanta pureza na própria alma. Cabe-nos, pois, lembrar como Jesus via no caminho da vida, para reconhecermos com segurança que, embora na Terra, sabia encontrar a Presença Divina em todas as situações e em todas as criaturas.  
  
Para muita gente, a manjedoura era lugar desprezível; entretanto, Ele via Deus na humildade com que a Natureza lhe oferecia materno colo e transformou a estrebaria num poema de excelsa beleza. Para muita gente, Maria de Magdala era mulher sem qualquer valor, pela condição de obsidiada em que se mostrava na vida pública; no entanto, Ele via Deus naquele coração feminino ralado de sofrimento e converteu-a em mensageira da celeste ressurreição.  
  
Para muita gente, Simão Pedro era homem rude e inconstante, indigno de maior consideração; contudo, Ele via Deus no espírito atribulado do pescador semi-analfabeto que o povo menosprezava e transmutou-o em paradigma da fé cristã, para todos os séculos.  
  
Para muita gente, Judas era negociante de expressão suspeita, capaz de astuciosos ardis em louvor de si mesmo; no entanto, Ele via Deus na alma inquieta do companheiro que os outros menoscabavam e estendeu-Ihe braços amigos até ao fim da penosa deserção a que o discípulo distraído se entregou, invigilante.  
  
Para muita gente, Saulo de Tarso era guardião intransigente da Lei Antiga, vaidoso e perverso, na defesa dos próprios caprichos; contudo, Ele via Deus naquele espírito atormentado, e procurou-o pessoalmente, para confiar-lhe embaixada importante.  
  
Se purificares, assim, o coração, identificarás a presença de Deus em toda parte, compreendendo que a esperança do Criador não esmorece em criatura alguma, e perceberás que a maldade e o crime são apenas espinheiro e lama que envolvem o campo da alma — o brilhante divino que virá fatalmente à luz...  
  
E aprendendo e servindo, ajudando e amando passarás, na Terra, por mensagem incessante de amor, ensinando os homens que te rodeiam a converter o charco em berço de pão e a entender que, mesmo nas profundezas do pântano, podem surgir lírios perfumados e puros para exaltar a glória de Deus.  
  
  
Jesus e humildade - Reunião pública de 9-3-59 Questão n° 937  
Estudando a humildade, vejamos como se comportava Jesus no exercício da sublime virtude. Decerto, no tempo em que ao mundo deveria surgir a mensagem da Boa-Nova, poderia permanecer na glória celeste e fazer-se representar entre os homem pela pessoa de mensageiros angélicos, mas proferiu descer, ele mesmo, ao chão da Terra, e experimentar-lhe as vicissitudes.  
  
Indubitavelmente, contava com poder bastante para anular a sentença de Heródes que mandava decepar a cabeça dos recém-natos de sua condição, com o fim de impedir-lhe a presença; entretanto, afastou-se prudentemente para longínquo rincão, até que a descabida exigência fosse necessariamente proscrita.  
  
Dispunha de vastos recursos para se impor em Jerusalém, ao pé dos doutores que lhe negavam autoridade no ensino das novas revelações; contudo, retirou-se sem mágoa em demanda de remota província, a valer-se dos homens rudes que lhe acolhiam a palavra consoladora.  
  
Possuía suficiente virtude para humilhar a filha de Magdala, dominada pela força das sombras; no entanto, silenciou a própria grandeza moral para chamá-la docemente ao reajuste da vida. Atento à própria dignidade, era justo mandasse os discípulos ao encontro dos sofredores para consolá-los na angústia e sarar-lhes a ulceração; todavia, não renunciou ao privilégio de seguir, Ele mesmo, em cada canto de estrada, a fim de ofertar-lhes alívio e esperança, fortaleza e renovação.  
  
Certo, detinha elementos para desfazer-se de Judas, o aprendiz insensato; porém, apesar de tudo, conservou-o até o último dia da luta, entre aqueles que mais amava. Com uma simples palavra, poderia confundir os juizes que o rebaixavam perante Barrabás, autor de crimes confessos; contudo, abraçou a cruz da morte, rogando perdão para os próprios carrascos.  
  
Por fim, poderia condenar Saulo de Tarso, o implacável perseguidor, a penas soezes, pela intransigência perversa com que aniquilava a plantação do Evangelho nascente; mas buscou-o, em pessoa, às portas de Damasco, visitando-lhe o coração, por sabê-lo enganado na direção em que se movia.  
  
Com Jesus, percebemos que a humildade nem sempre surge da pobreza ou da enfermidade que tanta vez somente significam lições regeneradoras, e sim que o talento celeste é atitude da alma que olvida a própria luz para levantar os que se arrastam nas trevas e que procura sacrificar a si própria, nos carreiros empedrados do Mundo, para que os outros aprendam, sem constrangimento ou barulho, a encontrar o caminho para as bênçãos do Céu.  
  
  
25 - Síntese de o Novo Testamento - Mínimus - pág. 180, 192, 195**

**JESUS É UNGIDO EM BETÂNIA - (Mat. 26:1; Mar, 14:1 a 9; Luc, 22:1 e 2; Jo, 12:1 a 8)**

**Seis dias antes da Páscoa foi Jesus a Betânia. Ofereceram-lhe, ali, na casa de Simão, o leproso, uma ceia, na qual servia Marta e onde Lázaro fazia parte dos convivas. Então Maria, trazendo um vaso de alabastro com precioso perfume, aproximou-se de Jesus, ungiu-lhe os pés e lho derramou sobre a cabeça, quando ele estava à mesa.  
  
Judas Iscariotes, um de seus discípulos, aquele que o havia de trair, perguntou: — Porque não se vendeu este perfume por trezentos denários e não se deu aos pobres? — Isto disse ele, não porque se preocupasse com os pobres, mas porque era ladrão e, sendo o portador da bolsa, subtraía o que nela se deitava.**

**Respondeu Jesus: — "Porque molestais esta mulher? ela me fez uma boa obra. Pois os pobres sempre os tendes convosco e, quando quiserdes, podeis fazer-lhes bem; mas, a mim, nem sempre me tendes; derramando ela este perfume sobre meu corpo, fê-lo para a minha sepultura. Em verdade vos digo que onde quer que, no mundo inteiro, for pregado este Evangelho, narrado também será, em sua memória, o que ela fez".  
  
Tendo acabado de proferir todo este discurso, disse Jesus a seus discípulos: — "Sabeis que de hoje a dois dias se celebrará a Páscoa, a festa dos pães ázimos, e o Filho do homem será entregue para ser crucificado".  
  
A esse tempo reuniram-se os principais sacerdotes, os escribas e os anciãos do povo no pátio da casa do sumo sacerdote, chamado Caifás; e deliberaram prender Jesus à traição e tirar-lhe a vida. Mas diziam: — Durante a festa, não; para que não haja motim entre o povo.  
  
Os sacerdotes se utilizam de Judas. (Mat., 26:14 a 19; Marc., 14:10 a 16; Luc., 22:3 a 13)  
Ora, Satanás entrou em Judas Iscariotes, que era , um dos doze; e Judas foi e se entendeu com os principais sacerdotes e os oficiais do templo sobre o modo de lho entregar. Alegraram-se todos e ajustaram em dar-lhe trinta moedas de prata. Ele concordou e procurava ocasião de entregá-lo, sem que a multidão o soubesse.  
  
Chegou o dia dos pães ázimos, em que se devia imolar a Páscoa, e Jesus enviou a Pedro e João, dizendo--Ihes: — "Ide preparar-nos a Páscoa, para que a comamos". Eles lhe perguntaram: — Onde queres que a preparemos? Respondeu-lhes: — "Ao entrardes na cidade, encontrareis um homem carregando um cântaro de água; acompanhai-o até à casa em que ele entrar, e dizei ao dono dela:**

**O Mestre manda perguntar-te: Onde é o compartimento em que hei de comer a páscoa com meus discípulos? — Ele vos mostrará um amplo cenáculo mobilado; ali fazei os preparativos". — Eles foram e acharam como ele lhes dissera, e prepararam a Páscoa.  
  
A última ceia. Predição da traição. Mat., 26:20 a 30; Mar., 14:17 a 26; Luc., 22:14 a 23; Jo., 13:18 a 32)  
À tarde foi Jesus com os doze e, chegada a hora, pôs-se ele à mesa juntamente com os apóstolos e disse: — "Tenho desejado ansiosamente comer convosco esta Páscoa, antes que eu padeça, pois vos declaro que nunca mais hei-de comê-la, até que ela se cumpra no reino de Deus." — Depois de receber o cálice, dando graças, disse:  
  
— "Tomai-o e distribuí-o entre vós; pois vos digo que não tornarei a beber do fruto da videira, até que venha o reino de Deus". Enquanto comiam, declarou Jesus: — "Em verdade vos digo que um de vós me trairá". Eles, profundamente contristados, começaram um a um a perguntar-lhe: — Porventura sou eu, Senhor? — Respondeu ele:**

**— "A mão daquele que me trai está comigo à mesa. Não falo de todos vós, conheço aqueles que escolhi; mas para que se cumpra a Escritura: Aquele que come o meu pão, levantou contra mim o seu calcanhar".  
  
Estando todos a comer, Jesus pegou do pão e, tendo dado graças, partiu-o e deu aos seus discípulos, dizendo: — "Tomai e comei; isto é o meu corpo que é dado por vós; fazei isto em minha memória".  
  
Terminada a ceia, Jesus, tomando o cálice, rendeu graças, e deu aos discípulos, dizendo: — "Bebei todos; porque isto é o meu sangue da nova aliança, que é derramado por muitos para remissão dos pecados. Mas digo-vos que de agora em diante não mais beberei deste fruto da videira, até ao dia em que o hei-de beber, novo, convosco no reino de meu Pai.**

**O Filho do homem vai, conforme está escrito a seu respeito, mas ai daquele por quem o Filho do homem é traído! melhor fora para esse homem se não houvesse nascido". — Os discípulos olhavam uns para os outros, sem saber a quem ele se referia. Ora, estava reclinado no seio de Jesus um de seus discípulos, a quem ele amava. A esse fez Simão Pedro um sinal e pediu-lhe perguntasse de quem ele falava. Aquele discípulo, assim reclinado, encostou-se ao peito de Jesus e inquiriu:**

**— Quem é, Senhor? — Respondeu Jesus: — "E aquele a quem eu der o bocado molhado". — E tendo molhado o pedaço de pão, deu-o a Judas, filho de Simão Iscariotes. Este perguntou: — Porventura sou eu, Mestre? — "Tu o disseste" — replicou Jesus. Após o bocado, entrou nele Satanás. Tornou-lhe Jesus: — "O que fazes, faze-o depressa".**

**Entretanto, nenhum dos que estavam à mesa percebeu a que propósito lhe dissera isto; pois como Judas guardava a bolsa, alguns pensavam que Jesus lhe dissera: — Compra o que nos é necessário para a festa; ou que desse alguma coisa aos pobres. Logo que Judas tomou o bocado, saiu. Era noite. Depois da saída dele, disse Jesus:**

**— "Agora é glorificado o Filho do homem e Deus é glorificado nele; se Deus é glorificado nele, também Deus o glorificará em si mesmo, e glorificá-lo-á imediatamente".  
  
A prisão de Jesus. Fuga dos discípulos. (Mat., 26:47 a 56; Mar., 14:43 a 52; Luc., 22:47 a 53; Jo., 18:2 a 12)   
Judas, que o traía, também conhecia aquele lugar, porque Jesus ali estivera muitas vezes com seus discípulos; assim, Judas, um dos doze, tendo recebido a coorte e alguns oficiais de justiça dos principais sacerdotes e dos fariseus, chegou a esse lugar com lanternas, archotes e armas. O traidor havia combinado com eles este sinal:**

**— Aquele a quem eu beijar, esse é que é; prendei-o e levai-o com segurança. Logo que chegou, aproximou-se de Jesus e disse: — Salve, Mestre! — e o beijou. Perguntou-lhe Jesus: — "Amigo, a que vieste? Com um beijo entregas o Filho do homem ?" Adiantou-se Jesus e interrogou-os: — "A quem buscais?" — Responderam eles: A Jesus Nazareno.**

**Disse-lhes Jesus: — "Sou eu". Logo que lhes disse: Sou eu, recuaram e caíram por terra. Tornou-lhes, pois, a perguntar: — "A quem buscais?" A Jesus Nazareno — repetiram eles. Replicou Jesus: — "Já vos disse que sou eu; se é a mim, pois, que buscais, deixai ir estes." Para se cumprir a palavra que proferira:**

**Não perdi nenhum dos que me deste. Logo se aproximou a escolta e, pondo as mãos em Jesus, prendeu-o. — Então, Simão Pedro, que tinha espada, desembainhou-a e golpeou a Malco, servo do sumo sacerdote, cortando-Ihe a orelha direita. Jesus, porém, tocando a orelha do servo e curando-o, disse a Pedro:**

**— "Embainha a tua espada; pois todos os que tomarem a espada, morrerão à espada. Não hei-de beber o cálice que o Pai me deu? Acaso pensas que não posso invocar a meu Pai, e que ele não me dará, neste momento, mais de doze legiões de anjos? Como, pois, se cumpririam as Escrituras que declaram que assim deve acontecer?"**

**— Disse Jesus à multidão: — "Saístes com espadas e varapaus como contra um salteador? Todos os dias, estando eu convosco no templo, a ensinar, não me prendestes; porém esta é a vossa hora e o poder das trevas". — Então, os discípulos o deixaram e fugiram. — Seguia-o um moço, coberto com uma roupa branca sobre o corpo nu; seguraram-no, mas ele, largando a roupa, fugiu nu.  
  
Arrependimento e suicídio de Judas. (Mat., 27:1 a 10; Mar., 15:1 e Luc., 23:1)  
Pela manhã, todos os principais sacerdotes, os anciãos e os escribas se reuniram em conselho contra Jesus, para o entregarem à morte. Depois de o maniatarem, levaram-no e o entregaram ao governador Pilatos.  
  
Então, Judas, que o traíra, vendo que Jesus fora condenado, tocado de remorso, tornou a levar as trinta moedas de prata aos principais sacerdotes e aos anciãos, e disse: — Pequei, traindo sangue inocente. Eles, porém, responderam: — Que nos importa? isso é lá contigo. Judas, após arremessar as moedas de prata no santuário, retirou-se e, indo, enforcou-se. (Enforcando-se, Judas demonstrou o seu arrependimento; todavia, cometeu o crime do suicídio, severamente punido pelas leis divinas).  
  
Os principais sacerdotes, apanhando as moedas, disseram: — Não é lícito deitá-las no tesouro sagrado, porque é preço de sangue. Depois de deliberarem em conselho, compraram com elas o Campo do Oleiro, a fim de servir de cemitério para os forasteiros. (Atos 1:18 narra o fato de forma diferente).**

**Por isso aquele campo tem sido chamado, até ao dia de hoje — Hacéldama, isto é, Campo de Sangue. Cumpriram-se assim as palavras proferidas pelo profeta Jeremias: — E tomaram as trinta moedas de prata, preço daquele que foi avaliado, a quem alguns dos filhos de Israel apreçaram; e deram-nas pelo Campo do Oleiro, como me ordenou o Senhor.**

|  |  |
| --- | --- |
| **JUÍZO FINAL** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- A Gênese - pág. Cap.XVII, 62** | **02 - A plural.dos Mundos Habitados - pág. 180** |
| **03 - A reencarnação na Bíblia - pág. 13** | **04 - A vida além do véu - pág. 160** |
| **05 - Depois da morte - pág. 204** | **06 - Nas pegadas do Mestre - pág. 188** |
| **07 - O Livro dos Espíritos - q. 1011** | **08 - O que é a morte - pág. 57, 59** |
| **09 - Revista Espírita - 1868 - pág. 53** | **10 - Sessões práticas e dout. do Esp. - pág. 203** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**JUÍZO FINAL – COMPILAÇÃO**

**01- A Gênese - Allan Kardec - Cap.XVII, 62**

**JULGAMENTO FINAL  
62. Ora, quando o Filho do homem vier em sua majestade, acompanhado de todos os seus anjos, sentar-se-á sobre o trono de sua glória; - e todas as nações estando reunidas diante dele, separará umas das outras como um pastor separa as ovelhas dos bodes e colocará as ovelhas à sua direita e os bodes à sua esquerda. - Então o Rei dirá àqueles que estão à sua direita: Vinde, vós, que fostes bendito por meu Pai, etc.. (São Mateus, cap. XXV, v. de 31 a 46 - O Evangelho Segundo o Espiritismo, cap.XV).**

**63. Devendo o bem reinar sobre a Terra, é necessário que os Espíritos endurecidos no mal, e que poderiam trazer-lhe perturbação, dela sejam excluídos. Deus deixou-lhes o tempo necessário para a sua melhoria; mas, tendo chegado o momento em que o globo deve se elevar na hierarquia dos mundos, pelo progresso moral de seus habitantes, a estada, como Espíritos e como Encarnados, nele será interditada àqueles que não aproveitaram as instruções que estiveram livres para aí receber. Serão exilados em mundos inferiores, como o foram outrora, sobre a Terra, os da raça adâmica, ao passo que serão substituídos por Espíritos melhores. E essa separação, à qual Jesus presidira, que está figurada por esta palavras o julgamento final: "Os bons passarão a minha direita, e os maus à minha esquerda." (Cap. XI, ns 31 e seguintes).  
  
64. - A doutrina de um julgamento final, único e universal, colocando para sempre fim à Humanidade, repugna à razão, no sentido que ela implicaria a ínatividade de Deus durante a eternidade que precedeu à criação da Terra, e a eternidade que seguirá à sua destruição. Pergunta-se de qual utilidade seria, então, o Sol, a Lua e as estrelas, as quais, segundo a Gênese, foram feitas para clarear o nosso mundo. Admira-se que uma obra tão imensa haja sido feita para tão pouco tempo e para proveito de seres cuja maior parte estava devotada antecipadamente aos suplícios eternos.  
  
65. - Materialmente, a idéia de um julgamento único era, até um certo ponto, admissível para aqueles que não procuravam a razão das coisas, então quando se acreditava toda a Humanidade concentrada sobre a Terra, e que tudo, no Universo, fora feito pelos seus habitantes: ela é inadmissível desde que se sabe que há bilhões de mundos semelhantes que perpetuam as Humanidades durante a eternidade, e entre os quais a Terra é um ponto imperceptível, dos menos considerados.  
  
Só por este fato vê-se que Jesus tinha razão em dizer aos seus discípulos: "Há muitas coisas que não posso vos dizer, porque não as compreenderíeis," uma vez que o progresso das ciências era indispensável para uma sadia interpretação de algumas de suas palavras. Seguramente os apóstolos, São Paulo e os primeiros discípulos, teriam estabelecido de outro modo certos dogmas se tivessem os conhecimentos astronômicos, geológicos, físicos, químicos, fisiológicos e psicológicos que se possuem hoje. Também Jesus adiou o complemento de suas instruções, e anunciou que todas as coisas deveriam ser restabelecidas.  
  
66. - Moralmente, um julgamento definitivo e sem apelação é inconciliável com a bondade infinita do Criador, que Jesus nos apresenta, sem cessar, como um bom Pai, deixando sempre um caminho aberto ao arrependimento e pronto a estender os seus braços ao filho pródigo. Se Jesus houvesse entendido o julgamento neste sentido, teria desmentido as suas próprias palavras.  
  
E depois, se o julgamento final deve surpreender os homens de improviso, no meio de seus trabalhos comuns e as mulheres grávidas, pergunta-se com qual objetivo Deus, que não faz nada de inútil e nem de injusto, faria nascer crianças e criaria almas novas nesse momento supremo, no termo fatal da Humanidade, para passá-las por um julgamento ao saírem do seio materno, antes que tivessem consciência de si mesmas, enquanto que outros tiveram milhares de anos para se reconhecerem? De que lado, à direita ou à esquerda, passarão estas almas que não são ainda nem boas e nem más e a quem todo caminho ulterior de progresso está doravante fechado, uma vez que a Humanidade não existirá mais? (Cap. II, n° 19).  
  
Que aqueles cuja razão se contenta com semelhantes crenças as conservem, é seu direito, e ninguém nisso encontre o que censurar; mas que não levem a mal que nem todo o mundo seja de sua opinião.  
  
67. - O julgamento, pela via da emigração, tal qual foi definida acima (63), é racional; está fundado sobre a mais rigorosa justiça, tendo em vista que deixa eternamente ao Espírito o seu livre arbítrio; que não se constitui privilégio para ninguém; uma igual latitude é dada por Deus a todas as criaturas, sem exceção, para progredir; que o aniquilamento mesmo de um mundo, ocasionando a destruição do corpo, não ocasionaria nenhuma interrupção à marcha progressiva do Espírito. Tal é a consequência da pluralidade dos mundos e da pluralidade das existências.  
  
Segundo esta interpretação, a qualificação de julgamento final não é exata, uma vez que os Espíritos passam por semelhantes julgamentos em cada renovação de mundos que habitam, até que tenham atingido um certo grau de perfeição. Não há, propriamente falando, julgamento final, mas há julgamentos gerais em todas as épocas de renovação parcial ou total da população dos mundos, em consequência das quais se operam as grandes emigrações e imigrações de Espíritos.**

**02 - A pluralidade dos Mundos Habitados - Camille Flammarion - pág. 180**

**(...) Os raios luminosos que nos chegam das estrelas nos contam a história antiga de um número infinito de criações cuja história atual é desconhecida desta pobre Terra. Suponhamos, por exemplo, que a magnífica Sírius se apague hoje por uma catástrofe qualquer, e a luz levando 14 anos para nos chegar deste astro, nós o veríamos ainda por 14 anos naquele mesmo ponto do céu de onde teria, na verdade, desaparecido há muito. Se as estrelas fossem aniquiladas hoje, elas brilhariam ainda muitos anos, muitos séculos, muitos milhares de anos sobre nossas cabeças; e é possível que as estrelas das quais ainda nos esforçamos presentemente por estudar seu caminho e sua natureza, não existam mais desde o começo do mundo (o mundo terrestre)!**

**Não, não conhecemos a história passada do Universo; nossas relações com esses astros resplandecentes que brilham no éter se limitam a alguns raios que se pôde medir por estarem mais próximos; tudo o mais nos é ocultado pela distância. As transformações perpétuas da criação se efetuam sem que nos seja possível estudá-las nem conhecê-las; mundos nascem, vivem e morrem; sóis se acendem ou se extinguem; humanidades crescem e caminham para seus destinos diversos; a obra de Deus se cumpre: e nós, nós somos arrebatados como os outros no eterno abismo, sem nada saber.  
  
Há estrelas cujo brilho diminui. No ano 276 antes de nossa era, Eratóstenes dizia, falando das estrelas da constelação do Escorpião: "Elas são precedidas da mais bela de todas, a estrela brilhante da serra boreal"; ora, atualmente ai serra boreal não domina mais em brilho os asterismos ao seu redor.  
  
Hiparco dizia, 120 anos antes de Cristo: "A estrela da pata da frente do Carneiro é notavelmente bela"; ela é hoje de quarta grandeza. Flamsteed assinalou na constelação da Hidra duas estrelas de quarta grandeza que W. Herschel achou de oitava, no século seguinte. A comparação dos catálogos antigos aos modernos mostra muitos exemplos análogos. O jurisconsulto astrônomo Bayer assinalou Alfa do Dragão como de segunda grandeza; ela agora só é de terceira.  
  
— Há estrelas coloridas cuja luz sofreu alterações de cor. Assim é Sírius, que as obras da antiguidade mencionam como de cor vermelha muito pronunciada, e que atualmente é do mais puro branco. — Há estrelas que se extinguiram, e das quais não se encontra pais nenhum traço onde no passado eram observadas. Jean-Dominique Cassini, o primeiro diretor de nosso Observatório, anunciava no fim do século XVII que a estrela marcada no catálogo de Bayer acima de épsilon da Ursa Menor tinha desaparecido. A nona e a décima do Touro também desapareceram. De 10 de outubro de 1781 a 25 de março de 1782, o célebre astrônomo de Slough assistiu aos últimos dias da 55a de Hércules, que caiu do vermelho ao pálido e se extinguiu logo em seguida.**

**— Há estrelas cuja intensidade luminosa aumenta. Dentre estas: a 31a do Dragão, cujas observações constataram o crescimento da sétima à quarta grandeza; a 34a do Lince, que subiu da sétima para a quinta, e a 38a de Perseu, que se elevou da sexta para a quarta.  
—Há estrelas cujo brilho varia periodicamente, e que passam regularmente de um máximo a um mínimo de intensidade segundo um ciclo constante. Tais são, para longos períodos: a estrela misteriosa omicron da Baleia, cuja periodicidade, muito irregular, varia da segunda grandeza à desaparição completa; do pescoço do Cisne, cuja periodicidade é de treze meses e meio, e que varia da quinta à décima primeira grandeza; a 30a da Hidra de Hevélius, que, no intervalo de quinhentos dias, varia da quarta grandeza à desaparição.   
  
Tais são ainda, para curtos períodos: delta de Cefeu, cuja periodicidade é de cinco dias e oito horas, e a variação da terceira à quinta grandeza; beta da Lira, cuja periodicidade é de seis dias e nove horas, e a variação, da terceira à quinta, igualmente; gama de Antínoo, que varia em sete dias e quatro horas, da quarta à quinta grandeza. — Há estrelas que apareceram subitamente, brilharam com fulgor mais intenso, e desapareceram para não mais reaparecer. Tais são as estrelas novas que se acenderam sob o imperador Adriano e sob o imperador Honório, no segundo e no quarto século; a estrela imensa observada no quarto século no Escorpião por Albumazar, e a que apareceu no décimo, sob o imperador Othon I.**

**Assim foi a memorável estrela de 1572, que enriqueceu durante dezessete meses a constelação de Cassiopéia, ultrapassando Vega, Sírius e Júpiter em brilho, fenômeno que fez a estupefação dos astrônomos e o terror dos fracos. Nos primeiros dias de sua aparição, ela podia ser discernida em pleno dia; seu brilho enfraqueceu gradualmente mês a mês, passando por todas as grandezas até a desaparição completa. Para dizer de passagem, poucos acontecimentos históricos causaram tanto barulho quanto esse misterioso enviado do céu. Era 11 de novembro de 1572, poucos meses após o massacre de São Bartolomeu; o mal-estar geral, a superstição popular, o medo dos cometas, o temor pelo fim do mundo, anunciado havia muito pelos astrólogos, eram um excelente pano de fundo para uma tal aparição.**

**Também logo foi anunciado que a estrela nova era a mesma que conduzira os Magos a Belém, e que sua vinda pressagiava a volta do Homem-Deus à Terra e o juízo final. Pela centésima vez, quiçá, este tipo de prognóstico foi dado como absurdo; isto não impediu que os astrólogos tivessem grande crédito doze anos mais tarde, quando anunciaram de novo o fim do mundo para o ano de 1588; essas predições tiveram no fundo a mesma influência sobre as massas populares, até nosso século e — por que não dizê-lo? — não produziram muito bem o seu pequeno efeito muito recentemente, por ocasião do cometa imaginário de 13 de junho de 1857? Ai de nós! A história de nossa humanidade a história de suas fraquezas!**

**— Mas retornemos ao nosso tema. Entre as estrelas que apareceram subitamente para não mais reaparecer, mencionemos ainda a de 1604, que, a 10 de outubro do mesmo ano, ultrapassava em sua brancura resplandecente as mais brilhantes estrelas, e o brilho de Marte, Júpiter e Saturno, perto dos quais se encontrava; no mês de abril de 1605, ela decaíra para a terceira grandeza, e em março de 1606, tornara-se completamente invisível. Citemos por fim a famosa estrela da Raposa, que apareceu igualmente em 1604, e ofereceu o singular fenômeno de se enfraquecer e se reanimar várias vezes antes de se apagar completamente. Aparições análogas se manifestaram em 1848,1866 e 1876.**

**Acabamos de traçar sumariamente a história de algumas das transformações ocorridas no universo visível, e que se observaram daqui; percebemos que esta história é apenas um sinal do que se passa cotidianamente na universalidade do céu, mas basta para destruir em nós a idéia antiga da aparente imobilidade de um céu solitário. O hábito que temos de forçosamente só contemplar os mundos do espaço durante as trevas de nossas noites, o silêncio e a solidão que nos envolvem na letargia da natureza e no sono dos seres, dão-nos uma falsa impressão do espetáculo que se estende além da Terra, '' e somos levados a observar o céu estrelado como participando do estado de coisas que nos rodeia.**

**É uma ilusão que devemos a nossos sentidos, mas que é importante corrigir pelo raciocínio. Todo planeta tendo um hemisfério escuro e um iluminado, pois só um lado do globo pode receber de cada vez os raios solares, o dia e a noite se sucedem constantemente para todos os pontos do globo, seguindo o movimento de rotação do planeta, e a noite é, por conseguinte, um fenômeno parcial, ao qual o resto do Universo é totalmente estranho. (...)**

**03 - A reencarnação na Bíblia - Hermínio C.Miranda - pág. 13**

**O PROFETA  
Não é, porém, para assustar o leitor e nem para impressioná-lo que estamos aqui a projetar imagens de um conflito nuclear. Propositadamente deixamos no texto duas palavras-chave: apocalíptica e profético. Tomemos essas chaves, abramos as portas e penetremos no vestíbulo de uma especulação.  
  
Suponhamos que algum profeta antigo, vidente, sensitivo ou médium — chame-o como quiser — tivesse tido a visão antecipada da "hora final" há cerca de dois mil anos. Como iria ele relatar o que viu ? Nada sabe ele de energia nuclear. Não pode, sequer, imaginar que estranhos aparelhos metálicos mais pesados do que o ar sejam capazes de voar a incrível velocidade, com enorme estrondo e melhor do que pássaros e gafanhotos. Desconhece explosivos poderosos, radiações mortíferas, radares vigilantes e computadores obedientes.  
  
E, no entanto, o profeta precisa contar tudo o que viu, pois assim lhe ordenaram. Para que haveriam de mostrar-lhe o que está para acontecer senão para que ele informasse aos homens dos trágicos acontecimentos que os aguardam ? Por isso, ao retornar de seu "arrebatamento em espírito ao céu" — isto que hoje se chama transe — o profeta está bem consciente de que tem de descrever, o melhor que puder, suas enigmáticas visões.**

**Para ele próprio, elas são incompreensíveis e até absurdas, mas ele sabe, sem saber por que, que, para alguém, em algum tempo, em algum lugar, suas visões seriam claras como a água da fonte. Era preciso, pois, traduzir todas aquelas imagens puramente visuais em símbolos gráficos. Não há palavras apropriadas para descrevê-las e, mais sério ainda, o profeta nem mesmo sabe o que se passou ante seus aturdidos olhos — sabe apenas que, um dia, aquilo seria uma trágica e implacável realidade.  
  
Então, ele sentou-se pensativo, desenrolou o pergaminho diante de si, tomou do estilete, mergulhou-o no tinteiro de pedra e começou assim: — Eu, João, vosso irmão e companheiro nas tribulações, na realeza e na paciência por Jesus, estava na ilha de Patmos por causa da palavra de Deus e do testemunho de Jesus. Num domingo, fui arrebatado em espírito, e ouvi, por trás de mim, voz forte como trombeta, que dizia: "O que vês, escreve-o num livro e manda-o às sete igrejas . . ."  
  
Por que remeter o mesmo relato a sete igrejas diferentes ? Era para que se multiplicassem por sete as chances de sobrevivência do texto que precisava vencer a inexorável passagem dos séculos. Bastava que dois deles, apenas, fossem preservados e um poderia servir para conferir o outro. Em último caso, bastaria um só. O importante era que a mensagem resistisse ao tempo para que, na época certa, produzisse o resultado para o qual estava sendo elaborada.  
  
Assim nasceu o Apocalipse ou Revelação, com as misteriosas visões de João, o Discípulo Amado, o Apóstolo, o Vidente de Patmos, o Profeta do Apocalipse. Abrimos este estudo com a exata "tradução" em linguagem moderna do mesmíssimo texto escrito por João em Patmos, ao findar-se o primeiro século da era cristã. Vamos reler, para confrontar, o relato de João, tal como se encontra no Capítulo 9, versículos 1 a 12: — Tocou o quinto anjo a sua trombeta. Vi, então, uma estrela que caíra do céu sobre a terra.**

**Deu-se a ela a chave do poço do Abismo. Abriu o poço do Abismo e subiu do poço uma fumarada como a de um forno grande e o sol e o ar se escureceram com a fumarada do poço. Da fumarada saíram gafanhotos sobre a terra e lhes foi dado o poder que têm os escorpiões da terra. E lhes foi dito que não causassem dano à erva da terra, nem a nada verde e nem a nenhuma árvore, mas somente aos homens que não trouxessem na fronte o sinal de Deus.**

**Foi-lhes dado não o poder para matá-los mas para atormentá-los durante cinco meses (João não viu a imediata destruição da vida e, por isso, entendeu que, a despeito da terrível explosão, aquilo não passaria de um horrendo tormento). O tormento era semelhante ao da picada do escorpião em alguém. E naqueles dias os homens buscarão a morte e não a encontrarão; desejarão morrer e a morte fugirá deles (Admirável precisão de linguagem para figurar um bando apavorado de condenados, agitando-se insensatamente daqui para acolá).**

**A aparência desses gafanhotos era semelhante ao de cavalos aparelhados para a guerra; sobre suas cabeças traziam coroas que pareciam de ouro; seus rostos eram como rostos humanos; tinham cabelos de mulheres e seus dentes eram como os do leão; tinham couraças como couraças de ferro e o ruído de suas asas era como o estrondo de carros de muitos cavalos (curiosa expressão essa - muitos cavalos - que é, precisamente, como se mede hoje a potência dos motores de avião e outros) que correm em combate; e tinham caudas parecidas com a dos escorpiões com aguilhões em suas caudas e o poder de causar danos aos homens durante cinco meses.**

**Tem sobre si, como rei, ao Anjo do Abismo, chamado em hebraico Abadon e em grego Apolion. O primeiro, Ai!, já passou. Veja que atrás vêm contudo outros dois (maneira indireta, mas corretíssima, de descrever a fantástica velocidade dos aparelhos. No espaço de um "ai" o primeiro jato já passou, enquanto outros vêm atrás desabalados).**

**05 - Depois da morte - Léon Denis - pág. 204**

**XXXI — O JULGAMENTO  
Uma lei tão simples em seus princípios quanto admirável em seus efeitos preside à classificação das almas no espaço. Quanto mais sutis e rarefeitas são as moléculas constitutivas do perispírito tanto mais rápida é a desencarnação, tanto mais vastos são os horizontes que se rasgam ao Espírito. Devido ao seu peso fluídico e às suas afinidades, ele se eleva para os grupos espirituais que lhe são similares. Sua natureza e seu grau de depuração determinam-lhe nível e classe no meio que lhe é próprio.  
  
Com alguma exatidão tem-se comparado a situação dos Espíritos no espaço à dos balões cheios de gases de densidades diferentes que, em virtude de seus pesos específicos, se elevam a alturas diversas. Mas, cumpre que nos apressemos em acrescentar que o Espírito é dotado de liberdade e, portanto, não estando imobilizado em nenhum ponto, pode, dentro de certos limites, deslocar-se e percorrer os paramos etéreos.  
  
Pode, em qualquer tempo, modificar suas tendências, transformar-se pelo trabalho ou pela prova, e, conseguintemente, elevar-se à vontade na escala dos seres. É, pois, uma lei natural, análoga às leis da atração e da gravidade, a que fixa a sorte das almas depois da morte. O Espírito impuro, acabrunhado pela densidade de seus fluidos materiais, confina-se nas camadas inferiores da atmosfera, enquanto a alma virtuosa, de envoltório depurado e sutil, arremessa-se, alegre, rápida como o pensamento, pelo azul infinito.  
  
É também em si mesmo — e não fora de si, é em sua própria consciência que o Espírito encontra sua recompensa ou seu castigo. Ele é seu próprio juiz. Caído o vestuário de carne, a luz penetra-o e sua alma aparece nua, deixando ver o quadro vivo de seus atos, de suas vontades, de seus desejos. Momento solene, exame cheio de angústia e, muitas vezes, de desilusão. As recordações despertam em tropel e a vida inteira desenrola-se com seu cortejo de faltas, de fraquezas, de misérias. Da infância à morte, tudo, pensamentos, palavras, ações, tudo sai da sombra, reaparece à luz, anima-se e revive.**

**O ser contempla-se a si mesmo, revê, uma a uma, através dos tempos, suas existências passadas, suas quedas, suas ascensões, suas fases inumeráveis. Conta os estágios franqueados, mede o caminho percorrido, compara o bem e o mal realizados. Do fundo do passado obscuro, surgem, a seu apelo, como outros tantos fantasmas, as formas que revestiu através das vidas sucessivas. Em uma visão clara, sua recordação abraça as longas perspectivas das idades decorridas; evoca as cenas sanguinolentas, apaixonadas, dolorosas, as dedicações e os crimes; reconhece a causa dos processos executados, das expiações sofridas, o motivo da sua posição atual.**

**Vê a correlação que existe, unindo suas vidas passadas aos anéis de uma longa cadeia desenrolando-se pelos séculos. Para si, o passado explica o presente e este deixa prever o futuro. Eis para o Espírito a hora da verdadeira tortura moral. Essa evocação do passado traz-lhe a sentença temível, a increpação da sua própria consciência, espécie de julgamento de Deus. Por mais lacerante que seja, esse exame é necessário porque pode ser o ponto de partida de resoluções salutares e da reabilitação.  
  
O grau de depuração do Espírito, a posição que ocupa no espaço representam a soma de seus progressos realizados e dão a medida do seu valor moral. É nisto que consiste a sentença infalível que lhe decide a sorte, sem apelo. Harmonia profunda! Simplicidade maravilhosa que as instituições humanas não poderiam reproduzir; o princípio de afinidade regula todas as coisas e fixa a cada qual o seu lugar. Nada de julgamento, nada de tribunal, apenas existe a lei imutável executando-se por si própria, pelo jogo natural das forças espirituais e segundo o emprego que delas faz a alma livre e responsável.  
  
Todo pensamento tem uma forma, e essa forma, criada pela vontade, fotografa-se em nós como em um espelho onde as imagens se gravam por si mesmas. Nosso envoltório fluídico reflete e guarda, como em um registro, todos os fatos da nossa existência. Esse registro está fechado durante a vida, porque a carne é a espessa capa que nos oculta o seu conteúdo. Mas, por ocasião da morte, ele abre-se repentinamente e as suas páginas distendem-se aos nossos olhos.   
  
O Espírito desencarnado traz, portanto, em si, visível para todos, seu céu ou seu inferno. A prova irrecusável da sua elevação ou da sua inferioridade está inscrita em seu corpo fluídico. Testemunhas benévolas ou terríveis, as nossas obras, os nossos desígnios justificam-nos ou acusam-nos, sem que coisa alguma possa fazer calar as suas vozes.**

**Daí o suplício do mau que, acreditando estarem os seus pérfidos desejos, os seus atos culpáveis profundamente ocultos, os vê, então, brotar aos olhos de todos; daí os seus remorsos quando, sem cessar, repassam diante de si os anos ociosos e estéreis, as horas impregnadas no deboche e no crime, assim como as vítimas lacrimosas, sacrificadas a seus instintos brutais. Daí também a felicidade do Espírito elevado, que consagrou toda a sua vida a ajudar e a consolar seus irmãos.  
  
Para distrair-se dos cuidados, das preocupações morais, o homem tem o trabalho, o estudo, o sono. Para o Espírito não há mais esses recursos. Desprendido dos laços corporais, acha-se incessantemente em face do quadro fiel e vivo do seu passado. Assim, os amargores e pesares contínuos, que então decorrem, despertam-lhe, na maior parte dos casos, o desejo de, em breve, tomar um corpo carnal para combater, sofrer e resgatar esse passado acusador.**

**09 - Revista Espírita - Allan Kardec - 1868 - pág. 53**

**INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS - OS MESSIAS DO ESPIRITISMO  
1. -Já vos foi dito que um dia todas as religiões confundir-se-ão numa mesma crença. Ora, eis como isto acontecerá. Deus dará um corpo a alguns Espíritos superiores, e eles pregarão o Evangelho puro. Um novo Cristo virá; porá fim a todos os abusos que duram há tanto tempo, e reunirá os homens sob uma mesma bandeira. Nasceu o novo Messias, e ele restabelecerá o Evangelho de Jesus Cristo. Glória ao seu poder!  
  
Não é permitido revelar o lugar onde nasceu; e se alguém vier j vos dizer: "Ele nasceu em tal lugar"; não acrediteis, porque ninguém o saberá antes que ele seja capaz de se revelar, e daqui até lá, éj preciso que grandes coisas se realizem, para aplainar os caminhos. Se Deus vos deixar viver bastante, vereis pregar o verdadeiro! Evangelho de Jesus Cristo pelo novo Missionário de Deus, e umal grande mudança será feita pelas pregações desse Menino abençoado; à sua palavra poderosa, os homens de diferentes crenças dar-se-ãof as mãos.  
  
Glória a esse divino enviado, que vai restabelecer as leis mal compreendidas e mal praticadas do Cristo! Glória ao Espiritismo, que o precede e que vem esclarecer todas as coisas! Crede, meus irmãos, que não sois senão vós que receberei semelhantes comunicações; mas conservai esta secreta até nova ordem. SÂO JOSÉ (Sétif, Argélia, 1861)  
  
OBSERVAÇÃO: Esta revelação é uma das primeiras no gênerc que nos foram transmitidas. Mas outras a tinham precedidc Depois,foi dado espontaneamente um grande número de comunicí coes sobre o mesmo assunto, em diferentes centros Espíritas da Era e do estrangeiro, todas concordantes no fundo do pensamento, como por toda a parte se compreendeu a necessidade de não divulgar e como nenhuma foi publicada, não podiam ser o reflex de umas sobre as outras. É um dos mais notáveis exemplos da simultaneidade e da concordância do ensino dos Espíritos quando chegado o momento de uma questão.  
  
2. - Está incontestavelmente constatado que a vossa é uma ép ca de transição e de fermentação geral; mas ainda não chegou àqi lê grau de maturidade que marca a vida das nações. E ao vigésir século que está reservado o remanejamento da humanidade; tod as coisas que se vão realizar daqui até lá não são senão preliminar da grande renovação. O homem chamado a consumá-la ainda maduro para realizar sua missão; mas já nasceu e sua estrela apareceu em França marcada por urna auréola e vos foi mostrada há pouco tempo, na África. Sua rota está previamente marcada.**

**A Corrupção dos costumes, as desgraças que serão a consequência do desenvolvimento das paixões, o declínio da fé religiosa serão os sinais precursores de sua vinda. A corrupção no seio das religiões é o sintoma de sua decadência, como é o da decadência dos povos e dos regimes políticos, porque ela é o índice de uma falta de fé verdadeira; os homens corrompidos arrastam a humanidade por uma rampa funesta, de onde ela não pode sair senão por uma crise violenta. Dá-se o mesmo com as religiões que substituem o culto da Divindade pelo culto do dinheiro das honras, e que se mostram mais ávidas dos bens materiais da Terra do que dos bens espirituais do céu. FÉNELON (Constantine, dezembro de 1861)  
  
3 - Quando uma transformação da humanidade deve operar-se, Deus envia em missão um Espírito capaz, por seus pensamentos e por sua inteligência superior, de dominar seus contemporâneos e de imprimiràs gerações a vir as idéias necessárias para uma revolução moral civilizadora. De tempos em tempos vêm-se assim elevar-se acima do comum homens seres que, como faróis os guiam na via do progresso e os fazem transpor em alguns anos as etapas de vários séculos.**

**O papel de alguns é limitado a uma região ou uma raça; são como oficiais sob o comando, conduzindo cada um uma divisão do exército; mas há outros cuja missão é agir sobre a humanidade inteira, e que não aparecem senão nas épocas mais raras, que marcam a era das transformações gerais. Jesus Cristo foi um desses enviados excepcionais; do mesmo modo, tereis, para os tempos chegados, um Espírito superior que dirigirá o movimento de conjunto e dará uma coesão poderosa às forças esparsas do Espiritismo.  
  
Deus sabe em tempo modificar nossas leis e nossos hábitos, e quando um fato novo se apresentar, esperai e orai, porque o Eterno nada faz que não seja segundo as leis de divina justiça, que regem o Universo. Para vós que tendes fé, e que consagrastes a vossa vida à propagação da idéia regeneradora, isto deve ser simples e justo; mas só Deus conhece aquele que está prometido. Limito-me a dizer-vos: Esperai e orai, porque o tempo é chegado e o novo Messias não vos faltará: Deus saberá designá-lo a seu tempo. E, aliás, e por obras que ele se afirmará.**

**Podeis vos dedicar a muitas coisas, vós que vedes tantas estranhas em relação às idéias admitidas pela civilização moderna. Baluze (Paris, 1862).  
As comunicações deste gênero são inúmeras; aqui apenas publicamos algumas e se as publicamos hoje é que é chegado o momento de levar o fato ao conhecimento de todos, e porque é útil para os Espíritas saber em que sentido se pronunciam os Espíritos em maioria.**

|  |  |
| --- | --- |
| **JULGAMENTO** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- A sombra do olmeiro - pág. 26** | **02 - A vida além do véu - pág. 160** |
| **03 - Agenda cristã - pág. 81** | **04 - Allan kardec - vol. 1 pág. 96** |
| **05 - Amizade - pág. 40** | **06 - Antologia da Espiritualidade - pág. 35** |
| **07 - Caminho, verdade e vida - pág. 107, 117, 165** | **08 - Catecismo Espírita- pág. 105** |
| **09 - Celeiro de Bênçãos - pág. 63** | **10 - Contos e Apólogos- pág. 65** |
| **11 - Coragem - pág. 19** | **12 - Florações evangélicas - pág. 87** |
| **13 - Fonte viva - pág. 89** | **14 - O Livro dos Espiritos - intr. vii q 222, 455,836** |
| **15 - Instrumentos do tempo - pág. 37** | **16 - Nas pegadas do mestre - pág.225** |
| **17 - Oferenda - pág. 96** | **18 - Os funerais da santa sé - pág. 57** |
| **19 - Pedaços do cotidiano - pág. 142** | **20 - Resumo da Doutrina Espírita- pág. 100** |
| **21 - Sem medo de ser feliz - pág. 31** | **22 - Síntese de o novo testamento - pág. 66** |
| **23 - Depois da morte - LÉON DENIS, pág. 204** | **24 - O GRANDE ENIGMA – LÉON DENIS, pág. 197** |
| **25 - Nascer e renascer - pág. 23** |  |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**JULGAMENTO – COMPILAÇÃO**

**07 - Caminho, verdade e vida - Emmanuel - pág. 107, 117, 165**

**46. QUEM ÉS?  
"Há só um Legislador e um Juiz que pode salvar e destruir. Tu, porém, quem és, que julgas a outrem?" - Tiago, 4:12**

**Deveria existir, por parte do homem, grande cautela em emitir opiniões relativamente à incorreção alheia. Um parecer inconsciente ou leviano pode gerar desastres muito maiores que o erro dos outros, convertido em objeto de exame. Naturalmente existem determinadas responsabilidades que exigem observações acuradas e pacientes daqueles a quem foram conferidas. Um administrador necessita analisar os elementos de composição humana que lhe integram a máquina de serviços.**

**Um magistrado, pago pelas economias do povo, é obrigado a examinar os problemas da paz ou da saúde sociais, deliberando com serenidade e justiça na defesa do bem coletivo. Entretanto, importa compreender que homens, como esses, entendendo a extensão e a delicadeza dos seus encargos espirituais, muito sofrem, quando compelidos ao serviço de regeneração das peças vivas, desviadas ou enfermiças, encaminhadas à sua responsabilidade.**

**Na estrada comum, no entanto, verifica-se grande excesso de pessoas viciadas na precipitação e na leviandade. Cremos seja útil a cada discípulo, quando assediado pelas considerações insensatas, lembrar o papel exato que está representando no campo da vida presente, interrogando a si próprio, antes de responder às indagações tentadoras: "Será este assunto de meu interesse? Quem sou? Estarei, de fato, em condições de julgar alguém?"**

**51. MENINOS ESPIRITUAIS  
"Porque qualquer que ainda se alimenta de leite não está experimentado na palavra da justiça, pois é menino". - Paulo, (Hebreus, 5:13**

**Na apreciação dos companheiros de luta, que nos integram o quadro diário, é útil não haja choques, quando, inesperadamente surgirem falhas e fraquezas. Antes da emisão de qualquer juízo, é conveniente conhecer o quilate dos valores espirituais em exame.**

**Jamais prescindamos da compreensão ante os que se desviam do caminho reto. A estrada percorrida pelo homem experiente está cheia de crianças dessa natureza.  
  
Deus cerca os passos do sábio, com as expressões da ignorância, a fim de que a sombra receba luz e para que essa mesma luz seja glorificada. Nesse intercâmbio substancialmente divino, o ignorante aprende e o sábio cresce.**

**Os discípulos de boa-vontade necessitam da sincera atitude de observação e tolerância. É natural que se regozijem com o alimento rico e substancioso com que lhes é dado nutrir a alma; no entanto, não desprezem outros irmãos, cujo organismo espiritual ainda não tolera senão o leite simples dos primeiros conhecimentos.**

**Toda criança é frágil e ninguém deve condená-la por isso. Se tua mente pode librar no vôo mais alto, não te esqueças dos que ficaram no ninho onde nascestee onde estiveste longo tempo, completando a plumagem.**

**Diante dos teus olhos deslumbrados, alonga-s o infinito. Eles estarão contigo, um dia, e, porque a união integral esteja tardando, não os abandones ao acaso, nem lhes recuses o leite que amam e de que ainda necessitam.**

**75. NA CASA DE CÉSAR  
"Todos os santos vos saúdam, mas principalmente os que são da casa de Cesar." - Paulo (Filipense, 4:22)**

**Muito comum ouvirmos observações descabidas de determinados irmãos na crença, relativamente aos companheiros chamados a tarefa mais difíceis, entre as possibilidades do dinheiro ou do poder.**

**A piedade falsa está sempre disposta a criticar o amigo que, aceitando laborioso encargo público, vai encontrar nele muito mais aborrecimentos que notas de harmonia. A análise desvirtuada tudo repara maliciosamente.**

**Se o irmão é compelido a participar de grandes representações sociais, costuma-se estigmatizá-lo como traidor do Cristo. É necessário despender muita vigilância nesses julgamentos.**

**Nos tempos apostólicos, os cristãos de vida pura eram chamados "santos". Paulo de Tarso, humilhado e perseguido em Roma, teve ocasião de conhecer numerosas almas nessas condições, e o que é mais de admirar - conviveu com diversos discípulos de semelhante posição, relacionados com a habitação palaciana de César.**

**Deles recebeu atenções e favores, assistência e carinho. Escrevendo aos filipenses, faz menção especial desses amigos do Cristo. Não julgues, pois, a teu irmão pela sua fortuna aparente ou pelos seus privilégios políticos. Antes de tudo, lembra-te de que havia santos na casa de Nero e nunca olvides tão grandiosa lição.**

**11 - Coragem - Espíritos Diversos - pág. 19**

**4. TUAS DIFICULDADES  
Imagina como seria difícil de suportar um educandário em que os alunos tão-somente soubessem chorar na hora do ensino. Reportamo-nos à imagem para considerar que sendo a Terra nossa escola multi-milenária, urge receber-lhe as dificuldades por lições aceitando-lhe a utilidade e o objetivo.**

**Diante dos obstáculos, ninguém precisa fixar-se no lado escuro que apresentem. Um náufrago, faminto de estabilidade, ao sabor das ondas, não se lembrará de examinar o do no fundo das águas, mas refletirá no melhor meio de alcançar a terra firme. Todo minuto de queixa é minuto perdido, arruinando potencialidades preciosas para a solução dos problemas, sobre os quais estejamos deitando lamentação.  
  
Toda prova, seja qual for, aparece na estrada, a fim de elastecer-nos a força e aperfeiçoar-nos a experiência. Em síntese, quase toda dificuldade implica sofrimento e todo sofrimento, notadamente aqueles que não provocamos, redunda em renovação e auxílio para nós mesmos, lembrando a treva noturna, em cujo ápice começa a alvorada nova.  
  
Saibamos arrostar os impedimentos da vida, sem receá-los. Cada qual deles é portador de mensagem determinada. Esse é um desafio a que entesoures paciência, aquele outro te impele à sublimação da capacidade de amar no cadinho da provação. Aprendamos, sobretudo, a decifrar os enigmas da existência, na oficina do Bem Eterno.**

**Serve e compreende.   
Serve e suporta.   
Serve e constrói.   
Serve e beneficia.  
  
Tuas dificuldades — tuas bênçãos. Nelas e por elas, encontrarás o estímulo necessário para que não te precipites nos despenhadeiros do orgulho, e nem te encarceres nas armadilhas do marasmo, prosseguindo, passo a passo, degrau a degrau, em tua jornada de burilamento e ascensão.  
EMMANUEL**

**13 - Fonte viva -Emmanuel - pág. 89**

**37. NA OBRA REGENERATIVA**

**"Irmãos, se algum homem chegar a ser surpreendido nalguma ofensa, vós, que sois espirituais, orientai-o com espírito de mansidão, velando por vós mesmos para que não sejais igualmente tentados." - Paulo. (Gálatas, 6:1)**

**Se tentarmos orientar o irmão perdido nos cipoais do erro, com aguilhões de cólera, nada mais fazemos que lhe despertar a ira contra nós mesmos. Se lhe impusermos golpes, revidará com outros tantos. Se lhe destacamos as falhas, poderá salientar os nossos gestos menos felizes.**

**Se opinamos para que sofra o mesmo mal com que feriu a outrem, apenas aumentamos a percentagem do mal, em derredor de nós. Se lhe aplaudimos a conduta errônea, aprovamos o crime. Se permanecemos indiferentes, sustentamos a perturbação. Mas se tratarmos o erro do semelhante, como quem cogita de afastar a enfermidade de um amigo doente, estamos, na realidade, concretizando a obra regenerativa.  
  
Nas horas difíceis, em que vemos um companheiro despenhar-se nas sombras interiores, não olvidemos que, para auxiliá-lo, é tão desaconselhável a condenação, quanto o elogio. Se não é justo atirar petróleo às chamas, com o propósito de apagar a fogueira, ninguém cura chagas com a projeção de perfume. Sejamos humanos, antes de tudo. Abeiremo-nos do companheiro infeliz, com os valores da compreensão e da fraternidade.  
  
Ninguém perderá, exercendo o respeito que de­vemos a todas as criaturas e a todas as coisas. Situemo-nos na posição do acusado e refutamos se, nas condições dele, teríamos resistido às sugestões do mal. Relacionemos as nossas vantagens e os prejuízos do próximo, com imparcialidade e boa intenção.  
  
Toda vez que assim procedermos, o quadro se modifica nos mínimos aspectos. De outro modo será sempre fácil zurzir e condenar, para cairmos, com certeza, nos mesmos delitos, quando formos, por nossa vez, visitados pela tentação.**

**14 - O Livro dos Espiritos -Allan Kardec - intr. vii questões: 222, 455, 836, 904, 919, 964, concl. I**

**VII — A CIÊNCIA E O ESPIRITISMO  
A oposição das corporações científicas é, para muita gente, senão uma prova, pelo menos uma forte presunção contrária. Não somos dos que levantam a voz contra os sábios, pois não queremos dar motivo a nos chamarem de estouvados; temo-los, pelo contrário, em grande estima e ficaríamos muito honrados se fôssemos contados entre eles. Entretanto, sua opinião não poderia representar, em todas as circunstân ias, um julgamento irrevogável.**

**Quando a Ciência sai da observação material dos fatos e trata de apreciá-los e explicá-los, abre-se para os cientistas o campo da ponjecturas: cada um constrói o seu sistemazinho, que deseja sustenta encarniçadamente. Não vemos diariamente contraditórias serem preconizadas e rejeitadas, repelidas com erros absurdos e depois proclamadas como verdades o verdadeiro critério dos nossos julgamentos, o argumento sem réplica. Na ausência dos fatos, a dúvida é a opinião do homem prudente.  
  
No tocante às coisas evidentes, a opinião dos sábios é justamente digna de fé, porque eles as conhecem mais e melhor que o vulgo. Mas, no tocante a princípios novos, a coisas desconhecidas, não é mais do que hipotética, porque eles não são mais aceitos que os outros. Direi mesmo que o sábio terá, talvez mais preconceitos que qualquer outro, pois uma propensão natural o leva a tudo subordinar ao ponto de vista de sua especialidade: o matemático não vê nenhuma espécie de prova, senão por meio de uma demonstração algébrica, o químico relaciona tudo com a ação dos elementos, e assim por diante.**

**Todo homem que se dedica a uma especialidade escraviza a ela as suas idéias. Afastai-o do assunto e ele quase sempre se confundirá porque deseja tudo submeter ao seu modo de ver; é esta uma consequência da fragilidade humana. Consultarei, portanto, de bom grado e com absoluta confiança, um químico sobre uma questão de análise; um físico sobre a força elétrica; um mecânico sobre a força motriz; mas eles me permitirão, sem que isto afete a estima que lhes devo por sua especialização, que não tenha em melhor conta a sua opinião negativa sobre o Espiritismo do que a de um arquiteto sobre questões de música.  
  
As ciências comuns se apoiam nas propriedades da matéria, que pode ser experimentada e manipulada à vontade; os fenômenos espíritas se apoiam na ação de inteligências que têm vontade própria e nos provam a todo instante não estarem submetidas ao nosso capricho. As observações, portanto, não podem ser feitas da mêsma maneira que num e noutro caso. No Espiritismo elas requerem condições especiais e outra maneira de encará-las: querer sujeitá-las aos processos ordinários de investigação, seria estabelecer analogias que não existem. A Ciência propriamente dita, como Ciência, é incompetente para se pronunciar sobre a questão do Espiritismo: não lhe cabe ocupar-se do assunto e seu pronunciamento a respeito, qualquer que seja, favorável ou não, nenhum peso teria.**

**O Espiritismo é o resultado de uma convicção pessoal que os sábios podem ter como indivíduos, independente de sua condição de sábios. Querer, porém, deferir a questão à Ciência seria o mesmo que entregar a uma assembléia de físicos ou astrônomos a solução do problema da existência da alma. Com efeito, o Espiritismo repousa inteiramente sobre a existência da alma e o seu estado após a morte. Ora, é supinamente ilógico pensar que um homem deve ser grande psicólogo pelo simples fato de ser grande matemático ou grande anatomista.**

**O anatomista, dissecando o corpo humano, procura a alma e, porque não a encontra com o seu bisturi, como se encontrasse um nervo, ou porque não a vê evolar-se como um gás, conclui que ela não existe. Isto, em razão de colocar-se num ponto de vista exclusivamente material. Segue-se daí que ele esteja com a razão, contra a opinião universal? Não. Vê-se, portanto, que o Espiritismo não é da alçada da Ciência.  
  
Quando as crenças espíritas estiveram vulgarizadas, quando forem aceitas pelas massas, — o que, a julgar pela rapidez com que se propagam, não estaria muito longe, — dar-se-á com elas o que se tem dado com todas as idéias novas que encontraram oposição: os sábios se renderão à evidência. Eles as aceitarão individualmente, pela força das circunstâncias. Até que isso aconteça, seria inoportuno desviá-los de seu trabalhos especiais para constrangê-los a ocupar-se de coisa estranha que não está nas suas atribuições nem nos seus programas.**

**Enquanto isso, os que, sem estudo prévio e aprofundado da questão, pronunciam-se pela negativa e zombam dos que não concordam com a sua opinião esquecem que o mesmo aconteceu com a maioria das grandes descobertas que honram a Humanidade. Arriscam-se a ver os seus nomes aumentando a lista dos ilustres negadores das ideias novas, inscritos ao lado dos membros da douta assembléia que, em 1752, recebeu com estrondosa gargalhada o relatório de Franklin sobre os pára-raios, julgando indigno de figurar entre as comunicações da pauta, e daquela outra que fez a França perder as vantagens da navegação a vapor ao declarar o sistema de Fulton um sonho impraticável.**

**Não obstante, eram questões de alçada da Ciência. Se essas assembléias, que contavam com os maiores sábios do mundo, só tiveram zombaria e sarcasmo para as idéias que ainda não compreendiam e que alguns anos mais tarde deviam revolucionar a Ciência, os costumes e a indústria, como esperar que uma questão estranha aos seus trabalhos possa ser melhor aceita?  
  
Esses erros lamentáveis não tirariam aos sábios, entretanto, os títulos com que, noutros assuntos, conquistam o nosso respeito. Mas é necessário um diploma oficial para se ter bom senso? E fora das cátedras acadêmicas não haverá mais do que tolos e imbecis? Basta olhar para os adeptos da doutrina espírita, para se ver se entre eles só existem ignorantes e se o número imenso de homens de mérito que a abraçaram permite que a releguemos ao rol das simples crendices. O caráter e o saber desses homens autorizam-nos a dizer: pois se eles o afirmam, deve pelo menos haver alguma coisa.  
  
Repetimos ainda que, se os fatos de que nos ocupamos estivessem reduzidos ao movimento mecânico dos corpos, a pesquisa da causa física do fenômeno seria do domínio da Ciência; mas desde que se trata de uma manifestação fora do domínio das leis humanas, escapa à competência da Ciência material, porque não pode ser explicada por números, nem por forças mecânicas. Quando surge um fato novo, que não se enquadra em nenhuma Ciência conhecida, o sábio, para o estudar, deve lazer abstração de sua ciência e dizer a si mesmo que se trata de um estudo novo, que não pode ser feito com idéias preconcebidas.  
  
O homem que considere a sua razão infalível está bem próximo do erro; mesmo aqueles que têm as mais falsas idéias apoiam-se na própria razão e é por isso que rejeitam tudo quanto lhes parece impossível. Os que ontem repeliram as admiráveis descobertas de que a Humanidade hoje se orgulha, apelaram a esse juiz para as rejeitar. Aquilo que chamamos razão é quase sempre o orgulho mascarado, e quem quer que se julgue infalível coloca-se como igual a Deus. Dirigimo-nos, portanto, aos que são bastante ponderados para duvidar do que não viram e, julgando o futuro pelo passado, não acreditam que o homem tenha chegado ao apogeu nem que a Natureza lhes tenha virado a última página do seu livro. (...)**

**Perg. 836 - O homem tem o direito de opor entraves à liberdade de consciência?  
- Não mais do que à liberdade de pensar, porque somente a Deus pertence o direito de julgar a consciência. Se o homem regula pelas suas leis as relações de homem para homem, Deus, por suas leis naturais, regula as relações do homem com Deus.**

**Perg. 904 - É culpado o que sonda os males da sociedade e os desvenda?  
- Isso depende do sentimento que o leva a fazê-lo. Se o escritor só quer fazer escândalo, é um prazer pessoal que se proporciona, apresentando quadros que são, em geral, antes um mau do que um bom exemplo. O Espírito faz uma apreciação, mas pode ser punido por essa espécie de prazer que sente em revelar o mal.**

**Perg. 919 - Qual o meio prático mais eficaz para se melhorar nesta vida e resistir ao arrastamento do mal?  
- Um sábio da Antiguidade vos disse: "Conhece-te a ti mesmo".**

**Perg. 964 - Deus tem necessidade de se ocupar de cada um dos nossos atos, para nos recompensar ou punir? A maioria desses atos não são para Ele insignificantes?  
- Deus tem as suas leis, que regulam todas as vossas ações. Se as violardes, a culpa é sua. Sem dúvida, quando um homem comete um excesso, Deus não expende um julgamento contra ele, dizendo-lhe por exemplo: tu és um glutão e eu te vou punir. Mas Ele traçou um limite: as doenças e, por vezes, a morte são consequências dos excessos. Eis a punição: ela resulta da infração da lei. Assim se passa em tudo.**

**CONCLUSÃO I  
Aquele que só conhecesse de magnetismo terrestre o jogo dos patinhos imantados, que fazemos nadar na água de uma bacia, dificilmente poderia compreender que esse brinquedo encerra o segredo do mecanismo do Universo e do movimento dos mundos. Acontece o mesmo com o que só conhece do Espiritismo o movimento das mesas; ele não vê mais que um divertimento, um passatempo das reuniões sociais e não compreende que esse fenômeno tão simples e tão vulgar, conhecido da Antiguidade e até mesmo dos povos semi-selvagens, possa estar ligado aos mais graves problemas da ordem social.**

**Para o observador superficial, com efeito, que relação pode ter uma mesa que gira com a moral e o futuro da Humanidade? Mas quem quiser refletir se lembrará de que de uma simples panela cuja tampa se erguia com o vapor, fato que também se verificava desde toda a Antiguidade, saiu o possante motor com que o homem atravessa o espaço suprimindo as distâncias.**

**Pois bem: vós que não acreditais em nada fora do mundo material, sabei que dessa mesa que gira e provoca o vosso sorriso de desdém saiu toda uma Ciência, com a solução de problemas que nenhuma filosofia pudera resolver. Apelo ai todos os adversários de boa-fé e lhes suplico dizerem se tiveram o trabalho de estudar o que criticam. Porque em boa lógica a crítica só tem valor quando o crítico conhece o assunto.**

**Zombar de uma coisa que não se conhece, que não se sondou com o escalpelo do observador consciencioso não é criticar, mas dar prova de leviandade e um pobre idéia de sua capacidade de julgamento. Seguramente, se tivéssemos apresentado esta, filosofia como sendo uma obra do cérebro humano, ela teria menos desdém e teria merecido as honras de um exame dos que pretendem dirigir a opinião. Mas ela vem dos Espíritos, que absurdo!**

**É muito que mereça um olhar. Julgam-na pelo título, como o macaco da fábula que julgava a noz pela casca. Fazei, se o quiserdes, abstração da origem que este livro seja obra de um homem e dizei no vosso íntimo ciência, depois de o ler seriamente, se encontrastes matéria para zombaria.(...)**

**17- OFERENDA- JOANNA DE ÂNGELIS - PÁG.96**

**ÁREA PERIGOSA**

**O problema do julgamento das aparências, das atitudes do próximo e da pessoa em si mesma é sempre um cometimento ingrato, para quem se coloca na condição de juiz. Exceção feita aos nobres togados pelas leis de cada país, encarregados da delicada quão difícil tarefa de exercerem a Justiça entre os homens, a fim de preservarem a ordem, a moral e a dignidade humana, pois a ninguém mais compete a insensata posição de julgador.**

**As ocorrências observadas são sempre resultado de acontecimentos desconhecidos. Julgar um sucesso, quando este eclode, tomando uma posição apriorística, não deixa de ser precipitação em área perigosa. Quem julga, naturalmente se crê em condição de absolver, quanto de condenar.**

**Para tal cometimento ser-lhe-iam necessárias estrutura moral e a autoridade, decorrentes de uma vivência exemplar. Os dados de que se dispõem nos julgamentos das atitudes alheias são sempre deficientes, e a alta carga emocional da simpatia ou da antipatia pessoal responde pela apreciação do que se examina com benignidade ou rudeza.**

**O erro é sempre desvio de rota. Dependendo da pessoa que nele incide, há que se considerar fatores que escapam, de natureza sociopsicológica, econômica, moral, espiritual. Quando explode uma situação ou alguém delinque, justo que se tenham em mente as raízes do problema que estruge, lamentável. Atitude ideal será sempre a do amor.**

**A mulher adúltera, apresentada a Jesus pelo farisaísmo hipócrita, antes que uma pecadora, era vítima em si mesma, que derrapara na insensatez por vários motivos que infelicitavam... A traição de Judas resultou de ser ele um Espírito débil e obsesso que, inobstante o carinho do Mestre, não conseguiu vencer a própria pusilanimidade.**

**A dúvida contumaz de Tomé decorria da fragilidade dos seus valores espirituais em torno da reflexão e da fé... Não foram julgados pelo Senhor, antes amados e ajudados com carinho, a fim de que não voltassem a reincidir, sendo outras vezes infelizes-infelicitadores.**

**Os julgamentos sobre o comportamento do próximo, antes de pretenderem ajudar, degeneram na maledicência que pretendem denegrir. Não há lugar para essa situação perniciosa no coração do discípulo do Cristo. O que vês suceder nem sempre é conforme se te ocorre. Não precipites, portanto, apontamento.**

**Melhor será que concedas um crédito de confiança e tenhas em bom conceito quem não os merece, pois que, se te defraudar a si mesmo se engana, do que negando, oportunidade e ajuda a quem te parece sem valor, no entando, é credor de confiança e de respeito.**

**Quanto possas, evita que o julgamento dos pérfidos te apresente uma imagem negativa do teu irmão, desconhecido, armando-te contra ele. Acautela-te daqueles cuja boca vã somente te envenena o coração e te perturba a mente, técnicos em acusações, pessimismos e acrimônias, muitas vezes disfarçados, habilmente sutis mas, de qualquer forma, cruéis, perniciosos.**

**Não julgues e sê generoso com todos, embora a recíproca não te seja outorgada. Área perigosa, a do julgamento.**

**Unge-te de amor pelos ingratos, os fracos, os caídos, os delinquentes, os desditosos, os perversos, nossos irmãos necessitados de fraternidade, pois que "com a medida com que os julgares, assim também serás julgado" e como os receberes também Nosso Pai de misericórdia te receberá.**  
**22 - Síntese de o novo testamento - Mínimus pág.61, 66**

**Justiça. Injúrias. Reconciliação.  
(Mat., 5:20 a 26; Luc., 12:54 a 59)  
"Declaro-vos, pois, que se a vossa justiça não exceder a dos escribas e fariseus, não entrareis no reino dos céus. Aprendestes o que foi recomendado aos antigos: Não matarás, e: quem quer que mate, estará sujeito a julgamento. E eu vos digo que quem quer que se encha de cólera contra seu irmão, estará sujeito a julgamento; que aquele que disser ao seu irmão: Raça, estará sujeito ao julgamento do Sinédrio; e quem lhe chamar: Insensato, esse estará em perigo da geena de fogo.**

**Se, pois, quando apresentares no altar a tua oferenda, te lembrares de que teu irmão tem qualquer coisa contra ti, deixa-a diante do altar e vai primeiro reconciliar-te com ele; depois então vem apresentar a tua oferta. Faze o mais depressa possível as pazes com o teu adversário, enquanto estás no caminho com ele, para não suceder que ele te entregue ao juiz, este ao oficial de justiça e que sejas metido na prisão. Em verdade te digo que dali não sairás enquanto não houveres pago até o último centavo."  
  
"Quando vedes formar-se uma nuvem do lado do poente, dizeis: vai chover, e com efeito chove. Quando sopra o vento sul, dizeis que vai fazer calor e assim acontece. — Hipócritas! Sabendo reconhecer o que pressagiam os aspectos do céu e da terra, como é que não reconheceis os tempos que correm? E porque, por vós mesmos, não julgais o que é justo?"**

**NÃO JULGUEIS. O ARGUEIRO E A TRAVE - ( Mat, 7:1 a 6; Mar, 4:24; Luc, 6:37 e 38; 41, 42)**

**"Não julgueis para que não sejas julgados; porquanto, com o juízo com que julgardes, sereis julgados; e a medida de que usardes, dessa usarão convosco, e ainda se vos acrescentará. - Porque vêdes o argueiro no olho de vosso irmão e não enxergais a trave que tende no vosso? Ou como podereis dizer ao vosso irmão: - Deixai-me tirar um argueiro do vosso olho - quando tendes no vosso uma trave? - Hipócritas!tirai primeiro a trave do vosso olho, e então vereis claramente para tirardes o argueiro do olho de vosso irmão.**

**-Não deis aos cães as coisas santas, nem lanceis as vossas pérolas diante dos porcos, para que não suceda que as pisem e , voltando-se, vos estraçalhem." "Não julgueis, e não sereis julgados; não condeneis, e não sereis condenados; tolerai, e sereis tolerados; daí, e se vos dará; boa medida, recalcada, sacudida, extravasando, pôr-vos-ão no regaço; porquanto a medida de que usais, dessa tornarão a usar convosco".**

**23 – DEPOIS DA MORTE – LÉON DENIS, parte 4-Além túmulo, item XXXI, pág. 204**

**Uma lei tão simples em seus princípios quanto admirável em seus efeitos preside à classificação das almas no espaço. Quanto mais sutis e rarefeitas são as moléculas constitutivas dos perispírito tanto mais rápida é a desencarnação, tanta mais vastos são os horizontes que se rasgam ao Espírito. Devido ao seu peso fluídico e às suas afinidades, ele se eleva para os grupos espirituais que lhe são similares.   
  
Sua natureza e seu grau de depuração determinam-lhe nível e classe no meio que lhe é próprio. Com alguma exatidão tem-se comparado a situação dos Espíritos no espaço à dos balões cheios de gases de densidades diferentes que, em virtude de seus pesos específicos, se elevam a alturas diversas. Mas cumpre que nos apressemos em acrescentar que o Espírito é dotado de liberdade e, portanto, não estando imobilizado em nenhum ponto, pode, dentro de certos limites, deslocar-se e percorrer os páramos etéreos.  
  
Pode, em qualquer tempo, modificar suas tendências, transformar-se pelo trabalho ou pela prova, e, conseguintemente, elevar-se à vontade na escala dos seres. É, pois, uma lei natural, análoga às leis da atração e da gravidade, a que fixa a sorte das almas depois da morte. O Espírito impuro, acabrunhado pela densidade de seus fluídos materiais, confina-se nas camadas inferiores da atmosfera, enquanto a alma virtuosa, de envoltório depurado e sutil, arremessa-se, alegre, rápida como o pensamento, pelo azul infinito.  
  
É também em si mesmo – e não fora de si, é em sua própria consciência que o Espírito encontra sua recompensa ou seu castigo. Ele é o seu próprio juiz. Caído o vestuário de carne, a luz penetra-o e sua alma aparece nua, deixando ver o quadro vivo de seus atos, de suas vontades, de seus desejos. Momento solene, exame cheio de angústia e, muitas vezes de desilusão. As recordações despertam em tropel e a vida inteira desenrola-se com seu cortejo de faltas, de fraquezas, de misérias.   
  
Da infância à morte, tudo, pensamentos, palavras ações, tudo sai da sombra, reaparece à luz, anima-se e revive. O ser contempla-se a si mesmo, revê, uma a uma, através dos tempos, suas existências passadas, suas quedas, suas ascensões, suas fases inumeráveis. Conta os estágios franqueados, mede o caminho percorrido, compara o bem e o mal realizados. Do fundo do passado obscuro, surgem, a seu apelo, como outros tantos fantasmas, as formas que vestiu através das vidas sucessivas.**

**Em uma visão clara, sua recordação abraça as longas perspectivas das idades decorridas; evoca as cenas sanguinolentas, apaixonadas, dolorosas, as dedicações e os crimes, reconhece a causa dos processos executados, das expiações sofridas, o motivo da sua posição atual.  
  
Vê a correlação que existe, unindo suas vidas passadas aos anéis de uma longa cadeia desenrolando-se pelos séculos. Para si, o passado explica o presente e este deixa prever o futuro. Eis para o Espírito a hora da verdadeira tortura moral. Essa evocação do passado traz-lhe a sentença temível, a increpação da sua própria consciência, espécie de julgamento de Deus. Por mais lacerante que seja, esse exame é necessário porque pode ser o ponto de partida de resoluções salutares e da reabilitação  
  
O grau de depuração do Espírito, a posição que ocupa no espaço representam a soma de seus progressos realizados e dão a medida do seu valor moral. É nisto que consiste a sentença infalível que lhe decide a sorte, sem apelo. Harmonia profunda ! Simplicidade maravilhosa que as instituições humanas não poderiam reproduzir; o princípio de afinidade regula todas as coisas e fixa a cada qual o seu lugar. Nada de julgamento (como proposto pela I.C.), nada de tribunal, apenas existe a lei imutável executando-se por si própria, pelo jogo natural das forças espirituais e segundo o emprego que delas faz a alma livre e responsável.  
  
Todo pensamento tem uma forma, e essa forma, criada pela vontade, fotografa-se em nós como em um espelho onde as imagens se gravam por si mesmas. Nosso envoltório fluídico reflete e guarda, como em um registro, todos os fatos da nossa existência. Esse registro está fechado durante a vida, porque a carne é a espessa capa que nos oculta o seu conteúdo. Mas, por ocasião da morte, ele abre-se repentinamente e as suas páginas distendem-se aos nossos olhos.  
  
O Espírito desencarnado traz, portanto, em si, visível para todos, seu céu ou seu inferno. A prova irrecusável da sua elevação ou da sua inferioridade está inscrita em seu corpo fluídico. Testemunhas benévolas ou terríveis, as nossas obras, os nossos desígnios justificam-nos ou acusam-nos, sem que coisa alguma possa fazer calar as suas vozes. Daí o suplício do mau que, acreditando estarem os seus pérfidos desejos, os seus atos culpáveis profundamente ocultos, os vê, então, brotar aos olhos de todos; daí os seus remorsos quando, sem cessar, repassam diante de si os anos ociosos e estéreis, as horas impregnadas no deboche e no crime, assim como as vítimas lacrimosas, sacrificadas a seus instintos brutais.  
  
Daí também a felicidade do Espírito elevado, que consagrou toda a sua vida a ajudar e a consolar seus irmãos. Para distrair-se dos cuidados, das preocupações morais, o homem tem o trabalho, o estudo, o sono.  
Para o Espírito não há mais esses recursos. Desprendidos dos laços corporais, acha-se incessantemente em face do quadro fiel e vivo do seu passado. Assim, os amargores e pesares contínuos, que então decorrem, despertam-lhe na maior parte dos casos, o desejo de, em breve, tomar um corpo carnal para combater, sofrer e resgatar esse passado acusador.**

**24 – O GRANDE ENIGMA – LÉON DENIS, p. 3, cap. 15, pág. 197**

**(...) julgamento espiritual (...) não é mais que o balanço instantâneo da consciência, que faz pronunciemos, nós mesmos, o veredicto que nos fixa a sorte no novo mundo onde vamos ingressar.**

**25 - NASCER E RENASCER - PÁG. 23**

**JULGAMENTO MENOR: Não olvides que, antes do Julgamento Maior, que vergasta o corpo das civilizações, alterando, muita vez, a golpes de sangue e lágrimas, o destino das nações e dos povos, usufruímos todos pela Misericórdia Divina, o privilégio do Julgamento Menor, a cujas decisões nos expomos todos os dias. Referimo-nos ao renascimento na vida física, com a prerrogativa de recapitular e reaprender.**

**Aí dentro, nos círculos da reencarnação, encontramo-nos, de novo, à frente da lição, no reajuste dos próprios erros. Nosso berço, no Plano Físico, por isso mesmo, na maioria das circunstâncias, surge no campo de nossos adversários, para que venhamos a reencontrar nos elos consanguíneos os nossos credores do pretérito para a quitaçã das dívidas que nos ensombram a consciência.**

**Nessa fase de trabalho, a Terra, com o corpo que nos detém, toma a feição de tribunal, em cujas celas somos provisoriamente detidos para criar atenuantes às nossas culpas, quando não passamos extinguí-las de todo, a preço de abnegação e sacrifício.**

**Nossos desafetos assumem as funções da promotoria que nos reprova e nossos benfeitores se elevam à condição de nossos advogados, encaminhando-nos ao resgate e à recuperação clara e justa. O serviço incessante no bem, no entanto, é a única força capaz de modificar o ânimo de nossos acusadores e de fortalecer as disposições daqueles que nos defendem.**

**Eis porque, no Julgamento Menor a que nos submetemos, quando na posição de encarnados, convém lembrar a preciosidade do tempo, por fator de socorro às nossas próprias necessidades, mobilizando-o, integralmente, na plantação do amor e da luz, para que as nossas obras falem por nós, ante a Justiça Divina, alijando-nos, enfim, as algemas que trazemos do passado para a libertação de amanhã.**

**LEMBRETE:**

**1° - (...) julgamento espiritual (...) não é mais que o balanço instantâneo da consciência, que faz pronunciemos, nós mesmos, o veridicto que nos fixa a sorte do novo mundo onde vamos ingressar. Léon Denis**

**2° - O dia do julgamento, em que os homens prestarão contas (...) é aquele em que o Espírito culpado, após a morte, faz uma instrospecção, observa a sua passada existência, seus crimes ou faltas e, tocado pelo remorso e pelo arrependimento, sofre à expiação, inevitavelmente seguida da reencarnação. J. B Roustaing**

**3° - (...) É a lei imutável do sofrimento que, cedo ou tarde atinge o culpado, provocando-lhe o remorso. (..) O juízo de Deus é, finalmente, a luta sem resultado em que o Espírito permanece, enquanto não toma o propósito firme de renunciar ao mal e entrar na senda do bem (...) J.B. Roustaing**

**4° - O julgamento de Deus (...) não tem o sentido das decisões da justiça humana. Significa a ausência temporária do progresso, podendo corresponder a sofrimentos, dores, remorsos. Juvanir B.de Souza**

|  |  |
| --- | --- |
| **JURAMENTO** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- Jesus perante a cristandade- pág. 107** | **02 - O sermão da montanha - pág. 85** |
| **03 - Parábola e ensino de Jesus - pág. 145** | **04 - Síntese de o Novo Testamento - pág. 61,169, 264** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**JURAMENTO – COMPILAÇÃO**

**03 - Parábola e ensino de Jesus -Cairbar Schutel - pág. 145**

**PARÁBOLA DO JUIZ INÍQUO  
"Propôs-lhes Jesus uma parábola para mostrar que deviam orar sempre e nunca desanimar, dizendo: Havia em certa cidade um juiz, que não temia a Deus, nem respeitava os homens. Havia também naquela mesma cidade uma viúva quei vinha constantemente ter com ele, dizendo: Defende-me do meu adversário.**

**Ele por algum tempo não a queria atender; mas depois disse consigo: se bem que eu não tema a Deus, nem respeite os homens, todavia como esta viúva me incomoda, julgarei a sua causa, para que ela não continue molestar-me com as suas visitas. Ouvi, acrescentou o Senhor o que disse este juiz injusto; e não fará Deus justiça aos escolhidos, que a Ele clamam dia e noite, embora seja demorado a defendê-los? Digo-vos que bem depressa lhes fará justiça. Contudo, quando vier o Filho do Homem, achará porventura, fé na Terra?"(Lucas, XVIII, l-8.\  
  
A iniquidade é a falta de equidade, e a justiça revoltante O iníquo é o homem perverso, criminoso, seja ele juiz, doutor nobre, rico, pobre, rei. Na esfera moral, mesmo aqui na Terra, não se distingue os homens pelo dinheiro e pelos títulos que possuem, mas sim, pelo seu caráter. O iníquo não tem caráter, ou, por outro lado tem caráter iníquo, pervertido. Mas ainda esse, quando ter de resolver alguma questão e o solicitante resolve bater à si porta até que dê provimento ao seu pedido, para não se incomodado, e porque é iníquo, resolve com presteza problema, não para servir, mas para ficar livre de continua molestado. Foi o que sucedeu com o juiz iníquo ante a insistência da viúva.  
  
De modo que a demora do despacho na petição da viúva loi causada pela iniquidade do juiz. Se este fosse equitativo, justo, reto, de bom caráter, cumpridor de seus deveres, a viúva teria recebido deferimento de seu pedido com muito maior antecedência. Seja como for, o despacho foi dado, embora a custo, após reiteradas solicitações, importunações cotidianas, e o juiz, pesar de iníquo, para não ser "amolado", resolveu a questão. "Ora, disse Jesus, ouvi o que disse esse juiz iníquo; e não fará Deus justiça aos seus escolhidos, que a Ele clama noite e dia, embora seja demorado em defendê-los? Digo-vos que bem depressa lhes fará justiça".  
  
Se a justiça, embora demorada, se faz na Terra até contra a vontade dos juizes, como não há de ser ela feita pelo supremo e justo juiz do Céu? A deficiência não é, pois, de Deus, mas sim dos homens, mormente na época que atravessamos, em que o Filho do Homem bate a todas as portas, inquire todos os corações e os encontra vazios de fé, vazios de crença, vazios de amor e Deus, vazios de caridade!  
  
Antigamente havia juizes iníquos; hoje, pode-se dizer que nem só os juizes, mas até os peticionários são iníquos! A iniquidade lavra como um incêndio devorador, aniquilando as consciências e maculando os corações: homens iníquos, lares iníquos, sociedade iníquas, governos iníquos, leigos iníquos, sábios iníquos; tudo isso devido à crença sacerdotal, aos dogmas das seitas dominantes! Mas o Senhor aí está a destruir a iniquidade, e, com ela, os iníquos.**

**04 - Síntese de o Novo Testamento - Mínimus - pág. 61,169, 264**

**Justiça. Injúrias. Reconciliação.  
(Mat., 5:20 a 26; Luc., 12:54 a 59)  
"Declaro-vos, pois, que se a vossa justiça não exceder a dos escribas e fariseus, não entrareis no reino dos céus. Aprendestes o que foi recomendado aos antigos: Não matarás, e: quem quer que mate, estará sujeito a julgamento. E eu vos digo que quem quer que se encha de cólera contra seu irmão, estará sujeito a julgamento; que aquele que disser ao seu irmão: Raça, estará sujeito ao julgamento do Sinédrio; e quem lhe chamar: Insensato, esse estará em perigo da geena de fogo.**

**Se, pois, quando apresentares no altar a tua oferenda, te lembrares de que teu irmão tem qualquer coisa contra ti, deixa-a diante do altar e vai primeiro reconciliar-te com ele; depois então vem apresentar a tua oferta. Faze o mais depressa possível as pazes com o teu adversário, enquanto estás no caminho com ele, para não suceder que ele te entregue ao juiz, este ao oficial de justiça e que sejas metido na prisão. Em verdade te digo que dali não sairás enquanto não houveres pago até o último centavo."  
  
"Quando vedes formar-se uma nuvem do lado do poente, dizeis: vai chover, e com efeito chove. Quando sopra o vento sul, dizeis que vai fazer calor e assim acontece. — Hipócritas! Sabendo reconhecer o que pressagiam os aspectos do céu e da terra, como é que não reconheceis os tempos que correm? E porque, por vós mesmos, não julgais o que é justo?"  
  
Sobre o adultério. Juramento.  
(Mat., 5:27 a 37; Luc., 16:18)  
"Tendes ouvido o que foi ordenado aos antigos: Não cometerás adultério. Eu, porém, vos digo que quem olhar para uma mulher, cobiçando-a, já no seu coração cometeu adultério com ela. Se teu olho direito te leva ao pecado, arranca-o e atira-o longe de ti, porquanto melhor te é que pereça um dos órgãos do teu corpo do que ser todo este lançado na geena.**

**Se tua mão direita te leva ao pecado, corta-a e lança-a de ti, porquanto melhor te é que se perca um dos membros do teu corpo do que ir todo este para a geena." "Dito também foi aos antigos: — Quem abandonar sua mulher, dê-lhe carta de divórcio. Eu, porém, vos digo que quem repudiar sua mulher, a não ser por causa de infidelidade, a torna adúltera; e qualquer que casar com a repudiada comete adultério.**

**Ouvistes ainda o que aos antigos foi recomendado: Não jurarás falso; mas cumprirás para com o Senhor os teus juramentos. Eu vos digo, porém, que não jureis de forma alguma: nem pelo céu, porque é o trono de Deus; nem pela terra, porque é o escabelo de Seus pés; nem por Jerusalém, porque é a cidade do grande Rei. Não jureis tão-pouco pela vossa cabeça, porque não podeis tornar branco ou preto um só de seus cabelos. Limitai-vos a dizer: sim, sim; não, não; pois o que passar disto procede do mal."**  
  
**Sacerdócio deturpado.  
(Mat., 23:23 a 39; Luc., 11:39 a 45 e 47 a 54; 13:31 a 35)  
"Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas! que pagais o dízimo da hortelã, do endro e do cominho, e abandonais os preceitos mais importantes da Lei, que são a justiça, a misericórdia, a f é e o amor a Deus, coisas estas que devíeis praticar sem omitirdes as outras. Guias cegos! que coais um mosquito e engulis um camelo. — Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas! que limpais o exterior do cálice e do prato, mas por dentro estais cheios de rapina e maldade.**

**Fariseu cego! limpa primeiramente o interior do cálice e do prato, para que também o exterior se torne limpo. Insensatos, quem fez o exterior, não fez também o interior?. Dai, porém, esmola do que tiverdes, e eis que todas as coisas vos ficam sendo limpas." "Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas! porque vos assemelhais aos sepulcros branqueados, que por fora parecem vistosos, mas por dentro estão cheios de ossos de mortos e de todas as impurezas.**

**Assim também vós exteriormente pareceis justos aos homens, mas por dentro estais cheios de hipocrisia e perversidade. — Ai de vós, fariseus! porque gostais das primeiras cadeiras nas sinagogas e das saudações nas ruas". "Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas! porque erigis os túmulos dos profetas e adornais os monumentos dos justos, e dizeis: Se tivéssemos vivido nos dias de nossos pais, não teríamos sido seus cúmplices no sangue dos profetas.**

**Assim testificais, contra vós mesmos, que sois filhos daqueles que mataram os profetas. Enchei pois a medida de vossos pais. Serpentes, raça de víboras! como escapareis do julgamento da geena? Por isso é que vos envio profetas, sábios e escribas: a uns matareis e crucificareis, a outros açoitareis nas vossas sinagogas e os perseguíreis de cidade em cidade; para que venha sobre vós todo o sangue dos justos derramado sobre a terra, desde o sangue de Abel até o sangue de Zacarias, filho de Baraquias, a quem matastes entre o santuário e o altar.**

**Em verdade vos digo que se pedirá contas a esta geração. — Ai de vós, doutores da lei! porque arrebatastes a chave da ciência: vós mesmos não entrastes, e impedistes os que entravam." "Jerusalém, Jerusalém! que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados! quantas vezes quis eu ajuntar teus filhos, como a galinha recolhe debaixo das asas os seus pintos, e tu não o quiseste! Eis que vos será deixada deserta a vossa casa! Declaro-vos, pois, que doravante não me vereis mais, até que digais: Bendito aquele que vem em nome do Eterno."  
  
Ao sair dali, os escribas e fariseus começaram a invectivá-lo fortemente e a importuná-lo com perguntas sobre muitos assuntos, armando-lhe ciladas a fim de o apanharem em algumas das suas respostas.  
  
Na mesma hora, alguns fariseus vieram dizer-lhe: — Retira-te e vai-te daqui, porque Herodes quer tirar-te a vida. Respondeu-lhes Jesus: — "Ide dizer a essa raposa que hoje e amanhã expulso os demônios e faço curas, e no terceiro dia serei consumado. Importa porém, caminhar hoje, amanhã e depois de amanhã, porque não convém que um profeta pereça fora de Jerusalém'**

|  |  |
| --- | --- |
| **JUSTIÇA** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- A constituição divina - pág. 376** | **02 - À luz da oração - pág. 63** |
| **03 - A reencarnação na bíblia - pág. 60** | **04 - Amizade - pág. 40** |
| **05 - Ave luz - pág. 16** | **06 - Catecismo Espírita - pág. 11** |
| **07 - Como vivem os Espíritos - pág. 98** | **08 - Contos desta e doutra vida - pág. 166** |
| **09 - Contos e apólogos - pág. 19, 149** | **10 - Depois da morte - pág. 132** |
| **11 - Espírito e vida - pág.25** | **12 - Estude e viva - pág.103, 122** |
| **13 - Evolução em dois mundos - pág. 181** | **14 - Gêneses da alma - pág. 111** |
| **15 - Grilhões partidos - pág. 209** | **16 - Jesus no Lar - pág. 51** |
| **17 - Justiça Divina - pág. 185** | **18 - Libertação - pág. 169** |
| **19 - Luz acima - pág. 171** | **20 - O céu e o inferno - pág. 2ª parte, cap. vii** |
| **21 - O Evangelho S. o Espiritismo - cap. v, 3 - xxvvv, iv** | **22 - O Livro dos Espíritos - q. 13, 171, 199, 222, 393** |
| **23 - O porquê da vida - pág. 31** | **24 - Religião dos Espíritos - pág. 197** |
| **25 - Síntese de o Novo Testamento - pág. 61** | **26 - Tambores de Angola - pág. 110** |
| **27 - Voltas que a vida dá - pág. 7, 32** | **28 - Vozes do grande além - pág. 187, 259** |
| **29 - Semeador em Tempos Novos - pág. 26** |  |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**JUSTIÇA** **– COMPILAÇÃO**

**03 - A reencarnação na bíblia - Herminio C. Miranda - pág. 60**

**A LIÇÃO DE EZEQUIEL  
Seria esta, porém, uma interpretação sofística, artificiosa, forçada, arranjada a posteriori por aqueles que chegaram à certeza das vidas sucessivas ? Negativo. Se alguém tem ainda alguma dúvida, há em Ezequiel todo um capítulo — o de número 18 — para definir e exemplificar com a maior nitidez e detalhamento o conceito da responsabilidade pessoal de cada um, destruindo o mito de que os filhos pagam pela iniquidade dos pais. Vamos transcrevê-lo na íntegra, para que não haja dúvidas, nem seja necessário buscá-lo alhures. Mais uma vez, recorro ao texto da American Bible Society.  
  
— De novo veio a mim a palavra de Jeová, dizendo: Que quereis vós dizer, usando na terra de Israel deste provérbio: Os pais comeram uvas verdes, e os dentes dos filhos estão embotados? Pela minha vida, diz o Senhor Jeová, não tereis mais ocasião de usardes deste provérbio em Israel. Eis que todas as almas são minhas; como o é a alma do pai, assim também a alma do filho é minha: a alma que pecar, essa morrerá. Porém, se um homem for justo, e fizer o que é equidade e justiça, e se não comer sobre os montes, nem levantar os seus olhos para os ídolos da casa de Israel, nem contaminar a mulher do seu próximo, nem se chegar à mulher na sua separação; se não oprimir a ninguém, porém tornar ao devedor o seu penhor, se não tirar nada do alheio por violência, se der do seu pão ao que tem fome e ao nu cobrir com vestido; se não der o seu dinheiro à usura.**

**Nem receber mais do que o que emprestou, se desviar a sua mão da iniquidade, e fizer verdadeiro juízo entre homem e homem; se andar nos meus estatutos, e guardar os meus juízos, para proceder segundo a verdade; este tal é justo, certamente viverá, diz o Senhor Jeová. Se ele gerar um filho que se torne salteador, que derrame sangue e que faça a seu irmão qualquer destas coisas, e que não cumpra com nenhum destes deveres, porém, coma sobre os montes, e contamine a mulher do seu próximo, oprima o pobre e necessitado, tire de outro com violência, não devolva o penhor, e levante os seus olhos aos ídolos, cometa abominações, dê o seu dinheiro à usura, e receba mais do que emprestou: acaso viverá ele?**

**Não viverá. Comete todas estas abominações; certamente morrerá, o seu sangue será sobre ele. Eis que se este por sua vez gerar um filho que, vendo todos os pecados cometidos por seu pai, tema e não faça coisas semelhantes, que não coma sobre os montes, nem levante os seus olhos aos ídolos da casa de Israel, que não contamine a mulher do seu próximo, nem oprima a pessoa alguma, que não empreste sobre penhores nem tire de outrem com violência, porém, dê o seu pão ao faminto, e ao nu cubra com vestido, que aparte do pobre a sua mão, que não receba usura nern mais do que emprestou, que execute os meus juízos, e ande nos meus estatutos; este não morrerá por causa da iniquidade de seu pai, certamente viverá. Quanto a seu pai, porque oprimiu cruelmente, tirou de seu irmão com violência, e fez o que não é bom entre o seu povo, eis que ele morrerá na sua iniquidade.**

**Contudo dizeis: Por que não leva o filho a iniquidade do pai l Quando o filho fizer o que é de equidade e justiça, guardar todos os meus estatutos, e os cumprir, certamente viverá. A alma que peca, essa morrerá; o filho não levará a iniquidade do pai nem o pai levará a iniquidade do filho. A justiça do justo será sobre ele, e a impiedade do ímpio será sobre ele. Mas se o ímpio se converter de todos os seus pecados que cometeu, e guardar todos os meus estatutos, e fizer o que é de equidade e justiça, certamente viverá, não morrerá.   
  
Nenhuma das suas transgressões que cometeu, será lembrada contra ele; na sua justiça que praticou viverá. Acaso tenho eu prazer com a morte do ímpio? diz o Senhor Jeová; não quero eu antes que se converta do seu caminho, e viva? Mas quando o justo se desviar da sua justiça, e cometer iniquidade, e fizer conforme todas as abominações que faz o ímpio, acaso viverá ele ? Não será lembrado nenhum dos seus atos de justiça que praticou; na sua transgressão com que transgrediu, e no seu pecado com que pecou, neles morrerá. Contudo dizeis: O caminho do Senhor não é igual. Ouvi, pois, ó casa de Israel: Acaso não é igual o meu caminho? não são desiguais os vossos caminhos?**

**Quando o justo se desviar da sua justiça, e cometer a iniquidade, e nela morrer; na sua iniquidade que cometeu morrerá. Outrossim, quando o ímpio se desviar da sua impiedade que cometeu, e fizer o que é de equidade e justiça, conservará este a sua alma em vida. Porquanto considera e se desvia de todas as suas transgressões que cometeu, certamente viverá, não morrerá. Contudo diz a casa de Israel: O caminho do Senhor não é igual. Acaso não são iguais os meus caminhos, ó casa de Israel ?**

**Portanto vos julgarei, ó casa de Israel, cada um conforme os seus caminhos, diz o Senhor Jeová. Convertei-vos, e desviai-vos de todas as vossas transgressões; assim a iniquidade não vos será pedra de tropeço. Lançai de vós todas as vossas transgressões, com que transgredistes; e fazei-vos um coração novo e um espírito novo. Pois, por que morre­reis, ó casa de Israel ? Porquanto não tenho prazer na morte do que morre, diz o Senhor Jeová; portanto convertei-vos e vivei.  
  
PRELIMINARES A UMA INTERPRETAÇÃO  
Vamos, pois, ordenar as idéias expostas nesse longo trecho. Antes, um pouco de preparação que nos garanta o entendimento de certas referências a partir de definição de algumas preliminares. Para os antigos, viver era o supremo bem, enquanto morrer, especialmente em pecado, a tragédia irreparável e definitiva. A seita dos saduceus, mais tarde, nem mesmo acreditaria na sobrevivência da alma; para eles, a morte era o fim. Como já vimos, o prémio que o Decálogo promete àquele que honra pai e mãe não é um paraíso póstumo, mas uma "longa vida sobre a terra que o Senhor teu Deus te dará".  
  
De certa forma, o conceito de que o pecado acarreta a morte do pecador preservou-se da dogmática cristã, dado que o pecado afasta o homem de Deus. ê necessário entender bem que ninguém poderá desligar-se de Deus, simplesmente porque nada existe senão nele, criado e sustentado por ele. "Vivemos e nos movemos em Deus e nele temos o nosso ser", disse Paulo de Tarso. A linguagem bíblica, porém, é rica em simbolismos, que outra coisa não são senão maneiras de expressar verdades ainda transcendentais, de forma que o maior número possível de pessoas possa entendê-las. Como dizer, por exemplo, que o erro nos aliena de Deus, senão dizendo que Deus nos vira o rosto, ou que se aparta de nós e nos deixa entregues à nossa sorte, ou nos castiga, ou nos priva daqueles bens que mais desejamos? Quando se quer, por exemplo, caracterizar a gravidade do erro cometido por Adão e Eva — uma evidente alegoria — o autor do Penta-teuco declara que a primeira providência de Deus foi expulsá-los do Éden, onde viviam na maior felicidade  
e inocência.  
  
A "morte da alma" era, pois, a pena máxima. Não que na concepção daqueles povos a alma fosse perecível, porque os justos iam para o "seio de Abraão" e os pecadores para a região de agonias e trevas, o "sheol". Cada povo ou seita tem a sua maneira de figurar esses dois pólos opostos da destinação: os bons, de um lado e os maus de outro. A Doutrina dos Espíritos veio, finalmente, esclarecer que tanto "céu" como "inferno" são estados d'alma, porque o ser humano leva para onde for, aqui ou no mundo espiritual, o seu próprio "céu" ou o seu "inferno" interior.  
  
Outro ponto a destacar, ainda nestas preliminares, é o conceito de justiça. Era considerado justo aquele que cumprisse rigorosamente os preceitos morais contidos na lei divina e nas prescrições posteriores elaboradas principalmente por Moisés. Justo era, portanto, o homem de bem, cumpridor de seus deveres religiosos e sociais; justa a mulher honesta, fiel, de procedimento correto. O prêmio do justo era o mesmo de sempre: viver. O destino do pecador, a morte. No contexto da linguagem moderna, o conceito bíblico de justiça tornou-se um tanto obscuro para a mentalidade atual. Praticar, fazer, exercer justiça hoje é diferente de ser justo tal como o entendiam os antigos judeus. No contexto da Bíblia, o ser humano é justo quando age com justeza e não necessariamente com justiça. Não é nada justo, por exemplo, aquele que resolve "fazer justiça por suas próprias mãos" e matar um inimigo.  
  
Somente assim poderemos entender frases como esta: ele viverá por causa da justiça que praticou. Ou seja: aquele foi um homem justo - bom, caridoso, pacífico, correto — e por isso será premiado por suas virtudes. Tanto é assim que não se emprega jamais a forma negativa em frases como esta: o injusto será castigado, ou morrerá pela sua injustiça. Resta um terceiro e importante aspecto: a conceituação do que era considerado bom procedimento e, reversamente, mau procedimento. Era considerado bom (justo) aquele que cumpria os preceitos da lei. Quais eram ?**

**Não ser idólatra, não trair a sua mulher com outra, nem o seu amigo, ou irmão, seduzindo-lhes a esposa; não emprestar dinheiro a juros; não ser violento; ser caridoso na ajuda ao pobre; evitar, enfim, o mal e procurar praticar o bem, ainda que certas regrinhas, hoje inexpressivas, também fossem incluídas nas proibições, como "comer nos montes". Era considerado ímpio (em oposição ao justo) aquele que praticasse os erros codificados na lei.  
  
DEFINIÇÃO PRECISA DA RESPONSABILIDADE PESSOAL  
Com essas considerações em mente, vamos, pois, ao exame do texto. Segundo se infere, havia uma parábola entre os judeus que se convertera em provérbio, e que, aliás, continha uma inverdade, atribuindo a responsabilidade pelo pecado à alma do inocente e não à do pecador. Vêm a seguir os exemplos. O homem bom (justo) poderá contar sem vacilações com o reconhecimento de sua bondade e retidão — ou seja, sua justiça, ou melhor ainda, sua justeza. Se, porém, seu filho for um mau elemento, responderá pelos seus próprios erros, isto é, "o seu sangue cairá sobre ele". Ele mesmo e não outrem.  
  
Se, por sua vez, este filho mau tiver um filho bom e que, mesmo ante o exemplo maléfico do seu pai, proceder corretamente, o que sucederá ? O pai não se livrará, por isso, dos seus erros, enquanto ele, o filho bom, terá o prémio da sua bondade, nada tendo a responder pelas faltas do pai. Há mais ainda: a culpa não é irremissível, imperdoável, eterna. Desde que o ímpio se corrija e se dedique à prática do bem, ficará recuperado. Na linguagem simbólica do texto, "nenhuma das suas transgressões que cometeu, será lembrada contra ele". Mas, atenção !, o prêmio continua merecido pela "justiça que praticou" ou seja, pelo bem que fez e não pelo mal que deixou de praticar.  
  
Da mesma forma, aquele que sempre foi bom e, de repente, descamba para a prática do mal, é prontamente responsabilizado pelos erros que cometer. Ele próprio e não outra pessoa. Até mesmo o homem bom, que se voltar para a iniquidade, responderá por ela como qualquer ímpio. O que antes fizera de bom não o isenta de tal responsabilidade, porque certifica nele a persistência de tendências más ainda não superadas.  
  
A idéia básica de toda essa longa exposição, portanto, é a de que somos julgados segundo nossos atos: "Portanto, ó casa de Israel, vos julgarei cada um conforme os seus caminhos". Prestaram bem atenção? Cada um de acordo com os seus caminhos ou atos e não pelo que outros tenham feito. O que comeu a uva verde, esse mesmo é que terá seus dentes estragados, não os seus filhos ou netos.  
Figuremos, porém, o caso mais comum daqueles que não tiveram o bom senso e a disposição de se utilizar das oportunidades de conversão à prática do bem.**

**Seja porque se comprazem no erro, seja porque, depois do esforço sobre-humano para serem bons, recaíram na prática do mal ou, ainda, porque tenham praticado crime grave já nos últimos momentos da vida terrena, sem tempo de corrigirem-se. Que fazer dessas multidões de seres em falta ?  
  
Já vimos que Deus está disposto a esquecer os erros daquele que se regenera, desde que ele se confirme na prática do bem. Já vimos também que Deus não deseja a morte do pecador, ou seja, a sua condenação, mas que ele renuncie ao erro. E se Deus não o deseja, hão de ser colocados ao alcance do pecador todos os recursos de que ele necessitar para recuperar-se, deixando para sempre de pecar. Como, porém, entender tais oportunidades de recuperação no contexto de uma só vida na carne ? Como poderia o Pai desejar que o pecador se salve sem propor­cionar-lhe os meios para fazê-lo? Não há, pois, como sofismar ante o esquema básico que se resume a seguir:  
  
• Cada um responde pelos seus erros e tem o mérito de suas virtudes.  
  
• Não há sofrimento inocente, nem recompensa imerecida por herança, contágio, ou por procuração. A cada um segundo suas obras.  
  
• As oportunidades de reajuste são proporcionadas a todos indistintamente.  
  
• O processo evolutivo — uma condição cósmica — exige um mecanismo de reajuste moral que é precisamente o das vidas sucessivas.  
  
  
08 - Contos desta e doutra vida - Irmão X - pág. 166**

**35 - Talidomida  
Na tela cinematográfica, junto da qual sentíamos a realidade sem distorção, o professor do Plano Espiritual exibiu dois pequenos documentários sobre o assunto que nos fora motivo a longo debate. 1939 -1943 — Surgiu à cena agitada metrópole européia. Em tudo, o clima de guerra. Desfiles militares de pomposa expressão. Na crista dos edifícios mais altos, bocas de fogo levantavam-se em desafio. Nas ruas, destacavam-se milhares de jovens em formações de tropa, ao rufar de tambores, ostentando símbolos e bandeiras.   
  
O povo, triste e apreensivo nas filas de suprimento, parecia desvairar-se de júbilo, nas paradas políticas, ovacionando oradores nas praças públicas. De vez em vez, sirenas sibilavam gritaria de alarme. Aviões sobrevoavam, incessantemente, o casario enorme, lembrando águias metálicas, de atalaia nos céus, para desfechar ataques defensivos contra inimigos que lhes quisessem pilhar o ninho.  
  
Através de informações precisas, registávamos os mínimos tópicos de cada conversação. De súbito, vimo-nos mentalmente jungidos a dilatado recinto, onde centenas de policiais e civis cochichavam na sombra. Articulam-se avisos. Ramifica-se a trama. Camionetas deslizam dentro da noite. Outros agrupamentos se constituem. Mais algum tempo e magotes de transeuntes se agregam num ponto só, formando vasta legião po­pular em operoso bairro de ascendência israelita. São paisanos decididos à rapinagem.  
  
Homens e mulheres de raciocínio maduro combinam o assalto em mira. Madrugada adiante, quando a soldadesca selecionada desce dos veículos com a ordem de apressar famílias inermes, ei-los que invadem as residências judias, agravando o tumulto. Para nós que assistíamos ao espetáculo, transidos de dor, era como se fitássemos corsários da terra, no burburinho do saque. Mãos que retivessem anéis, pulsos que ostentassem adornos, orelhas ornamentadas de brincos e bustos revestidos de jóias sofriam golpes rápidos, muitos deles tombando decepados em torrentes sanguíneas.**

**Alguém que aparecesse com bastante coragem de investir contra os malfeitores, cuja impunidade se garantia com a indiferença de quantos lhes compartilhavam a copiosa presa, caía para logo de pernas mutiladas, para que não avançasse em socorro das vítimas.E os quadros vivos se repetiam em outros lugares e em outras noites, com personagens diversas, nos mesmos delírios de violência.  
  
1949 -1953 — A tela passa a mostrar escuro vale no Espaço. Examinamos, confrangidos, milhares de seres humanos em condições deploráveis. Arrastam-se em desgoverno. Há quem chore a ausência dos braços, quem lastime a perda dos pés. Possível, no entanto, identificar muitos deles. São os mesmos infelizes de 1939 a 1943, participantes das empresas de furto e morte, à marírem da guerra. Desencarnados, supliciam-se no remorso que se lhes incrusta nas consciências. Carregando a mente vincada pelas atrocidades de que foram autores, plasmaram em si, nos órgãos e membros profundamente sensíveis do corpo espiritual, as deformidades que infligiram aos irmãos israelitas indefesos.**

**Ainda assim, almas heróicas atravessam o nevoeiro e distribuem consolações. Para que se refaçam, é preciso que reencarnem de novo, em breves períodos de imersão nos fluidos anestsiantes do plano físico. Necessário retomem a organização carnal, à maneira de doentes complicados que exigem regime carcerário para tratamen|o pre­ciso. Ensinamentos prosseguem ao redor do filme.  
  
Sofrerão, sim, mais tarde, as provas regenerativas de que se revelam carecedores, mas, por enquanto, são albergados por braços afetuosos de amigos, que se prontificam a sustentá-los, piedosamente, ou entregues a casais necessitados de filhinhos-problemas, a fim de ressarcirem dívidas do pretérito.  
  
A maioria dos implicados renasce no pais em que se verificou o assombroso delito, e muitos neles, em vários pontos outros do mundo, ressurgem alentados por famílias hospitaleiras ou endividadas, que os aconchegam, para a benemerência do reajuste. Certamente — comentou o instrutor, ao término da película —, certamente que nem todos os casos de malformação congênita podem ser debitados à influência da talidomida sobre a vida fetal.**

**Em todos os tempos, consoante os princípios de causa e efeito, despontam crianças desfiguradas nos berços terrestres. O estudo, porém, que realizamos pela imagem esclarece com segurança o fenômeno das ocorrências de má-formação que repontaram em massa, entre os homens, nos últimos tempos. Achávamo-nos suficientemente elucidados; no entanto, meu velho amigo Luís Vilas indagou:  
  
— Isso quer dizer então, professor, que a talidomida foi aplicada de acordo com a lei da reencarnação ?— Bem, bem — falou o mentor retratando a benevolência no semblante calmo —, a talidomida e a provação funcionaram em obediência à justiça, mas não será lícito esquecer que o lar e a ciência vigilante dos homens também funcionaram em obediência à Misericórdia Divina, que a tudo previu, a fim de que a administração daquele medicamento não ultrapassasse os limites justos. Compreenderam? Sim, recebêramos a chave para entender o assunto que envolvia dolorosa disciplina expiatória, e, à face da emoção que nos impunha silêncio, a lição foi encerrada.**

**10 - Depois da morte - Léon Denis - pág. 132**

**XI — A PLURALIDADE DAS EXISTÊNCIAS  
Sob que forma se desenvolve a vida imortal, e que é na realidade a vida da alma? Para responder a tais perguntas, cumpre ir à origem e examinar em seu conjunto o problema das existências. Sabemos que, em nosso globo, a vida aparece primeiramente sob os mais simples, os mais elementares aspectos, para elevar-se, por uma progressão constante, de formas em formas, de espécies em espécies, até ao tipo humano, coroamento da criação terrestre. Pouco a pouco, desenvolvem-se e depuram-se os organismos, aumenta a sensibilidade.**

**Lentamente, a vida liberta-se dos liames da matéria; o instinto cego dá lugar à inteligência e à razão. Teria cada alma percorrido esse caminho medonho, essa escala de evolução progressiva, cujos primeiros degraus afundam-se num abismo tenebroso? Antes de adquirir a consciência e a liberdade, antes de se possuir na plenitude de sua vontade, teria ela animado os organismos rudimentares, revestido as formas inferiores da vida? Em uma palavra: teria passado pela animalidade? O estudo do caráter humano, ainda com o cunho da bestialidade, leva-nos a supor isso.  
  
O sentimento da justiça absoluta diz-nos também que o animal, tanto quanto o homem, não deve viver e sofrer para o nada. Uma cadeia ascendente e contínua liga todas as criações, o mineral ao vegetal, o vegetal ao animal, e este ao ente humano. Liga-os duplamente, ao material como ao espiritual. Não sendo a vida mais que uma manifestação do espírito, traduzida pelo movimento, essas duas formas de evolução são paralelas e solidárias.  
  
A alma elabora-se no seio dos organismos rudimentares. No animal está apenas em estado embrionário; no homem, adquire o conhecimento, e não mais pode retrogradar. Porém, em todos os graus ela prepara e conforma o seu invólucro. As formas sucessivas que reveste são a expressão do seu valor próprio. A situação que ocupa na escala dos seres está em relação direta com o seu estado de adiantamento. Não se deve acusar Deus por ter criado formas horrendas e desproporcionadas. Os seres não podem ter outras aparências que não sejam as resultantes das suas tendências e dos hábitos contraídos.**

**Acontece que almas, atingindo o estado humano, escolhem corpos débeis e sofredores para adquirirem as qualidades que devem favorecer a sua elevação; porém, na Natureza inferior nenhuma escolha poderiam praticar e o ser recai forçosamente sob o império das atrações que em si desenvolveu. Essa explicação pode ser verificada por qualquer observador atento. Nos animais domésticos as diferenças de caráter são apreciáveis, e até os de certas espécies parecem mais adiantados que outros. Alguns possuem qualidades que se aproximam sensivelmente das da Humanidade, sendo suscetíveis de afeição e devotamento.**

**Como a matéria é incapaz de amar e sentir, forçoso é que se admita neles a existência de uma alma em estado embrionário. Nada há aliás maior, mais justo, mais conforme à lei do progresso, do que essa ascensão das almas operando-se por escalas inumeráveis, em cujo percurso elas próprias se formam: pouco a pouco se libertam dos instintos grosseiros e despedaçam a sua couraça de egoísmo para penetrarem nos domínios da razão, do amor, da liberdade. É soberanamente justo que a mesma aprendizagem chegue a todos, e que nenhum ser alcance o estado superior sem ter adquirido aptidões novas.  
  
No dia em que a alma, libertando-se das formas animais e chegando ao estado humano, conquistar a sua autonomia, a sua responsabilidade moral, e compreender o dever, nem por isso atinge o seu fim ou termina a sua evolução. Longe de acabar, agora é que começa a sua obra real; novas tarefas chamam-na. As lutas do passado nada são ao lado das que o futuro lhe reserva. Os seus renascimentos em corpos carnais suceder-se-ão. De cada vez, ela continuará, com órgãos rejuvenescidos, a obra do aperfeiçoamento interrompida pela morte, a fim de prosseguir e mais avançar. Eterna viajora, a alma deve subir, assim, de esfera em esfera, para o Bem, para a Razão infinita, alcançar novos níveis, aprimorar-se sem cessar em ciência, em critério, em virtude.  
  
Cada uma das existências terrestres mais não é que um episódio da vida imortal. Alma nenhuma poderia em tão pouco tempo despir-se de todos os vícios, de todos os erros, de todos os apetites vulgares, que são outros tantos vestígios das suas vidas desaparecidas, outras tantas provas da sua origem. Calculando o tempo que foi preciso à Humanidade, desde a sua aparição no globo, para chegar ao estado da civilização, compreenderemos que, para realizar os seus destinos, para subir de claridades em claridades até ao absoluto, até ao divino, a alma necessita de períodos sem limites, de vidas sempre novas, sempre renascentes.  
  
Só a pluralidade das existências pode explicar a diversidade dos caracteres, a variedade das aptidões, a desproporção das qualidades morais, enfim, todas as desi­gualdades que ferem a nossa vista. Fora dessa lei, indagar-se-ia inutilmente por que certos homens possuem talento, sentimentos nobres, aspirações elevadas, enquanto muitos outros só tiveram em partilha tolice, paixões vis e instintos grosseiros.  
  
Que pensar de um Deus que, estabelecendo uma só vida corporal, nos houvesse dotado tão desigualmente, e, do selvagem ao civilizado, tivesse reservado aos homens bens tão desproporcionados e tão diferente nível moral? Se não fosse a lei das reencarnações, a iniquidade governaria o mundo. A influência dos meios, a hereditariedade, as diferenças de educação não bastam para explicar essas anomalias. Vemos os membros de uma mesma família, semelhantes pela carne e pelo sangue, educados nos mesmos princípios, diferençarem-se em bastantes pontos. Homens excelentes têm tido monstros por filhos.**

**Marco Aurélio, por exemplo, foi o genitor de Cômodo; personagens célebres e estimadas têm descendido de pais obscuros, destituídos de valor moral. Se para nós tudo começasse com a vida atual, como explicar tanta diversidade nas inteligências, tantos graus na virtude e no vício, tantas variedades nas situações humanas? Um mistério impenetrável pairaria sobre esses gênios precoces, sobre esses Espíritos prodigiosos que, desde a infância, penetram com ardor as veredas da arte e das ciências, ao passo que tantos jovens empalidecem no estudo e ficam medíocres, apesar dos seus esforços.  
  
Todas essas obscuridades se dissipam perante a doutrina das existências múltiplas. Os seres que se distinguem pelo seu poder intelectual ou por suas virtudes têm vivido mais, trabalhado mais, adquirido experiência e aptidões maiores. O progresso e a elevação das almas dependem unicamente de seus trabalhos, da energia por elas desenvolvida no combate da vida. Umas lutam com coragem e rapidamente franqueiam os graus que as separam da vida superior, enquanto outras imobilizam-se durante séculos em existências ociosas e estéreis.**

**Porém, essas desigualdades, resultantes dos feitos do passado, podem ser resgatadas e niveladas nas vidas futuras. Em resumo, o ser se forma a si próprio pelo desenvolvimento gradual das forças que estão consigo. Inconsciente ao princípio, sua vida vai ganhando inteligência e torna-se consciente logo que chega à condição humana e entra na posse de si mesmo. Aí a sua liberdade ainda é limitada pela ação das leis naturais que intervêm para assegurar a sua conservação. O livre-arbítrio e o fatalismo assim se equilibram e moderam-se um pelo outro.**

**A liberdade e, por conseguinte, a responsabilidade são sempre proporcionais ao adiantamento do ser. Eis a única solução racional do problema. Através da sucessão dos tempos, na superfície de milhares de mundos, as nossas existências desenrolam-se, passam, renovam-se, e, em cada uma delas, desaparece um pouco do mal que está em nós; as nossas almas fortificam-se, depuram-se, penetram mais intimamente nos caminhos sagrados, até que, livres das encarnações dolorosas, tenham adquirido, por seus méritos, acesso aos círculos superiores, onde eternamente irradiarão em beleza, sabedoria, poder e amor!**

**12 - Estude e viva - Emmanuel e André Luiz - pág.103, 122**

**Acidentados da alma  
Compadeces-te dos caidos em moléstia ou de­sastre, que apresentam no corpo comovedoras mu­tilações .  
Inclina-te, porém, com igual compaixão para aqueles outros que comparecem, diante de ti, por acidentados da alma, cujas lesões dolorosas não aparecem. Além da posição de necessitados, pelas chagas ocultas de que são portadores, quase sem­pre se mostram na feição de companheiros menos atrativos e desejáveis.  
Surgem pessoalmente bem-postos, estadeando exigências ou formulando complicações, no entanto bastas vezes trazem o coração sob provas difíceis; espancam-te a sensibilidade com palavras ferinas, contudo, em vários lances da experiência, são fei­xes de nervos destrambelhados que a doença con­some; revelam-se na condição de amigos, supostos ingratos, que nos deixam em abandono, nas horas  
de crise, mas, em muitos casos, são enfermos de espírito, que se enviscam, inconscientes, nas tra­mas da obsessão; acolhem-te o carinho com ma­nifestações de aspereza, todavia, estarão provavel­mente agitados pelo fogo do desespero, lembrando árvores benfeitoras quando a praga as dizima; são delinquentes e constrangem-te a profundo desgos­to, pelo comportamento incorreto; no entanto, em múltiplas circunstâncias, são almas nobres tomba­das em tentação, para as quais já existe bastante angústia na cabeça atormentada que o remorso atenaza e a dor suplicia...  
Não te digo que aproves o mal, sob a alegação de resguardar a bondade. A retificação permanece na ordem e na segurança da vida, tanto quanto vige o remédio na defesa e sustentação da saúde. Age, porém, diante dos acidentados da alma, com a prudência e a piedade do enfermeiro que socorre a contusão, sem alargar a ferida.  
Restaurar sem destruir. Emendar sem pros­crever. Não ignorar que os irmãos transviados se encontram encarcerados em labirintos de sombra, sendo necessário garantir-lhes uma saída adequada.  
Em qualquer processo de reajuste, recordemos Jesus que, a ensinar servindo e a corrigir amando, declarou não ter vindo à Terra para curar os sãos.  
Aspectos da dor  
Os soluços de dor são compreensíveis até o ponto em que não atingem a fermentação da re­volta, porque, depois disso, se convertem todos eles em censura infeliz aos planos do Céu. A enfermidade jamais erra o endereço para as suas visitas. As lágrimas, em verdade, são iguaisàs palavras. Nenhuma existe destituída de significação.**

**Somente chega a entender a vida quem compreende a dor. A evolução regula também o sofrimento das criaturas e nelas se evidencia mais superficial ou mais profunda, conforme o aprimoramento de cada uma.**

**Se você pretende vencer, não menospreze a possibilidade de amargar, algumas vezes, a aflição da derrota como lição no caminho para o triunfo. Aprende melhor quem aceita a escola da provação, porquanto, sem ela, os valores da experiência permaneceriam ignorados. A dor não provém de Deus, de vez que, segundo a Lei, ela é uma criação de quem a sofre.**

**Lugar para ela  
Todos nós precisamos da verdade, porque a verdade é a luz do espírito, em torno de situações, pessoas e coisas; fora dela, a fantasia é capaz de suscitar a loucura, sob o patrocínio da ilusão. Entretanto, é necessário que a caridade lhe comande as manifestações para que o esclarecimento não se torne fogo devorador nas plantações daesperança.  
  
Todos nós precisamos da justiça, porque a justiça é a lei, em torno de situações, pessoas e coisas; fora dela, a iniquidade é capaz de premiar o banditismo, em nome do poder. Entretanto, é necessário que a caridade lhe presida as manifestações para quee o direito não se faça intolerância, impedindo a recuperação das vítimas do mal.**

**Todos nós precisamos da lógica, porque a lógica é a razão em si mesma, em torno de situações, pessoas e coisas; fora dela, a paixão é capaz de gerar o crime, à conta de sentimento. Entretanto, é necessário que a caridade lhe inspire as manifestações, para que o discernimento não se converta em vaidade, obstruindo os serviços da educação.  
  
Todos nós precisamos da ordem, porque a or­dem é a disciplina, em torno de situações, pessoas e coisas; fora dela, o capricho é capaz de estabelecer a revolta destruidora, sob a capa dos bons intentos. Entretanto, é necessário que a caridade lhe oriente as manifestações para que o método não se transforme em orgulho, aniquilando as obras do bem.  
  
Cultivemos a verdade, a justiça, a lógica e a ordem, buscando a caridade e reservando, em todos os nossos atos, um lugar para ela, porquanto a caridade é a força do amor e o amor é a única força com bastante autoridade para sustentar-nos a união fraternal, sob a raiz sublime da vida, que é Deus.  
  
Ê por isso que Allan Kardec, cônscio de que restaurava o Evangelho do Cristo para todos os climas e culturas da Humanidade, inscreveu nos pórticos do Espiritismo a divisa inolvidável, destinada a quantos abraçam as realizações e os princípios: -Fora da caridade não há salvação.**

**EM TERMOS LÓGICOS  
Não há vida sem responsabilidade. Todo ser tem direitos e obrigações.  
Não há ação sem testemunha. Somos participantes da Vida Universal.  
Não há bem ou mal gerados espontaneamente. Todo ato surge após o autor.  
  
Não há erro com razão. Só a verdade é lógica.  
Não há sentimentos incontroláveis. O espírito é o criador da própria emoção.  
Não há dificuldade intransponível. Cada aluno recebe lições conforme o entendimento que evidencia.**

**Não há perfeita alegria que viceje no insulamento. A felicidade é bênção de luz que apenas medra no terreno da solidariedade.  
Não há ponto final para o amor. Amor é vida e a vida é eternidade.**

**13 - Evolução em dois mundos -André Luiz - pág. 181  
  
VI - Justiça na Espiritualidade**

**— Como atua o mecanismo da Justiça no Plano Espiritual?  
— No mundo espiritual, decerto, a autoridade da Justiça funciona com maior segurança, embora saibamos que o mecanismo da regeneração vige, antes de tudo, na consciência do próprio indivíduo.  
  
Ainda assim, existem aqui, como é natural, santuários e tribunais, em que magistrados dignos e imparciais examinam as responsabilidades humanas, sopesando-lhes os méritos e deméritos.  
  
A organização do júri, em numerosos casos, é aqui observada, necessariamente, porém, constituída de Espíritos integrados no conhecimento do Direito, com dilatadas noções de culpa e resgate, erro e corrigenda, psicologia humana e ciências sociais, a fim de que as sentenças ou informações proferidas se atenham à precisa harmonia, perante a Divina Providência, consubstanciada no amor que ilumina e na sabedoria que sustenta.  
  
Há delinquentes tanto no plano terrestre quanto no plano espiritual, e, em razão disso, não apenas os homens recentemente desencarnados são entregues a julgamento específico, sempre que necessário, mas também as entidades desencarnadas que, no cumprimento de determinadas tarefas, se deixan , muitas vezes, arrastar a paixões e caprichos inconfessáveis.  
  
É importante anotar, contudo, que quanto mais baixo é o grau evolutivo dos culpados, mais sumário é o julgamento pelas autoridades cabíveis, e, quanto mais avançados os valores culturais e morais do indivíduo, mais complexo é o exame dos processos de criminalidade em que se emaranham, não só pela influência com que atuam nos destinos alheios, como também porque o Espírito, quando ajustado à consciência dos próprios erros, ansioso de reabilitar-se por si mesmo a sentença punitiva que reconhece indispensável à própria restauração.**

**14 - Gêneses da alma - Cairbar Schutel - pág. 111**

**CIÊNCIA E PROGRESSO:  
O saber é a melhor fortuna que o homem pode conquistar. É pela aquisição de conhecimentos que a alma se desenvolve e se prepara para os surtos da Vida Imortal. Diz o prolóquio que "o saber não ocupa lugar". Esta proposição é toda falsa. Um Espírito sem sabedoria é semelhante a uma casa sem móveis e desabitada; a ninguém oferece comodidade, e em breve vê a sua própria ruína. Ao passo que uma casa bem mobiliada, com todos os requisitos de boa vivenda, bem iluminada, onde não faltam objetos de repouso para o corpo e repouso para o Espírito, se constitui num| paraíso por todos desejado.  
  
Assim é a nossa alma: deserta de sabedoria e de virtudes, embora pareça grande é como um desses antigos castelos isolados e temidos, teatro fantasmagórico onde se acendem os "fogod fátuos" da superstição e do fanatismo a denunciar a noite da ignorância que o entenebrece.  
  
Na alma do ignorante, macilenta, abatida, magra, perpassam sombras cruéis, espectros vingadores, visões terríficas! "O saber ocupa muito lugar", mas quanto mais sabemos, mais lugar temos para oferecer ao saber, porque a nossa individualidade cresce à medida que crescem em nós os conhecimentos; nossa inteligência se dilata, nosso raciocínio se amplia, nosso sentimento aumenta na razão do nosso aperfeiçoameto, tornando-se as nossas percepções mais nítidas, mais puras, mais espiritualizadas!**

**Por isso o saber precisa entrar no nosso Espírito gradativamente, iluminando nossos passos na Vida Espiritual, como o Sol que nos acompanha gradualmente desde o nosso nascimento e sob cujos influxos exprimimos os primeiros sorrisos.  
  
A alma não começa no berço, nem termina no túmulo. O vento sopra onde quer, e não sabemos donde ele vem". Nasce a criança impulsionada pelo principio anímico, e também compreendemos que, como o vento, ela vem de longe. É um Espírito que se envolveu na carne, que renasceu na carne, e que vem de remotas eras, formando sua consciência, engrandecendo a sua individualidade, para, um dia, galgar os cimos da vida superior! Excelsa e admirável Doutrina que não nos compara à matéria bruta!**

**16 - Jesus no Lar - Néio Lúcio - pág. 51**

**10. - O JUIZ REFORMADO  
Como houvese o Senhor recomendado nas instruções do dia muita cautela no julgar, a conversação em casa de Pedro se desdobrava em derredor do mesmo tema.-É difícil não criticar - comentava Mateus, com lealdade -, porque, a todo instante o homem de mediana educação é compelido a emitir pareceres na atividade comum.**

**-Sim - concordava André, muito franco - não é fácil agir com acerto, sem analisar detidamente. Depois de vários depoimentos, em torno do direito de observar e corrigir, interferiu Jesus sem afetação: — Inegavelmente, homem algum poderá cumprir o mandato que lhe cabe, no plano divino da vida, sem vigiar no caminho em que se movimenta, sob os princípios da retidão. Todavia, é necessário não inclinar o espírito aos desvarios do sentimento, para não sermos vitimados por nós mesmos. Seremos julgados pela medida que aplicarmos aos outros. O rigor responde ao rigor, a paciência à paciência, a bondade à bondade ...  
  
E, transcorridos alguns instantes, contou:— Quando Israel vivia sob o governo dos grandes juizes, existiu um magistrado austero e violento, em destacada cidade do povo escolhido, que imprimiu o terror e a crueldade em todos os serventuários sob a sua orientação. Abusando dos poderes que a lei lhe conferia, criou ordenações tirânicas para a punição das mínimas faltas. Multiplicou infinitamente o número dos soldados, edificou muitos cárceres e inventou variados instrumentos de flagelação.  
  
O povo, asfixiado por estranhas proibições, devia movimentar-se debaixo de severa fiscalização, qual se fora rebanho de bravios animais. Trabalharia, descansaria e adoraria o Senhor, em horas rigorosamente determinadas pela autoridade, sob pena de sofrer humilhantes castigos, nas prisões, com pesadas multas de toda espécie. Se bem mandava o juiz, melhor agiam os subordinados, cheios de natural malvadez.  
  
Assim foi que, certa feita, dirigindo-se o magistrado, alta noite, à casa de um filho enfermo, foi aprisionado, sem qualquer consideração, por um grupo de guardas bêbedos e inconscientes que o conduziram a escura enxovia que ele mesmo havia inaugurado, semanas antes. Não lhe valeram a apresentação do nome e as honrosas insígnias de que se revestia. Tomado por temível ladrão, foi manietado, despojado dos bens que trazia e espancado sem piedade, afirmando os sentinelas que assim procediam, obedecendo às instruções do grande juiz, que era ele próprio.  
  
Somente no dia imediato foi desfeito o equívoco, quando o infeliz homem público já havia sofrido a aplicação das penas que a sua autoridade estabelecera para os outros. O legislador atribulado reconheceu, então, que era perigoso transmitir o poder a subalternos brutalizados e ignorantes, percebendo que a justiça construtiva e santificante é aquela que retifica ajudando e educando, na preparação do Reinado do Amor entre os homens.  
  
Desde a singular ocorrência, a cidade adquiriu outro modo de ser, porque o juiz reformado, embora prosseguisse atento às funções que lhe competiam, ergueu, sobre o tribunal, a benefício de todos, o coração de pai compreensivo e amoroso. Lá fora, brilhavam estrelas, retratadas nas águas serenas do grande lago. Depois de longa pausa, o Mestre concluiu:  
— Somente aquele que aprendeu intensamente com a vida, estudando e servindo, suando e chorando para sustentar o bem, entre os espinhos da renúncia e as flores do amor, estará habilitado a exercer a justiça, em nome do Pai.**

**17 - Justiça Divina - Emmanuel - pág. 185**

**NA LUZ DA JUSTIÇA - REUNIÃO PÚBLICA DE 8/12/61 - 1ª PARTE, CAP. VII § 21**

**A justiça humana, conquanto respeitável, frequentemente julga os fatos que considera puníveis pelos derradeiros lances de superfície, mas a Justiça Divina observa todas as ocorrências, desde os menores impulsos que lhes deram começo. Identificaste os culpados pelas tragédias, minuciosamente descritas na imprensa; no entanto, muitas vezes tudo ignoras acerca das inteligências que as urdiram na sombra.**

**Viste pais e mães, aparentemente felizes e vigorosos, tombarem na desencarnação prematura, minados por sofrimentos indefiníveis, mas não enxergaste os filhos inconsequentes que lhes exauriram as forças. Anotaste os companheiros que desertaram da construção espiritual, censurando-lhes o esmorecimento e o recuo; todavia, não te apercebestes dos amigos levianos que lhes exterminaram a tenra sementeira de luz, no apontamento escarnecedor.**

**Reprovaste os que se renderam à perturbação e à loucura, estranhando-lhes a suposta fraqueza; entretanto, não chegaste a conhecer os verdugos risonhos, do campo social e doméstico, que os ficharam no cadastro do manicômio. Acusaste os irmãos que caíram em desdita e falência, classificando-os na lista dos celerados; contudo, nem de leve assinalaste a presença daqueles que os sitiaram no beco da aflição sem remédio.**

**Não queremos, com isso, consagrar o regime da irresponsabilidade. Todos respiramos, no Universo, ante a luz da Justiça. O autor de uma falta, naturalmente responderá por ela. Nos tribunais da imortalidade, cada espírito devedor resgata as suas próprias contas. No entanto, em todas as circunstâncias, saibamos semear o bem, esparzir o bem, sustentar o bem e cooperar para o bem, de vez que as nossas ações provocam nos outros ações semelhantes, e, se aquele que faz o mal é passível de pena, aquele que organiza o mal, conscientemente, sofrerá pena maior.**

**29 - SEMEADOR EM TEMPOS NOVOS - EMMANUEL - PÁG. 26**

**JUSTIÇA EM NÓS MESMOS**

**Não nos esqueçamos do mundo vasto de nós mesmos, onde a consciência amparada pela razão, nos adverte, serena e incorruptível, quanto às normas que nos cabe esposar, em favor de nossa segurança e alegria. Muitas vezes, recorremos ao parecer dos outros nos assuntos que nos dizem de perto à paz espiritual, com receio do parecer de nossa própria alma e, quase sempre, apelamos para a orientação de muitos encarnados e desencarnados, por nos sentirmos incapazes de escutar os avisos de nosso templo interior, em cujo altar, a Bondade Divina nos concita às obrigações que a vida nos delegou.**

**Em muitas ocasiões, queixamo-nos dos companheiros que nos partilham a luta, cegos para com a nossa posição reprovável diante deles; declaramo-nos desditosos e perseguidos, sem perceber os calhaus de amargura que lançamos, desassisados, no caminho dos outros e arrojamo-nos, a reivindicações descabidas, sem observar que nós próprios fomos os autores da desconsideração que nos arrasa ou desprestigia...**

**Em várias circunstâncias, reclamamos o trabalho do próximo sem dar a mínima parte da quota de serviço que lhe devemos, exigimos que a tranquilidade nos favoreça, alimentando a guerra silenciosa e tenaz contra os nossos vizinhos e bradamos contra as perturbações que nos visitam a casa, cultivando a leviandade e a calúnia, a destruição e a maledicência...**

**Tenhamos, desta maneira, a coragem de examinar a nós mesmos, ouvindo a própria consciência que jamais nos engana quanto ao rumo que nos compete seguir. Decerto, é muito fácil julgar a conduta alheia e repetir a famosa frase: - "Se fosse comigo faria assim". Mas, é sempre difícil atender à justiça em nós mesmos para retificar as próprias atitudes e corrigir os próprios atos.**

**Acendamos, cada dia, por alguns instantes, a luz da prece em nosso próprio íntimo e roguemos a Jesus nos ensine a ver e a discernir para que, através da oração, possamos aprender e servir sem compromissos escuros nos laços da tentação.**

|  |  |
| --- | --- |
| **LEI** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- A Constitução Divina - toda a obra** | **02 - A Gênese - cap. VI, 8** |
| **03 - A mediunidade e a lei - toda a obra** | **04 - A reencarnação na Bíblia - pág. 19** |
| **05 - As margens do Eufrates - pág. 125** | **06 - Caminho, verdade e vida - pág. 177** |
| **07 - Catecismo espirita - pág. 105** | **08 - Ceifa de luz - pág. 95** |
| **09 - Depois da morte - pág. 318** | **10 - Do país da luz - pág. vol. ii pág 52** |
| **11 - Estudos Espíritas - pág. 85** | **12 - Justiça Divina - pág. 77** |
| **13 - Mecanismos da mediunidade - pág. 5** | **14 - Nas pegadas do Mestre - pág. 53, 300** |
| **15 - No invisível - pág. 80** | **16 - O consolador- pág. 161** |
| **17 - O Espírito da Verdade - pág. 190** | **18 - O Evangelho S.o Espiritismo - cap. I , cap. v,5** |
| **19 - O Livro dos Espiritos - pág. 3, parte cap. i** | **20 - Obras póstumas - pág. 383** |
| **21 - Parnaso além túmulo - pág. 131** | **22 - Passos da vida - pág. 14** |
| **23 - Pérolas do além - pág. 237** | **24 - Síntese de o novo testamento - pág. 60, 68** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**LEI** **– COMPILAÇÃO**

**02 - A Gênese - Allan Kardec - cap. VI, 8**

**8. Se um desses desconhecidos, que consomem a sua existência efêmera no fundo das regiões tenebrosas do Oceano; se um desses poligástricos, uma dessas nereidas, - miseráveis animálculos que não conhecem da Natureza senão os peixes ictiófagos e as florestas submarinas,- recebesse, de repente, o dom da inteligência, a faculdade de estudar o seu mundo, e de estabelecer, sobre as suas apreciações, um raciocínio conjectural da natureza vivente, que se desenvolve em seu meio, e do mundo terrestre que não pertence ao campo das suas observações?**

**Se, agora, por um efeito maravilhoso do seu novo poder, esse mesmo ser, chegasse a se elevar acima das suas trevas eternas, à superfície do mar, não longe de costas opulentas, de uma ilha de vegetação esplêndida, ao sol fecundo, dispensador de um benfazejo calor, que julgamento faria, então, sobre as suas teorias antecipadas da criação universal, teoria que apagaria logo diante de uma apreciação mais ampla, mas ainda relativamente tão incompleta como a primeira? Tal é, ó homens! a imagem da vossa ciência toda especulativa.**

**9. Então, pois, quando venho tratar, aqui, a questão das leis e das forças que regem o Universo, eu que não sou, como vós, senão um ser relativamente ignorante, em comparação com a ciência real, malgrado a aparente superioridade que me dá, sobre os meus irmãos da Terra, a possibilidade de estudar as questões naturais, que estão interditadas em sua posição, meu objetivo é, unicamente, o de vos expor a noção geral das leis universais, sem explicar, com detalhes, o modo de ação e a natureza das forças especiais que delas dependem.**

**04 - A reencarnação na Bíblia - Herminio C. Miranda - pág. 19**

**A LEI E OS PROFETAS  
A nação judaica era uma teocracia, ou seja, segundo Aurélio Buarque de Holanda, "forma de governo em que a autoridade, emanada dos deuses ou de Deus, é exercida por seus representantes na Terra". Definição irretocável. Em Israel, o povo era governado por líderes essencialmente religiosos que baseavam suas decisões políticas, sociais e económicas nos textos sagrados.**

**O grosso volume que hoje conhecemos como Antigo Testamento era dividido em dois grupos: A Lei (Tora) e Os Profetas. O primeiro grupo compõe-se de cinco livros — Gênese, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio — conhecidos também pelo nome de Pentateuco.   
  
O segundo grupo enfeixa não apenas os livros deixados pelos profetas propriamente ditos, como os textos conhecidos como históricos.  
São esses os documentos que regulavam a vida de cada indivíduo e da coletividade como um todo. Por conseguinte, o estudo, a interpretação e a aplicação da lei às inúmeras situações da vida constituíam questões da mais alta relevância.**

**Os jovens bem dotados consumiam anos e anos debruçados sobre os textos sagrados, sob a orientação dos grandes Mestres em Israel até que pudessem também ser considerados Doutores da Lei. Honra suprema e glória máxima estavam em ser escolhidos para integrarem o Sinédrio, Somente os melhores chegavam lá, pelo talento, o saber e a fidelidade às tradições de Israel, bem como pelas boas conexões políticas e sociais. Era no Sinédrio que todas as grandes e importantes questões eram debatidas e resolvidas. O Sinédrio era, pois, o órgão máximo do poder político-religioso.**

**06 - Caminho, verdade e vida - Emmanuel - pág. 177**

**ORDENAÇÕES HUMANAS  
"Sujeitai-vos, pois, a toda ordenação humana, por amor do Senhor." - — (I pedro, 2:13.)  
Certos temperamentos impulsivos, aproximando-se das lições do Cristo, presumem no Evangelho um tratado de princípios destruidores da ordem existente no mundo. Há quem figure no Mestre um anarquista vigoroso, inflamado de cóleras sublimes.Jesus, porém, nunca será patrono da desordem.  
  
A novidade que transborda do Evangelho não aconselha ao espírito mais humilhado da Terra a adoção de armas contra irmãos, mas, sim, que se humilhe ainda mais, tomando a cruz, a exemplo do Salvador. Claro está que a Boa Nova não ensina a genuflexão ante a tirania insolente; entretanto, pede respeito às ordenações humanas, por amor ao Mestre Divino.  
  
Se o detentor da autoridade exige mais do que lhe compete, transforma-se num déspota que o Senhor corrigirá, através das circunstâncias que lhe expressam os desígnios, no momento oportuno. Essa certeza é mais um fator de tranquilidade para o servo cristão que, em hipótese alguma, deve quebrar o ritmo da harmonia.  
  
Não te faças, pois, indiferente às ordenações da máquina de trabalho em que te encontras. É possível que, muita vez, não te correspondam aos desejos, mas lembra-te de que Jesus é o Supremo Ordenador na Terra e não te situaria o esforço pessoal onde o teu concurso fosse desnecessário.  
  
Tens algo de sagrado a fazer onde respiras no dia de hoje. Com expressões de revolta, tua atividade será negativa. Recorda-te de semelhante verdade e submete-te às ordenações humanas por amor ao Senhor Divino.**

**09 - Depois da morte - Léon Denis - pág. 318**  
  
LVI - A LEI MORAL:

**Nas páginas precedentes expusemos tudo o que colhemos do ensino dos Espíritos relativamente à lei moral. É nessa revelação que reside a verdadeira grandeza do Espiritismo. Os fenômenos espíritas são um prólogo da lei moral. Embora muito imperfeitamente, comparemo-los à casca revestindo o fruto: inseparáveis em sua gestação, têm, entretanto, um valor muito diferente.  
  
O estudo científico deve conduzir ao estudo filosófico, que é coroado pelo conhecimento dessa moral, na qual se completam, se esclarecem e fundem todos os sistemas moralistas do passado, a fim de constituírem a moral única, superior, universal, fonte de toda a sabedoria e de toda a virtude, mas cuja experiência e prática só se adquirem depois de numerosas existências.  
  
A posse, a compreensão da lei moral é o que há de mais necessário e de mais precioso para a alma. Permite medir os nossos recursos internos, regular o seu exercício, dispô-los para o nosso bem. As nossas paixões são forças perigosas, quando lhes estamos escravizados; úteis e benfeitoras, quando sabemos dirigi-las; subjugá-las é ser grande; dëixar-se dominar por elas é ser pequeno e miserável.  
  
Leitor, se queres libertar-te dos males terrestres, escapar às reencarnações dolorosas, grava em ti essa lei moral e pratica-a. Faze que a grande voz do dever abafe os murmúrios das tuas paixões. Dá o que for indispensável ao homem material, ser efêmero que se esvairá na morte. Cultiva com cuidado o ser espiritual, que viverá para sempre. Desprende-te das coisas perecíveis; honras, riquezas, prazeres mudanos, tudo isso é fumo; o bem, o belo, o verdadeiro somente é que são eternos!  
  
Conserva tua alma sem máculas, tua consciência sem remorsos. Todo pensamento, todo ato mau atrai as impurezas mundanas; todo impulso, todi bem centuplica as tuas forças e far-te-á comunicar com as potências superiores. Desenvolve em ti a vida espiritual, que te fará entrar em relação com o mundo invisível e com a natureza inteira.**

**Consiste verdadeiro poder, e, ao mesmo tempo, a dos gozos e das sensações delicadas, que irão aumentando à medida que as sensações da vida exterior se enfraquecerem com a idade e com o desprendimento das coisas terrestres. Nas horas de recolhimento, escuta a harmonia que se eleva das profundezas do teu ser, como eco dos mundos sonhados, entrevistos, e que fala de grandes lutas m morais e de nobres ações. Nessas sensações íntimas, nessas inspirações, desconhecidas dos sensuais e dos maus, reconhece o prelúdio da vida livre dos espaços e um prelibar das felicidades reservadas ao Espírito justo, bom e valoroso.**

**11 - Estudos Espíritas - Joanna de Ângelis - pág. 85**

**10. LEI  
CONCEITO — Qualquer diretriz ou norma estabelecida no seio de uma comunidade constitui intrinsecamente a Lei. Desde as primeiras agregações humanas, no recuado dos tempos, surgiram, por exigência do progresso, impositivos para o comportamento social que, a pouco e pouco, adquiriram dimensão jurídica. Assim, hábitos, conceitos, modos e modas, formulações éticas e religiosas surgiram paulatinamente, estabelecendo bases para os conglomerados sociais, com os altos objetivós de preservação do indivíduo, da família, da sociedade.  
  
Os primeiros códigos surgiram da necessidade de o homem manter padrões de equilíbrio individual e geral, impondo-se linhas de segurança, através das quais o grupo se unia para progredir. Na defesa e preservação da vida, em face dos fatores climatéricos, das agressões animais, os instintos inerentes à individualidade compulsoriamente estabeleceram os primeiros deveres, que foram criando raízes e transformando-se em hábitos — estruturas primeiras das leis humanas. Higiene, convívio comunitário, respeito a si mesmo e aos outros, intercâmbio entre os grupamentos, em prol da sobrevivência, e negociações para preservação grupal lentamente se transmitiram, gerando leis que, aceitas ou não, se transformaram em códigos estruturadores da ética, da religião, da justiça.  
  
Pela intuição pura e simples, graças à interferência dos Espíritos Superiores, o homem hauriu nas imutáveis leis da Natureza, por refletirem as Leis de Deus, definições para a conduta e aprendeu, pela multiplicidade de impositivos que lhe escapavam ao controle, que a própria sobrevivência dependia da solidariedade, do amor, do respeito, deveres que brotavam e se desdobravam como abençoadas flores em extenso campo de esperança.  
  
O natural respeito às forças cósmicas que o dominavam no período primário, em forma de medo, com as consequentes manifestações de culto religioso, a se materializarem em holocaustos, transitando do bárbaro ao sutil, desde a imolação de criaturas à oferenda de flores, construiu a identificação lenta e segura entre o homem aparentemente desarmado e o Criador Paternal.  
  
Pelo mesmo processo — mediante a mediunidade natural — os antepassados retornaram e falaram da Imortalidade, propondo conceitos libertadores e, ao mesmo tempo, de sabedoria sobre os quais se estabeleceriam as futuras normas humanas que se iriam transformar em legislação terrena.  
  
DESENVOLVIMENTO •— Mesmo nas guerras em que os grupos se entredevoravam, o impulso gregário fê-los abandonar a antropofagia na tribo, transferindo-a para aquele que considerava adversário, do que surgiram preceitos de combate que, hoje, nas nações civilizadas, se discutem tendo em vista os acordos firmados em Genebra, no respeito aos prisioneiros, e dos quais se faz mediadora a Cruz Vermelha Internacional.  
  
Sem dúvida, há muito ainda por fazer, nesse capítulo da legislação humana, pertinente à guerra. Todavia, merece considerar que o homem sofre a "predominância da natureza animal sobre a espiritual", que lhe constitui lamentável fator preponderante de guerra. Belicoso para consigo mesmo, expande as paixões irrefreadas e desarticula-se, agredindo, malsinando e engendrando a própria desdita.  
  
No que diz respeito à evolução dos códigos da justiça humana, a Hamurabi se deve o mais antigo conjunto de leis conhecidas pela Humanidade. Reinando de 2067 a 2025 antes de Cristo (4), (4) Segundo outras fontes, seu reinado deu-se entre 1792-1750 ou 1730-1685 a.C. — Nota da Editora (FEB), fez gravar numa coluna de diorito preto, com aproximadamente 2,5 metros de altura, quatro mil linhas, nas quais se encontravam exarados os princípios que diziam respeito ao indivíduo e às propriedades, dividindo-se em subcapítulos, sucessivamente, nos quais se tem uma visão de equidade avançada para a época em que predominava o poder sobre o direito, a supremacia do vencedor sobre o vencido.  
  
Posteriormente, as Civilizações, pela necessidade de estabelecerem códigos destinados a regerem seus membros, ora subordinados às diretrizes religiosas, ora aos impositivos éticos sobre que colocavam suas bases, formaram seus estatutos de justiça e ordem, nem sempre felizes... Pensadores e profetas de todos os tempos, refletindo a mensagem eterna ou as disposições humanas, não obstante os malogros do passado, criaram as determinações através das quais se levantaram impérios e se construíram povos, sem o que teria dominado o caos e a sobrevivência periclitado.  
  
Dos primeiros moralistas, da escola ingênua, aos grandes legisladores, ressaltam as figuras de Moisés, instrumento do Decálogo, e Jesus, o excelso paradigma do amor, que consubstanciaram as necessidades humanas, ao mesmo tempo facultando os meios liberativos para o ser que marcha na direção da imortalidade.  
  
Adaptando as Leis Divinas, identificadas na Natureza, às faculdades humanas, aquelas permanecem modelos a que o homem, vagarosa, porém, infalivelmente, se adaptará, para a própria felicidade. Do Direto Romano aos modernos tratados, as fórmulas jurídicas evoluem, apresentando dispositivos e artigos cada vez mais concordes com o espírito de justiça do que com as ambições do comportamento individual e grupal.  
  
Francesco Garrara, o insigne mestre do Direito italiano, deslumbrado com a magnitude da vida imperecível, já preceituava: "O dogma sobre o qual assenta nossa doutrina é o da criação operada pela mente de um Ser eterno e infinito no saber, na bondade e no poder. Renegado este princípio, tudo no Direito se torna arbitrário, ou melhor: o Direito perde a razão de ser, a soberana do mundo é a força. Aceito o princípio, dele deflui como consequência necessária o reconhecimento de uma lei de ordem imposta pelo Criador à criatura."  
E, dominado pela Presença Divina, prossegue, espiritualista: "A alma não está submetida à lei física, mas a compreende e a percebe e dela deseja o melhor, mercê da aspiração do belo."  
  
Complementando o raciocínio, expõe: "Esta alma inteligente e livre que Deus deu ao homem, a fim de que, com suas obras, pudesse merecer ou desmerecer, sujeitou-o, como ser moralmente livre, a uma outra lei: a lei moral." Ora, as leis morais estão estruturadas na lei natural ou Lei de Deus. Por serem imperfeitas, as leis elaboradas pelos homens sofrem diariamente modificações, variando de povo para povo e, ao mesmo tempo, adaptando-se a situações compatíveis com os dias da sua vigência.  
  
Todas as criaturas têm, na sua maioria, no atual estágio da evolução da vida na Terra, consciência da Lei de Deus, sabendo o de que necessita para a própria felicidade. Os desmandos a que se entrega, os abusos que perpetra, os excessos a que se expõe não lhe permitirão tranqüilizar-se, porque, inscrita na consciência, aquela lei superior, a seu turno, no momento justo, convocará o infrator ao reajuste, de que ninguém se furta.  
  
ESPIRITISMO E A LEI — Sendo o Espiritismo revelação divina para o reencontro do homem com a verdade (noutras palavras: para o religamento da criatura com o seu Criador), todos os seus ensinos se assentam na Lei Natural, aquela que dimana do Pai.  
  
À semelhança de Jesus, que não veio destruir a Lei, antes submeter-se ao seu estatuto, o Espiritismo respeita as instituições humanas e os códigos dos homens, oferecendo, porém, sublimes normas de evolução, todas fundamentadas no amor ao próximo e na caridade, de cujo exercício o homem aprende, mediante o estudo contínuo e sistemático, quais as suas obrigações na Terra, as razões das vidas sucessivas, a justiça e sabedoria celestes, contribuindo, eficazmente, pela submissão e pela ação dinâmica, através do impulso dado ao progresso de todos, para a sua total libertação da dor, do desequilíbrio, da sombra, da morte...  
  
Mediante a observância das leis morais que fluem dos exemplos e da palavra do Cristo, o homem constrói a Nova Era, na qual os códigos da intolerância e do preconceito, fomentadores do mal e do ódio, empalidecem, para que fulgurem as luminosidades do bem e da verdade. Dia virá em que o homem, amando ao seu irmão, elaborará códigos mais generosos e leis mais justas, em cujas malhas evoluirá, até o momento de plenitude espiritual.**  
**12 - Justiça Divina - Emmanuel - pág. 77**

**DIANTE DA LEI - REUNIÃO PÚBLICA DE 15/5/61 - 1ª PARTE, CAP. iii, ÍTEM 6**

**O espírito consciente, criado através dos milênios, nos domínios inferiores da natureza, chega à condição de humanidade, depois de haver pago os tributos que a evolução lhe reclama. À vista disso, é natural compreendas que o livre-arbítrio estabelece determinada posição para cada alma, porquanto cada pessoa deve a si mesma a situação em que se coloca.**

**Possuis o que deste. Granjearás o que vens dando. Conheces o que aprendeste. Saberás o que estudas. Encontraste o que buscavas. Acharás o que procuras. Obtiveste o que pediste. Alcançarás o que almejas. És hoje o que fizeste contigo ontem. Serás amanhã o que fazes contigo hoje.  
  
Chegamos, no dia claro da razão, simples e ignorantes diante do aprimoramento e do progresso, mas com liberdade interior de escolher o próprio caminho. Todos temos, assim, na vontade a alavanca da vida, com infinitas possibilidades de mentalizar e realizar. O governo do Universo é a justiça que define, em toda parte, a responsabilidade de cada um.  
  
A glória do Universo é a sabedoria, expressando luz nas consciências. O sustento do Universo è o trabalho que situa cada inteligência no lugar que lhe compete. A felicidade do Universo é o amor na forma do bem de todos.  
  
O Criador concede às criaturas, no espaço e no tempo, as experiências que desejem, para que se ajustem, por fim, às leis de bondade e equilíbrio que O manifestam. Eis por que, permanecer na sombra ou na luz, na dor ou na alegria, no mal ou no bem, é ação espiritual que depende de nós.**

**17 - O Espírito da Verdade - Espíritos Diversos - pág. 190**

**82 NEM CASTIGO, NEM PERDÃO - Cap. V — Item 5  
O espírita encontra na própria fé — o Cristianismo Redivivo — estímulos novos para viver com alegria, pois, com ele, os conceitos fundamentais da existência recebem sopros poderosos de renovação. A Terra não é prisão de sofrimento eterno. É escola abençoada das almas. A felicidade não é miragem do porvir. É realidade de hoje. A dor não é forjada por outrem. É criação do próprio espírito.**

**A virtude não é contentamento futuro. É júbilo que já existe. A morte não é santificação automática. É mudança de trabalho e de clima. O futuro não é surpresa atordoante. É consequência dos atos presentes. O bem não é o conforto do próximo, apenas. É ajuda a nós mesmos. Deus é Equidade Soberana, não castiga e nem perdoa, mas o ser consciente profere para si as sentenças de absolvição ou culpa ante as Leis Divinas.  
  
Nossa conduta é o processo, nossa consciência o tribunal. Não nos esqueçamos, portanto, de que, se a Doutrina Espírita dilata o entendimento da vida, amplia a responsabilidade da criatura. As raízes das grandes provas irrompem do passado — subsolo da nossa existência — e, na estrada da evolução, quem sai de uma vida entra em outra, porque berço e túmulo são, simultaneamente, entradas e saídas em planos da Vida Eterna.  
André Luiz**

**LEMBRETE:**

**A LEI DIVINA OU NATURAL  
A) Caracteres, Divisão e Conhecimento da Lei Natural  
Caracteres da Lei Natural  
O início da história do pensamento é marcado pela passagem do pensamento mítico ao pensamento racional. Esse momento repete-se na história da humanidade com o surgimento da Doutrina Espírita, mar­cando agora a passagem das religiões formais para uma filosofia racionalista, fruto do momento de efervescência intelectual que caracterizou o chamado "Século das Luzes". Não se trata, no entanto, de uma negação do passado histórico religioso, mas sim de uma racionalização das concepções fídeísta-dogmáticas. Dessa forma, O Livro dos Espíritos consiste em uma busca de racionalização do Evangelho, em uma tentativa de trazer a religião do domínio mítico e cultural para o plano natural.  
  
Conseqüentemente, se em uma perspectiva dogmática toda lei moral advém de uma realidade transcendente, advinda de um ser sobrenatural, para a Doutrina Espírita, porém, a lei é divina mas natural: A Lei Natural é a Lei de Deus; é a única necessária à felicidade do homem (LÊ, 614). Por Natural entende-se a Lei que se funda no direito natural, comum a todos os homens e não por cultura, convenção. Por Natural entende-se a Lei deduzida também da natureza humana, que se funda sobre a luz natural: a razão.  
  
Por este princípio, A Lei Natural è a Lei de Deus (LÊ. 614). percebe-se uma identidade de origem das leis com Deus. Pelo princípio: a Lei de Deus é eterna e imutável como o próprio Deus, estabelece-se uma identidade de natureza entre Deus e suas leis. Efetivamente, Deus é origem, permanência e manifestação de si mesmo nas próprias leis que são imutáveis. Deus não se engana; os Homens é que são obrigados a modificar as suas leis, que são imperfeitas, mas as leis de Deus são perfeitas (LÊ, 616). A lei de Deus é perfeita e imutável, pois Ele é a própria perfeição; as leis humanas, ao contrário, são mutáveis, temporárias, variam de cultura para cultura, são reflexo da realidade relativa ao homem, que ainda está distante da perfeição.  
  
Divisão da Lei Natural  
A ordem e a harmonia do Universo revelam uma força inteligente; atribuí-las ao acaso seria um contra-senso, pois o acaso não produz  
que regula o universo efeitos inteligentes. Dessa foma, a harmonia material e o universo moral se funda nas leis que Deus estabeleceu por toda a eternidade (LÊ, 616). As leis de Deus revelam-se, assim, no plano físico e no plano moral:   
  
Leis Físicas: regulam o movimento e as relações da matéria bruta.(...) Seu estudo pertence ao domínio da Ciência**

**Leis Morais: concernem especialmente ao homem e às suas relações com Deus e com seus semelhantes. Compreendem as regras da vida do da alma (LÊ, 617a).  
  
A Lei natural divide-se em dez partes: Lei da Adoração, do Trabalho, de Reprodução, de Conservação, de Destruição, de Sociedade, de  
Progresso, de Igualdade, de Liberdade, e por fim, a Lei da Justiça, Amor e Caridade.  
  
Essa divisão da lei de Deus em dez partes é a de Moisés e pode abranger todas as circunstâncias da vida, o que ? essencial (...) A última lei é a mais importante; é por ela que o homem pode avançar mais na vida espiritual, porque ela resume todas as outras (LE648)   
  
Conhecimento da Lei Natural  
Deus proporcionou a todos os homens os meios de conhecerem a Sua lei. Todos podem conhecê-la, mas nem todos a compreendem; os que melhor a compreendem são os homens de bem e os que desejam pesquisá-la (LÊ, 619). Para conhecer a lei divina importa uma certa elevação de sentimentos, uma certa maturidade interior; não se trata apenas de raciociná-la intelectivamente, mas compreender a lei implica em identificar-se com ela.**

**Por isso afirma Jesus no Sermão da Montanha, Bem-aventurados os puros de coração, esses verão a Deus (Mt, V: 8); da mesma forma os homens de bem compreenderão a Lei Divina ou Natural por uma conquista e elevação de si mesmos. Isso implica que o conhecimento da Lei Divina é equivalente ao grau de evolução do Espírito; no entanto, todos um dia compreenderão, porque é necessário que o progresso se realize (LÊ, 619).  
  
A Lei de Deus não está escrita em nenhuma pedra, em nenhum lugar, mas está na consciência dos próprios homens. Por consciência aqui não se entende meramente a condição pensante, mas antes uma consciência inata que reflete sobre si a lei de Deus. Todos a possuem imanente em si mesmos, qual lembrança intuitiva e que tende a revelar-se à medida que o Espírito se depura. Esta imanência da Lei Divina nos homens consiste na própria marca do obreiro na sua obra, ou seja, a própria essência divina na criação.  
  
Esta lembrança intuitiva revela-se segundo o grau de perfeição dos Espíritos. É assim que, para fazer progredir a humanidade, os Espíritos superiores vêm com a missão de revelar a lei de Deus, sejam eles homens de gênio ou profetas. No entanto, o verdadeiro profeta é um ho­mem de bem, inspirado por Deus. Podemos reconhecê-lo por suas pa­lavras e por suas ações (LÊ, 624). E o profeta mais perfeito que nos serviu de guia e modelo foi Jesus.**

**A doutrina que ele ensinou é a mais pura expressão de Sua lei, porque ele estava animado do Espírito divino e foi o ser mais puro que já apareceu na Terra (LÊ, 625). No entanto, o ensino de Jesus era frequentemente alegórico e em forma de parábolas. Daí a missão dos Espíritos de explicar e desenvolver essas leis: Estamos encarregados de preparar o Reino de Deus anunciado por Jesus, e por isso é necessário que ninguém venha a interpretar a lei de Deus ao sabor de suas paixões, nem falsear o sentido de uma lei que é toda amor e caridade (LE, 627) - Curso de Espiritismo - Edições FEESP**

**Edivaldo Fontana**

|  |  |
| --- | --- |
| **LIBERDADE** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- A constitução divina - pág. 109** | **02 - A mulher na dimensão espírita - pág. 19** |
| **03 - A pluralidade dos mundos habitados - pág. 253** | **04 - Allan Kardec - vol. 2 - pág. 311** |
| **05 - Almas que voltam - pág. 63** | **06 - Antologia do perispírito - ref. 37** |
| **07 - Ave luz - pág. 90** | **08 - Ceifa de luz - pág. 71** |
| **09 - Ciência e espiritismo - pág. 122** | **10 - Convites da vida - pág. 66** |
| **11 - Deus na natureza - pág. 280** | **12 - Do país da luz - vol. 4 - pág. 153, 285** |
| **13 - Falando à Terra - pág. 15** | **14 - Fonte viva - pág. 109** |
| **15 - Lázaro redivivo - pág. 43** | **16 - Na era do Espírito - pág. 90, 93** |
| **17 - O gênio céltico e o mundo invisível - pág. 187** | **18 - O Livro dos Espiritos - q 75, 122,156,...** |
| **19 - O porquê da vida - pág. 15** | **20 - Obras póstumas - pág. 233** |
| **21 - Palavras de vida eterna - pág. 69** | **22 - Pão nosso - pág. 43** |
| **23 - Pérolas do além - pág. 139** | **24 - Vinhas de luz - pág. 269** |
| **25 - Intervalos - pág. 68** | **26 - Mãos unidas - pág. 54** |
| **27 - Plantão da paz - pág. 22** | **28 - Oferenda - pág. 181** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**LIBERDADE – COMPILAÇÃO**

**03 - A PLURALIDADE DOS MUNDOS HABITADOS - CAMILLE FLAMMARION - 5°. LIVRO A HUMANIDADE NO UNIVERSO PÁG. 273**

**ÍTEM II - A INFERIORIDADE DO HABITANTE DA TERRA - (...)"A lei de morte", dizia Epicteto, "é a lei da natureza material e secundária; não acontece assim na natureza primordial e etérea." Antes de Epicteto, esta condição já havia, sido expressada pelo poeta da Ilíada. Celebrando a vigilant ternura de Vénus por seu filho Enéias, Homero falara nestes termos: "Um vapor etéreo corre no seio dos deuses afortunados; eles não se alimentam dos frutos da terra, e não beber vinho para matar a sede.'" Tais idéias foram freqüentemente expressadas depois, aplicadas aos seres que as religiões e mitologias imaginaram em meio às habitações paradisíacas essas idéias não representam somente as criações ilusórias da Fábula, mas um estado de coisas existente nas esferas superiores, estado em harmonia com o elevado destino de seres que contemplamos do fundo de nosso crepúsculo, e nos quais nós acreditamos encontrar o tipo ideal de nossa perfectibilidade.  
  
Sim, a materialidade de nosso mundo reagiu sobre a constituição física de seus habitantes, nossas tendências instintivas foram por ela influenciadas, nossos apetites trazem o cunho dessa grosseria, e os próprios sentimentos de nossa alma encarnada não puderam se libertar. Não é também apenas em nosso aparelho nutritivo que reconhecemos sinais da inferioridade de nosso mundo; também não apenas em nosso aparelho respiratório; mas todos os órgãos de corpo estão solidariamente ligados entre si, não há sequer uma de nossas funções que não esteja marcada pelo sinal inequívoco de nosso rebaixamento. Material de um lado nosso organismo não poderia ser etéreo de outro; a harmonia subsiste mesmo nas criações inferiores; nós somos indígenas e todo o nosso ser oferece, em todas as suas partes, a característica local de nossa região.  
  
Sobre os mundos onde as disposições amigáveis da natureza prepararam um verdadeiro trono à inteligência humana, e onde o homem não tem uma lealdade fictícia como aqui, mas reina em toda a extensão do domínio que pertence ao espírito, sobre esses mundos uma era de paz e de felicidade mede as idades da humanidade. As formas enganadoras que revestem o vício não surgiram ali; por que motivo seriam vestidas, e para que serviriam? Os elementos da perfídia e da sedução também não nasceram lá, pois o joio não cresce sem o germe. Sobre esses mundos a humanidade chegou a seu período de verdade, porque lá as paixões humanas tendem ao Bem. E, de fato, qualquer mundo onde a humanidade tenha chegado ao ciclo de sua virilidade deve oferecer este caráter distintivo fundamental: que, nele, o exercício pleno da liberdade conduza ao Bem. Entre as fileiras de uma humanidade viril, a liberdade desfraldada em toda a sua plenitude deve ser uma força poderosa estendida rumo à perfeição; está aí a prova da superioridade de um mundo. Lá, todas as paixões, todos os desejos, todos os apetites do homem têm em vista o tipo ideal que imaginamos como modelo e objetivo da natureza humana.  
  
Quanto é necessário que nosso mundo ofereça tal caráter! A liberdade, todo mundo a deseja; ninguém é digno dela. A liberdade, para nós, é a licenciosidade; é a satisfação ter instintos perversos; é a destruição da ordem geral e da segurança. E não falamos particularmente aqui dos cidadãos de nossa bela França, mas da Europa inteira e de todas as raças civilizadas: todos são liberais em teoria, ninguém o é na prática. A liberdade! Em que caos nosso pobre mundo se precipitará se, sem consideração pelas leis convencionais que a sociedade teve de se impor, nem por nossa consciência íntima, que pode mais ou menos nos segurar à beira do abismo, este mundo deixar-se arrastar pela satisfação brutal de seus desejos? Afora algumas exceções, todos os homens sobre a Terra são mais ou menos partidários dessa filosofia pessoal que foi chamada de Filosofia da sensação. Entre todas as escolas, nenhuma conta com tantos discípulos, e esta representa a expressão das tendências freqüentemente inconfessadas, mas dominantes, da maioria dos homens. Essa filosofia, para dizer em poucas palavras, parte do seguinte fato: a sensação agradável ou penosa; procurar a primeira, evitar a segunda.   
  
Ela recorda ao homem que seu primeiro instinto é desejar o prazer, qualquer que seja: prazer físico, prazer intelectual ou prazer moral; ela lhe ensina que o bom entendimento da vida consiste em procurar a maior quantidade de prazer possível durante um certo tempo, seja, a felicidade, e que a sabedoria mais bem compreendida é aquela que nos permite alcançar este objetivo, mesmo ao preço de renúncias passageiras e prudentes sacrifícios. Neste sistema, a felicidade pessoal é o propósito da vida, e interesse, o único motivo de todas as ações. Ora, não é esta a expressão da maneira de pensar maioria dos homens, e não seria a de todos, caso se quebrasse os freios que nos prendem a uma moral mais austera, se nos convidassem a fazer pleno uso da liberdade desejada? E nos perguntaríamos, a esses mesmos que proclamam verbalmente os dogmas de uma filosofia mais elevada, esta maneira de ela não está no fundo de seus pensamentos, não é ela o aguilhão que os empurra incessantemente rumo à tão amada deusa da Fortuna? Se todos os homens se escutassem, ou pudesse escutar-se, Epicuro seria o deus da Terra.  
  
Mas a filosofia da sensação, ou a moral do interesse é um sistema filosófico muito falso, que, como tão bem já demonstrou Victor Cousin, confunde a liberdade com o desejo e com isso anula a liberdade; não faz distinção fundamental entre o bom e o mau; não revela nem a obrigação nem o dever; não admite o direito e não reconhece o mérito e o demérito; pode facilmente — muito facilmente — prescindir de Deus; e, como última consequência, anula os princípios superiores da metafísica, da estética e da moral. Tomai a humanidade em seu conjunto, esta é a estrada sobre a qual ela se precipitaria se vós lhe abrísseis as portas da liberdade tal como ela a compreende, a tal ponto está longe de tender à perfeição ideal. Ainda é essa a estrada seguida secretamente pela maioria dos homens (e seria, para eles, impróprio não segui-la, pois lhes parece melhor encarar o mundo como ele é, modelar a partir dele sua maneira de viver, em vez de consumir-se em vãos esforços para reformá-lo). É este o mundo que se supôs representar sozinho a obra divina! É esta a humanidade supostamente completa em si mesma, abrigada sozinha sob a asa de Deus, e destinada a governar o Universo!**

**Assim, sob qualquer ponto de vista por que se encare a questão do homem, se reconhecem as provas irrefutáveis da inferioridade de nosso mundo e sente-se a existência de uma superioridade extraterrestre; todos os ensinamentos da filosofia e da moral o testemunham unidos. Dir-se-á agora que nossa humanidade cresce e se aperfeiçoa sem cessar, e que virá o dia em que o homem, chegado ao apogeu de sua grandeza, viverá em paz dias felizes e cheios de glória? Mas, imaginando ainda que toda a perfectibilídade de que a nossa raça é capaz realizar-se-á um dia; adiantando que, com a ajuda da ciência e da indústria, o homem chegará a dominar completamente a matéria, a fazer com as máquinas todo o trabalho físico que ainda é obrigado a fazer hoje em dia com as próprias mãos, e estabelecer, tanto quanto nos seja possível, o reinado do espírito sobre a Terra; vendo mais além de um futuro distante uma era gloriosa tão superior à era presente quanto esta o é com relação ao estado selvagem; mesmo assim não poderíamos mudar as condições fundamentais da existência de nossa espécie, condições intimamente ligadas a nossa estada terrestre, e não poderíamos fazer com que essa estada não portasse sempre o signo indelével de sua inferioridade. (...)**

**05 - ALMAS QUE VOLTAM - FERNANDO DO Ó - PÁG. 53**

**(...) Mas os Espíritos atrasados, que por isso mesmo se achavam incapazes de alçar voo além da atmosfera que envolve a Terra, bestializados, também penetravam nos lares, nas casas particulares onde pensamentos impuros ou desejos de vingança os atraíam, pela mesma força poderosa do pensamento. Porque, diga-se de passagem, o pensamento é a linguagem das almas, a força imensa que liga os mundos, as humanidades; que liga a criatura ao Criador; que liga a alma a Deus. Penetrando os lares, ou por maldade ou ignorância, por vingança ou mero divertimento, começam a fazer toda a sorte de diabruras, de distúrbios, ocasionando moléstias de toda a natureza, obsidiando uns, atormentando outros, levando ainda outros ao suicídio ou à prática de atos reprováveis e criminosos, mas sem derrogar, é claro, as leis sábias que norteiam o Livre Arbítrio dos homens. Se estes são arrastados por entidades malévolas à prática de determinados atos, não se conclua, daí, que fosse abolido o livre arbítrio da criatura. Deu-se apenas um fenômeno perfeitamente explicável.  
  
O homem quis o efeito da causa que preparou. Por seu atraso, por sua desídia no cumprimento dos deveres, por seu relaxamento moral, deu margem à aproximação dos Espíritos afins, deu lugar à obsessão. Se nenhuma resistência opôs às solicitações da entidade invisível, é que estava em nível igual ao da criatura obsessora. Por seu atraso entregou-se à entidade invisível, e desta se tornou mero joguete. Assim como não teve força moral para ser bom, não poderia tê-la para repelir as sugestões do Espírito atrasado. Foi para o Mal, como poderia ter ido para o Bem. Do Espírito depende a sua própria sorte. Ele tanto tem a liberdade de fazer o bem quanto a de fazer o mal. Não se trata de defesa da teoria do Livre Arbítrio absoluto, como pretendem os sectários de outras crenças. O livre arbítrio que o Espiritismo prega e defende é eclético. Participa do Determinismo e do Livre Arbítrio propriamente dito. Não se poderia dizer que o homem fosse estranho às solicitações das forças ambientes, somente pelo fato de asseverarmos que cada qual tem o seu livre arbítrio.**

**Aquilo que o homem pratica, arrastado pelas forças sociais, pela fatalidade biológica da hereditariedade, pela inelutabilidade do meio ambiente, o faz em função do próprio determinismo que o constrange, que o coage, que cerceia, por assim dizer, a sua liberdade moral.  
O homem é livre, quando se encara a si mesmo, como ser imortal, e quer pautar a sua conduta pela linha severa da moral evangélica. Quando o homem tem liberdade de fazer, sem constrangimento de ordem biológica ou social, isto ou aquilo, ele se agita dentro das linhas mestras do Livre Arbítrio. Ele é livre para agir sem as solicitações materialistas do meio ambiente, mas em função de uma idéia mais alta da sua destinação espiritual. Quando dissemos que o Espírito tem o seu livre arbítrio, referimo-nos ao ser imortal que está dentro de nós e em cuja existência, inteiramente independente do corpo, a ciência materialista não crê. Encarnado, o Espírito se sujeita, se submete às leis que governam o mundo físico. Não pode, portanto, conservar íntegra, intangível, pairando alto, essa liberdade moral que, na sucessão das vidas, ele vai apurando, melhorando, espiritualizando. O homem materializado, o ser animalizado, bestializado, não tem propriamente, senão de onde em onde, fugaz, passageira, a sua liberdade moral de praticar este ou aquele ato. Ainda assim, não perdeu o senso da sua liberdade.**

**O seu espírito está integrado de tal forma no meio ambiente que o circunda, que raramente se dá conta de que é capaz de obrar isto ou aquilo. E' um cego moral, ou, melhor, é um indivíduo que moralmente pouco vê. Entretanto, dele depende a própria libertação . Ninguém está, portanto, sujeito somente às leis inflexíveis do Determinismo. O Livre Arbítrio se manifesta cada vez mais completo, em toda a sua plenitude, na Terra, entre os homens, quanto mais elevada espiritualmente é a criatura. Por isso não é de estranhar que criaturas desencarnadas exerçam sobre entes encarnados, mais animalizados, a sua ação nefasta e funesta, deletéria, desagregadora.  
Paulo compreendia isso, vendo essas duas humanidades que se mesclavam. Eram dois mundos agindo e reagindo um sobre o outro. Que portento era isso para um estudo completo sobre os dois mundos, sobre as duas esferas da Vida! Percorreu os bairros chiques e os arrabaldes miseráveis da grande cidade. Sempre os contrastes, sempre a Dor, sempre o Sofrimento. Mas o homem continuava sendo mau.  
  
O prazer era tudo para a vida. A ânsia de dominação, a loucura das posições, a febre do dinheiro e do bem-estar material, eis o que via em quase todos os rostos, em quase todos os espíritos. O egoísmo atingira um grau assustador, envolvendo a maioria dos homens. Os pequenos, fracos e desgraçados eram esmagados pelos fortes e poderosos. Os que pretendiam subir em qualquer esfera da atividade encontravam a barreira dos egoístas, das nulidades que os saltos do Destino colocaram no ápice da fama. Todos os maus se congregavam para subjugar os bons, os honestos. A fortuna pública era malbaratada, deixando-se a infância e a velhice desamparadas, uma se pervertendo nos quarteirões do vício e da prostituição, e outra agonizando nos casebres infetos, senão nas ruas e nas sarjetas. Era o espetáculo desolador que contemplava.— Onde pretendes encarnar, Paulo? — falou a voz doce e carinhosa do Guia Espiritual — Escolhe, eis que vieste estudar os quadrantes da Terra, onde as almas se elevam ou tombam.(...)**

**11- DEUS NA NATUREZA - CAMILLE FLAMMARION - PÁG. 280**

**(...) Não admitis, com Hume, que o "homem tem consciência, não do princípio de seus atos, mas tão somente dos atos em si, apenas como fenômenos"? Todo o movimento cerebral nos vem do exterior, pelos sentidos e a excitação do cérebro; o pensamento é um fenômeno material, como o próprio pensamento. A vontade é expressão necessária de um estado cerebral produzido por influências exteriores. Não há vontade livre; não há concretização de vontade independente da soma de influências que a todo o instante inspiram o homem e impõem, ainda aos mais poderosos, limites infranqueáveis". Assim falaria, porque assim falam os discípulo de Holbach. No parecer deste, "a liberdade não é mais que a necessidade encerrada dentro de nós. Não há diferença entre o homem que se atira voluntariamente e o que é atirado de uma sacada abaixo, senão que ao primeiro a impulsão lhe vem de dentro, e ao segundo chega de fora do seu maquinismo".  
  
Entretanto, há casos peremptórios, nos quais pensamos poder constatar o livre arbítrio, como, por exemplo, na atitude de um homem que, possuído de grande sede, repele dos lábios o copo dágua, logo que se lhe diga que esta contém veneno. Mas, temos o direito de supor que esse homem assim proceda livremente? A vontade, ou, melhor, o cérebro se encontra em estado comparável à bola que, recebendo um impulso em certa direção, desta se desvia logo que intervenha uma força maior que a primeira. Holbach nos dá uma fórmula aritmética da liberdade: As ações do homem são sempre um misto de energia própria e dos seres que sobre ele atuam e o modificam. Respondemos a essa negação integral da liberdade com uma doutrina que, sem nos investir de um arbítrio absoluto, de vez que as influências exteriores atuam constantemente para atenuar esse absoluto, nem por isso deixa de nos dar uma liberdade real, uma responsabilidade íntima, um livre arbítrio incontestável. O assunto é mais complexo do que parece aos profanos e temos uma permanente manifestação de sua dificuldade na sucessão secular das crenças religiosas, que oscilam entre o fatalismo e a graça divina.**

**Maomet arvorou o estandarte do fatalismo; Calvino só vê a predestinação, enquanto Lutero consagra o livre arbítrio absoluto. A verdade, pensamos, está entre os extremos. O número de livros teológicos concernentes à graça divina é incontável, e compreende-se que, nesta época, é tempo perdido o que se emprega nestas elucubrações. Contudo, é sempre útil saber o que devemos pensar da liberdade. Nós, pelo menos, assim o consideramos com Spurzheim, quando a respeito escreveu aquelas páginas judiciosas, quando assim pondera o contravertido assunto. A palavra liberdade é empregada num sentido mais ou menos lato. Há filósofos que atribuem ao homem uma liberdade ilimitada. Ao seu ver, o homem cria, por assim dizer, a sua própria natureza, adquire as faculdades que deseja e age independente de qualquer lei. Uma tal liberdade está em contradição com um ser criado. Tudo quanto possam dizer a seu favor não passará de declamações enfáticas, desprovidas de senso e de veridicidade. Outros há que admitem uma liberdade absoluta, em virtude da qual o homem age sem motivo. Isso, porém, é presumir efeito sem causa, é isentar o homem da lei de causalidade. Seria uma liberdade contraditória de si mesma, podendo-se proceder num mesmo caso bem ou mal, mas sempre sem motivo. Inúteis seriam, então, todos os institutos de finalidade beneficente, individual ou coletiva.**

**De que serviriam as leis, a Religião, as penalidades e recompensas, se nada determinasse o homem? Porque esperar de outrem amizade e fidelidade, antes que ódio e perfídia? Promessas, juramentos, votos, tudo ilusão! Uma tal liberdade nada tem de real, não passa de especulativa e absurda. Precisamos, ao contrário, reconhecer uma liberdade acorde com a natureza humana, liberdade que a legislação pressupõe, liberdade raciocinada. Três são as condições fundamentais da legítima liberdade: em primeiro lugar, é preciso que a criatura possa escolher entre vários motivos. Seguindo o motivo mais forte, ou agindo só por prazer, já se não opera com liberdade. O prazer não é mais que uma falsa aparência de liberdade. A ovelha que mastiga a erva com prazer, não está exercendo um ato livre. Obedecendo a um desejo mais forte, também o animal, quanto o homem, não pratica livremente, tão-pouco. A condição precípua da liberdade é a inteligência, ou a faculdade de conhecer e escolher os motivos. Quanto mais ativa a inteligência, mais ampla a liberdade. Os idiotas natos, as crianças até uma certa idade, têm, às vezes, desejos muito enérgicos, mas ninguém os considera livres, visto não possuírem inteligência bastante para distiguir o falso do verdadeiro. Os homens mais bem educados e os mais inteligentes são os de quem, mais que dos ignorantes, deploramos as faltas.**

**À medida que se elevam na série das faculdades intelectivas, os animais vão-se tornando mais livres e modificam mais individualmente os seus atos, de acordo com as circunstâncias exteriores e com as lições de sua prévia experiência. Se empregamos a violência para impedir o cão de perseguir a lebre, ele se lembrará das pancadas que o aguardam, e árdego e trêmulo ao império dos próprios desejos, não deixará de ceder. O homem, superior a todos os seus irmãos da escala zoológica, é, por sua mesma natureza, o ser que goza de liberdade no grau mais eminente. Só ele procura encadear efeitos e causas, comparar melhor o presente e o passado, e dai tirar conclusões para o futuro. Pesa as razões, detém-se nas que lhe parecem preferíveis, conhece a tradição. Seu raciocínio decide e perfaz a vontade esclarecida, muitas vezes contrariamente aos seus desejos. Uma última condição da liberdade é a influência da volição sobre os instrumentos que devam operar suas ordens pessoais. O homem não é responsável por desejo ou por faculdades afetivas dele independentes. A responsabilidade individual começa com a reflexão e com a possibilidade de proceder voluntariamente. No estado de saúde os instrumentos operatórios subordinam-se à influência da vontade. A fome é involuntária, mas, se em senti-la, eu me abstiver de comer, exerço a influência da minha vontade sobre os instrumentos do movimento voluntário.**

**A cólera é involuntária, mas eu não sou forçado a maltratar quem me provoque, só porque a minha vontade influi em meus músculos. Perdido o domínio dessa influência, então, sim, o homem já não é livre. E' o que amiúde sucede com os alienados, que experimentam desejos, reconhecem a sua inconveniência, chegam a maldizê-los, mas não têm a força de restringir os movimentos involuntários, chegando mesmo, algumas vezes, a pedir que lhos embarguem. A liberdade moral é a base mesma da sociedade e se ela não passa de ilusão, todo o gênero humano, tanto as nações incipientes como as mais civilizadas, que cultivam a Ciência e governam a Matéria, bem como os povos remotos, toda a humanidade, - repetimo-lo - ter-se-ia deixado iludir pelo mais colossal dos erros que ainda existiu, depois de enveredar ela senda mais falsa e injusta que possamos imaginar. Mas... que dizemos: — injusta Neste sistema, essa palavra nada significa; e vista que o bem e o mau não existem; visto não haver ordem moral, claro é que todas as palavras concernentes à descrição dessa ordem, todos os pensamentos julgamentos carecem de sentido. E contudo, a ienes que abstraiamos a própria consciência, não podemos anuir a semelhantes conclusões. Quaisquer que sejam as conclusões teóricas a que cheguem os lógicos na questão do livre arbítrio — dizia Samuel Smiles —, todos sentimos que somos pràticamente livres de escolher entre o bem e o mal Não somos o seixo que, lançado na torrente, ajenas pode indicar, seguindo-a, o curso das águas.**

**Ao contrário, sentimos em nós a força do nadador, que pode escolher a direção convinhável, lutar contra a corrente, ir mais ou menos aonde lhe praza. Nenhum constrangimento absoluto nos empece a vontade. Sentimos e sabemos, no concernente aos nossos atos, que não somos encadeados por qualquer espécie de magia. Todas as nossas aspirações para o bem e para o belo ficariam paralisadas, se pensássemos de modo diverso. Todos os negócios, nossa conduta na vida, regime doméstico, contratos sociais, instituições públicas, tudo, enfim, se baseia na noção prática do livre-arbítrio. E, sem ele, onde estaria a responsabilidade ? De que serviria ensinar, aconselhar, predicar, reprimir punir? Para que leis, se não houvesse uma crença universal como o próprio fato universal, de que dos homens e de sua determinação depende conformar-se ou não ? O homem que melhor evidencia seu valor moral é o que se observa a si mesmo, dirige as suas paixões, vive conforme a regra que se impôs, estuda suas aptidões e suas falhas. (...)**

**12 - DO PAÍS DA LUZ - ESPÍRITOS DIVERSOS - VOL. 4 - PÁG. 153, 285**

**ÍTEM LV - visconde D'Ouro Preto.:  
Quis ontem falar e responder à pergunta do que pensávamos do atual momento político brasileiro. Não nos deixaram. Não era ocasião asada para o fazer. O que reinava na assembléia não era interesse, era curiosidade. Nem a minha resposta poderia ser agradável aos que a fizeram. O que penso é desagradável. O atual momento político é inquietador. A desordem e a desorganização que se revelam na administração pública do Brasil, não só no governo central, como nas caricaturas de Repúblicas que cada Estado representa, é prenúncio de um estado grave próximo. As finanças estaduais e federais revelam um desequilíbrio assustador; as liberdades públicas, no seu conjunto, são um mito; e, se as encararmos pela sua vida em cada Estado, são uma irrisão. A tão apregoada legenda da República — Liberdade, Igualdade e Fraternidade, e a outra não menos apregoada legenda positivista de Ordem e Progresso, são devaneios poéticos de sonhadores de boa fé, ou burla e mistificação com que audazes aventureiros costumam embair os crédulos. Não há liberdade, não há igualdade, não há fraternidade em parte nenhuma do Brasil. A ordem é uma pilhéria; o progresso um engano. Para se ver a ordem, na parte social do país, é olhar a revolução permanente em que ele se encontra, em manifestações intermitentes, com irrupções súbitas e desgraçadas em todos os Estados.  
  
Só as grandes longitudes do Brasil permitem a sensação de que essas revoluções pertencem a outros países, porque dão uma repercussão fraca na organização geral. Mas todos os dias corre sangue pela desordem, que vive e medra à sombra daquelas palavras bombásticas com que o devaneio enfeitou a heráldica brasileira. Na parte financeira e econômica, haja vista ao estado calamitoso do tesouro público, quer se observe o tesouro federal, quer se observem os tesouros estaduais, ou os dos municípios. Despesas sem conta, impostos sem consciência, empréstimos sem cautela e quantos sem lisura. Tudo em descalabro . Na política, a desorientação é geral. Todos se Supõem grandes homens, havendo uma falência completa, ou quase, de autoridade, não sendo mais rica a de competências. Quanto a caracteres... Hoje, na política brasileira, há só dois fitos a atingir: — mandar, ou enriquecer. Uns procuram reunir os dois, outros, mais modestos, contentam-se com o último.**

**Do progresso pouco há a falar. O progresso do Brasil é a consequência do progresso que invade todas as partes do mundo. E' uma consequência necessária e inevitável. Provém mais de fatores externos, do que de fatores internos. São os capitais de homens e dinheiros estrangeiros que vieram impelir o País a entrar no concerto universal. Foi a emigração sucessiva, foram os empréstimos sucessivos, ao Estado federal, aos Estados federados e aos municípios que permitiram esse simulacro de progresso oficial que a intermitências se nota aqui e ali. Foram os capitais industriais estrangeiros que, à sombra de uma proteção pautai proibitiva, vieram desenvolver aparentemente uma indústria que, em verdade, se manifesta exótica e raquítica. As grandes fontes de riqueza naturais conservam-se estacionárias, ou em explorações rotineiras. A agricultura, que devia ter aqui o oásis do mundo, quase não existe. Não produz os gastos internos, quando tem condições para ser um dos celeiros do mundo. A cultura do açúcar definha; a criação de gados não abastece os mercados próprios. O café só num ou noutro Estado, por circunstâncias ocasionais e artificiais, se mostra próspero. A borracha, que era o tesouro nortista do Brasil, deixaram-na perder a sua preponderância e o seu valor nos mercados europeus, pretendendo-se agora, em esforços inauditos, insuflar-lhe uma vida nova e artificial.**

**Que fica do progresso, outra legenda heráldica dos devaneios positivistas? A liberdade é de gozo único dos que mandam; a igualdade ninguém a quer, porque todos querem ser superiores; a fraternidade é uma aspiração permanente e permanentemente irrealizável dos que estão nas classes inferiores sociais, que sonham irmanar-se sempre e só com os que lhes são superiores. A justiça perdeu a austeridade, a seriedade e a confiança. E' uma coisa inominável e perigosa. Com estas premissas é fácil concluir-se que o momento político atual é de desorientação inquietadora. Ninguém sabe para onde se dirige. A grande massa do povo desinteressou-se com-pletamente da vida política. Constitui só matéria tributária e tropo retórico a que se abordam políticos e jornalistas. Se não fossem estes, a cada momento, dizerem que o povo pensa assim, que o povo quer isto e aquilo, que o povo julga assim, que o povo fará aquilo, que representam o povo, que transmitem a opinião do povo, esquecendo de dizerem como lhes veio a representação e onde auscultaram a opinião, não se saberia que havia povo no Brasil. Há, na vida dele, uma ocasião solene e grave em que mostra a sua suprema soberania, a sua realeza republicana, deixe-me empregar esta fórmula, que deve agradar aos instintos autocráticos de todos os liberais modernos.**

**E' quando tem de ser cidadão e eleger. Mas, aí, ele delega a sua soberania e há então uns representantes mais modestos, que não apregoam que representam a autoridade do povo, a opinião do povo, mas que, de fato, as exercem, fabricando atas e praticando atos, numa benemérita dedicação pelo povo que representam, para o não desviarem das suas labutas e dos seus descansos. Estes são o primeiro alambique em que se destila a salvação pública, na con­fecção dos paredros do país. E se o povo tem assim tanto quem por favor lhe faça as coisas, que necessidade tem ele de aparecer e incomodar-se?Não há ordem, não há progresso efetivo e estável, nascido no Brasil, do Brasil e para o Bra­sil; não há liberdade, não há igualdade, não há fraternidade, não há justiça, não há povo. Que fica desta República que veio para libertar e salvar o Brasil? Ah! ficam os salvadores! Ficam os políticos, que têm posto todo o Brasil na salvação em que se encontra e que andam já em nova desordem, a procurar, em nome da ordem, um novo Salvador, a quem entreguem os destinos da República. E nisto passam a vida. Nesta como em todas as Repúblicas: — a elevarem salvadores e a derrubarem salvadores. Mas, do naufrágio, que tantos salvadores ocasionarão, há-de surgir alguém que recolha os salvados deste grande país, grande na extensão, na glória e na infelicidade.**

**14 - FONTE VIVA - EMMANUEL - PÁG. 109**

**ÍTEM 47 AUTOLIBERTAÇÃO - ". . .Nada trouxemos para este mundo e manifesto é que nada podemos levar dele." — Paulo. (I timóteo, 6:7.)  
Se desejas emancipar a alma das grilhetas escuras do "eu", começa o teu curso de autolibertação, aprendendo a viver "como possuindo tudo e nada tendo", "com todos e sem ninguém". Se chegaste à Terra na condição de um peregrino necessitado de aconchego e socorro e se sabes que te retirarás dela sozinho, resigna-te a viver contigo mesmo, servindo a todos, em favor do teu crescimento espiritual para a imortalidade. Lembra-te de que, por força das leis que governam os destinos, cada criatura está ou estará em solidão, a seu modo, adquirindo a ciência da autosuperação. Consagra-te ao bem, não só pelo bem de ti mesmo, mas, acima de tudo, por amor ao próprio bem. Realmente grande é aquele que conhece a própria pequenez, ante a vida infinita. Não te imponhas, deliberadamente, afugentando a simpatia; não dispensarás o concurso alheio na execução de tua tarefa. Jamais suponhas que a tua dor seja maior que a do vizinho ou que as situações do teu agrado sejam as que devam agradar aos que te seguem. Aquilo que te encoraja pode espantar a muitos e o material de tua alegria pode ser um veneno para teu irmão.**

**Sobretudo, combate a tendência ao melindre pessoal com a mesma persistência empregada no serviço de higiene do leito em que repousas. Muita ofensa registrada é peso inútil ao coração. Guardar o sarcasmo ou o insulto dos outros não será o mesmo que cultivar espinhos alheios em nossa casa? Desanuvia a mente, cada manhã, e segue para diante, na certeza de que acertaremos as nossas contas com Quem nos emprestou a vida e não com os homens que a malbaratam. Deixa que a realidade te auxilie a visão e encontrarás a divina felicidade do anjo anónimo, que se confunde na glória do bem comum. Aprende a ser só, para seres mais livre no desempenho do dever que te une a todos, e, de pensamento voltado para o Amigo Celeste, que esposou o caminho estreito da cruz, não nos esqueçamos da advertência de Paulo, quando nos diz que, com alusão a quaisquer patrimônios de ordem material, "nada trouxemos para este mundo e manifesto é que nada podemos levar dele".  
  
16 - NA ERA DO ESPÍRITO - ESPÍRITOS DIVERSOS - PÁG. 90, 93  
  
ÍTEM 15 - Chico Xavier - Em Torno da Liberdade  
"Envio-lhe a página que o nosso caro Emmanuel escreveu, em torno da liberdade, em resposta às indagações e aos comentários havidos numa de nossas reuniões públicas. Jovens e adultos se referiam aos assuntos de independência, com as opiniões mais diversas, antes da realização de nossas tarefas. No início das atividades programadas O Livro dos Espíritos nos ofereceu a questão número 825. E o nosso amigo espiritual, na fase terminal da reunião, nos deu as suas impressões na mensagem "Honrarás a liberdade". Crendo possa o tema estudado servir igualmente às nossas reflexões, faço a remessa da página referida ao generoso apoio de suas mãos."  
  
ÍTEM 15 - Emmanuel - Honrarás a Liberdade  
Honrarás a liberdade, não para voltar às brumas do passado em cujos desvarios já nos submergimos muitas vezes, e que te impeliram a tomar novo corpo no plano físico, mas, frequentemente para resgastar as consequências infelizes dos atos impensados. Estimarás a liberdade para cultivar a consciência tranquila pelo exato desempenho dos compromissos que esposaste. Muitos companheiros da Humanidade se farão ouvir, diante de ti, alinhando teorias brilhantes em se referindo a independência e progresso, quase sempre para justificar o desgovernado predomínio do instinto sobre a razão, como se progresso e independência constituíssem retorno ao pri-mitivismo e à animalidade. Ouvirás a todos eles com tolerância e bondade, observando, porém, as ciladas que se lhes ocultam sob o luxo verbalístico, à maneira de armadilhas recobertas de flores, e seguirás adiante de coração atento à execução dos encargos que a vida te reservou.  
  
Sabes que a inteligência, quando se propõe desregrar-se no esquecimento dos princípios que lhe ditam comportamento digno, inventa facilmente vocábulos cintilantes, de modo a disfarçar a própria deserção. Aceitarás o trabalho no grupo doméstico ou na equipe de ação edificante aos quais te vinculas, na produção do bem geral, doando o melhor de ti mesmo em abnegação aos companheiros que te compartilham a experiência, na certeza de que unicamente nas lutas e sacrifícios em que somos obrigados a viver e a conviver, uns à frente dos outros, é que conseguiremos a carta de alforria no cativeiro que nos aprisiona aos resultados menos felizes das existências passadas. Orarás e vigiarás, segundo os ensinamentos de Jesus, e honrarás a liberdade qual ele mesmo a dignificou, amando aos semelhantes sem exigir o amor alheio e prestando auxílio sem pensar em recebê-lo. Serás, enfim, livre para obedecer às Leis Divinas e sempre mais livre para ser cada vez mais útil e servir cada vez mais.  
  
ÍTEM 15 - Irmão Saulo - Condições da Liberdade  
O princípio da liberdade é um anseio natural do homem e constitui o fundamento de todas as realizações duradouras. Sabemos que o homem é, na Terra, entre os seres visíveis que a povoam, o único realmente dotado de livre arbítrio. Mas a liberdade é condicionada pela responsabilidade, sendo que a responsabilidade, por sua vez, não pode existir sem liberdade. Estamos diante do que poderíamos chamar a dialética da autonomia. Da interação de liberdade e responsabilidade surge a síntese da independência, tanto em plano individual como no coletivo.  
  
A questão 825 de O Livro dos Espíritos é a seguinte: "Pergunta: Há posições no mundo em que o homem possa gabar-se de gozar de liberdade absoluta? — Resposta: Não, porque vós todos necessitais uns dos outros, assim os pequenos como os grandes". Esse problema foi amplamente analisado por Kardec no estudo "Liberdade, Igualdade e Fraternidade", publicado em Obras Póstumas. Ali encontramos esta proposição: "Do ponto de vista do bem social a fraternidade figura em primeira linha, é a base. Sem ela não poderá haver igualdade nem liberdade verdadeiras. A igualdade decorre da fraternidade e a liberdade é uma consequência das duas".**

**18 - O LIVRO DOS ESPÍRITOS - ALLAN KARDEC - QUESTÕES: 75, 122, 156, 258, 266, 368, 372, 825 A 872  
  
Perg. 75 - É acertado dizer que as faculdades instintivas diminuem, à medida que crescem as intelectuais? - Não. O instinto existe sempre, mas o homem o negligência. O instinto pode também conduizer ao bem; ele nos guia quase sempre, e às vezes mais seguramente que a razão; ele nunca se engana.  
Perg. 122 - Como podem os Espíritos, em sua origem, quando ainda não têm a consciência de si mesma, ter a liberdade de escolher entre o bem e o mal? Há neles um princípio, uma tendência qualquer que os leve mais para um lado que para outro? - O livre-arbítrio se desenvolve à medida que o Espírito adquire consciência de si mesmo. Não haveria liberdade, se a escolha fosse provocada por uma causa estranha à vontade do Espírito. A causa não está nele, mas no exterior, nas influências a que ele cede em virtude de sua espontânea vontade. Esta é a grande figura da queda do homem e do pecado original: uns cederam à tentação e outros resistiram.  
Perg. 156 - A separação definitiva entre a alma e o corpo pode verificar-se antes da cessação completa da orgânica? - Na agonia, às vezes, a alma já deixou o corpo, que nada mais tem do que a vida orgânica. O homem não tem mais consciência de si mesmo e não obstante ainda lhe resta um sopro de vida. O corpo é uma máquina que o coração põem em movimento. Ele se mantém enquanto o coração lhe fizer circular o sangue pelas veias e, para isso não necessita da alma.  
  
Perg. 258 - No estado errante, antes de nova existência corpórea, o Espírito tem consciência e previsão do que lhe vai acontecer durante a vida? -Ele mesmo escolhe o gênero de provas que deseja sofrer; nisto consiste o seu livre-arbítrio.  
Perg. 266. - Não parece natural que os Espíritos escolham as provas menos penosas?— Para vós, sim; para o Espírito, não. Quando ele está liberto da matéria, cessa a ilusão, e a sua maneira de pensar é diferente.  
O homem, submetido na Terra à influência das ideias carnais, só vê nas suas provas o lado penoso. É por isso que lhe parece natural  
escolher as que, do seu ponto de vista, podem subsistir com os prazeres mal criais. Mas na vida espiritual ele compara os prazeres fugitivos e grosseiros com a felicidade inalterável que entrevê, e então, que lhe importam alguns sofrimentos passageiros? O Espírito pode escolher a prova mais rude e, em consequência, a existência mais penosa, com a esperança de chegar mais depressa a um estado melhor, como o doente escolhe muitas vezes o remédio mais desagradável para se curar mais rapidamente. Aquele que deseja ligar o seu nome à descoberta de um país desconhecido não escolhe um caminho coberto de flores, pois sabe os perigos que corre, mas sabe também a glória que o espera, se for feliz.  
  
A doutrina da liberdade de escolha das nossas existências e das provas que devemos sofrer deixa de parecer estranha, quando considerarmos que os Espíritos, libertos da matéria, apreciam as coisas de maneira diferente da nossa. Eles antevêem o fim, e esse fim lhes parece muito mais importante que os prazeres fugitivos do mundo. Depois de cada existência, vêem o progresso que fizeram e compreendem quanto ainda lhes falta em pureza para o atingirem. Eis porque se submetem voluntariamente a todas as vicissitudes da vida corpórea, pedindo eles mesmos aquelas que podem fazê-los chegar mais depressa. Não há, pois, motivo para nos admirarmos de ver o Espírito não dar preferência à existência mais suave. No seu estado de imperfeição, ele não pode desfrutar uma vida sem amarguras, que apenas entrevê; e é para atingi-la que procura melhorar-se. Não vemos diariamente exemplos de coisas parecidas? O homem que trabalha uma parte de sua vida, sem tréguas nem descanso, a fim do ajuntar o necessário para o seu bem-estar, não desempenha uma tarefa que se impôs, com vistas a um futuro melhor? O militar que se oferece para uma missão perigosa, o viajante que não enfrenta menores perigos, no interesse da Ciência ou de sua própria fortuna, não se habilitem a provas voluntárias, que devem proporcionar-lhes honra e proveito, se as vencerem? A que o homem não se expõe, pelo seu interesse ou pela sua glória? Todos os concursos não são provas voluntárias pura melhorar na carreira escolhida?   
  
Não se chega a nenhuma posição inicial de elevada importância, nas Ciências, nas artes, na indústria, vem passar pela série de posições inferiores, que são outras tantas próvas. A vida humana é assim o decalque da vida espiritual. Nela encontramos em menor escala todas as peripécias daquela. Se na vida terrena escolhemos muitas vezes as provas mais difíceis, com vistas a um fim mais elevado, por que o Espírito, que vê mais longe, e para quem a vida do corpo é apenas um incidente fugitivo, não escolherá uma existência penosa e laboriosa, se ela o deve conduzir a uma felicidade eterna? Aqueles que dizem que se pudessem escolher a sua existência teriam pedido a de príncipes ou milionários, são como os míopes que não vêem o que tocam, ou como as crianças gulosas que respondem, quando perguntamos que profissão preferem: pasteleiros ou confeiteiros. Da mesma maneira, o viajante, no fundo de um vale nevoento, não pode ver a extensão nem os pontos extremos da sua rota; mas, chegando ao cume da montanha, seu olhar abrange o caminho percorrido e o que falta a percorrer, vê o final de sua viagem, os obstáculos que ainda tem de vencer, e pode então escolher com mais segurança os meios de o atingir.   
  
O Espírito encarnado é como o viajante no fundo do vale; desembaraçado dos liames terrestres, é como o que atingiu o cume. Para o viajante, o fim é o repouso após a fadiga; para o Espírito, é a felicidade suprema, após as tribulações e as provas. Todos os Espíritos dizem que, no estado errante, buscam, estudam, observam, para fazerem suas escolhas. Não temos um exemplo disso na vida corpórea? Não buscamos muitas vezes através dos anos a carreira que livremente acabamos por escolher, porque a achamos a mais apropriada aos nossos objetivos? Se fracassamos numa, procuramos outra. Cada carreira que abraçamos é uma fase, um período de vida. Não empregamos cada dia em escolher o que faremos no outro? Ora, o que são as diferentes existências corpóreas, para o Espírito, senão fases, períodos, dias da sua vida espírita, que, como o sabemos, é a vida normal, não sendo a vida corporal mais que transitória, passageira?  
  
Perg. 368 - As faculdades do Espírito se exercem com toda a liberdade, após a sua união com o corpo? - O exercício das faculdades depende dos órgãos que lhes servem de instrumentos, elas são enfraquecidas pela grosseria da matéria.  
Perg. 372 - Qual é o objetivo da Providência, ao criar seres desgraçados como os cretinos e os idiotas? - São os Espíritos em punição que vivem em corpos de idiotas. Esses Espíritos sofrem com o constrangimento a que estão sujeitos e pela impossibilidade de manifestar-se por intermédio de órgãos não desenvolvidos ou defeituosos.  
Perg. 825. - Há posições no mundo em que o homem possa gabar-se de gozar de uma liberdade absoluta? -Não, porque vós todos necessitais uns dos outros, os pequenos como os grandes.  
Perg. 826. - Qual seria a condição em que o homem pudesse gozar de liberdade? -A do eremita no deserto. Desde que haja dois homens juntos, há direitos a respeitar e não terão eles, portanto, liberdade absoluta.  
Perg. 827. - A obrigação de respeitar os direitos alheios tira ao homem o direito de ser senhor de si? - Absolutamente, pois esse é um direito que lhe vem da Natureza.   
Perg. 828 - Como conciliar as opiniões liberais de certos homens com o seu frequente despotismo no lar e com os seus subordinados? - São os que possuem a compreensão da lei natural balançada pelo orgulho e pelo egoísmo. Sabem o que devem fazer, quando não transformam os seus princípios numa comédia bem calculada, mas não o fazem.  
Perg. 828a. Os princípios que professaram nesta vida lhes serão levados em conta na outra? - Quanto mais inteligência tenha o homem para compreender um princípio, menos escusável será de não o aplicar a si mesmo. Na verdade que o homem simples, mas sincero, está mais adiantado no caminho de Deus do que aquele que aparenta o que não é.  
Perg. 829 - Há homens naturalmente destinados a ser propriedade de outros homens? — Toda sujeição absoluta de um homem a outro é contrária à lei de Deus. A escravidão é um abuso da força e desaparecerá com o progresso, como pouco a pouco desaparecerão todos os abusos. A lei humana que estabelece a escravidão é uma lei contra a Natureza, pois assemelha o homem ao bruto e o degrada moral e fisicamente.  
Perg. 830. - Quando a escravidão pertence aos costumes de um povo, são repreensíveis os que a praticam nada mais fazendo do que seguir um uso que lhes parece natural? — O mal é sempre o mal. Todos os vossos sofismas não farão que uma ação má se torne boa. Mas a responsabilidade do mal é relativa aos meios de que se dispõe para o compreender. Aquele que se serve da lei da escravidão é sempre culpável de uma violação da lei natural; mas nisso, como em todas as coisas, a culpabilidade é relativa. Sendo a escravidão um costume entre certos povos, o homem pode praticá-la de boa-fé, como uma coisa que lhe parece natural. Mas desde que a sua razão, mais desenvolvida e sobretudo esclarecida pelas luzes do Cristianismo, lhe mostrou no escravo um seu igual perante Deus, ele não tem mais desculpas.  
Perg. 831. - A desigualdade natural das aptidões não coloca certas raças humanas sob a dependência das raças inteligentes?— Sim, para as elevar, e não para as embrutecer ainda mais na escravidão. Os homens têm considerado, há muito, certas raças humanas como animais domesticáveis, munidos de braços e de mãos, e se julgaram no direito de vender os seus membros como bestas de carga. Consideram-se de sangue mais puro. Insensatos, que não enxergam além da matéria! Não é o sangue que deve ser mais ou menos puro, mas o Espírito.  
Perg. 832. - Há homens que tratam os seus escravos com humanidade, que nada lhes deixam faltar e pensam que a liberdade os exporia a mais privações. Que dizer disso?— Digo que compreendem melhor os seus interesses. Eles têm também muito cuidado com os seus bois e os seus cavalos, a fim de tirarem mais proveito no mercado. Não são culpados como os que os maltratam, mas nem por isso deixam de usá-los como mercadorias, privando-os do direito de serem senhores de si mesmos.**

**19 - O PORQUÊ DA VIDA - LÉON DENIS - PÁG. 15**

**ÍTEM I — Dever e Liberdade: Qual o homem que, nas horas de silêncio e recolhimento, já deixou de interrogar a Natureza e o seu próprio coração, pedindo-lhes o segredo das coisas, o porquê da vida, a razão de ser do Universo? Onde está esse que não tem procurado conhecer os seus destinos, erguer o véu da morte, saber se Deus é uma ficção ou uma realidade? Não há ser humano, por mais indiferente que seja, que não tenha enfrentado algumas vezes com esses grandes problemas. A dificuldade de resolvê-los, a incoerência e a multiplicidade das teorias que daí se derivam, as deploráveis consequências que decorrem da maior parte dos sistemas conhecidos, todo esse conjunto confuso, fatigando o espírito humano, o tem atirado à indiferença e ao cepticismo. Entretanto, o homem tem necessidade de saber; precisa do esclarecimento, da esperança que consola, da certeza que guia e sustém. Também tem os meios de conhecer, a possibilidade de ver a verdade desprender-se das trevas e inundá-lo com sua luz benéfica. Para isso, deve afastar-se dos sistemas preconcebidos, perscrutar-se a si próprio, escutar essa voz interior que fala a todos e que os sofismas não podem deturpar: a voz da razão, a voz da consciência.  
  
Assim fiz eu. Muito tempo refleti; meditei sobre os problemas da vida e da morte; com perseverança sondei esses abismos profundos. Dirigi à Eterna Sabedoria uma ardente invocação e Ela me atendeu, como atende a todo espírito animado do amor do bem. Provas evidentes, fatos de observação direta vieram confirmar as deduções do meu pensamento, oferecer às minhas convicções uma base sólida, inabalável. Depois de duvidar, acreditei; depois de ter negado, vi. E a paz, a confiança, força moral desceram sobre mim. Eis os bens que, na sinceridade do meu coração, desejoso de ser útil aos meus semelhantes, venho oferecer aos que sofrem e desesperam:  
Jamais a necessidade da luz fez sentir-se de um modo mais imperioso. Uma transformação imensa se opera no seio das sociedades humanas. Depois de estarem submetidos durante uma longa série de séculos ao princípio de autoridade, os povos aspiram cada vez mais à liberdade e querem dirigir-se por si próprios.   
  
Ao mesmo tempo que as instituições políticas e sociais se modificam, os cultos são esquecidos. Existe nisso ainda uma das consequências da liberdade em sua aplicação às coisas do pensamento e da consciência. A liberdade, em todos os seus domínios, tende a substituir-se à coaçao e à autoridade, a guiar as nações para horizontes novos. O direito de alguns tornou-se o direito de todos; mas, para que o direito soberano seja conforme com a justiça e produza seus frutos, é necessário que o conhecimento das leis morais tenha que regular o seu exercício. Parãque a liberdade seja fecunda, para que ofereça às obras humanas uma base segura e duradoura, deve ser aureolada pela luz, pela sabedoria, pela verdade. A liberdade, para homens ignorantes e viciosos, não será como arma poderosa entre as mãos de uma criança? A arma, nesse caso, volta-se muitas vezes contra aquele que a traz, e o fere.  
  
  
21 - PALAVRAS DE VIDA ETERNA - EMMANUEL - ÍTEM 27 - LIBERDADE EM JESUS - PÁG. 69**

**LIBERDADE EM JESUS: "Para a liberdade Cristo nos libertou; permanecei, pois, firmes e não vos dobreis novamente a um jugo de escravidão." — Paulo. (GALATAS, 5:1.)  
Disse o apóstolo Paulo, com indiscutível acerto, que "para a liberdade Cristo nos libertou". E não são poucos aqueles que na opinião terrestre definem o Senhor como sendo um revolucionário comum. Não raro, pintam-no à feição de petroleiro vulgar, ferindo instituições e derrubando princípios. Entretanto, ninguém no mundo foi mais fiel cultor do respeito e da ordem. Através de todas as circunstâncias, vemo-lo interessado, acima de tudo, na lealdade a Deus e no serviço aos homens. Não exige berço dourado para ingressar no mundo.  
  
Aceita de bom grado a infância humilde e laboriosa. Abraça os companheiros de ministério, quais se mostram, sem deles reclamar certidão de heroísmo e de santidade. Nunca se volta contra a autoridade estabelecida. Trabalha na extinção da crueldade e da hipocrisia, do simonismo e da delinquência, mas em momento algum persegue ou golpeia os homens que lhes sofrem o aviltante domínio. Vai ao encontro dos enfermos e dos aflitos para ofertar-lhes o coração. Serve indistintamente. Sofre a incompreensão alheia, procurando compreender para ajudar com mais segurança. Não espera recompensa, nem mesmo aquela que surge em forma de simpatia e entendimento nos círculos afetivos. Padece a ingratidão de beneficiados e seguidores, sem qualquer ideia de revide. Recebe a condenação indébita e submete-se aos tormentos da cruz, sem recorrer à justiça.  
  
E ninguém se fez mais livre que Ele — livre para continuar servindo e amando, através dos séculos renascentes. Ensinou-nos, assim, não a liberdade que explode de nossas paixões indomesticadas, mas a que verte, sublime, do cativeiro consciente às nossas obrigações, diante do Pai Excelso. Nas sombras do "eu", a liberdade do "faço o que quero" frequentemente cria a desordem e favorece a loucura. Na luz do Cristo, a liberdade do "devo servir" gera o progresso e a sublimação. Assimilemos do Mestre o senso da disciplina. Se quisermos ser livres, aprendamos a obedecer. Apenas através do dever retamente cumprido, permaneceremos firmes, sem nos dobrarmos diante da escravidão a que, muitas vezes, somos constrangidos pela inconsequência de nossos próprios desejos.  
  
  
22 - PÃO NOSSO - EMMANUEL - ÍTEM 16 - A QUEM OBEDECES? - PÁG. 43**

**ÍTEM 16 - A QUEM OBEDECES?: "E, sendo ele consumado, veio a ser a causa de eterna salvação para todos os que lhe obedecem." — Paulo. (HEBKEUS, 5:9.)  
Toda criatura obedece a alguém ou a alguma coisa. Ninguém permanece sem objetivo. A própria rebeldia está submetida às forças cor-retoras da vida. O homem obedece a toda hora. Entretanto, se ainda não pôde definir a própria submissão por virtude construtiva, é que, não raro, atende, antes de tudo, aos impulsos baixos da natureza, resistindo ao serviço de auto-elevação. Quase sempre transforma a obediência que o salva em escravidão que o condena. O Senhor estabeleceu as gradações do caminho, instituiu a lei do próprio esforço, na aquisição dos supremos valores da vida, e determinou que p homem lhe aceitasse os desígnios para ser verdadeiramente livre, mas a criatura preferiu atender à sua condição de inferioridade e organizou o cativeiro. O discípulo necessita examinar atentamente o campo em que desenvolve a própria tarefa. A quem obedeces? Acaso, atendes, em primeiro lugar, às vaidades humanas ou às opiniões alheias, antes de observares o conselho do Mestre Divino? É justo refletir sempre, quanto a isso, porque somente quando atendemos, em tudo, aos ensinamentos vivos de Jesus, é que podemos quebrar a escravidão do mundo em favor da libertação eterna.  
  
  
24 - VINHAS DE LUZ - EMMANUEL - PÁG. 269**

**ÍTEM 128 - LIBERDADE: "Não useis, porém, da liberdade para dar ocasião à carne, mas servivos uns aos outros pela caridade." — Paulo. (GALATAS, 5:13.)  
Em todos os tempos, a liberdade foi utilizada pelos dominadores da Terra. Em variados setores da evolução humana, os mordomos do mundo aproveitam-na para o exercício da tirania, usam-na os servos em explosões de revolta e descontentamento. Quase todos os habitantes do Planeta pretendem a exoneração de toda e qualquer responsabilidade, para se mergulharem na escravidão aos delitos de toda sorte. Ninguém, contudo, deveria recorrer ao Evangelho para aviltar o sublime princípio. A palavra do apóstolo aos gentios é bastante expressiva. O maior valor da independência relativa de que desfrutamos reside na possibilidade de nos servirmos uns aos outros, glorificando o bem. O homem gozará sempre da liberdade condicional e, dentro dela, pode alterar o curso da própria existência, pelo bom ou mau uso de semelhante faculdade nas relações comuns.  
  
É forçoso reconhecer, porém, que são muito raros os que se decidem à aplicação dignificante dessa virtude superior. Em quase todas as ocasiões, o perseguido, com oportunidade de desculpar, mentaliza represálias violentas; o caluniado, com ensejo de perdão divino, recorre à vingança; o incompreendido, no instante azado de revelar fraternidade e benevolência, reclama reparações. Onde se acham aqueles que se valem do sofrimento, para intensificar o aprendizado com Jesus Cristo? onde os que se sentem suficientemente livres para converter espinhos em bênçãos? No entanto, o Pai concede relativa liberdade a todos os filhos, observando-lhes a conduta. Raríssimas são as criaturas que sabem elevar o sentido da independência a expressões de vôo espiritual para o Infinito. A maioria dos homens cai, desastradamente, na primeira e nova concessão do Céu, transformando, às vezes, elos de veludo em algemas de bronze.**

**25 - INTERVALOS - EMMANUEL - PÁG. 68 e 95**

**ESPIRITISMO E LIBERDADE: É indubitável que o Espiritismo, na função de Consolador Prometido pelo Cristo de Deus, veio aos homens, sobretudo, para libertá-los da treva do espírito. Que emancipação, porém, será essa? Surpreenderíamos, acaso, a Nova Revelação procedendo à maneira de um louco que dinamitasse um cais antigo, à frente do mar, sem edificar, antes, um cais novo que o substituísse?**

**Claro que os princípios espíritas acatam os diques de natureza moral, construídos pelas tradições nobres do mundo, destinados à segurança da alma, conquanto lhes observe a vulnerabilidade de fundo, vulnerabilidade essa sempre suscetível de favorecer os mais fortes contra os mais fracos e de apoiar os astutos em prejuízo dos simples de coração; embora isso, levantam barreiras de proteção, muito mais sólidas, a benefício das criaturas, porquanto nos esculpem, no próprio ser, a responsabilidade de sentir e pensar, falar e agir, diante da vida.**

**Ninguém se iluda, dessa forma, quanto à independência instalada pela doutrina Espírita nos recessos de cada um de nós, sempre que nos creiamos no falso direito de praticar inconveniências, em regime de impunidade. Muito mais que os preconceitos e tabus, instituídos pelos homens, como frágeis recursos de preservação dos valores espirituais na Terra, o Espiritismo Cristãos nos entrega dispositivos muito seguros e sensatos, na garantia da própria defesa, em vez que não os acena com céus ou infernos exteriores, mas, ao revés disso, nos faz reconhecer que o céu ou o inferno, são criações nossas, funcionando, indiscutivelmente, em nós mesmos.**

**Enfim, para não nos alongarmos em teorização excessiva, observemos, tão somente, que o espírita é livre, não para realizar indiscriminadamente tudo quanto deseja, e, sim, para fazer aquilo que deve.**

**LIBERDADE: Na lógica do mundo, encontramos os mais diversos tipos de liberdade, criando, porém, quase sempre deveres tristes e deprimentes. Nas linhas da luta vulgar, o homem possui a liberdade para a consumação do crime, mas adquire a obrigação de submeter-se à pena que lhe venha a ser cominada pela justiça, a esperá-lo na penitenciária e na reclusão.**

**Dispõe da liberdade de menosprezar a si próprio, fugir ao trabalho e confiar-se ao vício, mas algema-se ao dever de gravar no próprio corpo os sinais da falência a que se empenhou, candidatando-se ao hospital, quando não desce, aturdido, ao vale da loucura e da morte.**

**Goza a liberdade de ferir os semelhantes, mas, com isso, aprisiona-se no dever de aceitar o retorno das farpas que atira ao coração do próximo, passando a viver entre doenças e males de toda espécie.**

**Conta com a liberdade de sutrair-se ao estudo, atendendo às sugestões da preguiça, mas encarcera-se na obrigação de suportar a ignorância com todo o seu cortejo de misérias e infortúnios, que acabam coagulando trevas em derredor de seus passos.**

**Na lógica do Evangelho, porém, encontramos a divina liberdade do espírito. É a liberdade de nos escravizarmos, qual o próprio Jesus, ao dever do sacrifício pelo bem de todos.**

**Liberdade de converter o tempo em serviço incessante, e de transformar o ódio e a injúria em amor e bênção.**

**Liberdade de ajudar sem retribuição, de sofrer sem queixar-se, de construir sem atormentar, de fazer o melhor em favor dos outros no silêncio da humildade e da renúncia que nos aproximam do Céu...**

**Essa é a única liberdade capaz de fazer-nos dignos da liberdade de sermos livres para a sublime ascenção a Deus.**

**26 - MÃOS UNIDAS - EMMANUEL - PÁG. 54**

**LIBERDADE ALHEIA: Sempre que exercemos influência sobre alguém que renteia conosco nos caminhos da madureza, seja na condição de pais ou mentores, familiares ou amigos, é muito fácil ultrapassar os limites da conveniência travando naqueles que mais amamos os movimentos com que se dirigem para a liberdade.**

**Pratiquemos, sim, a beneficência da educação procurando orientar, instruir e corrigir amando sempre, mas sem violentar e sem impor. Costumamos providenciar tudo a benefício dos entes queridos quanto ao aprovisionamento de recursos naturais, esquecendo-nos, porém, bastas vezes, de doar-lhes a oportunidade de serem como devem ser.**

**Nesse sentido, vasculhemos o próprio espírito e verificaremos quanto estimamos a faculdade de sermos nós próprios, de abraçar as crenças que se nos mostrem mais consentâneas com a capacidade de discernir, de sermos respeitados nas decisões que assumimos, de buscar o tipo de felicidade que mais se nos coadune com a paz de espírito, de escolher os amigos que nos pareçam mais dignos de atenção ou de afeto.**

**Ainda quando nos enganemos, sabemos aproveitar a lição para subir na escala de nossa adaptação à realidade, debitando-nos os erros e fracassos, com que sejamos defrontados sem razão para nos queixarmos dos outros.**

**Meçamos a necessidade de emancipação no próximo pelo nosso próprio anseio de independência e sempre que nos caia sob os olhos qualquer estudo em torno da indulgência recordemos a dádiva preciosa que todos os nossos companheiros de experiência esperam de nós em aflitivo silêncio; a permissão de cogitarem do seu próprio aperfeiçoamento na escola permanente da vida tão autênticos e tão livres como Deus os fez.**

**27 - PLANTÃO DA PAZ - EMMANUEL - PÁG. 22**

**LIBERDADE**

**A liberdade é a raiz da vida consciente, no entando, a cada passo urdimos entraves e impedimentos para nós mesmos. Não nos reportamos à clausura de pedra, que funciona à guisa de hospital para as inteligências envenenadas na delinquência, e sim aos grilhões invisíveis a que milhares de criaturas jazem escravizadas.**

**Prisões sem grades dos elos consanguíneos, em que os adversários de outras eras se defrontam, dia a dia, entre as paredes imponderáveis do tempo, no abraço compulsório da assistência recíproca, em nome dos compromissos familiares. Cubículos de vérmina, limitados pela epiderme, nos quais os desertores do dever expiam culpas sob longa constrição de moléstias irreversíveis no corpo físico...**

**Ferretes de inibição, geometricamente fixados em certos órgãos e membros do veículo físico, retificando aspirações ou frenando impulsos. Grilhetas de pauperismo, circunscritas aos marcos da condição social, em que se corrigem antigos e festejados malfeitores da fortuna amoedada.**

**Calabouços de obsessão, em cujo clima de ansiedade se reajustam sentimentos transviados ao peso de estranhos desequilíbrados... Esses obstáculos e masmorras entretanto, são entretecidos simplesmente por nós, sempre que nomeamos o egoísmo e a vaidade, a intemperança e o vício para a função de carcereiros de nossas almas.**

**Mesmo assim, sobre semelhantes cadeias, a liberdade brilha vitoriosa. E consola-nos reconhecer que todo espírito em cativeiro é intimamente livre para recuperar a própria liberdade, porquanto, no ângulo mais escuro cárcere, todos somos livres no pensamento para refazer o destino, obedecendo à justiça e praticando o bem.**

**28 - OFERENDA - JOANNA DE ÂNGELIS- PÁG. 181**

**PRISÃO E LIBERDADE**

**Não necessariamente entre construções que coaretam os movimentos, encontra-se aprisionado o homem. O grande número de encarcerados está fora dos alcáceres de pedras e grades onde apenas alguns expungem os delitos de ontem ou atuais. Expressiva parcela da Humanidade estagia em processos de regeneração moral, sob injunção carcerária de complexa variedade, não menos padecente do que aqueles que foram alcançados pela humana legislação e arrojados aos calabouços.**

**Trânsfugas do dever, delinquentes primários ou pertinazes, criminosos diretos ou inspiradores de delitos, que passaram, na Terra, ignorados, ou aqueles que lograram menosprezar os códigos da Justiça, retornam ao proscênio carnal sob rudes penas, recuperando-se para a vida enobrecida, exercitando renovação e aprendendo equilíbrio em prisões não menos coercitivas do que as erguidas pelas leis dos povos.**

**O remorso é um cárcere impiedoso. A paralisia constitui uma algema vigorosa. A soledade moral e afetiva significa uma cela de austera reeducação. A alienação mental corresponde a uma penitenciária lúgubre.**

**A bacilose contagiante que exige a segregação do paciente se converte em uma detenção presidiária. A frustração perturbadora caracteriza uma cadeia em sombras.**

**A limitação teratológica expressa uma rígida muralha que aprisiona. O pessimismo contumaz corresponde a uma alcáçova, que retém o culpado.**

**A limitação orgânica e psíquica reflete um presídio estreito e constritor. A ignorância pertinaz torna-se uma enxovia onde não há luz e esperança. Prisioneiros são todos os que experimentam essas e equivalentes outras condições, embora muitos deles transitem pelas avenidas e parques do mundo, em aparente liberdade.**

**Liberdade, porém, é situação íntima defluente das conquistas logradas a penates de sacrifício, de estudo, de realização enobrecida. Ensinou Jesus com vigor, oferecendo um conceito que dispensa qualquer retoque: "Busca a verdade e a verdade te libertará".**

**Onde quer que te detenhas, no processo evolutivo impostergável, busca a verdade e incorpora-a ao teu cotidiano, a fim de que paires em liberdade, sem qualquer grilhão ou cárcere que te limitem os passos ou os vôos na busca da felicidade.**

|  |  |
| --- | --- |
| **LICANTROPIA** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- Antologiado perispírito- ref. 1065** | **02 - Da alma humana - pág. 231** |
| **03 - Diálogo com as sombras - pág. 116** | **04 - Estudando a mediunidade - pág. 182** |
| **05 - Gestação sublime intercâmbio - pág. 169** | **06 - Guia do Espiritismo - pág. 215** |
| **07 - Libertação - 72** | **08 - Estudando a Mediunidade - pág. 182** |
| **09 - O Livro dos Espíritos - introd. xv** | **10 - Resumo da Doutrina Espírita - pág. 178** |
| **11 - Saúde e espiritismo - pág. 184** | **12 - Reflexões Doutrinárias - pág. 60** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**LICANTROPIA – COMPILAÇÃO**

**08 - Estudando a Mediunidade - Martins Peralva - pág. 182**

**XXXV - Licantropia  
Servir-nos-emos de algumas referências do capítulo «Fascinação» para, aceitando a tese da sua progressividade, chegarmos à Licantropia, fenômeno a que se referiu Bozzano e que foi, igualmente, objeto de menção pelo Assistente Aulus. Ao estudarmos o capítulo XXIII de «Nos Domínios da Mediunidade», organizamos, no quadro negro, o seguinte gráfico:**

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| **FASCINAÇÃO** | **SUBJETIVA OU PSICOLÓGICA** | **FENÔMENOS ALUCINATÓRIOS** |
| **ATITUDES EXCÊNTRICAS** |
| **FANATISMO RELIGIOSO** |
|  |  |
| **OBJETIVA OU ORGÂNCIA** | **LICANTROPIA DEFORMANTE** |
| **LICANTROPIA AGRESSIVA** |
| **ANOMALIAS PATOLÓGICAS** |

**Esse mesmo gráfico será, neste livro, o ponto de partida para o escorço que tencionamos fazer em torno da Licantropia.  
Comecemos por defini-la: é o fenômeno pelo qual Espíritos «pervertidos no crime» atuam sobre antigos comparsas, encarnados ou desencarnados, fazendo-os assumir atitudes idênticas às de certos animais.  
  
A fim de favorecer o desenvolvimento de nossas insiderações, iniciemos esta página com um trecho da arrativa de André Luiz: «A infortunada senhora, quase que uivando, à semelhança de loba ferida, gritava a debater-se no piso da sala, sob o olhar consternado de Raul que exorava a Bondade Divina em silêncio.  
  
Goleando pelo chão, adquiria animalesco aspecto, não obstante sob a guarda generosa de sentinelas da casa.»Sublinhamos, intencionalmente, as expressões «à semelhança de loba ferida» e «coleando pelo chão». Atitudes realmente animalescas. Mais adiante, explicando o fenômeno, temos a palavra esclarecedora do Assistente:  
  
«Muitos Espíritos, pervertidos no crime, abusam dos poderes da inteligência, fazendo pesar tigrina crueldade sobre quantos ainda sintonizam com eles pelos débitos do passado. A semelhantes vampiros devemos muitos quadros dolorosos da patologia mental dos manicômios, em que numerosos pacientes, sob intensiva ação hipnótica, imitam costumes, posições e atitudes de animais diversos.»  
A simples fascinação de hoje — caracterizada por fenômenos alucinatórios, atitudes ridículas ou absurdas mesmo, pelo fanatismo religioso — pode agravar-se e rogredir de tal maneira que se converta na Licantropia e amanhã.  
  
Comprometidos com o passado, através de débitos do nosso acumpliciamento no mal, com entidades infeorizadas, com as quais estamos sintonizados no Tempo no Espaço, poderemos ter a nossa vontade submetida » império hipnotizante dessas entidades.  
Enquanto a fascinação tem sentido mais psicológico, a licantropia vai mais além. Reveste-se de aspecto mais objetivo, exteriorizando-se na própria organização somática, ou perispirítica, se a vítima for encarnada ou desencarnada .  
  
Há casos extremos de licantropia deformante, em que a pessoa imita «costumes, posições e atitudes de animais diversos», bem assim de licantropia agressiva, que se expressa através da violência, da alucinação e, até, do crime. A imprensa sensacionalista relacioná-los-á como fruto de «taras», sem maiores explicações; os estudiosos do Espiritismo verão nesses casos apenas manifestações de licantropia agressiva, com poderosa e cruel atuação do elemento invisível.  
Quando a Medicina e o Direito estenderem as mãos ao Espiritismo, os seus mais graves problemas serão me-Ihormente equacionados.  
  
Anomalias patológicas, modificadoras da configuração anatômica dos pacientes, observadas especialmente em hospitais de indigentes, via de regra expressam a influência terrível de entidades vingativas junto a antigos desafetos. O Espiritismo — anjo tutelar dos infortunados —, analisando a causa de tais sofrimentos, ajuda as vítimas das grandes obsessões a se recuperarem. Três condições principais podem ser indicadas como favorecedoras da cura de pessoas que sofrem a atuação dessas pobres entidades, a saber:  
a) — Estudo (Evangelho e Doutrina);  
b) — Trabalho (atividade incessante no Bem);  
c) — Amor no coração (converter a própria vida em expressão de fraternidade).  
  
Solucionará o Espiritismo, através dos seus milhares de grupos mediúnicos e das dezenas de suas Casas de Saúde, todos os casos de Licantropia? Responder afirmativamente seria rematada leviandade. Todavia, além de lhe ser possível equacionar alguns casos, menos entranhados no passado, levará ao coração de perseguidos e perseguidores a semente de luz do perdão, para germinação, crescimento, florescimento e frutificação oportunos.  
  
No Grande Porvir, verdugos e vítimas de hoje estarão, redimidos e irmanados, cultivando nos Planos Superiores o Sublime Ideal da Fraternidade Legítima. E não podia deixar de ser assim, a fim de que, agora e por toda a Eternidade, se confirmem, integralmente, as palavras de Nosso Senhor Jesus-Cristo: «Nenhuma das ovelhas que o Pai me confiou se perderá.»**

**09 - O Livro dos Espíritos - Allan Kardec - introd. xv**

**XV—A LOUCURA E SUAS CAUSAS  
Há ainda criaturas que vêem perigo por toda parte, em tudo aquilo que não conhecem, não faltando as que tiram conclusões desfavoráveis ao Espiritismo do fato de terem algumas pessoas, que se entregaram a estes estudos, perdido a razão. Como podem os homens sensatos aceitar essa objeção? Não acontece o mesmo com todas as preocupações intelectuais, quando o cérebro é fraco?   
  
Conhece-se o número de loucos e maníacos produzidos pelos estudos matemáticos, médicos, musicais, filosóficos e outros? E devemos, por isso, banir tais estudos? O que provam esses fatos? Nos trabalhos físicos, estropiam-se os braços e as pernas que são os instrumentos da ação material; nos trabalhos intelectuais estropia-se o cérebro que é o instrumento do pensamento. Mas se o instrumento se quebrou, o mesmo não acontece com o Espírito: ele continua intacto e quando se libertar da matéria não desfrutará menos da plenitude de suas faculdades. Foi no seu setor, como homem, um mártir do trabalho.  
  
Todas as grandes preocupações intelectuais podem ocasionar a loucura: as Ciências, as Artes e a Religião fornecem os seus contingentes. A loucura tem por causa primária uma predisposição orgânica do cérebro, que o torna mais ou menos suscetível a determinadas impressões. Havendo essa predisposição à loucura, ela se manifestará com o caráter da preocupação principal do indivíduo, que se tornará uma idéia fixa. Essa idéia poderá ser a dos Espíritos, naquele que se ocupa do assunto, ou a de Deus, dos anjos, do diabo, da fortuna, do poder, de uma arte, de uma ciência, da materialidade ou de um sistema político ou social.**

**E provável que o louco religioso se apresente como louco espírita, se o Espiritismo foi a sua preocupação dominante, como o louco espírita se apresentaria de outra forma, segundo as circunstâncias. Digo, portanto, que o Espiritismo não tem nenhum privilégio neste assunto. E vou mais longe: digo que o Espiritismo bem compreendido é um preservativo da loucura. Entre as causas mais frequentes de superexcitação cerebral devemos contar as decepções, as desgraças, as afeições contrariadas, que são também as causas mais frequentes do suicídio.**

**Ora, o verdadeiro espírita olha as coisas deste mundo de um ponto de vista tão elevado; elas lhe parecem tão pequenas, tão mesquinhas, em face do futuro que o aguarda; a vida é para ele tão curta, tão fugitiva, que as tribulações não lhe parecem mais do que incidentes desagradáveis de uma viagem. Aquilo que para qualquer outro produziria violenta emoção, pouco o afeta, pois sabe que as amarguras da vida são provas para o seu adiantamento, desde que as sofra sem murmurar, porque será recompensado de acordo com a coragem demonstrada ao suportá-las.**

**Suas convicções lhe dão uma resignação que o preserva do desespero e conseqüentemente de uma causa constante de loucura e suicídio. Além disso, conhece, pelo exemplo das comunicações dos Espíritos, a sorte daqueles que abreviam voluntariamente os seus dias, e esse quadro é suficiente para o fazer meditar. As­sim, o número dos que têm sido detidos à beira desse funesto despenhadeiro é considerável. Este é um dos resultados do Espiritismo. Que os incrédulos se riam quanto quiserem: eu lhes desejo as consolações que ele proporciona a todos os que se dão ao trabalho de lhe sondar as misteriosas profundidades.  
  
Entre as causas da loucura devemos ainda incluir o pavor, sendo que o medo do Diabo já desequilibrou alguns cérebros. Sabe-se o número de vítimas que ele tem feito ao abalar imaginações fracas com essa ameaça, que cada vez se procura tornar mais terrível por meio de hediondos pormenores? O diabo, dizem, só assusta as crianças, é um meio de torná-las mais ajuizadas. Sim, como o bicho-papão e o lobisomem.**

**Mas quando elas deixam de temê-lo ficam piores do que antes. E para conseguir tão belo resultado não se levam em conta as epilepsias causadas pelo abalo de cérebros delicados. A religião seria bem fraca se, por não usar o medo, seu poder ficasse comprometido. Felizmente assim não acontece. Ela dispõe de outros meios para agir sobre as almas, e o Espiritismo lhe fornece os mais eficazes e mais sérios, desde que os saiba aproveitar. Mostra as coisas na sua realidade e com isso neutraliza os efeitos funestos de um temor exagerado.**

**11 - Saúde e espiritismo -A.M.E.Brasil - pág. 184**

**ALTERAÇÕES E DEFORMAÇÕES DO CORPO ESPIRITUAL  
Ao lado de espíritos que já conquistaram belas vestes de apresentação, encontramos outros cujos psicossomas revestem-se de verdadeiras deformidades. No livro Libertação, André Luiz teve oportunidade de constatar, de forma inesperada, um caso com essas alterações.   
  
A senhora de um médico revelava extremo cuidado com a aparência externa, apresentando-se sempre muito bem penteada e maquiada, no entanto, o médico desencarnado teve oportunidade de vê-la como autêntica bruxa, igual à dos contos infantis, quando, pela ação do sono, o seu Perispírito desprendeu-se do corpo físico. As aparências enganam.  
  
Em Evolução em Dois Mundos, André Luiz utiliza a nomenclatura corrente no mundo espiritual para designar as diversas alterações do psicossoma, consequentes a patologias mentais diferentes. Adinamia seria a queda mental no remorso; Hiperdinamia a patologia consequente aos delírios da imaginação, provocando hipo ou hipertensão no movimento circulatório das forças que o mantêm.   
  
Utiliza também a denominação Miopraxia do Centro Genésico Atonizado para designar a patologia do organismo sutil no caso do aborto provocado, que seria a arritmia do chacra responsável pela organização das energias sexuais.   
  
Em Ação e Reação, nos trabalhos de socorro da Mansão Paz, estabelecimento situado nas regiões inferiores, mas que permanece sob a jurisdição da cidade Nosso Lar, foi recolhido um desencarnado, cujo rosto era disforme, todos os traços se confundiam, qual se fosse uma esfera estranha e, além disso, seus braços e pernas eram hipertrofiados, enormes. Depois de consultá-lo, o instrutor Druso afirmou que o desencarnado em questão encontrava-se sob terrível hipnose, tendo sido conduzido a essa posição por adversários temíveis, que, decerto para torturá-lo, fixaram-lhe a mente em alguma penosa recordação.**

**Era Antonio Olímpio, o fazendeiro que assassinara os dois irmãos e cujo crime passou despercebido da justiça humana. Sua história está também no estudo dafixação mental.Em Libertação, porém, os relatos reportam-se a zonas muitíssimo inferiores, as regiões infernais. Lá estão presentes a velhice, a moléstia, o desencanto, o aleijão, as deformidades de toda a sorte e os ovóides. O Perispírito de todos os habitantes dessas regiões é opaco, como o corpo físico, e pode sofrer ainda alterações mais profundas, deixando sua forma humana, para apresentar-se como a de um animal.**

**É o fenômeno conhecido, genericamente, como Zoantropia, mas que tem na Licantropia - transformação em lobo - o processo mais conhecido. Nas regiões inferiores, uma mulher é julgada por um tribunal constituído de entidades inteligentes e perversas. Diante dos juizes, confessou que matou quatro filhinhos, e contratou o assassinato do próprio marido, entregando-se depois às "bebidas de prazer", mas nunca pôde fugir da própria consciência.  
  
Através de olhar temível, o juiz sentenciou-a, dizendo que ela não passava de uma loba. A mulher desencarnada passou a modificar-se, paulatinamente, diante da sentença repetida várias vezes, chegando ao resultado final da licantropia. Segundo explicações espirituais, ela não passaria por essa humilhação se não a merecesse. A renovação mental, porém, depende dela. Deus mantém a senda redentora sempre aberta a seus filhos.**

**Tornou-se clássica na literatura espiritualista o caso de Nabucodonosor, rei cruel e despótico, que viveu, sentindo-se como animal, durante sete anos. Diz a Bíblia (Dn 4.33) que "o seu corpo foi molhado de orvalho do céu, até que lhe cresceu pelo como as penas da  
águia e suas unhas como as das aves".**

**12 - Reflexões Doutrinárias - Antonio Fernandes Rodrigues - pág. 60**

**Licantropia  
Os casos de Licantropia, embora sejam raros, são os mais difíceis de serem resolvidos; alguns levam centenas de anos, devido à intransigência dos vingadores, como também pode levar ao desenlace do encarnado, nos casos mais graves. Áulus esclarece que: "Não basta arrancar o joio. É preciso saber até que ponto a raiz dele se entranha no solo com a raiz do trigo, para que não venhamos a esmagar um e outro." Nos Domínios da Mediunidade - André Luiz.  
  
No citado livro, consta a origem de uma fascinação que iniciara no século X, na velha Toscana. O obsessor era um legionário de Ugo, o Duque da Provença. Esse legionário foi induzido por uma mulher a se tornar um estrangulador, saqueando populações, matando, inclusive, os próprios pais, a pedido dessa terrível mulher que, depois, por não corresponder ao seu devotamento, resultou nessa corretiva obsessão. Para punir o mau, existe o mau! Cumpre lembrar que, além de ser obsediada pelo ex-legionário, era envolvida também por outras vítimas.  
  
Quando influenciada pelo obsessor, é derrubada e coleia pelo solo, como se fora um irracional, quase uivando à maneira de uma loba ferida. Diante dessa situação lamentável, a solução foi preparar o obsessor para reencarnar como filho da obsediada. Bendita maternidade!...  
  
É evidente que, somente no corpo perispiritual é que a forma se modifica numa loba, como consta do livro "Libertação", de André Luiz. "Entortou-se-lhe a boca, a cerviz curvou-se, espontânea, para a frente, os olhos alteraram-se, dentro das órbitas. Simiesca expressão revestiu-lhe o rosto". É natural que no corpo físico também transpareça o que lhe vai no Espírito.  
  
No livro "Diálogos com as Sombras", de Hermínio C. de Miranda, págs. 115/116, o obsediado foi transformado num fauno, por implacável hipnose. Não falava. Esse Espírito havia centenas de anos estava preso num tenebroso antro, em situações subumanas, com outros de iguais condições, pois havia sido um homem poderoso no século XV, na Alemanha, praticando muitas injustiças.  
  
Quem muito prejudica, causando gravíssimos males a uma coletividade, seja como mau administrador de um país, ou sendo injusto em decisões judiciais e semelhantes, é natural que seja envolvido por terríveis legiões de injustiçados, espoliados e vítimas das fraudes da administração de uma nação.  
  
No mundo espiritual, existem legiões de espíritos vingadores, que dão apoio aos que desejam vingar-se. Para isso firmam contratos, acordos, pactos e arranjos de toda sorte... São ajudados, mas terão que ajudar outras vítimas por sua vez, embora saibamos que nada acontece por acaso. O obsediado de hoje foi o malfeitor de ontem. Enquanto não houver o perdão incondicional, a vingança recíproca não terminará. Para termos paz, somente o arrependimento e o esquecimento sinceros poderão libertar as pessoas do constante atritar.**

**Quem se vinga está atraindo idêntico sofrimento; é como uma bola que bate na parede e retorna ao arremessador. Quem perdoa recebe proteção, quem se vinga não terá sossego, pois o inimigo poderá atacar a qualquer momento. Qual é a melhor escolha? A resposta é óbvia?**

**LICANTROPIA: do grego Lykanthropia (lykos, lobo; anthropus, homem) Zoantropia - Zoologia: estudo dos animais. Lobisomem - superstição que se encontra em todas as literaturas.**

|  |
| --- |
| **LIVRE-ARBÍTRIO** |

|  |
| --- |
| **BIBLIOGRAFIA** |

|  |  |
| --- | --- |
| **01 - As leis morais - pág. 151** | **02 - Almas crucificadas - pág. 36** |
| **03 - Almas que voltam - pág. 65** | **04 - Análises Espíritas - pág. 91** |
| **05 - Estudando o Evangelho - pág. 140** | **06 - Catecismo Espírita - pág. 75 - 8ª. lição** |
| **07 - Depois da Morte - pág. 242** | **08 - Emmanuel - pág. 45/169** |
| **09 - Justiça Divina - pág. 161/187** | **10 - Manual e Dic. Básico do Espiritismo - pág. 66** |
| **11 - Na Era do Espírito - pág. 131** | **12 - O Consolador - pág. 83** |
| **13 - O Livro dos Espíritos - Questões: 121/595/599/843** | **14 - O que é Espiritismo - pág. 200** |
| **15 - Os Mensageiros - pág. 41** | **16 - Repositório de sabedoria - pág. 59** |
| **17 - Reencarnação e vida - pág. 112** | **18 - Rumo Certo - pág. 126** |
| **19 - Universo e Vida - pág. 53/55/82** | **20 - Vinha de Luz - pág. 33** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**LIVRE-ARBÍTRIO = COMPILAÇÃO**

**01 – AS LEIS MORAIS – RODOLFO CALLIGARES, “O livre-arbítrio” pág. 151  
  
O livre arbítrio é definido como "a faculdade que tem o indivíduo de determinar a sua própria conduta", ou, em outras palavras, a possibilidade que ele tem de, "entre duas ou mais razões suficientes de querer ou de agir, escolher uma delas e fazer que prevaleça sobre as outras".  
  
Problema fundamental da Filosofia ética e psicológica, vem sendo estudado e discutido acaloradamente desde os primeiros séculos de nossa era, dando ensejo a que se formulassem, a respeito, várias doutrinas díspares e antagônicas até. Acham alguns que o livre arbítrio é absoluto, que os pensamentos, palavras e ações do homem são espontâneos e, pois, de sua inteira responsabilidade.  
  
Evidentemente, laboram em erro, porquanto não há como deixar de reconhecer as inúmeras influências e constrangimentos a que, em maior ou menor escala, estamos sujeitos, capazes de condicionar e cercear a nossa liberdade. No extremo oposto, três correntes filosóficas existem que negam peremptoriamente o livre arbítrio: o fatalismo, o predestinacionismo e o determinismo.  
  
Os fatalistas acreditam que todos os acontecimentos estão previamente fixados por uma causa sobrenatural, cabendo ao homem apenas o regozijar-se, se favorecido com uma boa sorte, ou resignar-se, se o destino lhe for adverso. Os predestinacionistas baseiam-se na soberania da graça divina, ensinando que desde toda a eternidade algumas almas foram predestinadas a uma vida de retidão e, depois da morte, à bem-aventurança celestial, enquanto outras foram de antemão marcadas para uma vida reprovável e, consequentemente, precondenadas às penas eternas do inferno.**

**Se Deus regula, antecipadamente, todos os atos e todas as vontades de cada indivíduo — argumentam —, como pode este indivíduo ter liberdade para fazer ou deixar de fazer o que Deus terá decidido que ele venha a fazer? Estas duas doutrinas, como se vê, reduzem o homem a simples autômato, sem mérito nem responsabilidade, ao mesmo tempo que rebaixam o conceito de Deus, apresentando-O à feição de um déspota injusto, a distribuir graças a uns e desgraças a outros, unicamente ao sabor de seu capricho. Ambas repugnam às consciências esclarecidas, tamanha a sua aberração .  
  
Os deterministas, a seu turno, sustentam que as ações e a conduta do indivíduo, longe de serem livres, dependem integralmente de uma série de contingências a que ele não pode furtar-se, como os costumes, o caráter e a índole da raça a que pertença; o clima, o solo e o meio social em que viva; a educação, os princípios religiosos e os exemplos que receba; além de outras circunstâncias não menos importantes, quais o regime alimentar, o sexo, as condições de saúde, etc.  
  
Os fatores apontados acima são, de fato, incontestáveis e pesam bastante na maneira de pensar, de sentir e de proceder do homem.  
Assim, por exemplo, diferenças climáticas, de alimentação e de filosofia, fazem de hindus e americanos do norte tipos humanos que se distinguem profundamente, tanto na compleição física, no estilo de vida, como nos ideais; via de regra, a fortuna nos torna soberbos, enquanto a necessidade nos faz humildes; um dia claro e ensolarado nos estimula e alegra, contrariamente a uma tarde sombria e chuvosa, que nos deprime e entristece; uma sonata romântica nos predispõe à ternura, ao passo que os acordes marciais nos despertam ímpetos belicosos; quando jovens e saudáveis, estamossempre dispostos a cantar e a dançar, já na idade provecta, preferimos a meditação e a tranquilidade, etc.  
  
Daí, porém, a dogmatizar que somos completamente governados pelas células orgânicas, de parceria com as impressões, condicionamentos e sanções do ambiente que nos cerca, vai uma distância incomensurável. Com efeito, há em nós uma força íntima e pessoal que sobreexcede e transcende a tudo isso: nosso "eu" espiritual!  
  
Esse "eu", ser moral ou alma (como quer que lhe chamemos), numa criatura de pequena evolução espiritual, realmente pouca liberdade tem de escolher entre o bem o mal, visto que se rege mais pelos instintos do que pela inteligência ou pelo coração. Mas, à medida que se esclarece, que domina suas paixões e desenvolve sua vontade nos embates da Vida, adquire energias poderosíssimas que o tornam cada vez mais apto a franquear obstáculos e limitações, sejam de que naureza forem. Não é só.   
  
Habilita-se também a pesar as razões e medir consequências, para decidir sempre pelo mais justo, embora desatendendo, muitas vezes, aos seus próprios desejos e interesses. Um dia, como o Cristo, poderá afirmar que já venceu o mundo, pois, mesmo faminto, terá a capacidade de, voluntariamente, abster-se de comer; conquanto rudemente ofendido, saberá refrear sua cólera e não revidar à ofensa; e, ainda que todos ao seu derredor estejam em pânico, manterá, imperturbável, sua paz interior. (Cap.X, q. 843)**

**02 – ALMAS CRUCIFICADAS – ZILDA GAMA, L.8, pág. 36**

**Consiste no cumprimento integral de todos os deveres morais, psíquicos e sociais que facilitam a chnonquista da autonomia individual, da eterna libertação do cativeiro carnal e planetário, das provas árduas e das dores mortificantes.**

**03 – ALMAS QUE VOLTAM – FERNANDO DO Ó, Cap. 4, pág. 65**

**Quando o homem tem liberdade de fazer, sem constrangimento de ordem biológica ou social, isto ou aquilo, ele se agita dentro das linhas mestras do Livre-arbítrio. Ele é livre para agir sem as solicitações materialistas do meio ambiente, mas em função de uma idéia mais alta da sua destinação espiritual.**

**04 – ANÁLISES ESPÍRITAS – DEOLINDO AMORIM, Cap. 16, pág, 91**

**O Livre-arbítrio aumenta à medida que o Espírito se adianta – não apenas em conhecimento, mas principalmente em moralidade. Contrariamente, o determinismo é mais forte quando o Espírito é mais ignorante ou grosseiro.  
  
Há Espíritos que cedem à matéria quase que totalmente, ou vivem a bem dizer, em função da mesma matéria; enquanto há outros que, embora sujeitos aos órgãos físicos, lutam constantemente e chegam a neutralizar umas tantas necessidades pelo idealismo, pela pureza de pensamento, pela fé, pelo desejo ardente de se melhorarem. É o jogo do determinismo versus livre-arbítrio. Vence o mais espiritualizado. Aí, justamente, entra a Doutrina Espírita com mais uma lição: o corpo não é responsável pelos nossos desatinos, pelas nossas paixões. Não, ele é apenas instrumento, já que o poder pensante é o Espírito.**

**05 – ESTUDANDO O EVANGELHO – MARTINS PERALVA, Cap. 30, “Livre-arbítrio”. pág. 140**

**O livre-arbítrio é a faculdade que permite ao homem edificar, conscientemente, o seu próprio destino, possibilitando-lhe a escolha, na sua trajetória ascensional, do caminho que desejar. Limitado a princípio, vai-se expandindo à medida que o homem cresce em espiritualidade.  
  
Quanto mais evoluído o ser, mais amplo o seu livre-arbítrio, maior o seu direito de fazer certas escolhas, no campo da vida, assumindo assim, a pouco a pouco, o comando definitivo de sua ascensão. Livre-arbítrio e responsabilidade individual desenvolvem-se, simultaneamente, no aprendizado humano. O homem de evolução primária tem o livre-arbítrio limitado, restrito.   
  
Equivale ao sentenciado que a lei pune, sem transigências, submetendo-o à reclusão onde melhor convenha aos interesses da lei e da sociedade. A sociedade e a lei não confiam nele. O homem de evolução mediana tem sua esfera deliberativa menos restrita. Corresponde ao recluso que, submetido à disciplina dos códigos, recebe dos códigos certas concessões, geralmente atribuídas aos que, no cumprimento de suas penas, demonstram boa-vontade e obediência, respeito e compreensão.  
  
O homem evolvido é o ex-sentenciado, o que já se libertou e corrigiu. Provas e expiações, disciplinações e corretivos foram-lhe o caminho para a libertação definitiva. Nada mais deve à lei e colabora, na sociedade, para que se restaurem a justiça e a fraternidade, a harmonia e o progresso.  
  
É livre para agir, porque discerne o bem do mal, a verdade da mentira, a luz da sombra. Conhecendo a Verdade, a Verdade o fez livre. De sua atuação resultam o trabalho e a prosperidade, o fortalecimento e a segurança das peças que constituem, que formam o maquinismo das coletividades.  
  
Um dia, no curso dos milênios, o nosso livre-arbítrio se harmonizará plenamente com a Verdade Total, com as deliberações superiores. Neste dia saberemos executar, com fidelidade, o pensamento do Cristo, Mestre e Senhor Nosso. O livre-arbítrio do homem não evoluído é como um espelho que o lodo das imperfeições desnatura, por algum tempo.  
  
O livre-arbítrio do homem de evolução mediana é como a madrugada que espera o beijo do Sol. O livre-arbítrio do homem evolvido – do que se libertou da ignorância – é como a face tranqüila de um lago, onde se refletem, no esplendor de sua radiosidade, os luminosos raios do astro-rei.**  
**07 – DEPOIS DA MORTE – LÉON DENIS, XL – Livre-arbítrio e providencia, pág. 242**

**A questão do livre-arbítrio é uma das que mais tem preocupado filósofos e teólogos. Conciliar a vontade, a liberdade do homem com o exercício das leis naturais e a vontade divina, afigurava-se tanto mais difícil quanto a fatalidade cega parecia, aos olhos de muitos, pesar sobre o destino humano.  
  
O ensino dos Espíritos veio elucidar esse problema. A fatalidade aparente, que semeia males pelo caminho da vida, não é mais que a conseqüência do nosso passado, que um efeito voltado sobre a sua causa; é o complemento do programa que aceitamos antes de renascer, atendendo assim aos conselhos dos nossos guias espirituais, para nosso maior bem e elevação.  
  
Nas camadas inferiores da criação a alma ainda não se conhece. Só o instinto, espécie de fatalidade, a conduz, e só nos seus tipos mais evoluídos é que aparecem como o despontar da aurora, os primeiros rudimentos das faculdades do homem. Entrando na Humanidade, a alma desperta para a liberdade moral. Seu discernimento e sua consciência desenvolvem-se cada vez mais à proporção que percorre essa nova e imensa jornada. Colocada entre o bem e o mal, compara e escolhe livremente.  
  
Esclarecida por suas decepções e seus sofrimentos, é no seio das provas que obtém a experiência e firma a sua estrutura moral. Dotada de consciência e de liberdade, a alma humana não pode recair na vida inferior, animal. Suas encarnações sucedem-se na escala dos mundos até que ela tenha adquirido os três bens imorredouros, alvo de seus longos trabalhos: a Sabedoria, a Ciência e o Amor, cuja posse liberta-a, para sempre, dos renascimentos e da morte, franqueando-lhe o acesso à vida celeste.  
  
Pelo uso do seu livre-arbítrio, a alma fixa o próprio destino, prepara as suas alegrias ou dores. Jamais, porém, no curso de sua marcha – na provação amargurada ou no seio da luta ardente das paixões -, lhe será negado o socorro divino. Nunca deve esmorecer, pois, por mais indigna que se julgue; desde que em si desperta a vontade de voltar ao bom caminho, à estrada sagrada, a Providência dar-lhe-á auxílio e proteção.  
  
A Providência é o Espírito superior, é o anjo velando sobre o infortúnio, é o consolador invisível, cujas inspirações reaquecem o coração gelado pelo desespero, cujos fluidos vivificantes sustentam o viajor prostrado pela fadiga; é o farol aceso no meio da noite para a salvação dos que erram sobre o mar tempestuoso da vida.  
  
A Providência é, ainda, principalmente, o amor divino derramando-se a flux sobre suas criaturas. Que solicitude, que previdência nesse amor !**

**08 - Emmanuel - Emmanuel - pág. 45/169**

**XXXIII QUATRO QUESTÕES DE FILOSOFIA - DETERMINISMO E LIVRE-ARBÍTRIO  
Pergunta — O futuro, de um modo geral, estará rigorosamente determinado, como parece demonstrado pelos fenômenos ditos premonitórios, ou esses fenômenos envolvem um determinismo conciliável com os dados imediatos da consciência sobre os quais são geralmente estabelecidas as noções de liberdade e responsabilidade individuais? E em que termos, nestes últimos casos, se exerce esse determinismo, do ponto de vista teleológico?  
  
Resposta — Os seres da minha esfera não conhecem o futuro, nem podem interferir nas coisas que lhe pertencem. Acreditamos, todavia, que o porvir, sem estar rigorosamente determinado, está previsto nas suas linhas gerais.  
Imaginai um homem que fosse efetuar uma viagem. Todo o seu trajeto está previsto: dia de partida, caminhos, etapas, dia de chegada. Todas as atividades, contudo, no transcurso da viagem, estão afetas ao viajante, que se pode desviar ou não do roteiro traçado, segundo os ditames da sua vontade. Daí se infere que o livre-arbítrio é lei irrevogável na esfera individual, perfeitamente separável das questões do destino, anteriormente preparado. Os atos premonitórios são sempre dirigidos por entidades superiores, que procuram demonstrar a verdade de que a criatura não se reduz a um complexo de oxigênio, fosfato, etc.. e que, além das percepções limitadas do homem físico, estão as faculdades superiores do homem transcendente.**  
 **12 – O CONSOLADOR – FRANCISCO C. XAVIER (EMMANUEL), pág. 83**

**Perg. 132 – Há o determinismo e o livre-arbítrio, ao mesmo tempo, na existência humana?  
-Determinismo e livre-arbítrio coexistem na vida, entrosando-se na estrada dos destinos, para a elevação e redenção dos homens.  
-O primeiro é absoluto nas mais baixas camadas evolutivas e o segundo amplia-se com os valores da educação e da experiência. Acresce observar que sobre ambos pairam as determinações divinas, baseadas na lei do amor, sagrada e única, da qual a profecia foi sempre o mais eloqüente testemunho.  
  
Não verificais, atualmente, as realizações previstas pelos emissários do Senhor há dois e quatro milênios, no divino simbolismo das Escrituras?  
  
Estabelecida a verdade de que o homem é livre na pauta de sua educação e de seus méritos, na lei das provas, cumpre-nos reconhecer que o próprio homem, à medida que se torna responsável, organiza o determinismo da sua existência, agravando-o ou amenizando-lhe os rigores, até poder elevar-se definitivamente aos planos superiores do Universo.**

**13 - O Livro dos Espíritos - Allan Kardec - Questões: 121/595/599/843**

**Perg. 121: Por que alguns Espíritos seguiram o caminho do bem e outros o do mal?  
- Não tem eles o livre-arbítrio? Deus não criou Espíritos maus; criou-os simples e ignorantes, ou seja, tão aptos para o bem quanto paa o mal, os que são maus, assim se tornaram por sua vontade.  
Perg. 595: Os animais tem livre-arbítrio? -Não, são simples máquinas, como supondes, mas sua liberdade de ação é limitada pelas suas necessidades e não pode ser comparada à do homem. Sendo muito inferiores a este, não têm os mesmos deveres. Sua liberdade é restrita aos atos da vida material.  
  
Perg. 599: A alma dos animais pode escolher espécie em que prefira encarnar-se?  
- Não; ela não tem o livre-arbítrio.  
Perg. 843: O homem tem livre-arbítrio nos seus atos?   
- Pois se tem a liberdade de pensar, tem a de agir. Sem o livre-arbítrio o homem seria um máquina.  
Perg. 844 - O homem goza do livre-arbítrio desde o nascimento?  
- Ele tem a liberdade de agir, desde que tenha a vontade de o fazer. Nas primeiras fases da vida a liberdade é quase nula; ela se desenvolve e muda de objeto com as faculdades. Estando os pensamentos da criança em relação com as necessidades da sua idade, ela aplica o seu livre-arbítrio às coisas que lhe são necessárias.  
  
Perg. 845: As predisposições instintivas que o homem traz ao nascer não são um obstáculo ao exercício do seu livre-arbítrio?  
- As predisposições instintivas são as do Espírito antes da encarnação; conforme for ele mais ou menos adiantado, elas podem impeli-lo a atos repreensíveis, no que ele será secundado por Espíritos que simpatizem com essas disposições; mas não há arrastamento irresistível, quando se tem a vontade de resistir. Lembrai-vos de que querer é poder.  
  
Perg. 846: O organismo não influi nos atos da vida? E se influi, não o faz com prejuízo do livre-arbítrio?  
- O Espírito é certamente influenciado pela matéria, que pode entravar as suas manifestações. Eis porque, nos mundos em que os corpos são menos materiais do que na Terra, as faculdades se desenvolvem com mais liberdade. Mas o instrumento não dá faculdades ao Espírito. De resto, é necessário distinguir neste caso as faculdades morais da faculdades intelectuais. Se um homem tem o instinto do assassínio, é seguramente o seu próprio Espírito que o possui e que lho transmite, mas nunca os órgãos.  
  
Perg. 847: A alteração das faculdades tira ao homem o livre-arbítrio?  
- Aquele cuja inteligência está perturbada por uma causa qualquer perde o domínio do seu pensamento e, desde então, não tem mais liberdade. Essa alteração é frequentemente uma punição para o Espírito que,numa existência, pode ter sido vão e orgulhoso, fazendo mau uso de suas faculdades. Ele pode renascer no corpo de um idiota, como o déspota no corpo de um escravo e o mau rico no de um mendigo. Mas o Espírito sofre esse constrangimento, do qual tem perfeita consciência; é nisso que está a ação da matéria.**

**14 – O QUE É O ESPIRITISMO – ALLAN KARDEC, pág. 200**

**Perg. 128 – Tem o homem o livre-arbítrio, ou está sujeito à fatalidade?  
-Se a conduta do homem fosse sujeita à fatalidade, não haveria para ele nem responsabilidade do mal, nem mérito do bem que pratica. Toda punição seria uma injustiça, toda recompensa um contra-sendo. O livre-arbítrio do homem é uma conseqüência da justiça de Deus, é o atributo que a divindade imprime àquele e o eleva acima de todas as outras criaturas.  
  
É isto tão real que a estima dos homens, uns pelos outros, baseia-se na admissão desse livre-arbítrio; quem, por uma enfermidade, loucura, embriaguez ou idiotismo, perde acidentalmente essa faculdade, é lastimado ou desprezado.  
O materialista que faz todas as faculdades morais e intelectuais dependerem do organismo, reduz o homem ao estado de máquina, sem livre-arbítrio e, por conseqüência, sem responsabilidade do mal e sem mérito do bem que pratica.  
  
Perg. 129 – Será Deus o criador do Mal?  
-Deus não criou o mal; Ele estabeleceu leis, e estas são sempre boas, porque Ele é soberanamente bom; aquele que as observasse fielmente, seria perfeitamente feliz; porém, os Espíritos, tendo seu livre-arbítrio, nem sempre as observam, e é dessa infração que provém o mal.  
  
Perg. 130 – O homem já nasce bom ou mau?  
-É preciso fazermos uma distinção entre a alma e o homem. A alma é criada simples e ignorante, isto é, nem boa nem má, porém suscetível, em razão do seu livre-arbítrio, de seguir o bom ou o mau caminho, ou, por outra, de observar ou infringir as leis de Deus. O homem nasce bom ou mau, segundo seja ele a encarnação de um Espírito adiantado ou atrasado.**

**19 - UNIVERSO E VIDA - ESPÍRITO ÁUREO - PÁG. 52,55 E 82**

**PROFECIA E LIVRE-ARBÍTRIO: Se o espaço-tempo não fosse curvo, profetizar seria, a rigor, inviável; entretanto, raios mentais de grande potência podem tocar em registros magéticos do passado, ainda persistentes, ou em projeções ideais do futuro, resultantes de mentalizações concentradas, provocando processos de reflexão tecnicamente semelhante à que é detectada pelo radar.**

**Abrimos aqui um parêntese para lembrar que o homem terrestre já consegue produzir microondas de grande estabilidade, potências enormes, de mais de 10 megawatts, e frequências que vão desde 1.000 até 75.000 megaciclos/seg (30 cm a 4mm). Um sistema de radar modulado por impulsos irradia energia em impulsos curtos, intensos, de duração aproximada de um microssegundo. O magnetron, operando com um campo magnético de valor crítico, produz oscilações de frequência muito elevada, da ordem de 3.000 megaciclos/seg. em razão das correntes induzidas pelos elétrons em rápido movimento circular.**

**Aceleradores lineares, baseados no uso de uma série de transmissores de microondas, podem produzir partículas de energia até 20.000 Mev. Voltando porém, ao assunto inicial, é força reconhecermos que longa é, para nós, a persistência dos registros magnéticos na aura planetária, porque lento é, para o nosso biorritmo, o processo de decaimento radioativo da matéria, bastando ter-se em conta que uma grama de radium 88Ra226 leva 1.620 anos para que decaia a metade dos seus átomos radioativos.**

**As mentalizaçãos ideais que constroem o futuro são, porém, incessantemente emitidas e sempre diferenciadas, podendo dar-se em razão disso, que algumas concentrações delas, eventualmente percebidas por mentes encarnadas ou desencarnadas, não correspondam aos fatos, quando estes realmente ocorrem, explicando-se, desse modo, os erros da profecia.**

**Nas operações com um radar, temos de considerar o chamado tempo de repetição dos impulsos, que é o necessário ao retorno do eco.Quando se opera, por exemplo, com um gerador de 800 ciclos/seg, o tempo de repetição é de 1.250 microssegundos. Esse tempo de repetição de impulsos é importante em nosso estudo porque é a sua incidência repetida que determina as modificações de causalidade responsáveis pela diferenciação entre certas mentalizações detectadas por profetas e os fatos consumados.**

**Isto é de fundamental importância para que entendamos as relações entre os mecanismos do LIVRE-ARBÍTRIO e os da Lei de Causa e Efeito, porquanto o espírito humano, isolada e coletivamente, embora subordinado ao império das circunstâncias que lhe condicionam o poder de ação, é sempre essencialmente livre para estabelecer e retificar a trajetória do seu destino.**

**Quanto a dizermos que um raio mental pode tocar em registros magnéticos na aura planetária, não se veja nisso nenhuma estranheza, pois bem mais difícil seria conceber-se a existência e o desempenho dos neutrinos. No entanto, essa partícula elementar, prevista teoricamente por Wolfgang Pauli, em 1930, foi detectada por F. Reines, em 1956, sem que até agora, se lhe tenha identificado qualquer massa, carga elétrica ou campo magnético.**

**Eles atravessam, sem dificuldade, qualquer corpo sólido da Terra, sem aparentemente serem atraídos, repelidos ou capturados pela força da gravidade, por cargas elétricas ou por campos magnéticos terrestres. É claro que jamais se compreenderá o que procuramos dizer nesta página, se não se considerar que o tempo-espaço se move em círculos concêntricos, tais como as ondas eletromagnéticas comuns.**  
 **20 - VINHA DE LUZ - EMMANUEL- PÁG. 33 - ABRE A PORTA**

**"E havendo dito isto, assoprou sobre eles e disse-lhes: Recebei o Espírito Santo" -(João, 20:22)**

**Profundamente expressivas as palavras de Jesus aos discípulos, nas primeiras manifestações depois do Calvário. Comparecendo à reunião dos companheiros, espalha sobre eles o seu espírito de amor e vida, exclamando: "Recebei o Espírito Santo".**

**Por que não se ligaram as bênçãos do Senhor, automaticamente, aos aprendizes? por que não transmitiu Jesus, pura e simplesmente, o seu poder divino aos sucessores? Ele, que distribuíra dádivas de saúde, bênçãos de paz, recomendava aos discípulos recebessem os divinos dons espirituais. Por que não impor semelhante obrigação?**

**É que o Mestre não violentaria o santuário de cada filho de Deus, nem mesmo por amor. Cada espírito guarda seu próprio tesouro e abrirá suas portas sagradas à comunhão com o Eterno Pai. O Criador oferece à semente o sol e a chuva, o clima e o campo, a defesa e o adubo, o cuidado dos lavradores e a bênção das estações, mas semente terá que germinar por si mesma, elevando-se para a luz solar.**

**O homem recebe, igualmente o Sol da Providência e a chuva de dádivas, as facilidades da cooperação e o campo de oportunidade, a defesa do amor e o adubo do sofrimento, o carinho dos mensageiros de Jesus e a bênção das experiências diversas; todavia, somos constrangidos a romper por nós mesmos os envoltórios inferiores, elevando-nos para a Luz Divina.**

**As inspirações e os designios do Mestre permanecem à volta de nossa alma, sugerindo modificações úteis, induzindo-nos à legítima compreensão da vida, iluminando-nos através da consciência superior, entretanto, está em nós abrir-lhes ou não a porta interna.**

**Cessemos, pois, a guerra de nossas criações inferiores do passado e entreguemo-nos, cada dia, às realizações novas de Deus, instituídas a nosso favor, perseverando em receber, no caminho, os dons da renovação constante, em Cristo, para a vida eterna.**

|  |  |
| --- | --- |
| **LUTAS** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- A evolução anímica - pág. 79** | **02 - A sombra do olmeiro - pág. 114** |
| **03 - Antologia da Espiritualidade - pág. 27** | **04 - Cartilha da Natureza - pág. 157** |
| **05 - Do país da luz - vol. iv pág. 290** | **06 - Escrínio de luz - pág. 173** |
| **07 - Espírito e vida - pág. 167** | **08 - Falando à Terra - pág. 29** |
| **09 - Florações evangélicas - pág. 178** | **10 - Fonte viva - pág. 363** |
| **11 - O Livro dos Espíritos - q.119, 133, 214, 511, 871** | **12 - Instrumentos do Tempo - pág. 13** |
| **13 - Justiça divina - pág. 115** | **14 - Obras póstumas - pág. 384** |
| **15 - Pão nosso - pág. 15** | **16 - Pérolas do além - pág. 141** |
| **17 - Seara dos médiuns - pág. 187, 225** | **18 - Seareiros de volta - pág. 88** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**LUTAS – COMPILAÇÃO**

**01 - A EVOLUÇÃO ANÍMICA - GABRIEL DELANNE - A LUTA PELA VIDA - PÁG. 79**

**O solo, a atmosfera, a água, são povoados de seres vivos, em número infinito. A massa profunda dos oceanos abriga miríades de organismos vegetais e animais. O ar, que nos parece tão límpido, contém multidões de corpúsculos, germens microscópicos, que servirão para engendrar incontáveis gerações. A gota dágua mostra-nos um mundo que se agita e subsiste nesse minúsculo universo. O solo regurgita de colónias vivas e até nas regiões desertas, nas álgidas solidões polares, nos areais abrasados, tanto quanto nos mais altos píncaros rochosos, por toda parte, enfim, a vida manifesta-se desbordante. Por toda parte seres que nascem, crescem e morrem. Se alguma coisa pode causar-nos admiração é o equilíbrio perfeito que impera nesse formigamento de seres diversamente dotados pela Natureza. Por toda parte os seres vivos se tocam, se comprimem, se abraçam, se alimentam uns dos outros, e quer nos parecer não haja, em nosso globo, um só lugar que eles não tenham invadido. Parece-nos que a vida atingiu o máximo de sua expressão, e, no entanto, tudo nos leva a coligir que assim é há milhares de séculos. Conta-se por períodos milenários a luta dos seres vivos, disputando-se o solo, a água, o ar do nosso mundículo.  
  
Quando consideramos a prodigiosa fecundidade de algumas espécies animais, ou vegetais, aterra-nos a perspectiva da invasão que resultaria do integral desenvolvimento de seus óvulos. O bacalhau, por exemplo, que é muito prolífico, chega a produzir até 4.872.000 ovos. Uma pequena truta, pesando uma libra alemã, põe 6.000 ovos, mais ou menos. O Sr. G. de Sedlitz baseia-se nesses dados para fazer um cálculo curioso. Supondo que uma truta forneça 3.000 descendentes fêmeas (estimativa assaz baixa), e que essa reprodução prossiga, sem obstáculos, por cinco gerações, as trutas, após 25 ou 30 anos, seriam bastantes para cobrir a superfície terráquea, à razão de 10 trutas por pé quadrado. Na oitava geração, teremos um volume igual à massa planetária. Que se faça o cálculo com o salmão (80.000 óvulos), a cavala (500.000), o esturjão comum (l a 2.000.000) — e compreender-se-á a necessidade de causas destrutivas, assaz enérgicas, para impedir a invasão de mares e rios. Mas, é sobretudo no mundo dos infusórios que essa multiplicação se tornaria espantosa, se nada lhe coarctasse o surto. Assim, que há vorticelas cissíparas que se multiplicam a cada hora, com rapidez vertiginosa. Um só desses minúsculos seres daria, em treze dias, um número equivalente a 91 cifras!  
  
Ehremberg calculou que um microscópico galional, (galionàl ferruginea) engendra, por cissiparidade, 8 milhões de individuos em 48 horas, e 140 bilhões em 4 dias! As bactérias da lepra, do tifo, da pneumonia, etc., prolificam com celeridade terrificante. No espaço de uma hora, esses bacilos engendram dois novos rebentos, e assim por diante, em progressão geométrica, de sorte que, ao fim de três dias, haverá nada menos de 47 trilhões de monerianos! Segundo Davaine, um simples pique inoculante de uma única bactéria pode, dentro de 72 horas, determinar o nascimento de 71 milhões de indivíduos. Finalmente, Cohn estimou que, ao quinto dia, o oceano se repletaria com a prole de uma só bactéria, se as condições mesológicas a isso se prestassem. Felizmente, para nós, elas de raro se encontram no corpo humano. As plantas oferecem-nos os mesmos exemplos de proliferação progressivamente formidável. Um campo que produza trigo em abundância, com as espigas pressionadas entre si, não poderia nutrir maior número delas; por isso, e contendo cada uma das espigas várias sementes, importa que grande parte das novas pereça. É a lei inelutável. Em nosso orbe, a evolução se processa por meio de lutas renascentes. Seja ela surda e quase imperceptível, como no reino vegetal; ou seja ostensiva e terrível, como entre os grandes carnívoros, não deixa de operar, incessante, em todos os graus da escala.  
  
Uma necessidade inelutável combate a fecundidade pela destruição, e todas essas ações simultâneas redundam na sobrevivência do mais apto a suportar a luta pela vida. Nem sempre os mais bem aparelhados são os que resistem. Mudanças térmicas, tais como invernos rigorosos e tórridos estios, não permitirão subsistam senão os capazes de resistir a essas alternativas extremas. A fome, as enfermidades, são fatores que se conjugam para uma seleção rigorosa entre as espécies vivas, e só às mais robustas é dado subsistir e transmitir aos descendentes as qualidades assecuratórias de sua posteridade. Desde o aparecimento do protoplasma no seio dos mares primitivos, desde que as primeiras mônadas manifestaram fenómenos vitais, essa luta jamais teve um hiato, e sempre, e por toda parte, prossegue, imperturbável, no facetamento dos organismos, com uma perseverança implacável. Dessa concorrência encarniçada é que resultou a vitória dos melhores, dos mais aptos, dos mais robustos. E foram esses esforços perpétuos do ser, reagindo às influências destrutivas no afã de adaptar-se ao meio para lutar com os seus inimigos, que engendraram o progresso evolutivo das formas e das inteligências.  
  
A seleção natural atua, exclusivamente, conservando e acentuando as variações acidentais, vantajosas ao indivíduo nas condições do ambiente em que é chamado a viver. Resulta, pois, da seleção, que toda forma vivente deve aperfeiçoar-se sempre, relativamente, pelo menos, ao seu modo de existir. Ora, esse contínuo aperfeiçoamento dos seres organiza­dos deve, inevitavelmente, conduzir ao progresso geral do organismo em todos os seres disseminados na superfície da terra. Podemos, então, concluir com Darwin, dizendo: "Assim é que a guerra natural, a fome e a morte, originam diretamente o efeito mais admirável que possamos conceber: — a formação lenta dos seres superiores. Há grandeza em prismar assim a vida e seus diversos poderes, que animam originariamente muitas ou uma única forma, sob o influxo do Criador. E enquanto o planeta continuou a preencher ciclos perpétuos, adstrito às leis fixas da gravitação, essas formas se desenvolveram, inumeráveis, e, cada vez mais belas, mais mara­vilhosas, seguirão desenvolvendo-se num evoluir sem fim." Se a doutrina evolucionista encontrou tantos adversários, é que o preconceito religioso deixou vinco profundo nos espíritos, nativamente rebeldes, ao demais, a toda novidade. É que nos temos habituado a ver por toda parte o dedo de Deus, a interessá-lo em nossos negocinhos, a fazer da vontade divina um macio travesseiro para a nossa ignorância. Em lugar de procurar na própria natureza a causa de suas transformações, era sempre mais cómodo atribuí-las a uma intervenção sobrenatural, que dispensava longos e fatigantes estudos.  
  
Certos naturalistas, observando seres aproximados da série animal, incapazes de fecundação por cruzamentos, concluíram pela imutabilidade das espécies. A teoria transformista, porém, leva-nos a compreender que os animais contemporâneos não são mais que os últimos produtos de uma elaboração de formas transitórias, desaparecidas na voragem dos tempos, para deixar remanescer apenas os atuais. As devassas da paleontologia aí estão a descobrir, todos os dias, as ossadas de animais pré-históricos, que formam os elos dessa cadeia infinda cuja origem se confunde com a da própria vida. E, como se não bastara demonstrar essa filiação pelos fósseis, a Natureza encarregou-se de fornecer um exemplo em cada nascimento. Todo animal que nasce, reproduz, no início da sua vida fetal, todos os tipos anteriores pelos quais passou a raça, antes dele. É como que uma história sumária e resumida da evolução dos seus ancestrais, e ela estabelece, irrevocavelmente, o parentesco animal do homem, em que pesem todos os protestos mais ou menos interessados.  
  
Resumo: Temos que é inútil e anticientífico imaginar teorias mais ou menos fantasistas para explicar os fenômenos naturais, quando podemos recorrer à Ciência para compreendê-los. A descendência animal do homem impõe-se com evidência luminosa a todo pensador imparcial. Somos, evidentemente, o último ramo aflorado da grande árvore da vida, e resumimos, acumulando-os, todos os caracteres físicos, intelectuais e morais, assinalados isoladamente em cada um dos indivíduos que perfazem a série dos seres. Que se considerem os animais como existindo de maneira invariável desde a origem das idades, ou que os acreditemos derivados uns dos outros, menos certo não é que os espécimes da nossa época se ligam entre si de modo tão íntimo, que podemos passar do homem à célula mais simples, sem encontrarmos soluções de continuidade. Do ponto de vista anímico, as manifestações do espírito em todos os seres são graduadas de modo a identificar uma progressão ascendente, que se vai acentuando maiormente, à proporção que nos aproximamos da humanidade. De modo que, posto exista entre os antropóides e os selvagens grandes diferenças intelectuais, não variam elas, contudo, senão no grau das manifestações, e não bastam para fazer crível no animal um princípio diferente do conhecido no homem. Estudar esse princípio, determinar o mais exatamente possível como pode ele desenvolver-se; mostrar, em seguida, as modificações que o tornam mais apto, em cada passagem terrena, a dirigir organismos de mais a mais aperfeiçoados.**

**10 - FONTE VIVA - EMMANUEL - PÁG. 363 - ÍTEM 162 - DENTRO DA LUTA**

**"Não peço para que os tires do mundo, mas que os livres do mal." — Jesus. (JOÃO, 17:15.)  
Não peças o afastamento de tua dor.  
Roga forças para suportá-la, com serenidade e heroísmo, a fim de que lhe não percas as vantagens do contacto.  
Não solicites o desaparecimento das pedras de teu caminho.  
Insiste na recepção de pensamentos que te ajudem a aproveitá-las.  
Não exijas a expulsão do adversário.  
Pede recursos para a elevação de ti mesmo, a fim de que lhe transformes os sentimentos.  
Não supliques a extinção das dificuldades.  
Procura meios de superá-las, assimilando-lhes as lições.  
Nada existe sem razão de ser.  
A Sabedoria do Senhor não deixa margem à inutilidade.  
O sofrimento tem a sua função preciosa nos planos da alma, tanto quanto a tempestade tem o seu lugar importante na economia da natureza física.  
A árvore, desde o nascimento, cresce e produz, vencendo resistências.  
O corpo da criatura se desenvolve entre perigos de variada espécie.  
Aceitemos o nosso dia de serviço, onde e como determine a Vontade Sábia do Senhor.  
Apresentando os discípulos ao Pai Celestial, disse o Mestre: — "Não peço que os tires do mundo, mas que os livres do mal."  
A Terra tem a sua missão e a sua grandeza; libertemo-nos do mal que opera em nós próprios e receber-lhe-emos o amparo sublime, convertendo-nos junto dela em agentes vivos do Abençoado Reino de Deus.**

**11 - O LIVRO DOS ESPÍRITOS - ALLAN KARDEC - QUESTÕES: 119, 133,214, 511,871  
  
Perg. 119. Deus pode livrar os Espíritos das provas que devem sofrer para chegar à primeira ordem?— Se eles tivessem sido criados perfeitos, não teriam merecimento para gozar dos benefícios dessa perfeição. Onde estaria o mérito, sem a luta? De outro lado, a desigualdade existente entre eles é necessária à sua personalidade; e a missão que lhes cabe, nos diferentes graus, está nos desígnios da Providência, com vistas à harmonia do Universo. Como na vida social todos os homens podem chegar aos primeiros postos, também poderíamos perguntar por que motivo o soberano de um país não faz de cada um dos seus soldados um general; por que todos os empregados subalternos não são superiores; por que todos os alunos não são professores. Ora, entre a vida social e a espiritual existe a diferença de que a primeira é limitada e nem sempre permite a escalada de todos os seus degraus, enquanto a segunda é indefinida e deixa a cada um a possibilidade de se elevar ao posto supremo.  
Perg. 120. Todos os Espíritos passam pela fieira do mal, para chegar ao bem!— Não pela fieira do mal, mas pela da ignorância.  
Perg. 133. Os Espíritos que, desde o princípio, seguiram o caminho do bem, têm necessidade da encarnação? - Todos são criados simples e ignorantes e se instruem por meio das lutas e tribulações da vida corporal. Deus, que é justo, não podia fazer felizes a alguns, sem penas e sem trabalhos, e por conseguinte sem mérito.  
Perg. 214. Que pensar das histórias de crianças que lutam no ventre da mãe? - Imagem! Para figurar que o seu ódio era muito antigo, fazendo remontar à fase anterior ao nascimento. Geralmente não percebeis bem as imagens poéticas.  
Perg. 511. Além do Espírito protetor, um mau Espírito é ligado a cada indivíduo, com o fim de impulsioná-lo ao mal e de lhe propiciar uma ocasião de lutar entre o bem e o mal? - Ligado, não é bem o termo. É bem verdade que os maus Espíritos procuram desviar o homem do bom caminho, quando encontram ocasião, mas quando um deles se liga a um indivíduo o faz por si mesmo, porque espera ser escutado; então, haverá luta entre o bom e o mau, vencerá aquele a cujo domínio o homem se entregar.  
Perg. 871. Desde que Deus tudo sabe, também sabe se um homem deve ou não sucumbir numa prova. Nesse caso, qual a necessidade da prova, que nada pode revelar a Deus sobre aquele homem?  
— Tanto valeria perguntar por que Deus não fez o homem perfeito e realizado, por que o homem passa pela infância, antes de chegar à idade madura. A prova não tem por fim esclarecer a Deus sobre o mérito do homem, porque Deus sabe perfeitamente o que ele vale, mas deixar ao homem toda a responsabilidade da sua ação, uma vez que ele tem a liberdade de fazer ou não fazer. Podendo o homem escolher entre o bem e o mal, a prova tem por fim colocá-lo ante a tentação do mal, deixando-lhe todo o mérito da resistência. Ora, não obstante Deus saiba muito bem, com antecedência, se ele vencerá ou fracassará não pode puni-lo nem recompensá-lo, na sua justiça, por um ato que ele não tenha praticado. É assim entre os homens. Por mais capaz que seja um aspirante, por mais certeza que se tenha do seu triunfo, não se lhe concede nenhum grau sem o exame, o que quer dizer sem prova. Da mesma maneira, um juiz não condena um acusado senão pela prova de um ato consumado e não pela previsão de que ele pode ou deve praticar esse ato.  
Quanto mais se reflete sobre as consequências que teria para o homem o conhecimento do futuro, mais se vê como a Providência foi sábia ao ocultá-lo. A certeza de um acontecimento feliz o atiraria na inação; a de um acontecimento desgraçado, no desânimo; e num caso como no outro suas forças seriam paralisadas. Eis por que o futuro não tem mostrado ao homem senão como um alvo que ele deve atingir pelos seus esforços, mas sem conhecer as vicissitudes por que deve passar para atingi-lo. O conhecimento de todos os incidentes da rota lhe tiraria a iniciativa e o uso do livre-arbitrio; ele se deixaria arrastar pelo declive total dos acontecimentos sem exercitar as suas faculdades. Quando o sucesso de uma coisa está assegurado, ninguém mais se preocupa com ela.**

**13 - JUSTIÇA DIVINA - EMMANUEL- POR NÓS MESMOS - PÁG. 115**

**Por nós mesmos: Reunião pública de 11-8-61 1ª Parte, cap. VII, § 18: Quando a morte do corpo terrestre nos conduz à sociedade dos Espíritos, muitas vezes somos cercados pelo amor puro, a mergulhar-nos em divino clarão. Antigos afetos, que o tempo não nos riscou da memória, ressurgem, de improviso, envolvendo-nos na melodia da ventura ideal; amigos, a quem supúnhamos haver servido com algum pequenino gesto beneficente, repontam do dia novo, descerrando-nos os braços; sorrisos espontâneos, por flores de carinho, desabrocham em semblantes nimbados de esplendor. Quase sempre, contudo, ai de nós!... Reconhecemo-nos no festival da alegria perfeita, à feição de lodo movente, injuriando o carro solar. Quanto mais a bondade fulgura em torno, mais nos oprime o peso da frustração. Temos o peito, qual violino de barro, que não consegue responder ao arco de estrelas que nos tange as cordas desafinadas, e, do coração, semelhante a címbalo morto, apenas arrancamos lágrimas de profundo arrependimento para chorar. Lamentamos então as lutas recusadas e as oportunidades perdidas! Deploramos a passada rebeldia, ante os apelos do bem que nos teriam conquistado merecimento, e a fuga deliberada aos testemunhos de humildade que nos haveriam propiciado renovação.  
  
Sentimo-nos amparados por indizíveis exaltações de claridade e ternura; no entanto, por dentro, carregamos ainda remorso e necessidade. É assim que nos excluímos, por nós mesmos, da assembléia gloriosa, suplicando o retorno às arenas do mundo, até que a reencarnação nos purifique, nas aquisições de experiência e valor. Alma que choras na teia física, louva o tronco de sofrimento a que te encontras temporariamente agrilhoada na Terra! Abençoa os espinhos que te laceram. Abençoa o pranto que te lava os escaninhos do ser. Executa com paciência o trabalho que a vida te pede, porque, um dia, os companheiros amados que te precederam na vanguarda de luz estarão contigo, em preces de triunfo, a desatarem-te as últimas algemas, de modo a que lhes partilhes os cânticos de vitória, na grande libertação.**

**15 - PÃO NOSSO- EMMANUEL -**

**ITEM 1 - MÃO À OBRA: !Que farei, pois, irmãos? Quando vos ajuntais, cada um de vós tem salmo, tem doutrina, tem revelação, tem língua, tem interpretação. Faça-se tudo para edificação." — Paulo. (I CORlNTlOS, 14:26.)  
A igreja de Corinto lutava com certas dificuldades mais fortes, quando Paulo lhe escreveu a observação aqui transcrita.  
O conteúdo da carta apreciava diversos problemas espirituais dos companheiros do Peloponeso, mas podemos insular o versículo e aplicá-lo a certas situações dos novos agrupamentos cristãos, formados no ambiente do Espiritismo, na revivescência do Evangelho.  
Quase sempre notamos intensa preocupação nos trabalhadores, por novidades em fenomenologia e revelação. Alguns núcleos costumam paralisar atividades quando não dispõem de médiuns adestrados. Por quê?  
Médium algum solucionará, em definitivo, o problema fundamental da iluminação dos companheiros. Nossa tarefa espiritual seria absurda se estivesse circunscrita à frequência mecânica de muitos, a um centro qualquer, simplesmente para assinalarem o esforço de alguns poucos. Convençam-se os discípulos de que o trabalho e a realização pertencem a todos e que é imprescindível se movimente cada qual no serviço edificante que lhe compete. Ninguém alegue ausência de novidades, quando vultosas concessões da esfera superior aguardam a firme decisão do aprendiz de boa-vontade, no sentido de conhecer a vida e elevar-se. Quando vos reunirdes, lembrai a doutrina e a revelação, o poder de falar e de interpretar de que já sois detentores e colocai mãos à obra do bem e da luz, no aperfeiçoamento indispensável.  
ÍTEM 2 - PENSA UM POUCO: "As obras que eu faço em nome de meu Pai, essas testificam de mim." — Jesus. (João, 10:25.)  
É vulgar a preocupação do homem comum, relativamente às tradições familiares e aos institutos terrestres a que se prende, nominalmente, exaltando-se nos títulos convencionais que lhe identificam a personalidade. Entretanto, na vida verdadeira, criatura alguma é conhecida por semelhantes processos. Cada Espírito traz consigo a história viva dos próprios feitos e somente as obras efetuadas dão a conhecer o valor ou o demérito de cada um. Com o enunciado, não desejamos afirmar que a palavra esteja desprovida de suas vantagens indiscutíveis; todavia, é necessário compreender-se que o verbo é também profundo potencial recebido da Infinita Bondade, como recurso divino, tornando-se indispensável saber o que estamos realizando com esse dom do Senhor Eterno.  
  
A afirmativa de Jesus, nesse particular, reveste-se de imperecível beleza. Que diríamos de um Salvador que estatuísse regras para a Humanidade, sem partilhar-lhe as dificuldades e impedimentos?O Cristo iniciou a missão divina entre homens do campo, viveu entre doutores irritados e pecadores rebeldes, uniu-se a doentes e aflitos, comeu o duro pão dos pescadores humildes e terminou a tarefa santa entre dois ladrões. Que mais desejas? Se aguardas vida fácil e situações de evidência no mundo, lembra-te do Mestre e pensa um pouco.**

|  |  |
| --- | --- |
| **MAL** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- A Gênese - cap. III** | **02 - A mansão Renoir - pág. 29, 172** |
| **03 - A sombra do olmeiro - pág. 120** | **04 - Ação e reação - pág. 90, 255** |
| **05 - Alerta - pág. 50** | **06 - Boa nova - pág. 35, 50** |
| **07 - Caminho, verdade e vida - pág. 75** | **08 - Cartas e crônicas - pág. 35** |
| **09 - Cartilha da natureza - pág. 17** | **10 - Chão de flores - pág. 128** |
| **11 - Ciência e Espiritismo - pág. 113** | **12 - Coragem - pág. 12** |
| **13 - Cristianismo e Espiritismo - pág. 227** | **14 - Depois da morte - pág. 124** |
| **15 - Enigmas da psicometria - pág. 79** | **16 - Escrínio de luz - pág. 81** |
| **17 - Espírito e vida - pág. 41** | **18 - Estude e Viva - pág. 74, 128, 134** |
| **19 - Florações Evangélicas - pág. 185** | **20 - Fonte viva - pág. 85, 119** |
| **21 - Jesus no lar - pág. 147** | **22 - Justiça divina - pág. 83, 155** |
| **23 - Libertação - pág. 21** | **24 - Missionário da luz - pág. 137** |
| **25 - No mundo maior - pág. 41** | **26 - O Espírito da verdade - pág. 159** |
| **27 - O Evangelho S.o Espiritismo - cap. v, 19-xii,1** | **28 - O grande enigma - pág. 178** |
| **29 - O Livro dos Espíritos - q.97, 196,222** | **30 - O porquê da vida - pág. 71** |
| **31 - Pão nosso - pág. 139** | **32 - Vozes do grande além** |
| **33 - Mãos unidas - pág. 88** | **34 - Mediunidade e sintonia - pág. 61** |
| **35 - Semeador em Tempos Novos - pág. 44** | **36 - As leis morais - pág. 34** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**MAL** **– COMPILAÇÃO**

**01- A Gênese - Allan Kardec - cap. III**

**CAPÍTULO III - O BEM E O MAL  
  
1. — Sendo Deus o princípio de todas as coisas, e sendo este princípio todo sabedoria, todo bondade, todo justiça, tudo o que dele procede deve participar de seus atributos, por que é infinitamente sábio, justo e bom, nada pode produzir de insensato, de mau e de injusto. O mal que observamos não deve, pois, ter a sua fonte nele.  
2. - Se o mal, estando nos atributos de um ser especial que se chama Arimane ou Satã, de duas coisas uma: ou esse ser seria igual a Deus e, conseqüentemente, tão poderoso quanto ele, e de toda a eternidade igual a ele, ou lhe seria inferior.  
  
No primeiro caso, haveria duas potências rivais, lutando sem cessar, cada uma procurando desfazer o que a outra faz, e se opondo mutuamente. Esta hipótese é inconciliável com a unidade de vistas que se revela na disposição do Universo.  
No segundo caso, esse ser, sendo inferior a Deus, ser-lhe-ia subordinado; não podendo ter sido igual a ele, de toda a eternidade, sem ser seu igual, teria um começo; se foi criado, não pode tê-lo sido senão por Deus; Deus teria, assim, criado o Espírito do mal, o que seria negação da infinita bondade. (Ver O Céu e o Inferno Segundo o Espiritismo, cap. X, Os Demônios).  
  
O BEM E O MAL  
3. - Entretanto, o mal existe e tem uma causa.  
Os males de todas as espécies, físicos afligem a Humanidade, apresentam duas categorias que importa distinguir: são os males que o homem podem evitar e aqueles que independem da sua vontade. Entre esses últimos é preciso colocar os flagelos naturais.  
  
O homem, cujas faculdades são limitadas, não pode penetrar, nem abarcar, o conjunto dos objetivos do Criador; julga as coisas sob o ponto de vista da sua personalidade, dos interesses factícios e da convenção que não estão na ordem da Natureza; por isso é que ele o acha frequentemente, mau e injusto, o que acharia justo e admirável se lhe visse a causa, o fim e o resultado definitivo. Procurando a razão de ser e a utilidade de cada coisa, reconhecerá tudo leva a marca da sabedoria infinita, e se inclinará diante dessa sabedoria, mesmo para as coisas que não compreende.  
  
4. - O homem recebeu, em herança, uma inteligência com a ajuda da qual pode conjurar, ou grandemente atenuar os efeitos de todos os flagelos naturais; quanto mais ele adquire saber e avance em civilização, menos esses flagelos são desastrosos; com uma organização social sabiamente previdente, poderá mesmo neutralizar as consequências, quando não puderem ser evitadas. Assim, para esses mesmos flagelos, que têm sua utilidade na ordem da Natureza e para o futuro presente, Deus deu ao homem, pelas faculdades dotou o seu Espírito, os meios de paralisar-lhes os efeitos.  
  
Assim é que ele saneia os continentes insalubres, neutraliza os miasmas pestilentos, fertiliza as terras incultas e se esforça por preservá-las das inundações que construiu habitações mais sadias, mais sólidas para resistirem aos ventos, tão necessários para a depuração da atmosfera, que se coloca ao abrigo das intempéries; foi assim, que, pouco a pouco, a necessidade fê-lo criar as ciências, com ajuda das quais melhora a habitabilidade do globo, e aumenta a soma do seu bem-estar.  
  
5. - Devendo o homem progredir, os males está exposto, são um estimulante para o exercício da inteligência, de todas as suas faculdades, físicas e morais, iniciando-o na pesquisa dos meios para deles subtrair-se. Se não tivesse nada a temer, nenhuma necessidade o levaria à procura dos meios, seu espírito se entorpeceria na inatividade; não inventaria nada e não descobriria nada. Ador é o aguilhão que impele o homem para a frente, no caminho do progresso.  
  
6.-Mas os mais numerosos males são aqueles que o homem cria para si mesmo, pelos seus próprios vícios, aqueles que provêm de seu orgulho, de seu egoísmo, de sua ambição, de sua cupidez, de seus excessos em todas as coisas; aí está a causa das guerras e das calamidades que elas arrastam, dissenções, injustiças, opressão do fraco pelo forte, enfim, a maioria das doenças.  
  
Deus estabeleceu leis, plenas de sabedoria, que não têm por objetivo senão o bem; o homem encontra, em si mesmo, tudo o que é necessário para segui-las; sua rota está traçada pela sua consciência; a lei divina está gravada no seu coração; e, além disso, Deus o chama, sem cessar, através dos seus messias e profetas, por todos os Espíritos encarnados que receberam a missão de esclarecê-lo, moralizá-lo, melhorá-lo, e, nestes últimos tempos, pela multidão de Espíritos desencarnados que se manifestam por toda parte.**

**Se o homem se conformasse, rigorosamente, com as leis divinas, não há dúvida de que evitaria os mais pungentes males, e que viveria feliz sobre a Terra. Se não o faz, e em virtude do seu livre arbítrio, e, disso sofre as consequências. (O Evangelho Segundo o Espiritismo, cap. V, n°s 4, 5, 6 e seguintes).  
  
7. - Mas Deus, cheio de bondade, colocou o remédio ao lado do mal, quer dizer, do próprio mal faz sair o bem. Chega um momento em que o excesso do mal moral se torna intolerável, e faz o homem sentir o desejo de mudar de caminho; instruído pela experiência, é compelido a procurar um remédio no bem, sempre por efeito do seu livre arbítrio; quando entra num caminho melhor, é pelo fato da sua vontade e porque reconheceu os inconvenientes do outro caminho. A necessidade o constrange, pois, a se melhorar moralmente, para ser mais feliz, como esta mesma necessidade o constrange a melhorar as condições materiais da sua existência.  
  
8. - Pode-se dizer que o mal é a ausência do bem, como o frio é a ausência do calor. O mal não é mais um atributo distinto do que o frio não é um fluido especial; um é o negativo do outro. Aí, onde o bem não existe, existe forçosamente o mal; não fazer o mal, já é o começo do bem. Deus não quer senão o bem; só do homem vem o mal. Se houvesse, na criação, um ser predisposto ao mal, nada poderia evitá-lo; mas o homem, tendo a causa do mal em SI MESMO, e tendo, ao mesmo tempo, seu livre arbítrio e, por guia, as leis divinas, evitá-lo-ia quando quisesse.  
  
Tomemos um fato vulgar por comparação. Um proprietário sabe que, na extremidade do seu campo, há um lugar perigoso, onde poderia perecer ou se ferir aquele que ali se aventurasse. O que faz, para prevenir os acidentes? Coloca, perto do local, um aviso tornando proibido ir mais longe, por causa do perigo. Eis a lei; ela é sábia e previdente. Se, malgrado isso, um imprudente não o tem em conta, e passa alem, se lhe ocorre algo mal, a quem pode imputar senão a si mesmo?  
  
Assim ocorre com todo o mal; o homem o evitaria, se observasse as leis divinas. Deus, por exemplo, colocou um limite à satisfação das necessidades; o homem é advertido pela saciedade; se ultrapassa esse limite, o faz voluntariamente. As doenças, as enfermidades, a morte, que lhe podem ser consequentes, são, pois, o fato da sua imprevidência, e não de Deus.  
  
9. - O mal, sendo o resultado das imperfeições do homem, e o homem, sendo criado por Deus, Deus, dir-se-á, se não criou o mal, pelo menos a causa do mal; se houvesse feito o homem perfeito, o mal não existiria.  
  
Se o homem tivesse sido criado perfeito, seria levado, fatalmente, ao bem: ora, em virtude o seu livre arbítrio, ele não é levado, fatalmente, nem ao bem nem ao mal. Deus quis que fosse submetido à lei do progresso, e que, esse progresso fosse o fruto do seu próprio trabalho, afim de que, dele, tivesse o mérito, do mesmo modo que carrega a responsabilidade do mal que é o fato da sua vontade. A questão, pois, é saber qual é, no homem, a fonte da propensão para o mal.  
  
10. - Se se estudam todas as paixões, e mesmo todos os vícios, vê-se que têm seu princípio no instinto de conservação. Este instinto está, com toda a sua força, nos animais e nos seres primitivos que mais se aproximam da animalidade; aí só ele domina, porque, neles, não há ainda, por contrapeso, o senso moral; o ser ainda não nasceu para a vida intelectual. O instinto se enfraquece, ao contrário, à medida que a inteligência se desenvolve, porque esta domina a matéria.  
  
O destino do homem é a vida espiritual; mas, nas primeiras fases da sua existência corpórea, não há senão necessidades materiais a satisfazer, e, para esse fim, o exercício das paixões é uma necessidade para a conservação da espécie e dos indivíduos, materialmente falando. Mas, saído desse período, há outras necessidades, necessidades primeiro semi-morais e semi-materiais, depois, exclusivamente morais. É, então, quando o Espírito domina a matéria; se lhe sacode o jugo, avança no caminho providencial, e se aproxima da sua destinaçáo final. Se, ao contrário, se deixa dominar por ela, se atrasa assimilando-se ao animal.**

**Nessa situação, o que, outrora, era um bem, porque era uma necessidade da sua natureza, torna-se um mal, não somente por não ser mais uma necessidade, mas porque isso se torna nocivo à espiritualização do ser. Tal o que é qualidade na criança e se torna defeito no adulto. O mal, assim, é relativo, e a responsabilidade proporcionada ao grau de adiantamento. Todas as paixões têm, pois, a sua utilidade, providencial; sem isso, Deus teria feito algo inútil e nocivo. É o abuso que constitui o mal, e o homem abusa em virtude do seu livre arbítrio. Mais tarde, esclarecido pelo seu próprio interesse, escolherá, livremente, entre o bem o mal.**

**04 - Ação e reação - André LUiz - pág. 90, 255**

**(..) As religiões na Terra, por esse motivo, procederam acertadamente, localizando o Céu nas esferas superiores e situando o Inferno nas zonas inferiores, porquanto, nas primeiras, encontramos a crescente glorificação do Universo e, nas segundas, a purgação e a regeneração indispensáveis à vida, para que a vida se acrisole e se eleve ao fulgor dos cimos. Ante o intervalo espontâneo e reparando que o Ministro se propunha a manter contacto conosco, através da conversação, aduzi, com interesse:  
  
— Comove saber que sendo a Providência Divina a Magnanimidade Perfeita, sem limites gerando tesouros de amor para distribuí-los com abundância, em favor de todas as criaturas, é também a Equidade Vigilante, na direção e na aplicação dos bens universais.  
— Efetivamente, não poderia ser de outro modo — ajuntou Sânzio, bondoso. — Em assuntos da lei de causa e efeito, é imperioso não olvidar que todos os valores da vida, desde as mais remotas constelações à mais mínima partícula subatômica, pertencem a Deus, cujos inabordáveis desígnios podem alterar e renovar, anular ou reconstruir tudo o que está feito.**

**Assim, pois, somos simples usufrutuários da Natureza que consubstancia os tesouros do Senhor, com responsabilidade em todos os nossos atos, desde que já possuamos algum discernimento. O Espírito, seja onde for, encarnado ou desencarnado, na Terra ou noutros mundos, gasta, em verdade, o que lhe não pertence, recebendo por empréstimos do Eterno Pai os recursos de que se vale para efetuar a própria sublimação no conhecimento e na virtude.**

**Patrimônios materiais e riquezas da inteligência, processos e veículos de manifestação, tempo e forma, afeições e rótulos honoríficos de qualquer procedência são de propriedade do Todo-Misericordioso, que no-los concede a título precário, a fim de que venhamos a utilizá-los no aprimoramento de nós mesmos, marchando nas largas linhas da experiência, de modo a entrarmos na posse definitiva dos valores eternos, sintetizados no Amor e na Sabedoria com que, em futuro remoto, Lhe retrataremos a Glória Soberana.**

**Desde o elétron aos gigantes astronômicos da Tela Cósmica, tudo constitui reservas das energias de Deus, que usamos, em nosso proveito, por permissão dEle, de sorte a promovermos, com fir­meza, nossa própria elevação a Sua Majestade Sublime. Dessa maneira, é fácil perceber que, após conquistarmos a coroa da razão, de tudo se nos pedirá contas no momento oportuno, mesmo porque não há progresso sem justiça na aferição de valores.  
  
Lembrei-me instintivamente da nossa errada conceituação de vida na Terra, quando nos achamos sempre dispostos a senhorear indebitamente os recursos do estágio humano, em terras e casas, títulos e favores, prerrogativas e afetos, arrastando, por toda a parte, as algemas do mais gritante egoísmo... Sânzio registrou-me os pensamentos, porque acentuou com paternal sorriso, apés ligeira pausa:  
  
— Realmente, no mundo o homem inteligente deve estar farto de saber que todo conceito de propriedade exclusiva não passa de simples suposição. Por empréstimo, sim, todos os valores da existência lhe são adjudicados pela Providência Divina, por determinado tempo, de vez que a morte funciona como juiz inexorável, transferindo os bens de certas mãos para outras e marcando com inequívoca exatidão o proveito que cada Espírito extrai das vantagens e concessões que lhe foram entregues pelos Agentes da Infinita Bondade. Aí, vemos os princípios de causa e efeito, em toda a força de sua manifestação, porque, no uso ou no abuso das reservas da vida que representam a eterna Propriedade de Deus, cada alma cria na própria consciência os créditos e os débitos que lhe atrairão inelutavelmente as alegrias e as dores, as facilidades e os obstáculos do caminho.**

**Quanto mais amplitude em nossos conhecimentos, mais responsabilidade em nossas ações. Através de nossos pensamentos, palavras e atos, que nos fluem, invariáveis, do coração, gastamos e transformamos constantemente as energias do Senhor, em nossa viagem evolutiva, nos setores da experiência, e, do quilate de nossas intenções e aplicações, nos sentimentos e práticas da marcha, a vida organiza, em nós mesmos, a nossa conta agradável ou desagradável ante as Leis do Destino. . Nesse ponto do valioso esclarecimento, Hilário inquiriu com humildade:  
  
— Amado Instrutor, à face da gravidade de que a lição se reveste para nós, que devemos entender como sendo «bem» e «mal» ?Sânzio fez um gesto de tolerância bondosa e replicou :— Evitemos o mergulho nos labirintos da Filosofia, não obstante o respeito que a Filosofia nos merece, porquanto não nos achamos num cenáculo simplesmente destinado à esgrima da palavra. Busquemos, antes de tudo, simplificar.**

**É fácil conhecer o bem quando o nosso coração se nutre de boa-vontade à frente da Lei. O bem, meu amigo, é o progresso e a felicidade, a segurança e a justiça para todos os nossos semelhantes e para todas as criaturas de nossa estrada, aos quais devemos empenhar as conveniências de nosso exclusivismo, mas sem qualquer constrangimento por parte de ordenações puramente humanas, que nos colocariam em falsa posição no serviço, por atuarem de fora para dentro, gerando, muitas vezes, em nosso cosmo interior, para nosso prejuízo, a indisciplina e a revolta.**

**O bem será, desse modo, nossa decidida cooperação com a Lei, a favor de todos, ainda mesmo que isso nos custe a renunciação mais completa, visto não ignorarmos que, auxiliando a Lei do Senhor e agindo de conformidade com ela, seremos por ela ajudados e sustentados no campo dos valores imperecíveis. E o mal será sempre representado por aquela triste vocação do bem unicamente para nós mesmos, a expressar-se no egoísmo e na vaidade, na insensatez e no orgulho que nos assinalam a permanência nas linhas inferiores do espírito. (...)**

**05 - Alerta - Joana de Ãngelis - pág. 50**

**13. APRIMORAMENTO ÍNTIMO  
Muito justo e mesmo recomendável que se recorra à cooperação fraternal do próximo, quando o sofrimento e a dificuldade nos visitem as paisagens íntimas. O auxílio desinteressado que recebemos é bênção inestimável de que se constitui a vida nas relações humanas.  
No mundo, tudo são intercâmbios, permutas que se consubstanciam em força e resistência para colimarem os objetivos a que se destinam.  
  
Não obstante, há tarefas que compete a cada um realizar, integrados no processo evolutivo como nos encontramos. Igualmente, não é lícito transferir-se deveres e responsabilidades pessoais, que fazem parte do esquema de iluminação que devemos conseguir, mesmo sob as penosas cargas de aflição e renúncia.  
  
Dentre os desafios que a vida nos oferece, o que diz respeito ao aprimoramento íntimo ganha prioridade. Aprendizes da vida, somos defrontados pelas lições necessárias que nos propiciam o conhecimento e a libertação das peias da ignorância geradora de mil males, e do egoísmo, que é um câncer de alto poder destrutivo. Ninguém te acompanhará nesse afã de renovação e aprimoramento íntimo.  
  
Poucos perceberão a luta que travas no campo ignoto dessa batalha importante. Alguns criarão dificuldades para o teu cometimento, talvez franqueando-te recursos e meios para a fuga ou a queda. Tentarás e repetirás o esforço, não poucas vezes, receando o fracasso ou crendo não alcançar a meta. Prossegue, porém, trabalhando o caráter e o sentimento.  
  
Não te deixes turbar pelas vanglorias, nem te anestesies pelos vapores da violência que infelicita multidões. Dulcifica-te e não revides ao mal, não resistas ao mal com o mal, não te negues à bondade, nem à beneficência, à esperança, nem à humildade.  
  
Essas virtudes a cultivar serão as tuas resistências, e, quando os testemunhos parecerem apresentar-te a noite mais densa e temerosa, elas brilharão no teu céu em sombras, apontando-te o rumo. . . Por conhecer a destinação que nos aguarda, no futuro, Jesus nos veio convocar pelo exemplo e pela palavra ao aprimoramento íntimo e à vitória sobre qualquer expressão do mal através da ação correta do bem.  
  
  
06 - Boa nova - Humberto de Campos - pág. 35, 50**

**A FAMÍLIA ZEBEDEU  
Na manhã que se seguiu à primeira manifestação da sua palavra defronte do Tiberíades, o Mestre se aproximou de dois jovens que pescavam nas margens e os convocou para o seu apostolado.— Filhos de Zebedeu — disse, bondoso —, desejais participar das alegrias da Boa Nova?!Tiago e João, que já conheciam as pregações do Batista e que o tinham ouvido na véspera, tomados de emoção se lançaram para ele, transbordantes de alegria:— Mestre! Mestre! — exclamavam felizes.  
  
Como se fossem irmãos bem-amados que se encontrassem depois de longa ausência, tocados pela força do amor que se irradiava do Cristo, fonte inspiradora das mais profundas dedicações, falaram largamente da ventura de sua união perene, no futuro, das esperanças com que deveriam avançar para o porvir, proclamando as belezas do esforço pelo Evangelho do Reino. Os dois rapazes galileus eram de temperamento apaixonado. Profundamente generosos, tinham carinhosas e simples, ardentes e sinceras as almas. João tomou das mãos do Senhor e beijou-as afetuosamente, enquanto Jesus lhe acariciava os anéis macios dos cabelos. Tiago, como se quisesse hipotecar a sua solidariedade inteira, aproximou-se do Messias e lhe colocou a destra sobre os ombros, em amoroso transporte.  
  
Os dois novos apóstolos, entretanto, eram ainda muito jovens e, em regressando a casa com o espírito arrebatado por imensa alegria, relataram a sua mãe o que se passara. Salomé, a esposa de Zebedeu, apesar de bondosa e sensível, recebeu a notícia com certo cuidado. Também ela ouvira o profeta de Nazaré nas suas gloriosas afirmativas da véspera. Pôs-se então a ponderar consigo mesma: não estaria próximo aquele reino prometido por Jesus? Quem sabe se o filho de Maria não falava na cidade em nome de algum príncipe? Ah! o Cristo deveria ser o intérprete de algum desconhecido ilustre que recrutava adeptos entre os homens trabalhadores e mais fortes.**

**A quem seriam confiados os postos mais altos, dentro da nova fundação? Seus filhos queridos bem os mereciam. Precisava agir, enquanto era tempo. O povo, de há muito, falava em revolução contra os romanos e os comentadores mais indiscretos anteviam a queda próxima dos Ântipas. O novo reinado estava próximo e, alucinada pelos sonhos maternais, Salomé procurou o Messias no círculo dos seus primeiros discípulos.— Senhor — disse, atenciosa —, logo após a instituição do teu reino, eu desejaria que os meus filhos se sentassem um à tua direita e outro à tua esquerda, como as duas figuras mais nobres do teu trono.Jesus sorriu e obtemperou com gesto bondoso:  
  
— Antes de tudo, é preciso saber se eles quererão beber do meu cálice!...A genitora dos dois jovens embaraçou-se. Além disso, o grupo que rodeava o Messias a observava com indiscricão e manifesta curiosidade. Reconhecendo que o instante não lhe permitia mais amplas explicações, retirou-se apressada, colocando o seu velho esposo ao corrente dos fatos. Ao entardecer, cessado o labor do dia, Zebedeu acompanhado pelos dois filhos procurou o Mestre em casa de Simão. Jesus lhes recebeu a visita com extremo carinho, enquanto o velho galileu expunha as suas razões, humilde e respeitoso.  
  
— Zebedeu — respondeu-lhe Jesus —, tu, que conheces a lei e lhe guardas os preceitos no coração, sabes de algum profeta de Deus que, no seu tempo, fosse amado pelos homens do mundo?— Não, Senhor.— Que fizeram de Moisés, de Jeremias, de Jonas? Todos os emissários da verdade divina foram maltratados e trucidados, ou banidos do berço em que nasceram. Na Terra, o preço do amor e da verdade tem sido o martírio e a morte. O pai de Tiago e de João ouvia-o humilde e repetia: — Sim, Senhor. E Jesus, como se aproveitasse o momento para esclarecer todos os pontos em dúvida, continuou:  
  
— O reino de Deus tem de ser fundado no coração das criaturas; o trabalho árduo é o meu gozo; o sofrimento o meu cálice; mas, o meu Espírito se ilumina da sagrada certeza da vitória.— Então, Senhor — exclamou Zebedeu, respeitoso —, o vosso reino é o da paz e da resignação que os crentes de Elias esperavam! Jesus com um sorriso de benignidade acrescentou:— A paz da consciência pura e a resignação suprema à vontade de meu Pai são do meu reino; mas os homens costumam falar de uma paz que é ociosidade de espírito e de uma resignação que é vício do sentimento.**

**Trago comigo as armas para que o homem combata os inimigos que lhe subjugam o coração e não descansarei enquanto não tocarmos o porto da vitória. Eis por que o meu cálice, agora, tem de transbordar de fel, que são os esforços ingentes que a obra reclama.E, como se quisesse pormenorizar os esclarecimentos, prosseguiu:— Há homens poderosos no mundo que morrem comodamente em seus palácios, sem nenhuma paz no coração, transpondo em desespero e com a noite na consciência os umbrais da eternidade; há lutadores que morrem na batalha de todos os momentos, muita vez vencidos e humilhados, guardando, porém, completa serenidade de espírito, porque, em todo o bom combate, repousaram o pensamento no seio amoroso de Deus.**

**Outros há que aplaudem o mal, numa falsa atitude de tolerância, para lhe sofrer amanhã os efeitos destruidores. Os verdadeiros discípulos das verdades do céu, esses não aprovam o erro, nem exterminam os que os sustentam. Trabalham pelo bem, porque sabem que Deus também está trabalhando. O Pai não tolera o mal e o combate, por muito amar a seus filhos. Vê, pois, Zebedeu, que o nosso reino é de trabalho perseverante pelo bem real da Humanidade inteira. Enquanto os dois apóstolos fitavam em Jesus os olhos calmos e venturosos, Zebedeu o contemplava como se tivesse à sua frente o maior profeta do seu povo.  
  
— Grande reino! — exclamou o velho pescador e, dando expansão ao entusiasmo que lhe enchia o coração, disse, ditoso:— Senhor! Senhor! trabalharemos convosco, pregaremos o vosso Evangelho, aumentaremos o número dos vossos seguidores!...Ouvindo estas últimas palavras, o Mestre elucidou, pondo ênfase nas suas expressões:— Ouve, Zebedeu! nossa causa não é a do número; é a da verdade e do bem. É certo que ela será um dia a causa do mundo inteiro, mas, até lá, precisamos esmagar a serpente do mal sob os nossos pés. Por enquanto, o número pertence aos movimentos da iniquidade. A mentira e a tirania exigem exércitos e monarcas, espadas e riquezas imensas para dominarem as criaturas.**

**O amor, porém, essência de toda a glória e de toda a vida, pede um coração e sabe ser feliz. A impostura reclama interminável fileira de defensores, para espalhar a destruição; basta, no entanto, um homem bom para ensinar a verdade de Deus e exaltar-lhe as glórias eternas, confortando a infinita legião de seus filhos. Quem será maior perante Deus? A multidão que se congrega para entronizar a tirania, esmagando os pequeninos, ou um homem sozinho e bem-intencionado que com um simples sinal salva uma barca cheia de pescadores? Empolgado pela sabedoria daquelas considerações, Zebedeu perguntou:— Senhor, então o Evangelho não será bom para todos?  
  
— Em verdade — replicou o Mestre —, a mensagem da Boa Nova é excelente para todos; contudo, nem todos os homens são ainda bons e justos para com ela. É por isso que o Evangelho traz consigo o fermento da renovação e é ainda por isso que deixarei o júbilo e a energia como as melhores armas aos meus discípulos. Exterminando o mal e cultivando o bem, a Terra será para nós um glorioso campo de batalha. Se um companheiro cair na luta, foi o mal que tombou, nunca o irmão que, para nós outros, estará sempre de pé.   
  
Não repousaremos até ao dia da vitória final. Não nos deteremos numa falsa contemplação de Deus, à margem do caminho, porque o Pai nos falará através de todas as criaturas trazidas à boa estrada; estaremos juntos na tempestade, porque aí a sua voz se manifesta com mais retumbância. Alegrar-nos-emos nos instantes transitórios da dor e da derrota, porque aí o seu coração amoroso nos dirá: "Vem, filho meu, estou nos teus sofrimentos com a luz dos meus ensinos!" Combateremos os deuses dos triunfos fáceis, porque sabemos que a obra do mundo pertence a Deus, compreendendo que a sua sabedoria nos convoca para completá-la, edificando o seu reino de venturas sem-fim no íntimo dos corações.  
  
Jesus guardou silêncio por instantes. João e Tiago se lhe aproximaram, magnetizados pelo seu olhar enérgico e carinhoso. Zebedeu, como se não pudesse resistir à própria emotividade, fechara os olhos, com o peito oprimido de júbilo. Diante de si, num vasto futuro espiritual, via o reino de Jesus desdobrar-se ao infinito. Parecia ouvir a voz de Abraão e o eco grandioso de sua posteridade numerosa. Todos abençoavam o Mestre num hino glorificador. Até ali, seu velho coração conhecera a lei rígida e temera Jeová com a sua voz de trovão sobre as sarças de fogo; Jesus lhe revelara o Pai carinhoso e amigo de seus filhos, que acolhe os velhos, os humildes e os derrotados da sorte, com uma expressão de bondade sempre nova.**

**O velho pescador de Cafarnaum soltou as lágrimas que lhe rebentavam do peito e ajoelhou-se. Adiantando-se-lhe, Jesus exclamou:  
— Levanta-te, Zebedeu! os filhos de Deus vivem de pé para o bom combate! Avançando, então, dentro da pequena sala, o pai dos apóstolos tomou a destra do Mestre e a umedeceu com as suas lágrimas de felicidade e de reconhecimento, murmurando:— Senhor, meus filhos são vossos. Jesus, atraindo-o docemente ao coração, lhe afagou os cabelos brancos, dizendo:— Chora, Zebedeu! porque as tuas lágrimas de hoje são formosas e benditas!... Temias a Deus; agora o amas; estavas perdido nos raciocínios humanos sobre a lei; agora, tens no coração a fonte da fé viva!**

**A LUTA CONTRA O MAL  
De todas as ocorrências da tarefa apostólica, os encontros do Mestre com os endemoninhados constituíam os fatos que mais impressionavam os discípulos. A palavra "diabo" era então compreendida na sua justa acepção. Segundo o sentido exato da expressão, era ele o adversário do bem, simbolizando o termo, dessa forma, todos os maus sentimentos que dificultavam o acesso das almas à aceitação da Boa Nova e todos os homens de vida perversa, que contrariavam os propósitos da existência pura, que deveriam caracterizar as atividades dos adeptos do Evangelho.  
  
Dentre os companheiros do Messias, Tadeu era o que mais se deixava impressionar por aquelas cenas dolorosas. Aguçavam-lhe, sobremaneira, a curiosidade de homem os gritos desesperados dos espíritos malfazejos, que se afastavam de suas vítimas sob a amorosa determinação do Mestre Divino. Quando os pobres obsidiados deixavam escapar um suspiro de alívio, Tadeu volvia os olhos para Jesus, maravilhado de seus feitos.  
  
Certo dia em que o Senhor se retirara, com Tiago e João, para os lados de Cesaréia de Filipe, uma pobre demente lhe foi trazida, a fim de que ele, Tadeu, anulasse a atuação dos Espíritos perturbadores que a subjugavam. Entretanto, apesar de todos os esforços de sua boa-vontade, Tadeu não conseguiu modificar a situação. Somente no dia imediato, ao anoitecer, na presença confortadora do Messias, foi possível à infeliz dementada recuperar o senso de si mesma.  
  
Observando o fato, Tadeu caiu em sério e profundo cismar. Por que razão o Mestre não lhes transmitia, automaticamente, o poder de expulsar os demónios malfazejos, para que pudessem dominar os adversários da causa divina? Se era tão fácil a Jesus a cura integral dos endemoninhados, por que motivo não provocava ele de vez a aproximação geral de todos os inimigos da luz, a fim de que, pela sua autoridade, fossem definitivamente convertidos ao reino de Deus? Com o cérebro torturado por graves cogitações e sonhando possibilidades maravilhosas para que cessassem todos os combates entre os ensinamentos do Evangelho e os seus inimigos, o discípulo inquieto procurou avistar-se particularmente com o Senhor, de modo a expor-lhe com humildade suas ideias íntimas.  
  
Numa noite tranquila, depois de lhe escutar as pon­derações, perguntou-lhe Jesus, em tom austero:— Tadeu, qual o principal objetivo das atividades de tua vida? Como se recebesse uma centelha de inspiração superior, respondeu o discípulo com sinceridade:— Mestre, estou procurando realizar o reino de Deus no coração.— Se procuras semelhante realidade, por que a reclamas no adversário em primeiro lugar? Seria justo esqueceres as tuas próprias necessidades nesse sentido? Se buscamos atingir o infinito da sabedoria e do amor em Nosso Pai, indispensável se faz reconheçamos que todos somos irmãos no mesmo caminho!...  
  
— Senhor, os espíritos do mal são também nossos irmãos? — inquiriu, admirado, o apóstolo.— Toda a criação é de Deus. Os que vestem a túnica do mal envergarão um dia a da redenção pelo bem. Acaso, poderias duvidar disso? O discípulo do Evangelho não combate propriamente o seu irmão, como Deus nunca entra em luta com seus filhos; aquele apenas combate toda manifestação de ignorância, como o Pai que trabalha incessantemente pela vitória do seu amor, junto da humanidade inteira.  
  
— Mas, não seria justo — ajuntou o discípulo, com certa convicção — convocarmos todos os gênios malfazejos para que se convertessem à verdade dos céus? O Mestre, sem se surpreender com essa observação, disse:— Por que motivo não procede Deus assim?... Porventura, teríamos nós uma substância de amor mais sublime e mais forte que a do seu coração paternal? Tadeu, jamais olvidemos o bom combate. Se alguém te convoca ao labor ingrato da má semente, não desdenhes a boa luta pela vitória do bem, encarando qualquer posição difícil como ensejo sagrado para revelares a tua fidelidade a Deus.**

**Abraça sempre o teu irmão. Se o adversário do reino te provoca ao esclarecimento de toda a verdade, não desprezes a hora de trabalhar pela vitória da luz; mas segue o teu caminho no mundo atento aos teus próprios deveres, pois não nos consta que Deus abandonasse as suas atividades divinas para impor a renovação moral dos filhos ingratos, que se rebelaram na sua casa. Se o mundo parece povoar-se de sombras, é preciso reconhecer que as leis de Deus são sempre as mesmas, em todas as latitudes da vida.  
  
É indispensável meditar na lição de Nosso Pai e não estacionar a meio do caminho que percorremos. Os inimigos do reino se empenham em batalhas sangrentas? Não olvides o teu próprio trabalho. Padecem no inferno das ambições desmedidas? Caminha para Deus. Lançam a perseguição contra a verdade? Tens contigo a verdade divina que o mundo não te poderá roubar, nunca. Os grandes patrimônios da vida não pertencem às forças da Terra, mas às do Céu. O homem, que dominasse o mundo inteiro com a sua força, teria de quebrar a sua espada sangrenta, ante os direitos inflexíveis da morte.**

**E, além desta vida, ninguém te perguntará pelas obrigações que tocam a Deus, mas, unicamente, pelo mundo interior que te pertence a ti mesmo, sob as vistas amoráveis de Nosso Pai. Que diríamos de um rei justo e sábio que perguntasse a um só de seus súditos pela justiça e pela sabedoria do reino inteiro? Entretanto, é natural que o súdito seja inquirido acerca dos trabalhos que lhe foram confiados, no plano geral, sendo também justo se lhe pergunte pelo que foi feito de seus pais, de sua companheira, de seus filhos e irmãos. Andas assim tão esquecido desses problemas fáceis e singelos? Aceita a luta, sempre que fores julgado digno dela e não te esqueças, em todas as circunstâncias, de que construir é sempre melhor.  
  
Tadeu contemplou o Mestre, tomado de profunda admi­ração. Seus esclarecimentos lhe caíam no espírito como gotas imensas de uma nova luz.— Senhor — disse ele —, vossos raciocínios me iluminam o coração; mas, terei errado externando meus sentimentos de piedade pêlos espíritos malfazejos? Não devemos, então, convocá-los ao bom caminho?— Toda intenção excelente — redarguiu Jesus — será levada em justa conta no céu, mas precisamos compreender que não se deve tentar a Deus. Tenho aceitado a luta como o Pai ma envia e tenho esclarecido que a cada dia basta o seu trabalho.**

**Nunca reuni o colégio dos meus companheiros para provocar as manifestações dos que se comprazem na treva; reuni-os, em todas as circunstâncias e oportunidades, suplicando para o nosso esforço a inspiração sagrada do Todo-Poderoso. O adversário é sempre um necessitado que comparece ao banquete das nossas alegrias e, por isso, embora não o tenha convocado, convidando somente os aflitos, os simples e os de boa-vontade, nunca lhe fechei as portas do coração, encarando a sua vinda como uma oportunidade de trabalho, de que Deus nos julga dignos. O apóstolo humilde sorriu, saciado em sua fome de conhecimento, porém acrescentou, preocupado com a impossibilidade em que se via de atender eficazmente à vítima que o procurara:  
  
— Senhor, vossas palavras são sempre sábias; entretanto, de que necessitarei para afastar as entidades da sombra, quando o seu império se estabeleça nas almas?!...— Voltamos, assim, ao início das nossas explicações — retrucou Jesus —, pois, para isso, necessitas da edificação do reino no âmago do teu espírito, sendo este o objetivo de tua vida. Só a luz do amor divino é bastante forte para converter uma alma à verdade. Já viste algum contendor da Terra convencer-se sinceramente tão-só pela força das palavras do mundo? As dissertações filosóficas não constituem toda a realização. Elas podem ser um recurso fácil da indiferença ou uma túnica brilhante, acobertando penosas necessidades.**

**O reino de Deus, porém, é a edificação divina da luz. E a luz ilumina, dispensando os longos discursos. Capacita-te de que ninguém pode dar a outrem aquilo que ainda não possua no coração. Vai! Trabalha sem cessar pela tua grande vitória. Zela por ti e ama a teu próximo, sem olvidares que Deus cuida de todos. Tadeu guardou os esclarecimentos de Jesus, para retirar de sua substância o mais elevado proveito no futuro.  
  
No dia seguinte, desejando destacar, perante a comunidade dos seus seguidores, a necessidade de cada qual se atirar ao esforço silencioso pela sua própria edificação evangélica, o Mestre esclareceu aos seus apólogos singelos, como se encontra dentro da narrativa de Lucas: — "Quando o espírito imundo sai do homem, anda por lugares áridos, procurando, e não o achando diz: — Voltarei para a casa donde saí; e, ao chegar, acha-a varrida e adornada. Depois, vai e leva mais sete Espíritos piores do que ele, que ali entram e habitam; e o último estado daquele homem fica sendo pior do que o primeiro."  
  
Então, todos os ouvintes das pregações do lago compreenderam que não bastava ensinar o caminho da verdade e do bem aos Espíritos perturbados e malfazejos; que indispensável era edificasse cada um a fortaleza luminosa e sagrada do reino de Deus, dentro de si mesmo.  
  
07 - Caminho, verdade e vida - Emmanuel - pág. 75**

**30. O MUNDO E O MAL**

**"Não peço que os tire do mundo, mas que os livre do mal." - Jesus (João, 17:15)**

**Nos centros religiosos, há sempre grande número de pessoas preocupadas com a idéia da morte. Muitos companheiros não crêem na paz, nem no amor, senão em planos diferentes da Terra. A maioria aguarda situações imaginárias e injustificáveis para quem nunca levou em linha de conta o esforço próprio.**

**O ansio de morrer para ser feliz é enfermidade do espírito. Orando ao Pai pelos discípulos, Jesus rogoupara que não fossem retirados do mundo, e, sim, libertos do mal. O mal, portanto, não é essencialmente do mundo, mas das criaturas que o habitam. A Terra em si, sempre foi boa. De sua lama brotam lírios de delicado aroma, sua natureza maternal é repositório de maravilhososo milagres que se repetem todos os dias.**

**De nada vale partimos do planeta, quando nossos males não foram exterminados convenientemente. Em tais circunstâncias, assemelhamo-nos aos portadores humanos das chamadas moléstias incuráveis. Podemos trocar de residência; todavia, a mudança é quase nada se as feridas nos acompanham. Faz-se preciso, pois, embelezar o mundo e aprimorá-lo, combatendo o mal que está em nós.**

**12 - Coragem - Espíritos Diversos - pág. 12**

**2. MALES PEQUENINOS**

**Guardemos cuidado para com a importância dos males aparentemente pequeninos. Não é o aguaceiro que arrasa a árvore benemérita. É a praga quase imperceptível que se lhe oculta no cerne. Não é a selvageria da mata que dificulta mais intensamente o avanço do pioneiro. É a pedra no calçado ou o calo no pé.**

**Não é a cerração que desorienta o viajor, ante as veredas que se bifurcam. É a falta da bússola. Não é a mordedura do réptil que extermina a existência de um homem. É a diminuta dose de veneno que ele segrega.**

**Assim, na vida comum. Na maioria das circunstâncias não são as grandes provações que aniquilam a criatura e sim os males supostamente pequeninos, dos quais, muitas vezes, ela própria escarnece, a se expressarem por ódio, angústia, medo e cólera, que se lhe instalam, sorrateiramente, por dentro do coração.**

**Albino Teixeira**

**13 - Cristianismo e Espiritismo - Léon Denis - pág. 227**

**(..) As vezes, Espíritos de mineiros, conhecidos dos assistentes e que com eles partilharam a mesma laboriosa existência, se lhes manifestavam. Eram facilmente reconhecidos por sua linguagem, por suas expressões familiares, por mil particularidades psicológicas que são outras tantas provas de identidade. Descreviam a vida no espaço, as sensações experimentadas na ocasião da morte, os sofrimentos morais resultantes de um passado culposo, de perniciosos hábitos contraídos, de pendores para a maledicência ou para o alcoolismo, e essas comovedoras descrições, cheias de animação e de originalidade, exerciam no auditório um grande efeito moral, uma impressão profunda e salutar. Dai uma sensível transformação nas idéias e nos costumes.  
  
Considerando esses fatos, bem numerosos já e que se multiplicam dia a dia, pode-se desde logo calcular o número considerável de pobres almas que o Espiritismo fortaleceu e consolou. Ele preservou do suicídio grande número de desesperados. Demonstrando-lhes a realidade da sobrevivência, restituiu-lhes a coragem e o apreço à vida. Não cometeremos exagero dizendo que milhares de seres humanos, pertencentes a diversas confissões religiosas, protestantes e católicas - e mesmo representantes oficiais dessas religiões a quem a morte de parentes e as provações haviam acabrunhado - encontraram na comunhão dos mortos, em lugar de uma indecisa fé, uma convicção positiva, uma inabalável confiança na imortalidade.  
  
Eis aqui o que um pastor protestante escrevia a Russell Wallace, académico inglês, depois de haver comprovado a realidade dos fenômenos espíritas: "A morte é agora para mim uma coisa muito diferente do que foi outrora; depois de ter experimentado enorme acabrunhamento consequente à morte de meus filhos, sinto-me atualmente cheio de esperança e de alegria; sou outro homem".A esses testemunhos, tão eloquentes de simplicidade, poder-se-iam opor, é certo, as fraudes, os hábitos de embuste, o charlatanismo e a mediunidade venal, em uma palavra: todos os abusos originados, em certos casos, de uma péssima prática experimental do Espiritismo, e aos quais já nos referimos.  
  
Mas os que se entregam a semelhantes exercícios provam, por isso mesmo, a sua ignorância do Espiritismo. Se lhe compreendessem as leis e os preceitos, saberiam o que lhes reservam atos que são outras tantas profanações. Saberiam ao que se expõem os que fazem de uma coisa respeitável e sagrada, em que se não deve tocar senão com recolhimento e piedade, meio vulgar de exploração, um comércio vergonhoso.  
  
Lembrar-nos-ão, também, a influência dos maus Espíritos, as comunicações apócrifas, subscritas por nomes célebres, os casos de obsessão e possessão. Mas essas influências foram exercidas, esses fatos se produziram em todos os tempos; sempre os homens estiveram expostos - muitas vezes sem lhes conhecerem as causas - às más ações dos invisíveis de ordem inferior, e o estudo do Espiritismo vem precisamente fornecer os meios de afastar essas influências, de agir sobre os Espíritos malfazejos, de os encaminhar ao bem pela evocação e pela prece.  
  
A ação salutar do Espiritismo não se exerce, com efeito, unicamente sobre os homens; estende-se também aos habitantes do espaço. Mediante relações estabelecidas entre os dois mundos, os adeptos esclarecidos podem agir sobre os Espíritos inferiores e, com palavras de piedade e consolação, sábios conselhos, arrancá-los ao mal, ao ódio, ao desespero. E nisso há um dever imperioso, o dever de todo ser superior para com os seus irmãos retardatários, de um ou de outro mundo. Ê o dever do homem de bem, que o Espiritismo eleva à dignidade de educador e guia dos Espíritos ignorantes ou perversos, a ele enviados para serem instruídos, esclarecidos, melhorados.**

**É, ao mesmo tempo, o mais seguro meio de sanear fluidicamente a atmosfera da Terra, o ambiente em que se agita e vive a Humanidade. É nesse intuito que todo círculo espírita de alguma importância consagra parte das suas sessões à instrução e moralização das almas culpadas. Graças à solicitude que lhes é testemunhada, às caritativas advertências e, sobretudo, às preces fervorosas que recaem sobre eles em magnéticos eflúvios, não é raro ver os mais endurecidos Espíritos reconciliados com melhores sentimentos, porem por si mesmos um termo às dolorosas obsessões com que perseguiam suas vítimas.  
  
Com suas errôneas concepções da vida de além-túmulo, com sua doutrina da condenação eterna, obstou por muito tempo a Igreja o cumprimento desse dever. Ela havia interdito toda relação entre os Espíritos e os homens, cavando entre eles fundo abismo. Todos os que, ao deixarem a Terra, eram considerados condenados por seus crimes, viam interceptar-se, do lado dos homens, toda comunicação, dissipar-se toda possibilidade de aproximação e, conseqüentemente, toda esperança de socorro moral e de consolação.  
  
O mesmo acontecia do lado do céu, porque os Espíritos elevados, em virtude da natureza sutil do seu invólucro, dos seus fluidos etéreos pouco em harmonia com os dos Espíritos inferiores, encontram muito mais dificuldade do que os homens em comunicar com eles, em razão da diferença de afinidade. Todas as pobres almas errantes, torturadas pela angústia, assaltadas pelas recordações pungentes do passado, achavam-se abandonadas a si próprias, sem que um pensamento amigo, como um raio de sol, pudesse iluminar as suas trevas.**

**Imbuídas, na maior parte, de inveterados prejuízos; convencidas muitas vezes, por falsa educação, da realidade das penas eternas que supunham estar sofrendo, a situação se lhe tornava horrível e suscitava, muitas vezei, pensamentos de raiva e de furor, uma necessidade de vingança que procuravam saciar nos homens fracos ou propensos ao mal. A ação maléfica desses Espíritos aumentava por esM mesmo fato ao abandono em que jaziam.  
  
Retidos por seus fluidos grosseiros, na atmosfera terrestre em permanente contacto com os homens acessíveis à sua influência e podendo fazer-lhes sentir a sua própria, eles não visavam senão um fim: fazer os homens compartilharem das torturas que acreditavam sofrer. Foi por isso que, durante toda a Idade Média, época em que foram interditas as relações com o mundo invisível, consideradas criminosas e passíveis da pena do fogo, viram-se multiplicar, durante longos séculos, os casos de obsessão, de possessão, e dilatar-se a perniciosa influência dos Espíritos do mal.**

**Em lugar de procurar congraçá-los por meio de preces e benévolas exortações, a Igreja não teve para eles senão anátemas e maldições; ela não procede senão por exorcismos, recurso além do mais impotente, cujo único resultado é irritar os maus Espíritos, provocar-Ihes réplicas ímpias ou cínicas, e os atos indecentes ou odiosos, que sugerem às suas vítimas.  
  
Perdendo de vista as puras tradições cristãs, sufocando as vozes do mundo invisível com a ameaça da fogueira e das torturas, a Igreja repudiou a grande lei de solidariedade que une todas as criaturas de Deus em sua ascensão comum, impondo às mais adiantadas a obrigação de trabalhar por instruir e regenerar suas irmãs inferiores. Durante séculos, privou ela o homem dos socorros, dos esclarecimentos, dos inestimáveis recursos que proporciona a comunhão dos Espíritos elevados.**

**Privou as gerações dessas permutas de ternura com os amados entes que nos antecederam na outra vida, permutas que são a alegria, a consolação suprema dos aflitos, dos isolados na Terra, de todos os que padecem as angústias da separação. Privou a Humanidade desse fluxo de vida espiritual que desce dos espaços, retempera as almas e reanima os tristes corações desfalecidos.  
  
Assim se fez, pouco a pouco, a obscuridade nas doutrinas e nos cérebros, velaram-se as mais cintilantes verdades, surgiram pueris ou odiosas concepções, à míngua de toda crítica e exame. E a dúvida se espalhou, o espírito de cepticismo e negação invadiu o mundo. (...)**

**33- MÃOS UNIDAS - EMMANUEL - PÁG. 88**

**ABOLIÇÃO DO MAL: Quem se refere à perseguição e calúnia, rixas e desgostos, na maior parte das circunstâncias, está destacando a influência do mal. Quantos milhares de caminhos, entretanto, para equilíbrio e restauração, alegria e esperança se todos nos empenhássemos a extinguir impressões negativas no nascedouro!...**

**Determinado amigo terá incorrido no erro de que o acusam, todavia se nos afastamos da censura que o envolve, anotando-lhe as qualidades nobres de filho de Deus, com possibilidades de recuperação iguais às nossas, mais depressa se verá liberto da inquietação na sombra para readquirir a tranquilidade de consciência.**

**Certo acontecimento menos feliz haverá sido indiscutivelmente um desastre social, no entanto, se nos abstemos de comentá-lo nos aspectos destrutivos, teremos cooperado para que se lhe pulverizem os destroços morais, sem piores consequências.**

**Aquela injúria assacada contra nós efetivamente nos haverá queimado as entranhas do ser, entretanto, desaparecerá nas correntes profundas do tempo, se nos consagramos a olvidá-la, sem comunicar-lhe o fogo devorador aos entes queridos, através de alegações menos edificantes.**

**Essa confidência amarga ter-nos-á atingido o coração, por farpa invisível, mas não ferirá outros, se nos dispusermos a esquecê-la. Reflitamos na contribuição da paz a que todos somos chamados e para a qual todos somos capazes com segurança e eficiência.**

**Para começar, porém, de maneira substanciosa e definitiva, é preciso que o mal cesse de agir, tão logo nos alcance, encontrando em cada um de nós uma estação terminal das trevas.**

**34 - MEDIUNIDADE E SINTONIA - EMMANUEL - PÁG. 61**

**ESTUDANDO O BEM E O MAL: Para que sejamos intérpretes genuínos do bem, não basta desculpar o mal. É imprescindível nos despreocupemos dele, em sentido absoluto, relegando-o à condição de efêmero acessório do triunfo real das Leis que nos regem. Evitando comentários complexos em nosso culto à simplicidade, recorramos à natureza.**

**Vejamos, por exemplo, o apelo vivo da fonte. Quantas vezes terá sido injuriada a água que hoje nos serve à mesa? Do manancial ao vaso limpo, difícil trajetória cumulou-a de vicissitudes e provações. O leito duro de pedra e areia... A baba venenosa dos répteis.. O insulto dos animais de grande porte.. O enxurro dos temporais... Os detritos que lhe foram arrojados ao seio..**

**A fonte, entretanto, caminhou desprentensiosa, sem demorar-se em qualquer consideração aos sarcasmos da senda, até surpreender-nos, diligente e pura, aceitando o filtro que lhe apura as condições, a fim de que nos assegure saciedade e conforto.**

**Segundo observamos, na lição aparentemente infantil, o ribeiro não somente olvidou as ofensas que lhe foram precipitadas à face. Movimentou-se, avançou, humilhou-se para auxiliar e perdoou infinitamente, sem imobilizar-se um minuto, porque a imobilidade para ele constituiria adesão ao charco, no qual, ao invés de servir, converter-se-ia tão só em veículo de corrução**

**É por isso que o ensinamento cristão da caridade envolve o completo esquecimento de todo mal. "Que a vossa mão esquerda ignore o bem praticado pela direita". Semelhantes palavras do Senhor induzem-nos a jornadear na Terra, exaltando o bem, por todos os meios ao nosso alcance, com integral despreocupação de tudo o que represente vaidade nossa ou incompreensão dos outros, de vez que em qualquer boa dádiva somente a Deus se atribui a procedência.**

**Procurando a nossa posição de servidores fiéis da regeneração do mundo, a começar de nós mesmos, pela renovação dos nossos hábitos e impulsos, olvidemos a sombra e busquemos a luz, cada dia, conscientes de que qualquer pausa mais longa na apreciação dos quadros menos dignos que ainda nos cercam será nossa provável indução ao estacionamento indeterminado no cárcere do desequilíbrio e do sofrimento.**

**35 - SEMEADOR EM TEMPOS NOVOS - EMMANUEL - PÁG. 44**

**MAL E BEM:**

**Acautela-te em pedir o favor do bem, porque muitas vezes a concessão que se nos afigura bem nosso pode ser efetivamente o mal que arruína os outros. Muitos solicitam excessiva fartura em casa, esquecendo que o bem aparente da mesa lauta é o mal da penúria entre os próprios vizinhos.**

**Criaturas numerosas reclamam a bolsa farta, com absoluta despreocupação das necessidades alheias, olvidando que os bens acumulados em seu nome produzem males sem conta na economia daqueles que lhes respiram a experiência. Lembra-te de que há bens fugazes que geram males de longo curso, tanto quanto existem males passageiros que asseguram bens sagrados e duradouros.**

**A alegria ruidosa e insensata é um bem que, não raro, determina desastres de consequências imprevisíveis, enquanto a dor paciente e humilde gera bênçãos de sublimada expressão.**

**Muitos ferem os outros, com a desculpa de preservar o bem próprio, criando largo cortejo de males em derredor de si mesmos, quando apenas os que sabem receber no âmago do peito os golpes do mal é que penetram, tranquilos, na seara dos bens que a vida entesoura a benefício dos que sabem vencer, vencendo, antes de tudo, a si próprios.**

**Não te enganes, desta forma, no câmbio ilusório da fortuna e da carência, do prazer e da lágrima, da consideração e do menosprezo, ao jogo das aparências terrestres. Recorda que a abastança de hoje pode ser a penúria de amanhã e que o domínio de agora pode ser derrocada depois.**

**Sobretudo, não troques o mal da provação transitória pelo bem da fuga desassizada, com plena deserção do campo de luta, em que a Lei te situa os passos, porque somente ao preço de tolerância e abnegação, nos males da sombra presente, é que conseguirás, com justiça, entrar na posse dos bens que te esperam ao sol do grande futuro.**

**36 - AS LEIS MORAIS - RODOLFO CALLIGARIS - PÁG. 34**

**O PROBLEMA DO MAL  
Desde as mais priscas eras o homem tem observado que, a par das boas coisas que tornam a vida deleitável, outras existem ou acontecem que são o reverso da medalha, isto é, só causam aflições, dores e prejuízos. Foi, por isso, induzido a crer seja o governo do mundo partilhado por duas potestades rivais: — Deus, fonte do Bem, e Satanás, agente do Mal.**

**Essa crença nos dois princípios antagônicos em luta pela hegemonia foi e continua sendo a base das doutrinas religiosas de todos os povos, inclusive católicos e reformistas.**

**Entre estes, a idéia de que uns se salvam e outros se perdem para todo o sempre é geral, havendo até quem afirme que o número dos perdidos é muito maior do que a cifra dos bem-aventurados.**

**Quer isso dizer que o Mal seria mais forte que o Bem, e que Satanás estaria conseguindo derrotar a Deus, frustrando-Lhe os desígnios de salvação universal.**

**Em que pese à ancianidade de tais conceitos, são falsos e insustentáveis, diríamos mesmo, heréticos. Com efeito, admitir o triunfo do Maligno, a dano da Humanidade, é o mesmo que negar ao Pai Celestial os atributos da onisciência e da onipotência, sem os quais não poderia ser verdadeiramente Deus.**

**O Espiritismo, que é o Paracleto anunciado pelo Cristo, contrariando os ensinos da Teologia tradicional, esclarece-nos que o Bem é a única realidade eterna e absoluta em todo o Universo, sendo o Mal apenas um estado transitório, tanto no plano físico, no campo social, como na esfera espiritual.**

**Para que se compreenda isto, é preciso, entretanto, considerar, não as consequências imediatas de tudo quanto observamos, mas sim os seus efeitos mediatos, futuros, porque só estes, ao longo dos anos, dos séculos ou dos milênios, é que farão ressaltar, nitidamente, a infalibilidade da Providência Divina frente aos destinos da Criação.**

**Certos fenômenos geológicos, por exemplo, podem ter sido considerados catastróficos à época em que ocorreram; foram eles, porém, que compuseram os continentes e formaram os oceanos, emprestando-lhes os aspectos maravilhosos que hoje nos extasiam, provocando-nos arroubos de admiração.**

**Muitas guerras internacionais e outras tantas revoluções intestinas, embora se constituam, como de fato se constituem, dolorosos flagelos para as gerações que nelas são envolvidas, dão ensejo, por seu turno, à queda de tiranos e opresssores, à extinção de preconceitos e privilégios iníquos, à mudança de costumes arcaicos, ao progresso tecnológico e quejandos, resultando daí, em favor dos pósteros (que seremos nós mesmos, em novas reencarnações), a melhoria das instituições, maior liberdade de pensamento e de expressão, uma justiça mais perfeita, maior conforto nos sistemas de transportes, de comunicações, nos lares, etc.**

**Quando não, é por meio delas que os maus se castigam reciprocamente, consoante o ensinamento: "quem com ferro fere, com ferro será ferido". Um dia, ainda que longínquo, cansadas de sofrer o choque de retorno de suas crueldades, ditadas pelo egoísmo, pelo orgulho e outros sentimentos tais, as nações aprenderão a valorizar a paz, buscando-a, então, sincera e veementemente, através da fraternidade e do solidarismo cristão.**

**Assim também acontece com as nossas almas. Criadas simples e ignorantes, mas dotadas de aptidões para o desenvolvimento de todas as virtudes e a aquisição de toda a sabedoria, hão mister de, vida pós vida, neste orbe e em outros, passar por um processo de burilamento que muito as farão sofrer.**

**É a luta pela subsistência. São as enfermidades. As insatisfações. Os conflitos emocionais. Os desenganos. As imperfeições próprias e daqueles com os quais convivemos. Enfim, as mil e uma vicissitudes da existência.**

**Nesse autêntico entrevero, usando e abusando do livre arbítrio, cada qual vai colhendo vitórias ou amargando derrotas, segundo o grau de experiência conquistada. Uns riem hoje, para chorarem amanhã, e outros, que agora se exaltam, serão humilhados depois.**

**Tudo, porém, concorre para enriquecer nossa sensibilidade, aprimorar nosso caráter, fazer que se nos desabrochem novas faculdades, o que vale dizer, se dilatem nossos gozos e aumente nossa felicidade.**

**Bendito seja, pois, o Espiritismo, pela revelação dessa verdade, à luz da qual se nos patenteia, esplendorosamente, a Bondade infinita de Deus! (Cap. I, q. 634)**

**Rodolfo Caligaris**

**A RESPONSABILIDADE DO MAL**

**Ao justificar o dogma das penas eternas a que seriam condenados os pecadores impenitentes, a Teologia argumenta que, não obstante o homem seja finito, isto é, limitado em sabedoria, virtudes e poderio, sua culpa se torna infinita pela natureza infinita do ofendido — Deus, e, consequentemente, infinito deve ser, também, o respectivo castigo.**

**Sustenta, portanto, a tese de que o elemento moral do delito esteja intimamente ligado à qualidade do ofendido e não à resolução e malícia do ofensor, tese essa capciosa e iníqua. Capciosa, porque transfere do agente para o paciente a gravidade do ato culposo.**

**Iníqua, porque não leva em conta os atributos da Divindade, supondo-a menos perfeita que a Humanidade. Sim, porque um homem sensato certamente nem sequer tomaria em consideração as ofensas que lhe fossem dirigidas por uma criança ou por um idiota. Como, então, admitir-se possa Deus consentir sejamos castigados eternamente pelo haver ofendido (infantes espirituais que somos) com nossa imensa ignorância ou inconsciência?**

**A Doutrina Espírita, ao contrário, defende o princípio de que a culpa por toda e qualquer ofensa é sempre proporcional ao grau de conhecimento e à determinação volitiva de quem a pratica, e nunca à importância de quem a recebe.**

**Isso ensinou o próprio Jesus, o Rei dos reis, quando suplicou em favor dos que o crucificaram: "Perdoa-lhes, Pai, pois não sabem o que fazem."**

**Em verdade, quanto melhor saibamos discernir e mais livremente possamos decidir entre o Bem e o Mal, tanto maior será a nossa responsabilidade.**

**"Assim — diz Kardec — mais culpado é, aos olhos de Deus, o homem instruído que pratica uma simples injustiça, do que o selvagem ignorante que se entrega aos seus instintos." (Cap. I, q. 637) Colhamos ainda, em L. dos E. (q. 639, 640 e 641), mais alguns esclarecimentos em torno dessa magna questão.**

**Pode o mal, não raro, ter sido cometido por alguém em circunstâncias que o envolveram, independentemente de sua vontade, ou por injunções a que teve de submeter-se. Nessas condições, a culpa maior é dos que hajam determinado tais circunstâncias ou injunções, porque perante a Justiça Divina cada um se faz responsável não só pelo mal que haja feito, direta e pessoalmente, como também pelo mal que tenha ocasionado em decorrência de sua autoridade ou de sua influência sobre outrem.**

**Ninguém, todavia, jamais poderá ser violentado em seu foro íntimo. Isto posto, quando compelidos por uma ordem formal, seremos ou não culpáveis, dependendo dos sentimentos que experimentemos e da forma como ajamos ao cumpri-la. Exemplificando: poderemos ser enviados à guerra contra a nossa vontade, não nos cabendo, neste caso, nenhuma responsabilidade pelas mortes e calamidades que dela se originem; se, porém, no cumprimento desse dever cívico, sentirmos prazer em eliminar nossos adversários ou se agirmos com crueldade, seremos tanto ou mais culpados do que os assassinos passionais.**

**Tirarmos vantagem de uma ação má, praticada por outras pessoas, constitui igualmente, para nós, falta grave, qual se fôssemos os próprios delinquentes, pois isso equivale a aprovar o mal, solidarizando-se com ele.**

**Nas vezes em que desejamos fazer o mal, mas recuamos a tempo, embora oportunidade houvesse de levá-lo a cabo, demonstramos que o Bem já se está desenvolvendo em nossas almas.**

**Se, entretanto, deixamos de satisfazer àquele desejo, apenas porque nos faltasse ocasião propícia para tal, então somos tão repreensíveis como se o houvéramos praticado.**

**LEMBRETE:**

**O Bem e o Mal  
Desde as mais remotas eras o homem tem consciência que a par das coisas boas e que tornam a vida feliz, outras existem que causam dores e aflições. Nesse sentido, o homem sempre buscou explicar e distinguir o bem do mal. A essa distinção entre o bem e o mal é que se refere a moral, enquanto um conjunto de regras que visam disciplinar e dirigir uma boa conduta. No entanto, importa não confundir essas regras com os costumes, pois a moral funda-se na observação da lei de Deus (LÊ, 629), ou seja, ela é de origem divina, natural e portanto universal, ao passo que os costumes são relativos a determinada cultura. Sob esse aspecto, a lei moral ou divina é natural, essencial e não convencional.  
  
Conseqüentemente, o bem distingue-se do mal enquanto sendo o bem tudo o que está de acordo com a lei de Deus e o mal é tudo o que dela se afasta. Assim, fazer o bem é se conformar com a lei de Deus, e fazer o mal é infringir essa lei (LÊ, 630). Pode-se desta forma deduzir que o bem é a Lei Natural, a única realidade eterna e absoluta em todo o Universo, sendo o mal apenas um estado transitório.  
  
No entanto, todo homem está sujeito a errar, ou a hesitar na apreci­ação do bem e do mal. Para que a criatura não se engane, convém usar sempre a "regra áurea" ensinada pelo Mestre Jesus: Fazer aos outros aquilo que gostaríamos que nos fizessem. Não há possibilidade de engano nesse caso, pois o que não é bom para nós não é bom para nosso semelhante. Por outro lado, no que se refere a nós mesmos, muitas vezes cometemos excessos por fraqueza ou descuido e, nesse caso, estaremos transgredindo a lei, pois a lei natural traça para o homem o limite de suas necessidades; quando ele o ultrapassa, é punido pelo sofrimento (LÊ, 633).**

**Importa vivenciar a condição humana, de seres inseridos na materialidade, porém com moderação; todo excesso transgride as leis naturais e gera consequências inevitáveis. A partir disso, poder-se-ia questionar, por que o mal se encontra na natureza das coisas? Deus já não poderia criar o homem em melhores condições?  
  
Porém, Deus criou os Espíritos para chegarem à perfectibilidade por si mesmos, pela própria experiência, pela própria conquista. Deus deixa ao homem a escolha do caminho: tanto pior para ele seguir o mal; sua peregrinação será mais longa (LÊ, 634). Criados simples e ignorantes, mas dotados de aptidões para o desenvolvimento de todas as virtudes, todos os Espíritos passam por um processo de burilamento. Valendo-se do livre-arbítrio, cada qual vai colhendo vitórias ou amargando derrotas, segundo o grau de evolução conquistada. Se não existissem montanhas, não poderia o homem compreender que se pode subir e descer (LÊ, 634).**

**Para que o Espírito adquira experiência, é necessário conhecer o bem e o mal, para tanto necessita passar pela materialidade, que lhe é um obstáculo, mas que por isso mesmo lhe permite resgatar a essência divina que o caracteriza; si s por que existe a união do Espírito e do corpo (LÊ, 634). Se eles (Espíritos) tivessem sido criados perfeitos, não teriam merecimento para gozar dos benefícios dessa perfeição LÊ, 119).  
  
A lei de Deus é, portanto, universal, necessária e imanente a todos; já o mal varia de acordo com o grau evolutivo de cada um. O bem é sempre bem e o mal é sempre mal, qualquer que seja a posição do homem. Todos os homens possuem a mesma noção do que seja o bem e o mal, independente da cultura; no entanto, o que varia é a sua aplicação nas várias sociedades.  
  
O mal parece, algumas vezes, como consequência de circunstâncias, mas nem por isso deixa de ser infração à lei de Deus; o homem se torna mais culpável quando o comete (o mal), porque melhor o compreende (LÊ, 638). Um dos preconceitos da moral cristã é justamente que uma ação para ser considerada má deve ser cometida com pleno conhecimento de causa; é assim que quanto maior a consciência da lei, maior a responsabilidade.  
  
Por outro lado, não é suficiente apenas deixar de fazer o mal, mas é preciso fazer o bem, no limite das próprias forças, pois cada um responderá por todo o mal que tiver ocorrido por causa do bem que deixou de fazer (LÊ, 642). A verdadeira fé não é inoperante, o verdadeiro cristão o é pelas obras, por tudo aquilo que exterioriza, expressa, manifesta de seu próprio Espírito; não basta uma atitude passiva perante a vida, mas na ação é que se dá o testemunho do Pai, na expressão de Jesus. E quanto maior a dificuldade na prática do bem, maior o mérito perante a própria consciência e perante Deus.**

**Deus leva mais em conta o pobre que reparte o seu único pedaço de pão, que o rico que só dá de seu supérfluo (LÊ, 646). Não há mérito em fazer o bem sem trabalho, quando nada custa, conforme nos ensina a passagem evangélica do óbolo da viúva. Por outro lado, amar os que nos querem bem é fácil. Existe mais mérito em amar os que nos magoam e os de difícil convivência.  
  
A lição de amor, Jesus ensinou-a através de palavras e atos. Ele amou os amigos, os familiares, pescadores, os avarentos, ladrões, e homens do povo. Vivenciou realmente o "Amar a Deus e ao próximo como a si mesmo".  
Bibliografia: LÊ, 629 a 646 - Curso de Espiritismo - Ediçoes FEESP**

**Edivaldo Fontana**

|  |  |
| --- | --- |
| **MALEDICÊNCIA** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- Agenda cristã - pág. 129** | **02 - Almas em desfile - pág. 205** |
| **03 - Calma - pág. 27, 33** | **04 - Caminho, verdade e vida - pág. 111, 165** |
| **05 - Celeiros de bênçãos - pág. 58** | **06 - Chico e Emmanuel - pág. 73** |
| **07 - Contos desta e doutras vidas - pág. 143** | **08 - Convites da vida - pág. 115** |
| **09 - Estante da vida - pág.53** | **10 - Estude e viva - pág. 57, 89** |
| **11 - Expiação - pág. 147** | **12 - Falando à Terra - pág. 182** |
| **13 - Fonte vivaL - pág. 119, 341** | **14 - Lampadário Espírita - pág. 127** |
| **15 - Luz acima - pág. 187** | **16 - Mediunidade e medicina - pág. 84** |
| **17 - Messe de amor - pág. 57** | **18 - No mundo maior - pág. 77** |
| **19 - O Espírito da Verdade - pág. Ref. Esp.** | **20 - Os mensageiros - pág. 40** |
| **21 - Pérolas do além - pág. 143** | **22 - Pontos e contos - pág. 227** |
| **23 - Veladores da luz - pág. 29** | **24 - Vozes do grande além - pág. 136** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**MALEDICÊNCIA** **– COMPILAÇÃO**

**07 - Contos desta e doutras vidas - Irmão X - pág. 143**

**31 - A campanha da paz  
Estabelecidos em Jerusalém, depois do Petencostes, os discípulos de Jesus, sinceramente empunhados à obra do Evangelho, iniciaram as campanhas imprescindíveis às realizações que o Mestre lhes confiara. Primeiro, o levantamento de moradia que albergasse . Entremearam possibilidades, granjearam o de simpatizantes da causa, sacrificaram pequenos luxos, e o teto apareceu, simples e acolhedor, onde os necessitados passaram a receber esclarecimentos e consolação, em nome do Cristo.  
  
Montada a máquina de trabalho, viram-se defrontados por novo problema. As instalações demandavam expressivos recursos. Convocações à solidariedade se fizeram ativas. Velhos cofres foram abertos, canastras rojaram-se de borco, entornando as derradeiras moedas, e o lar da fraternidade povoou-se de leitos e rouparia, candeias e vasos, tinas enormes e variados apetrechos domésticos.**

**Os filhos do infortúnio chegaram em bando. Obsidiados eram trazidos de longe, velhinhos que os descendentes irresponsáveis atiravam à rua engrossavam a estatística dos hóspedes, viúvas acompanhadas por filhinhos chorosos e magricelas aumentavam na instituição, dia a dia, e enfermos sem ninguém arrastavam-se na direção da pousada de amor, quando não eram encaminhados até aí em padiolas, com as marcas da morte a lhes arroxearem o corpo enlanguescido.  
  
Complicaram-se as exigências da manutenção e efetuaram-se coletas entre os amigos. Corações generosos compareceram. Remédios não escassearam e as mesas foram supridas com fartura. Obrigações dilatadas reclamaram concurso humano. Os continuadores de Jesus apelaram das tribunas, solicitando braços compassivos que lavassem os doentes e distribuíssem os pratos. Cooperadores engajaram-se gratuitamente e formaram-se os diáconos prestimosos.  
  
Criancinhas começaram a despontar na estância humilde e outra espécie de assistência se impôs, rápida. Era necessário amontoar o material delicado em que os recém-nascidos, à maneira de pássaros frágeis, pudessem encontrar o aconchego do ninho. Senhoras abnegadas esposaram compromissos. A legião protetora do berço alcançou prodígios de ternura. E novas campanhas raiavam, imperiosas. Campanhas para o trato da terra, a fim de que as despesas diminuíssem. Campanhas para substituir as peças inutilizadas pelos obsessos, quando em crises de fúria. Campanhas para o auxílio imediato às famílias desprotegidas de companheiros que desencarnaram. Campanhas para mais leite em favor dos pequeninos.  
  
Entretanto, se os apóstolos do Mestre encontravam relativa facilidade para assegurar a mantença da casa, reconheciam-se atribulados pela desunião, que os ameaçava, terrível. Fugiam da verdade. Levi criticava o rigor de Tiago, filho de Alfeu. Tiago não desculpava a tolerância de Levi. Bartolomeu interpretava a benevolência de André como sendo dissipação. André considerava Bartolomeu viciado em sovinice. Se João, muito jovem, fosse visto em prece, na companhia de irmãs caídas em desvalimento diante dos preconceitos, era indicado por instrumento de escândalo.**

**Se Filipe dormia nos arrabaldes, velando agonizantes desfavorecidos de arrimo familiar, regressava sob a zombaria dos próprios irmãos que não lhe penetravam a essência das atitudes.bCom o tempo, grassaram conflitos, despeites, queixumes, perturbações. Cooperadores insatisfeitos com as próprias tarefas invadiam atribuições alheias, provocando atritos de consequências amargas, junto dos quais se sobrepunham os especialistas do sarcasmo, transfigurando os querelantes em trampolins de acesso à dominação deles mesmos.**

**Partidos e corrilhos, aqui e ali. Cochichos e arrufos nos refeitórios, nas cozinhas enredos e bate-bocas. Discussões azedavam o ambiente dos átrios. Fel na intimidade e desprezo por fora, no público que seguia, de perto, as altercações e as desavenças. Esmerava-se Pedro no sustento da ordem, mas em vão. Aconselhava serenidade e prudência, sem qualquer resultado encorajador. Por fim, cansado das brigas que lhes desgastavam a obra e a alma, propôs reunirem-se em oração, a benefício da paz. E o grupo passou a congregar-se uma vez por semana, com semelhante finalidade.**

**Apesar disso, porém, as contendas prosseguiam, acesas. Ironias, ataques, remoques, injúrias...Transcorridos seis meses sobre a prece em conjunto, uma noite de angústia apareceu, em que Simão implorou, mais intensamente comovido, a inspiração do Senhor. Os irmãos, sensibilizados, viram-no engasgado de pranto. O companheiro fiel, rude por vezes, mas profundamente afetuoso, mendigou o auxílio da Divina Misericórdia, reconhecia a edificação do Evangelho comprometida pelas rixas constantes, esmolava assistência, exorava proteção...  
  
Quando o ex-pescador parou de falar, enxugando o rosto molhado de lágrimas, alguém surgiu ali, diante deles, como se a parede, à frente, se abrisse por dispositivos ocultos, para dar passagem a um homem. Â luz mortiça que bruxuleava no velador, Jesus, como no passado, estava ali, rente a eles... Era ele, sim, o Mestre!... Mostrando o olhar lúcido e penetrante, os cabelos desnastrados à nazarena e melancolia indefinível na face calma, ergueu as mãos num gesto de bênção!...Pedro gemeu, indiferente aos amigos que o assombro empolgava:  
  
— Senhor, compadece-te de nós, os aprendizes atormentados!... Que fazer, Mestre, para garantir a segurança de tua obra? Perdoa-me se tenho o coração fatigado e desditoso!...— Simão — respondeu Jesus, sem se alterar —, não me esqueci de rogar para que nos amássemos uns aos outros...— Senhor — tornou Cefas —, temos realizado todo o bem que nos é possível, segundo o amor que nos ensinaste. Nossas campanhas não descansam... Temos amparado, em teu nome, os aleijados e os infelizes, as viúvas e os órfãos...  
  
— Sim, Pedro, todas essas campanhas são aquelas que não podem esmorecer, para que o bem se espalhe por fruto do Céu na Terra; no entanto, urge saibamos atender à campanha da paz em si mesma...— Senhor, esclarece-nos por piedade!... Que campanha será essa?!...Jesus, divinamente materializado, espraiou o olhar percuciente na diminuta assembleia e ponderou, triste:— O equilíbrio nasce da união fraternal e a união fraternal não aparece fora do respeito que devemos uns aos outros...**

**Ninguém colhe aquilo que não semeia... Conseguiremos a seara do serviço, conjugando os braços na ação que nos compete ; conquistaremos a diligência, aplicando os olhos no dever a cumprir; obteremos a vigilância, empregando criteriosamente os ouvidos; entretanto, para que a harmonia permaneça entre nós, é forçoso pensar e falar acerca do próximo, como desejamos que o próximo pense e fale sobre nós mesmos...  
  
E, ante o silêncio que pesava, profundo, o Mestre rematou:— Irmãos, por amor aos fracos e aos aflitos, aos deserdados e aos tristes da Terra, que esperam por nós a luz do Reino de Deus, façamos a campanha da paz, começando pela caridade da língua.**

**10 - Estude e viva - Emmanuel e André Luiz - pág. 57, 89**

**Companheiros francos  
Na esfera do sentimento, somos habitualmente defrontados por certa classe de amigos que são sempre dos mais preciosos e aos quais nem sempre sabemos atribuir o justo valor: aqueles que nos dizem a verdade, acerca das nossas necessidades de espírito. Invariavelmente, categorizamos em alta conta as afeições que nos assegurem conveniências de superfície, nos quadros do mundo.   
  
Confiança naqueles que nos multipliquem as posses efêmeras e solidariedade aos que nos garantam maior apreço no grupo social.  
Perfeitamente cabível a nossa gratidão para com todos os benfeitores que nos enriquecem as oportunidades de progredir e trabalhar na experiência comum. Sejamos, porém, honestos conosco e reconheçamos que não nos é fácil aceitar o concurso dos companheiros cuja palavra franca e esclarecedora nos auxilia na supressão dos enganos que nos parasitam a existências.**

**Se nos falam, sem circunlóquio, em torno dos perigos de que nos achamos ameaçados, à vista de nossa inexperiência ou invigilância, ainda mesmo quando enfeitam a frase com o arminho da bondade mais pura, frequentemente reagimos de maneira negativa, acusando-os de ingratos e duros de coração. Se insistem, não raro consideramo-los obsidiados, quando admitimos que o mel da amizade se nos transtorne na alma em vinagre de aversão, exagerando-lhes os pequeninos defeitos, com absoluto esquecimento das nobres qualidades de que são portadores.  
  
Tenhamos em consideração distinta ou amigos incapazes de acalentar-nos desequilíbrios ou ilusões. Jamais cometamos o disparate de misturá-los com os caluniadores. Os empreiteiros da difamação e da injúria falam destruindo. Os migos positivos e generosos advertem e avisam com discrição e bondade. Sempre que algo nos digam, sacudindo-nos a alma, entremos em sintonia com a própria consciência, roguemos ao Senhor nos sustente a sinceridade e saibamos ouvi-los.  
  
Salvo - condutos  
Evite o gracejo descaridoso.  
Valorize os intervalos de trabalho.  
Observe o passado como arquivoda experiência.  
Esqueça os sinais menos dignos das criaturas e dos fatos.  
Sorria como resposta à dificuldade.  
Dissipe as nuvens da incompreensão com a indulgência na palavra.  
Respeite invariavelmente a fé alheia.  
Sirva sem ostentar o serviço.  
Intensifique o bem dispensando o alvoroço.  
Melhore as opiniões no sentido edificante.  
Fuja às pequenas manifestações de tirania disfarçada .  
Coloque acima das próprias necessidades aquilo que se faça necessário ao bem dos outros.  
Reivindique como privilégio a si mesmo a responsabilidade que lhe compete.  
Ultime sem mais delonga a obrigação atrasada.  
Sopese toda promessa antes de articulá-la na boca.  
Corresponda, quanto possível, aos anseios dos que esperam por seu auxílio.  
Semelhantes ações funcionam quais preciosos salvo-condutos desentrançando os obstáculos em nossa caminhada para a Felicidade Maior.**

**Em torno da irritação  
Observação estranha, mas fato real. As ocor­rências da irritação aparecem muito mais frequen­temente nos caracteres enobrecidos. Espécie de enfermidade da retidão, se a retidão pudesse adoecer.  
A pessoa percebe a grandeza da vida, acorda para a responsabilidade, consagra-se à obrigação e passa a prestigiar disciplina e tempo; adquirindo mais ampla noção do dever, que reconhece precisa exprimir-se irrepreensivelmente executado, supõe--se com mais vasta provisão de direitos. E, por vezes, leva mais longe que o necessário a facul­dade de preservá-los e defendê-los, iniciando as primeiras formações de irascibilidade, através da superestimação do próprio valor. Instalado o sen­timento de auto-importância, a criatura abraça fa­cilmente melindres e mágoas, diante de lutas natu-  
rais que considera por incompreensões e ofensas alheias.  
Chegando a esse ponto, as vítimas desse pe­rigoso síndroma, vinculado à patologia da mente, surgem perante os mais íntimos na condição de enfermos prestimosos, amados e evitados, de vez que não se lhes pode ignorar a altura moral e nem adivinhar o momento da explosão. E porque o mau--humor dos espíritos respeitáveis, pelo trabalho que exercem e pela conduta que esposam, dói muito mais que a leviandade de criaturas menos afeitas à dignidade e ao serviço, semelhantes companhei­ros estimáveis e preciosos são procurados tão-so-mente em regime de exceção ou postos à margem pela gentileza dos outros, interpretados\* à conta de amigos temperamentais ou nervosos distintos. Examinemos a nós mesmos. Dirijamos para dentro da própria alma o esti-lete da introspecção.  
Se a agressividade nos assinala o modo de ser, tratemos do caráter enfermiço, com a mesma atenção com que se medica um órgão doente. E se a nossa consciência jaz tranquila, na certeza de que temos procurado realizar o melhor ao nosso alcance, no aproveitamento das oportunidades que o Senhor nos concedeu, estejamos serenos na difi­culdade e operosos na prática do bem, à frente de quaisquer circunstâncias, lembrando-nos de que a erva-de-passarinho asfixia de preferência as árvo­res nobres e a tiririca se alastra, como verdadeira calamidade, justamente na terra boa.  
  
Liberte a você  
Lábios envenenados pelo fel da maledicência não conseguem sorrir com verdadeira alegria.  
Ouvidos fechados com a cera da leviandade não escutam as harmonias intraduzíveis da paz.  
Olhos empoeirados pela indiscrição não vêem as paisagens reconfortantes do mundo.  
Braços inertes na ociosidade não conseguem fugir à paralisia.**

**Mente prisioneira no mal não amealha recursos para reter o bem.  
Coração incapaz de sentir a fraternidade pura não se ajusta ao ritmo da esperança e da fé.  
Liberte a você de semelhantes flagelos.  
Leis indefectíveis de amor e justiça superintendem todos os fenômenos do Universo superinzam as reações de cada espírito.  
  
Assim, pois, no trabalho da própria renovação, a criatura não pode desprezar nenhuma das suas manifestações pessoais sem o que dificilmente marchará para a Vanguarda de Luz.**

**13 - Fonte viva - Emmanuel - pág. 119, 341**

**51 - SEPULCROS ABERTOS  
  
"A sua garganta é um sepulcro aberto." — Paulo.(romanos, 3:13)  
  
Reportando-se aos espíritos transviados da luz, asseverou Paulo que têm a garganta semelhante a sepulcro aberto e, nessa imagem, podemos emoldurar muitos companheiros, quando se afastam da Estrada Real do Evangelho para os trilhos escabrosos do personalismo delinquente.**

**Logo se instalam no império escuro do "eu", olvidando as obrigações que nos situam no Reino Divino da Universalidade, transfigura-se-lhes a garganta em verdadeiro túmulo descerrado. Deixam escapar todo o fel envenenado que do íntimo, à maneira dum vaso de lodo, e passam a sintonizar, exclusivamente, com os males que ainda apoquentam vizinhos, amigos e companheiros.  
  
Enxergam apenas os defeitos, os pontos frágeis e as zonas enfermiças das pessoas de boa-vontade que lhes partilham a marcha.  
Tecem longos comentários no exame de úlceras, alheias, ao invés de curá-las. Eliminam precioso tempo em palestras compridas e ferinas, enegrecendo as intenções dos outros.  
  
Sobrecarregam a imaginação de quadros deprimentes, nos domínios da suspeita e da intemperança mental. Sobretudo, queixam-se de tudo e de todos. Projetam emanações entorpecentes de má-fé, estendendo o desânimo e a desconfiança contra a prosperidade da santificação, por onde passam, crestando as flores da esperança e aniquilando os frutos imaturos da caridade.  
  
Semelhantes aprendizes, profundamente desventurados pela conduta a que se acolhem, afiguram-se-nos, de fato, sepulcros abertos ...Exalam ruínas e tóxicos de morte. Quando te desviares, pois, para o resvaladiço terreno das lamentações e das acusações, quase sempre indébitas, reconsidera os teus passos espirituais e recorda que a nossa garganta deve ser consagrada ao bem, pois só assim se expressará, por ela, o verbo sublime do Senhor.  
  
151 - MALEDICÊNCIA  
"Irmãos, não faleis mal uns dos outros. Quem fala mal de um irmão, fala mal da lei e julga a lei; e, se tu julgas a lei, já não és observador da lei, mas juiz." — (TIAGO, 4:11.)  
  
Nem todas as horas são adequadas ao rumo da ternura na esfera das conversações leais. A palestra de esclarecimento reclama, por vezes, a energia serena em afirmativas sem indecisão; entretanto, é indispensável grande cuidado no que concerne aos comentários posteriores. A maledicência espera a sinceridade para turvar-lhe as águas e inutilizar-lhe esforços justos.  
  
O mal não merece a coroa das observações sérias. Atribuir-lhe grande importância nas atividades verbais é dilatar-lhe a esfera de ação. Por isso mesmo, o conselho de Tiago reveste-se de santificada sabedoria. Quando surja o problema de solução difícil, entre um e outro aprendiz, é razoável procurem a companhia do Mestre, solucionando-o à claridade da sua luz, mas que nunca se instalem na sombra, a distância um do outro, para comentários maliciosos da situação, agravando a dor das feridas abertas.  
  
"Falar mal", na legítima significação, será render homenagem aos instintos inferiores e renunciar ao título de cooperador de Deus para ser crítico de suas obras.  
  
Como observamos, a maledicência é um tóxico sutil que pode conduzir o discípulo a imensos disparates. Quem sorva semelhante veneno é, acima de tudo, servo da tolice, mas sabemos, igualmente, que muitos desses tolos estão a um passo de grandes desventuras íntimas.**

**14 - Lampadário Espírita - Joana de Ângelis - pág. 127**

**30 - MALEDICÊNCIA  
Espinho cruel a ferir indistintamente é a palavra de quem acusa; cáustico e corrosivo é o verbo na boca de quem relaciona defeitos; veneno perigoso é a expressão condenatória a vibrar nos lábios de quem malsina; lama pútrida, trescalando fétido, é a vibração sonora no aparelho vocal de quem censura; borralho escuro ocultando a verdade, é a maledicência destrutiva.**

**A maledicência é cultura de inutilidade em solo apodrecido. Maldizer significa destruir. A verdade é como claro sol. A maledicência é nuvem escura. No entanto, é invariável a vitória da luz sobre a treva. O maledicente é atormentado que se debate nas lavas da própria inferioridade. Tem a visão tomada e tudo vê através das pesadas lentes que carrega.  
  
A palavra malsinante nasce discreta, muitas vezes, para incendiar-se perigosa, logo mais, culminando na calúnia devastadora. Não há desejo de ajudar quando se censura. Ninguém ajuda condenando. Não há socorro se, a pretexto de auxílio, se exibem as feridas alheias à indiferença de quem escuta. Quanto possível, extingue esse monstro da paz alheia e da tua serenidade, que tenta dominar-te a vida.  
  
Caridade é bênção sublime a desdobrar-se em silencioso socorro. Volta as armas da tua oração e vigilância contra a praga da maledicência aparentemente ingênua, mas que destrói toda a região por onde prolifera. Recusa a taça venenosa que a observação da impiedade coloca à tua frente. Desculpa o erro dos outros.  
  
E' muito mais fácil informar-se erradamente do que atingir-se o fulcro da observação exata. As aparências não expressam realidades.  
A forma oculta o conteúdo. Ninguém pode julgar pelo exterior. Quando vier a tentação de acusar e apontar defeitos, lembra-te das próprias necessidades e limitações e, fazendo todo o bem possível ao teu alcance, avança na firme resolução de amar, e despertarás, além das sombras da carne por onde segues, num roteiro abençoado onde os corações felizes e livres buscam a Vida Verdadeira.  
  
LEMBRETE:**

**1° - Maledicência é o ato de falar mal das pessoas. (...) É mais terrível do que uma agressão física. Muito mais do que o corpo, fere a dignidade humana, conspurca reputações, destrói existências. Richard Simonetti**

**2° - Maledicência não resolve problema algum. Além disso, é sempre um corredor para a vala das trevas. Meimei**

**3° - (...) tóxico sutil que pode conduzir o discípulo a imensos disparates. Emmanuel   
  
Edivaldo Fontana**

|  |  |
| --- | --- |
| **MEDIUNIDADE** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- A Gênese - cap. XIV, 40** | **02 - A mediunidade e a lei - toda a obra** |
| **03 - A mediunidade sem lágrimas - pág. 12** | **04 - A levitação - pág.149** |
| **05 - Alerta - pág. 120** | **06 - As aves feridas na Terra voam - pág. 53, 84** |
| **07 - Caminho, verdade e vida - pág. 35** | **08 - Conduta espírita - pág. 99** |
| **09 - Contos desta e doutras vidas - pág. 11** | **10 - Da alma humana - pág. 62** |
| **11 - Dimensões da verdade - pág. 20** | **12 - Doenças da alma - pág. 53** |
| **13 - Dramas da obsessão - pág. 17, 30** | **14 - Ernesto Bozzano - pág. 129** |
| **15 - Espírito e vida - pág. 62** | **16 - Estante da vida - pág. 109** |
| **17 - Estudando a mediunidade - toda a obra** | **18 - Estude e viva - pág. 176, 210** |
| **19 - Estudos Espiritas - pág. 137** | **20 - Evolução em dois mundos - pág. 130** |
| **21 - Florações evangélicas - pág. 208** | **22 - Grilhões partidos - pág. 102** |
| **23 - História do Espiritismo - pág. 114, 151** | **24 - Lampadário Espírita - pág. 250** |
| **25 - Mecanismos da mediunidade - pág. 13, 50,67** | **26 - Mediunidade e evolução - toda a obra** |
| **27 - Na era do Espírito - pág. 115** | **28 - No invisível - pág. 52, 245, 339** |
| **29- O Centro Espírita - pág. 18** | **30 - O consolador - pág. 141, 213, 223** |
| **31 - O Evangelho S.o Espiritismo cap. v-6** | **32 - o Fenômeno espírita - pág.68, 70** |
| **33 - O livro dos Médiuns - cap. xviii, xx** | **34 - O que é o Espiritismo - pág. 93, 175, 178** |
| **35 - Mediunidade e sintonia - pág. 29** | **36 - Trevo de idéias - pág.41** |
| **37 - Temas da vida e da morte- pág. 125, 129, 133** | **38 - Correnteza de luz - pág. 61, 67, 73 79** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**MEDIUNIDADE – COMPILAÇÃO**

**01- A Gênese - Allan Kardec - cap. XIV, 40**

**40. MANIFESTAÇÕES FÍSICAS - MEDIUNIDADE  
Os fenômenos das mesas girantes e falantes, da suspensão etérea dos corpos pesados, da escrita medianímica, tão antigos quanto o mundo; mais vulgares hoje, dão a chave de alguns fenômenos análogos espontâneos, aos quais, na ignorância da lei que os regia, lhes atribuíram um caráter sobrenatural e miraculoso. Esses fenômenos repousam sobre as propriedades do fluido perispiritual, seja de encarnados, seja de Espíritos livres.  
  
41. - É com a ajuda de seu perispírito que o Espírito age sobre o seu corpo vivo; é ainda com este mesmo fluido que se manifesta agindo sobre a matéria inerte, que produz os ruídos, os movimentos de mesas e outros objetos que levanta, tomba ou transporta. Este fenômeno nada tem de surpreendente, considerando-se que, entre nós, os mais poderosos motores se encontram nos fluidos mais rarefeitos e mesmo imponderáveis, como o ar, o vapor e a eletricidade.  
  
É igualmente com a ajuda de seu perispírito que o Espírito faz os médiuns escreverem, falarem ou desenharem; não tendo mais corpo tangível para agir ostensivamente, quando quer se manifestar, serve-se do corpo do médium, do qual empresta os órgãos, que faz agir como se fora o seu próprio corpo, e isso pelo eflúvio fluídico que derrama sobre ele.  
  
42. - É pelo mesmo meio que o Espírito age sobre a mesa, seja para fazê-la mover-se sem significação determinada, seja para fazê-la dar golpes inteligentes indicando as letras do alfabeto, para formar palavras e frases, fenômeno designado sob o nome de tiptologia. A mesa não é, aqui, senão um instrumento de que ele se serve, como faz do lápis para escrever; dá-lhe uma vitalidade momentânea pelo fluido com a qual a penetra, mas em nada se identifica com ela.**

**As pessoas que, em sua emoção, vendo se manifestar um ser que lhe é querido, se abraçam à mesa, fazem um ato ridículo, porque é absolutamente como se abraçassem o bastão de que um amigo se serve para dar pancadas. Ocorre o mesmo com aquelas que dirigem a palavra à mesa, como se o Espirito estivesse encerrado na madeira, ou como se a madeira se tornasse Espírito.**

**Quando as comunicações ocorrem por este meio, é necessário supor que o Espírito, não na mesa, mas ao lado, tal como era quando vivo, e tal como seria visto, podendo se tornar visível. A mesma coisa ocorre nas comunicações pela escrita; ver-se-á o Espírito ao lado do médium, dirigindo a sua mão ou transmitindo-lhe o seu pensamento por uma corrente fluídica.  
  
43. - Quando a mesa se destaca do solo e flutua no espaço sem ponto de apoio, o Espírito não a ergue com a força do braço, mas a envolve e a penetra com uma espécie de atmosfera fluídica que neutraliza o efeito da gravidade, como o faz o ar com os balões e os papagaios. O fluido com a qual ela está penetrada, lhe dá, momentaneamente, uma leveza específica maior. Quando ela está pregada ao solo, está num estado análogo ao da campânula pneumática sob a qual se faz o vácuo.**

**Aqui não temos senão comparações para mostrarmos a analogia dos efeitos e não a semelhança absoluta das causas. (O Livro dos Médiuns, cap. IV). Compreende-se, depois disto, que não é mais difícil a um Espírito levantar uma pessoa do que levantar uma mesa, transportar um objeto de um lugar para outro, ou lançá-lo em qualquer parte; estes fenómenos se produzem pela mesma lei.  
  
Quando a mesa persegue alguém, não é o Espírito quem corre, porque ele pode permanecer tranquilamente no mesmo lugar, mas lhe dá impulso por uma corrente fluídica que produz o efeito de um choque elétrico. Ele modifica o ruído como se podem modificar os sons produzidos pelo ar.  
  
44. - Um fenômeno muito frequente na mediunidade é a aptidão de certos médiuns para escrever numa língua que lhes é estranha; o tratar, pela palavra ou pela escrita, de assuntos fora do alcance de sua instrução. Não é raro ver os que escrevem correntemente sem terem aprendido a escrever; outros que fazem poesias sem nunca saberem fazer um verso em sua vida; outros desenham, pintam, esculpem, compõem músicas, tocam um instrumento, sem conhecerem o desenho, a pintura, a escultura, ou a ciência musical.**

**É muito frequente que um médium escrevente reproduza, a ponto de enganar-se, a escrita e a assinatura que os Espíritos que se comunicam por ele tinham quando vivos, embora nunca os haja conhecido. Este fenômeno não é mais maravilhoso do que o de ver uma criança escrever quando se lhe conduz a mão: pode-se, assim, fazê-la executar tudo o que se quer. Pode-se fazer o primeiro que chegar escrever numa língua qualquer ditando-se-lhe as palavras letra a letra.**

**Compreende-se que possa ser o mesmo na mediunidade, reportando-se à maneira pela qual os Espíritos se comunicam com os médiuns, que não são para eles, em realidade, senão instrumentos passivos. Mas se o médium possui o mecanismo, se venceu as dificuldades práticas, se as expressões lhe são familiares, enfim, se tem em seu cérebro os elementos daquilo que o Espírito quer fazê-lo executar, ele está na posição do homem que sabe ler e escrever correntemente; o trabalho é mais fácil e mais rápido; o Es­pírito não tem senão que transmitir o pensamento que o seu intérprete reproduz pêlos meios de que dispõe.  
  
Exemplos de manifestações materiais e de perturbações pê­los Espíritos: Revista Espírita, Jovem dos Panoramas, janeiro 1858, pagina 13;- Senhorita Clairon, fevereiro 1858, página 44; - Espírito batedor de Bergzabern, relato completo, maio, junho e julho 1858, páginas 125,153,184;- Dibbelsdorf, agosto 1858, página 219; - Padeiro de Dieppe, março 1860, página 76; - Comerciante de São Petersburgo, abril 1860, pagina 115; - Rua dos Noyers, agosto 1860, página 236; - Espírito batedor de Aube, janeiro 1861, página 23; - Id. no século, dezesseis janeiro 1864, página 32; -Poitiers, maio 1864, página 156, e maio 1865, página 134; — Irmã Maria, junho 1864, página 185; - Marseille, abril 1865, página 121; - Fives, agos­to 1865, página 225; - Os ratos de Equihen, fevereiro 1866, página 55.  
  
A aptidão de um médium para coisas que lhe são estranhas, frequentemente, prende-se também aos conhecimentos que possuiu numa outra existência e dos quais seu Espírito conservou a intuição. Se foi poeta ou músico, por exemplo, terá mais facilidade para assimilar o pensamento poético ou musical que se quer fazê-lo reproduzir. A língua que ignora hoje pode lhe ter sido familiar numa outra existência: daí, para ele, uma aptidão maior para escrever mediunicamente nessa língua.  
  
05 - Alerta - Joanna de Ângelis - pág. 120**

**42. NA LAVOURA MEDIÚNICA  
  
Na lavoura da mediunidade, o trabalho de aprimoramento moral do homem é de capital importância. Terreno em desprezo, dá vitória à erva daninha. Solo sem trato é prejuízo na economia da agricultura. Cada médium revela, na aplicação das forças psíquicas, o estado da própria evolução.  
  
Em razão disso, a grande variedade de médiuns é decorrência da larga faixa moral em que transitam os homens. Aprimorem-se o caráter moral e os valores culturais do servidor e defrontaremos resultados superiores, no serviço mediúncio. A faculdade medianímica, como outra qualquer, é neutra, em si mesma. A direção que se lhe dá torna-a dignificada como perniciosa.  
  
Variando de intensidade, de indivíduo para indivíduo, tem as suas raízes no Espírito, onde se fixam as necessidades evolutivas do ser.  
Inata, desenvolve-se por criteriosos processos de educação e disciplina, dirigidos para os valores morais, mediante o exercício a que se deve submeter. A mediunidade é inerente ao homem como o conciente intelectual, aguardando correspondente aprimoramento.  
  
Possui-se mediunidade ou não se dispõe de mais amplos recursos medianímicos. Se és médium, desatrela-te dos impedimentos de qualquer natureza, que te retenham no pórtico da lavoura mediúnica. Se experimentas os sintomas que caracterizam a faculdade abençoada, não tergiverses; ante o labor a ser atendido.  
  
Libera-te das injunções da dúvida e submete-te a um programa disciplinante de aformoseamento moral e educação mediúnica. Estuda a Doutrina Espírita e estuda-te. Exercita a vivência evangélica e pauta as idéias e aspirações na diretriz cristã. Confia no tempo e não te atormentes pelos efeitos apressados.  
  
Sintoniza com o Bem, a fim de que os Espíritos Nobres se afeiçoem ao teu esforço. Afervora-te à vida interior, cultivando a reflexão e a prece de modo que te possas abstrair, quando necessário, da turbulência e da perturbação sem alarde, mantendo equilíbrio psíquico.  
Trabalha, na mediunidade e pelo bem de todos quanto possas, tornando-te medianeiro constante da esperança e da paz, do otimismo e da saúde a próprio e a benefício de todos.**

**Defrontarás dificuldades na lavoura mediúnica. Se, porém, venceres aqueles problemas que se encontram em ti mesmo, superarás os outros, que se te afigurarão de menor gravidade e significado.**

**07 - Caminho, verdade e vida - Emmanuel - pág. 35  
  
10. MEDIUNIDADE  
"E nos últimos dias acontecerá, diz o Senhor, que do meu espírito derramarei sobre toda carne; os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão, vossos mancebos terão visões e os vossos velhos sonharão sonhos". (Atos, 2:17)**

**No dia de Pentecostes, Jerusalém estava repleta de forasteiros. Filhos da Mesopotâmia, da Frigia, da Líbia, do Egito, cretenses, árabes, partos e romanos se aglomeravam na praça extensa, quando os discípulos humildes do Nazareno anunciaram a Boa Nova, atendendo a cada grupo da multidão em seu idioma particular.**

**Uma onda de surpresa e de alegria invadiu o espírito geral. Não faltaram os cépticos, no divino concerto, atribuindo à loucura e à embriaguez a revelação observada, Simão Pedro destaca-se e esclarece que se trata da luz prometida pelos céus à escuridão da carne.**

**Desde esse dia, as claridades do Pentecostes jorraram sobre o mundo, incessantemente. Até aí, os discípulos eram frágeis e indecisos, mas, dessa hora em diante, quebram as influências do meio, curam os doentes, levantam o espírito dos infortunados, falam aos reis da Terra em nome do Senhor.**

**O poder de Jesus se lhes comunicara às energias reduzidas. Estabelecera-se a era da mediunidade, alicerce de todas as realizações do Cristianismo, através dos séculos. Contra o seu influxo, trabalham, até hoje, os prejuízos morais que avassalam os caminhos do homem, mas é sobre a mediunidade, gloriosa luz dos céus oferecida às criaturas, no Pentecostes, que se edificam as construções espirituais de todas as comunicações sinceras da Doutrina do Cristo e é ainda ela que, dilatada dos apóstolos ao círculo de todos os homens, ressurge no Espíritismo cristão, como a alma imortal do Cristianismo redivivo.**

**08 - Conduta espírita - André Luiz - pág. 99**

**27 - PERANTE A MEDIUNIDADE  
Reprimir qualquer iniciativa tendente a assinalar a mediunidade, o médium ou os fatos mediúnicos como extraordinários ou místicos. O intercâmbio mediúnico é acontecimento natural e o médium é um ser humano como qualquer outro.**

**Certificar-se de que o exercício natural da mediunidade não exime o médium da obrigação de viver profissão honesta na sociedade a que pertence. Não pode haver assistência digna onde não há dever dignamente cumprido.**

**Precaver-se contra as petições inadequadas junto à mediunidade. Os médiuns são companheiros comuns que devem viver normalmente as experiências e as provas que lhes cabem. Por nenhuma razão elogiar o medianeiro pelos resultados obtidos através dele, lembrando-se que é sempre possível agradecer sem lisonjear.  
  
Para nós, todo o bem puro e nobre procede de Jesus-Cristo, nosso Mestre e Senhor. Ainda mesmo premido por extensas dificuldades, colocar o exercício da mediunidade acima dos eventos efêmeros e limitados que varrem constantemente os panoramas sociais e religiosos da Terra. A mediunidade nunca será talento para ser enterrado no solo do comodismo.  
  
Conversar sobre fenômenos mediúnicos e princípios espíritas apenas em ambientes receptivos. Há terrenos que ainda não estão amanhados para a semeadura. Prosseguir sem vacilações no consolo e no esclarecimento das almas, esquecendo espinheiros e pedras do vale humano, para conquistar a luz da imortalidade que fulgura nos cimos da vida.  
Desenvolver-se alguém mediunicamente, a bem do próximo, é ascender em espiritualidade.**

**"E nos últimos dias acontecerá, diz o Senhor, que do meu espirito derramarei sobre toda carne."(ATos, 2:17.)**

**09 - Contos desta e doutras vidas -Irmão X - pág. 11**

**Mediunidade  
No limiar do sono, Adelino Saraiva inquiria em prece:"Senhor, por que motivo tanta indiferença dos homens, perante a mediunidade? Prodígios aparecem, maravilhas se fazem. A sobrevivência, para lá da morte, é matéria provada. Há mais de um século, Senhor, medianeiro há inúmeros hão nascido entre os homens, entregando às nações constantes mensagens da vida eterna. Por que razão a distância entre a fé e a ciência? Não seria justo obrigar o poder humano a render-se ?**

**Porque adiar a padronização da energia mediúnica, através da qual os desencarnados se exprimam, de maneira inequívoca, compelindo os povos a reconhecerem a vida, além? Sob o crivo de mentes múltiplas, a mediunidade parece combater a si própria... Entretanto, Senhor, se controlada pela administração terrestre, indiscutivelmente proporcionará demonstrações matemáticas, afirmando-se em certezas irremovíveis, qual acontece à radiofonia e à televisão."  
  
Saraiva entrou em sonho e, como se fosse arrebatado de improviso, reconheceu-se em cidade enorme. Ele, médium abnegado, continuava médium; contudo, fato estranho, via-se num carro faustoso, escoltado por assessores atentos. Sentia-se nimbado de importância pessoal, mas constrangido por fiscalização rigorosa. Depois de longo trajeto por ruas e praças, em que lhe era dado observar o temor e a veneração que os circunstantes lhe tributavam, atingiu palácio soberbo, onde outros médiuns o esperavam.  
  
Reparou que ele e os demais trajavam roupa a caráter, conforme o grau de autoridade que lhes era atribuído. Túnicas douradas, faixas róseas, auréolas de prata, símbolos, anéis, amuletos...Ante as ordens de um chefe, acomodaram-se em poltronas para a recepção da palavra nascida nos planos superiores. Surpreendido, porém, notou que ali, naquele monumento de governança onde a mediunidade era absolutamente reverenciada e reconhecida, a mensagem dos instrutores desencarnados não encontrava curso livre.  
  
As lições e apelos da Esfera Sublime sofriam podas e enxertos, segundo as conveniências dos maiorais. Espíritos generosos e amigos deviam ceder lugar a vampiros astuciosos que inspiravam projetos de exploração e influência. Conservava-se o nome de Deus e a custódia do Evangelho nas legendas da luzida reunião; contudo, à socapa, os diretores do conclave, não obstante aparente respeito aos dons medianímicos, torciam as revelações na pauta dos interesses políticos.  
  
Finança e prestígio social, luxo e dominação surgiam na ponta. Ninguém queria saber de justiça divina e fraternidade humana. Que a Humanidade ficasse onde estava, que o povo era besta de carga, desde o princípio do mundo. Progredisse quem quisesse. Nada de auxílio espontâneo. Só o grupo prepotente devia mandar. Conversava-se, em nome de Jesus, mas não faltava ali mesmo quem se referisse ao suposto fracasso do Mestre.**

**Nem o Cristo havia escapado à condenação. Que companheiro algum fosse tão tolo ao ponto de provocar o levantamento de novas cruzes. Que o mundo espiritual existia, era assunto pacífico; no entanto, que ninguém se despreocupasse do bolso cheio e da mesa farta, na própria Terra, ainda que isso custasse suor e sangue dos semelhantes . Ergueu-se Adelino, corajoso, e protestou veemente. Esclareceu que a mediunidade é instrumento do Senhor para alívio e instrução de todas as criaturas.**

**Não devia sofrer restrições ou converter-se em agente de sindicatos das trevas, à maneira dessa ou daquela preciosa força da Natureza, jugulada pelos empresários do crime e pelos fazedores da morte . . .Saraiva gritou, agitou-se, explicou e indignou-se, mas, por resposta, foi atado de pés e mãos e, em seguida, lançado ao silêncio do cárcere. Debatia-se, apavorado, na laje fria, cercado de aranhas e escorpiões, quando acordou, no leito, suarento e desfigurado, verificando que a experiência não passara de pesadelo...  
  
Saraiva sentou-se e refletiu maduramente. Logo após, colocando-se em prece para agradecer a lição recebida, viu Rogério, o amigo espiritual, que o assistia nas tarefas comuns, a dizer-lhe, bem humorado:— Compreendeu, meu filho? Vocês consideram estranha a atitude do Plano Superior, deixando a mediunidade ao alcance de todos, muitas vezes submetida aos caprichos de cada um, embora com a luz da Doutrina Espírita a plasmar-lhe roteiro; contudo, enquanto os governantes do mundo não se edificarem nos merecimentos do espírito, se não quisermos ser dinamite no carro da perturbação e da violência, é necessário sofrer o desprezo dos poderosos e continuar assim mesmo.  
  
18 - Estude e viva - Emmanuel e André Luiz - pág. 176, 210**

**Mediunidade e psicoterapia  
Os médiuns, como elementos de ligação entre a vida espiritual e o plano físico, serão sempre solicitados a dar uma palavra orientadora nas questões multiformes que afetam as pessoas que os procuram. Daí a indicação de exercitarem alguns princípios de psicoterapia e relações humanas. A intensa vida moderna na Terra generalizou a carência de roteiros, planos, programas e observações para as criaturas deprimidas, tímidas, cépticas, recalcadas e frustradas em geral.  
  
Com você, que inicia o esforço na tarefa mediúnica, seja pelo passe, pela psicofonia, pela psicografia ou nas formas variadas de assistência aos sofredores da alma e do corpo, estudemos algumas atitudes que favorecem a manifestação das Entidades Amigas, no auxílio a terceiros, pelo conselho simples e natural. Paciência e perseverança no bem devem estar conjugadas constantemente em sua presença e expressão .  
  
Não demonstre estranheza ou perplexidade ante as revelações ouvidas, para que não esmoreça a confiança do coração que se abre a você. Predisponha-se, com todos os recursos do seu campo mental, à simpatia pelos irmãos que lhe pedem a opinião, sem mostrar-se superior. Cultive invariável atenção perante as confidências alheias, testemunhando o maior interesse afetivo pela solução aos problemas do interlocutor, seja ele quem for.  
  
Envide esforços para que a criatura exponha em pormenores e calmamente o caso que lhe motiva a preocupação, a fim de que você possa ajudá-la, através de mais ampla visão dos fatos. Evite julgar ou censurar precipitadamente a quem se confia a você, mesmo com reprovações inarticuladas. Restrinja as indagações aos assuntos e momentos absolutamente necessários. Pesquise os postulados básicos do Espiritismo, argumentando com as ocorrências em exame sob o crivo do discernimento espírita e exaltando a responsabilidade pessoal ante a existência eterna.  
  
Sempre que possa, indique um núcleo de serviço espiritual compatível com as afinidades e necessidades da pessoa que comparece à busca de concurso fraterno. Resguarde em segredo aquilo que não deva ser revelado, mantendo discrição e respeito para com todos os nossos irmãos em experiência.  
  
Jamais force resoluções taxativas, nesse ou naquele sentido, mas exponha os vários caminhos possíveis, com as suas consequências prováveis, e deixe que o livre-arbítrio dos companheiros escolha o que mais lhes convenha. Sustente equilíbrio, entendimento e suas manifestações, para que a autoridade moral e espiritual lhe favoreça o trabalho.  
  
Leia constantemente para melhorar seus processos de análise das almas e suas técnicas de expor as soluções mais justas, conforme o seu modo de entender. Sobretudo, saiba que são inimagináveis as possibilidades de socorro de um encarnado confiante no Alto e consciente de seus recursos íntimos, quando ligado aos Bons Espíritos que nos estendem a inspiração e o amparo da Vida Superior.**

**Médiuns iniciantes  
No intercâmbio espiritual, encontramos vasto grupo de companheiros, carecedores de especial atenção — os médiuns iniciantes. Muitas vezes, fascinados pelo entusiasmo excessivo, diante do impacto das revelações espirituais que os visitam de jato, solicitam o entendimento e o apoio dos irmãos experimentados, para que não se percam, através de engodos brilhantes.  
  
Induzamo-los a reconhecer que estamos todos à frente dos Espíritos generosos e sábios, à feição de cooperadores, perante autoridades de serviço, que nos esperam o concurso eficiente e espontâneo. Não nos compete avançar sem a devida preparação, conquanto supervisionados por mentores respeitáveis e competentes.  
  
Tanto quanto para nós outros, para cada médium urge o dever de estudar para discernir, e trabalhar para merecer. Tão-só porque os seareiros da mediunidade revelem facilidades para a transmissão de observações e mensagens, isso não os exime da responsabilidade na apresentação, condução e aplicação dos assuntos de que se tornam intérpretes.**

**Indispensável se capacitem de que a morte não altera a personalidade humana, de forma fundamental. Acesso à esfera dos seres desencarnados, ainda ungidos ao plano físico, é semelhante ao ingresso em praça pública da própria Terra, onde enxameiam Inteligências de todos os tipos.  
  
Admitido a construções de ordem superior, o médium é convidado ao discernimento e à disciplina, para que se lhe aclarem e aprimorem as faculdades, cabendo-lhe afastar-se do «tudo querer» e do "tudo fazer" a que somos impelidos quando imaturos na vida, pelos que se afazem à rebeldia e à perturbação.  
  
Ajudemos os médiuns iniciantes a perceber que na mediunidade, como em qualquer outra atividade terrestre, não há conhecimento real onde o tempo não consagrou a aprendizagem, e que todos os encargos são nobres onde a luz da caridade preside as realizações.  
  
Para esse fim, conduzamo-los a se esclarecerem nos princípios salutares e libertadores da Doutrina Espírita. Médiuns para a edificação do aprimoramento e da felicidade, entre as criaturas, são apenas aqueles que se fazem autênticos servidores da Humanidade.**

**19 - Estudos Espiritas - Joanna de Ângelis - pág. 137**

**18 - MEDIUNIDADE  
conceito — Faculdade orgânica, a encontra, em quase todos os indivíduos, não constituindo patrimônio especial de grupos nem privilégio de castas; é inerente ao espírito que dela se utiliza, encarnado ou desencarnado, para o ministério do intercâmbio entre diferentes esferas de evolução. A mediunidade têm características próprias por meio das quais, quando acentuadas, facultam vigoroso comércio entre homens e Espíritos, entre as criaturas reciprocamente, bem como entre os próprios Espíritos.  
  
O médium (do latim médium) é aquele que serve de instrumento entre os dois pólos da vida: física e espiritual. "Médium é o ser, é o indivíduo que serve de traço de união aos Espíritos, para que estes possam comunicar-se facilmente com os homens: Espíritos encarnados", conforme acentuou o Espírito Erasto, em memorável comunicação sobre a mediunidade dos animais, a inserta em "O Livro dos Médiuns", capítulo XXII, item 236.  
  
Todavia, entre os Espíritos já desencarnados médiuns também os há, que exercem o labor, facultando que Entidades de mais elevadas Esferas possam comunicar-se com aqueles que se encontram na retaguarda da evolução, e recebam nesses encontros o auxílio, o impulso estimulador para, a seu turno, ascenderem.  
  
Mais difundido o exercício da mediunidade através das comunicações dos desencarnados com os encarnados, tal faculdade se faz a porta por meio da qual se abrem os horizontes da imortalidade, propiciando amplas possibilidades para positivar a indestrutibilidade da vida, não obstante o desgaste da transitória indumentária fisiológica.  
  
Natural, aparece espontaneamente, mediante constrição segura, na qual os desencarnados de tal ou qual estágio evolutivo convocam à necessária observância de suas leis, conduzindo o instrumento mediúnico a precioso labor por cujos serviços adquire vasto patrimônio de equilíbrio e iluminação, resgatando, simultaneamente, os compromissos negativos a que se encontra enleado desde vidas anteriores.  
  
Outras vezes surge como impositivo provacional mediante o qual é possível mais ampla libertação do próprio médium, que, em dilatando o exercício da nobilitação a que se dedica, granjeia consideração e títulos de benemerência que lhe conferem paz. Sem dúvida, poderoso instrumento pode converter-se em lamentável fator de perturbação, tendo em vista o nível espiritual e moral daquele que se encontra investido de tal recurso.  
  
Não é uma faculdade portadora de requisitos morais. A moralização do médium libera-o da influência dos Espíritos inferiores e perversos, que se sentem, então, impossibilitados de maior predomínio por faltarem os vínculos para a necessária sintonia. Por isso, sendo um inato recurso do espírito, reponta em qualquer meio e em todo indivíduo, aprimorando-se ou se convertendo em motivo de perturbação ou enfermidade, de acordo com a direção que se lhe dê.  
  
desenvolvimento — Em todos os tempos a mediunidade revelou ao homem a existência do Mundo Espiritual, donde todos procedemos e para onde, após o fenômeno morte, todos retornamos. Nos períodos mais primitivos da cultura ética da Humanidade, a mediunidade exerceu preponderante influência, porquanto, através dos sensitivos, nominados como feiticeiros, magos, adivinhos e mais tarde oráculos, pítons, taumaturgos, todos médiuns, contribuindo decisivamente na formação do clã, da tribo ou da comunidade em desenvolvimento, revelando preciosas lições que fomentavam o crescimento do grupo social, impulsionando-o na direção do progresso.  
  
Nem sempre, porém, eram bons os Espíritos que produziam os fenômenos, o que redundava, por sua vez, demorados estágios na barbárie, no primitivismo dos que lhes prestavam culto... À medida que os conceitos culturais e éticos evoluíam, a mediunidade experimentou diferente compreensão. Nos círculos mais adiantados das civilizações orientais e logo depois greco-romana, a faculdade mediúnica lobrigou relevante projeção, merecendo considerável destaque nas diversas comunidades sociais do passado.  
  
No entanto, com Jesus, o Excelso Médium de Deus, que favoreceu largamente o intercâmbio entre os dois mundos em litígio: o espiritual e o material, foi que a mediunidade recebeu o selo da mansidão e a diretriz do amor, a fim de se transformar em luminosa ponte, através da qual passaram a transitar os viandantes do corpo na direção da Vida abundante e os Imortais retornando à Terra, em incessante permuta de informações preciosas e inspiração sublime.**

**O Cristianismo, nos seus primeiros séculos, desde a Ressurreição até o Concílio de Nicéia (5) se fez um hino de respeito e exaltação à Imortalidade. Depois, enflorescendo incontáveis apóstolos, encarregados de reacenderem as claridades da fé, a mediunidade foi a fonte inexaurível que atendia a sede tormentosa dos séculos, trazendo a "água viva" da Espiritualidade enquanto ardiam as chamas da inquietação e do despotismo, destruindo esperanças, anatematizando, pervertendo ideais...  
  
Os médiuns experimentaram duro cativeiro, demorada perseguição, e a mediunidade foi considerada maldição, exceção feita apenas a uns poucos dotados que receberam ainda em vida física compreensão e respeito de alguns raros espíritos lúcidos do seu tempo. Desde que os intimoratos expoentes da Vida jamais recearam nortear o homem, utilizaram-se da mediunidade, às vezes, com o vigor da verdade exprobrando os erros e os crimes onde quer que se encontrassem.**

**Todos aqueles, porém, que se encontravam equivocados em relação ao bem e à justiça, por ignorância ou propositadamente, ante a impossibilidade de silenciar o brado que lhes chegava do além-túmulo, providenciavam destruir os veículos, em inútil esforço de conseguirem apoio às irregularidades e intrujices de que se faziam servos submissos. Hoje, porém, após a documentação kardequiana, inserta na Codificação, a mediunidade abandonou as lendas e ficções, os florilégios do sobrenatural e do miraculoso, superando as difamações de que foi vítima, para ocupar o seu legítimo lugar, recebendo das modernas ciências psíquicas, psicológicas e parapsicológicas o respeito e o estudo que lhe desdobram os meios.**

**(5) Concílio de Nicéia — Primeiro Concílio ecuménico, realizado no ano 325, na cidade de Constantinopla, que condenou a doutrina arianista, o livre exercício da mediunidade e outros pontos mantidos pelos cristãos primitivos, do que redundou constituir-se marco inicial da desagregação e decomposição do Cristianismo nas suas legitimas bases de que se fizeram paradigmas Jesus, os discípulos e os seus sucessores. — Nota da Autora espiritual.**

**Contribuindo com abençoados recursos de que a Psiquiatria se pode utilizar, como outros ramos das Ciências, para solucionar um sem-número de problemas físicos, emocionais, sociais que afligem a moderna e atormentada sociedade.  
  
conclusão — Ao exercício da mediunidade isto é, na perfeita aplicação dos seus valores a benefício da criatura, em nome da Caridade, é que o ser atinge a plenitude das suas funções e faculdades, convertendo-se em celeiro de bênçãos, semeador da saúde espiritual e da paz nos diversos terrenos da vida humana, na Terra.  
  
Mediumato — eis o ápice do correto exercício da faculdade mediúnica em cuja ação o médium já não vive, antes nele vive o Cristo insculpindo-lhe a felicidade sem jaça de que se adorna, em prol do Mundo Melhor todos laboramos.  
  
ESTUDO E MEDITAÇÃO:  
"Todo aquele que sente, num grau qualquer, a influência dos Espíritos é, por esse fato, médium. Essa faculdade é inerente ao homem; não constitui, portanto, um privilégio exclusivo. Por isso mesmo, raras são as pessoas que dela não possuam alguns rudimentos. Pode, pois, dizer-se que todos são, mais ou menos, médiuns. Todavia, usualmente, assim só se qualificam aqueles em quem a faculdade mediúnica se mostra bem caracterizada e se traduz por efeitos patentes, de certa intensidade, o que então depende de uma organização mais ou menos sensitiva. É de notar-se, além disso, que essa faculdade não se revela, da mesma maneira, em todos."**

**20 - Evolução em dois mundos -André Luiz - pág. 13**

**Mediunidade e corpo espiritual  
AURA HUMANA — Considerando-se toda célula em ação por unidade viva, qual motor microscópico, em conexão com a usina mental, é claramente compreensível que todas as agregações celulares emitam radiações e que essas radiações se articulem, através de sinergias funcionais, a se constituírem de recursos que podemos nomear por "tecidos de força", em torno dos corpos que as exteriorizam.  
  
Todos os seres vivos, por isso, dos mais rudimentares aos mais complexos se revestem de um "halo energético" que lhes corresponde à natureza. No homem, contudo, semelhante projeção surge profundamente enriquecida e modificada pelos fatores do pensamento contínuo que, em se ajustando às emanações do campo celular, lhe modelam, em derredor da personalidade, o conhecido corpo vital ou duplo etéreo de algumas escolas espiritualistas, duplicata mais ou menos radiante da criatura.  
  
Nas reentrâncias e ligações sutis dessa túnica eletromagnética de que o homem se entraja, circula o pensamento, colorindo-a com as vibrações e imagens de que se constitui, aí exibindo, em primeira mão, as solicitações e os quadros que improvisa, antes de irradiá-los no rumo dos objetos e das metas que demanda.  
  
Aí temos, nessa conjugação de forças físico-químicas e mentais, a aura humana, peculiar a cada indivíduo, interpenetrando-o, ao mesmo tempo que parece emergir dele, à maneira de campo ovóide, não obstante a feição irregular em que se configura, valendo por espelho sensível em que todos os estados da alma se estampam com sinais característicos e em que todas as idéias se evidenciam, plasmando telas vivas, quando perduram em vigor e semelhança como no cinematógrafo comum.  
  
Fotosfera psíquica, entretecida em elementos dinâmicos, atende à cromática variada, segundo a onda mental que emitimos, retratando-nos todos os pensamentos em cores e imagens que nos respondem aos objetivos e escolhas, enobrecedores ou deprimentes.  
  
MEDIUNIDADE INICIAL — A aura é, portanto, a nossa plataforma onipresente em toda comunicação com as rotas alheias, antecâmara do Espírito, em todas as nossas atividades de intercâmbio com a vida que nos rodeia, através da qual somos vistos e examinados pelas Inteligências Superiores, sentidos e reconhecidos pelos nossos afins, e temidos e hostilizados ou amados e auxiliados pelos irmãos que caminham em posição inferior à nossa.  
  
Isso porque exteriorizamos, de maneira invariável, o reflexo de nós mesmos, nos contatos de pensamento a pensamento, sem necessidade das palavras para as simpatias ou repulsões fundamentais. É por essa couraça vibratória, espécie de carapaça fluídica, em que cada consciência constrói o seu ninho ideal, que começaram todos os serviços da mediunidade na Terra, considerando-se a mediunidade como atributo do homem encarnado para corresponder-se com os homens liberados do corpo físico.  
  
Essa obra de permuta, no entanto, foi iniciada no mundo sem qualquer direção consciente, porque, pela natural apresentação da própria aura, os homens melhores atraíram para si os Espíritos humanos melhorados, cujo coração generoso se voltava, compadecido, para a esfera terrena, auxiliando os companheiros da retaguarda, e os homens rebeldes à Lei Divina aliciaram a companhia de entidades da mesma classe, transformando-se em pontos de contato entre o bem e o mal ou entre a Luz e a Sombra que se digladiam na própria Terra.  
  
Pelas ondas de pensamento a se enovelarem umas sobre as outras, segundo a combinação de frequência e trajeto, natureza e objetivo, encontraram-se as mentes semelhantes entre si, formando núcleos de progresso em que homens nobres assimilaram as correntes mentais dos Espíritos Superiores, para gerar trabalho edificante e educativo, ou originando processos vários de simbiose em que almas estacionárias se enquistaram mutuamente, desafiando debalde os imperativos da evolução e estabelecendo obsessões lamentáveis, a se elastecerem sempre novas, nas teias do crime ou na etiologia complexa das enfermidades mentais.  
  
A intuição foi, por esse motivo, o sistema inicial de intercâmbio, facilitando a comunhão das criaturas, mesmo a distância, para transfundi-las no trabalho sutil da telementação, nesse ou naquele domínio do sentimento e da idéia, por intermédio de remoinhos mensuráveis de força mental, assim como na atualidade o remoinho eletrônico infunde em aparelhos especiais a voz ou a figura de pessoas ausentes, em comunicação recíproca na radiotelefonia e na televisão.  
  
SONO E DESPRENDIMENTO — Releva, contudo, assinalar que, em se iniciando a criatura na produção do pensamento contínuo, o sono adquiriu para ela uma importância que a consciência em processo evolutivo, até aí, não conhecera. Usado instintivamente pelo elemento espiritual, como recurso reparador, no refazimento das células em serviço, semelhante estado fisiológico carreou novas possibilidades de realização para quantos se consagrassem ao trabalho mais amplo de desejar e mentalizar.  
  
Ansiando livrar-se da fadiga física, após determinada quota de tempo no esforço da vigília diária e, por isso mesmo, entregue ao relaxamento muscular, o homem operante e indagador adormecia com a idéia fixada a serviços de sua predileção. Amadurecido para pensar e lançando de si a substância de seus propósitos mais íntimos, ensaiou, pouco a pouco, tal como aprendera, vagarosamente, o desprendimento definitivo nas operações da morte, o desprendimento parcial do corpo sutil, durante o sono, desenfaixando-o do veículo de matéria mais densa, embora sustentando-o, ligado a ele, por laços fluídico-magnéticos, a se dilatarem levemente dos plexos e, com mais segurança, da fossa rombóide.  
  
Encetado o processo de sonolência, com as reações motoras empobrecidas e impondo mecanicamente a si mesma o descanso temporário, no auxílio às células fatigadas de tensão, isto desde as eras remotas em que o pensamento se lhe articulou com fluência e continuidade, permanece a mente, através do corpo espiritual, na maioria das vezes, justaposta ao veículo físico, à guisa de um cavaleiro que repousa ao pé do animal de que necessita para a travessia de grande região, em complicada viagem, dando-lhe ensejo à recuperação e pastagem, enquanto ele se recolhe ao próprio íntimo, ensimesmando-se para refletir ou imaginar, de conformidade com seus problemas e inquietações, necessidades e desejos.  
  
ASPECTOS DO DESPRENDIMENTO — Dessa forma, aliviando o controle sobre as células que a servem no corpo carnal, a mente se volta, no sono, para o refúgio de si mesma, plasmando na onda constante de suas próprias idéias as imagens com que se compraz nos sonhos agradáveis em que saca da memória a essência de seus próprios desejos, retemperando-se na antecipada contemplação dos painéis ou situações que almeja concretizar.  
  
Para isso, mobiliza os recursos do núcleo da visão superior, no diencéfalo, de vez que, aí, as qualidades essencialmente ópticas do centro coronário lhe acalentam no silêncio do desnervamento transitório todos os pensamentos que lhe emergem do seio. Noutras ocasiões, no mesmo estado de insulamento, recolhe, no curso do sono, os resultados de seus próprios excessos, padecendo a inquietação das vísceras ou dos nervos injuriados pela sua rendição à licenciosidade, quando não seja o asfixiante pesar do remorso por faltas cometidas, cujos reflexos absorvem do arquivo em que se lhe amontoam as próprias lembranças.  
  
Numa e noutra condição, todavia, é a mente suscetível à influenciação dos desencarnados que, evoluídos ou não, lhe visitam o ser, atraídos pelos quadros que se lhe filtram da aura, ofertando-lhe auxílio eficiente quando se mostre inclinada à ascensão de ordem moral, ou sugando-lhe as energias e assoprando-lhe sugestões infelizes quando, pela própria ociosidade ou intenção maligna, adere ao consórcio psíquico de espécie aviltante, que lhe favorece a estagnação na preguiça ou a envolve nas obsessões viciosas pelas quais se entrega a temíveis contratos com as forças sombrias.  
  
Mas dessa posição de espectador á função de agente existe apenas um passo. O pensamento contínuo, em fluxo insopitável, desloca a organização celular perispiritual, à maneira do córrego que em sua passagem desarticula da gleba em que desliza todo um rosário de seixos. E assim como os seixos soltos seguem a direção da corrente, lapidando-se no curso dos dias, o corpo espiritual acompanha, de início, o impulso da corrente mental que por ele extravasa, conscienciando-se muito vagarosamente no sono,que lhe propicia meia-libertação.  
  
MEDIUNIDADE ESPONTÂNEA - Nessa fase primária de novo desenvolvimento, encontra-se, como é natural, ao pé dos objetos que lhe tomam o interesse. É assim que o lavrador, no repouso físico, retorna, em corpo espiritual, ao campo em que semeia, entrando em contato com as entidades que amparam a Natureza; o caçador volta a floresta; o escultor regressa, frequentemente, no sono, ao bloco de mármore de que aspira a desentranhara obra-prima; o seareiro do bem volve à leira de serviço em que se lhe desdobra a virtude, e o culpado torna ao local do crime, cada qual recebendo de Espíritos afins os estímulos de que se fazem merecedores.  
  
Consolidadas semelhantes relações com o Plano Espiritual, por intermédio da hipnose comum, começaram na Terra os movimentos da mediunidade espontânea porquanto os encarnados que demonstrassem capacidades mediúnicas mais evidentes, pela comunhão menos estreita entre as células do corpo físico e do corpo espiritual, em certas regiões do corpo somático, passaram das observações durante o sono da vigília, a princípio fragmentárias, mas acentuáveis com o tempo, conforme os graus de cultura a que fossem expostos.  
  
Quanto menos densos os elos de ligação entre o implementos físicos e espirituais, nos órgãos nos órgãos da visão, mais amplas as possibilidades na clarividência, prevalecendo as mesmas normas para a clariaudiência e para modalidades outras, no intercâmbio entre as duas esferas, inclusive as peculiaridades da materialização, pelas quais os recursos periféricos do perisféricos do citoplasma a se condensarem no ectoplasma da definição científica vulgar, se exteriorizam do corpo carnal do médium, na conjugação com as forças circulantes do ambiente, para a efêmera constituição de formas diversas.  
  
Desde então, iniciou-se o correio entre o plano físico e o plano extrafísico, mas, porque a ignorância embotasse ainda a mente humana, os médiuns primitivos nada mais puderam realizar que a fascinação recíproca, ou magia elementar, em que os desencarnados igualmente inferiores eram aproveitados, por via hipnótica, na execução de atividades materialonas, sem qualquer alicerce na sublimação pessoal.  
  
FORMAÇÃO DA MITOLOGIA — Apareceu então a goecia ou magia negra, à qual as Inteligências Superiores opuseram a religião por magia divina, encetando-se a formação da mitologia em todos os setores da vida tribal. Numes familiares, interessados em favorecer as tarefas edificantes para levantar a vida humana a nível mais nobre, foram categorizadas à conta de deuses, em diversas faixas da Natureza, e, realmente, através dos instrumentos humanos mobilizáveis, esses gênios tutelares incentivaram, por todas as formas possíveis, o progresso da agricultura e do pastoreio, das indústrias e das artes. A luta entre os Espíritos retardados na sombra e os aspirantes da luz encontrou seguro apoio nas almas encarnadas que lhes eram irmãs. Desde essas eras recuadas, empenharam-se o bem e o mal em tremendo conflito que ainda está muito longe de terminar, com bases na mediunidade consciente ou inconsciente, técnica ou empírica.  
  
FUNÇÃO DA DOUTRINA ESPÍRITA — Forçoso reconhecer, todavia, que a mediunidade, na essência, quanto a energia elétrica em si mesma, nada tem a ver com os princípios morais que regem os problemas do destino e do ser. Dela podem dispor, pela espontaneidade com que se evidencia, sábios e ignorantes, justos e injustos, expressando-se-lhe, desse modo, a necessidade de condução reta, quanto a força elétrica exige disciplina a fim de auxiliar.  
  
Esse o motivo por que os Orientadores do Progresso sustentam a Doutrina Espírita na atualidade do mundo, por Chama Divina, cristianizando fenômenos e objetivos, caracteres e faculdades, para que o Evangelho de Jesus seja de fato incorporado às relações humanas.  
  
Como nas intervenções cirúrgicas em que tecidos são transplantados com êxito para melhoria das condições orgânicas, é indispensável nos atenhamos ao impositivo das operações mediúnicas pelas quais se efetuem proveitosas enxertias psíquicas, com vistas à difusão do conhecimento superior.  
  
MEDIUNIDADE E VIDA — Eminentes fisiologistas e pesquisadores de laboratório procuraram fixar mediunidades e médiuns a nomenclaturas e conceitos da ciência metapsíquica; entretanto, o problema, como todos os problemas humanos, é mais profundo, porque a mediunidade jaz adstrita à própria vida, não existindo, por isso mesmo, dois médiuns iguais, não obstante a semelhança no campo das impressões.  
  
Por outro lado, espiritualistas distintos julgam-se no direito de hostilizar-lhe os serviços e impedir-lhe a eclosão, encarecendo-lhe os supostos perigos, como se eles próprios, mentalizando os argumentos que avocam, não estivessem assimilando, por via mediúnica, as correntes mentais intuitivas, contendo interpretações particulares das Inteligências desencarnadas que os assistem.  
  
A mediunidade, no entanto, é faculdade inerente à própria vida e, com todas as suas deficiências e grandezas, acertos e desacertos, é qual o dom da visão comum, peculiar a todas as criaturas, responsável por tantas glórias e tantos infortúnios na Terra. Ninguém se lembrará, contudo, de suprimir os olhos, porque milhões de pessoas, à face de circunstâncias imponderáveis da evolução, deles se tenham valido para perseguir e matar nas guerras de terror e destruição.  
  
Urge iluminá-los, orientá-los e esclarecê-los.Também a mediunidade não requisitará desenvolvimento indiscriminado, mas sim, antes de tudo, aprimoramento da personalidade mediúnica e nobreza de fins, para que o corpo espiritual, modelando o corpo físico e sustentando-o, possa igualmente erigir-se em filtro leal das Esferas Superiores, facilitando a ascensão da Humanidade aos domínios da luz.**

**35 - MEDIUNIDADE E SINTONIA- EMMANUEL - PÁG. 29, 33, 49, 57**

**MEDIUNIDADE: Mediunidade sem exercício no bem, é semelhante ao título profissional sem a função que lhes corresponde. A medicina é venerável em suas finalidades, mas se o médico abomina os doentes, não lhe vale ingresso no apostolado da cura. A lavoura é serviço que assegura à comunidade o pão de cada dia, contudo, se o homem do campo odeia o arado, preferindo acomodar-se com a inércia, debalde a gleba em suas mãos recolherá o apoio do sol e a bênção da chuva.**

**Mediunidade não é pretexto para situar-se a criatura no fenômeno exterior ou no êxtase inútil, à maneira da criança atordoada no deslumbramento da festa vulgar. É, acima de tudo, caminho de árduo trabalho em que o espírito, chamado a serví-la, precisa consagrar o melhor das próprias forças para colaborar no desenvolvimento do bem.**

**O médium, por isso, será vigilante cultor do progresso, assistindo-lhe a obrigação de aprimorar-se incessantemente para refletir com mais segurança a palavra ou o alvitre, o pensamento ou a sugestão da Vida Maior.**

**Nesse sentido, sabendo que a experiência humana é vasta colméia de luta na qual enxameiam desencarnados de toda sorte, urge saiba ajustar-se à companhia de ordem superior, buscando no convívio de Espíritos Benevolentes e Sábios o clima ideal para a missão que lhe compete cumprir, significando isso disciplina constante no estudo nobre e ação incansável na beneficência em favor dos outros.**

**Essa é a única senda de acesso à vida mais alta, através da qual, auxiliando sem a preocupação de ser auxiliado, servindo sem exigência e distribuindo, sem retribuição, os talentos que recebe, poderá o medianeiro honrar efetivamente a mediunidade, por ela espalhando os frutos de Paz e Amor que lhe repontam da vida, em marcha gradativa para a Grande Luz.**

**MÉDIUNS: Não procures o médium dos Espíritos Benfeitores, qual se fosses defrontado por um ser sobrenatural. Quem se empenha a semelhante adoração, copia a atitude dos companheiros de Moisés, quando se devotavam aos ídolos inativos, com a diferença de que a nossa fantasiosa adoração estaria centralizada em torno de um ídolo animado e naturalmente falível.**

**O médium é um companheiro. É um trabalhador. É um amigo. E é sobretudo nosso irmão, com dificuldades e problemas análogos àqueles que assediam a mente de qualquer espírito encarnado.**

**O nosso objetivo é buscar a luz do Espírito, que flui da lição que se derrama da Vida Maior, e não o garimpo de fenômenos superficiais, que brilham quais foguetes de artifício, impressionando a imaginação sem proveito real para ninguém.**

**Lembremo-nos de que nós outros os aprendizes do Evangelho, estamos em torno do Médium de Deus, que é Jesus, há quase dois mil anos, não mais qual Tomé, sondando-lhe as chagas, mas na posição de discípulos redivivos, que procuram e encontram, não a figuração material do Senhor, mas a sua palavra de vida eterna, estruturada no espírito imperecível em que se lhe gravaram os ensinamentos imortais.**

**MEDIUNIDADE E NÓS: Nem sempre conseguirás materializar os amigos da Vida Maior para satisfazer a sede de verdade que tortura a muitos de nossos companheiros na Terra, mas sempre podes substancializar essa ou aquela providência suscetível de prodigalizar-lhe tranquilidade e consolação.**

**Nem sempre sonorizarás a voz de desencarnados queridos para reconforto dos que choram de saudade no mundo; no entanto, sempre podes articular a frase calmante que lhes transmita encorajamento e esperança.**

**Nem sempre obterás a mensagem de determinados amigos que residem no Mais Além, para a edificação imediata dos que sofrem no Plano Físico; entretanto, sempre podes improvisar algum recurso com que se lhes restaurem a energia e o bom ânimo.**

**Nem sempre lograrás a cura de certas enfermidades no corpo de irmãos padecentes; todavia, sempre podes lenir-lhes o coração e aclarar-lhes a alma, com o apoio fraterno, habilitando-lhes a mente para a cura espiritual.**

**Nem sempre te evindenciarás como sendo um fenômeno, mas sempre podes, em qualquer tempo, ser o auxílio a quem necessite de amparo. Médium quer dizer intérprete, medianeiro. E dar utilidade à própria vida, transformando-nos em socorro e bênção para os demais, é ser médium do Eterno Bem, sob a inspiração do Espírito de Jesus Cristo, privilégio que cada um de nós pode usufruir.**

**EM TORNO DA MEDIUNIDADE: Ser médium não é simplesmente fazer-se veículo de fenômenos que transcendem a alheia compreensão. Acima de tudo, é indispensável entendamos na faculdade mediúnica a possibilidade de servir, compreendendo-se que semelhante faculdade é característica de todas as criaturas.**

**Acontece, porém, que o homem espera habitualmente pelas entidades protetoras em horas de prova e sofrimento, para arremessar-se ao estudo e ao trabalho quase sempre com extremas dificuldades de aproveitamento das lições que o visitam, quando o nosso dever mais simples é o de seguir, em paz, ao encontro da Espiritualidade Superior, movimentando a nossa própria iniciativa, no terreno firme do bem.**

**A própria natureza é pródiga de ensinamentos nesse particular. A terra é médium da flor que se materializa quanto a flor é medianeira do perfume que embalsama a atmosfera. O Sol é o médium da luz que sustenta o homem, tanto quanto o homem é o instrumento do progresso planetário.**

**Todos os aprendizes da fé podem converter-se em médiuns da caridade através da qual opera o Espírito de Jesus, de mil modos diferentes, em cada setor de nossa marcha evolutiva. Ampara aos teus semelhantes e encontrarás a melhor fórmula para o seguro desenvolvimento psíquico.**

**Na plantação da simpatia, por intermédio de uma simples palavra, estabelecemos, em torno de nós, renovadora corrente de auxílio. Não aguardes o toque de inteligência estranhas à tua, para que te transformes no canal da alegria e da fraternidade, a benefício dos outros e de ti mesmo.**

**Podes traduzir a mensagem do Senhor, onde quer que te encontres, aprendendo, amando, construindo e servindo sempre, porque acima dos médiuns dessa ou daquela entidade espiritual, desse ou daquele fenômeno que muitas vezes espantam ou comovem, sem educar e sem edificar, permanecem a consciência e o coração devotados ao Supremo Bem, através dos quais o Senhor se manifesta, estendendo para nós todos a bênção da vida melhor.**

**PRÁTICA MEDIÚNICA: Tudo na vida é afinidade e comunhão, sob as leis magnéticas que lhe presidem os fenômenos. Tudo gravita em torno dos centros de atração e sustentação de forças determinadas e específicas, no plano em que evoluímos para a Ordem Superior. A mediunidade não pode igualmente escapar a semelhantes impositivos. Almas ignorantes atraem criaturas ignorantes. Doentes afinam-se com doentes.**

**Há entidades espirituais que se dedicam ao serviço do próximo, em companhia daqueles que estimam a prática da beneficência, tanto quanto existem inteligências desencarnadas que, em desequilíbrio, se devotam lamentáveis alterações da tranquilidade alheia, junto das pessoas indisciplinadas e insubmissas.**

**Obsessores vivem com quem estima perseguir e vampirizar e comunicantes irônicos somente encontram guarida nos companheiros do sarcasmo. Eis porque, acima da prática mediúnica, examinada sob qualquer aspecto, situamos o imperativo da educação em nossos círculos doutrinários.**

**Amontoam-se vermes onde se congregam frutos desaproveitados ou apodrecidos, assim como a luz brilha onde encontra força ou material que lhe sirvam de combustíveis. O médium receberá sempre de acordo com as atitudes que adota para si mesmo, perante a vida. Se irado, sintoniza-se com as energias perturbadas do desespero; se preguiçoso, vive à vontade com os desencarnados ociosos.**

**Quem deseje crescer para a Espiritualidade Superior não pode menosprezar o alfabeto, o livro, o ensinamento e a meditação. Mediunidade não é exaltação da inércia ou da ignorância.**

**O médium, para servir a Jesus de modo positivo e eficiente, no campo da Humanidade, precisa afeiçoar-se à instrução, ao conhecimento, ao preparo e à própria melhoria, a fim de que se faça filtro de luz e paz, elevação e engrandecimento para a vida e para o caminho das criaturas.**

**Jesus é o nosso Divino Mestre. Eduquemo-nos com Ele, a fim de que possamos realmente educar.**

**36 - TREVO DE IDÉIAS - EMMANUEL - PÁG. 41**

**PERSONALIDADE MEDIÚNICA**

**Orientação para desenvolvimento mediúnico - esclarecimento solicitado às dezenas. Justo ponderar que, se a mediunidade pode ser definida em seus característicos gerais, cada médium é um instrumento por si reclamando diferentes medidas de educação. Assim como o avião, até certo ponto, depende da inteligência que o dirige, até certo limite, a mediunidade depende do médium.**

**Observe em cada medianeiro dos espíritos as impropriedades de que se veja portador e busque suprimi-las com sinceridade, melhorando os próprios recursos de ligação com os Instrutores Espirituais, a fim de interpretá-los devidamente.**

**Por preceitos atribuíveis à conduta de qualquer médium espírita, enumeremos alguns daqueles de que nenhum se afastará sem desvincular-se das influências edificantes:**

**1 - Acolher os talentos mediúnicos de que seja depositário, com a responsabilidade de quem recolhe determinados valores dos quais prestará contas no momento oportuno;**

**2 - Cultivar a prática mediúnica, situando-a acima de tudo, em construções morais de consolo e esperança, instruções e benefiência;**

**3 - Zelar pela saúde do corpo físico;**

**4 - Praticar a higiene mental, evitando qualquer indução à irritabilidade e à malícia;**

**5 - Atender ao exato desempenho dos deveres que abraçou;**

**6 - Devotar-se ao próprio equilíbrio;**

**7 - Auxiliar sem a pretensão de convencer;**

**8 - Respeitar a seara de serviço que lhe foi confiada;**

**9 - E fugir de suscetibilidades, aceitando o sofrimento e a crítica por agentes naturais e indispensáveis ao burilamento das faculdades que lhe digam respeito.**

**Decerto que, no aperfeiçoamento mediúnico, é preciso que se faça sempre mais e mais esforço nos domínios da elevação, no entanto, apenas nos reportamos aos pontos indicados para considerar que, se é necessário especializar o trabalhador para garantir o rendimento da máquina, é imprescindível construir a personalidade mediúnica, a fim de que a mediunidade apresente todo o bem que seja capaz de produzir.**

**37 - TEMAS DA VIDA E DA MORTE - MANOEL P. DE MIRANDA - PÁG. 125, 129, 133**

**OBSTÁCULOS À MEDIUNIDADE:**

**A mediunidade tem, como fim providencial, a elevação espiritual da Humanidade e do planeta que habita. Como consequência, faculta o intercâmbio dos desencarnados com os homens, rompendo a cortina que aparentemente os separa, destruindo na base a negação e o cepticismo a que muitos se aferram. Da mesma forma, oferece a correta visão da realidade de ultratumba, ampliando a compreensão em torno do mundo primeiro e causal onde todos se originam e para o qual retornam; dá ensejo ao esforço de promoção cultural e moral, graças ao qual se torna possível a libertação dos vícios e dos atavismos mais primários que lhe predominam em a natureza.  
  
A faculdade mediúnica propicia o esclarecimento dos que se demoram na rebeldia espiritual, num ou noutro lado da vida, auxiliando a terapia das alienações e, sobretudo, da desagregação interior que resulta do desconhecimento das Leis que os Espíritos Superiores explicam e ajudam a ser respeitadas, em face da finalidade que têm de manter a ordem e o equilíbrio, que constituem fundamento primacial no Universo.  
  
Assim, o exercício mediúnico fortalece os laços da fraternidade entre os habitantes das duas esferas de diferentes vibrações, ampliando a área do afeto e eliminando o ódio cáustico que infelicita grande faixa de seres; estimula a humildade, pois que demonstra, diante da grandeza da Vida, a pequenez do homem, não obstante ser o grande investimento do Amor que o promove e eleva através dos milênios, trabalhando pelo seu engrandecimento.  
  
A mediunidade bem exercida leva o trabalhador ao mediumato, que tem, em Jesus, o Modelo, por haver sido, por excelência, o perfeito Médium de Deus, graças à sintonia ideal mantida com o Pai. Apesar de tais objetivos, há escolhos graves que se lhe antepõem, intentando impedir-lhe os logros elevados. O mais cruel são as imperfeições morais do próprio médium, que permitem a interferência dos maus Espíritos como dos frívolos, que com ele se afinam, mantendo identificação de propósitos, naturalmente de natureza inferior. Concomitantemente, esse intercâmbio de características negativas ou vulgares determina o aparecimento das síndromes obsessivas que, não cuidadas em tempo próprio, se transformam em malsinada fascinação e subjugação, com graves riscos, inclusive, de vida para o invigilante.  
  
Essa inferioridade em a natureza moral do médium, quando não encontra conveniente educação e aprimoramento, responde por incontáveis males que não deixam o medianeiro alcançar o elevado mister a que está destinado. Por essas razões, variam os graus de mediunidade, em decorrência dos registros que tipificam as credenciais intelecto-morais de cada um. Da mesma forma, diferem os tipos de mediunidade, e graças à sua larga faixa, a documentação da sobrevivência melhor se afirma, fazendo que se esboroem as hipóteses que se lhe contrapõem com arroubos de negação da sua real procedência.**

**O médium deve, como efeito dos perigos a que está exposto, trabalhar pelo aprimoramento íntimo constante, exercendo o seu ministério com abnegação e desinteresse, mediante o que granjeia a simpatia dos Bons Espíritos, que passam a assisti-lo, ao mesmo tempo em que haure recursos fluídicos entre aqueles que lhe recebem os benefícios, adquirindo mais segurança e capacidade de autodoação. Assim se fortalece e sai das frequências mais baixas vivendando, então, os ideais relevantes e altruísticos.  
  
O orgulho e a presunção, a indolência e a irresponsabilidade, tão do agrado das pessoas descuidadas em relação aos compromissos de alto porte, não devem vigernas atitudes de quem abraça a tarefa mediúnica, pois que aquelas qualidades perniciosas do caráter tornam-se-lhe escolhos perigosos. Vemos, no dia-a-dia, esses indivíduos instáveis e incorretos, exercendo a mediunidade com insegurança e descontrole, com altibaixos que bem denotam a sua conduta reprochável e o seu deplorável estado íntimo.  
  
Não é a mediunidade responsável por esses comportamentos ridículos e perigosos, conforme fazem crer alguns médiuns inescrupulosos, mas eles mesmos, por serem de constituição moral frágil e emocionalmente atormentados, tenteando com os episódios obsessivos que terminarão por vitimá-los, mais tarde. Exercem a faculdade mediúnica para autopromoção, sem escrúpulo nem consciência correta dos próprios atos.  
  
Acreditando-se criaturas especiais, permitem-se contínuas leviandades, brincando com as forças da vida, que atiram aos jogos espúrios dos interesses imediatos, descambando para graves situações nas quais se infelicitam e aos demais prejudicam. Ardilosos, mentem, dissimulam, disfarçando esses sentimentos inferiores como sendo influência dos Espíritos maus, o que realmente sucede às vezes, porém pela simples razão de serem eles mesmos os responsáveis pela ocorrência, em face da afinidade recíproca existente, assim se comprazendo em permanecer na postura que fingem deplorar.  
  
Os médiuns seguros, conforme definiu Allan Kardec, ouvem as comunicações de que se fazem intermediários, aplicando-as em favor do próprio progresso, cônscios dos compromissos dignos que assumiram e buscam desincumbir-se com dignidade. São, por isso mesmo, homens honrados, que mais facilmente se engrandecem pelos exemplos de que dão mostras, tornando-se merecedores de ser seguidos pelo bem-estar que exteriorizam, porque o fruem na sua vivência cotidiana.  
  
O diluente eficaz para esses obstáculos da mediunidade é, desse modo, o aprimoramento moral do sensitivo, que encontrará no trabalho da edificação do bem e da caridade, na oração e no estudo edificante, as forças para romper os impedimentos próprios da sua natureza em estágio de progresso, alcançando os patamares da libertação.**

**EDUCAÇÃO ÍNTIMA  
A prática da mediunidade espírita consciente proporciona inimagináveis satisfações. Não apenas dulcifica aquele que se lhe propõe ao ministério como enseja a paz interior que decorre do prazer de servir, repartindo emoções saudáveis e distendendo esperanças de consolação. Acrescente-se a esses valores o aprendizado que decorre da convivência psíquica com os Espíritos Superiores e a impregnação de energias hauridas enquanto se operam os fenômenos nas suas diversas expressões, e pode-se ter idéia das bênçãos que se recolhe.  
  
Para que, no entanto, se atinja essa situação, todo um largo período de experimentação se faz indispensável, como técnica de educação das forças latentes que devem ser canalizadas com o equilíbrio próprio para cometimento de tal jaez. A mediunidade, que se encontra presente em todos os indivíduos, requer cuidados especiais que lhe facultem o conveniente desabrochar, ou, a posteriori, o correto conduzir.  
  
Excetuam-se, naturalmente, os casos em que ocorrem as obsessões, quando, pela violência, os sensitivos são dominados pela interferência do invasor da sua casa mental, conforme o grau em que se estabeleça a parasitose psíquica. Outras vezes, em razão do descurado comportamento moral do médium, há intercorrêncías que se estabelecem como condições viciosas, levando-o a estados de alienação ou dependência perniciosa, nas quais desestrutura a personalidade e marcha para a consumpção dos objetivos dignifi-cantes da vida.  
  
Para que ocorra uma educação desejável, é necessário o estudo da própria faculdade, assim como da Doutrina Espírita, a fim de identificar-se o mecanismo das forças de que se dispõe, bem como dos valores éticos e instrutivos do Espiritismo, que devem ser incorporados ao dia-a-dia, gerando conquistas morais que libertam o médium das paixões inferiores e atraem os Seres Espirituais interessados no progresso da Humanidade.  
  
Adicione-se a disciplina como fator relevante, graças ao contributo da qual se fixam os hábitos salutares no exercício da faculdade, para que se colimem os fins específicos dessa função a que denominam de natureza extra-sensorial. Outrossim, são fatores de considerável significação a vida interior do medianeiro, a sua capacidade de concentração, de fixação de propósitos na área da meditação, com o objetivo de libertação das sensações mais grosseiras que respondem por vasta cópia de prejuízos na conduta e na individualidade profunda do ser.  
  
Numa sociedade que se apaixona pelos ruídos e que se movimenta em torno da balbúrdia, atravancando-se de coisas-nenhumas que perturbam a paz e a integração nos ideais relevantes, faz enorme falta o silêncio íntimo e o equilíbrio das emoções. Para o conveniente registro das comunicações espirituais é exigível que se estabeleça, mediante a concentração, o aquietamento das ansiedades e das turbações constantes, ruidosas e insensatas, de modo que ocorram espaços mentais silenciosos, nos quais se captam as informações, os pensamentos das Entidades desencarnadas.  
  
A mente deve tornar-se um espelho que refuta sem sinuosidades nem distorções as imagens que lhe sejam projetadas, o que requer uma lâmina correta, de elaboração bem cuidada. Num psiquismo irrequieto, caracterizado pela irreflexão e por suscetibilidades, não se encontram áreas de paz, de silêncio, que ensejem a tranquila captação das paisagens e mensagens que se lhe transmitam.  
  
Certamente, esta não é uma tarefa para ser realizada de um golpe, em momento de empatia ou de entusiasmo, antes decorre de um processo de autocontrole de largo curso, que se logra mediante exercício constante, gerador do clima emocional harmonioso que favorece o silêncio mental indispensável. Ninguém estabelece que o médium deva ser um espírito perfeito para atingir esse estado; no entanto, é desejável que ele se esforce por melhorar-se sempre, galgando mais altos degraus da evolução, aspirando por mais significativas conquistas morais.  
  
O silêncio íntimo preserva a paz do indivíduo em todo lugar, sem que ele seja atingido pelos petardos da ira ou do ciúme, pelos gravames da maledicência ou da calúnia, que lhe sejam atirados. Da mesma forma, pouco importa a balbúrbia em sua volta, conseguindo transitar em qualquer clima físico e mental sem perturbação ou desordem, não se afinando com as ondas de violência que se entrechocam em torno da sua atividade.**

**O estudo doutrinário estimula a criação de um estado íntimo otimista, equaciona os problemas afugentes que cedem lugar à confiança na fatalidade do bem, que a todos se destina. Origina-se aí a autoconfiança, com o consequente libertar-se das preocupações exageradas e da valorização de insignificâncias que se responsabilizam por muitas aflições.  
  
Nesse campo de harmonia mental estabelecem-se o silêncio, a quietação interior, a passividade mediúnica, responsáveis pelo registro e fidelidade do intercâmbio. Os outros fatores morais completam a qualidade do conteúdo da mensagem, como efeito da sintonia do médium com os seus Instrutores, que se deixam atrair pelo esforço por ele desenvolvido, assim como pelo aproveitamento e aplicação das lições recebidas.  
  
Não se levando em consideração esses requisitos mínimos, o fenômeno mediúnico não vai além de trivialidades e incongruências, perturbações e distonias, quando a função, em si mesma, não sofre bloqueios decorrentes do baixo teor vibratório das companhias psíquicas do próprio médium. Desse modo, a prática espírita da mediunidade não se restringe a momentos, a situações e lugares, mas a um permanente estado de sintonia com o Alto e de equilíbrio pessoal, porquanto o intermediário, onde se encontre, não se apresenta dissociado nem liberado das forças e faculdades paranormais de que está investido.  
  
A sua atuação deve ser constante, embora não se faça necessária a interferência ostensiva dos Espíritos, tendo em vista ser ele mesmo um Espírito em processo de crescimento para a Vida e para Deus.**

**PSIQUISMO MEDIÚNICO**

**A hipótese de que o subconsciente é o responsável pelas personificações parasitárias e anômalas foi a primeira levantada contra a mediunidade, dando surgimento às conceituações negativas apressadas, como patologias inerentes ao indivíduo, por cujo intermédio pareciam comunicar-se as almas dos mortos. A histeria, por sua vez, foi posta para coadjuvar tão aberrante diagnóstico, que teria fundamento fisiológico no polígono cerebral, de Wundt, encarregado de arquivar os conflitos e as frustrações que se corporificariam como estados de alienação, credora de tratamento especializado, em detrimento da possibilidade de comunicação espiritual.  
  
Mais tarde, o inconsciente, de Freud, assumiu a responsabilidade por tal degradação da personalidade, que ocultava, na sua gênese, qualquer tipo de distúrbio da libido. Além dessas explicações, foram adicionadas as hipóteses da fraude, da dissimulação, da telepatia, da hiperestesia, em vãs tentativas de negar a veracidade do intercâmbio entre os encarnados e os desencarnados.  
  
Não afirmamos que sejam totalmente destituídas de respeito tais possibilidades, porquanto o fenômeno anímico é ocorrência presente, como se pode depreender, na estrutura do mediúnico, sem prejuízo para este. Todavia, sobrepondo-se a toda a gama de mecanismos automatistas do inconsciente e das interferências psíquicas outras, flui cristalina a mensagem dos imortais, confirmando a sua realidade e oferecendo largo campo de estudos a respeito da vida e do homem em si mesmo.  
  
Descartamos as inconsistentes hipóteses da dissimulação e da fraude, porque são parte integrante de determinados caracteres morais do homem, sempre presentes nos diversos setores nos quais se encontram, e que, por aí remanescerem, não invalidam os valores legítimos e nobres das atividades de outra natureza. A mediunidade é expressão fisiopsíquica inerente ao homem, por cujo meio é-lhe possível entrar em contacto com outras faixas vibratórias, além e aquém daquelas que são captadas pelos seus equipamentos sensoriais.  
  
A percepção sensorial humana se encontra adstrita a pequena faixa de vibrações. Somente as eletromagnéticas que transitam entre o vermelho, que é a mais baixa frequência visível, e o violeta que lhe é o oposto, portanto, a mais alta, podem ser captadas em razão de permitirem vibrar as terminais do nervo óptico na retina. As microondas, as caloríferas, as de rádio, porque não correspondem a frequências cuja ressonância atinjam a visão, não são percebidas, embora sejam portadoras da mesma natureza das cores registradas.  
  
Assim, no imenso espectro de frequências que abrange as ondas longas de rádio, chegando aos raios gama e cósmicos, a limitada visão do homem apenas seleciona mui pequena faixa, conforme referido. A audição, da mesma forma, é-lhe muito reduzida, Captando sons que ocorrem entre 16 e 20.000 vibrações por segundo, perde a criatura para os animais, com capacidade muito maior de percepção, qual lhes ocorre também, na área da visão.  
  
Não obstante, a desinformação ou má vontade teimam em associar à loucura e à neurose a presença dos registros mediúnicos. As disposições pessoais para os desequilíbrios são inatas no homem, que neles estão em gérmen, assomando e predominando como psicopatologias em todos os campos de atívidade nos quais se encontram esses indivíduos. Desse modo, é destituído de realidade o conceito que se vulgariza entre os desconhecedores do Espiritismo e, por extensão, da mediunidade, que o exercício dessa predisposição leva o seu possuidor à desarmonia mental, ou propicia-lhe má sorte, desconcertos sociais e econômicos.  
  
O desenvolvimento ou educação da mediunidade oferece uma instrumentação a mais, um sexto sentido de grande valor para complementar a precaridade de recursos e funções de que dispõe o Espírito encarnado. Certamente que um instrumento deixado ao abandono termina por perder a capacidade para a qual foi construído, danificando-se sob a ação perniciosa do tempo e do desmazelo. Com qualquer função sensorial ou paranormal ocorre o mesmo. O órgão não exercitado se atrofia, assim como a mediunidade não exercida perde os registros, a percepção paranormal.  
  
De tal realidade, para se afirmar com leviana convicção que a mesma é geradora de danos e prejuízos vai um largo pego. Os danos e insucessos, as dificuldades e os desafios, que o homem se vê compelido a enfrentar, resultam da sua conduta passada ou presente que lhe proporciona colheita equivalente às ações distribuídas. Convenhamos que a atividade mediúnica bem executada, posta a serviço do engrandecimento das criaturas da sociedade — a mediunidade espírita—, propicia goze e respeito que felicitam aquele que a aplica no bem, conforme é fácil de compreender-se, porquanto a ocorrência idêntica nas demais faixas do comportamento humano.  
  
Adicione-se que o médium diligente e generoso, sempre a serviço do bem e da iluminação das consciências além das simpatias que granjeia entre as criaturas atrai a amizade e o devotamento dos Bons Espíritos, que passar a protegê-lo e guiá-lo com sabedoria, promovendo-o, moral e espiritualmente, como efeito dos sentimentos de amor que os une na tarefa que fomenta o progresso de todos.  
  
Instrumento delicado, a mediunidade mais se afirma quanto mais exercida, granjeando melhores e mais sutis possibilidades como decorrência do exercício a que vá ser submetida. Não procedem, desse modo, as alegações a respeito de que a mediunidade é miséria psicológica ou responsável pelos danos que afligem aquelas pessoas dotadas. O conhecimento de tão peregrina função ou dom da vida auxilia o crescimento moral e o desenvolvimento psíquico, criando um clima de paz invejável, que passa a desfrutar aquele que a respeita e a utiliza corretamente.  
  
Allan Kardec afirmou com altas razões que ela é manifestação anômala, às vezes, na personalidade humana, porque especial; jamais, porém, de natureza patológica, visto que "há médiuns de saúde robusta; os doentes o são por outras causas".**

**38 - CORRENTEZA DE LUZ - J. RAUL TEIXEIRA - (espírito CAMILO) - PÁG. 61, 67, 73, 79**

**MEDIUNIDADE SALUTAR:**

**Incontestável é o fato de que no mundo, amiúde, muitos dos que buscam a informação mediúnica fazem-no movidos por interesses particulares, nem sempre nobres. Diferentes são as razões que aproximam as pessoas do fenômeno mediúnico. Quando não se acham  
pruridos vaidosos, personalistas, demarcadores de estupenda enfermidade do caráter, assistimos às buscas em torno de questões de saúde; ansiosa sede de notícias, quando do passamento de algum ente caro; melhoria das condições econômico-financeiras; perdas de objetos ou benefícios nos relacionamentos sociais, onde se pretende obter lucros de vários tipos; onde se pretende obter lucros de vários tipos; afastamento daqueles que são aparentes empeços aos interesses comuns, muitas vezes escusos.**

**E, aí, desfilaríamos um sem-número de outros motivos que levam indivíduos à procura de médiuns e mediunidades, considerados como lixívia, capaz de limpar de todos os males a alma, ou como beberagem rápida de efeito paliativo, para aqueles que se associaram aos circuitos do imediatismo ou da vulgaridade, embasados em desconcertante ignorância. Alguns movimentam-se por entre diversos cultos mediúnicos, mimoseando médiuns e contemplando os que os cercam, como se quisessem garantir direitos não conquistados, perante Entidades que se lhes associam, que valorizam adulações, prometendo auxílios que não se acham no seu campo de possibilidades, uma vez que tudo está submetido à lei de causalidade. São enganados-enganadores, sem dúvida.  
  
Geram nefárias dependências; manietam criaturas** **incipientes que desconhecem a necessidade dos esforços diários, pessoais e intransferíveis, para o encontro com a ventura. Forja-se, então, a mediunidade enfermiça, pestilenta, qual se fora um foco miasmático, onde o intercâmbio com o Além se converte, em cadeia retentora, envilecedora, conduzindo o ser para os pauis de loucura iminente, nos dédalos das obsessões, ao invés de tornar-se seara de saúde e de bênçãos.  
  
Não terá sido outro o motivo que levou o célebre Lider dos Judeus a pronunciar-se peremptório, decretando proibição e ameaças à continuidade dos contatos entre os dois planos da Vida. Em realidade, Moisés se expressa, no Deuteronômio, no capítulo dezoito, em seu versículo onze, contrariamente ao intercâmbio espiritual. Tal atitude, entrementes, é demonstrativa de que tal intercâmbio pode ocorrer, que o fenômeno pode dar-se, verdeiramente, entre os homens encarnados e os desenfaixados da carne, caso contrário, não teria sentido a referida proibição.  
  
Quando o Legislador Hebreu tomou essa providência, não tinha, certamente, a intenção de desacreditar a mediunidade, que raia como flor dos Céus sobre o mundo conturbado, naquilo que ela guarda de autêntico e sagrado. Entretanto, o seu escopo era o de coibir o excesso abusivo. Seu povo estava deseducado e a ele cabia reeducá-lo; sua gente estava limitada no discernimento, sendo seu empenho o de fazer que distinguissem do mal o bem. Formara-se uma situação em que os indivíduos não se davam mais ao esforço de pensar por si mesmos, de decidir, de ampliar-se, desejando, para todos os fins, a consulta indiscriminada ao Mundo Espiritual. Era contínua a cata das informações oniromânticas, por demais comuns ao seu tempo, da nicromancia, da hidromancia e quejandos.  
  
Era de praxe, ainda, o uso dos objetos sagrados como o urim e o tumim, complexos, que revelavam as respostas dos Espíritos. De diversos modos exoravam às orientações do Invisível, deixando de lado, muitas vezes, o dever de responsabilizar-se pelos próprios atos, de dirigir a embarcação da própria vida.  
  
Na imensa esteira do tempo que passa insofreável, muitos afirmam, vitoriosos, que Moisés proibia a dialogação com os Espíritos Defuntos, sem que compreendam suas razões, na obsessão de contestar os que reverenciam a Vida Imortal nos dias de hoje, valorizando o contato com o Além, pelas luzes do Evangelho, onde Jesus decantou as mais belas páginas de salutar mediunidade, na Sua condição de tirete luminoso entre o Criador e a criatura.**

**A prova cabal de que Moisés nada tinha contra o intercâmbio, em si, encontramo-la nos escritos do livro dos Números , quando no seu capítulo onze, nos versos vinte e sete a vinte e nove, perante a admoestação do filho de Num, Josué, contra Eldade e Medade que, nos campos de Israel, se punham na prática mediúnica, sem que estivessem fazendo parte do grupo dos setenta anciãos, selecionados pelo Grande Líder, que, no Tabernáculo, apenas eles poderiam servir de instrumentos do Mais Além. No auge do diálogo, retruca o "salvo das águas": "Quem dera se todo o povo de Israel pudesse profetar e que o Espírito do Senhor o inspirasse..." Analisados, sem cuidado, parecerão paradoxais os pronunciamentos feitos pelo mesmo homem.**

**A proibição enérgica e, ao mesmo tempo, o louvor à mediunidade. Observamos, contudo, qual era a preocupação do Missionário Hebreu. Desejaria que a mediunidade grassasse com equilíbrio, com claridade, sobre toda a gente do seu povo, mas que fosse inspirada pelo Senhor, utilizada, para o progresso e para o bem. Nos dias em que se derrama sobre a Terra a bênção do Consolador, que representa Jesus de retorno ao convívio humano, insuflando-nos bom ânimo, esperança, coragem para encetar a marcha renovadora, evocamos a figura do Guia Israelita, para concluir que, também na atualidade, carece o exercício mediúnico da disciplina, que norteia; do respeito, que valoriza;** **dos dedicados estudos, que geram entendimento; das meditações elevadas, que equilibram, a fim de que se consigam frutos sazonados da árvore da mediunidade.  
  
Foi com o Mestre Galileu, o luminoso médium de Deus, no entanto, que a Humanidade se encontrou diante dos episódios com o médium atormentado da Sinagoga de Cafarnaum; com Legião, nas montanhas da Decápolis; com o Espírito surdo-mudo, ao descer do Tabor, onde partilhara de momento de luz e paz, ladeado por Elias e pelo próprio Moisés, que retornava do Invisível, após quase um milênio e meio, como que a afirmar a grande realidade do intercurso, tanto com as almas sofredoras quanto com os Numes Eleitos.  
  
Perante a Doutrina Espírita que revive o Evangelho de Jesus, saudamos a Allan Kardec, o Apóstolo do Consolador na Terra, aquele que cantou para os ouvidos humanos as mensagens alentadoras da Codificação, norteando a lide mediúnica, balizando-a para que, com Cristo, se emancipasse pela prática do bem e pela vivência do amor ao próximo, a fim de que jamais viesse a sofrer proibições restritivas, mesmo que tentadas pêlos adversários da Verdade, em função da amadurecida e saudável atuação dos que se ofereceram para demonstrar a pujante Imortalidade, ainda que com sacrifícios, na condição de médiuns espíritas, inspirados pelo amor a Deus e ao próximo.**

**DESENVOLVIMENTO DA MEDIUNIDADE**

**Os Centros Espíritas dignos dessa titulação, enquanto realizam amadurecido trabalho na esfera dos estudos, das reflexões, para o aclaramento das concepções de vida dos indivíduos, atuam em outros variados campos, atendendo a lides bastante nobres, que exigem disposição e responsabilidade, bom senso e prontidão. No conjunto desses serviços de cooperação com a evolução gradual do ser humano, as Instituições mantêm, quase sempre, um quadro de servidores da mediunidade, prestando-se a intermediar as vozes da imortalidade que falam do Invisível para a Terra.  
  
É na faixa dessa atividade mediúnica que se apresentam inumeráveis indivíduos desejosos de se candidatar ao mister mediúnico, ansiosos por desenvolver suas faculdades psíquicas. Se o ensinamento espírita em nada se opõe a semelhante desejo, quando honesto e racional, também é certo que previne os lidadores da Doutrina para que não se enredem nas tolices de muitos que anelam por desenvolver as ditas faculdades, com o objetivo de solucionar dificuldades que lhes assinalam as existências ou mesmo por torvos pruridos da vaidade.  
  
Muitas pessoas apelam para o desenvolvimento da sua mediunidade porque não estão bem ajustadas nas questões amorosas, nas situações financeiras ou profissionais, ou, por outro lado, carregam enfermidades que lhes maceram o corpo ou que lhes acicatam a mente. Pensam, então, ouvindo conselhos aqui ou acolá, que para suprimir tudo isso têm que desenvolver-se, pois, supõem, estejam sendo castigadas por seus pretensos 'guias' ou mesmo punidos por Deus.  
  
Alguns chegam ao Centro Espírita e dizem portar um problema mediúnico para o qual necessitam encontrar solução, e o desenvolvimento se lhes apresenta como a saída mais indicada. Vale saber-se, primeiro, que a mediunidade, enquanto recurso que permite aos homens da Terra os contatos com os homens do Além, com vistas ao progresso comum, não é um problema em si mesma, podendo, isso sim, servir de filtro para os problemas trazidos por seu portador, o que ocorre, invariavelmente.  
  
De outra maneira torna-se indispensável que os diretores das tarefas mediúnicas das Instituições Espíritas, com o dever de deter acendrado conhecimento da teoria do Espiritismo, não transformem as sessões práticas que dirigem ou orientam em palcos para encenações indébitas ou em salas de tratamento de mazelas psiquiátricas ou psicológicas de pseudo-médiuns ou de médiuns verdadeiros, mas que necessitam de ajustamentos e cuidados médicos, e muitas vezes hospitalares, antes de qualquer outra coisa.  
  
Propõe O Livro dos Médiuns que não se deve forçar nenhuma eclosão de qualquer mediunidade, permitindo-se que a espontaneidade seja o selo da autenticidade, evitando-se, então, a maior incidência de explosões anímicas ou a desarvorada mistificação, todas de consequências danosas para o grupo mediúnico, uma vez que já o será, antes, para os elementos que lhes dão azo. Quando surjam esses candidatos ao desenvolvimento mediúnico, que se lhes faça conhecer as bases da Doutrina Espírita que os nortearão, pois que saberão o que sentem, porque o sentem e como deverão agir, em termos psíquicos, sempre que instigados em seus campos de registros.**

**Os acurados estudos do Espiritismo, as discussões felizes sobre a mediunidade, a troca das vibrações afetivas entre os companheiros, tudo isso ajudará o autocontrole daqueles em quem a faculdade já se apresentou com seus matizes iniciais e fará ver aos candidatos que nunca hajam sentido qualquer expressão mediúnica, o quanto existe a fazer-se para lá da sessão mediúnica, esperando as mãos e a boa vontade.  
  
Daqui como dali virão pessoas dizer que estão sofrendo crises de angústia e depressão. Não será isso mediunidade, propriamente, podendo exprimir algum desgaste psicológico, alguma atuação obsessiva, a pedir vigilância e oração ou, ainda, um processo inconsciente de regressão, solicitando ajuda de conveniente terapia. Ocorrerão casos de indivíduos que estarão sempre de corpos suados e álgidos. Não será tal coisa indício obrigatório de mediunidade a desenvolver-se. Poderá indicar distúrbios do sistema nervoso vegetativo, que uma segura orientação médica resolverá.  
  
Haverá exemplos desse e daquele que sofre desmaios em momentos os mais inesperados, constatando-se arritmias nas pulsações elétricas do cérebro. Tão pouco isso será, fatalmente, motivo para desenvolver-se mediunicamente. Um exame detido e sério poderá acenar com a necessidade de tratamento médico para processos esquizofrênicos ou epilépticos e outros, que podem forjar um falso quadro mediúnico.  
  
Fortes cefalalgias, que foram progredindo sem que os analgésicos comuns conseguissem mais dar conta, longe estão de ser mostra de mediunidade, forçosamente. As providências tomadas a tempo poderão sustar processos tumorosos do cérebro ou de outras partes do sistema nervoso central, que se fariam inoperáveis, quando se relaxassem cuidados. Escutar zumbidos indefinidos e sofrer banzeiras, podem mostrar danos no labirinto; "ver estrelas" ou vultos sem sentido, pode apontar dificuldades de visão, problemas oftálmicos, sem que expressem necessariamente faculdade mediúnica.**

**No entanto, nas faixas de ocorrências mediúnicas, podem mesclar-se esses múltiplos episódios, na dependência da intensidade dos débitos espirituais do indivíduo, sem que, a seu turno, a eclosão da mediunidade tenha que se estabelecer com um lastro de perturbações de variada ordem, como passou a ser moda admitir-se.**

**Importante considerar, ainda que, à medida que se aperfeiçoa o indivíduo, quanto mais aprende, cresce e se ilumina, mais se desenvolve como pessoa, mais sua faculdade mediúnica assimila esse aprimoramento, fazendo com que os candidatos ao desenvolvimento mediúnico anelem, paralelamente, por avançar para Deus, com alegria e coragem, para converter o ser vicioso e acomodado em decidido estafeta da operosidade e da luz.**

**INSTRUMENTO MEDIÚNICO**

**No esforço de cooperar com os Prepostos de Jesus, no socorro aos irmãos enfermos do Mundo Invisível e aos atormentados do carreiro humano, não se deve descurar das responsabilidades que cabem a cada um. Compreendendo-se transe mediúnico como um processo de ligação psicoelétrica, baseada na estrutura do sistema nervoso central e nas diferentes propriedades do corpo perispiritual, é notória a participação do ser humano, como um todo, a fim de que tudo ocorra dentro dos níveis de maturidade e engrandecimento que se fazem necessários.**

**O cirurgião atenderá à cirurgia, previamente marcada, a fim de socorrer o paciente necessitado. Porém, se esse paciente não se impuser as disciplinas devidas, orientadas pelo profissional, não poderá aguardar bom êxito do empreendimento médico, e, certamente, estará correndo riscos imprevisíveis que seriam desnecessários.  
  
O engenheiro calculará todo o material a utilizar-se em importante construção, para o progresso coletivo e para o benefício geral. Entretanto, se os empregados utilizarem material de má qualidade, fora das especificações, e não respeitarem as bases calculadas e as normas prescritas, não se queixarão, mais tarde, dos prejuízos conseguidos ou dos desastres havidos em função da incúria. O professor tudo fará pelo aprendizado do aluno, orientando estudos, indicando literaturas, acompanhando-lhe os passos na esfera dos seus conhecimentos e habilidades. No entanto, se o discípulo se apresenta negligente, irresponsável à frente das lições com que deveria se ilustrar, não poderá admirar-se das reprovações nem dos processos de dependência, que o impedirão de avançar.  
  
Em mediunidade dá-se algo muito similar. Os Irmãos do Infinito recomendam cuidados e disciplinas, reflexão e estudo, vivência sã e bom senso, a fim de proporcionar excelentes ocasiões de bom atendimento, com Cristo, bem como dando oportunidade ao próprio crescimento do intermediário encarnado. Mas, se tais sugestões não forem atendidas, se o medianeiro não se dá ao trabalho do brunimento próprio, estudando para melhor compreender, meditando, a fim de conhecer o próprio íntimo, não se poderá queixar da faixa de tormentos em que se fixará, nem deverá evocar proteção superior se, ao seu turno, deixa-se à matroca, aconselhando-se com a preguiça e a intemperança que são, entre outros fatores, portas abertas às obsessões.  
  
Todo e qualquer médium é responsável pela qualidade do fenômeno que veicula. Assim, na tua movimentação diária, ouvirás sobre todos os assuntos e temas que chegarão aos teus ouvidos por meio de conversas variadas e noticiários, agradáveis uns, enfadonhos outros, infelizes muitos. Entretanto, procurarás selecionar os elementos que te possam enriquecer o entendimento das coisas, deixando em plano secundário, quando não os consigas esquecer, tudo que te possa perturbar a mente, considerando os teus compromissos psíquicos.  
  
Recolherás na retina as imagens variadas do cotidiano. As cenas grotescas da violência nas ruas; a crueza da indiferença e do desrespeito em muitos setores de atendimento público; os rituais apelativos do erotismo nas bancas de revistas e jornais, nos gestos e nas vestimentas; a miséria que habita sarjetas e guetos infectos quanto os excessos dos que exibem poder e pompa, em pleno delírio da vaidade. Saberás classificar cada quadro e seus matizes a fim de que não te aturdas, nem te desequilibres, embora nem sempre te possas evadir dos constrangimentos e indignações compreensíveis na tua experiência humana, mas que deverás controlar pensando na interferência perturbatória que poderás sofrer em teus deveres psíquicos.**

**Viverás os conflitos do próprio íntimo, perante as circunstâncias mais diferentes. A medida que passem os dias, buscarás aprofundar o conhecimento de ti mesmo, evitando que tais embates, entre os valores e os desvalores da alma, provoquem desarmonias nas experiências do psiquismo sob tua responsabilidade. Desse modo, os comunicantes espirituais poderão ser alucinados de dor ou de revolta, poderão estar embotados pela amargura ou se encontrar em explosões de violência, porque o médium contará com a possibilidade de vigilância, procurando filtrar devidamente, coerentemente, o comunicado de que se vê instrumento, em virtude dos exercícios de orgazação mental e disciplina moral que realiza todos os dias, na pauta da sua atividade humana.  
  
Muitos são os que procuram informações quanto aos modos pelos quais se poderá melhor desenvolver a mediunidade, ou educá-la, para servir com maior proveito. É necessário se entenda, nesse caso, que à medida que o indivíduo com deveres mediúnicos se renova e se amplia, como criatura humana, quanto mais se aprimora como ser, mais conhecendo, mais amando, mais sentindo e sendo melhor pessoa, obviamente suas características mediúnicas, sejam quais forem, igualmente se desenvolverão.  
  
Não há milagres sob os Céus. Tudo é fruto de ingentes esforços, de árduos trabalhos em prol da evolução desejada. Quando te ponhas no labor da mediunidade, saibas que os pruridos de inarmonia que te visitem, vindos do exterior, os excessos de que sejas veículo ou as impropriedades morais às quais te acomodes, correrão por tua conta, uma vez que o Senhor te confia os talentos mediúnicos para que, sabendo usá-los para o teu e para o bem de todos, faças-te cooperador consciente e digno da construção do Reino de Luz a ser inaugurado na Terra, logo mais, com a tua participação efetiva.**

**MEDIUNIDADE E ORGANISMO**

**Por mais que um grande contingente de companheiros das lides mediúnicas continue a afirmar a sua estranheza ou incompreensão, ante os ensinamentos apresentados nas páginas lúcidas de O Livro dos Médiuns, o fato é que as expressões de Allan Kardec seguem eivadas de lógica e correção, que necessitam do devido entendimento.  
  
O referido ensino é o que se reporta à mediunidade como uma faculdade radicada no organismo. A partir daí sobrevêm uma série de acaloradas discussões ou pertinazes processos de frieza à frente de tal pronunciamento do Codificador. O costume do indivíduo de não associar a experiência mediúnica ao organismo do médium, vendo-a somente como algo relativo ao Espírito, absolutizando indevidamente a situação, provoca-lhe dificuldades na compreensão da questão.  
  
O que ocorre, porém, por outro lado, é que tudo está correto e nobremente situado pelo notável mestre de Lion. Sem qualquer dificuldade, compreender-se-á que toda percepção do Invisível, isto é, toda captação da presença dos Sempre Vivos, é detectada pelo Espírito. É a alma que possui os instrumentos para fazer os registros provenientes de outras almas. No entanto, parece-nos de fácil compreensão que a exteriorização dessa captação estará em função do corpo somático.  
  
A sistematização neurológica deverá ser** **responsável por deixar jorrar para o exterior a luz da apreensão espiritual. Todo o material assimilado pela alma do médium escorrerá por meio dos canais nervosos, pelo organismo que ele enverga, a ponto de sentir que não haveria a corporificação do fenômeno sem a cooperação do corpo fisiológico. Utilizemo-nos de algum exemplo singelo, mas que tem tudo para ajudar na compreensão da questão.  
  
Um exímio pianista, detentor de grandiosos talentos, de admirado virtuosismo, somente poderá exprimir a sua arte, com perfeição, no caso em que lhe seja oferecido um piano de excelentes qualidades. Caso não se dê tal oferecimento, deveremos admitir que, por mais notável seja o intérprete, não logrará dar provas da sua capacidade uma vez que se utiliza de um instrumento inferior, defeituoso, impróprio para o mister desejado. Cada corpo funciona como um instrumento e cada Espírito será o intérprete da mensagem captada.  
  
Qualquer indivíduo que reencarne com projeto de atuar na esfera da mediunidade ostensiva, portando, então, o compromisso mediúnico em sua folha de deveres, necessitará de um corpo físico que lhe possibilite a exteriorização da faculdade psíquica.  
  
O sistema nervoso do futuro médium, tanto o central quanto o periférico, e aqui não nos deteremos em minúcias que poderiam tornar mais complexa a compreensão do que desejamos aclarar, é ajustado de tal maneira que o mínimo contato fluídico ou envolvimento psíquico dos desencarnados sobre ele, imponha-lhe percepções automáticas do Invisível. Daí o encontrarmos portadores da faculdade mediúnica que exprimem seu descontentamento com a sua condição. Dizem, agora que estão na Terra esquecidos do seu pretérito de enormes carências, que desejariam sustar esses registros, pelos incômodos que lhes proporcionam, e desfilam um rosário de irrefletidas razões.**

**Outros, não obstante, vivem ansiando por semelhantes registros mediúnicos, sem que a sua organização neuro-psíquica lhes permita. Não sentem coisa alguma num nível que se possa considerar mediúnico. Tendo-se a mediunidade como passível de exteriorizar-se, graças ao perispírito, a túnica eletromagnética do Espírito, e sendo ele ligado ao corpo físico célula por célula, é compreensível que, quando um Espírito comunicante faz vibrar o perispírito, por meio das energias que consegue movimentar, as células orgânicas acompanhem-no num processo de ressonância perfeito.  
  
É por causa dessa ressonância que as células liberam suas substâncias, desde os processos de sudorese abundante e fria até os componentes citoplásmicos, que formarão o ectoplasma, segundo a nomenclatura de Charles Richet, componentes esses que podem ser ricos em moléculas de A.D.P ou de A.T.P , que propiciarão as ocorrências de ectoplasmias luminosas, quando os médiuns sejam de efeitos físicos.  
  
A intensidade de vibração do perispírito determinará a intensidade de ressonância celular que, por seu turno, expressará a intensidade da exteriorização do fenômeno. É essa interação perispírito-corpo físico que imporá o nível de aprofundamento do transe mediúnico, observando-se que se há maior liberação nervosa dos registros perispirituais, a mostragem do comunicante é mais nítida, mais comprobatória, enfim.  
  
Se em todos os fenômenos mediúnicos é o organismo, representado pelo sistema nervoso, que dá o tom da ocorrência, sem qualquer hesitação, podemos crer que os ditos fenômenos dependem do corpo do médium para que se manifestem. É por isso que na formosura de O Livro dos Médiuns, no item 159, do capítulo XIV, o Codificador informa que "usualmente, só se qualificam como médiuns, aqueles em quem a faculdade mediúnica se mostra bem caracterizada e se traduz por efeitos patentes, de certa intensidade, o que então depende de uma organização mais ou menos sensitiva".  
  
Uma vez que a maior ou menor interação perispírito-corpo físico está na dependência das conquistas gerais anteriores, das necessidades, méritos e deméritos de cada pessoa, teremos aí um maior ou menor grau de sensibilidade dos médiuns, chegando a compreender o porquê da variedade enorme de médiuns, tanto no tipo de manifestações que produzem quanto na intensidade em que as podem produzir.  
  
Urge estudar mais detidamente a questão, para que o entendimento se faça e o brilho transcendente desse Tratado de Espiritismo Experimental seja percebido, definitivamente, como roteiro seguro para todos os que se lançam nesses labores felizes da mediunidade a serviço da implantação do Bem sobre o mundo.**

|  |  |
| --- | --- |
| **MEMÓRIA** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- A crise da morte - pág. 65** | **02 - A evolução anímica - pág. 123, 135** |
| **03 - A loucura sob novo prisma - pág. 18** | **04 - A reencarnação - pág. 121, 141, 291** |
| **05 - A tragédia de Santa Maria - pág. 62** | **06 - Ação e Reação - pág. 33** |
| **07 - Almas em desfile - pág. 185** | **08 - Alquimia da mente - pág. 60** |
| **09 - Análise das coisas - pág. 55** | **10 - Auto desobsessão - pág. 14** |
| **11 - Busca do campo esp. pela ciência - pág. 87** | **12 - Caridade do verbo - pág. 55, 79** |
| **13 - Ciência e Espiritismo - pág. 128** | **14 - Curso dinâmico de espiritismo - pág. 118** |
| **15 - Da alma Humana - pág. 63, 84, 93** | **16 - Depois da morte - pág. 145** |
| **17 - Dramas da obsessão - pág. 41, 57** | **18 - E a vida continua - pág. 84** |
| **19 - Emmanuel - pág. 81, 133** | **20 - Entre a Terra e o céu - pág. 54, 82** |
| **21 - Espírito, perispirito e alma - pág. 90, 115** | **22 - Estudos Espíritas - pág. 48, 73** |
| **23 - Evolução em dois mundos - pág. 68** | **24 - Falando à Terra - pág. 94** |
| **25 - Gênese da alma - pág. 37, 86** | **26 - Hipnotismo e espiritismo - pág. 30** |
| **27 - Joana D'Arc - pág. 213** | **28 - Na seara do Mestre - pág. 113** |
| **29 - O céu e o inferno - pág. 249** | **30 - O consolador - pág. 41, 81** |
| **31 - O espírito do cristianismo - pág.6** | **32 - O exilado - pág. 132** |
| **33 - O homem novo - pág. 103** | **34 - O que é o espiritismo - pág. 154** |
| **35 - Oferenda - pág. 150** | **36 - Religião dos Espiritos - pág. 21** |
| **37 - Saúde e Espiritismo - pág. 99** | **38 - Universo e vida - pág. 55, 79** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**MEMÓRIA** **– COMPILAÇÃO**

**02 - A evolução anímica - Gabriel Delanne - pág. 123, 135**

**CAPITULO IV - A MEMÓRIA E AS PERSONALIDADES MÚLTIPLAS  
A antiga e a nova psicologia  
No estudo da alma, a velha psicologia servia-se exclusivamente do senso íntimo. Afigurava-se-lhe racional, para conhecê-lo, estudar o ego pensante, em si mesmo, examinar os diferentes atos da vida do espírito, classificá-los segundo a sua natureza e examinar as relações existentes entre eles. Assim remota antiguidade aos nossos dias. Tal método, porém, não basta à explicação de muitos fenômenos intelectuais. Não se pode conciliar, por exemplo, à natureza da alma com a vida intelectual inconsciente, que, no entanto, forma a base do nosso espírito, visto não ser possível presumir estados inconscientes no que é, de si mesmo, consciente.  
  
Os progressos da fisiologia contemporânea evidenciaram a ligação íntima da alma com o corpo. Ficou assentado, extreme de quaisquer dúvidas, que as manifestações do Espírito encarnado são absolutamente dependentes do sistema nervoso. Ela, a fisiologia, demonstrou, com provas e contraprovas, que toda a alteração ou destruição do elemento nervoso acarretava distúrbios e mesmo supressão de manifestações intelectuais. Mais adiante, veremos que a destruição de certas partes do cérebro determina a perda da palavra articulada, do conhecimento da palavra escrita, ou paralisa a audição da palavra falada, conforme a parte do encéfalo lesada.  
  
Essa correlação do estado mórbido do corpo com o desaparecimento de uma fração do intelecto, e, nos casos de cura, o restabelecimento da função coincidindo com a restauração dos tecidos, é a base da doutrina materialista, que faz da alma uma função do cérebro.  
  
Não nos demoraremos no exame e confutação dessa teoria, porque há, em contradita, um fato peremptório, que demonstra haver pensamento sem cérebro, qual o da manifestação do Espírito após a morte. Entretanto, os fisiologistas, com o procurarem as bases físicas do espírito, prestaram-nos um grande serviço.  
  
Já dissemos que o perispírito é o molde do corpo. Estudar, pois, as modificações do sistema nervoso vale por estudar o funcionamento do perispírito, do qual esse sistema nervoso mais não é que uma reprodução material. A força vital que impregna simultaneamente a matéria organizada e o perispírito é o agente intermediário do corpo e da alma. Qualquer modificação na substância física produzirá modificação da força vital, que, por sua vez, modificará o perispírito, nas mesmas condições de variação que sofrerá em si mesma.  
  
E, como esta força vital necessita de um suporte, de um substrato material, é no perispírito que ela o encontra, de sorte que as alterações sobrevindas ao corpo físico poderão ser conservadas, reproduzidas, mau grado às mutações perpétuas das moléculas orgânicas. Em suma: a velha psicologia, fazendo da alma uma substância material, ficava reduzida a uma impotência absoluta para explicar a ação da alma sobre o corpo.  
  
Depois de se haver afadigado em demonstrar que uma e outro nada tinham de comum, não conseguia tornar compreensíveis as reações mútuas e incessantes. Os maiores gênios, os espíritos mais argutos, com Leibniz e Malebranche; fracassaram no tentame, por isso que ignoravam a verdadeira natureza da alma, que o Espiritismo veio revelar-nos.  
  
Os materialistas, a seu turno, negando sistematicamente a realidade da alma e limitando-se a considerá-la não mais que uma emanação, um resultado do sistema nervoso psíquico, não podem fazer compreensível o eu, o que se conhece a si mesmo — fenômeno este transcendente, que lhes escapa, dado que nada se lhe pode comparar em a natureza física. Assim, ficam reduzidos a imaginar teorias inverossímeis, quando pretendem conciliar a perpetuidade da lembrança com o renovamento incessante do organismo, ou ainda, a transformação de uma sensação em percepção.  
  
Podemos, então, desde logo, emparelhá-los com os espiritualistas, visto que nem uns nem outros explicam corretamente os fatos psíquicos, só encarando unilateralmente a questão. Pois o Espiritismo vem conciliar essas doutrinas tão antagônicas. A noção de perispírito — nunca é demais repeti-lo — não é uma inventiva humana, uma concepção filosófica adrede destinada a remover todas as dificuldades, a fim de as extinguir, mas, antes, uma realidade física, um órgão até então ignorado, e que, por sua composição física, tanto quanto pela função que exerce no homem, explica todas as anomalias que as investigações de sábios e filósofos jamais puderam dilucidar.  
  
A indestrutibilidade e a estabilidade constitucional do perispírito fazem dele o conservador das formas orgânicas; graças a ele, compreendemos que os tecidos possam renovar-se, ocupando os novos o lugar exato dos antigos, e daí a manutenção da forma física, tanto interna como externa. Com ele, concebemos perfeitamente que uma alteração interna, como a produzida nas células nervosas pelas sensações do exterior, pode ser conservada e reproduzida, visto que a nova célula se constrói com a modificação registrada no envoltório fluídico.  
  
O princípio vital é o motor do perispírito; é ele que lhe desenvolve as energias latentes e lhe ministra atividade durante a vida. Admitida a sua realidade, compreensível se torna a evolução dos seres: nascimento, crescimento, maturidade, decrepitude, morte. Alma e perispírito não fazem mais que um todo indissolúvel, e, se nós os distinguimos, é porque só a alma é inteligente, quer e sente. O invólucro é a sua parte material, o que vale dizer passiva: é a sede dos estados conscienciais pretéritos, o armazém das lembranças, a retorta em que se processa a memória de fixação, e é nele que o espírito se abastece, quando necessita de cabedais intelectuais para raciocinar, imaginar, comparar, deduzir, etc.**

**Também receptáculo de imagens mentais, é nele que reside, finalmente, a memória orgânica e inconsciente. O espírito é a forma ativa, o perispírito a passiva, e ambas, em seus aspectos, nos representam todo o princípio pensante. Vamos, tanto quanto possível, pôr em destaque estes caracteres particulares, e, uma vez melhor conhecida a natureza da alma, não mais ficaremos surpresos de ver desaparecerem por matizes insensíveis, pouco a pouco, os fenômenos conscientes, fundindo-se no inconsciente.  
  
Compreender-se-á melhor, então, o mecanismo da memória orgânica, e ninguém se admirará de vê-la assimilada à memória psíquica. Elas são da mesma natureza, possuem o mesmo território, formam-se pelos mesmos processos, adquirem-se e perdem-se de igual maneira.  
  
Sensação e percepção  
Neste estudo e no subsequente, recorreremos às investigações dos cientistas contemporâneos, respigando em seus estudos, tão claros e convincentes, mas, precatando-nos para introduzir, na boa medida, o elemento perispírito, tornando, assim, compreensíveis os fenômenos, e dando-lhes uma explicação lógica, que de outra forma lhes faltaria. Distingamos, preliminarmente, a sensação da percepção.  
  
Quando um agente externo impressiona os sentidos, produz-se no aparelho sensorial uma certa alteração a que chamamos sensação. Essa modificação é transmitida ao cérebro pelos nervos sensitivos e, depois de um trajeto mais ou menos longo, chega às camadas corticais. Nesse instante, dois casos podem apresentar-se: ou bem a alma toma conhecimento da alteração sobrevinda ao organismo e dizemos que há percepção, ou bem a alma não é advertida da ocorrência, a sensação registra-se sem embargo, mas fica inconsciente. Como anteriormente observamos, essa transformação da sensação (fenômeno físico) em percepção (fenômeno psíquico) torna-se absolutamente inexplicável desde que se não admita a existência do eu, ou seja, do ser consciente.  
  
Isto posto, examinemos mais atentos os fatos sucessivos que se encadeiam, do choque inicial à percepção. Já sabemos que tudo é movimento na natureza. Os corpos que nos parecem em repouso não o estão nem exteriormente, de vez que participam do movimento da Terra, nem interiormente, de vez que as moléculas são incessantemente agitadas por forças invisíveis, que lhes dão as suas propriedades físicas particulares: estados sólidos, líquidos, gasosos e, para os sólidos, consistência, brilho, cor, etc.  
  
Também os tecidos do corpo estão em movimento, e, durante a longa travessia pelas formas inferiores, vimos como certas partes do corpo se diferenciaram pouco a pouco do conjunto, para engendrar os órgãos dos sentidos. Essas modificações fixadas no perispírito iam cada vez mais encarnando-se na substância, à medida que aumentava o número de passagens pela Terra, e nós verificamos que não foram necessários menos do que milhões de anos para graduar o organismo ao nível em que o vemos hoje.  
  
Qual a natureza das modificações produzidas? Ensaiemos demonstrar que ela reside nos movimentos. Toda sensação — visual, auditiva, tátil ou gustativa — procede, originariamente de um movimento vibratório do aparelho receptor. O raio luminoso que impressiona a retina, o som que faz vibrar o tímpano, a irritação dos nervos periféricos da sensibilidade, tudo isso se traduz por um movimento, diferente, segundo a natureza e a intensidade do excitante.**

**O abalo propaga-se ao longo dos nervos sensitivos e, depois de um certo percurso no cérebro, chega, conforme a natureza da irritação, a uma zona especial da camada cortical, sendo aí que o movimento origina a percepção. Tocamos, aqui, no ponto obscuro, pois nenhum filósofo, nenhum naturalista pôde jamais explicar o que então ocorre.  
  
Uns, como Luys, dizem que a força exalta-se, espiritualiza-se, o que vale por nada dizer; outros se contentam em dizer que a percepção pertence ao sistema neuropsíquico, quando modificado de certa maneira, o que vale por dotar a matéria das faculdades da alma, sem que nenhuma indução o justifique. A célula nervosa é o elemento que recolhe, armazena e reage.  
  
Operará por vibrações, como a corda tensa que oscila, quando deslocada da posição de equilíbrio? Ou, antes, consistirá o fenômeno numa decomposição química do protoplasma? É questão não resolvida, mas o que há de certo é que uma alteração ocorreu. Desde então, a força vital modificou-se num certo sentido, sofreu um movimento vibratório particular, este se comunicou ao perispírito. É então que se dá o fenômeno da percepção, se a atenção for despertada.  
  
O Espírito não conhece diretamente o mundo exterior. Entaipado num corpo material, não percebe os objetos circundantes senão pelos sentidos, que lhos revelam. Ora, a luz, o som, só lhe chegam sob a forma de vibrações, diferentes segundo a cor, para a vista, e segundo a intensidade, para o som. Ele atribui um nome a tal ou qual natureza de vibrações, mas não conhece intrinsecamente a luz nem o som.  
  
Exemplificando: a luz vermelha tem vibrações diferentes, em número, da luz violeta, e desde a infância nos ensinaram que a tal espécie de vibrações chama-se vermelho, e a tal outra, violeta. Pela mesma razão, tal vibração deverá atribuir-se ao som, aos odores, aos sabores, etc.: de sorte que o espírito não vê, mas sente a vibração correspondente ao vermelho; não sente tal odor, mas percebe a vibração que o determina, e o que lhe dá a impressão de uma nota musical é o número de vibrações perispirituais que, num segundo, correspondem a esse som.  
  
O que dizemos de uma cor aplica-se a todas as cores, de modo que o globo ocular, que recebe milhões de vibrações diferentes, ao contemplar uma paisagem, ao ver uma ópera, transmite ao cérebro milhões de movimentos vibratórios, que se registram em sua substância e no seu perispírito, ao mesmo tempo e de um modo indelével.  
  
Já houve quem comparasse a célula psíquica ao fósforo, que, depois de sofrer a ação da luz, permanece luminoso na obscuridade. Nós, porém, como analogia, preferimos a comparação da placa sensível, que, impressionada pela luz, conserva para sempre, graças a uma reação química, fixo e indelével o traço da excitação luminosa.  
  
Poder-se-á superpor nessa placa uma série de imagens, e qualquer que seja o número destas, em se sobrepondo incessantemente às precedentes, não as apagarão jamais. Haverá sempre uma adição, um amontoamento de imagens e nunca uma destruição, uma extinção das primitivas pelas supervenientes.  
  
Todo mundo está de acordo em que as modificações produzidas nas células são permanentes. Maudsley diz: "Na célula modificada produz-se uma aptidão e com ela uma diferenciação do elemento, ainda que nos não assista razão para acreditar que, originariamente, esse elemento diferisse das células nervosas homólogas."  
  
Delboeuf opina: "Toda impressão deixa um traço inapagável, isto é: uma vez diversamente dispostas e forçadas a vibrar de outro modo, as moléculas jamais retornarão ao estado primitivo." E Richet : "Assim como na natureza não há, jamais, perda de energia cósmica, mas, apenas, transformação incessante, assim também nada se perde do que abala o espírito humano.  
  
"É a lei de conservação da energia, sob um ponto de vista diferente. Os mares ainda se agitam do sulco neles deixado pelas galeras de Pompeu, pois o abalo equóreo não se perdeu e apenas se modificou, difundiu-se, transformou-se em infinidade de pequenas ondas, que, a seu turno, se transmudaram em calor, em ações químicas ou elétricas. Semelhantemente, as sensações que abalaram o meu espírito há 20 ou 30 anos, deixaram-me o seu sulco, ainda que esse sulco seja desconhecido de mim mesmo.**

**Então, mesmo que não possa evocar a sua lembrança, ignorada e inconsciente em mim, posso afirmar que ela não se extinguiu e que essas velhas sensações, infinitas em número e variedades, exerceram sobre mim uma influência assaz poderosa." É fato averiguado que a repetição de palavras e frases de um idioma acaba por tornar-se uma operação automática para o espírito. Ele não mais procura palavras e frases, que lhe acorrem de si mesmas. É uma verdade incontroversa, máxime em se tratando da língua materna.**

**A memória consciente se esvanece e perde-se no inconsciente. Pois o que sucede com a linguagem ocorre com qualquer outra aquisição intelectual, seja matemática, física ou química, etc. Em todos nós, a tábua de multiplicação tornou-se automática; e, contudo, começamos por decorá-la conscientemente. Estas afirmativas colocam-nos justo em face do problema que assinalamos — a ressurreição das lembranças prístinas, a despeito da renovação integral e global das células.  
  
Maudsley presume que a rapidez extraordinária das permutas nutritivas do cérebro, parecendo, à primeira vista, uma causa de instabilidade, explica, ao contrário, a fixação das lembranças: "A reparação, efetuando-se sobre o trajeto modificado, serve para registrar a experiência. Não é uma simples integrara-se de um modo especial, o que faz com que a modalidade produzida seja, por assim dizer, incorporada ou encarnada na estrutura do encéfalo."  
  
De acordo, quanto ao resultado. Também acreditamos que os novos movimentos perispirituais, os que houverem sido determinados pela modificação da força vital da célula destruída, imprimem às células que se reformam as mesmas modificações que influenciaram as primeiras. Mas, se não houver perispírito, que será que imprime nas células novas o antigo movimento? É a eterna questão: quem faz a restauração? Poder-se-á presumir não seja a célula inteiramente destruída; que o seu remanescente tomou o novo movimento e que as moléculas substituintes adotem o novo ritmo vibratório.  
  
Vamos supor que assim seja. Mas, em se dando nova permuta, haverá, necessariamente, diminuição de intensidade: 1.° por causa do tempo transcorrido; 2.° por causa da inércia das antigas moléculas a vencer. Renovada inúmeras vezes a operação — o que é tanto mais certo quanto extrema é a rapidez das permutas nutritivas —, o movimento primordial será tão fraco que se poderá dizê-lo quase desaparecido. E o que é verdade para uma célula também o é para um conjunto de células, de sorte que as sensações delas dependentes, e que, por associação, formam uma lembrança, ficarão quase apagadas na velhice do indivíduo. Tais lembranças deveriam, pois, ser as primeiras a desaparecerem.**

**Ora, o que se verifica é justamente o contrário, de vez que, nas pessoas idosas, as lembranças da infância são as mais persistentes.  
Em suma: se adotássemos essa hipótese, nenhuma sensação poderia conservar-se no ser, senão por tempo assaz limitado. Demonstrando-nos a experiência que assim não é, importa procurarmos outra explicação. Quando afirmamos ser no perispírito que reside a conservação do movimento, damos como prova direta a manifestação da alma após a morte.**

**Ela, a alma, se nos revela dotada de todas as faculdades e lembranças, não apenas de sua última encarnação, mas abrangendo longos períodos pretéritos. Acreditamo-nos, portanto, mais próximos de uma explicação adequada aos fatos do que aqueles que atribuem o pensamento à massa fosfórica de há muito destruída, quando a alma é imortal. (...)  
  
04 - A reencarnação - Gabriel Delanne - pág. 121, 141, 291**

**CAPÍTULO VI - A MEMÓRIA INTEGRAL  
A memória integral  
Como terei de estudar os fenômenos que tendem a firmar a realidade das existências anteriores na Humanidade, e como esta demonstração repousa, em parte, na ressurreição das lembranças do passado, parece-me indispensável estabelecer que a memória não é uma faculdade simplesmente orgânica, ligada à substância do cérebro, mas que reside, ao contrário, nessa parte indestrutível, a que os espiritistas chamam perispírito.  
  
Se isto é certo, a alma, reencarnando-se, traz consigo, de forma latente, todas as lembranças de suas vidas anteriores, e, então, ser-lhe-á possível, por vezes e excepcionalmente, ter reminiscências do seu antigo passado. Assim como, em certas pessoas, consegue-se fazer renascer a memória de acontecimentos de sua vida atual, inteiramente desaparecidos da consciência normal, do mesmo modo poder-se-á, por vezes, penetrar até às profundezas desses arquivos ancestrais, que, a justo título, será possível qualificar de memória integral.  
  
Não se trata, de fazer aqui um estudo completo da memória, porque esse trabalho exigiria muito mais espaço de que aquele de que dispõe esta obra. Bastar-me-á assinalar alguns fenômenos importantes, que demonstrarão, segundo penso, com evidência, que tudo o que age sobre o ser humano, nele se grava de maneira indelével; que esta conservação não reside, como ensina a Psicologia oficial, nos centros nervosos, mas nessa parte imperecível do ser, que o individualiza, e do qual é inseparável.  
  
Para que tal afirmação não pareça excessiva, é preciso lembrar que as aparições materializadas, reconstituindo temporariamente o antigo corpo material que tinham na Terra, com todos os seus caracteres anatômicos, provam que elas têm sempre o poder organizador, que dá ao invólucro carnal sua forma e suas propriedades; e todas as faculdades intelectuais são igualmente reconstituídas, quando o Espírito se torna completamente senhor do processo de materialização, porque, muitas vezes, o fantasma fala, escreve, e seu estilo, assim como sua grafia, são idênticos aos que possuía quando vivo.**

**Assim, pois, a memória e o mecanismo ideomotor da escrita se conservam depois da morte, prestes a manifestar-se de novo, fisicamente, quando as circunstâncias o permitem. Não é somente, portanto, no sistema nervoso, que se registram todas essas aquisições, porque a morte o destrói, e o ser que sobrevive traz consigo suas associações dinâmicas e suas recordações.  
  
O caso de Estela Livermore, que escreveu, sob os olhos do marido, mais de duzentas mensagens, depois de sua morte, mostra, com evidência, não só a conservação de sua personalidade, mas também que as lembranças nada perderam de sua integridade, pois que, apesar de americana, ela conservou, depois da morte, o conhecimento da língua francesa, que possuía em vida, e as mensagens são autógrafos inteiramente idênticos à sua escrita, quando viva.  
  
Este fato é confirmado por muitos outros obtidos, ou por médiuns mecânicos, ou pela escrita direta entre ardósias, de sorte que podemos, nós, espiritistas, afirmar que todas as aquisições espirituais, feitas durante a vida, não estão localizadas no encéfalo, mas no duplo fluídico, que é o verdadeiro corpo da alma. Assim sendo, qual o papel do sistema nervoso, durante a vida?  
  
É incontestável que a integridade da memória está ligada ao bom funcionamento do cérebro, porque muitas moléstias que atingem esse órgão têm como resultado enfraquecer e mesmo suprimir, completamente, a memória dos acontecimentos recentes, em totalidade ou em parte. Parece, pois, evidente, que, durante a vida, o cérebro é uma condição indispensável da memória. Mas aqui intervém uma segunda consideração, que me parece também da mais alta importância.**

**É que o esquecimento que se verifica durante o curso da vida, ou depois das desordens orgânicas, não é fundamental, irredutível, mas aparente, visto que, por meio de diversos processos, é possível, por vezes, fazer renascerem essas lembranças, que pareciam aniquiladas para sempre. Vamos demonstrá-lo por diversos exemplos. Antes, porém, não é inútil lembrar algumas noções muito gerais, relativas a esse fenômeno misterioso, que ressuscita o passado e no-lo torna, por assim dizer, atual.  
  
Segundo Ribot, a memória compreende, na acepção corrente da palavra: a conservação de certos estados, sua reprodução, sua localização no passado. Isto não é, entretanto, senão uma espécie de memória, a que se pode chamar perfeita. Aqueles três elementos são de valor desigual; os dois primeiros são necessários, indispensáveis; o terceiro, que na linguagem de escola se chama de reconhecimento, completa a memória, mas não a constitui.  
  
O fato me parece tanto mais verdadeiro, quanto a lembrança está ligada, durante a vida, ao bom funcionamento do sistema nervoso. Mas, se a memória parece falha, não quer isto dizer que as lembranças fiquem aniquiladas, senão que o poder de as acordar foi momentaneamente paralisado, e que pode reaparecer quando as causas que o suprimiram cessarem de existir.  
  
O termo geral de memória compreende muitas variedades, e, entre os diversos indivíduos, o poder de renovação das sensações antigas é muito diferente. Uns possuem a memória visual muito desenvolvida, como os pintores Horace Vernet ou Gustave Dor é, que podiam fazer um retrato de memória; em outros é o senso musical que atinge alto grau de perfeição, como Mozart, que escreveu o "Miserere" da Capela Sistina, tendo-o ouvido apenas duas vezes.  
  
Entretanto, para que uma sensação fique registrada em nós, duas condições, pelo menos, são necessárias: a intensidade e a duração.  
Eis, segundo Ribot, a importância desses dois fatores: "A intensidade é uma condição de caráter muito variado. Nossos estados de consciência lutam sem cessar para se suplantarem; a vitória pode resultar da força do vencedor ou da fraqueza dos outros lutadores. Sabemos que o mais vivo estado pode decrescer continuamente, até o momento em que cai abaixo do umbral da consciência, isto é, em que uma de suas condições de existência faz falta.**

**É bem certo dizer que a consciência, em todos os degraus possíveis, por menores que sejam, admite modalidades infinitas — estados a que Maudsley chama subconscientes — mas nada autoriza a dizer que esse decrescimento não tenha limite, posto que ele nos escape.  
Não se tem tratado da duração, como condição necessária da consciência. Ela é, entretanto, capital.  
  
Os trabalhos executados há uns 30 anos determinaram o tempo necessário para as diversas percepções. Ainda que os resultados variem segundo os experimentadores, as pessoas, as circunstâncias e a natureza dos estados psíquicos estudados, está, pelo menos, estabelecido que cada ato psíquico requer uma duração apreciável e que a pretendida rapidez infinita do pensamento não passa de uma metáfora.  
  
Isto posto, é claro que toda ação nervosa, cuja duração é inferior à que requer a ação psíquica, não pode despertar a consciência."  
Acrescentemos que é preciso, ainda, fazer Intervir a atenção, para que uma sensação se torne consciente. É notório, com efeito, que, se somos absorvidos por um trabalho interessante, não ouviremos mais o som do timbre do pêndulo, que, entretanto, fere sempre o nosso ouvido com a mesma força. Nosso espírito, ocupado alhures, não transforma esta sensação em percepção, isto é, nós não temos dela consciência.  
  
É muito curioso fazer observar que as sensações despercebidas pelo "eu" normal podem reaparecer, colocado o paciente em sono magnético. Eis um exemplo tomado a Desseoir: "X..., absorvido pela leitura, entre amigos que conversavam, teve subitamente sua atenção despertada, ouvindo pronunciar-lhe o nome. Perguntou aos amigos o que tinham dito dele. Não lhe responderam; hipnotizaram-no. No sono, pôde repetir toda a conversa que havia escapado ao seu "eu" acordado. Ainda mais notável é o fato assinalado por Edmond Gurney e outros observadores, o de que o paciente hipnótico pode apanhar o cochicho de seu magnetizador, mesmo quando este está no meio de pessoas que conversam em alta voz."  
  
Nestes exemplos, a duração e a intensidade foram suficientes para gravar no sistema nervoso e no perispírito as palavras pronunciadas; mas, fazendo falta a atenção, não se produziu a memória consciente do estado de vigília, e o indivíduo ignorou o que dele se disse; adormecido magneticamente, esse estado vibratório geral, a que os fisiologistas chamam "cenestesia", aumentou, as vibrações auditivas tornaram-se mais intensas e o paciente pode então delas tomar conhecimento. (...)**

**16 - Depois da morte - Léon Denis - pág. 145**

**XIV — OBJEÇÕES  
É assim que muitas questões insolúveis para as outras escolas são resolvidas pela doutrina das vidas sucessivas. As fortíssimas objeções com que o cepticismo e o materialismo têm feito brechas no edifício teológico — o mal, a dor, a desigualdade dos méritos e das condições humanas, a injustiça aparente da sorte: todos esses tropeços se desvanecem perante a Doutrina dos Espíritos.  
  
Entretanto, uma dificuldade subsiste, uma forte objeção ergue-se contra ela. Se já vivemos no espaço, dizem, se outras vidas precederam ao nascimento, por que de tal perdemos a recordação? Esta objeção, de aparência irrespondível, é fácil de ser destruída.  
A memória das coisas que viveram, dos atos que se cumpriram, não é condição necessária da existência.  
  
Ninguém se lembra do tempo passado no ventre materno ou mesmo no berço. Poucos homens conservam a memória das impressões e dos atos da primeira infância. Entretanto, essas são partes integrantes da nossa existência atual. Pela manhã, ao acordarmos, perdemos a recordação da maior parte de nossos sonhos, embora, no momento, eles nos tenham parecido outras tantas realidades. Só nos restam sensações grosseiras e confusas, que o Espírito experimenta quando recai sob a influência material.  
  
Os dias e as noites são como as nossas vidas terrestres e espirituais, e o sono parece tão inexplicável quanto a morte. O sono e a morte transportam-nos, alternadamente, para meios distintos e para condições diferentes, o que não impede à nossa identidade de manter-se e persistir através desses estados variados.  
  
No sono magnético, o Espírito, desprendido do corpo, recorda-se de coisas que esquecerá ao volver à carne, cujo encadeamento, não obstante, ele tornará a apanhar, recobrando a lucidez. Esse estado de sono provocado desenvolve nos sonâmbulos aptidões especiais que, em vigília, desaparecem, abafadas, aniquiladas pelo invólucro corpóreo.  
  
Nessas diversas condições, o ser físico parece possuir dois estados de consciência, duas fases alternadas de existências que se encadeiam e se envolvem uma na outra. O esquecimento, como espessa cortina, separa o sono do estado de vigília, assim como divide cada vida terrestre das existências anteriores e da vida dos céus.  
  
Se as impressões que a alma sente durante o decurso da vida atual, no estado de desprendimento completo, seja pelo sono natural ou pelo sono provocado, não podem ser transmitidas ao cérebro, deve-se compreender que as recordações de uma vida anterior sê-lo-iam mais dificilmente ainda. O cérebro não pode receber e armazenar senão as impressões comunicadas pela alma em estado de cativeiro na matéria. A memória só saberia reproduzir o que ele tem registrado.  
  
Em cada renascimento, o organismo cerebral constitui para nós uma espécie de livro novo, sobre o qual se gravam as sensações e as imagens. Voltando à carne, a alma perde a memória de quanto viu e executou no estado de liberdade, e só tornará a lembrar-se de tudo quando abandonar de novo a sua prisão temporária.  
  
O esquecimento do passado é a condição indispensável de toda prova e de todo progresso. O nosso passado guarda suas manchas e nódoas. Percorrendo a série dos tempos, atravessando as idades de brutalidade, devemos ter acumulado bastantes faltas, bastantes iniqüidades. Libertos apenas ontem da barbaria, o peso dessas recordações seria acabrunhador para nós. A vida terrestre é, algumas vezes, difícil de suportar; ainda mais o seria se, ao cortejo dos nossos males atuais, acrescesse a memória dos sofrimentos ou das vergonhas passadas.  
  
A recordação de nossas vidas anteriores não estaria também ligada à do passado dos outros? Subindo a cadeia de nossas existências, o entrecho de nossa própria história, encontraríamos o vestígio das ações de nossos semelhantes. As inimizades perpetuar-se-iam; as rivalidades, os ódios e as discórdias agravar-se-iam de vida em vida, de século em século. Os nossos inimigos, as nossas vítimas de outrora, reconhecer-nos-iam e estariam a perseguir-nos com sua vingança.  
  
Bom é que o véu do esquecimento nos oculte uns aos outros, e que, apagando momentaneamente de nossa memória penosas recordações, nos livre de um remorso incessante. O conhecimento das nossas faltas e suas consequências, erguendo-se diante de nós como ameaça medonha e perpétua, paralisaria os nossos esforço tornaria estéril e insuportável a nossa vida.  
  
Sem o esquecimento, os grandes culpados, os criminosos célebres estariam marcados a ferro em brasa por toda a eternidade. Vemos os condenados da justiça humana, depois de sofrida a pena, serem perseguidos pela desconfiança universal, repelidos com horror por uma sociedade que lhes recusa lugar em seu seio, e assim muitas vezes os atira ao exército do mal. Que seria se os crimes do passado longínquo se desenhassem aos olhos de todos?  
  
Quase todos temos necessidade de perdão e de esquecimento. A sombra que oculta as nossas fraquezas e misérias conforta-nos o ser, tornando-nos menos penosa a reparação. Depois de termos bebido as águas do Letes, renascemos mais alegremente para uma vida nova e desvanecem-se os fantasmas do passado. Transportando-se para um meio diferente, despertamos para outras sensações, abrem-se-nos outras influências, abandonamos com mais facilidade os erros e os hábitos que outrora nos retardaram a marcha. Renascendo sob a forma de criança, a alma culpada encontra em torno de si o auxílio e a ternura necessários à sua elevação.**

**Ninguém cuida em reconhecer nesse ser fraco e encantador o Espírito vicioso que vem resgatar um passado de faltas. Entretanto, para certos homens esse passado não está absolutamente apagado. Um sentimento confuso do que foram jaz no fundo de sua consciência. É a origem das intuições, das idéias inatas, das recordações vagas e dos pressentimentos misteriosos, como eco enfraquecido dos tempos decorridos. Consultando essas impressões, estudando-se a si mesmos com atenção, não seria impossível reconstituir esse passado, se não em suas minúcias, ao menos em seus traços principais.  
  
Porém, no termo de cada existência, essas recordações longínquas ressuscitam em tropel e saem da sombra. Avançamos passo a passo, tateando na vida; vem a morte e tudo se esclarece. O passado explica o presente, e o futuro ilumina-se mais claramente. Cada alma, voltando à vida espiritual, recobra a plenitude das suas faculdades. Para ela começa, então, um período de exame, de repouso, de recolhimento, durante o qual se julga a si mesma e avalia o caminho percorrido. Recebe opiniões e conselhos de Espíritos mais adiantados. Guiada por eles, tomará re­soluções viris, e, na ocasião propícia, escolhendo um meio favorável, baixará a um novo corpo, a fim de se me­lhorar pelo trabalho e pelo sofrimento.  
  
Voltando à carne, a alma perderá ainda a memória das suas vidas anteriores, e bem assim a recordação da vida espiritual, a única verdadeiramente livre e completa, perto da qual a morada terrestre lhe pareceria medonha. Longa será a luta, penosos os esforços necessários para recuperar a consciência de si mesma e as suas potências ocultas; porém, conservará sempre a intuição, o sentimento vago das resoluções tomadas antes de renascer.**

**19 - Emmanuel - Emmanuel - pág. 81, 133**

**XIV - A SUBCONSCIÊNCIA NOS FENÓMENOS PSÍQUICOS  
Todas as teorias que pretendem elucidar os fenômenos mediúnicos, alheios à Doutrina Espiritista, pecam pela sua insuficiência e falsidade. Em vão, procura-se complicar a questão com termos rebuscados, apresentando-se as hipóteses mais descabidas e absurdas, porquanto os conhecimentos hodiernos da Física, da Fisiologia e da Psicologia não explicam fatos como os de levitação, de materialização, de natureza, afinal, genuinamente espírita.  
  
Para a ciência anquilosada nas concepções dogmáticas de cada escola, a fenomenologia mediúnica não deve constituir objeto de ridículo e de zombaria, mas sim um amontoado de materiais preciosos à sua observação.  
  
Felizmente, se muitos dos pesquisadores criaram os mais complicados sistemas elucidativos, cheios de extravagância nas suas enganadoras ilações, alguns deles, desassombradamente, têm colaborado com a filosofia espiritualista para a consecução dos seus planos grandiosos, que implicam a felicidade humana.  
  
A SUBCONSCIÊNCIA  
A subconsciência, tão investigada em vosso tempo, não elucida os problemas dos chamados fenômenos intelectuais. Os estudos levados a efeito sobre essa câmara escura da mente são ainda mal orientados e, apesar disso, muitas teorias apressadas presumem explicar todo o mediunismo com a sua estranha influência sobre o "eu" consciente. De fato, existem os fenômenos subliminais; todavia, a sub­consciência é o acervo de experiências realizadas pelo ser em suas existências passadas.**

**O Espírito, no labor incessante de suas múltiplas existências, vai ajudando as séries de suas conquistas, de suas possibilidades, de seus trabalhos; no seu cérebro espiritual organiza-se, então, essa consciência profunda, em cujos domínios misteriosos se vão arquivando as recordações, e a alma, em cada etapa da sua vida imortal, renasce para uma nova conquista, objetivando sempre o aperfeiçoamento supremo.  
  
O OLVIDO TEMPORÁRIO  
O esquecimento, nessas existências fragmentárias, obedecendo às leis superiores que presidem ao destino, representa a diminuição do estado vibratório do Espírito, em contacto com a matéria. Esse olvido é necessário, e, afastando-se os benefícios espirituais que essa questão implica, à luz das concepções científicas, pode esse problema ser estudado atenciosamente.  
  
Tomando um novo corpo, a alma tem necessidade de adaptar-se a esse instrumento. Precisa abandonar a bagagem dos seus vícios, dos seus defeitos, das suas lembranças nocivas, das suas vicissitudes nos pretéritos tenebrosos. Necessita de nova virgindade; um instrumento virgem lhe é então fornecido. Os neurônios desse novo cérebro fazem a função de aparelhos quebradores da luz; o sensório limita as percepções do Espírito, e, somente assim, pode o ser reconstruir o seu destino. Para que o homem colha benefícios da sua vida temporária, faz-se mister que assim seja.  
  
Sua consciência é apenas a parte emergente da sua consciência espiritual; seus sentidos constituem apenas o necessário à sua evolução no plano terrestre. Daí, a exiguidade das suas percepções visuais e auditivas, em relação ao número inconcebível de vibrações que o cercam.  
  
AS RECORDAÇÕES  
Todavia, dentro dessa obscuridade requerida pela sua necessidade de estudo e desenvolvimento, experimenta a alma, às vezes, uma sensação indefinível... é uma vocação inata que a impele para esse ou aquele caminho; é uma saudade vaga e incompreensível, que a persegue nas suas meditações; são os fenômenos introspectivos, que a assediam frequentemente.  
  
Nesses momentos, uma luz vaga da subconsciência atravessa a câmara de sombras, impostas pelas células cerebrais, e, através dessa luz coada, entra o Espírito em vaga relação com o seu passado longínquo; tais fatos são vulgares nos seres evolvidos, sobre quem a carne já não exerce atuação invencível.**

**Nesses vagos instantes, parece que a alma encarnada ouve o tropel das lembranças que passam em revoada; aversões antigas, amores santificantes, gostos aprimorados, de tudo aparece uma fração no seu mundo consciente; mas, faz-se mister olvidar o passado para que se alcance êxito na luta.**

**O SANTUÁRIO DA MEMÓRIA  
O corpo espiritual não retém somente a prerrogativa de constituir a fonte da misteriosa força plástica da vida, a qual opera a oxidação orgânica; é também ele a sede das faculdades, dos sentimentos, da inteligência e, sobretudo, o santuário da memória, em que o ser encontra os elementos comprobatórios da sua identidade, através de todas as mutações e transformações da matéria.**

**22 - Estudos Espíritas - Joanna de Ângelis - pág. 48, 73**

**(...) Formado por trilhões e trilhões de células de variada constituição, apresenta-se como o mais fantástico equipamento de que o homem tem notícia, graças à perfeição dos seus múltiplos órgãos e engrenagens, alguns dos quais, auto-suficientes, como o aparelho circulatório, que elabora até mesmo o de que se faz preciso para o seu funcionamento e produtividade.**

**Atendido por notáveis complexos elétricos e eletrônicos, é auto-reparador, dispondo dos mais perfeitos arquivos de microfotografia, nos centros da memória, que, se pudessem ser equiparadas a uma construção com as atuais técnicas de miniaturização com que se elaboram os computadores, esses departamentos mnmônicos ocupariam uma área de aproximadamente 160.000 quilômetros cúbicos, tão-somente para os bilhões de informações de uma única encarnação..**

**Ele pode, no entanto, mediante o perispírito quelhe vitaliza muitas evocações, reter e traduzir programações referentes a incontáveis jornadas pretéritas do Espírito em ascensão para Deus. Aparelhado para as diversas atividades que se lhe fazem mister, dispõe do quanto lhe é imprescindível para as transformações e renovações que o mantém com equipagem em funcionamento harmônico.**

**Qualquer ultraje que sofra se lhe imprime por processos muitos sutis, incorporando-o aos tecidos constitutivos da sua eficiência em gravames e ofensas que o transtornam, como cobrador honesto junto ao condutor leviano que o dirige em regime inadiável de urgência. (...)**

**(...) Muitos pensadores medievais adotaram a conceituação das vidas sucessivas, entregando-se às pesquisas mediante as quais não poucas vezes pagaram o atrevimento com a própria vida, em se considerando a intolerância e ignorância então vigentes em torno dos problemas espirituais. Incontáveis pessoas se hão surpreendido em face das lembranças das vidas passadas, em que mergulham inconscientemente, experimentando nas evocações os estados emocionais característicos das personagens que antes animaram.**

**Da sistemática recordação, com os sucessivos mergulhos nas lembranças do passado, muitos têm sido vítima de distonias de vária ordem, perturbando-se, sem conseguirem estabelecer os limites entre os fatos de uma e de outra existência: a do passado, que retorna vigorosa, e a do presente, que se vai submetendo ao impositivo da outra.  
  
Na vida infantil, porque o espírito ainda se encontra em processo de fixação total nas células, apropriando-se do campo somático, a pouco e pouco, surgem frequentemente nos diversos campos da Arte, da Filosofia, da Ciência e da Religião os que externam precocidade surpreendente, revelando conhecimentos super em que vivem ou recordando os ensin anteriormente.  
  
A memória da aprendizagem e dos fatos não se perde nunca, pois que esta não é patrimônio das células cerebrais, que as traduzem, estando incorporada ao perispírito, que a fixa, acumulando as experiências das múltiplas existências, mediante as quais o Espírito evolute, nas diversas faixas que se lhe fazem necessárias.  
  
Crianças houve que foram capazes de se expressar corretamente em diversos idiomas, desde os dois anos de idade, sem os terem aprendido. Incontáveis crianças também revelaram pendor musical, compondo e interpretando peças clássicas antes que pudessem segurar um violino, ou dispor de mobilidade para uma oitava no teclado de um piano.  
  
Assim também, matemáticos, astrônomos, físicos modernos evocam da última reencarnação quanto aprenderam e agora retornam a ampliar, ainda mais, as suas aquisições para serem aplicadas a serviço da Humanidade. No passado, Jean Baratier, que desencarnou com a idade de dezenove anos, vítima de cansaço cerebral, falava corretamente diversos idiomas, escreveu um dicionário, com larga complexidade etimológica.  
  
William Hamilton, com apenas três anos estudou o hebraico. Mais tarde, aos doze anos, conhecia 12 idiomas que falava corretamente.  
Outros — como no caso de Jaques Criston, que conseguia discutir utilizando-se do latim, grego, árabe, hebraico, sobre as mais diversas questões com tranquilidade — fizeram-se célebres.  
  
Henri de Hennecke, com dois anos, expressava-se em três línguas... Volumosa é a literatura sobre o assunto, não somente na xenoglossia como em diversos ramos do Conhecimento. As evocações das vidas passadas independem da idade em que podem ocorrer. Naturalmente que na primeira infância são mais repetidas as lembranças da reencarnação anterior, pela facilidade com que o espírito, não totalmente interprenetrado pelas células físicas, conserva a memória das ocorrências guardadas.**

**No presente, as experiências de regressão de memória, pela hipnologia, vêm trazendo larga e valiosa contribuição ao estudo da reencarnação, pelas largas possibilidades de comprovação de que se podem dispor, ampliando grandemente o campo das observações e provas. (...)**

**30 - O consolador - Emmanuel - pág. 41, 81**

**Perg. 41 - A idéia de evolução, que tem influido na esfera de todas as ciências do mundo, desde as teorias darwinianas, representa agora uma nova etapa de aproximação entre os conhecimentos científicos do homem e as verdades do Espiritismo?  
- Todas as teorias evolucionistas no orbe terrestre caminham para a aproximação com as verdades do Espiritismo, no abraço final com a verdade suprema.**

**Perg. 43 - Estabelecendo a psicologia do mundo como sede da memória, do julgamento e da imaginação, as partes do cérebro humano, cujas funções não são ainda devidamente conhecidas pela Ciência, retardam a solução de um problema que só pode ser satisfeito pelos conhecimentos espiritistas?  
- Distante das cogitações de ordem divina, a psicologia terrestre efetua essa procrastinação, até que consiga atingir o profundo estuário da verdade integral.**

**Perg. 126 - As vibrações relativas ao bem e ao mal, emitidas pela alma encarnadas no seu aprendizado terrestre persistem no Espaço para exame e ponderação do futuro?  
- Haveis de convir conosco que existem fenômenos físicos, transcendentes em demasia, para que possamos examiná-los devidamente na pauta exígua dos vossos conhecimentos atuais. Todavia, em se tratando de vibrações emitidas pelo Espírito encarnado, somos compelidos a reconhecer que essas vibrações ficam perenemente gravadas na memória de cada um; e a memória é uma chapa fotográfica, onde as imagens jamais se confundem. Bastará a manifestação da lembrança, para serem levadas a efeito todas as ponderações, mais tarde, no capítulo das expressões do mal e do bem.**

**36 - Religião dos Espiritos - Emmanuel - pág. 21**

**Memória além-túmulo - Reunião pública de 16-1-59 Questão n° 220  
Automaticamente, por força da lógica, elege o homem na contabilidade uma das forças de base ao próprio caminho. Contas maiores legalizam as relações do comércio, e contas menores regulamentam o equilíbrio do lar.  
  
Débitos pagos melhoram as credenciais de qualquer cidadão, enquanto que os compromissos menosprezados desprestigiam a ficha de qualquer um. Assim também, para lá do sepulcro, surge o registro contábil da memória como elemento de aferição do nosso próprio valor.  
  
A faculdade de recordar é o agente que nos premia ou nos pune, ante os acertos e os desacertos da rota. Dessa forma, se os atos louváveis são recursos de abençoada renovação e profunda alegria nos recessos da alma, as ações infelizes se erguem, além do túmulo, por fantasmas de remorso e aflição no mundo da consciência.  
  
Crimes perpetrados, faltas cometidas, erros deliberados, palavras delituosas e omissões lamentáveis esperam-nos a lembranças, impondo-nos, em reflexos dolorosos, o efeito de nossas quedas e o resultado de nossos desregramentos, quando os sentidos da esfera física não mais nos acalentam as ilusões.**

**Não olvideis, assim, que, além da morte, a vida nos aguarda em perpetuidade de grandeza e de luz, e que, nessas mesmas dimensões de glorificação e beleza, a memória imperecível é sempre o espelho que nos retrata o passado, a fim de que a sombra, reinante em nós, se dissolva, nas lições do presente impelindo-nos a seguir, desenleados da treva, no encalço da perfeição com que nos acena o futuro.**

|  |  |
| --- | --- |
| **MENTE** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- A educação segundo o Espiritismo - pág. 137** | **02 - Alquimia da mente - toda a obra** |
| **03 - Correlações Espírito- Matéria - pág. 13** | **04 - Críticas e Refl. em torno da Moral Espírita - pág. 77** |
| **05 - Depressão: causa, cons., trat. - pág. 160** | **06 - Desenvolvimento mediúnico - pág. 22** |
| **07 - Espiritismo de A a Z - pág. 385** | **08 - Estudando a Mediunidade - pág. 22,120, 193** |
| **09 - Evolução em dois mundos - pág. 102** | **10 - Falando à Terra - pág. 145, 212** |
| **11 - Florações evangélicas - pág. 52** | **12 - Lastro esp. nos fatos cient. - pág. 37, 41,51** |
| **13 - Mãos de luz - pág. 70** | **14 - Mecanismos da mediunidade - pág. 43, 45, 125** |
| **15 - Mediunidade - pág. 21** | **16 - Missionários da luz - pág. 329** |
| **17 - Morte, renasc. evolução - pág. 65** | **18 - Nas pegadas do Mestre - pág. 117** |
| **19 - Nas telas do infinito- pág. 36** | **20 - No limiar do etéreo - pág. 62,138** |
| **21 - Nos domínios da mediunidade- pág. 9, 45, 233** | **22 - O exilado - pág. 14, 27, 84, 135** |
| **23 - O Livro dos Espíritos - Introd. V, XVI q. 307, 374** | **24 - O mestre na educação - pág. 41** |
| **25 - Oferenda - pág. 140** | **26 - Pensamento e vontade- pág. 113** |
| **27 - Pérolas do além - pág. 159** | **28 - Psiquântico - pág. 92, 250** |
| **29- Saúde e Espiritismo - pág. 145, 313** | **30 - Seareiros de volta- pág. 25** |
| **31 - Sexo e evolução - pág. 106** | **32 - Universo e vida -pág. 67, 81, 94, 99** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**MENTE** **– COMPILAÇÃO**

**07 - ESPIRITISMO DE A a Z - F.E.B. - PÁG. 385**

**A - A mente do homem é alguma coisa de supertéreo, que ninguém, revestido de corpo físico, será capaz de explicar (...) J. Arthur Findlay  
B - A mente humana é um imã de potencial elevado, inconsciente desse poder intrínseco da sua natureza psíquica, a criatura humana abusa de tão preciosa dádiva conferida pela Criação, e, enredada na ganga de aspirações subalternas, apraz-se em acionar aquelas energias ao sabor das paixões deturpadoras a que geralmente se apega. É um potencial, pois a mente humana demora a serviço do bem como do mal, consoante o impulso vibratório fornecido pela vontade atuante. A custa de muito pensar em determinado assunto, de insistentemente desejar a concretização desta ou daquela particularidade entrevista pela imaginação no plano íntimo - exercendo, assim, atração magnética irresistível -, não raro a criatura realiza aquilo que levou tempo a modelar no pensamento, por si mesma, se vai preparando para as possibilidades de consecução (...) Yvonne A. Pereira**

**C - No dia em que a Medicina conseguir detectar na mente o fulcro causal e o núcleo controlador de todas as atividades e ocorrências biopsíquicas, poderá inaugurar nova era para a saúde e o bem-estar dos povos; e atrvés da terapêutica de eliminação do ódio e da cupidez, do orgulho e da intemperança, provará que Jesus estava certo quando garantiu a posse da Terra aos mansos de coração. Hernani T. Sant'Anna**

**D - (...) a nossa mente funciona qual autêntico gerador de força magnética, a expandir-se através de pensamentos e palavras. Quando nos mantemos equilibrados na serenidade, suas emissões são sempre salutares, favorecendo harmonia ao nosso derredor. Entretanto, se nos dominam a cólera, o rancor, o ciúme, ou qualquer outro sentimento de agressividade, desregulamos os centros de energia mental e passamos a emitir, qual instalação elétrica em curto-circuito, forças destruidoras que comprometem nossa estabilidade espiritual e a salubridade do ambiente em que nos detemos. Richard Simonneti**

**09 - EVOLUÇÃO EM DOIS MUNDOS - ANDRÉ LUIZ - PÁG. 102**

**XIV - Simbiose espiritual  
SUSTENTO DO PRINCÍPIO INTELIGENTE — O princípio inteligente, que exercitara a projeção de impulsos mentais fragmentários para nutrir-se durante largas eras, alçado ao Plano Espiritual, na condição de consciência humana desencarnada, começa a plasmar novos meios de exteriorização, em favor do sustento próprio.  
  
No mundo das plantas, com o parênquima clorofiliano, aprendeu a decifrar os segredos da fotossíntese, absorvendo energia luminosa para elaborar as matérias orgânicas, e lançando de si os gases essenciais que contribuem para o equilíbrio da atmosfera. No domínio de certas bactérias, inteirou-se dos processos da quimiossíntese, aproveitando a energia química haurida na oxidação de corpos minerais.  
  
Entre os seres superiores, consagrou-se à biossíntese, em novo câmbio de substâncias nos vários períodos da experiência física, para garantir a segurança própria, sob o ponto de vista material e energético. Habituado aos fenômenos do anabolismo, na incorporação dos elementos de que se nutre, e do catabolismo, na desassimilação respectiva, automatiza-se-lhe a existência, em metamorfose contínua das forças que lhe alcançam a máquina fisiológica, através dos alimentos necessários à restauração constante das células e ao equilíbrio dos reguladores orgânicos.  
  
INÍCIO DA "MENTOSSÍNTESE" — Erguido, porém, à geração do pensamento ininterrupto, altera-se-lhe, na individualidade, o modo particular de ser. O princípio inteligente inicia-se, desde então, nas operações que classificaremos como sendo de "mentossíntese", porque baseadas na troca de fluidos mentais multiformes, através dos quais emite as próprias idéias e radiações, assimilando as radiações e idéias alheias.  
  
O impulso que lhe surgia na mente embrionária, por interesse acidental de posse, ante a necessidade de alimento esporádico, é agora desejo consciente. E, sobretudo, o anseio genésico instintivo que se lhe sobrepunha à vida normal em períodos certos, converteu-se em atração afetiva constante.  
  
Aparece, assim, a sede de satisfação invariável como estímulo à experiência e prefigura-se-lhe nalma a excelsitude do amor encravado no egoísmo, como o diamante em formação no carbono obscuro. A morte física interrompe-lhe as construções no terreno da propriedade e do afeto e a criatura humana, a iniciar-se no pensamento contínuo, sente-se quebrada e aflita, cada vez que se desvencilha do corpo carnal adulto.  
  
A liberação da veste densa, impõe-lhe novas condições vibratórias, como que obrigando-o à ocultação temporária entre os seus para que se lhe revitalizem as experiências, qual ocorre à planta necessitada de poda para exaltar-se em renovação do próprio valor. Épocas numerosas são empregadas para que o homem senhoreie o corpo espiritual, nos círculos da consciência mais ampla, porque, como deve compreender por si o caminho em que se conduzirá para a Glória Divina, cabe-lhe também debitar a si mesmo os bens e os males e as alegrias e as dores da caminhada.  
  
Arrebatado aos que mais ama e ainda incapaz de entender a transformação da paisagem doméstica de que foi alijado, revolta-se comumente contra as novas lições da vida a que é convocado, em plano diferente, e permanece fluidicamente algemado aos que se lhe afinam com o sangue e com os desejos, comungando-lhes a experiência vulgar. Nesse sentido, será, pois, razoável recordar que em seu recuado pretérito aprendeu, automaticamente, a respirar e a viver, justaposto ao hausto e ao calor alheios.  
  
SIMBIOSE ÚTIL — Revisemos, assim, a simbiose entre os vegetais, como, por exemplo, a que existe entre o cogumelo e a alga, na esfera dos liquens, em que as bifas ou filamentos dos cogumelos se intrometem nas gonídias ou células das algas e projetam-lhes no interior certos apêndices, equivalendo a complicados haustórios, efetuando a sucção das matérias orgânicas que a alga elabora por intermédio da fotossíntese.  
  
O cogumelo empalma-lhe a existência, todavia, em compensação, a alga se revela protegida por ele contra a perda de água, e dele recolhe, por absorção permanente, água e sais minerais, gás carbônico e elementos azotados, motivo pelo qual os liquens conseguem superar as maiores dificuldades do meio.  
  
Entretanto, o processo de semelhante associação pode estender-se em ocorrências completamente novas. É que se dois liquens, estruturados por diferentes cogumelos, se encontram, podem viver, um ao lado do outro, com talo comum, pelo fenômeno da parabiose ou união natural de indivíduos vivos.  
  
Dessa maneira, a mesma alga pode produzir liquens diversos com cogumelos variados, podendo também suceder que um líquen se transfigure de aspecto, quando uma espécie micológica se sucede à outra. Julgava-se antigamente, na botânica terrestre, que os liquens participassem do grupo das criptogâmicas, mas Schwendener incumbiu-se de salientar-lhes a existência complexa, e Bonnier e Bornet, mais tarde, chamaram a si a obrigação de positivar-lhes a simbiose, experimentando a cultura independente de ambos os elementos integrantes, cultura essa que, iniciada no século findo, somente nos tempos últimos logrou pleno êxito, evidenciando, porém, que a vida desses mesmos componentes, sem o ajuste da simbiose, é indiscutivelmente frágil e precária.  
  
Outro exemplo de agregação da mesma natureza vamos encontrar em certas plantas leguminosas, que guardam os seus tubérculos nas raízes, cujas nodosidades albergam determinadas bactérias do solo que realizam a assimilação do azoto atmosférico, processo esse pelo qual essas plantas se fazem preciosas à gleba, devolvendo-lhe o azoto despendido em serviço.**

**SIMBIOSE DAS MENTES: Semelhantes processos de associação aparecem largamente empregados pela mente desencarnada, ainda tateante, na existência além-túmulo. Amedrontada perante o desconhecido, que não consegue arrostar de pronto, vale-se da receptividade dos que lhe choram a perda e demoram-se colada aos que mais ama.**

**E qual cogumelo que projeta para dentro dos tecidos da alga dominadores apêndices, com os quais lhe suga grande parte dos elementos orgânicos por ela própria assimilados, o Espírito desenfaixado da veste física lança habitualmente, para a intimidade dos tecidos fisiopsicossomáticos daqueles que o asilam, as emanações do seu corpo espiritual, como radículas alongadas ou sutis alavancas de força, subtraindo-lhes a vitalidade, elaborada por eles nos processos da biossíntese, sustentando-se, por vezes, largo tempo, nessa permuta viva de forças.**

**Qual se verifica entre a alga e o cogumelo, a mente encarnada entrega-se, inconscientemente, ao desencarnado que lhe controla a existência, sofrendo-lhe temporariamente o domínio até certo ponto, mas, em troca, à face da sensibilidade excessiva de que se reveste, passa a viver, enquanto perdure semelhante influência, necessariamente protegida contra o assalto de forças ocultas ainda mais deprimentes.**

**Por esse motivo, ainda agora, em plena atualidade, encontramos os problemas da mediunidade evidente, ou da irreconhecida, destacando, a cada passo, inteligências nobres intimamente aprisionadas a cultos estranhos, em matéria de fé, as quais padecem a intromissão de idéias de terror, ante a perspectiva de se afastarem das entidades familiares que lhes dominam a mente através de palavras ou símbolos mágicos, com vistas a falaciosas vantagens materiais.**

**Essas inteligências fogem deliberadamente ao estudo que as libertaria do cativeiro inferior, quando não se mostram apáticas, em perigosos processos de fanatismo, inofensivas e humildes, mas arredadas do progresso que lhes garantiria a renovação. (...)  
  
10 - FALANDO À TERRA - ESPÍRITOS DIVERSOS - pág. 145, 212**

**SAÚDE - JOAQUIM MURTINHO  
Se o homem compreendesse que a saúde do corpo é reflexo da harmonia espiritual, e se pudesse abranger a complexidade dos fenômenos íntimos que o aguardam além da morte, certo se consagraria à vida simples, com o trabalho ativo e a fraternidade legítima por normas de verdadeira felicidade.**

**A escravização aos sintomas e aos remédios não passa, na maioria das ocasiões, de fruto dos desequilíbrios a que nos impusemos. Quanto maior o desvio, mais dispendioso o esforço de recuperação. Assim também, cresce o número das enfermidades à proporção que se nos multiplicam os desacertos, e, exacerbadas as doenças, tornam-se cada vez mais difíceis e complicados os processos de tratamento, levando milhões de criaturas a se algemarem a preocupações e atividades que adiam, indefinidamente, a verdadeira obra de educação que o mundo necessita.  
  
O homem é inquilino da carne, com obrigações naturais de preservação e defesa do patrimônio que temporariamente usufrui. Não se compreende que uma pessoa instruída amontoe lixo e lama, ou crie insetos patogênicos no próprio âmbito doméstico. Existe, no entanto, muita gente de boa leitura e de hábitos respeitáveis, que não se lhe dá atochar dos mais vários tóxicos a residência corpórea e que não acha mal no libertar a cólera e a irritação, de minuto a minuto, dando pasto a pensamentos aviltantes, cujos efeitos por muito tempo se fazem sentir na vida diária.  
  
Sirvamo-nos ainda deste símbolo, para estender-nos em mais simples considerações. Se sabemos imprescindivel a higiene interna da casa, por que não movermos o espanador da atividade benéfica, desmanchando as teias escuras das idéias tristes? por que não fazer ato salutar douso da água pura, em vasta escala, beneficiando os mais íntimos escaninhos do edifício celular e atendendo igualmente ao banho diário, no escrúpulo do asseio? Se nos desvelamos em conservar o domicílio suficientemente arejado, por que não respirar, a longos haustos, o oxigênio tão puro quanto possível, de modo a facilitar a vida dos pulmões?  
  
Quem construa uma habitação, cogita, não somente de bases sólidas, que a suportem, senão também da orientação, de tal jeito que a luz do Sol a envolva e penetre profundamente; jamais voltaria esse alguém a situar o ambiente doméstico numa caverna de troglodita.  
Analogamente, deve o homem assentar fundamentos morais seguros, que lhe garantam a verdadeira felicidade, colocando-se, no quadro social onde vive, de frente voltada para os ideais luminosos e santificantes, de modo que a divina inspiração lhe inunde as profundezas da alma.  
  
Frequentemente a moradia das pessoas cuidadosas e educadas se exorna, em seu derredor, de plantas e de flo­res que encantam o transeunte, convidando-o à contem­plação repousante e aos bons pensamentos. Por que não multiplicar em torno de nós os gestos de gentileza e de solidariedade, que simbolizam as flores do coração? Ninguém é tentado a descansar ou a edificar-se em recintos empedrados ou espinhosos.  
  
Assim também, a palavra agradável que proferimos ou recebemos, as manifestações de simpatia, às atitudes fraternais e a compreensão sempre disposta a auxiliar, constituem recursos medicamentosos dos mais eficientes, porque a saúde, na essência, é harmonia de vibrações. Quando nossa alma se encontra realmente tranquila, o veículo que lhe obedece está em paz. A mente aflita despede raios de energia desordenada que se precipitam sobre os órgãos, à guisa de dardos ferinos, de consequências deploráveis para as funções orgânicas.  
  
O homem comumente apenas registra efeitos, sem consignar as causas profundas. E que dizer das paixões insopitadas, das enormes crises de ódio e de ciúme, dos martírios ocultos do remor­so, que rasgam feridas e semeiam padecimentos inomi­náveis na delicada constituição da alma? Que dizer relativamente à hórrida multidão dos pen­samentos agressivos duma razão desorientada, os • quais tanto malefício trazem, não só ao indivíduo, mas, igual­mente, aos que se achem com ele sintonizados?  
  
O nosso lar de curas na vida espiritual vive repleto de enfermos desencarnados. Desencarnados embora, revelam psicoses de trato difícil. A gravitação é lei universal, e o pensamento ainda é matéria em fase diíerente daquelas que nos são habituais. Quando o centro de interesses da alma permanece na Terra, embalde se lhe indicará o caminho das Alturas. Caracteriza-se a mente também por peso específico, e é na própria massa do Planeta que o homem enrodi­lhado em pensamentos inferiores se demorará, depois da morte, no serviço de purificação.  
  
Os instrutores religiosos, mais do que doutrinadores, são médicos do espírito que raramente ouvimos com a devida atenção, enquanto na carne.Os ensinamentos da fé constituem receituário perma­nente para a cura positiva das antigas enfermidades que acompanham a alma, século trás século. Todos os sentimentos que nos ponham em desarmo­nia com o ambiente, onde fomos chamados a viver, geram emoções que desorganizam, não só as colónias celulares do corpo físico, mas também o tecido sutil da alma, agravando a anarquia do psiquismo.  
  
Qualquer criatura, conscientemente ou não, mobiliza as faculdades magnéticas que lhe são peculiares nas atividades do meio em que vive. Atrai e repele. Do modo pelo qual se utiliza de semelhantes forças depende, em grande parte, a conservação dos fatores naturais de saúde. O espírito rebelde ou impulsivo que foge às neces­sidades de adaptação, assemelha-se a um molinete elétrico, armado de pontas, cuja energia carrega e, simultaneamente, repele as moléculas do ar ambiente; assim, esse espírito cria em torno de si um campo magnético sem dúvida adverso, o qual, a seu turno, há de repeli-lo, precipitando-o numa "roda-viva" por ele mesmo forjada.  
  
Transformando-se em núcleo de correntes irregula­res, a mente perturbada emite linhas de força, que interferirão como tóxicos invisíveis sobre o sistema endocrínico, comprometendo-lhe a normalidade das funções. Mas não são somente a hipófise, a tireóide ou as cápsulas supra-renais as únicas vítimas da viciação. Múltiplas doenças surgem para a infelicidade do espírito desavlsado que as invoca. Moléstias como o aborto, a en-cefalite letárgica, a esplenite, a apoplexia cerebral, a loucura, a nevralgia, a tuberculose, a coreia, a epilepsia, a paralisia, as afecções do coração, as úlceras gástricas e as duodenais, a cirrose, a icterícia, a histeria e todas as formas de câncer podem nascer dos desequilíbrios do pensamento.  
  
Em muitos casos, são inúteis quaisquer recursos me­dicamentosos, porquanto só a modificação do movimento vibratório da mente, à base de ondas simpáticas, poderá oferecer ao doente as necessárias condições de harmonia. Geralmente, a desencarnação prematura é o resul­tado do longo duelo vivido pela alma invigilante; esses conflitos prosseguem na profundeza da consciência, difi­cultando a ligação entre a alma e os poderes restaurado­res que governam a vida.  
  
A extrema vibratilidade da alma produz estados de hipersensibilidade, os quais, em muitas circunstâncias, se fazem seguir de verdadeiros desastres organopsíquicos. O pensamento, qualquer que seja a sua natureza, é uma energia, tendo, conseguintemente, seus efeitos. Se o homem cultivasse a cautela, selecionando inclinações e reconhecendo o caráter positivo das leis morais, outras condições, menos dolorosas e mais elevadas, lhe presidiriam à evolução.  
  
É imprescindível, porém, que a experiência nos instrua individualmente. Cada qual em seu roteiro, em sua prova, em sua lição. Com o tempo aprenderemos que se pode considerar o corpo como o "prolongamento do espírito", e aceitaremos no Evangelho do Cristo o melhor de imunologia contra todas as espécies de enfermidade. Até alcançarmos, no entanto, esse período áureo da existência na Terra, continuemos estudando, trabalhando e esperando.**  
**17 - MORTE, RENASCIMENTO, EVOLUÇÃO - HERNANI GUIMARÃES ANDRADE - pág. 65**

**(...) A FUNÇÃO PSI**: **Vamos começar com a análise da função psi e, consequentemente, dos fenômenos psi nela implicados. A função psi divide-se em dois grupos principais, a saber:**

**1 - FUNÇÃO PSI-GAMMA: representada pelas faculdades do indivíduo, responsáveis pela produção dos fenômenos paranormais subjetivos. Neste grupo incluem-se a telepatia (transferência de informação de uma mente para outra, sem o uso dos meios de comunicação convencionais normais); a clarividência (resposta a um estímulo externo, sem o emprego de qualquer órgão sensorial normal); e a precognição (conhecimento antecipado de um evento futuro, sem a utilização de qualquer meio normal de previsão).**

**A função psi-gamma sugere a existência de um componente da psique capaz de extravasar-se além dos limites sensoriais do organismo e captar a informação, extrasensorialmente. Daí a designação dada pela escola de Rhine; percepção extra-sensorial (ESP="extrasensory perception"). A referida expansão da percepção também faculta ao indivíduo tomar conhecimento de um fato futuro, antes que tenha ocorrido.**

**Por conseguinte, ela se projeta além do presente no sentido do fluxo positivo do tempo! É a precognição, sobejamente demonstrada em rigorosos experimentos de laboratório e para a qual não se encontra nenhuma explicação normal aplausível. Bastaria apenas a evidência desta função para abalar a mais convincente interpretação reducionista acerca da natureza da vida.**

**2 - FUNÇÃO PSI-KAPPA: respondendo pela produção dos fenômenos paranormais objetivos, nos quais está implícita a ação dinâmica direta da mente sobre a matéria. É a psicocinesia.**

**A função psi-kappa tem sido exaustivamente demonstrada não só através de testes estatísticos, como verificada diretamente em experiências controladas, com potentíssimos agentes psicocinéticos, tais como Nina Kulagina - na União Soviética - e Jean Pierre Gerard - na França. Inúmeros outros agentes semelhantes têm sido meticulosamente estudados por cientistas sérios, os quais procuram uma explicação racional para essa inusitada faculdade.**

**Todavia, as hipóteses formuladas não são totalmente satisfatórias sob o ponto de vista rigorosamente normal. O fenômeno da psicocinesia aponta insistentemente para a existência de um componente extrafísico implicado nos processos biológicos. Em 1951, um psiquiatra de Edinburgh, Dr. J. R. Smythies, publicou um artigo no Journal of the American Society for Psychinal Research (1951, n° 36, pp.415-425), abordando a questão da função psi.**

**O Dr. Smythies também considera que os fenômenos parapsicológicos não se enquadram dentro dos esquemas da Ciência atual. Para ele o erro inicial está na suposição de que o mundo que percebemos representa toda a realidade. Para Smythiers o Universo possui sete dimensões! A mente - ou, como ele prefere, a psique - é "uma entidade material organizada, localizada em um espaço de maior número de dimensões".**

**A psique "pode extrair informação do cérebro, ou através de outra parte do mecanismo, pode controlar sua ação". (Rhine, L.E. - Mind Over Matter, London: Macmillan, 1970, p. 372). A Dra. Louisa E. Rhine, viúva do Dr. J. B. Rhine, cita uma importante opinião de seu marido, acerca da função psi e da forma como ela poderia encaixar-se no elenco dos já conhecidos atributos da mente. Ei-la:**

**"Alguma sorte de ação psicocinética obviamente deve ocorrer cada vez que o nosso pensamento inicia a atividade neuromuscular. Esse efeito psicofísico evidentemente produz certas mudanças eletroquímicas e outras mudanças físicas no cérebro, e inicia uma sequência de reações físicas nos nervos e musculos do corpo". (Opus cit. p. 374).**

**Para Rhine, a mesma ação psicocinética que é capaz de desencadear os processos cerebrais que comandam a motricidade pode exteriorizar-se e atuar diretamente sobre os objetos externos. "A mente possui força real e demonstrável", diz ele. (Opus cit. p. 375).**

**Mas a função Psi, para Rhine, teve um papel mais importante. O fato de as operações psi serem elementos da personalidade tanto não físicos quanto inconscientes sugere a ancestralidade da função psi. Ela deve ter participado dos processos da evolução biológica orientando os organismos na aquisição dos órgãos dos sentidos e de outros meios de adaptação.**

**Dra. Louisa Rhine alude também a dois parapsicólogos cujas idéias se aproximam das de J. B. Rhine. São eles o Dr. R. H. Thouless e o Dr. John C. Eccles. Ao comentar as idéias de Eccles, Dra. Louisa Rhine cita uma interessante colocação daquele autor: "Falando então de suas hipóteses em geral nas quais toda a maquinaria do cérebro e do sistema nervoso é guiada pela vontade, ele observa que não é uma simples máquina de cabos e polias mas um sistema de dez bilhões de neurônios...momentaneamente situados próximos a um preciso limiar do nível de excitabilidade. É o tipo de uma máquina, segundo ele, 'que um fantasma poderia operar, se por fantasma nós queremos dizer em primeiro lugar um agente cuja ação escapou à detecção mesmo pelos instrumentos físicos mais delicados'". (Opus cit. p. 385).**

**Mas, haveria outros tipos de fenômenos capazes de evidenciar a existência de um suporte estrutural que eventualmente fosse a sede da função psi? Neste caso, em circunstâncias especiais, o referido suporte poderia abandonar momentaneamente o veículo fisiológico e então ser detectado de forma objetiva. (...)**

**23 - O LIVRO DOS ESPÍRITOS - ALLAN KARDEC - Introd. V, XVI QUESTÕES:. 307, 374**

**Perg. 307 - De que maneira a vida passada se desenrola na memória do Espírito? Por um esforço da sua imaginação, ou como um quadro que ele tenha ante os olhos? - De uma forma e de outra. Todos os atos que tenham interesse para a sua lembrança são para ele como se estivessem presentes: os outros ficam mais ou menos no fundo da memória, ou completamente esquecidos. Quanto mais desmaterializado estiver, menos importância atribui às coisas materiais. Fazes muitas vezes a evocação de um Espírito errante, que acabou de deixar a Terra e que não se lembra dos nomes das pessoas que amava nem dos detalhes que para ti parecem importantes; é que pouco lhe interessam, e caem no esquecimento. Aquilo de que ele se lembra muito bem são os fatos principais, que o ajudam a progredir.**

**Perg. 374 - O idiota, no estado de Espírito, tem consciência do seu estado mental? - Sim, o gênio torna-se às vezes uma desgraça, quando dele se abusa.**

|  |  |
| --- | --- |
| **MERECIMENTO** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- Ação e Reação - pág. 223, 246** | **02 - O Livro dos Espíritos - q. 119, 1999, 222** |
| **03 - Pérolas do Além - pág. 161** | **04 - Repositório de sabedoria- pág. 86** |
| **05 - Intervalos - pág. 52** |  |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**MERECIMENTO** **– COMPILAÇÃO**

**01 - AÇÃO E REAÇÃO - ANDRÉ LUIZ - PÁG. 223, 246**

**(...) Foi quando Silas, recomendando-nos cooperação, abeirou-se dele e aplicou-lhe passes magnéticos, esclarecendo-nos logo após: - Ainda pela utilidade que sabe imprimir aos seus dias, Adelino mereceu a limitação da enfermidade congenial de que é portador. Tendo sofrido, por longo tempo, o trauma perispírito do remorso, por haver incendiado o corpo do próprio pai, nutriu em si mesmo estranhas labaredas mentais que, como já lhes disse, o castigaram intensamente além-túmulo...**

**Renasceu, por isso, com a epiderme atormentada por vibrações calcinantes que, desde cedo, se lhe expressaram na nova forma física por eczema de mau caráter... Semelhante moléstia, em face da dívida em que se empenhou, deveria cobrir-lhe todo o corpo, durante muitos e angustiosos lustros de sofrimento, mas, pelos méritos que ele vai adquirindo, a enfermidade não tomou proporções que o impeçam de aprender e trabalhar, porquanto granjeou a ventura de continuar a servir, pelo seu impulso espontâneo na plantação constante do bem.  
  
A essa altura, talvez porque o dono da casa se dispusesse ao refúgio dos travesseiros, o Assistente convidou-nos à retirada. De volta à Mansão, prosseguiu nosso amável mentor tecendo brilhantes comentários em tomo do «amor que cobre a multidão dos pecados», como ensinou o Apóstolo, quando Hilário, interpretando-me as indagações, considerou de improviso:  
  
— Assistente, com uma elucidação assim tão clara, é justo aspiremos a saber determinadas minudências que a ela digam respeito. Poderemos, acaso, inteirar-nos quanto à situação de Martim Gaspar, o genitor que padeceu o martírio do fogo em sua carne? Porque Silas se detivesse em silêncio, meu colega continuou:  
  
— Terá ciência do trabalho renovador de Adelino? Devotar-lhe-á, ainda, menosprezo e ódio?— Martim Gaspar — respondeu por fim o interlocutor —, infatigável que era na violência, foi igualmente tocado pelos exemplos de nosso amigo. Observando-lhe a transformação, abandonou as companhias indesejáveis a que se adaptara e rogou asilo, em nosso instituto, vai para alguns anos, onde aceitou severas disciplinas...— E onde se encontra agora? — insistiu Hilário, ansioso — porventura será permitido vê-lo, para anotar-lhe as alterações?**

**Nesse instante, porém, varávamos a entrada do santuário de nossas obrigações, e Silas, sem mais possibilidades de alongar-se, afagou os ombros de nosso companheiro, dizendo: - Acalme-se Hilário. É possível estejamos de regresso ao assunto em breves horas. Despedimo-nos, conservando as anotações, à maneira de estudo interrompido, aguardando sequência. (...)**

**(...) Assinalando-nos a atitude inequívoca de compreensão e de obediência, como não podia deixar de ser, o chefe da instituição continuou em tom afável, depois de ligeira pausa: — Imaginemos que fossem analisar as origens da provação a que se acolheram os acidentados de hoje... Surpreenderiam, decerto, delinquentes que, em outras épocas atiraram irmãos indefesos do cimo de torres altissimas para que seus corpos se espatifassem no chão; companheiros que, em outro tempo, cometeram hediondos crimes sobre o dorso do mar, pondo a pique existências preciosas, ou suicidas que se despenharam de arrojados edifícios ou de picos agrestes, em supremo atestado de rebeldia, perante a Lei, os quais por enquanto, somente encontram recurso tão em tão angustioso episódio para transformarem a própria situação.**

**Quantos milhares de irmãos encarnados possuímos nós, em cujas contas com os Tribunais Divinos figuram débitos desse jaez? Entretanto, não desconhecemos que nós, consciências endividadas, podemos melhorar nossos créditos, todos os dias. Quantos romeiros terrenos em cujos mapas de viagem constam surpresas terríveis, são amparados devidamente para que a morte força da não lhes assalte o corpo, em razão dos atos louváveis a que se afeiçoam!...**

**Quantas intercessões da prece ardente conquistam moratórias oportunas para pessoas cujo passo já resvala no cairel do sepulcro?!... quantos deveres sacrificiais granjeiam, para a alma que os aceita de boamente, preciosas vantagens na Vida Superior, onde providências se improvisam para que se lhes amenizem os rigores da provação necessária?! Bem sabemos que, se uma onda sonora encontra outra, de tal modo que as "cristas" de uma ocorram nos mesmos pontos dos 'Vales" da outra, esse meio, em consequência aí não vibra, tendo-se como resultado o silêncio.**

**Assim é que, gerando novas causas com o bem, praticado hoje, podemos interferir nas causas do mal, praticado ontem, neutralizando-as e reconquistando, com isso, o nosso equilíbrio. Desse modo, creio mais justo os recursos ao nosso alcance. A caridade e ao estudo nobre, a fé e o bom ânimo, a arte e a meditação construtiva constituem temas renovadores, cujo mérito não será lícito esquecer, na reabilitação de nossas idéias e, consequentemente, de nossos destinos. (...)**

**02 - O LIVRO DOS ESPÍRITOS - ALLAN KARDEC - QUESTÕES: 119, 199, 222, 646, 692, 709, 736, 789, 806, 896**

**Perg. 119 - Deus pode livrar os Espíritos das provas que devem sofrer para chegar à primeira ordem?  
- Se eles tivessem sido criados perfeitos, não teriam merecimento para gozar dos benefícios dessa perfeição. Onde estaria o mérito, sem a luta? De outro lado, a desigualdade existente entre eles é necessária à sua personalidade; e a missão que lhes cabe, nos diferentes graus, está nos desígnios da Providência, com vistas à harmonia do Universo.**

**Como na vida social todos os homens podem chegar aos primeiros postos, também poderíamos perguntar por que motivo o soberano de um país não faz de cada um dos seus soldados um general; por que todos os empregados subalternos não são superiores; por que todos os alunos não são professores. Ora, entre a vida social e a espiritual existe a diferença de que a primeira é limitada e nem sempre permite a escalada de todos os seus degraus, enquanto a segunda é indefinida e deixa a cada um a possibilidade de se elevar ao posto supremo.**

**Perg. 199 - Por que a vida se interrompe com frequência na infância? - A duração da vida da criança pode ser, para o seu Espírito, o complemento de uma vida interrompida antes do termo devido e sua morte é frequentemente uma prova ou uma expiação para os pais.**

**Perg. 199a - Em ue se transforma o Espírito de uma criança morta em tenra idade?- Recomeça uma nova existência.**

**Perg. 646 - O mérito do bem que se faz está subordinao a certas condições, ou seja, há diferentes graus no mérito do bem? - O mérito do bem está na dificuldade; não há nenhum em fazê-lo sem penas e quando nada custa. Deus leva mais em conta o pobre que reparte o seu único pedação de pão, que o rico que só dá do seu supérfluo. Jesus já o disse, a propósito do óbulo da viúva.**

**Perg. 692 - O aperfeiçoamento das raças animais e vegetais pela Ciência é contrário à lei natural? Seria mais conforme a essa lei deixar as coisas seguirem o seu curso normal? - Tudo se deve fazer para chegar à perfeição. O próprio homem é um instrumento de que Deus se serve para atingir os seus fins. Sendo a perfeição o alvo para que tende a Natureza, favorecer a sua conquista é corresponder àqueles fins.**

**Perg. 709 - Aqueles que, em situações críticas, se viram obrigados a sacrificar os semelhantes para matar a fome cometeram com isso um crime? Se houve crime, é ele atenuado pela necessidade de viver que o instinto de conservação lhes dá?  
- Já respondi, ao dizer que há mais mérito em sofrer todas as provas da vida com abnegação e coragem. Há homicídio e crime de lesa-natureza, que deve ser duplamento punido.**

**Perg. 736 - Os povos que levam ou excesso o escrúpulo no tocante à destruição dos animais têm mérito especial?  
- É um excesso num sentimento que em si mesmo é louvável, mas que se torna abusivo e cujo mérito acaba neutralizado por abusos de toda espécie. Eles têm mais temor supersticioso do que verdadeira bondade.**

**Perg. 789 - O progresso reunirá um dia todos os povos da Terra numa só nação?  
- Não em uma só nação, o que é impossíve, pois da diversidade dos climas nascem costumes e necessidades diferentes, que constituem as nacionalidades. Assim serão sempre necessárias leis apropriadas a esses costumes e a essas necessidades. Mas a caridade não conhece latitudes e não faz distinção dos homens pela cor. Quando a lei de Deus constituir por toda a parte a base da lei humana, os povos praticarão a caridade de um para outro, como os indivíduos de homem para homem, vivendo felizes e em paz, porque ninguém tentará fazer mal ao vizinho ou viver às suas expensas.**

**Perg. 806 - A desigualdade das condições sociais é uma lei natural?  
- Não; é obra do homem e não de Deus.  
Perg. 806a - Essa desigualde desaparecerá um dia? - Só as leis de Deus são eternas. Não a vês desaparecer pouco a pouco, todos os dias? Essa desigualdade desaparecerá juntamente com a predominância do orgulho e do egoísmo, restando tão somente a desigualdade do mérito. Chegará um dia em que os membros da grande família dos filhos de Deus não mais se olharão como de sangue mais ou menos puro, pois somente o Espírito é mais puro ou menos puro, e isso não depende da posição social.**

**Perg. 896 - Há pessoas desinteressadas, mas sem discernimento, que prodigalizam os seus afazeres sem proveito real, por não saberem empregá-los de maneira razoável. Terão por isso algum mérito?  
- Têm o mérito do desinteresse, mas não o do bem que poderiam fazer. Se o desinteresse é um virtude, a prodigalidade irrefletida é sempre, pelo menos, um falta de juízo. A fortuna não é dada a alguns para ser lançada ao vento, como não o é a outros para ser encerrada num cofre. É um depósito de que terão de prestar contas, porque terão de responder por todo o bem que poderiam ter feito e não o fizeram; por todas as lágrimas que poderiam ter enxugado com o dinheiro dado aos que na verdade não estavam necessitados.**

**03 - PÉROLAS DO ALÉM - EMMANUEL - - pág. 161**

**A culpa e o mérito crescem, quando o discernimento se desenvolve. Abel Gomes**

**05 - INTERVALOS - EMMANUEL - PÁG. 52**

**FÉ, TRABALHO E MERECIMENTO. A fé vitoriosa é aquela que procura no trabalho o merecimento indispensável à realização que pretende atingir. Esperança ociosa é simples divagação. Vejamos o ensinamento expressivo da Natureza, a fim de que não nos demoremos sob a neblina das fantasias e dos sonhos, retardando o próprio passo, indefinidamente, no vale escuro da indecisão.**

**A semente decerto guarda consigo o plano precioso da árvore veneranda que será um dia, mas, para isso, aceita a humilhação de si mesma na intimidade do solo, e, desde a própria germinação, não perde tempo em digressões descabidas, de vez que aproveita o sol e a chuva, o orvalho e o vento para crescer, florir e frutificar, sem repouso.**

**A fonte, sem dúvida, conserva em seu nascedouro o projeto sublime de arrojar-se à excelsitude do oceano, entretanto, para equacionar semelhante problema, não se imobiliza no viciado espelho do charco. Avança, humilde e resignada, beneficiando montes e planícies, plantas e animais, aderindo aos ribeiros e aos rios, em cujo seio abençoado e fecundo atinge a serenidade gloriosa do mar imenso.**

**Tudo, na vida universal, é harmonia que decorre do trabalho vivido, em sua mais elevada expressão. Todos os seres irmanam-se, uns aos outros, no plano gigantesco da perfeição que nos escapa, por agora, em sua visão magnificente de conjunto, e, para escalarmos os domínios da felicidade e da luz, é imprescindível atender à função que nos compete, no mecanismo da existência.**

**Se procuras, assim, entesourar a fé, não acredites possas fazê-lo, namorando altares de pedra ou cultivando exclusivismo que será sempre adoração a nós mesmos nas linhas congeladas do menor esforço. Busquemos o lugar de serviço que o mundo nos reserva. Esqueçamos conveniências pessoais e apelos inferiores que nos compelem a viver entre os tóxicos letais do tempo perdido.**

**Lembremo-nos de que a vela acesa dentro da noite é infinitamente mais valiosa que o lustre de ouro e diamantes, lamentavelmente apagado. Trabalhemos hoje para merecer amanhã.**

**E, nesse programa de crescimento espiritual para a eternidade, a fé viva será luz do Senhor brilhando no templo de nossa alma, valendo-se do divino combustível de nosso próprio coração.**

|  |
| --- |
| **METEMPSICOSE** |

|  |
| --- |
| **BIBLIOGRAFIA** |

|  |  |
| --- | --- |
| **01 - A Agonia das Religiões - pág. 108** | **02 - A alma é imortal - pág. 27/31** |
| **03 - A caminho do Luz - pág. 44** | **04 - A Reencarnação - pág. 23** |
| **05 - Allan Kardec - pág. 180, vol II** | **06 - Análise das coisas - pág. 64** |
| **07 - Animais nossos irmãos - 83** | **08 - Ciência e Espiritismo - pág. 43** |
| **09 - Depois da Morte - pág. 31/34** | **10 - Deus na natureza - pág. 251** |
| **11 - Espírito, perispírito e alma - pág. 194/195** | **12 - Estudos Espíritas - pág. 71** |
| **13 - Gênesis da alma - pág. 4** | **14 - Hipnotismo e Espiritismo - pág. 172** |
| **15 - O Centro Espírita - pág. 87** | **16 - O Exilado - pág. 198** |
| **17 - O Livro dos Espíritos - Questões: 222/611** | **18 - O que é a morte - pág. 55** |
| **19 - O que é Espiritismo - pág. 142** | **20 - O ser e a serenidade - pág. 57** |
| **21 - Parapsicologia hoje e amanhã - pág. 98** | **22 - Resumo da Doutrina Espírita - pág. 181** |
| **23 - Vampirismo - pág. 32 cap. IV** | **24 - Reencarnação e evolução das espécies- pág. 25** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**METEMPSICOSE - COMPILAÇÃO**

**4 – A Reencarnação – Gabriel Delanne, pág. 23:**

**Pitágoras foi o primeiro que introduziu na Grécia a doutrina dos renascimentos da alma, doutrina que havia conhecido em suas viagens ao Egito e a Pérsia. Ele tinha duas doutrinas, uma reservada aos iniciados, que freqüentavam os Mistérios, e outra destinada ao povo; esta última deu nascimento ao da METEMPSICOSE.  
  
Para os iniciados, a ascensão era gradual e progressiva, sem regressão às formas inferiores, enquanto que ao povo, pouco envolvido, ensinava-se que as almas ruins deviam renascer em corpos de animais, como o expõe, nitidamente, seu discípulo Timeu de Locres na seguinte passagem:  
  
“Pela mesma razão é preciso estabelecer penas passageiras (fundadas na crença) da transformação das almas (ou da metempsicose), de sorte que as almas (dos homens) tímidos passam (depois da morte) para corpos de mulheres, expostas ao desprezo e às injúrias; as almas dos assassinos para os corpos de animais ferozes, a fim de aí receberem punições; as dos impúdicos para os porcos e javalis; as dos inconstantes e levianos para os pássaros que voam nos ares; a dos preguiçosos, dos vagabundos, dos ignorantes e dos loucos para a forma de animais aquáticos”.**

**12 – Estudos Espíritas – Divaldo P. Franco – Cap. 3. pág. 34 e Cap. 8 pág. 71**

**Teoria mediante a qual os Espíritos que se não houveram com equidade e nobreza na Terra a ela retornam, renascido como animais inferiores. Cap. 3 pág. 34  
Não obstante oferecessem os egípcios uma concepção especial, através do que consideravam a METEMPSICOSE, ou reencarnação do espírito humano em forma animal, subtende-se que tal concepção era conseqüência de errônea interpretação do fenômeno da zoantropia, decorrente da perturbação espiritual em que muitas Entidades infelizes se apresentavam nos Cultos, traduzindo as punições que experimentavam por deformação do uso das funções orgânicas e psicológicas engendrando auto-suplícios apenas transitórios, na Erraticidade. Nesse sentido, mesmo Heródoto, “o pai da História”, ensinando a Doutrina das Vidas Sucessivas, supunha que a Metempsicose fosse uma punição necessária ao espírito calceta, o que, se assim o fora, violaria a lei incessante da evolução com um retrocesso à fase animal. Cap. 8 pág. 71**

**13 – Gênesis da Alma – pág. 4 – Caibar Schutel**

**Os animais e a metempsicose  
As religiões parasitárias têem negado com a maior desfaçatez a alma aos animais. Fascinados pela vida material e seu bem estar que visam usufruir, cerceados pelo dogma execrando que condena o raciocínio, oblitera a consciência e impõe a fé passiva, os sacerdotes presos às suas doutrinas pessoais, trabalham para manter a ignorância no povo, negando-lhe o direito de pesquisa, de livre exame, condições indispensáveis para a conquista dos conhecimentos que acionam a evolução espiritual   
  
Daí o desprezo pelos animais, os maus tratos aos mesmos inflingidos, em completo desacordo com as leis do amor e da caridade, atrás das quais se escondem os ministros e confessores para tirarem delas os proventos materiais. E se é verdade que a caridade tem conseguido fazer alguma coisa pelos pobres animais, muito tem concorrido a “Metempsicose dos Antigos”, que ensinava – “voltar ao corpo de um animal, a alma de um homem mau, para pagar o capital e juros das dividas contraídas nos seus desvarios”  
  
Só o terror de sofrimentos futuros poderia sofrear as índoles más, que faz suspeitar do caráter humano de homens em que existe a centelha da luz imperecível. Mas não era só a “Metempsicose”; as lendas antigas, que passavam de boca em boca sobre o sofrimento que esperava aos que maltratavam os animais, essas histórias cheias de alegorias, em que se destacam “almas forçadas a impetrar a intervenção das almas dos animais”, também muito concorreram para que fossem diminuídos, em certo tempo, os suplícios por que têem passado os nossos irmãos inferiores.  
  
Entretanto, a providência não tem descurado do bem estar dos animais que, se de um lado teem de passar pela escola do trabalho e pelo cadinho do sofrimento, como o gênero humano, para desenvolverem as suas aptidões, de outro teem os mesmos direitos que nós temos do descanso e do bom trato. “Olhai as aves do céu, diz o Mestre ensinando a Fé e o Amor aos seus discípulos, não semeiam, nem ceifam, nem ajuntam em celeiros e o vosso Pai Celestial as alimenta”.**

**14 – O Livro dos Espíritos – Allan Kardec - questão: 222, 611**

**Questão 611: A comunhão de origem dos seres vivos no princípio inteligente não é a consagração da doutrina da metempsicose?  
Duas coisas podem ter a mesma origem e não se assemelharem em mais tarde. Quem reconheceria a árvore, suas folhas, suas flores e seus frutos no germe informe que se contém na semente de onde saíram? No momento em que o princípio inteligente atinge o grau necessário para ser Espírito e entra no período de humanidade, não tem mais relação com o seu estado primitivo e não é mais a alma dos animais, como a árvore não é a semente. No homem, somente existem do animal o corpo, as paixões que nascem da influência do corpo e o instinto de conservação inerente à matéria. Não se pode dizer, portanto, que tal homem é a encarnação do Espírito de tal anima e, por conseguinte, a metempsicose, tal como a entendem, não é exata.  
  
Questão 612: O Espírito que animou o corpo de um homem poderia encarnar-se num animal?  
Isto seria RETROGRADAR, e o Espírito não retrograda. O rio não remonta á nascente. À medida que o Espírito avança, compreende o que o afasta da perfeição. Quando o Espírito conclui uma prova, adquiriu conhecimento e não mais o perde. Pode permanecer estacionário, mas não retrogradar. (Questão 118).**

**A METEMPSICOSE seria verdadeira se por ela se entendesse a progressão da alma de um estado inferior para um superior, realizando os desenvolvimentos que transformariam a sua natureza, mas é falsa no sentido de transmigração direta do animal para o homem e vice-versa, o que implicaria de uma retrogradação ou de fusão. Ora, não podendo realizar-se essa fusão entre seres corporais de duas espécies, temos nisso um indício de que se encontram em graus não assimiláveis e que o mesmo deve acontecer com os espíritos que o animam. Se o mesmo Espírito pudesse anima-lo alternativamente, disso resultaria uma identidade de natureza que se traduziria na possibilidade de reprodução material.**

**A reencarnação ensinada pelos Espíritos se funda, pelo contrário, sobre a marcha ascendente da Natureza e sobre a progressão do homem na sua própria espécie, o que não diminui em nada a sua dignidade. O que o rebaixa é o mau uso que faz das faculdades que Deus lhe deu para o seu adiantamento. Como quer que seja, a antiguidade e a universalidade da doutrina da metempsicose, e o número de homens eminentes que a professaram, provam que o princípio da reencarnação tem suas raízes na própria Natureza; esses são, portanto, argumentos antes a seu favor do que contrários.  
  
O ponto de partida do Espírito é uma dessas questões que se ligam ao princípio das coisas e estão nos segredos de Deus. Não é dado ao homem conhecê-las de maneira absoluta, e ele só pode fazer, a seu respeito, meras suposições, construir sistemas mais ou menos prováveis. Os próprios Espíritos estão longe de tudo conhecer, e sobre o que não conhecem podem ter também opiniões pessoais mais ou menos sensatas.  
  
É assim que nem todos pensam da mesma maneira a respeito das relações existentes entre homem e os animais. Segundo alguns, o Espírito não chega ao período humano senão depois de ter sido elaborado e individualizado nos diferentes graus dos seres inferiores da Criação. Segundo outros, o Espírito do homem teria sempre pertencido à raça humana, sem passar pela fieira animal. O primeiro desses sistemas tem a vantagem de dar uma finalidade ao futuro dos animais, que constituiriam assim os primeiros anéis da cadeia dos seres pensantes; o segundo é mais conforme à dignidade do homem e pode resumir-se da maneira seguinte:  
  
“As diferentes espécies de animais não procedem intelectualmente uma das outras, por via de progressão; assim, o Espírito da ostra não se torna sucessivamente do peixe, da ave, do quadrúpede e do quadrúmano; cada espécie é um tipo absoluto, física e moralmente, e cada um dos seus indivíduos tira da fonte universal a quantidade de princípio inteligente que lhe é necessária, segundo a perfeição dos seus órgãos e a tarefa eu deve desempenhar nos fenômenos da Natureza, devolvendo-a à massa após a morte. Aqueles dos mundos mais adiantados que o nosso (ver item 188) são igualmente constituídos de raças distintas, apropriadas às necessidades desses mundos e ao grau de adiantamento dos homens de que são auxiliares, mas não procedem absolutamente dos terrenos, espiritualmente falando. Com o homem, já não se dá o mesmo  
  
Do ponto de vista físico, o homem constitui evidentemente um anel da cadeia dos seres vivos; mas, do ponto de vista moral, há solução de continuidade entre o homem e o animal. O homem possui, como sua particularidade, a alma ou Espírito, centelha divina que lhe dá o senso moral e um alcance intelectual que os animais não possuem; é o ser principal, preexistente e sobrevivente ao corpo, conservando a sua individualidade.   
  
Qual é a origem do Espírito? Onde está o seu ponto de partida? Forma-se ele do princípio inteligente individualizado? Isso é um mistério que seria inútil procurar penetrar e sobre o qual, como dissemos, só podemos construir sistemas.  
  
O que é constante e ressalta ao mesmo tempo do raciocínio e da experiência são a sobrevivência do Espírito, a conservação de sua individualidade após a morte, sua faculdade de progredir, seu estado feliz ou infeliz, proporcional ao seu adiantamento na senda do bem, e todas as verdades morais que são a conseqüência desse princípio. Quanto às relações misteriosas existentes entre o homem e os animais, isso, repetimos, está nos segredos de Deus, como muitas outras coisas cujo conhecimento atual nada importa para o nosso adiantamento, e sobre as quais seria inútil nos determos.**

**O Livro dos Espíritos, Cap V, pág. 132  
Pitágoras, como se sabe, não é o criador do sistema da METEMPSICOSE, que tomou conta dos filósofos indianos e dos meios egípcios, onde ela existia desde épocas imemoriais. A idéia das transmigração das almas era, portanto, uma crença comum, admitida pelos homens mais eminentes. Por que maneira chegou até eles? Pela revelação, ou por intuição? Não o sabemos. Mas, seja como for, uma idéia não atravessa as idades e não é aceita pela inteligências mais adiantadas, se não tiver um aspecto sério. A antiguidade destra doutrina, portanto, em vez de ser uma objeção, devia ser antes uma prova a seu favor. Há, porém, como igualmente se sabe, entre a metempsicose dos antigos e a moderna doutrina da reencarnação, a grande diferença de que os Espíritos rejeitam, da maneira mais absoluta, a transmigração do homem nos animais e vice-versa.**

**19 – O que é o espiritismo? – Allan Kardec, pág. 142**

**A METEMPSICOSE dos antigos consistia na transmigração da alma do homem nos animais, o que implica uma degradação. Demais, essa doutrina não era o que vulgarmente se crê. A transmigração pelos corpos dos animais não era considerada como condição inerente à natureza da alma humana, mas como punição temporária; é assim eu se admitia que as almas dos assassinos iam habitar os corpos dos animais ferozes, para neles receberem castigos; as dos impudicos, os porcos e javalis; as do inconstantes e estouvados os das aves; as dos preguiçosos e ignorantes, os dos animais aquáticos. Depois de alguns milhares de anos, mais ou menos , conforme a culpabilidade, a alma, saindo dessa espécie de prisão, voltava à humanidade. A encarnação animal não era, pois, uma condição absoluta; ela, como se vê, aliava-se à encarnação humana, e a prova é que a punição dos homens tímidos consistia em passar a corpos de mulheres, expostos ao desprezo e às injúrias.**

**24 - Reencarnação e Evolução das Espécies - Dr.Ricardo Di Bernardi - pág. 25**

**A "metempsicose" confundida com a reencarnação, dela difere substancialmente do ponto de vista filosófico, conforme exporemos a seguir:**

**METEMPSYKHÓSIS é uma palavra grega, mas sua origem histórica remonta do Egito Antigo. Pitágoras, famoso matemático e filósofo trouxe às terras helênicas o conceito de metempsicose. Segundo este conceito, se pressupõe possível a transmigração das almas, após a morte, de um corpo para outro, sem ser dentro da mesma espécie evolutiva. Seria o renascimento de um homem em animais, uma concepção distorcida, como, aliás, alguns vêem pejorativamente a Reencarnação.**

**Basicamente, a Reencarnação admite sempre o aspecto evolutivo e presume retornos à vida física em uma espiral crescente de aquisições de valores e experiências para o espírito. A Doutrina Palingenésica, isto é, Reencarnacionista, não admite o retrocesso do espírito.**

**A METEMPSICOSE é geralmente encontrada nas culturas primitivas, nos mais diferentes aspectos. Os seus adeptos crêem que uma alma animará sucessivamente diversos corpos, que podem ser tanto de seres humanos como de animais, (até insetos) ou vegetais.**

**Em Assam, na Índia, os Angami nagas acreditavam que a alma vive diversas existências como insetos, ao passo que os Chang nagas foram curiosamente bem mais específicos a ponto de imaginar que os cantores poderiam renascer como cigarras..**

**O povo egípcio primitivo provavelmente expressava com a crença na metempsicose, uma versão popular do que era ensinado nos templos como Reencarnação. Supunham ser uma punição dos deuses, por comportamento indevido, o renascer como gato, camelo, cavalo, ou outros animais.**

**Plotino (205-270 a.D) e Orígenes (185-254 a.D.) contestaram a propriedade semântica do termo METEMPSICOSE. Plotino sugeriu que se substituisse por METEMSOMATOSE, uma vez que haveria, na realidade mudança de corpo (soma) e não de alma (psyché).**

**Em nossos estudos parece não haver nenhuma evidência observacional em apoio à suposição da metempsicose. Os renascimentos devem ocorrer dentro de uma espécie e acompanhando inclusive a evolução das mesmas. A própria presença do espírito na carne e seus retornos sucessivos, arquivando experiências, seria o fator impulsionador da evolução das espécies.**

|  |  |
| --- | --- |
| **MILAGRES** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- Antologia do perispírito - ref. 515** | **02 - Falando à Terra - pág. 190** |
| **03 - Jesus perante a Cristandade - pág. 65** | **04 - Manual e dic .Basico do Esp. - pág. 75** |
| **05 - Mãos de luz - pág. 37, 62** | **06 - O Cristo de Deus - pág. 35** |
| **07 - O Livro dos Espíritos - q. 59, 525,526** | **08 - O que é Fen. mediúnico - pág. 32** |
| **09 - Religião dos Espíritos - pág. 145** | **10 - Revista Espírita 1859, 1867 - pág. 281, 136** |
| **11 - Espiritismo de A a Z - pág. 389** |  |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**MILAGRES – COMPILAÇÃO**

**04 - MANUAL E DICIONÁRIO BÁSICO DE ESPIRITISMO - ARIOVALDO CAVERSAN - PÁG. 75**

**Milagres e fatos sobrenaturais: As propriedades do períspirito (corpo espiritual), as ações dos espíritos sobre os fluídos e a matéria, as faculdades e recursos mediúnicos, bem como as faculdades e possibilidades dos espíritos, explicam fenômenos antes considerados milagrosos ou sobrenaturais. Assim, fenômenos tais como: curas, aparições, obsessões e possessões, manifestações físicas ou inteligentes de espíritos, transmissão de pensamentos, etc.. hoje, graças ao Espiritismo são entendidos como fatos naturais, plenamente explicáveis.**

**07 - O LIVRO DOS ESPÍRITOS - ALLAN KARDEC - QUESTÕES: 59, 525,526, 663, 802, CONCL. II**

**59. Os povos fizeram idéias bastante divergentes sobre a Criação, segundo o grau de conhecimentos. A razão na Ciência reconheceu a inverossimilhança de algumas teorias. A que os Espíritos nos oferecem confirma a opinião há muito admitida pelos homens mais esclarecidos.  
A objeção que se pode fazer a essa teoria é a de estar em contradição com os textos dos livros sagrados. Mas um exame sério nos leva a reconhecer que essa contradição é mais aparente que real, resultanteda interpretação dada a passagens que, em geral, só possuíam sentido alegórico.**

**A questão do primeiro homem, na pessoa de Adão, como único da Humanidade, não é a única sobre a qual as crenças religiosas têm de modificar-se. O movimento da Terra parecia, em determinada época,. tão contrário aos textos sagrados, que não há formas de perseguição a que essa teoria não tenha dado pretexto. Não obstante, a Terra gira, malgrado os anátemas, e ninguém hoje em dia poderia contestar isto, sem ofender a sua própria razão.  
A Bíblia diz igualmente que o inundo foi criado em seis dias e fixa a época da Criação em cerca de quatro mil anos antes da Era Cristã. Antes disso, a Terra não existia; ela foi tirada do nada. O texto é formal. E eis que a Ciência positiva, a Ciência inexorável, vem provar o contrário. A formação do globo está gravada em caracteres indeléveis no mundo fóssil, . e está provado que os seis dias da Criação representam outros tantos períodos, cada um deles, talvez, de muitas centenas de milhares de anos. E não se trata de um sistema, uma doutrina, uma opinião isolada, mas de um fato tão constante como o do movimento da Terra, e que a Teologia não pode deixar de admitir, prova evidente do erro em que se pode cair, quando se tomam ao pé da letra as expressões de uma linguagem freqüentemente figurada. Devemos concluir, então, que a Bíblia é um erro? Não; mas que os homens se enganaram na sua interpretação. (...)**

**Perg. 525 - Os Espíritos exercem influência sobre os acontecimentos da vida?  
- Seguramente, pois que te aconselham.**

**Perg. 526 - Tendo os Espíritos ação sobre a matéria, podem provocar certos efeitos com o fim de produzir um acontecimento? Por exemplo, um homem deve perecer; sobe então em uma escada, esta se quebra e ele morre. Foram os Espíritos que fizeram quebrar a escada, para que se cumpra o destino desse homem?  
- É bem verdade que os Espíritos têm influência sobre a matéria, mas para o cumprimento das leis da Natureza e não paa as derrogar, fazendo surgir em determinado ponto um acontecimento inesperado e contrário as estas leis. No exemplo que citas, a escada que se quebra porque está carunchada ou não era bastante forte para suportar o peso do homem; se estivesse no destino desse homem morrer dessa maneira, eles lhes inspirariam o pensamento de subir na escada que deveria quebrar-se com o seu peso, e sua morte se daria por um motivo natural, sem necessidade de um milagre para isso.**

**Perg. 663 - As preces que fazemos por nós podem modificara natureza das nossas provas e desviar-lhes o curso?  
- Vossas provas estão nas mãos de Deus e há as que devem ser suportadas até o fim, mas Deus leva sempre em conta a resignação. A prece atrai a vós os bons Espíritos, que vos dão a força de as suportar com coragem. Então, eles vos parecem menos duras. Já o dissemos: a prece nunca é inútil, quando bem feita, porque dá força, o que já é um grande resultado. Ajuda-te a ti mesmo e o céu te ajudará; tu sabes disso. Aliás, Deus não pode mudar a ordem da Natureza ao sabor de cada um, porque aquilo que é um grande mal, do vosso ponto de vista, do vosso ponto de vista mesquinho, para a vossa vida efêmera, muitas vezes é um grande bem na ordem geral do Universo. Além disso, de quantos males o homem é o próprio auor, por sua imprevidência ou por suas faltas! Ele é punito pelo que pecou. Não obstante, os vossos justos pedidos são em geral mais escutados do que julgais. Pensais que Deus não vos ouviu, porque não fez um milagre em vosso favor, quando entretanto vos assiste por meios tão naturais que vos parecem o efeito do acaso ou da força das coisas. Frequentemente, ou o mais frequentemente, ele vos suscita o pensamento necessário para sairdes por vós mesmos do embaraço.**

**Perg. 802 - Desde que o Espiritismo deve marcar um progresso da Humanidade, por que os Espíritos não apressam esse progresso por meio de manifestações tão gerais e patentes que possam levar a convicção aos mais incrédulos?  
- Desejaríeis milagres, mas Deus os semeia a mancheias nos vossos passos e tendes ainda os homens que os negam. O Cristo, ele próprio, convenceu os seus contemporâneos com os prodígios que realizou? Não vedes ainda hoje os homens negarem os atos mais patentes que se passam aos seus olhos? Não tendes os que não acreditariam mesmo quando vissem? Não, não é por meio de prodígios que Deus conduzirá os homens. Na sua bondade, Ele quer deixar-lhes o mérito se convencerem por meio da razão.**

**09 - Religião dos Espíritos - Emmanuel - pág. 145**

**ANTE O ALÉM - REUNIÃO PÚBLICA DE 17-8-59 - Questão n° 182 - LE**

**Há quem lamente a incapacidade dos amigos desencarnados para mais amplo concurso na solução dos enigmas que atormentam a vida moral na Terra.  
  
Estudiosos inúmeros desejariam que os chamados mortos se utilizassem dos sensitivos comuns, quais instrumentos mecânicos, para espetaculares eventos, e reclamam deles a intervenção positiva no laboratório terrestre, para a cura de moléstias dificilmente reversíveis; a revelação de fórmulas milagrosas na matemática das finanças; a descoberta de forças ocultas da Natureza, e a materialização de estadistas ilustres, domiciliados no Além, para que, de manifesto, venham falar ao povo na praça pública.  
  
Supunhamos, porém, que uma escola diariamente assaltada por teorias inoportunas, com desrespeito à autoridade do magistério, desconhecendo-se a necessidade particular da instrução em cada discípulo...  
  
Imaginemos um tribunal, sistematicamente invadido por sugestões exóticas, que alarmem o ânimo da magistratura, ignorando-se o imperativo do exame especial de todos os processos alusivos à regeneração de cada delinquente em si mesmo...  
Conjeturemos quanto à perturbação de um hospital, incessantemente acometido de indicações extemporâneas, que transcendam o quadro dos experimentos da Medicina estranhando-se o impositivo do tratamento individual para cada enfermo...  
  
Decerto que à produtividade sobreviria a frustação, tanto quanto à luz do serviço se oporia a sombra do caos.  
É mais do que justo nos empenhemos todos no amparo ao aprendiz, no auxílio ao encarcerado e no socorro ao doente, mas, além disso, ninguém espere que os companheiros desencarnados interfiram na atividade humana, favorecendo a inconsequência ou a desordem.  
  
Quando os mensageiros da espiritualidade enobrecida recebem a permissão necessária para contribuir no progreso do Globo, corporificam-se no berço, à feição dos homens vulgares, comungando-lhes as vicissitudes e nas dores.  
É assim que encontramos um Thomas Edison vendendo jornais para se manter, aos quinze anos de idade, atingindo a posição de um dos maiores gênios técnicos de todos os tempos e deixando nada menos de oitocentas invenções registradas, e um Louis Pasteur, filho de um nobre curtidor, que, sem ser médico, pode ser considerado como sendo o fundador da microbiologia, apesar do trabalho valioso de seus predecessores.**

**Lembremo-nos do Cristo, o Divino Mestre por excelência. Ele que podia, como ninguém, influenciar ambientes e criaturas, surge, entre os homens, como qualquer criança necessitada de arrimo; vive, em sua época, ao modo de um homem normal e, embora a luz e o amor lhe coroem a presença sublime, expira num lenho áspero, à maneira de qualquer condenado à morte, sem culpa.**

**Realmente, os Espíritos desencarnados não podem penetrar assuntos que a Humanidad ainda não pode compreender; entretanto, guarda a convicção de que te trazem eles a notícia mais importante de todas - a verdade de que a vida prossegue, além do sepulcro, e de que todos nós, desencarnados e encarnados, seja onde for, receberemos sempre de acordo com a nossas obras.**

**11 - ESPIRITISMO DE A a Z - F.E.B. - pág. 389**

**A - (...) O milagre é uma postergação das leis eternas fixadas por Deus, obras que são da sua vontade, e seria pouco digno da suprema Potência exorbitar da sua própria natureza e pelo amor, entre Deus e o Cristo. (...)   
(...) Milagre realmente não houve, segundo a significação que esse vocábulo tem, isto é, no sentido de derrogação das leis da natureza. Deus, já o sabeis, nunca derroga as leis naturais que a sua vontade imutável estabeleceu desde toda a eternidade.  
Unicamente nos limites e sob a ação de tais leis universais é que, entre vós e em consequência da vossa ignorância, tomam o nome de "milagres", as suas aparentes derrogações, que , entretanto, não passam de aplicações, desconhecidas para os homens, das mesmas leis universais de efeitos dessas aplicações, apropriados às leis do vosso planeta. J. B. Roustaing**

**B - O milagre é sempre o coroamento do mérito, mas nunca derrogação das Leis naturais, que funcionam, igualmente, para todos. Fco Cândido Xavier**

**C - Milagre - designação de fatos naturais cujo mecanismo familiar à Lei Divina ainda se encontra defeso ao entendimento fragmentário da criatura.O Espírito da Verdade.**

|  |  |
| --- | --- |
| **MISERICÓRDIA** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- Amizade - pág. 64** | **02 - Calma - pág. 37, 70** |
| **03 - Caminho, verdade e vida - pág. 117, 277** | **04 - Chão de flores - pág. 95** |
| **05 - Contos desta e doutras vidas - pág. 166** | **06 - Coragem - pág. 61, 129** |
| **07 - Escrínio de luz - pág. 185** | **08 - Espírito e vida - pág.25, 106** |
| **09 - Jesus no lar - pág. 67** | **10 - Justiça divina - pág. 33, 151,157, 184** |
| **11 - Luz acima - pág. 151** | **12 - Missionários da luz - pág. 146** |
| **13 - Nas pegadas do mestre - pág. 70** | **14 - O Espírito da Verdade - pág. 60, 107** |
| **15 - O Evangelho S.o Espiritismo - pág. cap. X** | **16 - O Livro dos Espíritos - q. 116, 222, 1009 concl. ix** |
| **17 - O sermão da montanha - pág. 27** | **18 - Oferenda - pág. 116, 143** |
| **19 - Pão nosso - pág. 87, 103** | **20 - Poetas redivivos - pág. 71** |
| **21 - Pontos e contos - pág. 117** | **22 - Renúncia - pág. 211** |
| **23 - Vinhas de luz - pág. 191** | **24 - Voltas que a vida dá - pág. 23, 32** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**MISERICÓRDIA – COMPILAÇÃO**

**03 - Caminho, verdade e vida - Emmanuel - pág. 117, 277**

**51 - MENINOS ESPIRITUAIS  
"Porque qualquer que ainda se alimenta de leite não está experimentado na palavra da justiça, pois é menino." — Paulo. (hebreus, 5:13.). Na apreciação dos companheiros de luta, que nos integram o quadro de trabalho diário, é útil não haja choques, quando, inesperadamente, surgirem falhas e fraquezas. Antes da emissão de qualquer juízo, é conveniente conhecer o quilate dos valores espirituais em exame.  
  
Jamais prescindamos da compreensão ante os que se desviam do caminho reto. A estrada percorrida pelo homem experiente está cheia de crianças dessa natureza. Deus cerca os passos do sábio, com as expressões da ignorância, a fim de que a sombra receba luz e para que essa mesma luz seja glorificada. Nesse intercâmbio substancialmente divino, o ignorante aprende e o sábio cresce.  
  
Os discípulos de boa-vontade necessitam da sincera atitude de observação e tolerância. É natural que se regozijem com o alimento rico e substancioso com que lhes é dado nutrir a alma; no entanto, não desprezem outros irmãos, cujo organismo espiritual ainda não tolera senão o leite simples dos primeiros conhecimentos. Toda criança é frágil e ninguém deve condená-la por isso.  
  
Se tua mente pode librar no vôo mais alto, não te esqueças dos que ficaram no ninho onde nasceste e onde estiveste longo tempo, completando a plumagem. Diante dos teus olhos deslumbrados, alonga-se o infinito. Eles estarão contigo, um dia, e, porque a união integral esteja tardando, não os aban­dones ao acaso, nem lhes recuses o leite que amam e de que ainda necessitam.**

**131 - HOMENS E ANJOS  
"Enquanto os anjos, sendo maiores em força e poder, não pronunciam contra eles juízo blasfemo diante do Senhor." — (II pedro, 2:11.)  
É lastimável observar o grande número de pessoas que estão sempre dispostas a proferir sentenças blasfematórias, umas para com as outras. A leviandade domina-lhes as conversações, a mesquinhez corrompe-lhes as atividades nos mais diversos setores da vida.  
  
Exceção feita aos sinceros cultivadores da luz religiosa, quase todos os homens se conservam à porta de situações ásperas em que o esforço difamatório lhes envenena a vida. Alimentam antipatias injustas para com os irmãos de atividade profissional, pelo próximo que lhes não aceita as idéias, pelos companheiros que se não afinam com os seus princípios. E como a lei é de compensação e troca, receberão dos colegas e dos vizinhos as mesmas vibrações destruidoras. Guerras silenciosas, nesse sentido, têm, por vezes, secular duração.  
  
Entretanto, o homem jactancioso está sempre rodeado pela ação benéfica de Espíritos iluminados e generosos, que, quanto mais revestidos de poder divino, mais se compadecem das fragilidades humanas, estendendo-lhes mãos acolhedoras para o caminho e jamais pronunciando juízos condenatórios diante do Senhor.  
  
Toda vez que fores compelido a analisar os esforços alheios, recorda a palavra de Pedro. Não te esqueças de que as entidades angélicas, mananciais vivos e sublimes de força e poder, nunca enunciam sentenças acusatórias contra ti, diante de Deus.**

**05 - Contos desta e doutras vidas - Irmão X - pág. 166**

**36 - Carta singular  
Diante do irmão Licínio Mendonça, jazia a carta que ele assinara, em se comunicando com a genitora :"Querida Mãe: peço à senhora me abençoe. Regressando da festa do seu lindo aniversário, depois de muito meditar, resolvi escrever-lhe. Setenta e oito anos, hein mamãe? Graças a Deus, temos a senhora conosco, firme como o jequitibá que vovó plantou à frente do moinho.  
  
Apesar de querer mais um século para a senhora, na atual existência, rogo me perdoe se venho tratar aqui de um assunto sério. E' o problema do tempo e das boas obras, mamãe. Conforme a senhora sabe, sou espírita, há mais de vinte anos, e penso muito na desencarnação.  
  
A senhora tem outra crença, mas, no fundo, procuramos o mesmo Cristo; não acha que devemos refletir, enquanto temos saúde e raciocínio, na distribuição correta dos bens que nos foram confiados ? Completarei cinquenta janeiros no mês que vem; contudo, meus planos estão prontos.  
  
Formei quatro cafezais em minhas terras do noroeste, que estão produzindo a contento, minhas chácaras de Itaim vão indo com excelentes lucros. Além disso, com as rendas dos meus apartamentos de São Paulo e de minhas casas em Campinas, organizei cinco lojas, que estão melhorando o meu patrimônio. Mas, a senhora julga que tenho apego a dinheiro? Absolutamente nenhum.  
  
Desde que me tornei espírita, desejo fundar uma instituição beneficente que recolha velhinhos e crianças ao desamparo. Já tenho comigo vinte projetos diferentes para as construções; no entanto, preciso aumentar o capital. Não quero uma obra mambembe, dessas que andam por aí. Por outro lado, sou contra a vadiagem. Para velhos, mulheres e meninos que estendem a mão na rua, não dou um tostão.**

**Esse negócio de repartir migalhas é fazer comida de passarinho e estimular a velhacaria. Necessitamos de estabelecimentos seguros. Nada de criar vagabundos e vigaristas, em nome da caridade. Nesse ponto, não cedo. Ainda agora, na semana passada, o Pinheiro me pediu uns cobres para certa mulher que tentou envenenar dois filhos e suicidar-se em seguida, a pretexto de fome. Não dei bola. Se ela quiser dinheiro, que vá trabalhar. Essa beneficência de teatro é coisa de esmola. Quero uma organização eficiente, que resolva os problemas, em vez de agravá-los.  
  
Para o conjunto de edificações que pretendo levantar, já percebo o rendimento aproximado de quatro milhões e quinhentos mil cruzeiros por mês; entretanto, isso é pouco. E' indispensável, pelo menos, duplicar essa quantia para começar. Ultimamente, porém, mamãe, venho refletindo na situação da senhora. Desde que o papai desencarnou, desejo solicitar que a senhora auxilie o espírito dele, com o serviço ao próximo.**

**Com os juros dos depósitos bancários e com o produto das fazendas que ele deixou no Paraná, é possível fazer muito. Que a senhora não aceite o Espiritismo, vá lá! Mas a senhora é cristã e deve amparar as obras cristãs. Não convém deixar tanto dinheiro sem aplicação definida na assistência aos que sofrem. A senhora me desculpe, mas peco-lhe fazer, desde já, um testamento em favor das casas de caridade da sua simpatia.**

**Mamãe, pense no Além!... Convença-se de que ninguém morre. No mundo espiritual, a pessoa responde pelas propriedades que ajunta. Faça uma visita aos insititutos benemerentes, mamãe! Estude o que lhe proponho. Logo que puder, consulte o nosso advogado. Não deixe o assunto para depois. Urgência, mamãe! A senhora, viúva, e eu também, temos grandes responsabilidades.   
  
Estamos sozinhos para administrar o que é nosso. De minha parte, acredito que, dentro de poucos anos, terei equacionado o problema de minha fundação. Somente me preocupa a atitude da senhora. Pondere, mamãe. Não quero dizer que a senhora está velha, mas é imperioso zelar por nossa tranquilidade de consciência, enquanto a memória anda boa.   
  
Espero ir vê-la, na primeira oportunidade, a fim de conversarmos com mais segurança. Muito carinho e um beijo na testa com todo o coração do seu filho. Licinio  
  
Esta era a carta que ele acabara de escrever à mãezinha, quando a morte o surpreendeu numa crise de angina, sem que nos fosse possível auxiliá-lo a reacomodar-se no corpo irrecuperável.  
  
Com tantos planos de serviço e com tantos recursos, Licínio, que soubera traçar considerações tão oportunas sobre a aplicação de finança e tempo, largara o veículo físico, na condição de espírita, sem que as instituições espíritas lhe conhecessem a existência. E, no dia seguinte, quando a veneranda senhora Mendonça chegou de automóvel para os funerais, encanecida mas empertigada, deu-nos a impressão de que ainda teria muito tempo na Terra, para viver forte e rija.**

**06 - Coragem - Espíritos Diversos - pág. 61, 129**

**18 - MISERICÓRDIA SEMPRE  
  
Conta-se que Jesus, após haver lançado a parábola do Bom Samaritano, entraram os apóstolos no exame da conduta dos personagens da narrativa. E porque traçassem fulminativas reprovações, em torno de alguns deles, o Cristo prosseguiu no ensinamento para lá do contato público:  
  
— "Em verdade, — acentuou o Mestre, — referindo-nos ao próximo, ante as indagações do doutor da Lei, à frente do povo, a lição de misericórdia tem raízes profundas. Quem passasse irradiando amor na estrada, onde o viajante generoso testemunhou a solldariedade, encontraria mais amplos motivos para compreender e auxiliar.  
  
Além do homem ferido e arrojado ao pó, claramente necessitado de socorro, teria cuidado de apiedar-se do sacerdote e do levita, mergulhados na obsessão do egoísmo e carecentes de compaixão; simpatizar-se-ia com o hoteleiro, endereçando-lhe pensamentos de bondade que o sustentassem no exercício da profissão; compadecer-se-ia dos malfeitores, orando por eles, a fim de que se refizessem, perante as leis da vida, e, tanto quanto possível ampararia a vítima dos ladrões, estendendo igualmente mãos operosas e amigas ao samaritano da caridade, para que se lhe não esmorecessem as energias nas tarefas do bem."  
  
E, diante dos companheiros surpreendidos, o Mestre rematou:—. "Para Deus, todos somos filhos abençoados e eternos, mas enquanto a misericórdia não se nos fixar nos domínios do coração, em verdade, não teremos atingido o caminho da paz e o reino do amor."  
EMMANUEL**

**42 - PASSOS DE LUZ**

**Nas tribulações ou discórdias que nos agravem os problemas da vida, recordemos a necessidade de certo donativo, talvez dos mais difíceis na beneficência da alma; - o primeiro passo para o reajuste da harmonia e da segurança. Isso significa para nós um tanto mais de amor, ainda mesmo quando nos vejamos ilhados no espinheiro vibratório da incompreensão.**

**Por vezes, é o lar em tumulto reclamando a tranquilidade, à face do desentendimento entre criatura queridas. Noutras circunstâncias, são companheiros respeitáveis, em conflito uns com os outros. Em algumas situações, é o estopim curto da agressividade exagerada nesse ou naquele amigo, favorecendo a explosão da violência.  
  
Em muitos lances do caminho, é o sofrimento de algum coração brioso e nobre, mas ainda tisnado pelo orgulho-a ferir-se. Nessas horas, quando a sombra se nos estende a vida, em forma de perturbação ou desafio a lutas maiores, bem-aventurados sejam todos aqueles que se decidam ao primeiro passo da benevolência e da humildade, da tolerância e do perdão, auxiliando-nos na recomposição do caminho.  
  
Onde estiveres, com quem seja, em qualquer tempo e tanto quanto puderes, dá de ti mesmo esse acréscimo de bondade, recordando o acréscimo de misericórdia, que todos recebemos de Deus, a cada trecho da vida. Alguém nos injuria? Suportar com mais paciência. Aparece quem nos aflija?  
  
Disciplinar-nos sempre mais na compreensão das lutas alheias. Em Surjem prejuízos? Trabalhar com mais vigor. Condenações contra nós? Abençoar e servir constantemente. Em todas as situações, nas quais o mal entreteça desequilíbrio, tenhamos a coragem do primeiro passo, em que a serenidade e o amor, a humildade e a paciência nos garantam de novo a harmonia do Bem.  
EMMANUEL**

**09 - Jesus no lar - Néio Lúcio - pág. 67**

**A COROA E AS ASAS**

**Comentava-se, na reunião, as glórias do saber, quando o Cristo, para ilustrar a palestra, contou, despretensioso:- Um homem amante da verdade, intelectual conduz à divina sabedoria, atirou-se à elevação da montanha da ciência, empenhando todas as forças que possuía no decisivo cometimento.**

**A vereda era sombria qual obscuro labirinto; contudo, o esforçado lidador, olvidando dificuldade e perigos, avançava sempre, trocando de vestuário para melhor acomodar-se às exigências da marcha. De tempos a tempos, lançava à margem da estrada uma túnica que se fizera estreita ou uma alpercata que se lhe afigurava inservível, procurando indumentária nova, até que, um dia, depois de muitos anos, alcançou a desejada culminância, onde um representante de Deus lhe surgiu ao encontro.  
  
O emissário cumprimentou-o, abraçou-o e revestiu-lhe a fronte com deslumbrante coroa de luz. Todavia, quando o vencedor do conhecimento quis prosseguir adiante, na direção do Paraíso, recomendou-lhe o mensageiro que voltasse atrás dos próprios passos, a ver o trilho percorrido e que, de sua atitude na revisão do caminho, dependeria a concessão de asas com que lhe seria possível voar ao encontro do Pai Eterno.  
  
O interessado regressou, mas, agora, auxiliado pela fulgurante auréola de que fora investido, podia contemplar todos os ângulos da senda, antes inextricável ao seu olhar. Não conteve o riso, diante das estranhas roupagens de que os viajadores da retaguarda se vestiam. Aqui, notava tuna túnica rota; acolá, uma sandália extravagante. Peregrinos inúmeros se apoiavam em bordões quebradiços, enquanto outros se amparavam em capas misérrimas; entretanto, cada qual, com impertinência infantil, marchava senhor de si, como se envergasse a roupa mais valiosa do mundo.  
  
O vencedor da ciência não suportou as impressões que o quadro lhe causava e abriu-se em frases de zombaria, reprovando acremente a ignorância de quantos seguiam em vestes ridículas ou inadequadas. Gritou, condenou e fez apodos contundentes. Dirigiu-se à comunidade dos viajantes com tamanha ironia que muitos renunciaram à subida, retornando à inércia da planície vasta.  
  
Após amaldiçoar a todos, indistintamente, voltou o herói coroado ao cume do monte, na expectativa de partir sem detença ao encontro do Pai, mas o Anjo, muito triste, explicou-lhe que a roupagem dos outros, que lhe provocara tanto sarcasmo inútil, era aquela mesma de que ele se servira para elevar-se, ao tempo em que era frágil e semicego, e que as asas de luz, com que deveria erguer-se ao Trono Divino, somente lhe seriam dadas, quando edificasse o amor no imo do coração.**

**Faltavam-lhe piedade e entendimento; que ele voltasse demoradamente ao caminho e auxiliasse os semelhantes, sem o que jamais conseguiria equilibrar-se no Céu. Alguns minutos de silêncio seguiram-se indevassáveis...O Mestre, todavia, imprimindo significativa ênfase às palavras, terminou:  
  
— Há muitas almas, na Terra, ostentando a luminosa coroa da ciência, mas de coração adormecido na impiedade, salientando-se no sarcasmo pueril e na censura indébita. Envenenadas pela incompreensão, exigentes e cruéis, fulminam os companheiros mais fracos no entendimento ou na cultura, ao invés de estender-lhes as mãos fraternais, reconhecendo que também já foram assim, tateantes e imperfeitos... Enquanto, porém, não se decidirem a ajudar o irmão menos esclarecido e menos afortunado, acolhendo-o no próprio, com sinceridade e devotamento, não receberão as asas com que lhe será lícito partir na direção do Céu.  
  
  
10 - Justiça divina - Emmanuel - pág. 33, 151,157, 184  
  
  
CAÍDOS - REUNIÃO PÚBLICA DE 17/02/61 - 1ª PARTE, CAP. VII, ÍTEM 10  
Aproxima-te dos caídos para ajudar. Não suponhas, contudo, que eles sejam apenas os companheiros que encontras na estrada, em decúbito, vitimados de inanição ou de desalento. Assestaas lentes do espírito e surpreenderás os que jazem prostrados, embora garantam o corpo em condição vertical, à maneira de torre inútil.**

**Entretanto, é preciso compreender para discernir. Há os que caíram amando, sem saber que o afeto insensato os arrojaria nas trevas. Há os que caíram em rijas cadeias, por ignorarem que as flores genuínas do lar costumam viver no adubo do sofrimento. Há os que caíram auxiliando, por desconhecerem que a caridade real pede apoio à renúncia.**

**Há os que caíram por devotamento à dignidade, transformando a Justiça em gládio de intolerância. Há os que caíram nos duros freios do orgulho, imaginando-se mais limpos e mais nobres que os seus irmãos. Há os que caíram no fogo das paixões delinquentes, ateado por eles mesmos à própria senda.**

**Há os que caíram nas grades do ódio, por olvidarem que o perdão é sustento da vida. E há ainda aqueles outros que caíram na miséria da usura, como se pudessem comer o dinheiro que acumularam chorando... Cada um deles traz a dor nos recessos da alma por elemento de correção.**

**Não lhes agraves, assim, o suplício moral, alargando-lhes as feridas. Todos somos viajores nas trilhas da Terra, carregando fardos de imperfeições.**

**Hoje, podes estender os braços e levantar os que desfalecem. Amanhã, porém, é novo dia de caminhada e, embora tenhamos a obrigação de orar e vigiar, nenhum de nós sabe realmente se vai cair.**

**JORNADA ACIMA - Reunião pública de 13-10-61 19 - Parte, cap. VI, item 13  
  
Ergue a flama da fé na imortalidade, e caminha! Os que desertaram da confiança gritar-te-ão impropérios, entrincheirados na irresponsabilidade que lhes serve de esconderijo. Demagogos do desânimo, dirão, apressados, que o mundo nunca se desvencilhará da lei de Caim; que os tigres da inteligência continuarão devorando os cordeiros do trabalho; que a mentira, na História, prosseguirá entronizando criminosos na galeria dos mártires; que a perfídia se anteporá, indefinidamente, à virtude; que a mocidade é carne para canhões e prostíbulos; que as mães amamentam para o sepulcro; que as religiões são fábulas piedosas para consumo de analfabetos; que as tenazes da guerra te constringirão a cabeça, sufocando-te a voz no silêncio do horror...**

**Tentarão, decerto, envolver-te na nuvem do pessimismo, induzindo-te a esquecer o presente e o futuro, na taça de tranquilidade e prazer em que anestesiam o pensamento. Contudo, reflete levemente e perceberás que os trânsfugas do dever, acolhidos à negação e infantilizados no medo, simplesmente desfrutam a paz dos entrevados e a alegria dos loucos.  
  
Ora por eles, nossos irmãos que ainda não amadureceram o entendimento para a altura da vida, e segue adiante. Na escuridão mais espessa, acende a chama da prece, e, onde todos se sentirem desalentados, fala, sem revolta, a palavra de esperança que desenregele os corações mumificados no desconsolo. Um gesto de bondade sobre a agonia de alguém que oscila, à beira do abismo, e uma gota de bálsamo espremida com amor numa ferida que sangra bastam, muitas vezes, para renovar multidões inteiras.  
  
Sobretudo, nos mais aflitivos transes da provação, não percas a paciência. Não consegues emendar os companheiros desarvorados, mas podes restaurar a ti mesmo. Embora contemplando assaltos e violências, ruínas e escombros, avança jornada acima, apagando o mal e fazendo o bem.  
  
Criatura alguma, na Terra, escapará da grandeza fatal da justiça e da morte; no entanto, sabemos todos que a justiça, por mais dura e terrível, é sempre a resposta da Lei às nossas próprias obras, e que a morte, por mais triste e desconcertante, é sempre o toque de ressurgir.**

**FALIBILIDADE - REUNIÃO PÚBLICA DE 23/10/61 - 1ª PARTE, CAP. IX - ÍTEM 12  
Ante as devastações do mal, apóia o trabalho que objetive o retorno ao bem. Até que o espírito se integre no Infinito Amor e na Sabedoria Suprema, em círculos de manifestação que, por agora, nos escapam ao raciocínio, a falibilidade é compreensível, no campo de cada um, tanto quanto o erro é natural no aprendiz em experiência na escola.**

**A educação não forma autômatos. A Ordem Universal não cria fantoches. Onde haja desastres, auxilia a restauração. Mobiliza as forças de que dispões, sanando os desequilíbrios, ao invés de consumir ação e verbo, atitude e tempo, grafando a veneno o labéu da censura. Anotaste lances calamitosos nos delitos que o tribunal terrestre não é capaz de prever ou desagravar.**

**Viste homens e mulheres, cercados de apreço público, aniquilarem existências preciosas, derramando o sangue de corações queridos em forma de lágrimas; surpreendeste cidadãos abastados e aparentemente felizes, que humilharam os próprios pais, reduzindo-os à extrema pobreza, ao preço de documentos espúrios.**

**Assinalaste pessoas açucaradas e sorridentes que induziram outras ao suicídio e à criminalidade, sem que ninguém as detivesse ; identificaste os que abusaram do poder e do ouro, erguendo tronos sociais para si próprios, à custa do pranto que fizeram correr, muitas vezes com o aplauso dos melhores amigos, e conheceste carrascos de olhos doces e palavras corretas que escamotearam a felicidade dos semelhantes, abrindo as portas do hospício ou da penitenciária para muitos daqueles que lhes confiaram os tesouros da convivência, sem que o mundo os incomodasse.**

**Apesar disso, não necessitas enlamear-lhes o nome ou incendiar-lhes a senda. Todos eles voltarão ao quadro escuro das faltas cometidas, através de continuadas reencarnações, em dificuldades amargas, nos redutos da prova, a fim de lavarem a consciência. Se a maldade enodoa essa ou aquela situação, faze o melhor que possas para que a bondade venha a surgir.  
  
Segue entre os homens, abençoando e ajudando, ensinando e servindo...Todas as vítimas das trevas serão trazidas à luz e todos os caídos serão levantados, ainda que, para isso, a esponja do sofrimento tenha de ser manejada pelos braços da vida, em milênios de luta. Isso porque as Leis Divinas são de justiça e misericórdia e a Providência Inefável jamais decreta o abandono do pecador.**

**COMPAIXÃO E JUSTIÇA - REUNIÃO PÚBLICA DE 4/12/61, 1ª. PARTE, CAP. VII, ÍTEM 29  
O Amor Universal favorece o levantamento da escola, mas, se te negas a aprender, ninguém te pode arrancar às trevas da ignorância. A Divina Presciência estabelece regras e meio para a higiene, mas, se desertas do cuidado para contigo, albergarás, no próprio corpo, largo pasto à imundície.**

**A Infinita Bondade inspira a elaboração do remédio que te alivie ou cure as doenças, nessa ou naquela circunstância difícil, mas, se recusas o medicamento, continuarás sofrendo o desequilíbrio. A Eterna Sabedoria promove a fabricação de extintores e encoraja a educação de bombeiros, mas, se ateias fogo na própria casa, padecerás, de imediato, os resultados do incêndio.**

**A Providência Vigilante suscita a formação de recursos para o cultivo e defesa da gleba, mas, se foges do trabalho, a breve tempo terás, no próprio campo, vasta coleção de espinheiros e serpentes. Deus dá a semente, mas pede serviço para que o pão apareça; espalha ensinamentos, mas pede estudo para que haja aprimoramento do espírito.**

**Não procures enganar a ti mesmo, aguardando compaixão sem justiça. Anota os fenômenos da existência e reconhecerás que a vida te concede guias e explicadores, estradas e máquinas; no entanto, exige que penses com a própria cabeça e andes com os próprios pés. Afirma Allan Kardec: "Certo, a misericórdia de Deus é infinita, mas não é cega".**

**E Jesus, encarecendo a responsabilidade que nos supervisiona os caminhos, adverte-nos no versículo trinta e três do capítulo treze, no Evangelho de Marcos: "Olhai, vigiai e orai..".**

**Observemos que o apelo à prudência não inclui simplesmente o "vigiai" e o "orai", e, sim, começa, com ampla objetividade, pelo imperativo categórico: "Olhai".**

**14 - O Espírito da Verdade -Espíritos Diversos - pág. 60, 107**

**24- CAMINHA ALEGREMENTE - CAP. VIII - ÍTEM 1  
"Tendo cuidado de que ninguém se prive da graça de Deus e de que nenhuma raiz de amargura, brotando vos perturbe e, por ela, muitos de contaminem". - Paulo (Hebreus, 12:15)**

**Raízes de amargura existirão sempre, nos corações humanos, aqui e ali, como sementes de plantas inúteis ou venenosas estarão no seio de qualquer campo. Contudo, tanto quanto é preciso expulsar a erva daninha para que haja colheita nobre e farta, é indispensável relegar ao esquecimento os problemas superados e as provações vencidas, para que reminiscências destruidoras não brotem no solo da alma, produzindo os frutos azedos das palavras e das ações infelizes.**

**Mãos prestimosas arrancarão o escalracho, em torno da lavoura nascente, e atitudes valorosas devem extirpar do espírito as recordações amargas, suscetíveis de perturbar o caminho. Se alguém te trouxe dano ou se alguém te feriu, pensa nos danos e nas feridas que terás causado a outrem, muitas vezes sem perceber.**

**E tanto quanto estimas ser desculpado, perdoa também, sem quaisquer restrições. Observa a sabedoria de Deus na esfera da Natureza. A fonte dissolve os detritos que lhe arrojam. A luz não faz coleção de sombras.**

**Caminha alegremente e constrói para o bem, porque só o bem permanecerá. Seja qual for a dor que hajas sofrido, lembra-te de que tudo amanhã será melhor se não engarrafares fel ou vinagre no coração.**

**Emmanuel**

**43 - CRÍTICA - CAP. XII - ÍTEM 2**

**Se você está na hora de criticar alguém, pense um pouco, antes de iniciar. Se o parente está em erro, lembre-se de que você vive junto dele para ajudar. Se o irmão revela procedimento lamentável, recorde que há moléstias ocultas que podem atingir você mesmo. Se um companheiro faliu, é chegado o momento de substituí-lo em trabalho, até que volte.**

**Se o amigo está desorientado, medite nas tramas da obsessão. Se o homem da atividade pública parece fora do eixo, o desequilíbrio é problema dele. Se há desastres morais nos vizinhos, isso é motivo para auxílio fraterno, porquanto esses mesmos desastres provavelmente chegarão até nós.**

**Se o próximo caiu em falta, não é preciso que alguém lhe agrave as dores de consciência. Se uma pessoa entrou em desespero, no colapso das próprias energias, o azedume não adianta. Ainda que você esteja diante daqueles que se mostram plenamente mergulhados na loucura ou na delinquência, fale no bem e fuja da crítica destrutiva, porque a sua reprovação não fará o serviço dos médicos e dos juízes indicados para socorrê-los, e, mesmo que a sua opinião seja austera e condenatória, nisso ou naquilo, você não pode olvidar que a opinião de Deus, Pai de nós todos, pode ser diferente.**

**André Luiz**

|  |  |
| --- | --- |
| **MISSIONÁRIOS** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- A caminho da luz - pág. 106** | **02 - A mansão Renoir - pág. 171** |
| **03 - Amor e ódio - pág. 92** | **04 - Após a tempestade - pág. 78** |
| **05 - As aves feridas na Terra voam - pág. 22** | **06 - Conversa firme - pág. 109** |
| **07 - Devassando o invisível - pág. 117** | **08 - Emmanuel - pág. 25** |
| **09 - Entre a Terra e o céu - pág. 177** | **10 - Estudos sobre mediunidade - pág. 151** |
| **11 - Ide e pregai- pág. 16** | **12 - Joana D'Arc - pág. 227** |
| **13 - Justiça Divina - pág. 55** | **14 - Mensagens de além-túmulo- pág. 53** |
| **15 - Nosso Lar - pág. 179** | **16 - O cavaleiro de Numiers - pág. 64** |
| **17 - O consolador - pág. 81, 194** | **18 - O Evangelho S.o Espiritismo - cap. VI,8** |
| **19 - O grande enigma - pág. 229** | **20 - O probl.do ser do destino e da dor - pág. 157** |
| **21 - Obreiros da vida eterna - pág. 173** | **22 - Os funerais da Santa Sé - pág. 38** |
| **23 - Pão Nosso - pág. 77, 117** | **24 - Revista Espírita 1860 - pág. 113** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**MISSIONÁRIOS** **– COMPILAÇÃO**

**01- A caminho da luz - Emmanuel - pág. 106**

**XII - A VINDA DE JESUS  
A MANJEDOURA  
A manjedoura assinalava o ponto inicial da lição salvadora do Cristo, como a dizer que a humildade representa a chave de todas as virtudes. Começava a era definitiva da maioridade espiritual da Humanidade terrestre, de vez que Jesus, com a sua exemplificação divina entregaria o código da fraternidade e do amor a todos os corações.**

**Debalde os escritores materialistas de todos os tempos vulgarizaram o grande acontecimento, ironizando os altos fenômenos mediúnicos que o precederam. As figuras de Simeão, Ana, Isabel, João Batista, José, bem como a personalidade sublimada de Maria, têm sido muitas vezes objeto de observações injustas e maliciosas; mas a realidade é que somente com o concurso daqueles mensageiros da Boa Nova, portadores da contribuição de fervor, crença e vida, poderia Jesus lançar na Terra os fundamentos da verdade inabalável.  
  
O CRISTO E OS ESSÊNIOS  
Muitos séculos depois da sua exemplificação incompreendida, há quem o veja entre os essênios, aprendendo as suas doutrinas, antes do seu messianismo de amor e de redenção. As próprias esferas mais próximas da Terra, que pela força das circunstâncias se acercam mais das controvérsias dos homens que do sincero aprendizado dos espíritos estudiosos e desprendidos do orbe, refletem as opiniões contraditórias da Humanidade, a respeito do Salvador de todas as criaturas.  
  
O Mestre, porém, não obstante a elevada cultura das escolas essênias, não necessitou da sua contribuição. Desde os seus primeiros dias na Terra, mostrou-se tal qual era, com a superioridade que o planeta lhe conheceu desde os tempos longínquos do princípio.  
  
CUMPRIMENTO DAS PROFECIAS DE ISRAEL  
Do seu divino apostolado nada nos compete dizer em acréscimo das tradições que a cultura evangélica apresentou em todos os séculos posteriores à sua vinda à Terra, reafirmando, todavia, que a sua lição de amor e de humildade foi única em todos os tempos da Humanidade. Dele asseveraram os profetas de Israel, muito tempo antes da manjedoura e do calvário:**

**— "Levantar-se-á como um arbusto verde, vivendo na ingratidão de um solo árido, onde não haverá graça nem beleza. Carregado de opróbrios e desprezado dos homens, todos lhe voltarão o rosto. Coberto de ignomínias, não merecerá consideração. E' que Ele carregará o fardo pesado de nossas culpas e de nossos sofrimentos, tomando sobre si todas as nossas dores.**

**Presumireis na sua figura um homem vergando ao peso da cólera de Deus, mas serão os nossos pecados que o cobrirão de chagas sanguinolentas e as suas feridas hão de ser a nossa redenção. Somos um imenso rebanho desgarrado, mas, para nos reunir no caminho de Deus, Ele sofrerá o peso das nossas iniqüidades. Humilhado e ferido, não soltará o mais leve queixume, deixando-se conduzir como um cordeiro ao sacrifício. O seu túmulo passará como o de um malvado e a sua morte como a de um ímpio. Mas, desde o momento em que oferecer a sua vida, verá nascer uma posteridade e os interesses de Deus hão de prosperar nas suas mãos."  
  
A GRANDE LIÇÃO  
Sim, o mundo era um imenso rebanho desgarrado . Cada povo fazia da religião uma nova fonte de vaidades, salientando-se que muitos cultos religiosos do Oriente caminhavam para o terreno franco da dissolução e da imoralidade; mas o Cristo vinha trazer ao mundo os fundamentos eternos da verdade e do amor. Sua palavra, mansa e generosa, reunia todos os infortunados e todos os pecadores.   
  
Escolheu os ambientes mais pobres e mais desataviados para viver a intensidade de suas lições sublimes, mostrando aos homens que a verdade dispensava o cenário suntuoso dos areópagos, dos fóruns e dos templos, para fazer-se ouvir na sua misteriosa beleza. Suas pregações, na praça pública, verificam-se a propósito dos seres mais desprotegidos e desclassificados, como a demonstrar que a sua palavra vinha reunir todas as criaturas na mesma vibração de fraternidade e na mesma estrada luminosa do amor.**

**Combateu pacificamente todas as violências oficiais do judaísmo, renovando a Lei Antiga com a doutrina do esclarecimento, da tolerância e do perdão. Espalhou as mais claras visões da vida imortal, ensinando às criaturas terrestres que existe algo superior às pátrias, às bandeiras, ao sangue e às leis humanas. Sua palavra profunda, enérgica e misericordiosa, refundiu todas as filosofias, aclarou o caminho das ciências e já teria irmanado todas as religiões da Terra, se a impiedade dos homens não fizesse valer o peso da iniquidade na balança da redenção .  
  
A PALAVRA DIVINA  
Não nos compete fornecer uma nova interpretação das palavras eternas do Cristo, nos Evangelhos. Semelhante interpretação está feita por quase todas as escolas religiosas do mundo, competindo apenas às suas comunidades e aos seus adeptos a observação do ensino imortal, aplicando-a a si próprios, no mecanismo da vida de relação, de modo que se verifique a renovação geral, na sublime exemplificação, porque, se a manjedoura e a cruz constituem ensinamento inolvidável, muito mais devem representar, para nós outros, os exemplos do Divino Mestre, no seu trato com as vicissitudes da vida terrestre.  
  
De suas lições inesquecíveis, decorrem consequências para todos os departamentos da existência planetária, no sentido de se renovarem os institutos sociais e políticos da Humanidade, com a transformação moral dos homens dentro de uma nova era de justiça econômica e de concórdia universal.  
  
Pode parecer que as conquistas do verdadeiro Cristianismo sejam ainda remotas, em face das doutrinas imperialistas da atualidade, mas é preciso reconhecer que dois mil anos já dobaram sobre a palavra divina. Dois mil anos em que os homens se estraçalharam em seu nome, inventando bandeiras de separatividade e destruição.**

**Incendiaram e trucidaram, em nome dos seus ensinos de perdão e de amor, massacrando esperanças em todos os corações. Contudo, o século que passa deve assinalar uma transformação visceral nos departamentos da vida. A dor completará as obras generosas da verdade cristã, porque os homens repeliram o amor em suas cogitações de progresso.**

**CREPÜSCULO DE UMA CIVILIZAÇÃO  
Uma nuvem de fumo vem-se formando, há muito tempo, nos horizontes da Terra cheia de indústrias de morte e destruição. Todos os países são convocados a conferirem os valores da maturação espiritual da Humanidade, verificada no orbe há dois milênios.**

**O progresso científico dos povos e as suas mais nobres e generosas conquistas são reclamados pelo banquete do morticínio e da ambição, e, enquanto a política do mundo se sente manietada ante os dolorosos fenômenos do século, registram-se nos espaços novas atividades de trabalho, porque a direção da Terra está nas mãos misericordiosas e augustas do Cordeiro.  
  
O EXEMPLO DO CRISTO  
Sem nos referirmos, porém, aos problemas da política transitória do mundo, lembremos, ainda, que a lição do Cristo ficou para sempre na Terra, como o tesouro de todos os infortunados e de todos os desvalidos. Sua palavra construiu a fé nas almas humanas, fazendo-lhes entrever os seus gloriosos destinos. Haja necessidade e tornaremos a ver a crença e a esperança reunindo-se em novas catacumbas romanas, para reerguerem o sentido cristão da civilização da Humanidade.  
  
É, muitas vezes, nos corações humildes e aflitos que vamos encontrar a divina palavra cantando o hino maravilhoso dos bem-aventurados. E, para fechar este capítulo, lembrando a influência do Divino Mestre em todos os corações sofredores da Terra, recordemos o episódio do monge de Manilha, que, acusado de tramar a liberdade de sua pátria contra o jugo dos espanhóis, é condenado à morte e conduzido ao cadafalso.  
  
No instante do suplício, soluça desesperadamente o mísero condenado: — "Como, pois, será possível que eu morra assim inocente? Onde está a justiça? Que fiz eu para merecer tão horrendo suplício?"  
  
Mas um companheiro corre ao seu encontro e murmura-lhe aos ouvidos: — "Jesus também era inocente!..." Passa, então, pelos olhos da vítima, um clarão de misteriosa beleza. Secam-se as lágrimas e a serenidade lhe volta ao semblante macerado, e, quando o carrasco lhe pede perdão, antes de apertar o parafuso sinistro, ei-lo que responde resignado: — "Meu filho, não só te perdôo como ainda te peço cumpras o teu dever."**

**08 - Emmanuel - Emmanuel - pág. 25**

**II - A ASCENDÊNCIA DO EVANGELHO  
Nenhuma expressão fornece imagem mais justa do poder d'Aquele a quem todos os espíritos da Terra rendem culto do que a de João, no seu Evangelho — "No princípio era o Verbo..." Jesus, cuja perfeição se perde na noite imperscrutável das eras, personificando a sabedoria e o amor, tem orientado todo o desenvolvimento da Humanidade terrena, enviando os seus iluminados mensageiros, em todos os tempos, aos agrupamentos humanos e, assim como presidiu à formação do orbe, dirigindo, como Divino Inspirador, a quantos colaboraram na tarefa da elaboração geológica do planeta e da disseminação da vida em todos os laboratórios da Natureza, desde que o homem conquistou a racionalidade, vem-lhe fornecendo a idéia da sua divina origem, o tesouro das concepções de Deus e da imortalidade do espírito, revelando-lhe, em cada época, aquilo que a sua compreensão pode abranger.**

**Em tempos remotos, quando os homens, fisicamente, pouco dessemelhavam dos antropopitecos, suas manifestações de religiosidade eram as mais bizarras, até que, transcorridos os anos, no labirinto dos séculos, vieram entre as populações do orbe os primeiros organizadores do pensamento religioso que, de acordo com a mentalidade geral, não conseguiram escapar das concepções de ferocidade que caracterizavam aqueles seres egressos do egoísmo animalesco da irracionalidade. Começaram aí os primeiros sacrifícios de sangue aos ídolos de cada facção, crueldades mais longínquas que as praticadas nos tempos de Baal, das quais tendes notícia pela História.  
  
AS TRADIÇÕES RELIGIOSAS  
Vamos encontrar, historicamente, as concepções mais remotas da organização religiosa na civilização chinesa, nas tradições da Índia védica e bramânica, de onde também se irradiaram as primeiras lições do Budismo, no antigo Egito, com os mistérios do culto dos mortos, na civilização resplandecente dos faraós, na Grécia com os ensinamentos órficos e com a simbologia mitológica, existindo já grandes mestres, isolados intelectualmente das massas, a quem ofereciam os seus ensinos exóticos, conservando o seu saber de iniciados no círculo restrito daqueles que os poderiam compreender devidamente.  
  
OS MISSIONÁRIOS DO CRISTO  
Fo-Hi, os compiladores dos Vedas, Confúcio, Hermes, Pitágoras, Gautama, os seguidores dos mestres da antiguidade, todos foram mensageiros de sabedoria que, encarnando em ambientes diversos, trouxeram ao mundo a idéia de Deus e das leis morais a que os homens se devem submeter para a obtenção de todos os primores da evolução espiritual. Todos foram mensageiros d'Aquele que era o Verbo do Princípio, emissários da sua doutrina de amor.**

**Em afinidade com as características da civilização e dos costumes de cada povo, cada um deles foi portador de uma expressão do "amai-vos uns aos outros". Compelidos, em razão do obscurantismo dos tempos, a revestir seus pensamentos com os véus misteriosos dos símbolos, como os que se conheciam dentro dos rigores iniciáticos, foram os missionários do Cristo preparadores dos seus gloriosos caminhos.  
  
A LEI MOISAICA  
A lei moisaica foi a precursora direta do Evangelho de Jesus. O protegido de Termutis, depois de se beneficiar com a cultura que o Egito lhe podia prodigalizar, foi inspirado a reunir todos os elementos úteis à sua grandiosa missão, vulgarizando o monoteísmo e estabelecendo o Decálogo, sob a inspiração divina, cujas determinações são até hoje a edificação basilar da Religião da Justiça e do Direito, se bem que as doutrinas antigas já tivessem arraigado a crença de Deus único, sendo o politeísmo apenas uma questão simbológica, apta a satisfazer à mentalidade geral.  
  
A legislação de Moisés está cheia de lendas e de crueldades compatíveis com a época, mas, escoimada de todos os comentários fabulosos a seu respeito, a sua figura é, de fato, a de um homem extraordinário, revestido dos mais elevados poderes espirituais. Foi o primeiro a tornar acessíveis às massas populares os ensinamentos somente conseguidos à custa de longa e penosa iniciação, com a síntese luminosa de grandes verdades.  
  
JESUS   
Com o nascimento de Jesus, há como que uma comunhão direta do Céu com a terra. Estranhas e admiráveis revelações perfumam as almas e o Enviado oferece aos seres humanos toda a grandeza do seu amor, da sua sabedoria e da sua misericórdia. Aos corações abre-se nova torrente de esperanças e a Humanidade, na Manjedoura, no Tabor e no Calvário, sente as manifestações da vida celeste, sublime em sua gloriosa espiritualidade.  
  
Com o tesouro dos seus exemplos e das suas palavras, deixa o Mestre entre os homens a sua Boa Nova. O Evangelho do Cristo é o transunto de todas as filosofias que procuram aprimorar o espírito, norteando-lhe a vida e as aspirações. Jesus foi a manifestação do amor de Deus, a personificação de sua bondade infinita.  
  
O EVANGELHO E O FUTURO  
Raças e povos ainda existem, que o desconhecem, porém não ignoram a lei de amor da sua doutrina, porque todos os homens receberam, nas mais remotas plagas do orbe, as irradiações do seu espírito misericordioso, através das palavras inspiradas dos seus mensageiros.  
  
O Evangelho do Divino Mestre ainda encontrará, por algum tempo, a resistência das trevas. A ma-fé, a ignorância, a simonia, o império da força conspirarão contra ele, mas tempo virá em que a sua ascendência será reconhecida. Nos dias de flagelo e de provações coletivas, é para a sua luz eterna que a Humanidade se voltará, tomada de esperança. Então, novamente se ouvirão as palavras benditas do Sermão da Montanha e, através das planícies, dos montes e dos vales, o homem conhecerá o caminho, a verdade e a vida.  
  
13 - Justiça Divina - Emmanuel - pág. 55**

**MISSÕES - Reunião pública de 27-3-61 1ª Parte, cap. III, item 14  
Aspiras à posição dos grandes administradores; entretanto, não sopesas as responsabilidades que lhes requeimam a fronte, quais invisíveis anéis de fogo. Anelas o renome dos grandes juizes, mas não sabes em quantas ocasiões padecem, agoniados, para não caírem nos erros de consciência.  
  
Desejas a fama dos grandes cientistas; contudo, não indagas quanto ao preço que pagam à disciplina, para manterem fidelidade às suas obrigações. Queres as vantagens dos grandes industriais; no entanto, desconheces a imensa luta em que se desgastam. Abraça a atividade singela que o mundo te reservou, respeitando a importância da vida.  
  
Se a experiência de sacrifício te chama a decifrar-lhe os segredos, lembra-te do alicerce que se esconde no solo, preservando a segurança da construção.   
  
Se o apostolado familiar é a renúncia que te compete, recorda que não existem personalidades notáveis, entre os homens, sem o devotamento silencioso de mães e pais, professores e companheiros que se apagam, pouco a pouco, a fim de que elas se levantem na evidência terrestre, à feição das obras-primas de estatuária, em pedestais obscuros.  
  
O arado que semeia é irmão da pena que escreve. A cozinha dedicada à química do alimento é outra face do laboratório consagrado à química das aplicações científicas. Diante da Lei, todas as tarefas do bem são missões de caráter divino.  
  
Atende, pois, de coração alegre, ao dever que te cabe, e, se ninguém na Terra dá conta de teus passos, ignorando-te a presença, nem por isso abandones o trabalho humilde que a vida te confiou, na certeza de que Deus é também o Grande Anônimo, a ensinar-nos, na base de toda a sabedoria e de todo o amor, que o mais alto privilégio é servir e servir.  
  
17 - O consolador - Emmanuel - pág. 81, 194**

**Perg. 125 - Reconhecendo que os nossos amigos do plano espiritual estão sempre ao nosso lado, em todos os trabalhos e dificuldades, a fim de nos inspirar, quais os maiores obstáculos que a sua bondade encontra em nós, para que recebamos o seu socorro indireto, afetuoso e eficiente?  
- Os maiores óbices psíquicos, antepostos pelo homem terrestre aos seus amigos e mentores da espiritualidade, são oriundos da ausência de humildade sincera nos corações, para o exame da própria situação de egoísmo, rebeldia e necessidade de sofrimento.**

**Perg. 128 - A vida do irracional está revestida igualmente das características missionárias?  
- A vida do animal não é propriamente missão, apresentando, porém, uma finalidade superior que constitui a do seu aperfeiçoamento próprio, através das experiências benfeitoras do trabalho e da aquisição, em longos e pacientes esforços, dos princípios sagrados da inteligência.**

**18 - O Evangelho Segundo o Espiritismo - Allan Kardec - cap. VI,8; XXi, 4**

**MISSÃO DOS ESPIRITAS - ERASTO Paris, 1863  
4. Não percebeis desde já a formação da tempestade deve assolar o Velho Mundo, e reduzir a nada a soma das iniquidades terrenas? Ah! bendizei o Senhor, vós que tendes fé na soberana justiça, e que, novos apóstolos da crença revelada vozes proféticas superiores, ides pregar o novo dogma da reencarnação e da elevação dos Espíritos, segundo o bom ou mau de penho de suas missões e a maneira por que suportaram as provas terrenas.  
  
Deixai de temores! As línguas de fogo estão sobre as vossas cabeças. Ó verdadeiros adeptos do Espiritismo, vós sois os eleitos de Deus! Ide e pregai a palavra divina. É chegada a hora ei deveis sacrificar os vossos hábitos, os vossos trabalhos, as futilidades, à sua propagação. Ide e pregai. Os Espíritos elevados estão convosco. Falareis, certamente, a pessoas que não que escutar a palavra de Deus, porque essa palavra as convida incessantemente ao sacrifício.  
  
Pregareis o desinteresse aos avarentos, a abstinência aos lutos, a mansidão aos tiranos domésticos e aos déspotas — palavras perdidas, bem sei, mas que importa! É necessário regar com suor o terreno em que deveis semear, porque ele não frutificará, não produzirá, senão sob os esforços incessantes da enxada e da charrua evangélicas. Ide e pregai!  
  
Sim, vós todos, homens de boa fé, que tendes consciência de vossa inferioridade, ao contemplar no infinito os mundos espaciais, parti em cruzada contra a injustiça e a iniquidade. Ide e aniquilai o culto do bezerro de ouro, que dia-a-dia mais se expande. Ide, que Deus voz conduz! Homens simples e ignorantes, vossas línguas se soltarão, e falareis como nenhum orador sabe falar. Ide e pregai que as as populações atentas receberão com alegria as vossas palavras consolação, de fraternidade, de esperança e de paz.  
  
Que importam as ciladas que armarem no vosso caminho? Somente os lobos caem nas armadilhas de lobos, pois o pastor saberá defender as suas ovelhas contra os carrascos imoladores. Ide, homens que sois grandes perante Deus, e que, mais felizes do que Tomé, credes sem querer ver e aceitais os fatos da mediunidade, mesmo quando nada conseguistes obter por vós mesmos. Ide, o Espírito de Deus vos guia!  
  
Marcha, pois, para a frente, grandiosa, falange da fé! e os pesados batalhões dos incrédulos se desvanecerão diante de ti, como as névoas da manhã aos primeiros raios do sol. A fé é a virtude que transporta montanhas, disse Jesus. Mas, ainda mais pesadas que as maiores montanhas, são as jazidas da impureza e de todos os vícios da impureza no coração humano. Parti, pois, cheios de coragem, para remover essas montanhas de iniqüidades que as gerações futuras não devem conhecer, senão como pertencentes a idade das lendas, da mesma nianeira como só imperfeitamente conheceis os períodos anteriores à civilização pagã.  
  
Sim, as revoluções morais e filosóficas vão eclodir em todos os pontos do Globo. Aproxima-se a hora em que a luz divina brilhará sobre os dois mundos. Ide, pois, levando a palavra divina aos grandes, que a desdenharão; aos sábios, que desejarão prová-la; e aos simples e pequeninos, que a aceitarão, pois principalmente entre os mártires do trabalho, nesta expiação terrena, encontrareis entusiasmo e fé.**

**Ide, que estes receberão jubilosos, agradecendo e louvando a Deus, a consolação divina que lhes oferecerdes; e, baixando a fronte, renderão graças pelas aflições que a Terra lhes reservou. Arme-se de decisão e coragem a vossa falange! Mãos à obra! O arado está pronto, e a terra preparada: arai!  
  
Ide e agradecei a Deus a gloriosa tarefa que vos concedeu. Mas, cuidado, que entre os chamados para o Espiritismo, muitos desviaram da senda! Atentai, pois, no vosso caminho, e buscai a verdade. Perguntareis, então: Se entre os chamados para o Espiritismo, muitos se transviaram, como reconhecer os que se acham no bom caminho?**

**Responderemos: Podeis reconhecê-los pelo ensino e pela prática dos verdadeiros princípios da caridade; pela consolação que distruírem aos aflitos; pelo amor que dedicarem ao próximo; pela sua abnegação e seu altruísmo. Podeis reconhecê-los, finalmente, pela vitória dos seus princípios, porque Deus quer que a Sua lei triunfe, e os que a seguem são os escolhidos, que vencerão.**

**Os que, porém, falseiam o espírito dessa lei, para satisfazerem sua vaidade e sua ambição, esses serão destruídos.**

**MISSÃO DOS PROFETAS  
4 - Atribui-se geralmente aos profetas o dom de revelar o futuro, de maneira que as palavras profecia e predição se tornaram sinônimas. No sentido evangélico, a palavra profeta tem uma significação mais ampla, aplicando-se a todo enviado de Deus, com a missão de instruir os homens e de lhes revelar as coisas ocultas, os mistérios da vida espiritual. Um homem pode, portanto, ser profeta sem fazer predições.**

**Essa era a idéia dos judeus, no tempo de Jesus. Eis porque, ao ser levado perante o sumo sacerdote Caifás, os Escribas e os Anciãos, que estavam ali reunidos, lhe cuspiram no rosto e lhe deram socos e bofetadas, dizendo: "Cristo, profetiza, e dize quem foi que te bateu". Houve profetas, entretanto, que tiveram a preciência do futuro, seja por intuição ou por revelação providencial, a fim de transmitirem advertências aos homens. Como essas predições se realizaram, o dom de predizer o futuro foi considerado como um dos atributos da qualidade de profeta.**

**19 - O grande enigma - Léon Denis - pág. 229**

**(...) Acabamos de passar em revista as ruínas a que o século XX já assistiu. Falemos agora das renovações que prepara e que executará. É sempre na ordem intelectual que as grandes renovações começam. As idéias precedem e preparam os fatos. É a lógica da História e a lei do progresso humano.  
  
O abuso dos métodos e dos processos de análise tem estado a ponto de nos perder. Conseqüentemente, é mister preparar as grandes sínteses, as concepções de conjunto. Eis que se estabelece um novo ponto de vista para todas as coisas. Para aplicar métodos novos são precisos homens novos. Para a ciência livre de amanhã, são necessários espíritos livres.  
  
Enquanto os homens destas gerações, submetidos à disciplina da Igreja ou da Universidade, não tiverem desaparecido, apenas se poderá esboçar a obra de redenção do espírito humano. A Igreja com suas confissões e a Universidade com seus exames quebrantaram a elasticidade da Alma e oprimiram os surtos do pensamento.  
  
As vocações e as inteligências retraíram-se; ninguém teve o tempo e o espaço necessário para sentir e viver plenamente. Prepara-se, entretanto, o trabalho de renovação. O século XIX e o começo do XX viram aparecer os precursores. Os gênios não tardarão em vir.  
  
Em cada época da História, conta-se certo número de Espíritos que pertencem mais ao século seguinte do que àquele em que vivem. Shakespeare escreveu: "Os grandes acontecimentos projetam diante de si sua sombra, antes que sua presença abale o Universo."  
  
Ora, os precursores viram esta sombra grandiosa desenhar-se-lhes no caminho, em formas móveis e poderosas; pressentiram os fatos e adivinharam as leis. Era o sinal de sua eleição intelectual e de sua vocação; mas, havia ali também a razão do seu isolamento, de seu abandono, de seus sofrimentos em meio à multidão que os não podia compreender.  
  
Acontecimentos surgiram com grandeza trágica. Durante mais de um quatriênio os povos se chocaram com abalos formidáveis. A guerra prosseguiu em sua obra de ruína e de morte, ao mesmo tempo que varria muitos erros, ilusões e quimeras. Ao sopro da tempestade, rasgaram-se as nuvens e apareceu um canto de céu azul. O décimo nono século foi o século da Matéria; o vigésimo será o do Espírito.  
  
O décimo nono, perscrutando a Natureza, fez surgir desconhecidas energias; o vigésimo revelar-nos-á forças espirituais superiores a tudo quanto o homem sonhou, e o estudo dessas forças nos conduzirá à solução do problema da vida e da morte. Os precursores são grandes diante da História! São eles que esclarecem a marcha da Humanidade na imensa estrada de seus destinos.  
  
Assemelham-se aos concorrentes do stadium antigo, de que fala Lucrécio, e que passaram de mão em mão o facho da inspiração. Sem eles, as renovações intelectuais do mundo não encontrariam os caminhos abertos, nem os espíritos preparados. Entre eles podemos citar, de nossos dias: Allan Kardec, Jean Reynaud, Flammarion, Victor Hugo, Crookes, Myers, Lodge, etc.  
  
O livro de Myers, sobre a Personalidade humana, termina por uma bela síntese experimentalista. O autor demonstra que é preciso, primeiramente, explicar o homem ao próprio homem. O aprender a conhecer o homem leva ao conhecimento de Deus e do Universo. É o que havia recomendado o poeta inglês Pope, em seu Ensaio sobre o homem.  
  
Mas as gerações passam, e é sempre esquecido esse estado essencial do homem interior. O século XIX consagrou incalculáveis recursos, imensos laboratórios ao estudo do universo material; estendeu prodigiosamente o campo de suas observações e de suas experiências; mas, o mundo ignorava ainda a constituição íntima do ser humano e as leis de seu destino.  
  
Encontraram-se, pois, nossos legisladores na impossibilidade de governar. Como, com efeito, dirigir homens, administrar povos, quando se ignora ou se finge ignorar o grande princípio da vida? Daí surgiu o mal-estar de que sofre hoje nosso país.  
  
O formidável problema do trabalho, com suas múltiplas dificuldades, tem por origem esse erro capital. Não quiseram ver na pessoa humana mais que um corpo a nutrir e explorar, e, partindo daí, só houve a preocupação das necessidades materiais. A luta pela vida tornou-se tão brutal quanto o era no tempo dos bárbaros.  
  
O mal é grande, e não será sanado com sistemas empíricos. Nem no Socialismo, sob a fórmula atual, nem no Catolicismo, serão encontrados os remédios. Faz-se mister, em primeiro lugar, descobrir as causas para nos atermos a elas. Ora, estas são, por assim dizer, constitucionais ao homem. Seus erros, eis o que é preciso corrigir; suas paixões, eis o que é preciso combater, agindo menos sobre as massas do que sobre o indivíduo.  
  
É ao todo, com efeito, que se deve esclarecer e corrigir; é preciso cultivar e desenvolver o homem interior em cada personalidade viva, se quisermos passar do reino da Natureza ao do Espírito. Para a ciência nova, são necessários homens que conheçam a fundo as leis superiores do Universo, o princípio da vida imortal e a grande lei da evolução, que é uma lei de amor, e não uma lei de bronze, conforme o disse Haeckel.  
  
Existe uma doutrina, ao mesmo tempo — velha quanto o mundo, e jovem quanto o futuro, porque é eterna, sendo a Verdade; uma doutrina que resume todas as noções fundamentais da vida e do destino; é o Espiritismo, e o livro de Myers, acima citado, é o seu comentário científico.  
  
O Espiritismo faz erupção no mundo; espalha-se por toda parte. Qual é a sociedade sábia, a revista hebdomadária, o jornal cotidiano, que não se ocupa de seus fenômenos, de suas manifestações, ainda que para os negar, criticar, mascarar ou combater? O Espiritismo é a questão do momento presente, o problema universal. Não é mais possível quedar indiferente em face dele.  
  
E é precisamente porque essa invasão espiritual enche os dois mundos e preocupa o pensamento humano, que acreditamos dever insistir sobre os deveres que nos incumbem para com essa nova fé, essa ciência, jovem e forte, que oferece provas irrefutáveis da vida, depois da morte, e contém, em gérmen, todas as ressurreições do futuro!...  
  
Relembramos, ao terminar, o caráter sensível do Espiritismo moderno. Não é um sistema novo que se vem juntar a outro, nem um conjunto de teorias vãs. É um ato solene do drama da evolução que começa uma revelação que ilumina, ao mesmo tempo, as profundezas do passado e do futuro, que faz surgir do pó dos séculos as crenças adormecidas, as anima com uma nova chama e, completando-as, as faz reviver.  
  
É um sopro poderoso que desce dos Espaços e corre sobre o mundo; sob sua ação, todas as grandes verdades se revelam. Majestosas, emergem do crepúsculo das idades, para desempenhar o papel que o pensamento divino lhes assinala. As grandes coisas se fortificam no recolhimento e no silêncio. No olvido aparente dos séculos, colhem energias novas. Retraem-se e preparam-se para os empreendimentos futuros.  
  
Acima das ruínas dos templos, das civilizações extintas e dos impérios desmoronados, acima do fluxo e do refluxo das marés humanas, uma voz poderosa se eleva; e esta voz clama: Os tempos são vindos, os tempos são chegados! Das profundezas estreladas descem à Terra os Espíritos em legião, para o combate da luz contra as trevas.  
  
Não são mais os homens, os sábios e os filósofos que trazem uma doutrina nova. São os Gênios do Espaço que vêm e sopram em nossos pensamentos os ensinos chamados a regenerar o mundo.  
  
São os Espíritos de Deus! Todos quantos possuem o dom da clarividência os percebem — pairando acima dos seres da Terra, tomando parte em nossos trabalhos, lutando ao nosso lado para o resgate e a ascensão da Alma humana. Grandes feitos se preparam. Que se ergam os trabalhadores do pensamento, se querem participar da missão oferecida por Deus a todos os que amam a Verdade e a ela servem.**

**23 - Pão Nosso - Emmanuel - pág. 77, 117**

**33 - TRABALHEMOS TAMBÉM  
"E dizendo: Varões, por que fazeis essas coisas? Nós também somos homens como vós, sujeitos às mesmas paixões."- (A tos, 14:15)   
O grito de Paulo e Barnabé ainda repercute entre os aprendizes fiéis. A família cristã muita vez há desejado perpetuar a ilusão dos habitantes de Listra. Os missionários da Revelação não possuem privilégios ante o espírito de testemunho pessoal no serviço. As realizações que poderíamos apontar graça ou prerrogativa especial, nada mais exprimem senão o profundo esforço deles mesmos, no sentido de aprender e aplicar com Jesus.**

**O Cristo não fundou com a sua doutrina um sistema de deuses e devotos, separados entre si; criou vigoroso organismo de transformação espiritual para o bem supremo, destinado a todos os cor sedentos de luz, amor e verdade. No Evangelho, vemos Madalena arrastando dolorosos enganos, Paulo perseguindo ideais salvadores, Pedro negando o Divino Amigo, Marcos em luta com as próprias hesitações; entretanto, ainda aí, contemplamos a filha de Magdala, renovada no caminho redentor, o grande perseguidor convertido em arauto da Boa Nova, o discípulo frágil conduzido à glória espiritual e o companheiro vacilante transformado em evangelista da Humanidade inteira.  
  
O Cristianismo é fonte bendita de restauração da alma para Deus. O mal de muitos aprendizes procede da idolatria a que se entregam, em derredor dos valorosos poentes da fé viva, que aceitam no sacrifício a dadeira fórmula de elevação; imaginam-nos em tronos de fantasia e rojam-se-lhes aos pés, sentindo-se confundidos, inaptos e miseráveis, esquecendo que o Pai concede a todos os filhos as energias necessária vitória.  
  
  
Naturalmente, todos devemos amor e respeito aos grandes vultos do caminho cristão; todavia, por isto mesmo, não podemos olvidar que Paulo e Pedro, como tantos outros, saíram das fraquezas humanas para os dons celestiais e que o Planeta Terreno uma escola de iluminação, poder e triunfo, sempre que buscamos entender-lhe a grandiosa missão.**

**53 - EM CADEIAS  
"Pelo qual sou embaixador em cadeias; para que possa falar dele livremente, como me convém falar". - Paulo (Efésios, 6:20)**  
**Observamos nesta passagem o apóstolo dos gentios numa afirmativa que parece contraditória, à primeira vista. Paulo alega a condição de emissário em cadeias e, simultaneamente, declara que isto ocorre para que possa servir ao Evangelho, livremente quanto convinha.**

**O grande trabalhador dirigia-se aos companheiros de Éfeso, referindo-se à sua angustiosa situação de prisioneiro das autoridades romanas; entretanto, por isto mesmo, em vista do difícil testemunho, trazia o espírito mais livre para o serviço que lhe competia realizar.**

**O quadro é significativo para quantos pretendem a independência econômico-financeira ou demasiada liberdade no mundo, a fim de exemplificarem os ensinamentos evangélicos. Há muita gente que declara aguardar os dias da abundância material e as facilidades terrestres para atenderem ao idealismo cristão.**

**Isto, contudo, é contra-senso. O serviço de Jesus se destina a tudo lugar. Paulo, entre cadeias, se sentia mais livre na pregação da verdade. Naturalmente, nem todos os discípulos estarão atravessando esses montes culminantes do testemunho. Todos, porém, sem distinção, trazem consigo as santas algemas das obrigações diárias no lar, no trabalho comum, na rotina das horas, no centro da sociedade e da família.**

**Ninguém, portanto, tente quebrar as cadeias em que se encontra, na mentirosa suposição de que se canditará a melhor posto nas oficinas do Cristo. Somente o dever bem cumprido nos confere acesso à legítima liberdade.**

**24 - Revista Espírita 1860 - Allan Kardec - pág. 113**

**A teoria da formação da Terra pela incrustação de vários corpos planetários já foi dada em várias épocas, por certos Espíritos e através de médiuns desconhecidos uns dos outros. Não somos adeptos dessa doutrina, que confessamos não ter sido ainda suficientemente estudada para sobre ela nos pronunciar­mos, mas confessamos que merece um sério exame. As reflexões que ela nos sugere não passam de hipóteses, até que dados mais positivos venham confirmá-las ou desmenti-las. Enquanto se espera, é uma balisa que pode pôr a caminho de uma grande descoberta, guiar nas buscas, e talvez um dia os cientistas encontrem nela a solução de muitos problemas.  
  
Mas, dirão certos críticos: Não tendes confiança nos Espíritos e duvidais de suas afirmações? Como inteligências desprendidas da matéria, não podem remover todas as dúvidas da Ciên­cia e lançar a luz onde reina a obscuridade? Esta é uma questão séria, que se liga à própria base do Espiritismo, e que não poderíamos resolver no momento, sem repetir o que já temos dito a respeito; acrescentaremos apenas algumas palavras, a fim de justificar nossas reservas.**

**Para começar, responderemos que nos tornaríamos sábios muito facilmente se tratássemos apenas de interrogar os Espíritos para conhecer tudo quanto se ignora. Deus quer que adquiramos a Ciência pelo trabalho, e não encarregou os Espíritos de no-la trazer preparada, favorecendo a nossa preguiça. Em segundo lugar, a humanidade, como os indivíduos, tem a sua infância, sua adolescência, sua Juventude e sua idade viril.**

**Encarregados por Deus de instruir os homens, devem, pois, os Espíritos proporcionar-lhes ensinos para o desenvolvimento da inteligência; não d ira o tudo a todos e, antes de semear, esperam que a terra está pronta para receber a semente, a fim de fazê-la frutificar. Eis por que certas verdades que nos são ensinadas hoje não o foram aos nossos pais, que também interrogavam os Espíritos; e por que, ainda, verdades para as quais não estamos maduros, só serão ensinadas aos que vierem depois de nós. Nosso equívoco está em nos julgarmos chegados ao topo da escada, quando apenas nos achamos a melo caminho.  
  
Digamos de passagem que os Espíritos têm duas maneiras Instruir os homens. Podem fazê-lo tanto se comunicando diariamente, o que ocorreu em todos os tempos, como o provam nossas histórias sagradas e profanas, quanto encarnando-se entre eles, para o desempenho das missões de progresso. Tais o esses homens de bem e de gênio, que aparecem de tempos os tempos, como fachos para a humanidade, fazendo-a avançar alguns passos.**

**Vede o que acontece, quando esses mesmos homens vêm antes da era propícia para as idéias que devem espalhar: são desconhecidos em vida, mas seu ensino não se perde. Depositado nos arquivos do mundo, como precioso grão posto de reserva, um belo dia sai do pó, no momento em que frutificar.  
  
Desde então compreende-se que, se não tiver chegado o tempo necessário para dispemlnar certas idéias, será em vão que interrogaremos os Espíritos: eles não podem dizer senão o que Ihes é permitido. Há, porém, outra razão, que compreendem perfeitamente todos os que têm alguma experiência do mundo espírlta.  
  
Não basta ser Espírito para possuir a Ciência universal, pois assim a morte nos faria quase Iguais a Deus. Aliás, o simples bom senso se recusa a admitir que o Espírito de um selvagem, um ignorante ou de um malvado, desde que separado da matéria, esteja no nível do cientista ou do homem de bem. Isto não seria racional.**

**Há, pois, Espíritos adiantados, e outros s ou menos atrasados, que devem superar ainda várias etapas, passar por numerosas peneiras antes de se despojarem todas as imperfeições. Disso resulta que, no mundo dos espíritos, são encontradas todas as variedades morais e intelectuais existentes entre os homens e outras mais. Ora, a experiência prova que os maus se comunicam tanto quanto os bons. Os que são francamente maus, são facilmente reconhecíveis ; mas há também os meio sábios, falsos sábios presunçosos, sistemáticos e até hipócritas.**

**Estes são os mais perigosos, porque afetam uma aparência séria, de ciência e de sabedoria, em favor da qual proclamam, em meio a algumas verdades e boas máximas, as mais absurdas coisas. E para melhor enganar, não receiam enfeitar-se com os mais respeitáveis nomes. Separar o verdadeirodo falso, descobrir a trapaça oculta numa cascata de palavras bonitas, desmascarar os impostores, eis, sem contradita, uma das maiores dificuldades da ciência espírita. (...)**

|  |  |
| --- | --- |
| **MISTIFICAÇÕES** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- A agonia das religiões- pág. 79** | **02 - A alma é imortal - pág. 277** |
| **03 - A renascença da alma - pág. 153** | **04 - Animismo ou Espiritismo? - pág. 79, 95** |
| **05 - Auto desobsessão - pág.25** | **06 - Chão de flores - pág. 89** |
| **07 - Correlações Espírito-matéria - pág. 11** | **08 - Curso Din. de Espiritismo - pág. 158** |
| **09 - Devassando o invisível - pág. 103** | **10 - Emmanuel - pág. 68** |
| **11 - Espírito e vida - pág. 87** | **12 - História do Espiritismo - pág. 228, 416** |
| **13 - Mediunidade - pág. 81, 251** | **14 - O amor venceu - pág. 188** |
| **15 - O consolador - pág. 222** | **16 - O Livro dos Espíritos- intro III, vi, xii, q.99, 103** |
| **17 - O Livo dos Médiuns - questão 303** | **18 - O que é Espiritismo - pág. 179** |
| **19 - Os mensageiros - pág. 55** | **20 - Pão nosso - pág. 39** |
| **21 - Rumos libertadores - pág. 138** | **22 - Síntese de o novo testamento - pág. 68, 173** |
| **23 - Trabalhos Praticos de Espiritismo - pág. 83** | **24 - Vozes do grande além - pág. 138, 192** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**MISTIFICAÇÕES** **– COMPILAÇÃO**

**01- A agonia das religiões - José Herculano Pires - pág. 79**

**CAPÍTULO - X MAGIA E MISTICISMO  
O homem primitivo não via o mundo, mas a magia da Natureza. Não tendo ainda o pensamento desenvolvido, o raciocínio metodizado, não podia sequer conceber o mundo. Tinha mais sensações do que emoções e mais emoções do que idéias. Seus sentimentos germinavam no plano larvar dos instintos. E os instintos animais o dominavam, sem dar lugar aos instintos espirituais. Era mais corpo que alma. Kardec assinala dois seres na estrutura humana: o ser do corpo e o ser espiritual. No homem atual esses dois seres se equilibram e a sua psicologia pode ser medida pela predominância de um ou de outro ou pela sua equivalência.**

**As pessoas em que predomina o ser do corpo estão mais próximas do primitivismo. Aqueles em que os dois seres se equivalem apegam-se mais às coisas materiais e têm dificuldade em conceber a realidade do espírito. As pessoas em que predomina o ser espiritual dão mais importância às questões espirituais. As primeiras estão apegadas ao passado humano, as segundas à pragmática do presente e as terceiras tendem para o futuro. Mas entre uma e outra dessas posições evolutivas existem numerosas variações que podem ser classificadas em fases intermediárias de múltiplas nuanças. A escala espírita de "O Livro dos Espíritos" oferece-nos um quadro psicológico geral dessas talvez inumeráveis variações tipológicas.  
  
A percepção mágica do mundo (restrita ao ambiente tribal ou do clã) levou o homem primitivo às práticas mágicas. Seu pensamento se desenvolvia na experiência, revelando-lhe progressivamente as relações existentes entre as coisas e os seres. Podemos supô-las assim, como simples dados exemplificativos: vida-alimento, bicho-mato, peixe-água, ave-céu, fruta-árvore, flecha-caça-inimigo, homem-mulher-criança, dia-sol, noite-escuro-lua. Essas relações primárias lhe davam a possibilidade de agir com eficiência no meio físico.  
  
Através delas ele começou a agir instintivamente no plano espiritual e nasceu a magia simpática ou simpatética, a arte incipiente de atingir o inimigo através de reproduções de sua figura em barro ou madeira e de evocar as forças benéficas através de símbolos correspondentes a elas. Nascia o feitiço e conseqüentemente o feiticeiro. E de ambos nasceriam mais tarde os ídolos, os sacramentos, os sacerdotes e as religiões com seus rituais. Esses processos rudimentares arrancavam o homem da selva e do gelo e o lançavam na direção da civilização. Um longo caminho a percorrer no aprimoramento dessas técnicas primitivas através dos milênios.  
  
Mas os homens não estavam sós nem abandonados a si mesmos em nenhuma dessas fases. A idéia de Deus pairava obscura sobre o fundo nebuloso de suas experiências filogenéticas e a lei de adoração os levava a reverenciar o mistério da terra, das águas, do céu estrelado, das montanhas coroadas de nuvens. Do fundo escuro das matas surgiam o bem e o mal, as forças e os seres benéficos e maléficos. Muitos desses seres não tinham a consistência das criaturas de carne e osso. Apareciam e desapareciam como as chamas noturnas dos fogos-fátuos.**

**Uns os auxiliavam e eram considerados deuses benfazejos. Outros os ameaçavam e eram os deuses malfazejos. Espíritos bons velavam pelas tribos e orientavam os seus chefes. Pagés e xanãs tinham o dom de evocá-los e consultá-los. Como nas cidades cósmicas da Grécia arcaica, de que tratou Durkheim, homens e deuses conviviam numa espécie de intermúndio. Essa situação perdurou nas civilizações agrárias, no ciclo das grandes civilizações orientais, no mundo clássico, gerando as religiões mitológicas com seus oráculos e suas pitonisas. No Judaísmo e no Cristianismo temos a sua continuidade, o que se pode verificar pelos textos bíblicos e evangélicos.  
  
Já no Paganismo encontramos as práticas místicas dos chamados Mistérios, com rituais específicos para levar os iniciados à relação direta com o mundo espiritual e especialmente com Deus. No Egito antigo e nas religiões dos impérios americanos dos aztecas, maias e incas havia o emprego de sumos vegetais que originariam as drogas atuais como a mescalina e o ácido-lisérgico, para a produção do estado de êxtase, que é o fenômeno central dessas práticas. Pelo êxtase, provocado ou espontâneo, o místico se desliga de toda a realidade sensível, do mundo material, e mergulha no inteligível, no mundo espiritual.  
  
O Misticismo tem suas origens remotas no êxtase dos pagés, que em meio às selvas procuravam o contato direto com os espíritos protetores das tribos. O pressuposto do misticismo nas eras civilizadas é a possibilidade humana de superação dos sentidos e da razão para obter-se o conhecimento superior nas fontes divinas. Esse pressuposto conduz os homens a uma fuga da realidade. No Espiritismo as práticas místicas são condenadas por dois motivos fundamentais: 1.°) porque o homem está no mundo para viver o mundo com o fim de desenvolver na experiência da vida de relação, as suas potencialidades internas; 2.°) porque a ligação do homem com Deus se faz através do amor ao próximo, na prática da caridade (que é o amor em ação) e de maneira natural, sem a necessidade de práticas rituais ou do emprego de excitantes de qualquer espécie.**

**As pessoas que consideram o Espiritismo como doutrina mística confundem a fenomenologia mediúnica com as práticas do misticismo. Não sabem que a mediunidade — como hoje está confirmado pelas pesquisas parapsicológicas — é simplesmente uma faculdade humana natural que permite a todos o exercício da percepção extra-sensorial. O misticismo nasceu das manifestações naturais dessa faculdade e da falta de condições culturais para o seu estudo racional. A mística experiência de Deus das religiões dogmáticas depende das práticas místicas e de uma concepção anti-racional do mundo e da vida. Por isso Ranzolli propõe a limitação do termo misticismo às filosofias religiosas, substituindo-o no campo filosófico geral por expressões como irracionalismo e intuicionismo ou sentimentalismo.  
  
O Cristianismo — que os árabes chamaram religião do livro — utilizou-se em sua origem da mediunidade, mas sua posição em face das religiões anteriores foi nitidamente racionalista. Todos os ensinos de Jesus, mesmo quando ele se referia a Deus, chamando-o de Pai, são racionais. Sua condenação constante do irracionalismo judeu foi sempre seguida de explicações racionais, através de exemplos em forma de parábolas tiradas da própria vida diária do povo. Ao tratar do dogma judaico da ressurreição ele se referia claramente ao nascer de novo, usando exemplos históricos como a volta de Elias reendarnado em João Batista.**

**Suas referências às potencialidades divinas do homem eram exemplificadas pelos fenômenos produzidos por ele mesmo e pelos seus seguidores. Nunca falou da sua ressurreição como um privilégio, mas ligando-a à ressurreição de todos. O Apóstolo Paulo incumbiu-se de formular a teoria racional da ressurreição, não da carne, mas do espírito, explicando que o corpo espiritual do homem, hoje descoberto pelas ciências como corpo-bioplásmico, é o corpo da ressurreição.  
  
Esse racionalismo foi posteriormente prejudicado pelas influências pagãs e judaicas do misticismo, que atingiriam nas igrejas cristãs um refinamento intelectualista paradoxal, opondo o intelecto a si mesmo. Todo o esforço de Jesus no combate à mitologia foi anulado pelos teólogos, que transformaram ele mesmo em novo mito, fazendo de sua natureza humana uma espécie de simples manifestação pragmática da sua divindade.**

**O Espiritismo retoma a tradição racionalista do Cristianismo primitivo e, da mesma maneira que os antigos cristãos, prova na prática os ensinos teóricos de Jesus através das manifestações espíritas, da prova concreta das materializações e das aparições tangíveis (como a de Jesus para os apóstolos no cenáculo) dos fenômenos de voz-direta (como o da voz que soou no espaço na hora do batismo) e dos casos pesquisáveis de reencarnação, hoje em pauta na pesquisa científica mundial. Nada disso se refere a misticismo, a práticas místicas através de processos mágicos, de excitantes específicos e de tentativas antinaturais de transformar o homem vivo em um morto-vivo que nega o mundo para viver como espírito desencarnado, desligado dos processos necessários da razão.**

**O homem é deus em potência, não em ato, e não pode querer antecipar a sua atualização fugindo aos compromissos e experiências da vida terrena. Seus deveres estão aqui, neste mundo, por enquanto, e suas possibilidades de evolução, de transcendência, não se encontram na alienação, na fuga, mas na integração consciente em suas tarefas sociais. O tempo das igrejas está chegando ao fim, como chegou o dos Mistérios na Antiguidade. Elas foram necessárias e tanto serviram como desserviram à Humanidade, revelando sua estrutura imperfeita como a de todas as obras humanas.**

**Em vão se arrogaram investiduras divinas. A mente humana se abre hoje para novas dimensões e as igrejas não têm condições para acompanhá-la nesse avanço. A luta sem tréguas que sustentaram e ainda sustentam contra o Espiritismo e em especial contra a mediunidade provou a sua incapacidade para enfrentar os novos tempos. A dinâmica da concepção espírita se opõe à mecânica ritual das igrejas como a Física moderna se opõe à Física do passado.**

**Na proporção em que as camadas retrógradas da população terrena vão sendo afastadas do planeta, na sucessão inevitável das gerações, cresce o esvaziamento das igrejas" e os seminários vão sendo fechados por falta de alunos. Foi o que aconteceu com as religiões mitológicas do mundo greco-romano. Para poderem sobreviver, as igrejas têm de desigrejar-se, suprimindo o profissionalismo sacerdotal, as suas dogmáticas absurdas, as liturgias vazias de sentido. Antes que possam pagar esse preço demasiado elevado, as forças da evolução as varrerão da face da Terra.**

**Isto não é uma profecia espírita, é uma profecia evangélica de Jesus, no episódio com a mulher samaritana. Que ninguém me acuse de responsável por essa previsão que elas mesmas, as igrejas, por dois mil anos fizeram ler no Evangelho em seus cultos sem a entenderem.Também não entenderam a questão das muitas moradas da Casa do Pai, nem a do batismo espiritual, nem a do nascer de novo, nem a condenação das exigências rituais dos fariseus. (..)**

**02 - A alma é imortal - Gabriel Delanne - pág. 277**

**Pode demonstrar-se a identidade por meio de provas intelectuais?  
Fiel ao seu método, o Sr. Aksakof não acredita que se possa estar certo da identidade de um Espírito, ainda quando ele revela fatos referentes à sua existência terrestre, na ausência de pessoas que conheçam esses fatos, porquanto outro Espírito também poderia conhecê-los. É esta a sua argumentação:"É evidente que essa possibilidade de imitação ou de personificação (de substituição da personalidade) se deve igualmente admitir para os fenômenos de ordem intelectual.  
  
  
"O conteúdo intelectual da existência terrestre de um Espírito, a que chamaremos A, deve ser muito mais acessível a outro Espírito", que designaremos por B, do que os atributos dessa existência. Tomemos mesmo o caso em que o Espírito se exprima numa língua que o médium desconhece, mas que era a do defunto. É inteiramente possível que o "Espírito" mistificador também conheça precisamente essa língua. Então, só restaria a prova de identidade pela escrita, que não poderia ser imitada. Fato que essa prova fosse dada com uma abundância e uma perfeição excepcionais, como no caso do Sr. Livermore, que também a grafia e, sobretudo, as assinaturas falsificações e imitações.**

**Assim, depois da substituição de uma personalidade sobre o plano terreno — pela atividade inteligente exterior ao médium inteligente exterior ao médium. Logicamente falando, tal substituição careceria de limites. O quiproquó seria sempre possível e imaginável. O que aqui a lógica nos leva a admitir, em princípio, a prática espírita o prova. O elemento mistificação, no Espiritismo, é fato incontestável, como se reconheceu, desde o seu advento. É claro que, além de certos limites, já não se pode lançar inconsciente, tornando-se ele um argumento a favor extra-mediúnico, supraterrestre."**

**Toda a argumentação do sábio russo assenta nessa presunção de que o conteúdo intelectual da existência terrena de um Espírito A é perfeitamente acessível a um Espírito B. Temos para nós que essa proposição intelectual da existência terrena de um Espírito A é perfeitamente acessível a um Espírito B. Temos para nós que essa proposição reclama estudo mais acurado. Sabemos que os Espíritos, para se exprimirem, não precisam da linguagem articulada. Eles se compreendem sem o recurso da palavra, pela só transmissão do pensamento, linguagem essa universal que todos apreendem. Resulta, porém, daí que todos os Espíritos vêem todos os pensamentos, uns dos outros? Não, conforme a experiência o demonstra.**

**Do mesmo modo que o paciente magnético mais ricamente dotado não penetra os pensamentos de todos os os circunstantes, também, no espaço, muitos desencarnados são absolutamente incapazes de apreender os pensamentos dos demais Espíritos, tanto que estes não entram em comunicações com eles. A faculdade da clarividência está em relação com a elevação moral e intelectual do Espírito. Isso ressalta bastante das comunicações que se recebem, porquanto, se o "conteúdo Intelectual" do Espírito de um Newton, de um Vergílio, ou de um Demóstenes estivesse ao alcance de qualquer um, muito menos banalidades se assimilariam em grande número das mensagens que nos chegam do Além.**

**A verdade é que a morte não confere à alma conhecimentos que ela não adquiriu pelo seu trabalho. Lá, no espaço, o Espírito vai encontrar-se tal qual se fez pelo seu labor pessoal e se, uma ou outra vez, um Espírito se revela, depois da morte, superior ao que parecia ser neste mundo, é que manifesta aquisições anteriores, obnubiladas temporariamente na sua última existência corpórea.  
Admitamos, contudo, por um instante, que um Espírito A conheça os acontecimentos da vida terrestre de um Espírito B. Bastará isso para lhe dar o caráter de B e a maneira por que este se exprime? Evidentemente, não.**

**E, se o Espírito A se encontrar em presença de um observador sagaz que haja conhecido suficientemente B, não custará ser desmascarado. Diz-se: o estilo é o homem. É quase impossível que alguém simule o modo por que se exprime um indivíduo, mesmo que conheça episódios de sua passada existência. Refutamos igualmente em que, se um Espírito A pudesse imprimir ao seu envoltório físico os caracteres exteriores do do Espírito B, podendo ao mesmo tempo dispor do conteúdo intelectual da existência terrena deste último, os dois seriam idênticos e indistinguíveis, o que é impossível, porquanto se A possuísse esse poder, B, C, D... X Espíritos também o teriam.**

**Existiriam, pois, inumeráveis exemplares do mesmo tipo, sobretudo do de um homem que se houvesse distinguido num ramo qualquer da Ciência, da Arte, ou da Literatura, o que não acontece. Se acontecesse, haveria na erraticidade indescritível confusão que as comunicações recebidas desde há cinquenta anos nunca nos deram a conhecer. Há, decerto, Espíritos vaidosos que, nas suas relações conosco, gostam de pavonear-se com grandes nomes; geralmente, porém, o estilo de que usam faculta sejam para logo classificados no lugar que lhes compete. Entretanto, também se podem imitar mais ou menos habilmente os grandes escritores, de sorte que se torna difícil estabelecer a identidade das personagens históricas.**

**Mas, o mesmo já não sucede, quando se trata de um parente ou de um amigo a quem conhecemos bem, cujo estilo, agudeza de espírito, modos de ver sobre diferentes assuntos nos são muito familiares. Tem-se aí uma mina rica a explorar. Quando o Espírito responde corretamente a todas as questões que se lhe propõem, reconhecem-se-lhe as expressões favoritas e, então, parece-nos indubitável que a sua identidade resulta tão perfeitamente formada, quanto se poderia desejar.  
  
Pretendeu-se que a consciência sonambúlica do médium pode ler no inconsciente do evocador, de modo a fornecer todas as particularidades que parecem provar a identidade e que, assim, há sempre possibilidade de ilusão. Mas, semelhante fato nunca foi demonstrado rigorosamente e bem longe estão de ser probantes as pesquisas dos Srs. Binet e Janet sobre a personalidade sonambúlica que coexistiria com a personalidade normal. Nas experiências feitas por esses sábios, aquela dupla consciência não se mostra senão quando a ação hipnótica ainda se está exercendo.**

**O Sr. Pierre Janet quis imitar por sugestão as comunicações automáticas dos médiuns, mas muito vaga é a analogia das suas experiências com o processo dos médiuns escreventes; nunca o seu paciente lhe revela alguma coisa ignorada cuja exatidão ele verifique a propósito de uma pessoa falecida, do mesmo modo que espontaneamente não dará comunicações verificáveis. Os trabalhos dos hipnotizadores modernos absolutamente não demonstram — na nossa opinião — que haja no homem duas individualidades que se ignoram mutuamente. O inconsciente não é mais do que o resíduo do Espírito, isto é, vestígios físicos das sensações, dos pensamentos, das volições fixadas sob a forma de movimentos no invólucro perispirítico e cuja intensidade vibratória não basta para fazê-los aparecer no campo da consciência.**

**Se, entretanto, pela ação da vontade se intensifica o movimento vibratório desses resíduos, o "eu" torna a percebê-los sob a forma de lembranças. O sonambulismo, desprendendo a alma e dando ao perispirito um novo tônus vibratório, cria condições diferentes para o registro dos pensamentos e das sensações, de sorte que, volvendo ao estado normal, o Espírito já não tem consciência do que se passou durante aquele período. Demais, esse desprendimento facilita o exercício das faculdades superiores do Espírito: telepatia, clarividência, etc... que habitualmente se não exercem durante o estado de vigília. (...)**

**04 - Animismo ou Espiritismo? - Ernesto Bozzano - pág. 79, 95**

**(..) Com relação a este ponto, não será ocioso lembrar que, também nas clássicas experiências de transmissão do pensamento por via mediúnica, realizadas com severo critério científico pelo Rev. Newnham ("Proceedings", vol. III, págs. 3-23), e em que a médium era sua própria mulher, se davam às vezes análogas interferências subconscientes, porém de ordem mais que embaraçosa, pois não se tratava de simples erros e sim de verdadeiras e positivas mistificações, análogas em tudo às que se registram nas comunicações com os defuntos, circunstância altamente interessante e instrutiva, que merece recordada.  
  
O Rev. Newnham experimentava com sua própria esposa, sentados ambos no mesmo aposento, ele a oito pés de distância dela, dando-se as costas um ao outro. Ele escrevia uma a uma as perguntas que resolvia transmitir mentalmente à sensitiva, que pousava a mão sobre uma "prancheta", por meio da qual respondia instantaneamente a cada pergunta, antes mesmo que ele tivesse tempo de escrevê-la. As respostas correspondiam sempre às perguntas e se referiam, as mais das vezes, a coisas e assuntos que a sensitiva desconhecia, mas conhecidas do experimentador, exceto uma vez em que a resposta dava uma informação que também ele ignorava.   
  
Nesse caso, porém, era conhecida de outra pessoa presente, que escrevera a pergunta e a dera a ler ao reverendo Newnham. Importante ensinamento a tirar-se das experiências em apreço reside na circunstância de que, quando o experimentador se mostrava demasiado exigente, insistindo por obter respostas muito complexas para a capacidade de percepção subconsciente da sensitiva, surgiam respostas que, conquanto de perfeito acordo com as perguntas, eram de pura invenção. Assim, por exemplo, havendo Newnham, que fazia parte da Maçonaria, pedido à sensitiva que escrevesse a prece maçônica de uso para a promoção a Grão-Mestre, a "prancheta" escreveu instantaneamente uma longa prece nesse sentido, que continha reminiscências maçônicas, mas que no conjunto era uma fantástica invenção.**

**Ora, essa espécie de mistificações, em experiências de transmissão mediúnica do pensamento, são muito sugestivas e interessantes, pela analogia que apresentam com as correspondentes interferências mistificadoras que frequentemente se dão nas comunicações mediúnicas genuinamente espiríticas. Dir-se-ia que as excessivas insistências do pesquisador, tendo por efeito determinar, nas personalidades mediúnicas, uma demasiada tensão da vontade, com relativa dispersão de fluido mediúnico e consecutivo enfraquecimento do "controle psíquico", abrem passagem à "camada onírica" da subconsciência, a qual, emergindo, continua a seu modo a comunicação em curso, desenvolvendo uma ação de sonho.  
  
De toda maneira, importa tomar nota de que as "mistificações espirítas" guardam analogia com as "mistificações anímicas" que se verificam nas comunicações mediúnicas entre vivos, do que resulta um ensinamento teórico notabilíssimo, porque fundado em processos de análise comparada, aplicada às duas classes de manifestações em foco. E' de tal modo importante o assunto das mistificações mediúnicas desse gênero, que sou levado a sair, por exceção, dos limites do tema das "comunicações mediúnicas entre vivos", para pesquisá-lo ulteriormente e completá-lo com citações tiradas das "comunicações mediúnicas entre vivos conseguidas por intermédio de entidades de defuntos", pois importa assinalar que, se é certo que muitos erros e numerosas mistificações mediúnicas se dão em consequência da imperfeição do instrumento receptor das mensagens, ou, seja, do médium, isso não significa que se haja exaurido o árduo tema vertente sobre a gênese das manifestações mediúnicas.**

**Quer dizer que também se deve ter muito em conta a circunstância de que podem dar-se, como de fato se dão, erros e mistificações de toda espécie, dependentes das condições precárias em que se produzem as comunicações mediúnicas, mesmo pelo lado extrínseco dos defuntos que se comunicam. Limito-me, portanto, a demonstrá-lo, baseado numa série de experiências recentes, conduzidas com critério rigorosamente científico pelo Sr. Frederick James Craw-ley, Chief Constable of the Newcastle-upon-Tkne City Police, função que o torna sobremodo consciente da importância que revestem os mais minunciosos pormenores nas experiências desta natureza, com respeito às quais ele expõe os fatos revelando o máximo cuidado em corroborá-los mediante tão abundante quão exaustiva documentação, constituída de trechos de cartas pertecentes ao acervo da correspondência trocada pelos dois círculos de experimentação, assim como da citação das datas referentes a todas as mínimas circunstâncias de fato e, ainda, de esclarecimentos e comentários que nada deixam a desejar. Dessa maneira, chegou a realizar uma obra cientificamente importante e teoricamente preciosa. (..)  
  
(..)— Porquê?— Não o perguntes. Provavelmente, porque, se revelássemos tudo, provocaríamos no mundo um revolvimento social por demais violento.— Dize-me ao menos quem te proíbe que fales.— Não o perguntes. ("Annales dês Sciences Psychi-ques", 1909, pág. 201). Como esclarecimento desse diálogo, cumpre informar que o Prof. Ochorowicz chegara a arrancar à "Pequena Stásia" algumas informações vagas acerca do seu ser, segundo as quais ela seria um Espírito que nunca encarnara na Terra e que aguardava a sua vez, se bem que pouco desejosa de renunciar à livre existência de espírito.  
  
Dito isto, assinalo a circunstância nada comum de uma personalidade mediúnica declarar explicitamente que, sã insistissem em saber demais, acabaria pregando mentiras, resposta curiosa e perturbadora, mau grado à manifesta circunspeção das personalidades em jogo, e que põe de prevenção o interrogante contra tudo o que o espera, se não desistir dos seus propósitos excessivamente indagadores. Muitas coisas essa resposta explicaria e dissiparia muitas dúvidas do mediunismo teórico, porquanto reclamaria a seu turno uma explicação, visto que não se compreenderia a necessidade de recorrer a mentiras, quando, em tais circunstâncias, bastaria replicar do modo por que o fez a "Pequena Stásia", isto é, ponderando não lhe ser permitido responder a perguntas indiscretas.**

**Ao mesmo tempo, a expressão usada pela personalidade mediúnica, de que "não lhe era permitido fazê-lo", implicaria a existência de entidades espirituais superiores, reguladoras dos destinos humanos, a cujos decretos se submeteriam os Espíritos de grau inferior, ainda capazes de se comunicarem mediünicamente com os vivos. Quantos mistérios a desvendar! Dentre eles, destaco este: há entidades espirituais superiores que interdizem aos Espíritos que se comunicam a revelação de certos segredos do Além, para os quais a Humanidade não está preparada, ficando subentendido que as mesmas entidades permitem a esses Espíritos que supram com mentiras a curiosidade dos vivos.**

**Assim sendo, ter-se-ia de inferir que, em certas contingências, também as mentiras se justificam, no sentido, talvez, de que resultem propícias à evolução ordenada e regular das disciplinas metapsíquicas, por exercerem uma benéfica influência moderadora sobre a difusão dessas disciplinas no seio das massas, influência que de outra forma se não conseguiria, do mesmo modo que a evolução biológico-psíquica das espécies não pode ser conseguida, senão com a intervenção do fator Mal, em perpétuo contraste com o fator Bem.  
  
Quando assim fosse, dever-se-ia dizer que, para as vicissitudes evolutivas da nova Ciência da Alma, também teriam sua razão de ser as mentiras proferidas pelas entidades espirituais inferiores, em circunstâncias especiais, porquanto desorientariam os experimentadores demasiado crédulos, obrigando-os a meditar e a aprofundar ulteriormente o tema, determinando paradas providenciais no progresso das pesquisas psíquicas, obstando às convicções intempestivas, baseadas em fé cega, com grande vantagem para os métodos de pesquisa ciertífica, e, sobretudo, esconjurando o perigo de um "revolvimento social muito violento", como infalivelmente se daria, se a nova orientação do pensamento ético-religioso houvesse de impor-se com perniciosa rapidez às massas não preparadas.**

**Benvindas são, por conseguinte, as mistificações espiríticas e as fraudes subconscientes e conscientes dos médiuns, quando atuam como freios moderadores sobre a rápida e imprudente corrida a que facilmente se entregariam alguns núcleos, excessivamente impulsivos, do novo exército do Ideal. Como quer que seja, o fato é que as mistificações e as mentiras da natureza indicada se dão frequentemente nas manifestações mediúnicas e, assim sendo nada obsta a que se atribua a gênese de umas e outras às causas assinaladas, isto é, de uma parte aos surtes frequentes do "elemento onírico-subconsciente" nos sensitivos.**

**E, de outra parte, a mistificações do Além, às vezes produzidas voluntariamente pelas personalidades mediúnicas, com objetivo de disciplina espiritual e para salvaguarda da ordenada evolução espiritual humana, afastando o perigo de uma reforma excessivamente precipitada de instituições religiosas milenárias, reforma que, ao contrário, deve operar-se com muita lentidão, com muita prudência, de forma muito conciliatória, de sorte a preparar-se simultaneamente a reconstrução do novo Templo de Deus. Assim, não será ocioso tomar nota deste outro ensinamento extraído da análise comparada dos fenômenos Anímicos com os fenômenos Espíriticos. (..)**

**10 - Emmanuel - Emmanuel - pág. 68**

**Necessidade da exemplificação:  
Todos os médiuns, para realizarem dignamente a tarefa a que foram chamados a desempenhar no planeta, necessitam identificar-se com o ideal de Jesus para alicerce de suas vidas o ensinamento evangélico, em sua divina pureza; a eficácia de sua ação depende do seu desprendimento e da sua caridade, necessitando compreender, em toda a amplitude, a verdade contida na afirmação do Mestre: "Dai de graça o que de graça receberdes."  
  
Devendo evitar, na sociedade, os ambientes nocivos e viciosos, podem perfeitamente cumprir seus deveres em qualquer posição social a que forem conduzidos, sendo uma de suas precípuas obrigações melhorar o seu meio ambiente com o exemplo mais puro de verdadeira assimilação da doutrina de que são pregoeiros.  
  
Não deverão encarar a mediunidade como um dom ou como um privilégio, sim como bendita possibilidade de reparar seus erros de antanho, submetendo-se, dessa forma, com humildade, aos alvitres e conselhos da Verdade, cujo ensinamento está, frequentemente, numa inteligência iluminada que se nos dirige, mas que se encontra igualmente numa provação que, humilhando, esclarece ao mesmo tempo o espirito, enchendo-lhe o íntimo com as claridades da experiência.  
  
O PROBLEMA DAS MISTIFICAÇÕES  
O problema das mistificações não deve impressionar os que se entregam às tarefas mediúnicas, os quais devem trazer o Evangelho de Jesus no coração. Estais muito longe ainda de solucionar as incógnitas da ciência espírita, e se aos médiuns, às vezes, torna-se preciso semelhante prova, muitas vezes os acontecimentos dessa natureza são também provocados por muitos daqueles que se socorrem das suas possibilidades.  
  
Tende o coração sempre puro. É com a fé, com a pureza de intenções, com o sentimento evangélico, que se podem vencer as arremetidas dos que se comprazem nas trevas persistentes. É preciso esquecer os investigadores cheios do espírito de mercantilismo!... Permanecei na fé, na esperança e na caridade em Jesus-Cristo, jamais olvidando que só pela exemplificação podereis vencer.  
  
APELO AOS MÉDIUNS  
Médiuns, ponderai as vossas obrigações sagradas! preferi viver na maior das provações a cairdes na estrada larga das tentações que vos atacam, insistentemente, em vossos pontos vulneráveis.  
  
Recordai-vos de que é preciso vencer, se não quiserdes soterrar a vossa alma na escuridão dos séculos de dor expiatória. Aquele que se apresenta no Espaço como vencedor de si mesmo é maior que qualquer dos generais terrenos, exímio na estratégia e tino militares. O homem que se vence faz o seu corpo espiritual apto a ingressar em outras esferas e, enquanto não colaborardes pela obtenção desse organismo etéreo, através da virtude e do dever cumprido, não saireis do círculo doloroso das reencarnações.**

**15 - O consolador - Emmanuel - pág. 222**

**Perg. 401 - A mistificação sofrida por um médium significa ausência de amparo dos mentores do plano espiritual?  
-A mistificação experimentada por um médium traz, sempre, uma finalidade útil, que é a de afastá-lo do amor-próprio, da preguiça no estudo de suas necessidades próprias, da vaidade pessoal ou dos excessos de confiança em si mesmo.**

**Os fatos de mistificação não ocorrem à revelia dos seus mentores mais elevados, que, somente assim, o conduzem à vigilância precisa e às realizações da humildade e da prudência no seu mundo subjetivo.**

**18 - O que é Espiritismo - Allan Kardec - pág. 179**

**QUALIDADES DOS MÉDIUNS  
79. A faculdade mediúnica é uma propriedade do organismo e não depende das qualidades morais do médium; ela se nos mostra desenvolvida, tanto nos mais dignos, como nos mais indignos. Não se dá, porém, o mesmo com a preferência que os Espíritos bons dão ao médium.  
  
80. Os Espíritos bons se comunicam mais ou menos de boa-vontade por esse ou aquele médium, segundo a simpatia que lhe votam.  
A boa ou má qualidade de um médium não deve ser julgada pela facilidade com que ele obtém comunicações, mas por sua aptidão em recebê-las boas e em não ser ludibriado pelos Espíritos levianos e enganadores.  
  
81. Os médiuns menos moralizados recebem também, algumas vezes, excelentes comunicações, que não podem vir senão de bons Espíritos, o que não deve ser motivo de espanto: é muitas vezes no interesse dos médiuns e com o fim de dar-lhes sábios conselhos. Se eles os desprezam, maior será a sua culpa, porque são eles que lavram a sua própria condenação. Deus, cuja bondade é infinita, não pode recusar assistência àqueles que mais necessitam dela. O virtuoso missionário que vai moralizar os criminosos, não faz mais que os bons Espíritos com os médiuns imperfeitos.  
  
De outra sorte, os bons Espíritos, querendo dar um ensino útil a todos, servem-se do instrumento que têm a mão; porém, deixam-no logo que encontram outro que lhes seja mais afim e melhor se aproveite de suas lições. Retirando-se os bons Espíritos, os inferiores, que pouco se importam com as más qualidades morais do médium, acham então o campo livre. Resulta daí que os médiuns imperfeitos, moralmente falando, os que não procuram emendar-se, tarde ou cedo são presas dos maus Espíritos, que, muitas vezes, os conduzem à ruína e às maiores desgraças, mesmo na vida terrena.  
  
Quanto à sua faculdade, tão bela no começo e que assim devia ter sido conservada, perverte-se pelo abandono dos bons Espíritos, e, afinal, desaparece.  
  
82. Os médiuns de mais mérito não estão ao abrigo das mistificações dos Espíritos embusteiros; primeiro, porque não há ainda, entre nós, pessoa assaz perfeita, para não ter algum lado fraco, pelo qual dê acesso aos maus Espíritos; segundo, porque os bons Espíritos permitem mesmo, às vezes, que os maus venham, a fim de exercitarmos a nossa razão, aprendermos a distinguir a verdade do erro e ficarmos de prevenção, não aceitando cegamente e sem exame tudo quanto nos venha dos Espíritos; nunca, porém, um Espírito bom nos virá enganar; o erro, qualquer que seja o nome que o apadrinhe, vem de uma fonte má.  
  
Essas mistificações ainda podem ser uma prova para a paciência e perseverança do espírita, médium ou não; e aqueles que desanimam, com algumas decepções, dão prova aos bons Espíritos de que não são instrumentos com que eles possam contar.  
  
83. Não nos deve admirar ver maus Espíritos obsidiarem pessoas de mérito, quando vemos na Terra homens de bem perseguidos por aqueles que o não são. É digno de nota que, depois da publicação de O Livro dos Médiuns, o número de médiuns obsidiados diminuiu muito; os médiuns, prevenidos, tornam-se vigilantes e espreitam os menores indícios que lhes podem denunciar a presença de mistificadores. A maioria dos que se mostram ainda nesse estado não fizeram o estudo prévio recomendado, ou não deram importância aos conselhos que receberam.  
  
84. O que constitui o médium, propriamente dito, é a faculdade; sob este ponto de vista, pode ser mais ou menos formado, mais ou menos desenvolvido. O médium seguro, aquele que pode ser realmente qualificado de bom médium, é o que aplica a sua faculdade, buscando tornar-se apto a servir de intérprete aos bons Espíritos.  
  
O poder que tem o médium de atrair os bons e re­pelir os maus Espíritos, está na razão da sua superiori­dade moral, da posse do maior número de qualidades que constituem o homem de bem; é por esses dotes que se concilia a simpatia dos bons e se adquire ascendência sobre os maus Espíritos.  
  
85. Pelo mesmo motivo, as imperfeições morais do médium, aproximando-o da natureza dos maus Espíritos, tiram-lhe a influência necessária para afastá-los de si; em vez de se impar, sofre a imposição destes.  
  
Isto não só se aplica aos médiuns, como também a todos indistintamente, visto que ninguém há que não es­teja sujeito à influência dos Espíritos. (Vede acima, nú­meros 74 e 75.)  
  
86. Para impor-se ao médium, os maus Espíritos sabem explorar habilmente todas as suas fraquezas, e,  
entre os nossos defeitos, o que lhes dá margem maior é o orgulho, sentimento que se encontra mais dominante na maioria dos médiuns obsidiados e, principalmente, nos fascww&os. É o orgulho que faz se julguem infalíveis e repilam todos os conselhos.  
Esse sentimento é infelizmente excitado pêlos elogios de que são objeto; basta que um médium apresente fa­culdade um pouco transcendente, para que o busquem, o adulem, dando lugar a que ele exagere sua importância e se julgue como indispensável, o que vem a perdê-lo.  
  
87. Enquanto o médium imperfeito se orgulha pelos nomes ilustres, frequentemente apócrifos, que assinam as comunicações por ele recebidas e se considera intérprete privilegiado das potências celestes, o bom médium nunca se crê assaz digno de tal favor; ele tem sempre uma salutar desconfiança do merecimento do que recebe e não se fia no seu próprio juízo; não sendo senão instrumento passivo, compreende que o bom resultado não lhe confere mérito pessoal, como nenhuma responsabilidade lhe cabe pelo mau; e que seria ridículo crer na identidade absoluta dos Espíritos que se lhe manifestam.**

**Deixa que terceiros, desinteressados, julguem do seu trabalho, sem que o seu amor-próprio se ofenda por qualquer decisão contrária, do mesmo modo que um ator não se pode dar por ofendido com as censuras feitas à peça de que é intérprete.. O seu caráter distintivo é a simplicidade e a modéstia; julga-se feliz com a faculdade que possui, não por vanglória, mas por lhe ser um meio de tornar-se útil, o que faz de boamente quando se lhe oferece ocasião, sem jamais incomodar-se por não o preferirem aos outros.  
Os médiuns são os intermediários, os intérpretes dos Espíritos; ao evocador e, mesmo, ao simples observador, cabe apreciar o mérito do instrumento.(..)**

**19 - Os mensageiros - André Luiz - pág. 55**

**9 - Ouvindo impressões  
Deixando Acelino em conversação mais íntima com Otávio, fui levado por Vicente a outro ângulo da sala. Muitos grupos se mantinham em palestra interessante e educativa, observando eu que quase todos comentavam as derrotas sofridas na Terra.— Fiz quanto pude — exclamava uma velhinha simpática para duas companheiras que a escutavam atentamente —; no entanto, os laços de família são muito fortes. Algo se fazia ouvir sempre, com voz muito alta, em meu espírito, compelindo-me ao desempenho da tarefa; mas... e o marido? Âmâncio nunca se conformou. Se os enfermos me procuravam no receituário comum, agravava-se-lhe a neurastenia; se os companheiros de doutrina me convidavam aos estudos evangélicos, revoltava-se, ciumento.**

**Que pensam vocês? Chegava a mobilizar minhas filhas contra mim. Como seria possível, em tais circunstâncias, atender a obrigações mediúnicas?— Todavia — ponderou uma das senhoras que parecia mais segura de si —, sempre temos recursos e pretextos para fugir às culpas. Encaremos nossos problemas com realismo. Há de convir que, com o socorro da boa vontade, sempre lhe ficariam alguns minutos na semana e algumas pequenas oportunidades para fazer o bem. Talvez pudesse conquistar o entendimento do esposo e a colaboração afetuosa das filhas, se trabalhasse em silêncio, mostrando sincera disposição para o sacrifício.**

**Nossos atos, Mariana, são muito mais contagiosos que as nossas palavras.— Sim — respondeu a interlocutora, emitindo voz diferente —, concordo com a observação. Em verdade, nunca pude sofrer a incompreensão dos meus, sem reclamar.— Para trabalharmos com eficiência — tornou a companheira, sensata —, é preciso saber calar, antes de tudo. Teríamos atendido perfeitamente aos nossos deveres, se tivéssemos usado todas as receitas de obediência e otimismo que fornecemos aos outros. Aconselhar é sempre útil, mas aconselhar excessivamente pode traduzir esquecimentos de nossas obrigações.**

**Assim digo, porque meu caso, a bem dizer, é muito semelhante ao seu. Fomos ao círculo carnal para construir com Jesus, mas caímos na tolice de acreditar que andávamos pela Terra para discutir nossos caprichos. Não executei minha tarefa mediúnica, em virtude da irritação que me dominou, dada a indiferença dos meus familiares pelos serviços espirituais. Nossos instrutores, aqui, muito me recomendaram, antes, que para bem ensinar é necessário exemplificar melhor. Entretanto, por minha desventura, tudo esqueci no trabalho temporário da Terra. Se meu marido fazia ponderações, eu criava refutações.**

**Não suportava qualquer parecer contrário ao meu ponto de vista, em matéria de crença, incapaz de perceber a vaidade e a tolice dos meus gestos. Das irreflexões nasceu minha perda última, na qual agravei, de muito, as responsabilidades. Quase mensalmente, Joaquim e eu nos empenhávamos em discussões e não trocávamos apenas os insultos contundentes, mas também os fluidos venenosos, segregados por nossa mente rebelde e enfermiça. Entre os conflitos e suas consequências, passei o tempo inutilizada para qualquer trabalho de elevação espiritual.  
  
Nesse instante, chamou-me Vicente para apresentar um amigo. Ao nosso lado, outro grupo de senhoras conversava animadamente:  
— Afinal, Ernestina — indagava uma delas à mais jovem —, qual foi a causa do seu desastre?— Apenas o medo, minha amiga — explicou-se a interpelada —, tive medo de tudo e de todos. Foi o meu grande mal.— Mas, como tudo isto impressiona! Você foi muitíssimo preparada. Recordo-me ainda das nossas lições em conjunto. As instrutoras do Esclarecimento confiavam extraordinariamente no seu concurso. Seu aproveitamento era um padrão para nós outras.  
  
— Sim, minha querida Benita, suas reminiscências fazem-me sentir, com mais clareza, a extensão da minha bancarrota pessoal. Entretanto, não devo fugir à realidade. Fui a culpada de tudo. Preparei-me o bastante para resgatar antigos débitos e efetuar edificações novas; contudo, não vigiei como se impunha. O chamamento ao serviço ressoou no tempo próprio, orientando-me o raciocínio a melhores esclarecimentos; nossos instrutores me proporcionavam os mais santos incentivos, mas desconfiei dos homens, dos desencarnados e até de mim mesma.**

**Nos estudiosos do plano físico, enxergava pessoas de má fé; nos irmãos invisíveis, presumia encontrar apenas galhofeiros fantasiados de orientadores, e, em mim mesma, receava as tendências nocivas. Muitos amigos tinham-me em conta de virtuosa, pelo rigorismo das minhas exigências; todavia, no fundo, eu não passava de enferma voluntária, carregada de aflições inúteis.— Foi uma grande infantilidade da sua parte — retrucou a outra —, você olvidou que, na esfera carnal, o maior interesse da alma é a realização de algo útil para o bem de todos, com vistas ao Infinito e à Eternidade.**

**Nesse mister, é indispensável contar com o assédio de todos os elementos contrários. Ironias da ignorância, ataques da insensatez, sugestões inferiores da nossa própria animalidade surgirão, com certeza, no caminho de todo trabalhador fiel. São circunstâncias lógicas e fatais do serviço, porque não vamos ao mundo físico para descanso injustificável, mas para lutar pela nossa melhoria, a despeito de todo impedimento fortuito.  
  
— Compreendo, agora — disse a outra —; todavia, o receio das mistificações prejudicou minha bela oportunidade.— É, minha amiga — tornou a interlocutora —, é tarde para lamentar. Tanto tememos as mistificações, que acabamos por mistificar os serviços do Cristo. Eu ouvia a palestra, com interesse crescente, mas o companheiro levou-me adiante para novas apresentações. Atendia a esses agradáveis deveres da sociedade de "Nosso Lar", mas, para não perder ensejo de instruir-me, continuava atento às conversações em torno. Alguns cavalheiros mantinham discreta permuta de pareceres.  
  
— Reconheço que fali — dizia um deles em tom grave — e muito já expiei nas regiões inferiores, mas aguardo novos recursos da Providência.— Faltou-lhe, porém, bastante orientação para o caminho? — perguntava um companheiro.— Explico-me — esclareceu o primeiro —, faltou-me o amparo da esposa. Enquanto a tive a meu lado, verificava-se profundo equilíbrio em minhas forças psíquicas. A companhia dela, sem que eu pudesse explicar, compensava-me todo gasto de energia mediúnica. Minha noção de balanço estava nas mãos de minha querida Adélia.**

**Esqueci-me, porém, de que o bom servo deve estar preparado para o serviço do Senhor, em qualquer circunstância. Não aprendi a ciência da conformação e nem me resignei a percorrer sozinho as estradas humanas. Quando me senti sem a dedicada companheira, arrebatada pela morte, amedrontei-me, por sentir-me em desequilíbrio e, erradamente, procurei substituí-la, e fui acidentado. Extremamente ligada a entidades malfazejas, minha segunda mulher, com os seus desvarios, arrastou-me a perversões sexuais de que nunca me supusera capaz.**

**Voltei, insensivelmente, ao convívio de criaturas perversas e, tendo começado bem, acabei mal. Meus desastres foram enormes; entretanto, embora reconheça minha deficiência, entendo, ainda hoje, que o triunfo, mesmo no futuro, ser-me-á muito difícil sem a companheira bem-amada. Tornara-se a palestra sumamente interessante. Desejava acompanhar-lhe o curso, mas Vicente chamou-me a atenção para outro assunto e era necessário acompanhá-lo.**

**20 - Pão nosso - Emmanuel - pág. 39**

**14 - PÁGINAS  
"Mas a sabedoria que vem do alto é primeiramente pura, depois pacífica, moderada, tratável, cheia de misericórdia e de bons frutos; sem parcialidade e sem hipocrisia". - (Tiago, 3:17)   
Toda página escrita tem alma e o crente necessita auscultar-lhe a natureza. O exame sincero esclarecerá imediatamente a que esfera pertence, no círculo de atividade destruidora no mundo ou no centro dos esforços de edificação para a vida espiritual.**

**Primeiramente, o leitor amigo da verdade e do bem analisar-lhe-á as linhas, para ajuizar da pureza do seu conteúdo, compreendendo que, se as suas expressões foram nascidas de fontes superiores, aí socorrerá os sinais inequívocos da paz, da moderação, da afabilidade fraternal, da compreensão amorosa e dos bons frutos, enfim.**

**Mas, se a página reflete os venenos sutis da parcialidade humana, semelhante mensagem do pensamento não procede das esferas mais nobres da vida. Ainda que se origine da ação dos Espíritos desencarnados, supostamente superiores, a folha que não faça benefício em harmonia e construção fraternal é, apenas, reflexo de condições inferiores.**

**Examina, pois, as páginas de teu contacto com o pensamento alheio, diariamente, e faze companhia àquelas que te desejam elevação. Não precisas das que se te figurem mais brilhantes, mas daquelas que te façam melhor.**

**22 - Síntese de o novo testamento - Mínimus - pág. 68, 173**

**OS FALSOS PROFETAS - (mat, 7:15 a 20; Luc, 6:43 a 45)**

**"Acautelai-vos dos falsos profetas, que vêm ter convosco com vestes de ovelha, mas que, por dentro, são lobos rapinantes. - Conhecê-los-ei pelos seus frutos. Porventura se colhem uvas dos espinheiros, ou figos dos abrolhos? -Assim, toda árvore boa dá bons frutos, não pode dar maus frutos; nem uma árvore má, dar bons frutos. Toda árvore que não dá bom fruto, é cortada e lançada ao fogo. -É, pois, frutos que os conhecereis."**

**"O homem bom tira o bem do bom tesouro do seu coração, e o homem mau do mau tesouro tira o mal; porquanto a sua boca fala aquilo de que está cheio o coração".**

**FALSOS CRISTOS. FALSOS PROFETAS - (Mat, 24:33 a 28; Mar, 13:21 a 23)**

**"Então, se alguém vos disser: Eis aqui o Cristo! ou: Ei-lo ali! - não acrediteis; porque falsos cristos e falsos profetas surgirão e farão tão grandes maravilhas e prodígios que, se fora possível, seduziriam até os escolhidos. Precatai-vos, pois; eis que todas as coisas eu vos tenho predito. -Se, pois, vos disseram: Ei-lo que está no deserto! não saiais; ou Ei-lo no interior da casa! não acrediteis; porque, assim como o relâmpago sai do Oriente e se mostra no Ocidente, assim será a vinda do Filho do homem. Onde estiver o corpo, aí se juntarão as águias".**

|  |  |
| --- | --- |
| **MÔNADA** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- A agonia das religiões - pág. 58, 110** | **02 - A crise da morte - pág. 122** |
| **03 - Atualidade de Allan Kardec - pág. 40** | **04 - Da alma humana - pág. 87** |
| **05 - O Espiritismo - pág. 81** | **06 - Universo e vida - pág. 45** |
| **07 - Vampirismo - pág. 100, cap. xi** | **08 - Perispírito e Corpo Mental -pág. 114** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**MÔNADA** **– COMPILAÇÃO**

**01- A agonia das religiões - José Herculano Pires - pág. 58, 110**

**CAPÍTULO VII - DO PRINCÍPIO INTELIGENTE  
Tratei até agora da relação djreta do pensamento de Deus com a matéria. Essa relação é necessária, da mesma maneira que é necessária a relação direta do pintor com o quadro que ele executa, e portanto do trabalho que ele realiza no quadro, orientado pelo seu pensamento.**

**Na verdade, o seu pensamento se projeta no quadro e ali se materializa, passa do plano do inteligível para o plano do sensível. Ao completar sua obra, cessa a relação direta ou ativa, mas permanece a relação passiva ou indireta. Assim, a relação direta caracteriza o ato de pintar, ou de criar. Pode-se alegar a existência de intermediários: as mãos, a palheta é o pincel, a tinta. Mas convém lembrar que todos esses instrumentos fazem parte da obra em execução, sobre a qual o pensamento do pintor ama diretamente.  
  
Na ação de Deus sobre a matéria o processo é o mesmo. O pensamento divino aglutina a matéria, dando-lhe estrutura, através da qual temos a passagem do pensamento do plano do inteligível para o plano do sensível. Uso a divisão de Platão neste sentido: o inteligível é o intelecto divino e o sensível é o plano do sensório, das sensações humanas. Dessa maneira, Deus materializa o seu pensamento para atingir a sensibilidade do campo material em que o homem vai ser criado. No fiat ou ato inicial da criação temos ação direta e ativa do pensamento divino estruturando a matéria.**

**Uma vez formada essa estrutura, surge um elemento novo que é designado pela expressão princípio inteligente. O pensamento divino ligado à matéria adquire autonomia, sem com isso desligar-se da fonte que o alimenta. Transforma-se na mônada, elemento básico e estrutural da matéria, de que são compostas as próprias partículas atômicas. A palavra mônada procede de Pitágoras, foi empregada por Platão como idéia e desenvolvida modernamente por Leibniz e Renouvier como uma substância inteiramente simples pura indivisível e refratária a qualquer influência exterior. A mônada é dotada de uma força interior que a transforma, de potencialidades que se desenvolvem continuamente e de capacidade de percepção e vontade. As mônadas são diferentes entre si no tocante a essas potências internas.  
  
Estas correlações filosóficas são necessárias para entender-se o que é o princípio inteligente da concepção espírita. Trata-se, como se vê, do princípio básico de toda a realidade, responsável pela formação dos reinos da Natureza, pelo desenvolvimento da vida e de todas as faculdades vitais e anímicas dos seres. O admirável poder de intuição dos gregos captou não só a existência dos átomos, como também a das mônadas, que a Ciência atual já está conseguindo atingir nas profundezas da misteriosa estrutura da matéria, na pesquisa sobre as partículas atômicas. A teoria espírita do princípio inteligente é explicada de maneira sintética no "O Livro dos Espíritos". No item\_23 dessa obra temos o seguinte: Que é o espírito? É o princípio inteligente do Universo. Seguem-se outras explicações nas quais a inteligência se define como um atributo essencial do espírito. Geralmente confundimos a substância (espírito) com a inteligência, que é seu atributo.**

**Colocado assim o problema, parece-me explicada a razão pela qual os Espíritos Superiores não esmiuçaram essa questão fundamental. Na própria tradição filosófica, desde bem antes da era cristã, já dispúnhamos dos elementos necessários de intuições capazes de nos fornecerem os dados para uma equação futura. Faltava-nos, porém, o desenvolvimento, que só mais tarde poderia ocorrer, das pesquisas científicas em profundidade. Atualmente já podemos compreender com mais clareza a dinâmica do processo criador.**

**A teoria filosófica da mônada, que antes poderia ser considerada como simples hipótese inverificável, adquire hoje a condição de uma teoria científica ao alcance da comprovação pela pesquisa. Teorias como a do físico inglês Dirac, por exemplo, segundo a qual o Universo está mergulhado num oceano de elétrons livres, ou a dos físicos soviéticos, de que esse oceano parece ser de uma luz violácea proveniente dos primórdios da criação, mostram-nos as possibilidades novas que as pesquisas espaciais estão abrindo nesse campo. O mesmo se pode dizer da teoria dos campos de força que preenchem todo o espaço sideral.  
  
É evidente que, diante dessas novas posições conceptuais, toda a nossa cultura entra em crise, prenunciando o advento de um novo mundo. A inteligência humana se abre para dimensões mais amplas e profundas da realidade universal, exigindo a reformulação de conceitos e estruturas culturais envelhecidas.**

**Não podemos mais pensar em Deus como uma figura humana, nem do ponto de vista formal, nem do substancial. Só podemos considerá-lo como o Ser Absoluto, como a Inteligência Suprema, mas assim mesmo sem lhe atribuir nenhuma das limitações humanas. Os teólogos do Cristianismo Ateu, da Teologia Radical da Morte de Deus, sentem isso na própria pele, mas faltam-lhes os dados para uma equação mais positiva do problema. Divagam através de suposições ameaçadoras e caem irremediavelmente num torvelinho de contradições. Se tivessem a humildade de consultar a Filosofia Espírita, essa pedra rejeitada da parábola evangélica, encontrariam nela a pedra angular do novo edifício a construir.  
  
O Espírito a que a Bíblia se refere em numerosos tópicos e que nos Evangelhos toma o nome de Espírito Santo é o Espírito de Deus em sua manifestação universal. A Criação tem dois aspectos, o material e o espiritual. O sopro de Deus é o espírito criado no fiat e o homem de barro, o Adão terreno, o ápice da criação nos mundos em desenvolvimento, como a Terra. O sopro de Deus nas ventas do homem de barro, para infundir-lhe o princípio da vida e da inteligência, é a ligação do espírito com a matéria na formação da mônada.   
  
No pensamento divino todo o quadro da criação estava presente desde o princípio. E tudo era perfeito. A perfeição do ideal constituía o modelo da realidade (o mundo da rés, das coisas) que devia projetar-se no Infinito. Por isso, as mônadas diferenciadas, com características específicas, seriam semeadas no espaço para a germinação lenta, mas segura e contínua, dos conteúdos essenciais de cada uma delas. A mônada é a semente do ser, da criatura humana e divina que dela surgirá nas dimensões da temporalidade.  
  
Não se pode conceber, em nossa relatividade humana, mais grandiosa e perfeita concepção do ato criador. Podemos perguntar porque Deus, que é o supremo poder, precisa do tempo para realizar essa obra gigantesca. Mas o Espiritismo ensina que a nossa relatividade decorre de necessidades nossas e não de Deus. O que para nós são séculos e milênios, para Deus pode ser apenas aquele instante que, para Kierkegaard, era o encontro do tempo com a eternidade.**

**Um instante de profundidade e extensão imensas, que resume para o homem todas as suas existências nas duas dimensões do Universo que hoje nos são acessíveis: a espiritual e a material. É, sem dúvida, espantoso pensar, como Gustave Geley, que tudo quanto consideramos inconsciente, desde o grão de areia aos mundos que giram em torno dos sóis, possui a potencialidade da consciência em desenvolvimento no seu interior. Mas quando compreendemos que a mônada, síntese de espírito e matéria» é uma unidade infinitesimal, sobre a qual se apoia toda a realidade — o que corresponde à concepção atômica da Ciência em nossos dias — nossa mente começa a abrir-se para um entendimento superior.**

**Se o poder do átomo nos espanta, a potencialidade da mônada nos aturdiria. E ambos esses poderes nada mais são do que fragmentos do poder de Deus. Quando pensamos nisso, a teoria do princípio inteligente começa a revelar-nos a grandeza da doutrina espírita. E no entanto os seus fundamentos estão nos princípios evangélicos, sobre os quais milhares de teólogos, filósofos, místicos e pregadores escreveram e falaram sem cessar, numa catadupa de páginas e palavrórios ao longo de dois mil anos!**

**Essa opacidade c a inteligência humana, esse embotamento da capacidade de compreensão poderia fazer-nos descrer das potencialidades do princípio inteligente se não soubéssemos que o instinto gregário do homem o leva a imitação e à repetição dos papagaios. Quando Kardec se atreveu, utilizando-se de todos os recursos de sensatez e equilíbrio, apoiando-se na cultura do Século XIK — para não provocar reações precipitadas que lhe prejudicariam a obra. (...)**

**(..) Apesar disso, há criaturas que acusam o Espiritismo de doutrina simplória, de simples abecê da Espiritualidade, curso primário de iniciação nos conhecimentos superiores da realidade universal. Enganam-se com a linguagem simples das obras de Kardec, através da qual o mestre francês colocou ao alcance de todos, graças a um processo didático, dificílimo de se atingir e aplicar, os mais graves problemas que os sábios do futuro teriam de enfrentar, como estão enfrentando neste momento.**

**A simplicidade de Kardec é tão enganosa como a de Descartes. À maneira do Discurso do Método, "O Livro dos Espíritos"è um desafio permanente à argúcia e ao bom-senso dos sábios do mundo. Esses dois livros nos lembram a simplicidade enganosa dos ensinos de Jesus, que os teólogos enredaram em proposições confusas, não compreendendo o seu sentido profundo e impedindo os simples de compreendê-lo.  
  
Mas voltemos às duas linhas paralelas da filogênese humana, para tratar da segunda. Na primeira tivemos o processo natural de desenvolvimento das potencialidades do princípio inteligente, que podemos comparar ao crescimento da criança e aos primeiros cuidados com a sua educação. Temos de aguardar o desenvolvimento orgânico da criança para que as suas possibilidades mentais se revelem. E temos então de orientar as suas disposições naturais para o aprendizado escolar.**

**O que vimos na primeira paralela foi exatamente esse processo. Quando as potências da mônada atingiram o desenvolvimento necessário à sua individualização definitiva, como criatura humana, e a consciência mostrou-se estruturada, começou então o processo da sua maturação e do seu aprendizado. O clã, a tribo, a horda, a família e as formas sucessivas de civilização representam as etapas da segunda linha paralela, em que se verifica o desenvolvimento cultural. A inteligência, já formada, vai ser cultivada ao longo do tempo, nas gerações sucessivas.**

**As diferenciações monádicas intuídas por Leibniz, como as diferenciações na constituição atômica verificadas pela Física atual, respondem pelas características diversas e diversificadoras das criaturas humanas em substância e forma. Essas diferenciações não são apenas individuais, mas também grupais, determinando por afinidade os grupos familiais e raciais. Os elementos da natureza, do meio físico, e as miscigenações, as misturas raciais e culturais, contribuirão para acentuar as diversificações no decorrer do tempo.   
  
Nota-se a existência de um dispositivo protetor das raças e culturas em desenvolvimento, nas primeiras fases do processo, com o isolamento dos grupos afins nos continentes. Mas esse dispositivo não é artificial, entrosa-se naturalmente no processo evolutivo, em que todas as condições necessárias decorrem das variantes evolutivas. São inerentes ao processo.  
  
Quando os vários grupos amadureceram suficientemente e conquistaram um grau relativamente elevado de civilização, inicia-se a fase das conquistas, da dominação dos grupos mais poderosos sobre os mais fracos, numa longa e penosa elaboração de novas condições de vida e cultura. Kerschensteiner coloca o problema da cultura subjetiva e da cultura objetiva, a primeira correspondendo ao plano das idéias, da elaboração intelectual, a segunda ao plano da prática, do fazer, das realizações materiais.  
  
E Ernst Cassirer mostra como a cultura objetiva conserva em suas obras materiais, gravadas nos objetos, as conquistas subjetivas de uma civilização morta. A Renascença, por exemplo, revela como as conquistas espirituais do mundo clássico greco-romano foram arrancadas das ruínas e dos arquivos aparentemente perdidos e reelaboradas pelo mundo moderno. Dewey, por sua vez, acentua a importância da reelaboração da experiência nas gerações sucessivas.  
  
Mas quando chegamos ao ponto em que hoje estamos, prontos para um salto cultural de natureza qualitativa, ainda não podemos considerar-nos como obra concluída. Como observou Oliver Lodge, o homem ainda não está acabado, mas em fase talvez de acabamento. Sim, talvez, porque o nosso otimismo e a nossa vaidade podem enganar-nos a respeito do nosso estágio atual de realização. A própria situação da Terra, isolada no espaço e só agora tentando a expansão cósmica, deve advertir-nos de que ainda não estamos preparados para ingressar na comunidade dos mundos superiores. (..)**

**02 - A crise da morte - Ernesto Bozzano - pág. 122  
  
(..) Passo a comentar sumariamente o caso que venho de reproduzir. Chamo, antes de tudo, a atenção para o fato de que a personalidade autora da mensagem se deu pressa em prevenir os experimentadores de que "nenhum peregrino do mundo dos vivos chega pela mesma porta ao mundo espiritual", isto é, que cada Espírito, sendo uma entidade individualizada e, por conseguinte, mais ou menos diferente de todas as outras entidades da mesma natureza, tem forçosamente que deparar no Além com uma situação também mais ou menos diferente da dos outros Espíritos individualizados, no momento de entrar no meio espiritual, meio de natureza exclusivamente mental.**

**Essas diferenças, que não podem deixar de ser enormes entre "eleitos" e "réprobos", existem mesmo entre os Espíritos que, pela lei de afinidade, gravitam no mesmo meio, embora se trate de diferenças relativas a detalhes secundários, ou à direção de certas experiências inerentes à crise da morte. No caso que nos preocupa, pareceria que as diferenças se referem unicamente à duração de determinadas experiências por que todos os Espíritos têm de passar.  
  
Nota-se, em primeiro lugar, que a crise do trespasse foi mais fácil para Miss Scatcherd do que o é para a maioria dos Espíritos. Contudo, ela também refere ter experimentado a sensação passageira da flutuação no espaço. Diz igualmente não haver, a princípio, acreditado que morrera, mas que se curara de súbito, embora essa impressão também tenha sido pouco duradoura. Viu igualmente seu cadáver no leito de morte; também teve o seu período de sono, ainda que muito curto; teve a "visão panorâmica" dos acontecimentos de sua vida, se bem que sob a forma de uma multidão de lembranças gratas que lhe invadiam a mentalidade.**

**Os entes caros, que ela perdera, se lhe apresentaram em seguida, entre outros, sua mãe. Observou os filamentos luminosos que ainda a prendiam ao corpo e conseguiu dissipá-los, concentrando-se em absoluta calma de espírito. Percebeu a nuvenzinha fluídica que havia de lhe constituir o "corpo espiritual" e, graças à potencialidade do seu pensamento, seguindo o conselho de seus guias, chegou a modelar o próprio semblante, dando-lhe traços juvenis. Presa do vivo desejo de tornar a ver uma de suas amigas, achou-se incontinenti perto dela.**

**Do mesmo modo que todos os outros Espíritos que se comunicam, foi, afinal, impressionada, sobretudo, pelo grande fato do poder criador do pensamento, no meio espiritual. Deteve-se mesmo, mais demoradamente do que a maior parte dos outros Espíritos, a descrever maravilhas desse poder. Sua descrição é importante e instrutiva, porque contribui para que melhor se compreendam certas modalidades do fenómeno, que pareciam obscuras e embaraçosas à nossa inteligência limitada.**

**Aludo aos esclarecimentos dados pela entidade, acerca da sábia colaboração por meio da qual os "Espíritos" operam, para criar o meio geral comum, evitando assim a confusão caótica das iniciativas pessoais. Resta-nos tomar em consideração a revelação última da entidade transmissora da mensagem: a que diz respeito às supremas esferas espirituais, donde os Espíritos muito elevados que as habitam enviariam os "germes da vida" aos mundos do Universo, empregando o poder criador do pensamento. — Que se deve pensar disto?**

**Responderei que, se atentar­mos na impotência inata da cienciazinha humana, que jamais conseguirá penetrar o grande mistério das origens da vida dos mundos; se considerarmos que a mentalidade humana permanecerá eternamente na impossibilidade de saber como é que uma mônada inerte de protoplasma se vitalizou repentinamente, tornando-se uma "ameba", ou transformando-se num "líquen" — teremos que convir em que se pode tomar em consideração a fecunda sugestão da entidade de quem procede a comunicação. Segundo ela, haveria entidades espirituais muito elevadas que, pelo seu pensamento criador, engendrariam "fluxos vitais".**

**Estes, atingindo os mundos e saturando-lhes o protoplasma primitivo, lhe transmitem os germes da vida vegetativa que, graças a um processus evolutivo muito lento, a se realizar no meio físico, através dos quatro reinos da Natureza, acaba por engendrar a sensibilidade, depois a motricidade, em seguida o instinto animal, os primeiros albores da inteligência e por fim, a inteligência consciente de si mesma. É assim que se chegaria à criação de uma individualidade pensante... Paremos aí.**

**Nada impede se haja de aceitar esta solução do grande enigma, tanto mais que, tudo bem considerado, fora desta explicação, nunca se chegará a formular qualquer coisa de racional sobre o problema das origens. Contrariamente, aceita que seja esta solução, se bem ela não nos ponha em condições de penetrar o Incognoscível, levar-nos-á, entretanto, a uma compreensão do mistério, bastante, ao que nos parece, a satisfazer e repousar o espírito.**

**Com efeito, este começo de solução se fundaria num fato conquistado pela Ciência, isto é, que o pensamento humano já dispõe da potencialidade de objetivar formas que ficam gravadas na chapa fotográfica e se materializam e, muitas vezes, se organizam. O primeiro e maior obstáculo racional que se encontra, para aceitar a solução de que se trata, estaria então vencido. Para aceitá-la, bastaria deduzir dali que a potencialidade criadora do pensamento, tal qual se manifesta em a natureza humana, é de natureza evolutiva no meio espiritual e perfectível além de todo alcance do entendimento humano. É claro que, se se admite a sobrevivência, este postulado não só é legítimo, mas também racionalmente necessário. (..)**

**06 - Universo e vida -Àureo - pág. 45  
  
(..) Fez a pressão atmosférica adequada ao homem, antecipando-se ao seu nascimento no mundo, no curso dos milênios; estabeleceu os grandes centros de força da ionosfera e da estratosfera, onde se harmonizam os fenômenos elétricos da existência planetária, e edificou as usinas de ozone, a 40 e 60 quilômetros de altitude, para que filtrassem convenientemente os raios solares, manipulando-lhes a composição precisa à manutenção da vida organizada no orbe. Definiu todas as linhas de progresso da humanidade futura, engen­drando a harmonia de todas as forças físicas que presidem ao ciclo das atividades planetárias. A ciência do mundo não lhe viu as mãos augustas e sábias na intimidade das energias que vitalizam o organismo do globo.**

**Substituíram-lhe a providência com a palavra "natureza", em todos os seus estudos e análises da existência, mas o seu amor foi o Verbo da criação do princípio, como é e será a coroa gloriosa dos seres terrestres na imortalidade sem-fim. E quando serenaram os elementos do mundo nascente, quando a luz do Sol beijava, em silêncio, a beleza melancólica dos continentes e dos mares primitivos, Jesus reuniu, nas Alturas, os intérpretes divinos do seu pensamento. Viu-se, então, descer sobre a Terra, das amplidões dos espaços ilimitados, uma nuvem de forças cósmicas, que envolveu o imenso laboratório planetário em repouso.**

**Daí a algum tempo, na crosta solidificada do planeta, como no fundo dos oceanos, podia-se observar a existência de um elemento viscoso que cobria toda a Terra. Estavam dados os primeiros passos no caminho da vida organizada. Com essa massa gelatinosa, nascia no orbe o protoplasma e, com ele, lançara Jesus à superfície do mundo o germe sagrado dos primeiros homens. (...) Essa matéria, amorfa e viscosa, era o celeiro sagrado das sementes da vida. O protoplasma foi o embrião de todas as organizações do globo terrestre, e, se essa matéria, sem forma definida, cobria a crosta solidificada do planeta, em breve a condensação da massa dava origem ao surgimento do núcleo, iniciando-se as primeiras manifestações dos seres vivos.**

**Os primeiros habitantes da Terra, no plano material, são as células albuminóides, as amebas e todas as organizações unicelulares, isoladas e livres, que se multiplicam prodigiosamente na temperatura tépida dos oceanos. Com o escoar incessante do tempo, esses seres primordiais se movem ao longo das águas, onde encontram o oxigênio necessário ao entretenimento da vida, elemento que a terra firme não possuía ainda em proporções de manter a existência animal, antes das grandes vegetações; esses seres rudimentares somente revelam um sentido — o do tato, que deu origem a todos os outros, em função de aperfeiçoamento dos organismos superiores."  
  
As afirmações de EMMANUEL não são invencionices romanescas. CLAUDE BERNARD, o eminente fundador da Fisiologia Geral, reconheceu a excepcional importância do protoplasma "como sede de todos os processos físicos e químicos vitais". Também os citolo-gistas utilizam o termo para conceituar globalmente o conteúdo vivo da célula. "Uma vez descoberta a importância universal da célula — escreveu ERNEST ROBERT TRATTNER, em seu livro "Arquitetos de Idéias" —, os biologistas deram assalto à sua estrutura interna, de modo muito parecido com o dos sucessores de Dalton a explorar o mundo intra-atómico.**

**Deparou-se-lhes um complexo sistema vivo que continha muitos componentes estruturais altamente diferenciados e de profunda diversidade química. Acima de tudo, descobriram o protoplasma, uma substância viscosa, acinzentada, translúcida, possuindo extraordinária uniformidade tanto nas células animais como vegetais. Colorida e observada ao microscópio, revela uma estrutura granular ou finamente reticulada. Dentro do protoplasma acha-se a parte central mais densa chamada núcleo, separada por uma membrana identificável.**

**Fisicamente, pouco se distingue do protoplasma; só difere dele na constituição química. Quimicamente, o protoplasma é formado por três quartas partes de água; a outra parte é constituída principalmente de proteína, açúcares, gorduras e sais. É no complexo proteínico do protoplasma que a Ciência procura hoje descobrir as propriedades últimas dessa coisa indefinível que se chama Vida."  
Também Sua Voz comenta, em "A Grande Síntese": "No transformismo evolutivo aparece primeiro a matéria: a terra. Move-se depois a energia: a luz.**

**Nas cálidas bacias das águas, a mais alta forma evolutiva dinâmica concentra-se na potencialidade ainda mais alta de um novo Eu fenomênico e nasce o primeiro gérmen da vida, na sua primordial forma vegetal, que se alastrou depois sobre a terra e ascendeu às formas animais, sempre ansiosas de subir." O protoplasma era, na verdade, um fluido composto de água, proteínas, açúcares, gorduras, sais... e, o que é de decisiva importância, de mônadas espirituais, destacadas, pelos prepostos crísticos, dos cristais onde completaram seu estágio de individuação. Por isso, o protoplasma encerrava o gérmen da vida — o princípio espiritual que iria ensaiar seus primeiros movimentos no íntimo das células albuminóides.**

**"Decorrido muito tempo — esclarece ainda Emmanuel —, eis que as amebas primitivas se associam para a vida celular em comum, formando-se as colônias de polipeiros, em obediência aos planos da construção definitiva do porvir, emanados do mundo espiritual onde todo o progresso da Terra tem a sua gênese.**

**Os reinos vegetal e animal parecem confundidos nas profundidades oceânicas. Não existem formas definidas nem expressão individual nessas sociedades de infusórios; mas, desses conjuntos singulares, formam-se ensaios de vida que já apresentam caracteres e rudimentos dos organismos superiores."**

**Minudencia, depois disso, os longos e pacientes trabalhos dos operários de Jesus na elaboração das formas dos seres primitivos, fala do surgimento dos primeiros crustáceos, dos primeiros batráquios, das opulentas florestas primevas, dos répteis, do estabelecimento de "uma linhagem definitiva para todas as espécies, dentro das quais o princípio espiritual encontraria o processo de seu acrisolamento, em marcha para a racionalidade".  
  
É no mesmo sentido o que registra "O Livro dos Espíritos". Tratando da formação dos seres vivos, em nosso mundo, é este o seu ensino: "No começo, tudo era caos; os elementos estavam em confusão. Pouco a pouco, cada coisa tomou o seu lugar. Apareceram então os seres vivos apropriados ao estado do globo. Á Terra lhes continha os gérmens, que aguardavam momento favorável para se desenvolverem. (...) Os Espíritos são a individualização do princípio inteligente, como os corpos são a individualização do princípio material."  
  
Em seu livro "Evolução em Dois Mundos", escreve André Luiz: "Das cristalizações atômicas e dos minerais, dos vírus e do proto-plasma, das bactérias e das amebas, das algas e dos vegetais do período pré-câmbrico, aos fetos e às licopodiáceas, aos trilobites e cistídeos, aos cefalópodes, foraminíferos e radiolàrios dos terrenos silurianos, o princípio espiritual atingiu os espongiários e celenterados da era paleozóica, esboçando a estrutura esquelética.**

**Avançando pelos equinodermos e crustáceos, entre os quais ensaiou, durante milênios, o sistema vascular e o sistema nervoso, caminhou na direção dos ganóides e teleósteos, arquegossauros e labirintodontes, para culminar nos grandes lacertinos e nas aves estranhas, descendentes dos pterossáurios, no jurássico superior, chegando à época supracretácea para entrar na classe dos primeiros mamíferos,procedentes dos répteis teromorfos.**

**Viajando sempre, adquire entre os dromatérios e anfitérios os rudimentos das reações psicológicas superiores, incorporando as conquistas do instinto e da inteligência. Estagiando nos marsupiais e cetáceos do eoceno médio, nos rinocerotídeos, cervídeos, antilopídeos, equídeos, canídeos, proboscídeos e antropóides inferiores do mioceno e exteriorizando-se nos mamíferos mais nobres do plioceno, incorpora aquisições de importância entre os megatérios e mamutes, precursores da fauna atual da Terra, e, alcançando os pitecantropóides da era quaternária, que antecederam as embrionárias civilizações paleolíticas, a mônada vertida do Plano Espiritual sobre o Plano Físico atravessou os mais rudes crivos da adaptação e seleção, assimilando os valores múltiplos da organização, da reprodução, da memória, do instinto, da sensibilidade, da percepção e da preservação própria, penetrando, assim, pelas vias da inteligência mais completa e laboriosamente adquirida, nas faixas inaugurais da razão."  
  
De absoluta coerência com todas essas assertivas é o ensino contido em "Os Quatro Evangelhos", obra psicografada por Mme. Collignon e publicada sob a coordenação de J.-B. ROUSTAING. Eis alguns de seus trechos: "Na Criação, tudo, tudo tem uma origem comum; tudo vem do infinitamente pequeno para o infinitamente grande, até Deus, ponto de partida e de reunião. (...) O fluido universal, que toca de perto a Deus e dele parte, constitui, pela sua quintessência e mediante as combinações, modificações e transformações de que é passível, o instrumento e o meio de que se serve a Inteligência Suprema para, pela onipotência da sua vontade, operar, no infinito e na eternidade, todas as criações espirituais, materiais e fluídicas destinadas à vida e à harmonia universais, para operar a criação de todos os mundos, de todos os seres, em todos os reinos da Natureza, de tudo que se move, vive, é. (...)**

**Ao serem formados os mundos primitivos, na sua composição entram todos os princípios, de ordem espiritual, material e fluídica, constitutivos dos diversos reinos que os séculos terão de elaborar. O princípio inteligente se desenvolve ao mesmo tempo que a matéria e com ela progride, passando da inércia à vida. (...) Essa multidão de princípios latentes aguarda, no estado catalético, em o meio e sob a influência dos ambientes destinados a fazê-los desabrochar, que o Soberano Mestre lhes dê destino e os aproprie ao fim a que devam servir, segundo as leis naturais, imutáveis e eternas por ele mesmo estabelecidas. (..)  
  
08 - Perispírito e Durval Ciamponi - Corpo Mental -pág. 114**

**Mônada  
O ser criado por Deus, ao individualizar o princípio inteligente unido ao princípio material, não tem um nome específico dentro da Codificação. Para preencher a lacuna vou chamá-lo de mônada, aproveitando um nome que parece corresponder ao conceito e à etimologia. Neste verbete do meu dicionário particular, escrevi que mônada é o ser criado simples e ignorante por Deus, quando uniu o princípio espiritual ao princípio material, como partes integrantes e inseparáveis uma da outra, como são a cara e a coroa, numa moeda.  
  
Para não confundir conceitos, repito: a mônada não é tão somente o espírito ou o princípio espiritual ou o princípio inteligente ou a alma, mas cada um destes valores conceptuais, que são sinônimos, associados ao princípio material (fluido universal), dando origem ao ser que transitará através da escada evolutiva, desde os mais simples, nos reinos inferiores até sua chegada ao grau de Espírito Puro.  
  
Embora não se devesse confundir, muitas vezes se utiliza tão somente as palavras espírito, princípio espiritual ou princípio inteligente como sinônimo de mônada, ou de mônada como princípio inteligente, como se utiliza alma por Espírito ou Espírito por alma.  
  
Esta palavra não é avessa aos princípios doutrinários No livro Alternativas da Humanidade (Na Era do Espírito), edições FEESP, há um excelente trabalho feito por Astrid Sayegh, associando a Teoria da Mônada, de Leibniz, aos princípios da Doutrina Espírita, mostrando que a mônada é substância como realidade, e não substância enquanto conteúdo do pensamento, como um termo puramente psicológico de nossas vivências, mas substância enquanto realidade em si e por si, ou seja, que independe de qualquer realidade exterior a si.  
  
André Luiz, em Evolução em Dois Mundos, capítulo III, por diversas vezes refere-se à mônada como esse ser que transita através dos filtros do transformismo dos diferentes graus da evolução anímica. Escreve:  
  
a) A mônada vertida do Plano Espiritual sobre o Plano Físico atravessou os mais rudes crivos da adaptação e seleção...  
  
b) As mônadas celestes exprimem-se no mundo através da rede filamentosa do protoplasma...  
  
c) Com o aparecimento dos vírus, surge o campo primacial da existência... oferecendo clima adequado aos princípios inteligentes ou mônadas fundamentais, que se destacam da substância viva;  
  
d) Mais tarde, assinalamos o ingresso da mônada... nos domínios dos artrópodos...  
  
Edgard Armond, em Iniciação Espírita, tomo VII, Estudo dos Seres e da Vida, fala que as mônadas luminosas, emanadas do foco universal que é Deus,... atraem a si, automaticamente, o fluido cósmico universal, plasmável, do qual se revestem para ganhar forma. A mesma idéia Armond repete na conclusão desse estudo, ao dizer que estas centelhas de luz ou mônadas se individualizam atraindo a si o fluido cósmico com o qual se revestem e, automaticamente, caem no vórtice da involução.  
  
Discordo quanto à expressão emanação de Deus, por** **ser um conceito orientalista, porquanto o mais correto doutrinariamente seria criação de Deus. Também não considero lógica a afirmação de que as mônadas atraem para si, automaticamente, o fluído cósmico, porque isso mais parece o efeito de uma atração química, puramente material; mais ainda, nos dá a idéia de que o princípio inteligente poderia existir independentemente do princípio material, o que vai contra os princípios da Doutrina Espírita.  
  
Em última análise, todavia, Armond nos transmite a idéia da existência de um ser formado de um princípio inteligente (centelha) e de um corpo oriundo do fluido universal. Gabriel Delanne também utilizou a palavra mônada em A Evolução Anímica, capítulo 11, ao dizer: Desde o aparecimento do protoplasma no seio dos mares primitivos, desde que as primeiras mônadas manifestaram fenômenos vitais...  
  
J. Herculano Pires no seu livro Introdução à Filosofia Espírita, capítulo V, escreve: Compreendemos sem dificuldade que Deus cria os seres com os elementos constitutivos do Universo, e que os Espíritos são os seres múltiplos e finitos que Deus cria com o barro simbólico do princípio inteligente, envolvidos na ganga do fluido universal e do princípio material.  
  
Em continuidade, afirma que "essência e forma constituem a existência". Tudo o que existe se constitui de uma essência que toma determinada forma e se reveste de matéria. A forma, como Aristóteles já descobrira, não pertence matéria mas dela se apossa para amoldá-la. Procede de um elemento intermediário: o fluido universal".  
  
Como observação a estas palavras de Herculano, de acordo com os princípios espíritas, pode-se dizer: Em primeiro lugar, que se Deus cria os seres com os elementos constitutivos do universo, essa criatura não poderia existir ou ser um ser simples de um só destes elementos, porque se assim fora, desde a criação poderia ter sido. O raciocínio de Herculano está correto, quando coloca o fluido universal como intermediário entre o espírito e a matéria, conforme a questão 27 do LÊ.  
  
Em segundo lugar, se tudo o que existe se constitui de uma essência que toma determinada forma, com o que concordo, essa forma procede ou decorre do fluido universal, que individualiza o ser como corpo, para que a essência (espírito) possa manifestar-se.  
  
Em terceiro lugar, se os Espíritos dizem que fluido é fluido, como matéria é matéria, há que se deduzir que o espírito pode libertar-se da matéria, mas não pode libertar-se do fluido que é parte constitutiva de sua individualidade, desde a criação, sendo dele espírito, portanto, integrante e inseparável, conforme escreve Allan Kardec, em O Livro dos Médiuns e em A Gênese.  
  
A parte formal, corpo físico e corpo espiritual são, em sua natureza, constituídos de matéria, por isso são perecíveis, mas a essência, espírito, e o corpo mental, formado do fluido universal, são imperecíveis. É esta parte imperecível, espírito e fluido universal, existente desde a criação até sua chegada a Espírito Puro que identifico como mônada.  
  
Ao escrever A Evolução do Princípio Inteligente, Edições FEESP, disse que a matéria pode existir sem o princípio inteligente, mas que este, individualizado pela criação divina, não pode existir sem ela, conforme interpretava os ensinos dos Espíritos. Herculano Pires, em Agonia das Religiões, capítulo VII, também estudando o princípio inteligente, fala a mesma coisa. Diz: "No "fíat" ou "ato" inicial da criação temos a ação direta e ativa do pensamento divino estruturando a matéria.**

**Uma vez formada essa estrutura, surge um elemento novo que é designado pela expressão princípio inteligente". Este "transforma-se na mônada, elemento básico e estrutural da matéria, de que são compostas as próprias partículas atômicas".  
  
Concluindo, ao se admitir a existência dessa unidade, criada por Deus, formada do princípio espiritual mais o princípio material (fluido universal), há que se admitir também que esse algo deva ter um nome específico.  
  
Mônada me pareceu a palavra correta, conforme Pitágoras, Platão, Leibniz, Delanne, André Luiz, Herculano e outros. Tem-se assim nomes bem definidos:  
  
a) Mônada - ser formado pela união do princípio inteligente e seu corpo mental, imperecíveis, integrantes e inseparáveis um do outro, qualquer que seja o mundo em que viva e o grau evolutivo em que se encontre;  
  
b) Espírito - ser resultante da união da mônada, mais seu corpo espiritual perecível, formado, pelos elementos do mundo em que esteja vivendo, enquanto desencarnado;  
  
c) Homem - ser formado pela união do Espírito, mais seu corpo físico perecível, no nível de encarnado.  
  
Dentro desta idéia, o homem é, pois, formado pela união do princípio inteligente, mais o corpo mental, mais o corpo espiritual, mais o corpo físico.  
  
O Espírito Puro é a mônada que retomou ao seio de Deus cheia de amor e sabedoria, adquiridos de experiência em experiência, em sua romagem evolutiva, ao longo dos milênios e milênios.**

|  |  |
| --- | --- |
| **MORAL** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- A agonia das religiões - pág. 115** | **02 - A alma é imortal - pág. 202** |
| **03 - A evolução anímica - pág. 63, 74** | **04 - A pluralidade dos M. Habitados - pág. 274, 276** |
| **05 - Agenda cristã - pág. 15** | **06 - Antologia do perispírito - ref. 125, 958** |
| **07 - Catecismo Espírita - pág. 92, 44ª lição** | **08 - Ciência e espiritismo - pág. 77, 122** |
| **09 - Cristianismo e Espiritismo - pág. 44** | **10 - Depois da morte - pág. 240** |
| **11 - Curso Din.de Espiritismo - pág. 44** | **12 - Deus na Natureza- pág. 289** |
| **13 - Estude e viva - pág. 134** | **14 - Estudos espíritas - pág. 163** |
| **15 - Florações evangélicas - pág. 11** | **16 - História do Espiritismo - pág.151** |
| **17 - Magnetismo espiritual - pág. 102** | **18 - Nas pegadas do Mestre - pág. 179** |
| **19 - No invisível - pág. 121** | **20 - No mundo maior- pág. 63** |
| **21 - O consolador - pág. 122** | **22 - O espirito da verdade - pág. 194, 210** |
| **23 - O espirito e o tempo - pág. 157** | **24 - O Evangelho S. o Espiritismo - cap. xiii, 9** |
| **25 - O grande enigma - pág. 231** | **26 - O Livro dos Espíritos - intr iv q.52, 100,146** |
| **27 - O Livro dos Médiuns - q. 195, 226, 291** | **28 - O mestre na educação - pág. 62** |
| **29 - O porquê da vida - pág. 70** | **30 - Obras póstumas - pág. 70, 90, 250** |
| **31 - Passes e radiações - pág. 62** | **32 - Sexo e evolução - pág.172** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**MORAL** **– COMPILAÇÃO**

**14 - Estudos espíritas -Joanna de Ângelis - pág. 163**

**22 - MORAL - CONCEITO**

**— Conjunto de regras que constituem os bons costumes, a Moral consubstancia os princípios salutares de comportamento de que resultam o respeito ao próximo e a si mesmo. Decorrência natural da evolução, estabelece as diretrizes seguras em que se fundam os alicerces da Civilização, produzindo matrizes de caráter que vitalizam as relações humanas, sem as quais o homem, por mais avançado nos esquemas técnicos, poucos passos teria conseguido desde os estados primários do sentimento.  
  
Da constante necessidade de defender-se e defender as primeiras comunidades, ainda na fase agrária, surgiram as medidas ora restritivas, ora estimulantes entre os chefes e os subalternos e nas relações recíprocas dos indivíduos, do que resultavam produtivos empreendimentos e proveitosos aprestos no concerto de interesses. Da observação pura e simples, aglutinaram-se experiências que se transformaram, a pouco e pouco, em regras para as trocas comerciais e os acertos políticos entre os diversos grupos, evoluindo para os costumes que se fixaram nas gerações sucessivas, em forma de leis e estatutos.  
  
Impostas por uns, espontaneamente aceitas por outros, desprezadas por muitos, as diretrizes morais evoluíram e se transformaram em Civilização e Cultura, conduzindo às diversas formas de governo superior e à manutenção da ordem pelo indivíduo, em relação a outro, à comunidade, ao Estado e reciprocamente.  
  
Dividida em teoria e prática, a primeira busca determinar o bem supremo, enquanto a outra se encarrega de expor os múltiplos deveres, que constituem os princípios práticos, basilares da vida. Observando suas regras o homem pratica o bem e evita o mal.  
  
DESENVOLVIMENTO**

**— À medida que a necessidade do crescimento comunitário fomentava o povoamento de novas terras, encorajando a organização social em bases de progresso, a Moral, a princípio arbitrária, depois racional e lógica, sempre esteve presente, sustentando a disciplina e, simultaneamente, tanto o equilíbrio individual como o coletivo, constituindo preocupação fundamental de pensadores e governos, para a preservação dos princípios conquistados a duras penas, nas experiências da evolução.  
  
Somente a partir de Sócrates passou a Moral a ser considerada pela Filosofia. Indubitavelmente muitas vezes a Moral esteve sujeita a hábeis guerreiros, que a submetiam aos próprios caprichos, da mesma forma que o pensamento padeceu não poucas aflições sob o predomínio de conciliábulos nefandos de odientos políticos que, ardilosos no manejo das situações, sabiam como manter-se, engendrando normas de tirania com que asfixiavam ou tentavam dominar os idealistas e filósofos, a fim de se manterem venais, na cúpula sempre transitória da governança.  
  
A resposta, porém, da vida à dominação e à arbitrariedade é a pequena duração da organização humana fisiológica e o repúdio, quando não o desprezo da posteridade. Muitos sofistas, aferrados à negligência, ainda hoje tentam desconsiderar as linhas da moralidade, confundindo-as com os preconceitos e as conveniências dos hábitos sociais, nem sempre, é verdade, relevantes ou enobrecidos, assoalhando que, em variando entre os muitos povos, a Moral é uma questão de opinião sem valor...  
  
Todavia, em qualquer período em que o lar esteve sob o estigma da dissolução dos costumes, a sociedade se corrompeu e a Civilização malogrou, consumida pelo desprestígio generalizado, dentro e fora das suas fronteiras, do que redundou o desaparecimento, malgrado o fastígio atingido, reduzindo-se a escombros, abatida pela guerra da dominação estrangeira, vencida que já estava pelo vírus da desordem interna...  
  
Observando-se as conquistas do homem através do conhecimento, fácil é constatar-se que as regras morais são, também, medidas de higiene e saúde, com comprometimentos profundos nas atitudes e ações do próprio Espírito. Sendo o homem um animal em evolução, a disciplina do instinto e o desdobramento dos recursos da inteligência, bem como a necessidade da preservação da vida, impõem, a princípio, a disciplina, depois, a lei e, por fim, a Moral, que se converte em nobilitante comportamento com que se liberta das constrições primitivas e se põe em sintonia com as vibrações sutis da Espiritualidade, para onde ruma na condição de Espírito imortal que é.  
  
A história da Filosofia é uma constante busca de uma concepção otimista do mundo. E nesse capítulo a Moral é relevante. De Hermes, com as suas asseverações espirituais, a Lao-tse, de Confúcio, com os princípios da família e da sociedade fundamentando a Moral numa filosofia da Natureza, otimista, a Zoroastro e Maomé, na concepção dualista da vida, de Sócrates, Platão e Aristóteles com os conceitos políticos, morais e espirituais, às leis apresentadas por Moisés, em Jesus a Moral assume relevante proposição, que modifica a estrutura do pensamento humano e social, abrindo o campo a experiências vigorosas, em que medram as legítimas aspirações humanas, que transitam do poder da força para a força do amor...**

**Jesus se preocupa com a perfeição íntima, ética, intransferível, dos homens, conclamando-os a realizarem o "reino de Deus" interiormente, numa elaboração otimista.  
  
CONCLUSÃO**

**— Certamente a moral cristã ainda não colimou os seus objetivos elevados, conquanto os vinte séculos passados. Todavia, diante dos esforços do Direito e da acentuada luta pacífica das organizações mundiais, a Moral, em diversas apreciações tornadas legais, sancionadas por governos e povos, atingirá, não obstante as dificuldades e transições do atual momento histórico, o seu fanal nos dias do porvir, propondo ao homem moderno, na moderação e na equidade, nos costumes corretos, aceitos pelo comportamento das gerações passadas, a vivência do máximo postulado do Cristo, sempre sábio e atual:**

**"Fazer ao próximo o que desejar que este lhe faça", respeitando e respeitando-se, para desfrutar a consciência apaziguada e viver longos dias de harmonia na Terra, com felicidade espiritual depois da destruição dos tecidos físicos pelo fenômeno da morte.**

**ESTUDO E MEDITAÇÃO:**

**" Que definição se pode dar da moral?"  
"A moral é a regra de bem proceder, isto é de distinguir o bem do mal. Funda-se na observância da lei de Deus. O homem procede bem quando tudo faz pelo bem de todos, porque então cumpre a lei de Deus."  
"Como se pode distinguir o bem do mal ?" "  
O bem é tudo que é conforme à lei de Deus; o mal, tudo o que lhe é contrário. Assim, fazer o bem é proceder de acordo com a lei de Deus. Fazer o mal é infringi-la."(O Livro dos Espíritos, Allan Kardec, questões 629 e 630.)  
  
"A virtude, no mais alto grau, é o conjunto de todas as qualidades essenciais que constituem o homem de bem. Ser bom, caritativo, laborioso, sóbrio, modesto, são qualidades do homem virtuoso. Infelizmente, quase sempre as acompanham pequenas enfermidades morais que as desornam e atenuam. Não é virtuoso aquele que faz ostentação da sua virtude, pois que lhe falta a qualidade principal: a modéstia, e tem o vício que mais se lhe opõe: o orgulho. A virtude, verdadeiramente digna desse nome, não gosta de estadear-se. Adivinham--na; ela, porém, se oculta na obscuridade e foge à admiração das massas (...)." (O Evangelho segundo o Espiritismo, Allan Kardec, cap. XVII, item 8.)  
  
21 - O consolador - Emmanuel - pág. 122**

**Perg. 204 -A alma humana poder-se-á elevar para Deus tão-somente com o progresso moral, sem os valores intelectivos?  
- O sentimento e a sabedoria são as duas asas com que a alma se elevará para a perfeição infinita. No círculo acanhado do orbe terrestre, ambos são classificados como adiantamento moral e adiantamento intelectual, mas, como estamos examinando os valores propriamente do mundo, em particular, devemos reconhecer que ambos são imprescindíveis ao progresso, sendo justo, porém, considerar a superioridade do primeiro sobre o segundo, porquanto a parte intelectual sem a moral pode oferecer numerosas perspectivas de queda, na repetição das experiências, enquanto que o avanço moral jamais será excessivo, representando o núcleo mais importante das energias evolutivas.**

**22 - O espirito da verdade - Espíritos Diversos - pág. 194, 210  
  
84 - PRÓ OU CONTRA - Cap. XVII — Item 4  
"Quem não é comigo é contra mim." — Jesus. - (LUCAS, 11:23.)  
Entre o bem e o mal não existe neutralidade.  
De igual modo, não há miscibilidade ou transição entre a verdade e a mentira.  
Escondemo-nos na sombra ou revelamo-nos na luz.  
Quem não edifica o bem, só por essa omissão já está forjando o mal, em forma de negligência.  
  
Quem foge à realidade cairá inevitavelmente no engano de consequências imprevisíveis.  
Importa considerar, entretanto, a relatividade das posições individuais, nos quadros da vida coletiva, para não encarcerarmos a própria conduta em opiniões inamovíveis.  
Desse modo, busquemos sempre, acima de tudo, a verdade fundamental que dimana do Criador, e o bem maior, relativo ao interesse espiritual de todas as criaturas.  
  
Partindo desse princípio basilar, sentiremos a realidade do esclarecimento justo do Senhor:  
— "Quem não é comigo é contra mim."  
A necessidade mais imperiosa de nossas almas é sempre aquela do culto incessante à caridade pura, sem condições de qualquer natureza. Quem estiver fora dessa orientação, respira a distância do apostolado com Jesus.  
  
Para assegurar-nos a firme atitude na senda reta, trazemos dentro de nós a consciência, à feição de porta--voz do roteiro exato.  
Nos mínimos sucessos de cada dia, define-te, pois, com clareza, para que te não abandones à neblina dos vales de indecisão.  
Estacionamento no mal, ou ascensão para o bem.  
  
Com Jesus ou distante dele. Isto significa que estarás ao lado do Cristo, desprezando agora as supostas facilidades que gerarão depois as dificuldades reais, ou abraçando, hoje, a cruz do caminho que, amanhã, conferir-te-á o galardão do imarcescível triunfo.  
EMMANUEL**

**92 - ESPIRITISMO E VOCÊ  
Cap. XVII — Item 4  
Recentemente você teve os primeiros contactos com a Doutrina Espírita e agora se deslumbra com as novas perspectivas espirituais da existência. Ideais redentores. Relações pessoais enriquecidas. Conversações edificantes. Leitura nobre. Promissores ensejos de servir à fraternidade.  
  
Recorde, no entanto, os imperativos da disciplina, em todos os empreendimentos, para que a afoiteza não lhe crie frustrações. Tornar-se espírita não é santificar-se automaticamente, não significa privilégio e nem expressa cárcere interior. É oportunidade de libertação da alma com responsabilidades maiores ante as Leis da Criação. Ê reencarnar-se moralmente, de novo, dentro da própria vida humana. Convicção espírita é galardão abençoado no aprendizado multimilenar da evolução.  
  
Desse modo, nem prevenção nem invigilância constituem caminhos para semelhante conquista. Urge sustentar perseverança e paciência na execução justa de todos os deveres. Evite arrancar abruptamente as raízes defeituosas, mas profundas, de suas atividades; empreenda qualquer renovação pouco a pouco. Contenha os ímpetos de defesa intempestiva das suas idéias novas; sedimente primeiro os próprios conhecimentos. Espiritismo é Claridade Eterna.  
  
Gradue a intensidade da luz que você vislumbrar, para que seus olhos não sejam acometidos pela cegueira do fanatismo.Muitos irmãos nossos ainda se debatem nas lutas de subnível, porque não se dispuseram a aceitar a realidade que você está aceitando, mas, também, outros muitos palmilharam o lance da experiência que hoje você palmilha e nem por isso alcançaram êxitos maiores, na batalha íntima e intransferível que travamos conosco, em vista da negligência a que ainda se afazem.  
  
Crença não nos exime da consciência. Acertar ou cair são problemas pessoais. Tudo depende de você. Quem persiste na ilusão, abraça a teimosia. Quanto mais se edifica a inteligência, mais se lhe acentua o prazer de servir. Obedeça, pois, ao chamamento do Senhor, emprestando boa-vontade ao engrandecimento da redenção humana, através do trabalho ativo e incessante nos diversos setores em que se lhe possa desenvolver a colaboração.  
  
Conserve-se encorajado e confiante. Alegria serena, em marcha uniforme, é a norma ideal para atingir-se a meta colimada. Eleve anseios e esperanças, tentando sublimar emoções e cometimentos. Acima de tudo, consolide no coração a certeza de que a revelação maior é aquela que nos preceitua o dever de procurar com Jesus a nossa libertação do mal e, em nosso próprio benefício, compreendamos a real posição do Mestre como Excelso Condutor de nosso mundo, em cujo infinito amor estamos construindo o Reino de Deus em nós. André Luiz.   
  
24 - O Evangelho S. o Espiritismo - Allan Kardec - cap. xiii, 9  
  
A CARIDADE MATERIAL E A CARIDADE MORAL  
IRMÃ ROSÁLIA  
Paris, 1860  
9. "Amemo-nos uns aos outros e façamos aos outros o que quereríamos que nos fosse feito." Toda a religião, toda a moral, se encerram nestes dois preceitos. Se eles fossem seguidos no mundo, todos seriam perfeitos. Não haveria ódios, nem ressentimentos. Direi mais ainda: não haveria pobreza, porque, do supérfluo da mesa de cada rico, quantos pobres seriam alimentados! E assim não mais veriam, nos bairros sombrios em que vivi, na minha última encarnação, pobres mulheres arrastando consigo miseráveis crianças necessitadas de tudo.  
  
Ricos! Pensai um pouco em tudo isso. Ajudai o mais possível infelizes; dai, para que Deus vos retribua um dia o bem que houverdes feito; para encontrardes, ao sair de vosso invólucro terrestre, um cortejo de Espíritos reconhecidos, que vos receberão no limiar de um mundo mais feliz.  
  
Se pudésseis saber a alegria que provei, ao encontrar no além aqueles a quem beneficiei, na minha última vida terrena! Amai, pois, ao vosso próximo; amai-o como a vós mesmos, pos já sabeis, agora, que o desgraçado que repelis talvez seja um irmão ,um pai, um amigo que afastais para longe. E, então, qual não será o vosso desespero, ao reconhecê-lo depois no mundo dos Espiritos!  
  
Ouero que compreendais bem o que deve ser a caridade moral, que todos podem praticar, que materialmente nada custa, e que não obstante é a mais difícil de pôr em prática.**

**A caridade moral consiste em vos suportardes uns aos outros o que menos fazeis nesse mundo inferior, em que estais momentaneamente encarnados. Há um grande mérito, acreditai, em saber calar, para que outro mais tolo possa falar; isso é também uma forma de caridade. Saber fazer-se de surdo, quando uma palavra irônica escapa de uma boca habituada a caçoar; não ver o sorriso desdenhoso com que vos recebem pessoas que, muitas vezes erradamente, estão às vezes muito abaixo: eis um merecimento que não é de humilde, mas de caridade, pois não se incomodar com as faltas alheias é caridade moral.**

**Essa caridade, entretanto, não deve impedir que se pratique a outra. Pelo contrário: pensai, sobretudo, que não deveis desprezar o vosso semelhante; lembrai-vos de tudo o que vos tenho dito; é necessário lembrar, incessamentemente, que o pobre repelido talvez seja um Espírito que vos foi caro, e que momenteamente se encontra numa posição inferior à vossa. Reencontrei um dos pobres do vosso mundo a quem pude, por felicidade, beneficiar algumas vezes, e ao qual tenho agora de pedir, por minha vez.**

**Recordai-vos de que Jesus disse que somos todos irmãos, e pensai sempre nisso, antes de repelirdes o leproso ou o mendigo. Adeus! Pensai naqueles que sofrem, e orai.**

**26 - O Livro dos Espíritos - Allan Kardec - intr iv questões: 52, 100,146**

**Perg. 52 - De onde vêm as diferenças físicas e morais que distinguem as variedades de raças humanas na Terra?  
-Do clima, da vida e dos hábitos. Dá-se o mesmo que se daria com duas crianças da mesma mãe, que, educadas uma longe da outra e de maneira diferente, não se assemelhassem em nada quanto ao moral.**

**100. Observações Preliminares: A classificação dos Espíritos funda-se no seu grau de desenvolvimento, nas qualidades por eles adquiridas e nas imperfeições de que ainda não se livraram.**

**27 - O Livro dos Médiuns - Allan Kardec - questões:. 195, 226, 291**

**195. 5°) Segundo as qualidades morais do médium: Mencionamô-los sumariamente, lembrando-os apenas para completar o quadro, pois serão tratados a seguir em capítulos especiais: Da influência moral dos médiuns.**

**226. 1. O desenvolvimento da mediunidade se processa na razão do desenvolvimento moral do médium?  
-Não. A faculdade propriamente dita é orgânica e, portanto, independente da moral. Mas já não acontece o mesmo com o seu uso, que pode ser bom ou mau, segundo as qualidades do médium.**

**2. Sempre se disse que a mediunidade é um dom de Deus, uma graça, um favor divino. Por que, então, não é um privilégio dos homens de bem? E por que há criaturas indignas que a possuem no mais alto grau e a empregam no mau sentido? - Todas as nossas faculdades são favores que devemos agradecer a Deus, pois há criaturas que não as possuem. Podias perguntar porque Deus concede boa visão a malfeitores, destreza aos larápios, eloquência aos que só a utilizam para o mal. Acontece o mesmo com a mediunidade. Criaturas indignas a possuem, porque dela necessitam mais do que as outras para se melhorarem. Pensas que Deus recusas os meios de salvação aos culpados? Ele os multiplica nos seus passos, coloca-os nas suas próprias mãos. Cabe a eles aproveitá-los, Judas, o traidor, não fez milagres e não curou doentes, como apóstolo? Deus lhe permitiu esse dom para que mais odiosa lhe parecesse a traição.**

**3. Os médiuns que empregam mal as suas faculdades, que não as utilizam para o bem ou que não as aproveitam para a sua própria instrução, sofrerão as consequências disso? - Se as usarem mal, serão duplamente punidos, pois perdem a oportunidade de aproveitar um meio a mais de se esclarecerem. Aquele que vê claramente e tropeça, é mais censurável que o cego que cai na valeta.**

**28 - O mestre na educação - Vinícius - pág. 62**

**12 - INSTRUÇÃO E EDUCAÇÃO  
É preciso não confundir instrução com educação. A educação abrange a instrução, mas pode haver instrução desacompanhada de educação. A instrução relaciona-se com o intelecto: a educação com o caráter. Instruir é ilustrar a mente com certa soma de conhecimentos sobre um ou vários ramos científicos. Educar é desenvolver os poderes do espírito, não só na aquisição do saber, como especialmente na formação e consolidação do caráter.**

**O intelectualismo não supre o cultivo dos sentimentos. "Não basta ter coração, é preciso ter bom coração", disse Hilário Ribeiro, o educador emérito cuja extraordinária competência pedagógica estava na altura da modéstia e da simplicidade que lhe exornam o formoso espírito.  
  
Razão e coração devem marchar unidos na obra do aperfeiçoamento do espírito, pois em tal importa o senso da vida. Descurar a aprendizagem da virtude, deixando-se levar pêlos deslumbramentos da inteligência, é erro de funestas consequências. Sobre este assunto, não há muito, o presidente dos Estados Unidos da América do Norte citou um julgado da "Suprema Corte de Justiça" de Massachusetts, no qual, entre outros princípios de grande importância, se enunciou o de que "o poder intelectual só é a formação científica, sem integridade de caráter, podem ser mais prejudiciais que a ignorância. A inteligência, superiormente instruída, aliada ao desprezo das virtudes fundamentais, constitui uma ameaça".  
  
Convém acentuar aqui que a consciência religiosa corresponde, neste particular, ao fator principal na formação dos caracteres. Já de propósito usamos a expressão — consciência religiosa — ao invés de religião, para que se não confundam idéias distintas entre si. Religiões há muitas, mas a consciência religiosa é uma só. Por essa designação entendemos o império interior da moral pura, universal e imutável conforme foi ensinada e exemplificada por Jesus-Cristo. A consciência religiosa importa em um modo de ser, e não em um modo de crer.  
  
É possível que nos objetem: mas, a moral cristã é tão velha, e nada tem produzido de eficiente na reforma dos costumes. Retrucaremos: não pode ser velho aquilo que não foi usado. A moral cristã é, em sua pureza e em sua essência, desconhecida da Humanidade. Sua atuação ainda não se fez sentir ostensivamente. O que se tem espalhado como sendo o Cristianismo é a sua contraf ação. Da sanção dessa moral é que está dependendo a felicidade humana sob todos os aspectos.  
  
O intelectualismo, repetimos, não resolve os grandes problemas sociais que estão convulsionando o mundo. O fracasso da Liga das Nações é um exemplo frisante; e, como esse, muitos outros estão patentes para os que têm olhos de ver. Bem judiciosas são as seguintes considerações de Vieira sobre o inestimável valor da educação sob seu aspecto moral: 'Em todas as ciências é certo que há muitos erros, dos quais nasce a diferença de opiniões; em todas as ciências há muitas ignorâncias, as quais confessam todos os maiores letrados que não compreendem nem alcançam.**

**Pois se veio a Sabedoria divina ao mundo, por que não alumiou estes erros, porque não tirou estas ignorâncias? Porque errar ou acertar em todas as matérias, sabê-las ou não as saber, pouco coisa importa é acertar a ser bom: e isto é o que nos veio ensinar o Filho de Deus.**

**Nem ensinou aos filósofos a composição dos continentes, nem aos geômetras a quadratura do círculo, nem aos mareantes a altura de Leste a oeste, nem aos químicos o descobrimento da pedra filosofal, nem aos médicos as virtudes das ervas, das plantas e dos mesmos elementos; nem aos astrólogos e astrônomos o curso, a grandeza, o número e as influências dos astros: só nos ensinou a ser humildes, só nos ensinou a ser castos, só nos ensinou a fugir da avareza, só nos ensinou a perdoar as injúrias, só nos ensinou a sofrer perseguições pela causa da justiça, só nos ensinou a chorar e aborrecer o pecado e amar e exercitar a virtude; porque estas são as regras e as conclusões, estes os preceitos e os teoremas por onde se aprende a ser bom, a ser justo, que é a ciência que professou e veio ensinar o Filho de Deus. (...)**

|  |  |
| --- | --- |
| **MORTE** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- A crise da morte - toda a obra** | **02 - A gênese - pág. 372** |
| **03 - Boa nova - pág. 59** | **04 - Contos desta e doutras vidas - pág. 53** |
| **05 - Coragem - pág. 101** | **06 - Emmanuel - pág. 129** |
| **07 - Depois da morte - pág. 140** | **08 - Estudos Espíritas - pág. 63** |
| **09 - Fonte viva- pág. 375** | **10 - Há dois mil anos - pág. 12** |
| **11 - Justiça Divina - pág. 145, 163** | **12 - Lampadário Espírita - pág. 57,107** |
| **13 - No invisível - pág. 213** | **14 - O consolador - pág. 91** |
| **15 - O fenômeno Espírita - pág.211** | **16 - O grande enigma- pág. 212** |
| **17 - O Livro dos Espíritos - q.68, 149, 422,548,823,941** | **18 - O que é Espiritismo? - pág. 154,207** |
| **19 - Obras Póstumas - pág. 201** | **20 - Os mensageiros - pág. 104, 248** |
| **21 - Pérolas do Além - pág. 163** | **22 - Saúde e Espiritismo - pág. 369** |
| **23 - Síntese de o novo testamento - pág. 199** | **24 - Vinhas de luz - pág. 321** |
| **25 - Voltas que a vida dá - pág. 36** | **26 - Voltei - toda a obra** |
| **27 - Semeador em Tempos Novos - pág. 84** | **28 - Trevo de idéias - pág. 47** |
| **29 - Florações Evangélicas - pág. 61, 93** | **30 - Oferenda - pág. 17** |
| **31 - Temas da vida e da morte - pág. 67, 77, 83** | **32 - Harmonização - pág. 27** |
| **33 - Escrínio de luz - pág. 169** |  |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**MORTE** **– COMPILAÇÃO**

**03 - Boa nova - Humberto de Campos - pág. 59**

**BOM ÂNIMO  
O apóstolo Bartolomeu foi um dos mais dedicados discípulos do Cristo, desde os primeiros tempos de suas pregações, junto ao Tiberíades. Todas as suas possibilidades eram empregadas em acompanhar o Mestre, na sua tarefa divina. Entretanto, Bartolomeu era triste e, vezes inúmeras, o Senhor o surpreendia em meditações profundas e dolorosas. Foi, talvez, por isso que, uma noite, enquanto Simão Pedro e sua família se entregavam a inadiáveis afazeres domésticos, Jesus aproveitou alguns instantes para lhe falar mais demoradamente ao coração.  
  
Após uma interrogativa afetuosa e fraternal, Bartolomeu deixou falasse o seu espírito sensível.— Mestre — exclamou, timidamente —, não saberia nunca explicar-vos o porquê de minhas tristezas amargurosas. Só sei dizer que o vosso Evangelho me enche de esperanças para o reino de luz que nos espera os corações, além, nas alturas... Quando esclarecestes que o vosso reino não é deste mundo, experimentei uma nova coragem para atravessar as misérias do caminho da Terra, pois, aqui, o selo do mal parece obscurecer as coisas mais puras!... Por toda parte, é a vitória do crime, o jogo das ambições, a colheita dos desenganos!...  
  
A voz do apóstolo se tornara quase abafada pelas lágrimas. Todavia, Jesus fitou-o brandamente e lhe falou, com serenidade:— A nossa doutrina, entretanto, é a do Evangelho ou da Boa Nova e já viste, Bartolomeu, uma boa notícia não produzir alegria? Fazes bem, conservando a tua esperança em face dos novos ensinamentos; mas, não quero senão acender o bom ânimo no espírito dos meus discípulos. Se já tive ocasião de ensinar que o meu reino ainda não é deste mundo, isso não quer dizer que eu desdenhe o trabalho de estendê-lo, um dia, aos corações que mourejam na Terra. Achas, então, que eu teria vindo a este mundo, sem essa certeza confortadora? O Evangelho terá de florescer, primeiramente, na alma das criaturas, antes de frutificar para o espírito dos povos.**

**Mas, venho de meu Pai, cheio de fortaleza e confiança, e a minha mensagem há de proporcionar grande júbilo a quantos a receberem de coração. Depois de uma pausa, em que o discípulo o contemplava silencioso, o Mestre continuou:— A vida terrestre é uma estrada pedregosa, que conduz aos braços amorosos de Deus. O trabalho é a marcha. A luta comum é a caminhada de cada dia. Os instantes deliciosos da manhã e as horas noturnas de serenidade são os pontos de repouso; mas, ouve-me bem: Na atividade ou no descanso físico, a oportunidade de uma hora, de uma leve ação, de uma palavra humilde, é o convite de Nosso Pai para que semeemos as suas bênçãos sacrossantas.**

**Em geral, os homens abusam desse ensejo precioso para anteporem a sua vontade imperfeita aos desígnios superiores, perturbando a própria marcha. Daí resultam as mais ásperas jornadas obrigatórias para retificação das faltas cometidas e muitas vezes infrutíferos labores. Em vista destas razões, observamos que os viajores da Terra estão sempre desalentados. Na obcecação de sua vontade própria, ferem a fronte nas pedras da estrada, cerram os ouvidos à realidade espiritual, vendam os olhos com a sombra da rebeldia e passam em lágrimas, em desesperadas imprecações e amargurados gemidos, sem enxergarem a fonte cristalina, a estrela cariciosa do céu, o perfume da flor, a palavra de um amigo, a claridade das experiências que Deus espalhou, para a sua jornada, em todos os aspectos do caminho.**

**Houve um pequeno intervalo nas considerações afetuosas, depois do que, sem mesmo perceber inteiramente o alcance de suas palavras, Bartolomeu interrogou:— Mestre, os vossos esclarecimentos dissipam os meus pesares; mas o Evangelho exige de nós a fortaleza permanente?— A verdade não exige: transforma. O Evangelho não poderia reclamar estados especiais de seus discípulos; porém, é preciso considerar que a alegria, a coragem e a esperança devem ser traços constantes de suas atividades em cada dia. Por que nos firmarmos no pesadelo de uma hora, se conhecemos a realidade gloriosa da eternidade com o Nosso Pai?**

**— E quando os negócios do mundo nos são adversos? E quando tudo parece em luta contra nós? — perguntou o pescador, de olhar inquieto. Jesus, todavia, como se percebesse, inteiramente, a finalidade de suas perguntas, esclareceu com bondade:— Qual o melhor negócio do mundo, Bartolomeu? Será a aventura que se efetua a peso de ouro, muita vez amordaçando-se o coração e a consciência, para aumentar as preocupações da vida material, ou a iluminação definitiva da alma para Deus, que se realiza tão-só pela boa-von-tade do homem, que deseje marchar para o seu amor, por entre as urzes do caminho? Não será a adversidade nos negócios do mundo um convite amigo para a criatura semear com mais amor, um apelo indireto que a arranque às Husões da Terra para as verdades do reino de Deus? Bartolomeu guardou aquela resposta no coração, não, todavia, sem experimentar certa estranheza.**

**E logo, lembrando-se de que sua genitora partira, havia pouco tempo, para a sombra do túmulo, interpelou ainda, ansioso:— Mestre: não será justificável a tristeza quando perdemos um ente amado?— Mas, quem estará perdido, se Deus é o Pai de todos nós?... Se os que estão sepultados no lodo dos crimes hão de vislumbrar, um dia, a alvorada da redenção, por que lamentarmos, em desespero, o amigo que partiu ao chamado do Todo-Poderoso? A morte do corpo abre as portas de um mundo novo para a alma. Ninguém fica verdadeiramente órfão sobre a Terra, como nenhum ser está abandonado, porque tudo é de Deus e todos somos seus filhos. Eis por que todo discípulo do Evangelho tem de ser um semeador de paz e de alegria!...**

**Jesus entrou em silêncio, como se houvera terminado a sua exposição judiciosa e serena. E, pois que a hora já ia adiantada, Bartolomeu se despediu. O olhar do Mestre oferecia ao seu, naquela noite, uma luz mais doce e mais brilhante; suas mãos lhe tocaram os ombros, levemente, deixando-lhe uma sensação salutar e desconhecida. Embora nascido em Cana da Galiléia, Bartolomeu residia, então, em Dalmanuta, para onde se dirigiu, meditando gravemente nas lições que havia recebido. Á noite pareceu-lhe formosa como nunca. No alto, as estrelas se lhe afiguravam as luzes gloriosas do palácio de Deus à espera das suas criaturas, com hinos de alegria. As águas do Genesaré, aos seus olhos, estavam mais plácidas e felizes. Os ventos brandos lhe sussurravam ao entendimento caridosas inspirações, como um correio delicado que chegasse do céu.**

**Bartolomeu começou a recordar as razões de suas tristezas intraduzíveis, mas, com surpresa, não mais as encontrou no coração. Lembrava-se de haver perdido a afetuosa genitora; refletiu, porém, com mais amplitude, quanto aos desígnios da Providência Divina. Deus não lhe era pai e mãe nos céus? Recordou os contratempos da vida e ponderou que seus irmãos pelo sangue o aborreciam e caluniavam. Entretanto, Jesus não lhe era um irmão generoso e sincero? Passou em revista os insucessos materiais. Contudo, que eram as suas pescarias ou a avareza dos negociantes de Betsaida e de Cafarnaum, comparados à luz do reino de Deus, que ele trabalhava por edificar no coração?**

**Chegou a casa pela madrugada. Ao longe, os primeiros clarões do Sol lhe pareciam mensageiros ao conforto celestial. O canto das aves ecoava em seu espírito como notas harmoniosas de profunda alegria. O próprio mugido dos bois apresentava nova tonalidade aos seus ouvidos. Sua alma estava agora clara; o coração, aliviado e feliz. Ao ranger os gonzos da porta, seus irmãos dirigiram-Ihe impropérios, acusando-o de mau filho, de vagabundo e traidor da lei. Bartolomeu, porém, recordou o Evangelho e sentiu que só ele tinha bastante alegria para dar a seus irmãos. Em vez de reagir asperamente, como de outras vezes, sorriu-lhes com a bondade das explicações amigas. Seu velho pai o acusou, igualmente, escorraçando-o. O apóstolo, no entanto, achou natural. Seu pai não conhecia a Jesus e ele o conhecia. Não conseguindo esclarecê-los, guardou os bens do silêncio e achou-se na posse de uma alegria nova.**

**Depois de repousar alguns momentos, tomou as suas redes velhas e demandou sua barca. Teve para todos os companheiros de serviço uma frase consoladora e amiga. O lago como que estava mais acolhedor e mais belo; seus camaradas de trabalho, mais delicados e acessíveis. De tarde, não questionou com os comerciantes, enchendo-lhes, aliás, o espírito de boas palavras e de atitudes cativantes e educativas. Bartolomeu havia convertido todos os desalentos num cântico de alegria, ao sopro regenerador dos ensinamentos do Cristo; todos o observaram com admiração, exceto Jesus, que conhecia, com júbilo, a nova atitude mental de seu discípulo.  
  
No sábado seguinte, o Mestre demandou as margens do lago, cercado de seus numerosos seguidores. Ali, aglomeravam-se homens e mulheres do povo, judeus e funcionários de Ântipas, a par de grande número de soldados romanos. Jesus começou a pregar a Boa Nova e, a certa altura, contou, conforme a narrativa de Mateus, que — "o reino dos céus é semelhante a um tesouro que, oculto num campo, foi achado e escondido por um homem que, movido de gozo, vendeu tudo o que possuía e comprou aquele campo".  
  
Nesse instante, o olhar do Mestre pousou sobre Bartolomeu que o contemplava, embevecido; a luz branda de seus olhos generosos penetrou fundo no íntimo do apóstolo, pela ternura que evidenciava, e o pescador humilde compreendeu a delicada alusão do ensinamento, experimentando a alma leve e satisfeita, depois de haver alijado todas as vaidades de que ainda se não desfizera, para adquirir o tesouro divino, no campo infinito da vida.  
  
Enviando a Jesus um olhar de amor e reconhecimento, Bartolomeu limpou uma lágrima. Era a primeira vez que chorava de alegria. O pescador de Dalmanuta aderira, para sempre, aos eternos júbilos do Evangelho do Reino.**

**04 - Contos desta e doutras vidas - Irmão X - pág. 53**

**11 - APUROS DE UM MORTO  
Quando Apolinário Rezende acordou, além da morte, viu-se terrivelmente sacudido por estranha emoção. Ouvia a esposa, Dona Francisca, a chamá-lo em gritos estertorosos. E qual se fôsse transportado a casa por guindaste magnético, reconheceu-se, de chofre, diante dela, que se descabelava, chorosa.-Ingrato! Ingrato! - era o que a viúva dizia em pensamento, embora apenas tartamudeasse interjeições lamentosas com a boca. Julgando-se no corpo de carne, Rezende, em vão, se fazia sentir. Gritava pela companheira. Pedia explicações Esmurrava a mesa em que a senhora apoiava os cotovelos.  
  
Dona Francina, entretanto, procedia como quem lhe ignorava a presença. O infeliz, no primeiro instante, julgou-se dementado. Acreditava-se em pesadelo e queria retornar à vida comum, despertar... Beliscava-se inutilmente. Nisso, escutou o próprio nome no andar térreo. Despencou-se e encontrou Maria Iza, a copeira que se habituara a estimar como sendo sua própria filha, em conversação discreta com o advogado que lhe fora amigo íntimo. O Dr. Joaquim Curado ouvia, atento, a moça, que lhe confidenciava uma infâmia.  
  
A empregada, que sempre lhe recolhera a melhor atenção, não se pejava de acusá-lo, afirmando que o pequeno Samuel, o menino que lhe nascera, quatro anos antes, do coração de mãe solteira, era filho dele, Rezende. A serviçal, no extremo da calúnia, dramatizava em pranto. Dizia, despudorada, que seu filhinho Samuel não podia privar-se da herança, que ela, em outros tempos, vivia sofrendo injuriosas cenas de ciúme, por parte da patroa, das quais o próprio Dr. Joaquim devia lembrar-se, e que estava agora resolvida a colocar a questão em pratos limpos.  
  
Apolinário cerrou os punhos e dispunha-se a esbofeteá-la, quando o causídico asseverou: "Bem, desde que o Rezende morreu..." O pobre Espírito liberto sofreu tremendo choque. Morrera então? Que significava tudo aquilo? Sentia-se louco... Gritou, desesperado, lembrando fera aguilhoada no circo, mas os dois interlocutores nem de leve lhe perceberam a reação, e o entendimento continuou...  
Chorando copiosamente, Apolinário ficou sabendo que o inventário dos seus bens seguia em meio, que Maria Iza alegava-se seduzida por ele e exigia mais de dois milhões de cruzeiros, parte igual ao montante que se reservava a cada um de seus filhos. O Dr. Joaquim falava em exame de sangue e pedia provas.  
  
A moça notificou que Renato, o filho caçula de Dona Francina, fora testemunha da experiência infeliz a que se submetera, em acedendo às tentações que lhe haviam sido movidas pelo morto. Aterrado, Rezende viu seu próprio filho mais novo entrar, a chamado, no parlatório doméstico, apoiando a invencionice. O jovem, que ultrapassara os vinte e dois de idade, preocupava-o sempre, pelo caráter leviano; contudo, não foi sem espanto que passou a escutá-lo, confirmando a denúncia. Perante o advogado, surpreendido, Renato anunciou que, simplesmente tocado pela compaixão, deliberara ajudar Maria Iza, declarando que o pai, pilhado por ele em vários encontros com ela, resolvera confiar-lhe a verdade, salientando que, um dia, quando viesse a falecer, o menino Samuel não devia ser esquecido, de vez que lhe devia a paterternidade.  
  
Rezende, tomado de repugnância, desmentia tudo, até que lhe pareceu ouvir os pensamentos do filho, compreendendo, por fim, que Renato se mancomunara com a copeira, de modo a senhorear metade da importância que a ela fosse atribuída pela Justiça. Entendeu a chantagem. O rapaz pretendia o maior quinhão e, para isso, não vacilava enxovalhar-lhe o nome. Abatido, procurou Reinaldo, o filho mais velho, moço de comportamento exemplar; entretanto, foi achá-lo no gabinete, conformado com a situação. O irmão desfechara habilmente o golpe, e o primogênito preferira perder parte da herança a desrespeitar a memória do pai. Voltou Rezende ao quarto da esposa e debalde quis confortá-la.  
  
Dona Francina ensopara o lenço de lágrimas. Não chorava tanto o dinheiro de que deveria dispor. Lastimava a suposta infidelidade do falecido marido. Recordava todos os dias felizes, em que ambos haviam desfrutado confiança perfeita... Era preciso ser desumano para que lhe mentisse, qual o fizera, dentro do próprio lar. Ansiava conservá-lo puro, na lembrança, viver o resto da existência preparando-se para reencontrá-lo; entretanto ...Esforçava-se Rezende para consolá-la, a procurar em si mesmo a razão por que sofria semelhante prova, quando lhe ocorreu um estalo na consciência .**

**Via-se recuar, recuar... Sim, sim, Maria Iza recebera dele tão somente considerações respeitosas; contudo, Julieta surgia-Ihe agora!.. Fora-lhe a companheira da juventude, quarenta anos antes... Menina de condição modesta, aguentara-lhe a ingratidão. Cedera aos seus caprichos de moço impulsivo e passara a aguardar-Ihe um filhinho, confiando no casamento. Examinando, porém, as próprias conveniências, obrigara Julieta a sujeitar-se a vergonhoso processo abortivo e, em seguida, ao vê-la frustrada, abandonou-a na vala do meretrício. .  
  
Rezende, atormentado em dolorosas reminiscências, inquiria a si próprio se a calúnia de Maria Iza seria a resposta do destino ao sarcasmo em que lançara Julieta... Onde encontrar a vítima de outra época para rojar-se-lhe aos pés suplicando misericórdia? Por outro lado, ali estava Dona Francina, a reclamar-lhe assistência, e Maria Iza, a quem devia perdoar, a seu turno. Tateava o crânio em fogo. Atravessava o primeiro dia de consciência acordada, depois da morte, e parecia estar no inferno mental, desde muito tempo.Caiu a noite e Rezende permaneceu, aflito, junto da esposa, tentando, em vão, falar-lhe durante o sono...  
  
Manhã cedo, Dona Francina levantou-se, orou à frente da própria imagem dele, na foto de cabeceira, tomou grande ramo de flores e saiu na direção de um templo. Apolinário seguiu-a, reconhecendo, emocionado, que a esposa encomendara um ofício religioso, a benefício da sua felicidade. Findas as preces, Dona Francina tocou para o cemitério. Só então Rezende veio a saber que a leal companheira comemorava o sexto mês de sua partida. Cento e oitenta e três dias de inconsciência na vida espiritual! Assombrado, fitou a esposa, que se ajoelhara à frente do seu próprio túmulo. Entre angustiado e curioso, inclinou-se para a lápide e soletrou, es-pantadiço:  
  
"Aqui jaz Apolinário Rezende." E, em letras menores: "Orai pelo descanso eterno de sua alma."Quando leu as palavras "descanso eterno", Rezende passou a refletir sobre as agonias morais a que era submetido, desde a véspera, e, embora sentindo imenso desejo de chorar, esqueceu a quietude do campo santo e desferiu, em desespero, enorme gargalhada.**

**05 - Coragem - Espíritos Diversos - pág. 101**

**32 . VIDA E MORTE  
  
A vida é luz, doação, alegria e movimento. A morte é sombra, egoísmo, desalento e inércia. Analisa as forças vivas que te rodeiam e observarás a natureza a desfazer-se em cânticos de trabalho e de amor, assegurando-te bem-estar. É a árvore a crescer na produção intensiva, o manancial em atividade constante para garantir-te a existência, a atmosfera a refazer sem cessar os elementos com que te preserva a saúde e o equilíbrio.**

**Mas não longe de ti podes ver igualmente a morte no poço estagnado em que as águas se corrompem, na enxada inútil que a ferrugem devora, no fruto desaproveitado que a corrupção desagrega...Depende de ti acordar e viver, valorizando o tempo que o Senhor te confere, estendendo o dom de ajudar e aprender, amar e servir.  
  
  
Muitos nascem e renascem no corpo físico,, transitando da infância para a velhice e do túmulo para o berço, à maneira de almas cadaverizadas no egoísmo e na rebelião, na ociosidade ou na delinquência, a que irrefletidamente se acolhem. Absorvem os recursos da Terra sem retribuição, recebem sem dar, exigem concurso alheio sem qualquer impulso de cooperação em favor dos outros e vampirizam as forças que encontram, quais sorvedouros que tudo consomem sem qualquer proveito para o mundo que os agasalha.  
  
Semelhantes companheiros são realmente os mortos dignos de socorro e de piedade, porquanto, à distância da luz que lhes cabe inflamar em si próprios, preferem o mergulho na inutilidade, acomodando-se com as trevas.  
  
Lembra-te dos talentos com que Deus te enobrece o sentimento e o raciocínio, o cérebro e o coração e, fazendo verter a glória do bem, através de teu verbo e de tuas mãos, desperta e vive, para que, das experiências fragmentárias do aprendizado humano, possas, um dia, alçar vôo firme em direção à Vida Eterna.  
. EMMANUEL**

**06 - Emmanuel - Emmanuel - pág. 129**

**XXIV - O CORPO ESPIRITUAL  
De todos os fenômenos da vida, os que se apresentam ao raio visual da ciência humana, mantenedores do seu entretenimento, são os da assimilação e desassimilação; todavia, os que afetam mais particularmente a percepção do homem não são os da atividade vital em si mesma, consubstanciados nas sínteses orgânicas assimiladoras, mas justamente os fenômenos da morte. É um axioma fisiológico a extinção das células que constituem o suporte de todas as manifestações e apenas fazeis geralmente uma idéia da vida por intermédio desses movimentos destruidores.   
  
A VIDA CORPORAL — EXPRESSÃO DA MORTE "  
Quando, no homem ou nos irracionais, um gesto se opera, a Natureza determina o desaparecimento de certa percentagem de substância da economia vital; quando a sensibilidade se exterioriza e os pensamentos se manifestam, eis que os nervos se consomem, gastando-se o cérebro em suas atividades funcionais. A vida corporal é bem a expressão da morte, através da qual efetuais as vossas observações e os vossos estudos.**

**Não dispondes, dentro da exiguidade dos vossos sentidos, senão de elementos constatadores da perda de energia, da luta vital, dos conflitos que se estabelecem para que os seres se mantenham no seu próprio habitat. A vida, em suas causalidades profundas, escapa aos vossos escalpelos e apenas o embriologista observa, no silêncio da penumbra, infinitésima fração do fenômeno assimilatório das criações orgânicas.  
  
INACESSÍVEL AOS PROCESSOS DA INDAGAÇÃO CIENTIFICA  
Segundo os dados da vossa fisiologia, a célula primitiva é comum a todos os seres vertebrados e espanta ao embriólogo a lei organogênica que estabelece a idéia diretora do desenvolvimento fetal, desde a união do espermatozoário ao óvulo, especificando os elementos amorfos do protoplasma; nos domínios da vida, essa idéia diretriz conserva-se inacessível até hoje aos vossos processos de indagação e de análise, porquanto esse desenho invisível não está subordinado a nenhuma determinação físico-química, porém, unicamente ao corpo espiritual preexistente, em cujo molde se realizam todas as ações plásticas da organização, e sob cuja influência se efetuam todos os fenômenos endosmóticos.**

**O organismo fluídico, caracterizado por seus elementos imutáveis, é o assimilador das forças protoplásmicas, o mantenedor da aglutinação molecular que organiza as configurações típicas de cada espécie, incorporando-se, átomo por átomo, à matéria do germe e dirigindo-a, segundo a sua natureza particular.  
  
RESPONDENDO AS OBJEÇÕES  
-Algumas objeções científicas têm sido apresentadas à teoria irrefutável do corpo espiritual preexistente, destacando-se entre elas, por mais digna de exame, a hereditariedade, a qual somente deve ser ponderável sob o ponto de vista fisiológico. Todos os tipos do reino mineral, vegetal, animal, incluindo-se o hominal, organizam-se segundo as disposições dos seus precedentes ancestrais, dos quais herdam, naturalmente, pela lei das afinidades, a sua sanidade ou os seus defeitos de origem orgânica, unicamente.  
  
De todos os estudos referentes ao assunto, em vossa época, salienta-se a teoria darwiniana das gêmulas, corpúsculos infinitesimais que se transmitem pela vida seminal aos elementos geradores, contendo na matéria embrionária disposição de todas as moléculas do corpo, as quais se reproduzem dentro de cada espécie.**

**A maioria das moléstias, inclusive a dipsomania, são transmissíveis; porém, isso não implica um fatalismo biológico que engendre o infortúnio dos seres, porque inúmeros Espíritos, em traçando o mapa do seu destino, buscam, com o escolher determinado instrumento, alargar as suas possibilidades de triunfo sobre a matéria, como um fato decorrente das severas leis morais, que, como no ambiente terrestre, prevalecem no mundo espiritual, o que não nos cabe discutir neste estudo.  
  
Não obstante a preponderância dos fatores físicos nas funções procriadoras, é totalmente inaceitável e descabido o atavismo psicológico, hipótese aventada pelos desconhecedores da profunda independência da individualidade espiritual, hipótese que reveste a matéria de poderes que nunca ela possuiu em sua condição de passividade característica. Reconhecendo-se, pois, a veracidade da argumentação de quantos aceitam a hereditariedade fisiológica nos fenômenos da procriação, representando cada ser o organismo de que provém por filiação, afastemos a hipótese da hereditariedade psicológica, porquanto, espiritualmente, temos a considerar, apenas, ao lado da influência ambiente, a afinidade sentimental. (...)  
  
07 - Depois da morte - Léon Denis - pág. 140**

**XIII — AS PROVAS E A MORTE  
Estabelecido o alvo da existência, mais alto que a fortuna, mais elevado que a felicidade, uma inteira revolução produz-se em nossos intuitos. O Universo é uma arena em que a alma luta pelo seu engrandecimento, e este só é obtido por seus trabalhos, sacrifícios e sofrimentos. A dor, física ou moral, é um meio poderoso de desenvolvimento e de progresso. As provas auxiliam-nos a conhecer, a dominar as nossas paixões e a amarmos realmente os outros.**

**No curso que fazemos, o que devemos procurar adquirir é a ciência e o amor alternadamente. Quanto mais soubermos, mais amaremos e mais nos elevaremos. A fim de podermos combater e vencer o sofrimento, cumpre estudarmos as causas que o produzem, e, com o conhecimento dos seus efeitos e a submissão às suas leis, despertar em nós uma simpatia profunda para com aqueles que o suportam. A dor é a purificação suprema, é a escola em que se aprendem a paciência, a resignação e todos os deveres austeros. É a fornalha onde se funde o egoísmo, em que se dissolve o orgulho. Algumas vezes, nas horas sombrias, a alma submetida à prova revolta-se, renega a Deus e sua justiça; depois, passada a tormenta, quando se examina a si mesma, vê que esse mal aparente era um bem; reconhece que a dor tornou-a melhor, mais acessível à piedade, mais caritativa para com os desgraçados.  
  
Todos os males da vida concorrem para o nosso aperfeiçoamento. Pela dor, pela prova, pela humilhação, pelas enfermidades, pelos reveses o melhor desprende-se lentamente do pior. Eis por que neste mundo há mais sofrimento que alegria. A prova retempera os caracteres, apura os sentimentos, doma as almas fogosas ou altivas. A dor física também tem sua utilidade; desata quimicamente os laços que prendem o Espírito à carne; liberta-o dos fluidos grosseiros que o retêm nas regiões inferiores e que o envolvem, mesmo depois da morte. Essa ação explica, em certos casos, as curtas existências das crianças mortas com pouca idade.**

**Essas almas puderam adquirir na Terra o saber e a virtude necessários para subirem mais alto; como um resto de materialidade impedisse ainda o seu voo, elas vieram terminar, pelo sofrimento, a sua completa depuração. Não imitemos esses que maldizem a dor e que, nas suas imprecações contra a vida, recusam admitir que o sofrimento seja um bem. Desejariam levar uma existência a gosto, toda de bem-estar e de repouso, sem compreenderem que o bem adquirido sem esforço não tem nenhum valor e que, para apreciar a felicidade, é necessário saber-se quanto ela custa. O sofrimento é o instrumento de toda elevação, é o único meio de nos arrancarmos à indiferença, à volúpia. É quem esculpe nossa alma, quem lhe dá mais pura forma, beleza mais perfeita.  
  
A prova é um remédio infalível para a nossa inexperiência. A Providência procede para conosco como mãe precavida para com seu filho. Quando resistimos aos seus apelos, quando recusamos seguir-lhe os conselhos, ela deixa-nos sofrer decepções e reveses, sabendo que a adversidade é a melhor escola da prudência. Tal o destino do maior número neste mundo. Debaixo de um céu algumas vezes sulcado de raios, é preciso seguir o caminho árduo, com os pés dilacerados pelas pedras e pelos espinhos. Um Espírito de vestes lutuosas guia os nossos passos; é a dor santa que devemos abençoar, porque só ela sacode e desprende-nos o ser das futilidades com que este gosta de paramentar-se, torna-o apto a sentir o que é verdadeiramente nobre e belo.  
  
Sob o efeito desses ensinos, a que se reduz a idéia da morte? Perde todo o caráter assustador. A morte mais não é que uma transformação necessária e uma renovação, pois nada perece realmente. A morte é só aparente; somente muda a forma exterior; o princípio da vida, a alma, fica em sua unidade permanente, indestrutível. Esta se acha, além do túmulo, na plenitude de suas faculdades, com todas as aquisições com que se enriqueceu durante as suas existências terrestres: luzes, aspirações, virtudes e potências. Eis aí os bens imperecíveis a que se refere o Evangelho, quando diz: "Os vermes e a ferrugem não os consumirão nem os ladrões os furtarão." São as únicas riquezas que poderemos levar conosco e utilizar na vida futura.  
  
A morte e a reencarnação que se lhe segue, em um tempo dado, são duas condições essenciais do progresso. Rompendo os hábitos acanhados que havíamos contraído, elas colocam-nos em meios diferentes; obrigam a adaptarmo-nos às mil faces da ordem social e universal. Quando chega o declínio da vida, quando nossa existência, semelhante à página de um livro, vai voltar-se para dar lugar a uma página branca e nova, aquele que for sensato consulta o seu passado e revê os seus atos.  
  
Feliz quem nessa hora puder dizer: meus dias foram bem preenchidos! Feliz aquele que aceitou as suas provas com resignação e suportou-as com coragem! Esses, macerando a alma, deixaram expelir tudo o que nela havia de amargor e fel. Rememorando na consciência as suas tribulações, bendirão os sofrimentos que suportaram, e, com a paz íntima, verão sem receio aproximar-se o momento da morte.  
  
Digamos adeus às teorias que fazem da morte a porta do nada, ou o prelúdio de castigos intermináveis. Adeus sombrios fantasmas da Teologia, dogmas medonhos, sentenças inexoráveis, suplícios infernais! Chegou a vez da esperança e da vida eterna! Não mais há negrejantes trevas, porém, sim, luz deslumbrante que surge dos túmulos. Já vistes a borboleta de asas multicores despir a informe crisálida, esse invólucro repugnante, no qual, como lagarta, se arrastava pelo solo? Já a vistes solta, livre, voejar ao calor do Sol, no meio do perfume das flores? Não há imagem mais fiel para o fenômeno da morte.**

**O homem também está numa crisálida que a morte decompõe. O corpo humano, vestimenta de carne, volta ao grande monturo; o nosso despojo miserável entra no laboratório da Natureza; mas, o Espírito, depois de completar a sua obra, lança-se a uma vida mais elevada, para essa vida espiritual que sucede à vida corpórea, como o dia sucede à noite. Assim se distingue cada uma das nossas encarnações. Firmes nestes princípios, não mais temeremos a morte. Como os gauleses, ousaremos encará-la sem terror. Não mais haverá motivo para receio, para lágrimas, cerimônias sinistras e cantos lúgubres. Os nossos funerais tornar-se-ão uma festa pela qual celebraremos a libertação da alma, sua volta à verdadeira pátria.  
  
A morte é uma grande reveladora. Nas horas de provação, quando as sombras nos rodeiam, perguntamos algumas vezes: Por que nasci eu? Por que não íiquei mergulhado lá na profunda noite, onde não se sente, onde não se sofre, onde só se dorme o eterno sono? E, nessas horas de dúvida e de angústia, uma voz vem até nós e diz-nos: Sofre para te engrandeceres, para te depurares! Fica sabendo que teu destino é grande. Esta terra fria não é teu sepulcro.**

**Os mundos que brilham no âmbito dos céus são tuas moradas futuras, a herança que Deus te reserva. Tu és para sempre cidadão do Universo; pertences aos séculos passados como aos futuros, e, na hora atual, preparas a tua elevação. Suporta, pois, com calma, os males por ti mesmo escolhidos. Semeia na dor e nas lágrimas o grão que reverdecerá em tuas próximas vidas. Semeia também para os outros assim como semearam para ti! Ser imortal, caminha com passo firme sobre a vereda escarpada até às alturas de onde o futuro te aparecerá sem véu! A ascensão é rude, e o suor inundará muitas vezes o teu rosto, mas, no cimo, verás brilhar a grande luz, verás despontar no horizonte o Sol da Verdade e da Justiça!  
  
A voz que assim nos fala é a voz dos mortos, é a voz das almas queridas que nos precederam no país da verdadeira vida. Bem longe de dormirem nos túmulos, elas velam por nós. Do pórtico do invisível vêem-nos e sorriem para nós. Adorável e divino mistério! Comunicam-se conosco e dizem: Basta de dúvidas estéreis; trabalhai e amai. Um dia, preenchida a vossa tarefa, a morte reunir-nos-á.  
  
XIV — OBJEÇÕES  
É assim que muitas questões insolúveis para as outras escolas são resolvidas pela doutrina das vidas sucessivas. As fortíssimas objecoes com que o cepticismo e o materialismo têm feito brechas no edifício teológico — o mal, a dor, a desigualdade dos méritos e das condições humanas, a injustiça aparente da sorte: todos esses tropeços se desvanecem perante a Doutrina dos Espíritos.  
  
Entretanto, uma dificuldade subsiste, uma forte objeção ergue-se contra ela. Se já vivemos no espaço, dizem, se outras vidas precederam ao nascimento, por que de tal perdemos a recordação? Esta objeção, de aparência irrespondível, é fácil de ser destruída.  
A memória das coisas que viveram, dos atos que se cumpriram, não é condição necessária da existência.  
  
Ninguém se lembra do tempo passado no ventre materno ou mesmo no berço. Poucos homens conservam a memória das impressões e dos atos da primeira infância. Entretanto, essas são partes integrantes da nossa existência atual. Pela manhã, ao acordarmos, perdemos a recordação da maior parte de nossos sonhos, embora, no momento, eles nos tenham parecido outras tantas realidades. Só nos restam sensações grosseiras e confusas, que o Espírito experimenta quando recai sob a influência material.  
  
Os dias e as noites são como as nossas vidas terrestres e espirituais, e o sono parece tão inexplicável quanto a morte. O sono e a morte transportam-nos, alternadamente, para meios distintos e para condições diferentes, o que não impede à nossa identidade de manter-se e persistir através desses estados variados.  
  
No sono magnético, o Espírito, desprendido do corpo, recorda-se de coisas que esquecerá ao volver à carne, cujo encadeamento, não obstante, ele tornará a apanhar, recobrando a lucidez. Esse estado de sono provocado desenvolve nos sonâmbulos aptidões especiais que, em vigilia, desaparecem, abafadas, aniquiladas pelo invólucro corpóreo. (...)   
  
08 - Estudos Espíritas - Joanna de Ângelis- pág. 63**

**MORRER  
CONCEITO — A problemática da morte é decorrência do desequilíbrio biológico e físico-químico essenciais à manutenção da vida. Fenômeno de transformação, mediante o qual se modificam as estruturas constitutivas dos corpos que sofrem ação de natureza química, física e microbiana determinantes dos processos cadavéricos e abióticos, a morte é o veículo condutor encarregado de transferir a mecânica da vida de uma para outra vibração. No homem representa a libertação dos implementos orgânicos, facultando ao espírito, responsável pela aglutinação das moléculas constitutivas dos órgãos, a livre ação fora da constrição restritiva do seu campo magnético.  
  
Morrer, entretanto, não é consumir-se. Da mesma forma que a matéria se desorganiza sob um aspecto para reassociar-se em outras manifestações, o espírito se ausenta de uma condição — a de encarnado —, para retornar à situação primeira da sua existência — despido do corpo material. A vida carnal é decorrência da existência do princípio espiritual e a vida poderia existir no espírito sem que houvesse aquela.  
  
Morrer ou desencarnar, porém, nem sempre pode ser considerado como libertar-se. A perda do casulo celular somente liberta o espírito que estruturou o seu comportamento, quando no corpo, sem a dependência enlouquecedora deste. Os que se imantaram aos vigorosos condicionamentos materiais, utilizando a vestimenta física como veículo apenas para vaso de luxúria ou de egoísmo, qual instrumento de gozo incessante ou do orgulho, na expressão de castelo de força e de paixões, ante a desencarnação prosseguem vinculados aos vapores entorpecentes das emanações cadavéricas em lamentável e demorado estado de perturbação, sitiados pelas visões torpes da destruição dos tecidos, sofrendo a voragem dos vibriões famélicos, enlouquecidos entre as paredes estreitas da paisagem sepulcral.  
  
A vida começa a perecer desde o momento em que se agregam as células para a mecânica do viver. Vida e morte, pois, são termos da mesma equação do existir. Não morre aquele que aspira ao amor e sonha com o Ideal da Beleza, entregue ao cultivo da virtude, no exercício da retidão. Não se acaba aquele que se entrega à vida, pois que mediante cíclicas mudanças do tono vibratório o espírito se traslada de corpo a corpo, de estágio a estágio evolutivo até alcançar a plenitude da vida na vitória estuante da Imortalidade.  
  
Enquanto os processos abióticos são substituídos por novas atividades bioquímicas, o cadáver passando à fase da desintegração — autólise e putrefação —, o espírito que se educou para os labores de libertação encontra-se indene à participação do desconcertante fenômeno de transformação celular, não ocorrendo o mesmo com aqueles que transformaram o corpo em reduto de prazer ou catre de paixões de qualquer natureza.  
  
DESENVOLVIMENTO — Porque representava a cessação do movimento externo com a consequente degenerescência da forma, a morte mereceu das Civilizações do passado homenagens e tributos consideráveis. Herdando do homem primitivo o culto de respeito, envolto em mistérios, e complexos rituais com os quais desejavam reverenciar na morte a força disjuntora da vida, essas Civilizações, mediante enganosos conciliábulos através dos quais a personificavam como deidade facilmente subornável, ou mensageira da desgraça que se podia adiar, pensavam consegui-lo por meio desse comércio nefando e irracional.  
  
Milenarmente misteriosa tem prosseguido no seu cortejo, semeando pavor e desconcerto emocional, reinando soberana. Aplacando-lhe a ira e tentando evitar-lhe a visita inexorável celebraram-se nos diversos fastos do pensamento histórico solenidades soberbas, ora trágicas e deprimentes ou exaltadas a ponto de espicaçar o desinteresse pela vida, produzindo suicídios religiosos, em procissões pagãs, nas quais fanáticos cultivadores de aberrações veneravam seus deuses, atirando-se sob rodas denteadas, abismos profundos, fogueiras destruidoras ante o paroxismo da excitação de mentes primárias em exacerbação dos instintos...  
  
Sob outro aspecto, porque se transformasse no umbral para o acesso ao Desconhecido, foi encarada como misterioso país de cujas fronteiras ninguém voltava, envolvendo-se-lhe o culto em absurdas fantasias. O homem do período glaciário de Günz, agindo intuitivamente sob a inspiração dos antepassados, colocava o crânio dos mortos à entrada das cavernas com o objetivo de impedir a incursão naqueles recintos dos inimigos desencarnados...  
  
Os egípcios, conceituando o retorno ao corpo sob a paixão do imediato, transformaram os sepulcros em palácios, colocando tesouros e alimentos para os viandantes do vale das sombras não padeceram necessidades quando da volta...Mausoléus e jazigos imponentes foram erguidos através dos tempos para perpetuarem a memória e a vida dos extintos, gerando quase sempre longos processos de apego e dor aos transitórios recursos materiais por parte dos que desencarnaram.  
  
A Arte e a Literatura, a Poesia e a Religião contribuíram exorbitantemente para tornarem a morte a megera desventurada, portadora da infelicidade e do horror. Com o desenvolvimento das conquistas modernas, em cujo período as luzes da fé já bruxuleantes quase se apagaram, a morte, por significar para os apaniguados do niilismo o fim de tudo, passou a constituir móvel de ridículo, senão a aspiração maior dos frívolos e inconsequentes cultivadores da cómoda filosofia do nada. Assim encontrariam a porta para a deserção, logo fossem colhidos pela responsabilidade ou surpreendidos pela dor...  
  
ESPIRITISMO E MORTE — Jesus, indubitavelmente, o Senhor do Mundo e o Herói da Sepultura Vazia, foi o mais nobre pregoeiro da vida com excelente realidade a respeito da morte. Circunscrevendo todos os seus ensinos em torno da vida, e da Vida abundante, a Sua mensagem é um hino perene à glória do existir, seja num ou noutro setor de atividade em que se manifestam as expressões eternas do espírito: na carne e além dela.  
  
Em todo o Seu ministério de amor e trabalho Sua palavra é luz e vida, considerando mortos somente aqueles que perderam a visão e obstruíram as percepções da realidade espiritual. Depois dEle coube ao Espiritismo a inapreciável tarefa de interpretar a morte, libertando-a dos infelizes conceitos de vário matiz que foram tecidos multimilenarmente na plenitude da ignorância sobre a sua legítima feição.  
  
Atestando a continuidade da vida após o túmulo, graças ao convívio mantido entre os homens e os Imortais, o Espiritismo libertou a vida do guante da vândala destruidora, exaltando a perenidade do existir em todas as latitudes do Cosmo, na incessante progressão para o Infinito. Vive, portanto, como se estivesse a cada momento preparando-te para renascer além e após o túmulo.  
  
A vida que se leva é a vida que cada um aqui leva enquanto na indumentária carnal. Transpassa-se o pórtico de lama e cinza em que se transformam os implementos materiais com as próprias conquistas morais, construindo as asas de anjo com que se pode ascender à Verdade ou as amarras grosseiras para com a retaguarda, mediante as quais se imantam aos engodos fisiológicos.**

**ESTUDO E MEDITAÇÃO:  
"Por ser exclusivamente material, o corpo sofre as vicissitudes da matéria. Depois de funcionar por algum tempo, ele se desorganiza e decompõe. O princípio vital, não mais encontrando elemento para sua atividade, se extingue e o corpo morre. O Espírito, para quem, este, carente de vida, se torna inútil, deixa-o, como se deixa uma casa em ruínas, ou uma roupa imprestável."  
(A Génese, Allan Kardec, cap. XI, item 13.)  
  
"A vida espiritual é, com efeito, a verdadeira vida, é a vida normal do Espírito, sendo-lhe transitória e passageira a existência terrestre, espécie de morte, se comparada ao esplendor e à atividade da outra. O corpo não passa de simples vestimenta grosseira que temporariamente cobre o Espírito, verdadeiro grilhão que o prende à gleba terrena, do qual se sente ele feliz em libertar-se. O respeito que aos mortos se consagra não é a matéria que o inspira; é, pela lembrança, o Espírito ausente quem o infunde."  
(O Evangelho Segundo o Espiritismo, Allan Kardec, cap. XXIII, ítem 8)**

**09 - Fonte viva - Emmanuel - pág. 375**

**168 - ENTRE O BERÇO E O TÚMULO**

**"Não atentando nós nas coisas que se vêem, mas nas se não vêem, porque as que se vêem são temporais e as que se não vêem são eternas." - Paulo (II Corintios, 4:18)**

**A flor que vemos passa breve, mas o perfume que nos escapa enriquece a economia do mundo. O monumento que nos deslumbra soferá insultos do tempo, contudo, o ideal invisível que o inspirou brilha, eterno, na alma do artista.**

**A Acrópole de Atenas, admirada por milhões de olhos, vai desaparecendo, pouco à pouco, entretanto, a cultura grega que a produziu é imortal na glória terrestre. A cruz que o povo impôs ao Cristo era um instrumento de tortura visto por todos, mas o espírito do Senhor, que ninguém vê, é um sol crescendo cada vez mais na passagem dos séculos.**

**Não te apegues demasiado à carne transitória. Amanhã, a infância e a mocidade do corpo serão madureza e velhice da forma. A terra que hoje reténs será no futuro inevitavelmente dividida. Adornos de que te orgulhas presentemente serão pó e cinza. O dinheiro que agora te serve passará depois a mãos diferentes das tuas.**

**Usa aquilo que vês, para entesourar o que ainda não podes ver. Entre o berço e o túmulo, o homem detém o usufruto da terra, com o fim de aperfeiçoar-se.**

**Não te agarres, pois, à enganosa casca dos seres e das coisas. Aprendendo e lutando, trabalhando e servindo com humildade e paciência na construção do bem, acumularás na tua alma as riquezas da vida eterna.**

**12 - Lampadário Espírita - Joanna de Ângelis - pág. 57,107**

**12 - IMORTALIDADE  
À noite sombria da morte sucede a madrugada clarificadora da vida espiritual. Em toda a parte estua a vibração miraculosa e pulsante da vida que não cessa. Morre a semente para surgir a planta vitoriosa. Decompõe-se a matéria a fim de nutrir outras formas de vidas.**

**Gasta-se uma estrutura desta ou daquela natureza para ressurgir, mais além, em manifestações novas e expressivas. A serenidade do cadáver humano é enganosa e utópica. Além das células em transformações incessantes, onde se locupletam vibriões, o espírito desperta.**

**Nada nem ninguém. Morrer é somente mudar de estado. A paz das necrópoles é pobreza dos sentidos dos que supõem contemplá-la. A perda da indumentária física não confere prosperidade espiritual nem conduz à ruína desesperadora, senão àqueles que as elaboraram antes. Cada ser desperta consoante viveu vinculado ou liberto das paixões. A morte pode ser considerada como o despir da aparência e o despertar para a realidade. Ela não apaga o amor que prossegue em cânticos afetuosos, imanando sentimentos que se alongam além das fronteiras do corpo, nem interrompe o intercâmbio do ódio que expele emanações mefíticas, alongando processos obsessivos de longo e tormentoso curso.  
  
Quantos se acostumaram à beleza das emoções superiores escalam os óbices da limitação e atingem excelsas regiões. Aqueles, no entanto, que se fixaram nas paisagens grotescas da animalidade primitiva, acordam envoltos nas paixões que conduziram ao decesso carnal, mais vorazes, mais infelizes, mais atormentados. Não há milagre ante a morte.. .   
  
Não procures os que partiram para a Imortalidade, em dias a eles consagrados, nas tumbas onde se diluíram as impressões da forma, pois que lá não estão. Evita visitá-los nos campos dos despojos carnais, considerando que lá não os encontrarás. Se foram amorosos e bons, libram acima das conjunturas imediatistas, visitam-te, intercambiam o amor e trabalham, vitoriosos, esperando por ti.  
  
- Se viveram descuidados, entorpecidos pelo ópio do prazer, dormem o longo sono da consciência aparvalhada, experimentando pesadelos e agonias de difícil tradução para o teu entendimento. Se jornadearam adstritos à impiedade e atados ao erro deste ou daquele teor, sofrem e fazem sofrer, procurando, no próprio lar ou em outras mentes de fora do ninho doméstico, com as quais se afinam, intercâmbio inquietante e enfermiço.  
  
Seja qual for o roteiro por onde transitaram aqueles teus afetos, agora além da carne, ora por eles, pensa neles com bondade e amor.  
Transforma as moedas que iriam adquirir flores e luzes frágeis demais para os atingirem — logo mais fanadas e mortas, bruxuleantes e sem lume — em leite e pães para débeis criancinhas esquálidas, em caldo quente e reconfortante para velhinhos esquecidos nas sombras espessas da miséria, em medicamento refazente para enfermos em agonias e dores tormentosas, em agasalhos para corpos em absoluta nudez, em oportunidade de trabalho para pais de família ao desemprego e desassossegados, em meios honrosos para todos aqueles que seguem pelo teu caminho, como homenagem a eles, os teus mortos queridos, que vivem e te bendirão o amor.  
  
O que fizeres em memória deles se transformará em lenitivo às suas aflições, atestado inequívoco de afeição que não passará despercebido por eles. Desobstrui gavetas e armários e passa adiante o que conservas como lembrança deles, fazendo-os apegados a esses valores realmente mortos... Teus mortos vivem! Respeita-os, homenageando-os através da bênção da caridade dirigida a outros.  
  
Enquanto a saudade macerava os corações atemorizados dos discípulos, após os sucessos da tarde trágica de Jerusalém, e a inquietação os sobressaltava, pela madrugada do domingo, mulheres piedosas, entre as quais uma ex-cortesã, acorreram ao sepulcro aberto na rocha, para visitar o inumado querido, encontrando, porém, a sepultura violada e vazia.  
  
Procurando informar-se do que sucedera, a jovem de Magdala defrontou-O nimbado de safirina e radiosa luz, enquanto Ele, sorrindo, saúda-a jubiloso: — «Maria» !  
  
Diante dos entes queridos, mortos, recorda Maria de Magdala aflita e Jesus triunfante depois da morte, retornando em incomparável manifestação de imortalidade gloriosa, vencedor das sombras e das dores...  
  
25 - CONSIDERANDO A MORTE  
A problemática da "morte" decorre do comportamento de cada criatura durante a vida física. Por mais se alongue a existência corporal, momento chega em que a desassociação dos tecidos liberta a energia vitalizante, concedendo ao espírito encarnado que a movimenta o retorno aos postos da Erraticidade donde proveio.**

**Morrer é mudar de estado vibratório. Morre cada pessoa conforme vive, ligada às paisagens festivas da esperança ou algemada às paixões fatigantes dos seus desvarios. Reservando somente pequenos «espaços-mentais> para cultivar os pensamentos de ordem superior, ou psiquicamente aclimatado ao amolentamento do caráter, ou educado dentro de padrões comodistas, a morte, para esses, invariavelmente se afigura como fenômeno que propicia o aniquilamento da personalidade, em cujo curso se apagam as luzes da consciência.  
  
Somente em raros espíritos se demoram, na atualidade, as idéias da Justiça Divina padronizada nas limitações dogmáticas e nas instruções literais da Bíblia. No entanto, face ao progresso tecnológico e diante das aspirações tormentosas pela comodidade que faculta prazeres nem sempre nobilitantes, grassam em mentes e corações os postulados materialistas-negativistas em torno da realidade da vida, no além-túmulo, conquanto o estuar do Universo e a glória da existência indestrutível em toda parte.  
  
Embora o comportamento mental de uns e de outros, a vida surpreende, exultante, o viajor imprevidente após a cessação da aparelhagem fisiológica de que se serve. O «complexo eletrônico comandado pela consciência», conceito a que muitos reduzem a vida humana em audaciosos golpes de simplismo, outro não é senão o espírito livre e independente, que permanece sob as vibrações que cultivou, experimentando os contigentes energéticos a que se imantou espontaneamente.  
  
Através do sono fisiológico, revelam-se os estados espirituais dos transeuntes do veículo carnal. No despertar da consciência, após os tratamentos cirúrgicos, expressam-se os estados dalma dos homens. Sob a coacão dos «alucinógenos» desatam-se as expressões de vidas anteriores, algumas das quais esquecidas, que refletem os problemas íntimos dos que se deixam experimentar por tais métodos de liberação da subconsciência.  
  
Impressos a golpes vigorosos da idéia-forma, nas telas sutis da organização perispiritual, desejos e ambições, programas íntimos e roteiros de vida, ao impacto da anestesia profunda para a cirurgia da desencarnação, abrem os depósitos psíquicos do espírito, que libertam os fantasmas cultivados e os delitos praticados, que se corporificam, retomando o comando da imaginação, nessa hora submissa, iniciando longos processos alucinantes e enlouquecedores.  
  
Assim considerando, ante a realidade da «morte» que a todos os «viventes» um dia surpreenderá, cultiva a idéia otimista e estuda as diretrizes que conduzem à vida espiritual.  
  
Como dedicas horas longas aos roteiros humanos que cessam e às tarefas da organização celular que se acabam, considera a problemática da vida espiritual e realiza meditações libertadoras, enviando aos fulcros psíquicos do perispírito as mensagens de alento e equilíbrio, preparando-te para a libertação da argamassa celular, de modo a prosseguires confiante e livre na dircção da vida maior, logo mais.**

**14 - O consolador - Emmanuel - pág. 91**

**Perg. 146 - É fatal o instante da morte? - Com exceção do suicídio, todos os casos de deserncarnação são determinados previamente pelas forças espirituais que orientam a atividade do homem sobre a Terra. Esclarecendo-vos quanto a essa exceção, devemos considerar que, se o homem é escravo das condições externas da sua vida no orbe, é livre no mundo íntimo, razão porque, trazendo no seu mapa de provas a tentação de desertar da vida expiatória e retificadora, contrai um débito penoso aquele que se arruína, desmantelando as próprias energias.**

**A educação e a iluminação do íntimo constituem o amor ao santuário de Deus em nossa alma. Quem as realiza em si, na profundeza da liberdade interior, pode modificar o determinismo das condições materiais de sua existência, alçando-a para a luz e para o bem. Os que eliminam, contudo, as suas energias próprias, atentam contra a luz divina que palpita em si mesmos. Daí o complexo de suas dívidas dolorosas.**

**E existem ainda os suicídios lentos e gradativos provocados pela ambição ou pela inércia, pelo abuso ou pela inconsideração, tão perigosos para a vida da alma, quanto os que se observam, de modo espetacular, entre as lutas do mundo. Essa a razão pela qual tantas vezes se batem os instrutores dos encarnados, pela necessidade permanente de oração e de vigilância, a fim de que os seus amigos não fracassem nas tentações.**

**Perg. 147 — Proporciona a morte mudanças inesperadas! e certas modificações rápidas, como será de desejar?  
— A morte não prodigaliza estados miraculosos para a nossa consciência. Desencarnar é mudar de plano, como alguém que se transferisse de uma cidade para outra, aí no mundo, sem que o fato lhe altere as enfermidades ou as virtudes com a simples modificação dos aspectos exteriores. Importa observar apenas a ampliação desses aspectos, comparando-se o plano terrestre com a esfera de ação dos desencarnados.  
  
Imaginai um homem que passa de sua aldeia para uma metrópole moderna. Como se haverá, na hipótese de não se encontrar devidamente preparado em face dos imperativos da sua nova vida? A comparação é pobre, mas serve para esclarecer que a morte não é um salto dentro da Natureza. A alma prosseguirá na sua carreira evolutiva, sem milagres prodigiosos.  
  
Os dois planos, visível e invisível, se interpenetram no mundo, e, se a criatura humana é incapaz de perceber o plano da vida imaterial, é que o seu sensório está habilitado somente a certas percepções, sem que lhe seja possível, por enquanto, ultrapassar a janela estreita dos cinco sentidos.  
  
Perg. 148 — Que espera o homem desencarnado, diretamente, nos seus primeiros tempos da vida de além-túmulo?  
— A alma desencarnada procura naturalmente as atividades que lhe eram prediletas nos círculos da vida material, obedecendo aos laços afins, tal qual se verifica nas sociedades do vosso mundo. As vossas cidades não se encontram repletas de associações, de grêmios, de classes inteiras que se reúnem e se sindicalizam para determinados fins, conjugando idênticos interesses de vários indivíduos? Aí, não se abraçam os agiotas, os políticos, os comerciantes, os sacerdotes, objetivando cada grupo a defesa dos seus interesses próprios?  
  
O homem desencarnado procura ansiosamente, no Espaço, as aglomerações afins com o seu pensamento, de modo a continuar o mesmo gênero de vida abandonado na Terra, mas, tratando-se de criaturas apaixonadas e viciosas, a sua mente reencontrará as obsessões de materialidade, quais as do dinheiro, do álcool, etc., obsessões que se tornam o seu martírio moral de cada hora, nas esferas mais próximas da Terra.  
  
Daí a necessidade de encararmos todas as nossas atividades no mundo como a tarefa de preparação para a vida espiritual, sendo indispensável à nossa felicidade, além do sepulcro, que tenhamos um coração sempre puro.  
  
Perg. 149 — Logo após a morte, o homem que se desprende do invólucro material pode sentir a companhia dos entes amados que o precederam no além-túmulo?  
— Se a sua existência terrestre foi o apostolado do trabalho e do amor a Deus, a transição do plano terrestre para a esfera espiritual será sempre suave. Nessas condições, poderá encontrar imediatamente aqueles que foram objeto de sua afeição no mundo, na hipótese de se encontrarem no mesmo nível de evolução. Uma felicidade doce e uma alegria perene estabelecem-se nesses corações amigos e afetuosos, depois das amarguras da separação e da prolongada ausência.  
  
Entretanto, aqueles que se desprendem da Terra, saturados de obsessões pelas posses efêmeras do mundo e tocados pela sombra das revoltas incompreensíveis, não encontram tão depressa os entes queridos que os antecederam na sepultura. Suas percepções restritas à atmosfera escura dos seus pensamentos e seus valores negativos impossibilitam-lhes as doces venturas do reencontro.  
  
É por isso que observais, tantas vezes, Espíritos sofredores e perturbados fornecendo a impressão de criaturas desamparadas e esquecidas pela esfera da bondade superior, mas, que, de fato, são desamparados por si mesmos, pela sua perseverança no mal, na intenção criminosa e na desobediência aos sagrados desígnios de Deus.  
  
Perg. 150 — É possível que os espiritistas venham a sofrer perturbações depois da morte?  
— A morte não apresenta perturbações à consciência reta e ao coração amante da verdade e do amor dos que viveram na Terra tão-somente para o cultivo da prática do bem, nas suas variadas formas e dentro das mais diversas crenças.  
  
Que o espiritista cristão não considere o seu título de aprendiz de Jesus como um simples rótulo, ponderando a exortação evangélica — "muito se pedirá de quem muito recebeu", preparando-se nos conhecimentos e nas obras do bem, dentro das experiências do mundo para a sua vida futura, quando a noite do túmulo houver descerrado aos seus olhos espirituais a visão da verdade, em marcha para as realizações da vida imortal.  
  
Perg. 151 — O Espírito desencarnado pode sofrer com a cremação dos elementos cadavéricos?  
— Na cremação, faz-se mister exercer a piedade com os cadáveres, procrastinando por mais horas o ato de destruição das vísceras materiais, pois, de certo modo, existem sempre muitos ecos de sensibilidade entre o Espírito desencarnado e o corpo onde se extinguiu o "tônus vital", nas primeiras horas sequentes ao desenlace, em vista dos fluidos orgânicos que ainda solicitam a alma para as sensações da existência material.  
  
Perg. 152 — A morte violenta proporciona aos desencarnados sensações diversas da chamada "morte natural"?  
— A desencarnação por acidentes, os casos fulminantes de desprendimento proporcionam sensações muito dolorosas à alma desencarnada, em vista da situação de surpresa ante os acontecimentos supremos e irremediáveis. Quase sempre, em tais circunstâncias, a criatura não se encontra devidamente preparada e o imprevisto da situação lhe traz emoções amargas e terríveis.  
Entretanto, essas surpresas tristes não se verificam para as almas, no caso das enfermidades dolorosas e prolongadas, em que o coração e o raciocínio se tocam.**

**27 - SEMEADOR EM TEMPOS NOVOS - EMMANUEL - PÁG. 84**

**NA TRAVESSIA DA MORTE**

**É na hora solene da morte que todas as recordações da vida sobem à tona da consciência. Descolchetam-se da memória os quadros que o tempo acumulou, em sua passagem, e as figurações do pensamento, as palavras desferidas e os atos endereçados ao caminho terrestre volvem à visão interior da alma em crise, carreando consigo os efeitos que produziram, segundo a própria espécie.**

**Vozes brandas e austeras se levantam para bendizer ou amaldiçoar, mãos serenas ou crispadas de dor se erguem para auxiliar ou ferir e imagens múltiplas, traduzindo amor e ódio, devotamento ou desprezo, se sucedem irremovíveis no imo da criatura em prostração, compelindo-a a receber o fruto das próprias obras.**

**A morte é, por isso mesmo, o retrato da vida. Cada atitude nossa entre os homens é uma pincelada na tela do destino a esperar-nos no limiar do sepulcro, em sua justa coloração.**

**Cada conflito que improvisamos ser-nos-á deplorável tumulto na mente, quanto cada gesto de amor puro erigir-se-nos-á por luz crescente, na travessia do nevoeiro.**

**Ao invés de temeres a morte, faze da existência a lavoura sublime de bondade e trabalho, auxílio e compreensão, em favor dos que te rodeiam, porque os semelhantes simbolizam tratos do campo que o Senhor nos concede lavrar em socorro de nossas necessidades, na Vida Eterna, e para o lavrador que se vale do dia, na transformação do próprio amor em fartura de bênção e pão, a noite chega sempre por sombra esmaltada de estrelas, acalentando-lhe o sono e garantindo-lhe o despertar.**

**28 - TREVO DE IDÉIAS - EMMANUEL - PÁG. 47**

**OURO ALÉM DA MORTE**

**A influência do ouro não termina no pó do sepulcro, arremessando no caminho daqueles que o possuíram a faixa libertadora da luz ou o rastilho escravizante da sombra. Para os pais amorosos que o dependeram na educação dos filhos, é bênção de alegria, conservando-os em paz; no entanto, para aqueles que o retiveram, em regime de avareza, envenenando a prole com a febre da ambição, é ferrete de injúria, a algemar-lhes o ser na cobiça doméstica sobre a lama do mundo.**

**Para quem o gastou, amparando a carência, é flama de beleza a indicar-lhe o roteiro para o esplendor solar; todavia, para quem o investiu no prazer vicioso é amarga lembrança, atormentando-lhe as horas.**

**Para quem o elevou ao socorro espontâneo à criança infeliz e ao doente sem lar, é prece de consolo a exaltar-lhe a esperança; entretanto, para aquele que o exigiu das mãos de viúvas e enfermos, agravando na estrada as dores alheias, transformar-se de chofre em pesadelo plasmando o remorso em que passa a viver.**

**Todos os bens da vida são pertences do Pai e tudo usufruímos por empréstimos de amor. Não olvides que todos os recursos que hoje nos felicitam constituem talentos da Infinita Bondade, que nos segue, de perto, as decisões e os passos, multiplicando concessões e favores ao nosso impulso firme na direção do bem, mas cobrando-nos sempre, pelas mãos da justiça, a conta de nossos desajustes, quando no abuso pleno da proteção celeste segregamos os tesouros de Deus no azinhavre do orgulho ou nas trevas do mal.**

**29 - FLORAÇÕES EVANGÉLICAS - JOANNA DE ÂNGELIS - PÁG. 61, 93**

**EXAMINANDO A DESENCARNAÇÃO**

**Fatalidade biológica, a morte, ou seja a mudança de uma forma para outra, por impositivo da necessidade de transformações incessantes, começa quando ocorrem as primeiras expressões da vida. No homem, por exemplo, em cada segundo, no seu aparelho circulatório, morrem um milhão de hemácias que são aproveitadas por células especiais no fígado, para a elaboração de outras, graças ao ferro que é delas extraído.**

**Segundo alguns biólogos, em cada sete anos, o corpo humano se renova quase integralmente, à exceção das células nervosas, graças ao processo de transformação ou morte que ocorre na estrutura somática. Modificações incessantes em que a matéria assume a forma energética e esta se adensa em novas expressões físicas, a morte da aparência é uma constante indispensável à evolução.**

**Do resfriamento da energia que se condensa em matéria, da dissociação das moléculas para o retorno à energia, no homem, o Espírito que é o modelador da forma, sofre na sua intimidade os diversos fenômenos de aglutinação e desagregação estrutural. Morrer, portanto, ou desencarnar, significa, somente, mudar de estado. A desencarnação tem início de dentro para fora do corpo, nos tecidos sutis do perispírito, que condicionados a vibrações especiais, encarregadas de manterem a vitalidade fisiopsíquica, começam a per­der a sintonia, por cuja exteriorização mantêm nas suas órbita as moléculas constitutivas da matéria.**

**Mesmo nas ocorrências da desencarnação violenta, por circunstâncias de várias ordens, não obstante a morte fisiológica por interrupção da corrente mantenedora da vitalidade, o processo desencarnatório só a pouco a pouco se consuma, através da liberação dos liames psicossomáticos que se encontram imantados ao corpo. Disso decorrem as sensações violentas, danosas, aflitivas que experimentam os desencarnados, ainda imantados à carne, que são à violência arrancados da estrutura material, sem o correspondente desligamento dos núcleos vitalizadores pelo processo paulatino da dissociação liberativa.  
  
As expressões cadavéricas, em tais casos, transitam em forma de dor ou angústia, dos tecidos em decomposição ao Espírito, mediante a complexa rede de filamentos semimateriais que se fixam nas intimidades celulares, encarregadas do processo aglutinador dos átomos nas realidades das funções e formas fisiológicas. Expressiva a contribuição da mente no processo desencarnatório. Seja o hábito salutar do desprendimento, exercitado pelo Espírito encarnado, seja a lembrança mental dos que se vinculam aos desencarnados, as vibrações se transformam em sensações, produzindo, obviamente, liberação ou cativeiro do Espírito às formas materiais, conquanto muitas vezes reduzidas a resíduos já em fase final de fusão na química inorgânica do subsolo ou nas carneiras em que jazem.  
  
Comumente, após o desaparecimento da forma, as construções mentais, elaboradas em contínuas fixações nos centros da memória espiritual se encarregam de reproduzir nas telas sensíveis do perispírito as formas-pensamento que se transformam em suplício de demorado curso - fantasmas que se corporificam e se atam ao desencarnado, angustiando-o e atemorizando-o -, até que a dor corretiva, por paulatino processo de coercitivo desgate das imagens vitalizadas, desapareça dos painéis mentais.  
  
O mesmo ocorre no campo da organização somática, quando o Espírito sofre a constrição das elaborações mentais, a elas submetendo-se, e experimentando o efeito do seu efeito - círculo vicioso, dominante -, que somente se modifica ao império da renovação interior, através de registros salutares que realizarão o ministério da paz, como resultante das consequências favoráveis que decorrem dessas cau­sas edificantes.  
  
Descontrai-te, liberando-te do medo, das paixões, das limitações e voa na direção das paisagens superiores, a fim de que a desencarnação, cujo processo lento já experimentas sem que o saibas, em se consumando, não te agrilhoe ao mundo das formas de que necessitas desvincular-te. Dia chegará em que o teu processo reencarnatório culminará com a cessação dos ciclos vibratórios no corpo e terás que pairar além e acima das circunstâncias materiais, desencarnado, porém vivo, morto na forma, no entanto, em transformações de dentro para fora, prosseguindo na direção da Vida Abundante.**

**O que crê em mim, ainda que esteja morto viverá. João: 11-25.**

**A própria destruição que aos homens parece o termo final de todas as coisas, é apenas um meio de chegar-se, pela transformação, a um estado mais perfeito, visto que tudo morre para renascer e nada sofre o aniquilamento. Cap. III - ítem 19.**

**RETORNO  
Por mais longos sejam os teus dias na Terra, durante a abençoada jornada corpórea, dia luz em que retornarás à Pátria espiritual que é o teu berço de origem e a sagrada morada onde permanecerás nas empresas do porvir. Medita ! Absorvida pela atmosfera, a linfa cantante flutua na nuvem ligeira para retornar ao seio gentil da terra que a conduzirá, logo mais, aos imensos lençóis de água do subsolo, que afloram em correnteza cantante, mais além.**

**A semente exuberante, enclausurada no fruto que balouça nos dedos da árvore, retorna ao âmago do solo generoso donde proveio. Também o homem. Afastado do círculo donde procede em excursão de lazer ou refazimento, de trabalho ou produtividade, de estudo ou repouso, sente o chamado longínquo dos amores da retaguarda, retornando logo para o labor em que as emoções se renovam e as esperanças se realizam.**

**Muitos cantam a Pátria com o seu magnetismo e as suas tradições; explicando as evocações e os impulsos heróicos dos homens, seus sonhos de glória e suas lutas de sacrifício. Assim, também, a Pátria do Espírito, sempre presente nos painéis mentais como paisagens etéreas, porém vivas, longíquas, no entanto latejantes, murmurejando salmodias que se transmudam, às vezes, em melancolias longas e tormentosas, ou em excitantes expectativas que exaltam o ser a providências sublimantes...**

**Considera a lição necessária do retorno. Como organizas equipagem, mimos e lembranças, arquivas roteiros e assinalas fatos para futuras narrações e imediatos aprestos, prepara a bagagem com apuro e justeza, demorando-te em vigília para quando chegue o esperado momento da volta. Retornarás, sim! Vive, pois de tal modo, na laboriosa escola do corpo disciplinado e em equilíbrio, que facultem uma valiosa colheita de bênçãos a se transformarem em luzeiro clarificante para o caminho espiritual por onde retornarás.**

**Nós sabemos que já passamos da morte para a vida. 1ª Epístola de João: 3-14.**

**Ao entrar no mundo dos Espíritos, o homem ainda está como o operário que comparece no dia do pagamento. A uns dirá o Senhor: "Aqui tens a paga dos teus dias de trabalho"; a outros, aos venturosos da Terra, aos que hajam vivido na ociosidade, que tiverem feito consistir a sua felicidade nas satisfações do amor-próprio e nos gozos mundanos: "Nada vos toca, pois que recebestes na Terra o vosso salário. Ide e recomeçai a tarefa". Cap. V - ítem 12.**

**30 - OFERENDA- JOANNA DE ÂNGELIS - PÁG. 17**

**PASSAPORTE PARA A VIDA**

**Na pauta das tuas atividades e reflexões diárias, inclui a questão da morte como de primacial importância. Mesmo que tramites num corpo jovem e harmonioso, nenhuma garantia possuis quanto à sua durabilidade. Se a madureza das forças já caracteriza a tua jornada, de menos tempos dispões, desde que encetaste a marcha.**

**Caminhando com os passos exauridos da senectude, já defrontas o pórtico da imortalidade em triunfo, que a todos aguarda e recebe. Em qualquer condição que te encontres: na saúde, na doença, na juventude, na velhice, convives com a morte do corpo físico, desde que o estado fisiológico, de forma alguma serve de parâmetro para considerar a dimensão da vida.**

**Os acidentes de várias procedências, revelando-se em forma de infortúnio, chamam, a cada dia, os jovens, deixando os idosos; convocam os sadios, em detrimento dos enfermos, reconduzindo-os ao país da vida-além-da-vida. Morrer é transformar-se molecularmente, abandonar o pesado envoltório material para movimentar-se em diferente faixa vibratória.**

**A morte é apenas o passaporte para a vida. Incorporando ao cotidiano o programa de preparação para a morte, encontrarás alento as vicissitudes e vencer os impedimentos que, não poucas vezes, repontam pela senda redentora. Sempre defrontarás a morte nos sucessos da vida e descontinarás a vida após o deslinde pela morte.**

**Aqui, é um filho querido que te precede, ou um irmão a quem tem vinculas pela consaguinidade carnal que se transfere do corpo; ali, é um esposo afeiçoado que rompeu as barreiras da forma somática, ou um genitor extremoso, que foi conduzido à vida nova; acolá, é um amigo que se desvencilhou dos liames fisiológicos ou um conhecido que não esperavas viajasse tão cedo e seguiu no veículo da desencarnação.**

**A surpresa estará presente no teu dia-a-dia, em relação aos que partem fazendo-te considerar, mesmo que não o queiras, a fragilidade da enfibratura física. Nesse comenos, quiçá, chega o instante em que será a tua vez, o momento de abandonar o escafandro material, a fim de respirares outra atmosfera e habitares noutra faixa de vibração.**

**Não te deixes atemorizar pela morte nem a desconsideres. Ante alguém querido que rumou para o país da sobrevivência, refugia-te na oração e mergulha o pensamento na confiança irrestrita em Deus. Lene a saudade, que a ausência dele te impõe, através da memória dos momentos felizes que fruíste ao lado desse afeto, hoje fisicamente distante...**

**Ele receberá a tua mensagem emocional pelo telefonema do pensamento e também se renovará. Sentir-se-á evocado pelo teu carinho e estabelecerá um intercâmbio com que te nutrirá de esperança face ao reencontro que se dará oportunamente.**

**Colhido pela partida inesperada de um ser amado, não te revoltes, expelindo o ácido do desespero ou atirando espículos de blasfêmias injustificáveis, com ambas as atitudes atormentando-te e mais afligindo aquele que necessita das tuas reservas de forças psíquicas e morais, a fim de renovar-se e prosseguir em paz.**

**Todos que se encontram no corpo físico, deixá-lo-ão, atravessando a aduana da morte, na direção da imortalidade em plenitude da vida.**

**31 - TEMAS DA VIDA E DA MORTE - MANOEL P. DE MIRANDA - PÁG. 67, 77, 83**

**TEMOR DA MORTE:**

**O temor da morte resulta de vários fatores inerentes à natureza humana e à sua existência corporal. Entre eles ressaltam: a - o instinto de conservação da vida, que lhe constitui força preventiva contra a intemperança, a principitação e o suicídio, não obstante desconsiderados nos momentos de superlativo desgosto, revolta ou desespero; b- a predominância da natureza animal, que nos inferiores comanda as suas aspirações, tendências e necessidades; c) o temporário olvido da vida espiritual donde procede; d) o conteúdo religioso das doutrinas ortodoxas, que oferece uma visão distorcida quão prejudicial do que sucede após a ruptura dos laços materiais, elaborando um mundo de compensações em graça como em castigo, conforme a imaginação dos homens vitimados por fanatismos e alucinações; e) o receio de aniquilamento da vida, por falta de informações corretas a respeito do futuro da alma e daquilo que Jhe está destinado...  
  
Programado o corpo para servir de instrumento para o progresso do Espírito, através de cujo cometimento desenvolve todas as aptidões e valores que nele jazem latentes, o instinto de conservação é-lhe um elemento de alto valor, para que seja preservada a vida e impulsionada para a frente até às últimas resistências. Em face dessa condição, o Espírito se imanta ao corpo e receia perdê-lo, em razão do atavismo ancestral que lhe bloqueia o discernimento a respeito daquilo cujos dados de avaliação não logram impressionar-lhe os sentidos.  
  
O predomínio da natureza animal desenvolve-lhe o egoísmo e exacerba-lhe a paixão violenta, acentuando a sensualidade que se expande engendrando programas de novos gozos, que terminam por exaurir-lhe as energias mantenedoras dos equipamentos de sustentação orgânica. Assim é que um leve aceno de prolongamento da vida moribundo fá-lo sorrir e aspirar pela sua ocorrência, em injustificáveis apego aos despojos que lhe não permitem mais largos logros, embora lhe concedam a permanência física.**

**A reencarnação promove o transitório esquecimento do passado, que é providencial para poupar ao Espírito a amargura que os seus erros impõem e os seus delitos o afligem. Esse esquecimento constitui motivo de receio da morte, em razão da falta de elementos que estruturem a confiança na sobrevivência, com o retorno ao mundo espiritual. As sensações sobrepõem-se às emoções, fixando-lhe os interesses na vida física, apesar de saber da sua efêmera existência.  
  
O estabelecimento de prêmios e punições de sabor material, nos quais as religiões do passado firmaram estrutura da existência espiritual, tornou-a detestável, e se considerando o medo a uma justiça absurda e impiedosa ou a indiferença por uma felicidade estanque, monótona e perpétua, que tem lugar num céu onde o amor não dispõe de recursos para socorrer o caído, nem a piedade vige em relação aos infelizes...  
  
Por fim, o engodo dos sentidos anestesia a razão, levando-a a concluir que a morte deles representa a destruição da vida, arrolando o cérebro como autor do pensamento e os órgãos na condição de causa da existência do ser. Assim, a desinformação e as concepções erradas sobre a vida futura são responsáveis pelo temor da morte, que leva muitos indivíduos a estados neuróticos lamentáveis, como a comportamentos alucinados, nos quais buscam o esquecimento, fugindo da sua contingência enganosa.  
  
É inata, todavia, em todos os seres, a idéia da sobrevivência do Espírito à disjunção molecular do corpo cadaverizado. A intuição do futuro sempre esteve presente em todos os povos, desde os mais primitivos, estabelecendo de alguma forma, um código ético de comportamento, que previne o homem e o prepara para o encontro com a consciência após o traspasse. Nos indivíduos imediatistas, aferrados aos prazeres físicos, o medo da morte é maior, em face das sensações que o escravizam à matéria, fazendo-o recear a perda dos gozos em que se comprazem.  
  
À medida, porém, que se aclaram os enigmas em torno da realidade "post mortem", em que os fatos demonstram o seu prosseguimento, oferecendo uma visão correta sobre a sua continuação, o temor cede lugar à confiança e as dúvidas são substituídas pela certeza da perenidade do ser, que se sente estimulado a preparar, desde então, esse futuro, no qual a felicidade possui uma dinâmica que fomenta o progresso incessante, em decorrência do esforço empreendido por quem deseja alcançá-lo.  
  
Essa convicção leva o homem a uma mudança de metas, que passa a conquistar, esforçando-se pelo trabalho no presente com os olhos postos no futuro. A saudade dos afetos que o precederam na viagem de volta não mais dilacera, porquanto a certeza do reencontro faz que novos estímulos tomem corpo, executando um programa de promoção para credenciá-lo à convivência ditosa. Graças a esta emulação, todos os esforços aplicados com direcionamento positivo, ensejando coragem para a luta e ânimo para vencer o cansaço ou quaisquer outras dificuldades que intentem obstaculizar-lhe a marcha.  
  
O conhecimento dos objetivos mediatos da vida e a identificação dos valores jacentes no Espírito, mediante a concentração no ser real, fazem que a perda do envolto físico não signifique quase nada em relação à sobrevivência doadora de todas as bênçãos a que se pode aspirar. Enquanto perdura o fenômeno orgânico, as impressões da vida espiritual são fugazes, incompletas. Na razão entretanto, em que diminuem os impositivos da matéria sobre a alma, ampliam-se-lhe as percepções do mundo causal, dando origem a um secreto desejo de despojar-se fardo que pesa, às vezes, com altas cargas de miséria e de dor.  
  
Aqueles que, na vida física apenas, depositam todas as aspirações e necessidades, temem perdê-la, aferrando-se com desespero às suas exigências em prejuízo da libertação, que se lhes torna penosa e demorada. O exercício mental e o natural desapego das ilusões favorece a confiança na sobrevivência, anulando o injustificável medo à morte. Para tanto, faz-se mister o amadurecimento íntimo que decorre da vivência equilibrada e do conhecimento que o estudo e a experiência propiciam, ou que resultam do sofrimento, o grande e oportuno fiador dos que se encontram encarcerados, anelando pela libertação.  
  
O homem deve pensar na morte conforme pensa na vida. Cada dia que passa no calendário terrestre, adicionando-lhe tempo à existência física, é-lhe um a menos que o aproxima do portal da morte. Substituir o medo pela expectativa de como será a vida mais tarde, substituir a incerteza pela conscientização do prosseguimento espiritual, deve ser um programa bem elaborado para ser vivido com tranquilidade, no dia-a-dia que faz parte do seu peregrinar evolutivo.**

**A vida espiritual assim perde para ele o seu caráter hipotético para tornar-se uma realidade, na qual penetra desde antes da morte, através dos fenômenos mediúnicos que lhe propiciam essa convicção, especialmente com o intercâmbio dos sempre vivos, que o vêm emular na preparação da equipagem para o inevitável processo de retorno, que se dá através do mecanismo da morte biológica.**

**MORTE E DESENCARNAÇÃO:  
Etimologicamente, morte significa "CESSAÇÃO COMPLETA DA VIDA DO HOMEM, DO ANIMAL, DO VEGETAL". Genericamente, porém, morte é "TRANSFORMAÇÃO". MORRER, do ponto de vista espiritual, nem sempre é desencarnar, isto é, liberar-se da matéria e das suas implicações. A desencarnação é o fenômeno de libertação do corpo somático por parte do Espírito, que, por sua vez, se desimanta dos condicionamentos e atavismos materiais, facultando a si mesmo liberdade de ação e de consciência. A morte é o fenômeno biológico, término natural da etapa física, que dá início a novo estado de transformação molecular.**

**A desencarnação real ocorre depois do processo da morte orgânica, diferindo em tempo e circunstância, de indivíduo para indivíduo. A morte é ocorrência inevitável, em relação ao corpo, que, em face dos acontecimentos de várias ordens, tem interrompidos os veículos de preservação e de sustentação do equilíbrio celular, normalmente em consequência da ruptura do fluxo vital que se origina no ser espiritual, anterior, portanto, à forma física.**

**A desencarnação pode ser rápida, logo após a morte, ou se alonga em estado de perturbação, conforme as disposições psíquicas e emocionais do ser espiritual. Consoante a lei da entropia, que estabelece a necessidade da energia para a manutenção da vida, a morte é o efeito imediato da carência desse agente, seja a pouco e pouco, pelo envelhecimento dos órgãos, que já não se renovam, ou mediante a violência, de qualquer modalidade, que lhe impede a sustentação das moléculas que se aglutinam sob a sua força de coesão.  
  
Tendo-se em vista que o homem procede do mundo espiritual, a morte é o veículo que o reconduz à origem, onde cada qual ressurge com as características definidoras das suas conquistas. Morrer é, portanto, muito fácil, isto é, interromper o ciclo orgânico, o que, entretanto, não significa deixar de viver, desde que, indestrutível, a vida ressurge sob outro aspecto, sem que haja cessação do seu curso, ou outra qualquer forma de aniquilamento.  
  
Porque a vida se encontre submetida a leis invioláveis na sua estrutura íntima, o próprio ato de morrer, não poucas vezes, é precedido de exames e estudos por parte dos Espíritos encarregados de manutenção da vida, que são os Mentores dos homens, dedicados a auxiliar no desenvolvimento intelecto-moral a que todos somos submetidos como encarnados ou desencarnados.  
  
Na faixa em que se encontram os mais simples espiritualmente, cujas vidas se desenvolvem nas áreas das experiências mais instintivas, quais a alimentação, a reprodução, o repouso e o prazer, a ocorrência da morte se dá através de automatismos previstos pelo processo natural da evolução, num ir-e-vir que facultará condições para que sejam atingidas etapas de maior relevância.**

**Nas fases em que ao instinto mais dominador sucedem as aspirações do discernimento, dos ideais e compromissos nobres, o livre-arbítrio, comandando muitos dos mecanismos morais, propicia os cuidados dos Instrutores desencarnados que se encarregam de estabelecer os períodos de aprendizagem no corpo, de acordo com os compromissos pretéritos no campo das conquistas e dos prejuízos adquiridos pelo ser em crescimento.  
  
Nas expressões mais relevantes da responsabilidade moral e espiritual dos indivíduos vinculados a tarefas deveras significativas, da mesma forma que a reencarnação exige cuidados e planejamento especiais, a morte e a liberação imediata são conduzidas através de programas mais bem estudados. De acordo com os valores individuais e o efeito que causam suas vidas em outras vidas, a morte pode ser antecipada ou postergada, considerando-se os benefícios que decorrem da interrupção da vilegiatura carnal.  
  
Certamente, nas outras faixas do processo evolutivo, a morte pode ser precipitada tanto quanto retardada, graças ao desgaste ou prolongamento das forças vitais mantenedoras do corpo, como resultado do uso que se permitam as criaturas. No suicídio direto, violento, a morte não liberta, produz, ao contrário, o prolongamento das aflições, aumentadas pelas dores morais e pelos fenômenos decorrentes da imantação do Espírito ao corpo, pelas fixações mentais geradoras de sensações novas e rudes, que enlouquecem, quase sempre, todo aquele que planejou fugir, sendo pela vida surpreendido mais adiante.  
  
Em proporções menores, não, porém, menos dolorosas, dá-se a mesma agonia nos suicídios indiretos, no desgaste exagerado que decorre do abuso das funções do corpo, cuja finalidade específica é a de ensejar o progresso do Espírito que se deve aprimorar, qual aluno aplicado no educandário que frequenta. A desencarnação dá-se, também, noutras circunstâncias, mesmo antes da ocorrência da morte física, quando o ser, voltado para a realidade maior, a causal, começa a transferir as aspirações e anelos para esta, vivendo e agindo no mundo sem que se deixe aprisionar aos seus grilhões.  
  
Nesse sentido, o sofrimento resignado tem papel relevante, porque faculta a superação dos condicionamentos, transformando sensações grosseiras em emoções menos densas que as cargas das paixões primitivas. Em outros casos, a desencarnação se inicia mesmo durante a vida física, através das atitudes idealistas, missionárias, em que a abnegação, a renúncia, o sacrifício e o amor em dimensões mais amplas sutilizam o peso específico da organização material, transformando as correntes de energia que transitam do ser espiritual para o corpo e vice-versa, agindo nos implementos orgânicos de forma menos densa.  
  
Biologicamente, começa-se a morrer desde quando se começa a viver, pois que as transformações celulares se dão incessantemente.  
A morte deve merecer estudos e reflexões por parte de todos os homens, mergulhados que estão nas correntes da vida, temporariamente amortecidas a lucidez e as recordações pela indumentária carnal. Assim considerando, em muitos casos, para morrer e logo desencarnar e libertar-se é necessário ter merecimento .**

**Permanecer num corpo mutilado e dorido, sob os camartelos das aflições morais e físicas, constitui necessidade inadiável, e essa conduta na dor facultará ou não a libertação, conforme seja vivida. Como cada homem tem a vida que precisa, na Terra, para crescer e ser feliz, cada qual tem a morte a que faz jus em razão dos atos praticados.**

**Nesta proposta - morrer e desencarnar, termos da mesma equação da vida -, o homem de bem opta pela conduta de libertação, graças à qual, tão logo ocorra a interrupção da vida orgânica, ele se desprende dos despojos físicos e de suas implicações escravocratas, ensejando-se-lhe a libertação real, no retorno feliz ao lar que o aguarda após a experiência evolutiva ora concluída.**

**MORRENDO PARA VIVER:  
À tradição espiritualista oriental se atribui o conceito de que os pensamentos finais do moribundo, acalentados por hábito natural, se encarregarão de plasmar o seu futuro corpo, no processo da reencarnação, nele fixando, por aspiração livre, os valores e recursos necessários para o progresso. Certamente, as idéias negativas e deprimentes estabeleceriam comportamentos orgânicos e nervosos em padrões de sofrimento, assim como os anelos nobres dariam gênese a formas e funções harmônicas na vida subsequente, embora sujeitas às imposições cármicas decorrentes das ações praticadas.**

**Em face dessa crença, fazia-se necessário que o homem aprendesse a morrer, cogitando de reflexionar a respeito da fatalidade biológica em consonância com a harmonia íntima, responsável pelas futuras experiências carnais. Aprender a morrer tornou-se, para a cultura oriental ancestral, uma necessidade ética, filosófica e religiosa, tendo-se em vista a fragilidade e a pequena duração da vida carnal. Alias, segundo a mesma doutrina, aprendendo-se a morrer, está-se aprendendo a viver em níveis superiores de entendimento e ganhos morais, propiciando-se à criatura humana saúde espiritual, plenitude de vida e realização interior.**

**O apego à sensualidade e aos bens transitórios produz o pavor da morte, redundando em desarmonias internas que de forma alguma impediriam o processo desencamatório, às vezes apressando-o, em face dos elementos destrutivos que a mente elabora e sustenta.  
No sentido inverso, a aceitação jubilosa do inevitável faculta a ampliação de tempo nas experiências terrenas, porque o psiquismo compreende que morrer é prosseguir vivendo, apesar da diferença vibratória na qual se expressará a realidade. Ninguém, desse modo, aprenderia a viver, se não fosse lograda a tarefa de aprender a morrer.  
  
De fato, o processo da morte real inicia-se na plenitude das forças, quando a mente se apega e se apaixona por pessoas e coisas, enovelando-se em fixações que pretende permanentes, esquecendo-se da transitoriedade de todas elas enquanto na Terra. Desse modo, o exercício da desimantação e do desprendimento gerará recursos que facilitam o entendimento a respeito da morte, propiciando, além-túmulo, a continuação dos ideais de sabor eterno.  
  
Ajuizando-se a questão sob este ponto de vista, alteram-se as estruturas do comportamento intelecto-moral de homem no mundo. Sem dúvida, apresentam-se-lhe importantes as conquistas do Espaço, a chegada a algum dos planetas do Sistema Solar e até mesmo o intercâmbio com outra Galáxia... Todavia, assume relevância maior o autoconhecimento, a consciente solução dos problemas de comportamento íntimo, as viagens ao cosmo de si mesmo.**

**Embora as vitórias sobre o transitório sejam valiosas, as que conseguem na transcendência sobre os valores temporais portanto, do mundo físico, são muito mais significativas, porque acompanham o indivíduo eterno em outros esforços de elevação, no sentido vertical do progresso. A indagação máxima que deveria preocupar o homem seria a de descobrir quem ele é, e, por extensão, qual a finalidade da sua vida na Terra, como consequência do saber de onde veio, a fim de postular de forma equilibrada a identificação do lugar para onde vai.  
  
Ao decifrar essas interrogações, ele inicia automaticamente um curso de psiconáutica, pela meditação e reforma moral, encontrando-se no ontem e compreendendo o hoje, e graças a esses contributos poderá produzir eficazmente para o amanhã. As aspirações, os desejos fortes produzem o destino futuro do homem. Conforme desejar, sua vontade será posta em ação, do que resultará conquista ou perda no comércio moral e espiritual da vida. Os apegos de qualquer procedência, durante a vida física, impõem que após a morte prossigam interessando com o mesmo vigor com que foram estruturados antes.  
  
A instabilidade no dever, tanto quanto a fixação nos desejos primários criam aflições e conjunturas amargas, em razão do seu conteúdo pleno de insatisfação e revolta. Somente a visão correta dos valores terrenos proporciona a sua utilização equilibrada, para posteriores avaliações, aceitação ou recusa do seu prosseguimento. O discernimento, por sua vez, clarifica a mente e liberta o sentimento daquilo que é prejudicial, inspirando as atividades perenes do amor sem posse, responsável pela liberdade.  
  
Nos Provérbios, capítulo XXIII, versículo 7, encontra-se registrada essa opção, nos seguintes termos: "O homem é aquilo que pensa no seu coração." Naturalmente que, os últimos pensamentos não irão definir as futuras engrenagens de que o Espírito se utilizará na porvindoura reencarnação. Todavia, contribuirão de forma acentuada, não por serem os finais, senão porque refletem todos os hábitos vividos durante a existência, plasmadores dos envoltórios necessários, para a reeducação e aquisição de novos títulos de enobrecimento para o viajor eterno.  
  
Os pensamentos são os modeladores do ser, porque são os promotores dos atos. Assim como o homem pensa, naturalmente se comporta. Exceção feita às aparências mascaradas pela compostura social, o indivíduo é, em realidade, aquilo que cultiva na mente. A ação do pensamento na vida do homem que o utiliza é tão vital quanto a do Sol nas células, na vida...O fatalismo biológico estabelecido mediante o nascer, viver e morrer ou transformar-se é inexorável.  
  
Aprender a utilizar-lhe o ciclo, a fim de formular e conseguir metas iluminativas para o Espírito eterno, eis o que cumpre realizar, todos aqueles que se empenham na conquista da vida em si mesma, além das conjunturas celulares. Em face dessa circunstância, a morte, não raro detestada, se torna uma bênção, em cuja presença a liberdade abre suas asas para o encarcerado, propondo-lhe vôo auspicioso... Não houvesse tal limite estabelecido pela sabedoria das Leis, e o caos surgiria na Terra, apenas se apresentasse de maior duração a fase humana de vida, considerando-se uso inadequado que ainda se faz da existência corporal.**

**Todas as épocas, portanto, da trajetória terrestre, são de magnitude para que se considere a morte e se aprenda a morrer, vivendo-se com sabedoria cada momento, despendindo-se dos fatores infelizes e aspirando-se às conquistas ideais do Espírito. De tal forma procedendo o homem, nos momentos finais, o seu pensamento trabalhará a futura morada e talhará a roupagem formosa para uma nova reencarnação, na qual poderá concluir o ciclo dos renascimentos corporais, assim tornando-se um pleno conquistador.**

**32 - HARMONIZAÇÃO - EMMANUEL - PÁG. 27**

**PROBLEMAS DA MORTE**

**Milhares de criaturas regressam do templo da carne, cada dia, no mundo, aos planos da Vida Espiritual. Raras, porém, abandonam a Terra, com o título do trabalhador que atendeu ao cumprimento das próprias obrigações. Quase todas deixam o corpo denso pelo suicídio indireto.**

**Em todos os lugares do Planeta, vemos quem se envenena, metodicamente, pelos raios desvairados da cólera. Destacamos quem elimine a vida do estômago, superlotando o aparelho gástrico de viandas excitantes ou corrosivas. Reconhecemos quem se confia a vícios multiformes, criando monstruosos vermes mentais que se encarregam de aniquilar as possibilidades orgânicas.**

**Identificamos quem anestesia as próprias forças, enregelando-se pela ociosidade sistemática. Encontramos quem arme laços fatais aos próprios pés, movimentando ambições inferiores nas quais se conduz na luta de cada hora. Vemos quem se asfixia ao calor das próprias paixões desenfreadas.**

**Observamos quem se sufoca no pântano dos próprios pensamentos delituosos e escuros. Preservai o corpo, como quem reconhece no santuário da carne, o mais alto tesouro que o mundo é suscetível de oferecer. A experiência na Terra não é conferida em vão. Cada vida possui uma diretriz, um programa, uma finalidade.**

**Aquele que se ajusta à Divina Vontade incorpora a sua tarefa à obra incessante do Bem Infinito. Se tendes de doar as próprias energias, sem receio da morte, aprendamos com Cristo a ciência do sacrifício pessoal pelo bem de todos. Auxiliar constantemente, velar pelos que sofrem, amparar os que se transviam, extinguir as trevas da ignorância e balsamizar as feridas do próximo constituem esforços de renunciação que nos eleva ao Plano Superior.**

**Muitos se matam na Terra. Poucos morrem para que outros possam viver dignamente. Não nos esqueçamos de que enquanto Pilatos, com aparente tranquilidade, comprava o remorso que o conduziria ao suicídio direto, através da justiça mal aplicada, Jesus expirava no madeiro, entre a angústia do próprio coração e o sarcasmo dos que o assistiam, adquirindo, porém, a glória da ressurreição que acendeu no mundo a luz da imortalidade para todos os séculos terrestres.**

**33 - Escrínio de luz - Emmanuel - À frente da morte - pág. 169**

**Não olvides que, além da morte, continua vivendo e lutando o Espírito amado que partiu ... Tuas lágrimas são gotas de fel em sua taça de esperança.**

**Tuas aflições são espinhos a se lhe implantarem no coração. Tua mágoa destrutiva é como neve de angústia a congelar-lhe os sonhos. Tua tristeza inerte é sombra a escurecer· lhe a nova senda.**

**Por mais que a separação te lacere a alma sensível, levanta-te e segue para a frente, honrando-lhe a confiança, com a fiel execução das tarefas que o mundo te reservou. Não vale a deserção do sofrimento, porque a fuga é sempre a dilatação do labirinto em que nos arroja a invigilância, compelindo-nos a despender longo tempo na recuperação do rumo certo.**

**Recorda que a lei de renovação atinge a todos e ajuda quem te antecedeu na grande viagem, com o valor de tua renúncia e com a fortaleza de tua fé; sem esmorecer no trabalho - nosso invariável caminho para o triunfo. Converte a dor em lição e a saudade em consolo, porque, de outros domínios vibratórios, as afeições inesquecíveis te acompanham os passos, regozijando-se com as tuas vitórias solitárias, portas a dentro de teu mundo interior.**

**Todas as provas objetivam o aperfeiçoamento do aprendiz e, por enquanto, não passamos de meros aprendizes na Terra, amealhando conhecimento e virtude, em gradativa e laboriosa ascensão para a vida eterna. Deus, a Suprema Sabedoria e a Suprema Bondade, não criaria a inteligência e o amor, a beleza e a vida, para arremessá-los às trevas.**

**Repara em torno dos próprios passos. A cada noite no mundo segue-se o esplendor do alvorecer. O Inverno áspero é sucedido pela Primavera estuante de renascimento e floração. A lagarta, que hoje se arrasta no solo, amanhã librará em pleno espaço com asas multicolores de borboleta. Nada perece.**

**Tudo se transforma na direção do Infinito Bem. Compreendendo, assim, a Verdade, entesourando·lhe as bênçãos, aprendamos a encontrar na morte o grande portal da vida e estaremos incorporando, em nosso próprio espírito, a luz inextinguível da gloriosa imortalidade.**

|  |  |
| --- | --- |
| **NADA** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- Allan kardec - vol. 2 pág. 66** | **02 - Do país da luz - vol iii- pág. 125** |
| **03 - Enigmas da psicometria - pág. 110** | **04 - Espírito, perispírito e alma - pág. 48** |
| **05 - O céu e o inferno - pág. 1ª parte cap. i** | **06 - O Livro dos Espíritos- q. 4, 13, 1,23, 148, 222, 958,1001** |
| **07 - O ser e a serenidade - pág. 40, 68** | **08 - Parnaso de além-túmulo - pág. 87** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**NADA** **– COMPILAÇÃO**

**05 - O céu e o inferno - Allan Kardec - pág. 1ª parte cap. i**

**CAPÍTULO l - O FUTURO E O NADA  
1 — Nós vivemos, nós pensamos, nós agimos — eis o que é positivo. E nós morremos — o que não é menos certo. Mas ao deixar a Terra para onde vamos? No que nos transformamos? Estaremos melhor ou pior? Seremos ainda nós mesmos ou não mais o seremos? Ser ou não ser— essa é a alternativa. Ser para todo o sempre ou nunca mais ser. Tudo ou nada. Viveremos eternamente ou tudo estará acabado para sempre. Vale a pena pensarmos em tudo isso?  
  
Toda criatura humana sente a necessidade de viver, de gozar, de amar, de ser feliz. Diga-se àquele que sabe que vai morrer que ele ainda viverá ou que a sua hora foi adiada. Diga-se sobretudo que ele será mais feliz do que já foi — e o seu coração palpitará de alegria. Mas de que serviriam essas aspirações de felicidade, se basta um sopro para dissipá-las?  
  
Haverá alguma coisa mais desesperadora do que essa idéia de destruição absoluta?"' Sagradas afeições, inteligência, progresso, saber laboriosamente adquirido, tudo seria destruído, tudo estaria perdido! Que necessidade teríamos de esforçar-nos para ser melhores, de nos constrangermos na repressão das paixões, de nos fatigarmos no aprímoramento do espírito, se de tudo isso não iremos colher nenhum fruto? E, sobretudo, diante da idéia de que amanhã, talvez, tudo isso não nos sirva para nada? Mas, se assim fosse, a sorte do homem seria cem vezes pior que a do bruto. Porque este vive inteiramente no presente, na plena satisfação de seus apetites materiais, nada aspirando para o futuro. Uma secreta intuição nos diz que isso é absurdo.  
  
(1) Cem anos depois de Kardec a Filosofia em França quase se desfez nos sofismas do nada, com Jean Paul Sartre e sua escola. Mas Simone de Beauvoir, companheira e discípula de Sartre, confirma e ilustra as considerações de Kardec ao escrever"... detesto pensar no meu aniquilamento. Penso com melancolia nos livros lidos, nos lugares visitados, no saber acumulado e que não mais existirá. Toda a música, toda a pintura, tantos lugares percorridos — e de repente mais nada!" — La Force dês Choses, final do último capítulo. — A aproximação da morte, sob a ideia do nada, acarreia às criaturas mais cultas essa desesperança amarga. (N. do T.)  
  
(2) — Acreditando que o fim de tudo é o nada, o homem concentra forçosamente todo o seu pensamento na vida presente. Com efeito, não seria lógico preocupar-se com um futuro que não se espera. Essa preocupação exclusiva com o presente o leva naturalmente a pensar em si antes de tudo. É portanto, o mais poderoso estimulante do egoísmo, e a incredulidade é consequente consigo mesma quando chega a esta conclusão: gozemos enquanto vivemos, gozemos o mais possível, desde que após a morte tudo está acabado, gozemos logo, pois não sabemos quanto tempo isso vai durar.**

**E também quando chega a esta outra conclusão, bastante grave para a sociedade: gozemos de qualquer maneira, cada qual por si, que a felicidade neste mundo cabe sempre ao mais esperto. Se o respeito humano consegue deter alguns, que freio poderia segurar aqueles que nada tem? Eles dizem que a lei humana só protege os mal intencionados, e por isso aplicam todo o seu talento aos meios de fraudá-la. Se existe uma doutrina malsã e anti-social é seguramente essa do nada, pois que rompe os verdadeiros laços da sociedade e da fraternidade, fundamentos das relações sociais.  
  
(3) — Suponhamos que, em alguma circunstância, todo um povo se convença de que dentro de oito dias, um mês ou um ano ele será aniquilado, que nenhum indivíduo sobreviverá, que não restará mais nenhum traço de cada um após a morte. O que faria esse povo durante este tempo? Trabalharia para se melhorar, para se instruir, se esforçaria para viver? Respeitaria os direitos, os bens, a vida de seus semelhantes? Se submeteria às leis, a alguma autoridade, qualquer que seja, mesmo a mais legítima: a autoridade paterna? Haveria para ele qualquer espécie de dever? Seguramente não.  
  
Pois bem: isso que não acontece para um povo que a doutrina do nada realiza isoladamente a cada dia. Se as consequências não são tão desastrosas como poderiam ser, é primeiro porque na maior parte dos incrédulos há mais fanfarrice do que verdadeira incredulidade, mais dúvida do que convicção, e porque eles são mais temerosos do nada do que podem parecer. O epíteto de espírito forte alenta-lhes o amor próprio. Em segundo lugar, os verdadeiros incrédulos constituem uma ínfima minoria, que sofrem a contra-gosto a pressão da opinião contrária e são contidos pelas forças sociais.**

**Mas que a verdadeira incredulidade se torne um dia a opinião da maioria e a sociedade estará em dissolução. É ao que leva a propagação da doutrina do niilismo. Seja quais forem as consequências, se o niilismo fosse uma doutrina verdadeira teríamos de aceitá-la, e não seriam os sistemas contrários, nem a idéia do mal que ela pudesse produzir, que poderiam eliminá-la. Ora, não se pode negar que o ceticismo, a dúvida, a indiferença ganham terreno cada dia, apesar dos esforços da religião em contrário. Isso, é positivo.   
  
Se a religião é impotente contra a incredulidade é que lhe falta alguma coisa para combatê-la, de tal maneira que, se ela se imobilizasse, em pouco tempo estaria inevitavelmente superada. O que lhe falta neste século de positivismo, onde se quer comprender para crer, é a sanção das suas doutrinas pelos fatos positivos. E é também a concordância de algumas doutrinas com os dados positivos da ciência. Se ela diz branco e os fatos dizem negro, temos forçosamente de optar entre a evidência e a fé cega.  
  
NOTA:Um jovem de dezoito anos sofria de uma doença cardíaca que foi declarada Incurável. O veredito da ciência havia sido: Pode morrer dentro de oito dias ou de dois anos, mas não passará disso. O jovem ficou sabendo e logo abandonou todo o estudo e se entregou aos excessos de toda a espécie. Quando lhe mostravam quanto essa vida era perniciosa para a sua situação, ele respondia: "Que me importa, desde que só tenho dois anos de vida? De que me valeria cansar a mente? Gozo o tempo que me resta e quero me divertir até o fim."**

**Eis a consequência lógica no niilismo. Mas se esse jovem fosse espírita poderia responder: "A morte só destruirá o meu corpo que abandonarei como uma roupa usada, mas meu espírito continuará a viver. Eu serei, numa vida futura, o que fizer de mim mesmo nesta vida. Nada do que tenha adquirido em qualidades morais e intelectuais se perderá, porque isso representa uma conquista para o meu adiantamento. Toda a imperfeição de que me houver livrado será um passo no caminho da felicidade, minha ventura ou minha desgraça futura dependem da utilização de minha existência presente. É pois de meu interesse aproveitar o pouco tempo que me resta, evitando tudo o que pudesse diminuir as minhas forças." Qual dessas duas doutrinas será preferível? (Nota de Kardec).  
  
NOTA: Muitos esforços se fazem ainda hoje, particularmente no campo da Cibernética e do Estruturalismo, para demonstrar que o homem não tem liberdade. O Espiritismo é, por excelência, a doutrina da liberdade e da responsabilidade Individuais. Mas o conceito de liberdade, no Espiritismo, não é absoluto. A liberdade humana é condicionada pelas condições corporais (hereditariedade, constituição etc.) pelo meio físico, pelas características raciais, pela cultura e pelas normas sociais e morais, bem como pela constituição psíquica de cada indivíduo e pelo determinismo do seu passado espiritual, do seu karma.**

**Dentro de todas essas limitações, entretanto, subsiste a capacidade de optar, de escolher e de agir segundo a vontade. Essa capacidade permite mesmo à criatura abrandar ou romper algumas das limitações que lhe são impostas, até mesmo no plano kármico, onde a lei do amor lhe serve de instrumento para remover ou atenuar consequências nefastas. Assim, o determinismo está na facticidade (no conjunto de condições com que o homem apareceu feito no mundo) e a liberdade ou livre-arbítrio está na ipseidade (na individualização ou na essência do ser condicionado pela forma). É bom lembrar que não estamos no absoluto, mas no relativo, e que neste uno existe liberdade onde não houver condições para que ela se exerça. Para melhor compreensão deste problema ler O Ser e a Serenidade, de J. H. Pires, odlçáo "Nosso Lar". (N. do T.)**

**(4): Em face desta situação o Espiritismo vem opor um dique à invenção da incredulidade, servindo-se não somente da razão e da perspectiva dos perigos a que ela arrasta, mas também dos fatos materiais, ao permitir que se toque com o dedo e se veja com o olho a alma e a vida futura. Cada qual é livre sem dúvida no tocante à crença, podendo crer em alguma coisa ou não crer em nada. Mas os que procuram fazer prevalecer no espírito das massas, e sobretudo da juventude, a negação do futuro, apoiando-se na autoridade, seu saber e na ascendência da sua posição, semeiam na sociedade os germes da perturbação e da dissolução, incorrendo numa grande responsabilidade.  
  
(5): Há uma outra doutrina que se defende da acusação de materialista porque admite a existência de um princípio inteligente além da matéria. É a doutrina da absorção no todo universal. Segundo esta doutrina cada indivíduo absorve ao nascer uma parcela do princípio que lhe dá a vida, constituindo a sua alma, a sua inteligência e os seus sentimentos. Com a morte, essa alma retorna ao elemento comum e se perde no infinito como uma gota d'água no oceano.  
  
Essa doutrina é sem dúvida um passo adiante em relação ao puro materialismo, pois admite alguma coisa, enquanto o outro não admite nada. Mas as consequências de ambas são exatamente as mesmas. Que o homem seja mergulhado no nada ou num reservatório comum, é a mesma coisa. Se no primeiro caso ele é transformado em nada, no segundo perde a sua individualidade, o que equivale a perder a sua existência. As relações sociais são igualmente rompidas.**

**O essencial para o homem é a conservação do seu eu. Sem isso, que lhe importa ser ou não ser? O futuro para ele não existe, num e noutro caso, e a vida presente é a única coisa que lhe interessa e o preocupa. Do ponto de vista das consequências morais essas duas doutrinas são perniciosas, igualmente desesperadoras, esta última, excitando o egoísmo da mesma maneira que o materialismo.  
  
(6) : Além disso, pode-se fazer a essa doutrina a seguinte objeção: todas as gotas d'água de um oceano se assemelham e têm as mesmas propriedades, como partes que são de um mesmo todo. Porque as almas, se foram tiradas de um grande oceano de inteligência universal se assemelham tão pouco entre si? Como explicar a presença do gênio ao lado do idiota? As mais sublimes virtudes junto aos vícios mais ignóbeis? A bondade, a doçura, a mansidão ao lado da maldade, da crueldade e da barbárie? Como as partes de um todo homogêneo podem ser diferentes umas das outras? Poderão dizer que é a educação que as modifica? Mas então de onde procedem as qualidades inatas, as inteligências precoces, os bons e os maus instintos que independem de qualquer educação e frequentemente não estão em harmonia com o meio em que as criaturas se desenvolvem? "  
  
A educação, não há dúvida, modifica as qualidades intelectuais e morais da alma, mas neste ponto outra dificuldade se apresenta. Quem deu à alma a educação que a fez progredir? Outras almas que por sua origem comum não devem ser mais adiantadas? Por outro lado, a alma, voltando ao todo universal de que sairá, após haver progredido durante a vida, leva a ele um elemento de perfeição, de onde se segue que esse todo deve ser profundamente modificado e melhorado com o tempo. Como se explica que dele saiam incessantemente almas ignorantes e perversas?  
  
(7) : Nessa doutrina a fonte universal da inteligência que produz as almas humanas é independente da Divindade. Não se trata, pois, do panteísmo. A doutrina panteista propriamente dita difere dela ao considerar o princípio universal da vida e da inteligência como integrando a Divindade. Assim, Deus é ao mesmo tempo espírito e matéria. Todos os seres, todos os corpos da natureza constituem a Divindade, da qual representam as moléculas e demais elementos componentes. Deus é o conjunto de todas as inteligências reunidas. Cada indivíduo, sendo uma parte do todo, é em si mesmo Deus. Nenhum ser superior e independente comanda o conjunto. O universo é uma imensa república sem presidente, onde todos ou cada um é o seu próprio chefe com poder absoluto.  
  
(8) — Podemos opor numerosas objeções a esses sistemas. As principais são as seguintes:  
Não se podendo conceber a Divindade sem perfeições infinitas, pergunta-se como um todo perfeito pode ser formado de parcelas tão imperfeitas que necessitam de progredir? Cada parcela estando submetida à lei do progresso, disso resulta que o próprio Deus deve progredir, e se ele progride sem cessar, deve ter sido muito imperfeito na origem dos tempos. Como um ser imperfeito, formado de vontades e idéias tão divergentes, pode conceber as leis harmoniosas, tão admiráveis, de unidade, de sabedoria e de previdência que regem o universo? Se todas as almas são parcelas da divindade, todas concorreram para a criação das leis da natureza, como se explica que elas mesmas protestem continuamente contra essas leis, que são a sua própria obra? Uma teoria só pode ser aceita como verdadeira sob a condição de satisfazer à razão e explicar todos os fenómenos que abrange. Se um só fato puder desmenti-la é que ela não possui a verdade absoluta.  
  
(9) — Do ponto de vista moral as consequências são também inteiramente ilógicas. A princípio, temos para as almas, como no sistema precedente, a absorção num todo e a perda da individualidade. Se admitirmos, segundo a opinião de alguns panteistas, que elas conservem a sua individualidade, Deus não terá mais uma vontade única, pois será um composto de miríades de vontades divergentes. Depois, sendo cada alma parte integrante da divindade, nenhuma será dominada por um poder superior. Em consequência, não haverá nenhuma responsabilidade individual pelos atos bons ou maus, como nenhum interesse em fazer o bem, podendo fazer impunemente o mal, desde que ela é o soberano senhor de si mesma.  
  
(10)— Além desses sistemas não satisfazerem à razão nem às aspirações do homem, apresentam-se, como se vê, cheios de dificuldades insuperáveis, de maneira que são incapazes de resolver todas as questões de fato que levantamos. O homem tem, portanto, três alternativas: o nada, a absorção ou a individualidade da alma antes e após a morte. É a esta última crença que a lógica nos leva invencivelmente. É ela também que constitui o fundo de todas as religiões desde que o mundo existe.  
  
Se a lógica nos leva à individualidade da alma, nos leva também a outra consequência, a de que a sorte de cada alma deve depender de suas qualidades pessoais, pois seria irracional admitir que a alma atrasada do selvagem e a do homem perverso estivessem no mesmo nível que o do homem de bem e do sábio. Segundo a justiça, as almas devem ter a responsabilidade dos seus atos, mas para que sejam responsáveis é necessário que sejam livres para escolher entre o bem e o mal. Sem o livre-arbítrio haverá fatalidade e com esta a alma não poderia ter responsabilidade.  
  
(11) — Todas as religiões admitiram igualmente o princípio do destino feliz ou infeliz das almas após a morte, ou seja, das penas e dos gozos futuros que se resumem na doutrina do céu e do inferno, que encontramos por toda a parte. Mas no que elas diferem essencialmente é quanto à natureza das penas e dos gozos e sobretudo quanto às condições que podem levar as almas a merecerem umas e outros. Daí resultam os pontos de fé contraditórios que deram origem aos diferentes cultos e os deveres particulares impostos por todos eles para reverenciar a Deus, por meio dos quais se pode ganhar o céu e escapar ao inferno.  
  
(12) —Todas as religiões deviam estar, em sua origem, em relação com o grau de adiantamento moral e intelectual dos homens. Estes, ainda muito materiais para compreender o valor das coisas puramente espirituais, fizeram consistir a maioria dos deveres religiosos na prática de fórmulas exteriores. Durante algum tempo essas fórmulas satisfizeram à sua razão. Mais tarde, esclarecendo-se os seus espíritos, sentiram o vazio dessas fórmulas, e como a religião não mais os satisfazem eles a abandonam e se tornam filósofos.  
  
(13) — Se a religião, a princípio apropriada aos conhecimentos limitados dos homens, tivesse sempre seguido o desenvolvimento progressivo do espírito humano, não haveria incrédulos porque a necessidade de crer está na própria natureza do homem e ele sempre crerá desde que lhe dêem o alimento espiritual em harmonia com as suas exigências intelectuais.   
  
Ele quer saber de onde vem e para onde vai. Se lhe mostrarem um alvo que não corresponde às suas aspirações nem à idéia que ele faz de Deus, nem aos dados positivos que a ciência lhe fornece, se além disso lhe impõem, para atingir a Deus, condições que a sua razão considera inúteis, ele repele a tudo. Então o materialismo e o panteísmo lhe parecem mais racionais, porque neles sê discute e raciocina, e embora o raciocínio seja falso, ele prefere raciocinar falso a ser impedido de fazê-lo.  
  
Mas se lhe apresentarem um futuro em condições lógicas, digno em tudo da grandeza, da justiça e da infinita bondade de Deus, ele abandonará o materialismo e o panteísmo, dos quais sente o vazio em seu próprio íntimo e que só havia aceitado na falta de coisa melhor. O Espiritismo lhe oferece o melhor e é por isso que se vê acolhido ansiosamente por todos os que se atormentam com a incerteza pungente da dúvida, não encontrando nas crenças e nas filosofias vulgares aquilo que procuram. Ele tem a seu favor a lógica do raciocínio e a prova dos fatos. É por isso que inutilmente tem sido combatido.**

|  |  |
| --- | --- |
| **NATAL** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01 - Antologia da espiritualidade - pág. 55** | **02 - Antologia mediúnica do natal - toda a obra** |
| **03 - As aves feridas na terra voam - pág. 78** | **04 - Celeiros de bênçãos - pág. 13, 182** |
| **05 - Do país da luz - vol. 4 - pág. 199, 268** | **06 - Dos Hippies aos problemas do mundo - pág. 16** |
| **07 - Espírito e vida - pág. 200** | **08 - Fonte viva - pág. 399** |
| **09 - Lampádario espírita - pág. 139** | **10 - Luz da esperança - pág. 98** |
| **11 - Na era do Espírito - pág. 160** | **12 - Na seara do mestre - pág. 24** |
| **13 - Nas pegadas do mestre - q 536 - pág. 736** | **14 - O Redentor - pág. 19** |
| **15 - Os funerais da Santa Sé - pág. 190** | **16 - Os mensageiros - pág. 214** |
| **17 - Passos da vida - pág. 13** | **18 - Pensamento e vontade - pág. 120** |
| **19 - Pérolas do além - pág. 172** | **20 - Segue-me - pág. 95, 99, 123** |
| **21 - Repositório de sabedoria - pág. 102** | **22 - Universo e vida - pág. 44** |
| **23 - Oferenda- pág. 197** | **24 - Jesus Cristo, a luz do mundo** |
| **25 - Revista das religiões - edição 16** |  |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**NATAL – COMPILAÇÃO**

**05 - DO PAÍS DA LUZ - FERNANDO LACERDA - ESPÍRITOS DIVERSOS - PÁG. 199**

**ÍTEM XXXVIII - JÚLIO DINIZ: Natal, Natal! Nasceu o Redentor! Que ele dê paz ao Mundo, e a ti, meu querido amigo, luz à tua alma e paz à tua vida! Isto te disse eu em 1906, como sincera aspiração da minha alma agradecida e cristã. Isto repito agora, com mais fervor, com mais humildade perante Deus. Que Ele dê a paz ao Mundo e à tua vida, que ambos carecem bem dela. O mundo, quanto mais proclama a paz, mais se lança na guerra; a tua vida, quanto mais pela paz anseia, mais guerra a assola. Como é hoje diferente o dia de Natal em nossa terra! Em poucos lares se verá fumegar a chaminé à meia noite; em poucas lareiras haverá o lume caricioso, para transmitir o calor aos que, inteiriçados, mas alegres, esperavam cantando ou rezando a hora solene, para irem ao presbitério ver nascer o menino. Em poucas casas haverá a ceia grande e tradicional, em poucas haverá paz, em poucas a inquietação ou o sofrimento deixará de adejar como morcego sombrio e de mau agouro. Em poucos presbitérios nascerá o menino! Os sinos não tangerão, enviando pelas quebradas, na quietação da noite, os sons festivos. Não mais flores, não mais incenses, não mais luzes, não mais poesia nas igrejas! Agora a tristeza cobre a alma cristã, em nossa terra, com o denso véu negro da desolação!**

**Em muitos lares faltam ausentes que não podem comparecer à reunião santificada da família! Muitos estão órfãos! Em alguns não há fogo, em outros não há paz, em outros não há pão! Lágrimas, só lágrimas é que rolarão em abundância pelas faces maceradas dos que em vão olham para a porta cerrada, sem esperança de que por ela entre a alegria! Como tudo isto põe estremecimentos de dor em nossa alma! Como ambições insofridas, como a desorientação espancam da nossa terra florida o seu encanto cristão, o conforto das almas simples, a resignação das almas padecentes! E todos a pregarem a paz! Como vai já longe o tempo em que o eco conduzia, através das serranias, o som festivo dos sinos das aldeias, que ia perder-se no espaço, entoando salmos de bronze em louvor do menino nascido, levando, na vibração de cada badalada, cânticos de alegria, aspirações de felicidade. E as crianças e os velhos lá iam, embuçados e brancos da nevada, felizes com o trino da campana, beijar o pequeno menino Jesus que o seu padre lhes apresentava sorrindo.**

**Era sempre o mesmo menino Jesus. Eles é que eram diversos de ano para ano; eram romeiros novos, que os outros se iam esquecendo na jornada, cansados de fadigas, exaustos pelas dores, e haviam aparecido aqui, nestas regiões onde não nasce o menino, mas onde se adora a Jesus na plenitude da sua graça, da sua bondade anunciando a alegria e a festa da freguesia e do seu amor. Aqui não vem a guerra dos homens destruir-Ihe o culto! Como é desolador que a insânia dos homens se extênue tanto em destruir a própria felicidade! E olho para ti, olho para o teu lar. Ambos órfãos! Ele órfão do teu carinho, tu órfão do seu conchego. Lá, saudades e lágrimas. Aqui... Como é triste tudo isto! Como faz pena olharmos e vermos o que aí se passa! Não estranhes que andemos afastados. E' doloroso vermos ruínas. Ruínas de uma terra que foi nossa; ruínas de uma felicidade que aí amamos; ruínas de uma fé que aí nos fortaleceu! Ruínas, só ruínas!**

**E' hoje a festa da família em nossa pátria terrena! A festa da família! A desgraça tem às vezes ironias cruéis! A festa da família! Quem há em Portugal que creia sinceramente que hoje se realize nos lares portugueses a festa da família? Nos lares, onde há lágrimas em vez de risos, onde há a inquietação em vez da paz, onde reina o desespero em lugar da confiança, onde se não espera, onde se não pode crer, onde se não pode orar! Natal! Natal! Nasceu o Redentor! Que ele leve a paz à nossa terra e a felicidade a todos os lares, ora apagados, ora aflitos, onde se soluça e se não sorri, onde a dor avassala as almas e os corações e os lábios não balbuciam, por medo, o doce nome do Nazareno.**

**ÍTEM LII - Julio diniz. A NOITE DE NATAL EM PORTUGAL: Outro Natal amanhã. E, se nesse mundo não há peito humano onde bata coração bom, que não rememore o dia consagrado ao nascimento do Justo, aqui não há também quem não levante hosanas na festa que a Humanidade dedica ao Mestre. Tenho Sido eu quem, nos anos anteriores, tem vindo comemorar, por ti, aí nesse mundo, a solenidade querida de nossos corações. Seja eu ainda quem venha este ano também. Os outros companheiros que me pleiteiam o encargo. A festa é de paz, o momento é de saudade. Requer palavras tristes a, recordação do Natal da nossa terra; requer consolações; e eles, valentes habituados à peleja, onde se vibram frases como espadeiradas, entendem que só um médico, ainda que seja eu, pode trazer emolientes e anestesiantes às dores que no dia de Natal torturarão os corações amargurados dos portugueses. Eu, médico e triste, talvez melhor do que eles, possa compre­ender a agonia da saudade e, não podendo elevar um hino de alegria onde muito se sofre, poderei deixar mais um carme saudoso de tempos que não voltam mais!**

**Natal! Natal! Que triste evolução tem feito, desde que te falo, a nossa comemoração! Era de festa este dia! Em cada lar português havia uma capelinha, em que pontificava o Amor, na festa do Menino Jesus. Era o grande dia da família. Esperava-se por ele o ano inteiro, acumulando saudades que nessa noite se desfaziam com a chegada dos ausentes queridos. A sua noite era a maior do ano; a festa dessa noite era a festa maior. Havia lume em todas as lareiras; havia ceia abundantíssima em todas as mesas, ainda nas mais indigentes; havia risos nos lábios, alegrias nos corações e paz nas almas. Parecia que a suavíssima bondade do Cristo descia das regiões iluminadas e vinha, como orvalhada de luz, rociar as consciências e espargir a felicidade. Cantava-se, ria-se, orava-se e, noite velha, lá ia a família em bando, ao badalar alegre do sino da igreja, em devaneios de amor, em devaneios de saudade, a visitar o Menino Jesus que ia nascer. As badaladas quebravam festivamente a calada da noite; e lá iam todos, com as almas em festa, pelos carreiros, atravessando as quebradas das serranias brancas de neve, tão brancas como se anjos as tivessem ido atapetar de prata, enquanto que, da chaminé de cada cabana, subia em espiral um fiozinho de fumo branco, que parecia querer levar ao céu a notícia de que naquela noite havia festa e ceia naquele lar.**

**Era noite de felicidade aquela, como não havia outra igual nas nossas aldeias sitiadas pelo inverno áspero. E hoje? O inverno ainda as sitia com a sua aspereza; mas a felicidade abandonou aqueles lares. Estão também sitiadas pelos sofrimentos. Lá só se blasfema e chora. Não mais se canta, não se ri mais; os sinos estão mudos e mortos; as igrejas ermas; as quebradas, como grandes túmulos de trevas, não são mais despertadas pelo som dos sinos, pelos toques de instrumentos populares, pelos cantos, nem pelas risadas. Os anjos ainda semeiam a neve alvíssima, ainda; mas ela hoje cai mais nos corações que nos caminhos. Os corações, em que havia capelas a Jesus, estão fechados pela Dor. Que má ação pagará à justiça de Deus o povo que só no socalco da Cruz tinha cimentado o alicerce da sua grandeza e as raízes da sua independência? Que vento abrasador veio queimar as almas simples e crentes dos filhos da minha terra?**

**Hoje, a grande noite da alegria é a maior da Dor. Noite infinda, noite eterna, em vez de preces há soluços, em vez do tilintar argentino dos risos, há os sons pungentíssimos do choro. Não se sente mais o calor da lareira, que fazia a grande ceia e aquecia os corpos regelados, na espera da meia-noite. Não se aguarda com a ansiedade de outrora a chegada alegre de um retardatário, nem se escuta mais o apelo longínquo do sino do presbitério a chamar os fiéis do Cristo para a grande romaria do amor. Não se vêem mais os fiozinhos de fumo a erguerem-se para o céu. Nos lares não há mais festa. Em cada um reina só a dor. Os ausentes não voltam. As portas estão cerradas, como que temendo que, se fossem abertas, entrasse por ela nova lufada de desgraça. Não há fogo nem luz. Para chorar, chora-se bem no escuro. Às trevas do lar corresponde a treva de cada alma. Para a festa da Dor, como para a festa da paixão cristã, basta só aceso um círio. E' o da saudade! Saudade pelo Deus banido, saudade pela paz extinta, saudade pela felicidade perdida, saudade pelos membros da família ausentes, que não voltam mais! Que não voltam mais!!! Saudade, só saudade!**

**E através das lágrimas, cada olhar busca, no escuro dessa noite em agonia, a imagem do ente amado, exilado em longes terras, fugido como celerado; ou procura divisar, por detrás de grades sinistras, o olhar do parente ou do amigo, embaciado de lágrimas e alucinado de sofrimentos! Não é mais de festa, na minha terra, a festa do Redentor! Os lares não têm pão, nem alegria; as igrejas não têm mais rosmaninho, nem luzes. Para amar a Jesus, há-de cada um esconder-se, como para praticar um delito, em contraste com aqueles que, para o ofenderem, passam a vida a despertar ruidosamente a atenção geral, para que mais pública, mais solene seja a ofensa, como se a grandeza do ato perdesse com a míngua de espectadores . Os corações na minha pátria estão doentes. Não venho a sacudi-los, corno o vento sacode ulmeiros. Venho, como enfermeiro amigo, a trazer-lhe lenitivo. Lembrar felicidades que passaram é mitigar penas, é ainda ser feliz. E' evocar, pela saudade, aquilo que dourou a nossa vida, é reconstruir, numa visão amiga, tudo que se quebrou; recobrar tudo que se perdeu, reviver tudo que fugiu.**

**E' projetar, com essa visão, uma centelha de luz na escuridão em que se vive. Ah! assim eu pudesse! Assim eu pudesse, como amiga fada de lenda, fazer que em cada coração onde reside a pena houvesse um momento em que passasse, nessa visão do pensamento, a noite de Natal com os seus encantos e com os seus prazeres; com o seu Menino Jesus no seu rústico presepe da igreja aldeã, o brasido da lareira, a ceia abundante, o tanger de instrumentos, o som do sino a quebrar o adormecimento da noite, os ranchos cantando e rindo, os velhinhos arrastando felizes a carga dos seus anos trabalhados, para irem beijar mais uma vez o Menino; a alegria ruidosa dos recém-chegados de longas ausências ao lar da família, os anjos a pratear os caminhos, toda essa vida que se foi, toda essa festa dos povos, onde, na grande noite, o frio regelava os corpos e a f é e a alegria aqueciam as almas e reconfortavam a vida!**

**Mas, não posso! Vejo que a dor se aninhou em todos os corações: — nos crentes, pela perseguição à sua fé e pelos sofrimentos dos entes que amam; nos descrentes, pelo ódio que os assoberba, pela inquietação que os atormenta. E a saudade, com o seu manto de lágrimas, vem cobrindo a todos. Todos olham para a paz de outrora como para um bem que se perdeu. O presente é de tristeza e de dúvida; o futuro é de temor. A desolação paira em todas as almas; e nós, olhando daqui, pungidos de saudade infinita e de infinita mágoa, perguntamos a Deus: — até quando, Senhor, a Tua justiça pesará sobre o povo que outrora tanto te amou e te serviu e que hoje, por orgulho ou demência de uns e por fraqueza de outros, te baniu e deixou banir do seu lar, da sua Terra? Natal, Natal! Que magoada saudade envolve agora a alma portuguesa!**

**06 - DOS HIPPIES AOS PROBLEMAS DO MUNDO - CHICO XAVIER - PÁG. 19**

**ÍTEM 3 - Significação do Natal:  
FREITAS NOBRE: Desejo, antes de tudo, transmitir uma série de apelos e de considerações que nos foram trazidas através do telefone durante todo o dia de hoje, inclusive no Recife, de onde falou o deputado Fernando Lira. Em primeiro lugar, para dizer aos companheiros da TV-4 o entusiasmo pelo nível do programa. Em segundo lugar, para homenagear não a Chico Xavier, mas homenagear àqueles milhares de adeptos de Chico Xavier que, através do Brasil, instalaram creches, asilos, sanatórios, hospitais e que dão pelas suas mãos, com seus corações, aquela assistência que, deve muito ao estímulo deste grande coração que é Chico Xavier. E vai então a primeira pergunta: estamos na semana do Natal. Todos falam do Natal. Todos tentam interpretar o Natal. Para a doutrina espírita e para Chico Xavier, que apresentação especial, que significação especial tem o Natal?  
  
CHICO XAVIER: Os espíritos amigos nos tem ensinado por muitas vezes que, ante o Natal, reformulamos os nossos votos de cristianização da nossa vida pessoal e coletiva, diante de Nosso Senhor Jesus Cristo a quem nossas vidas estão entregues em nome de Deus, Aquele, que em sua infinita misericórdia, nos conserva junto de Seu coração infinitamente amoroso, como tutelados no planeta terrestre, abençoando-nos, orientando-nos, tolerando-nos as fraquezas e encaminhando-nos para uma vida melhor. Devemos com toda a sinceridade, asseverar que sem Jesus Cristo em nossas vidas (seja qual for a interpretação que venhamos a dar aos seus ensinamentos), não estaremos muito longe de uma regressão para as selvas. Por isso, o Natal é importante, continuará a ser importante. Embora muitas vezes cercado de incompreensões humanas, o Natal há de ser o coração de Nosso Senhor Jesus Cristo forçando no mundo, assim como estamos vendo o coração maravilhoso de nosso divino mestre palpitando na alegria de toda São Paulo, em festiva comemoração para a passagem do natalício d'Aquele que é o maior amor das nossas vidas.**

**08 - FONTE VIVA - EMMANUEL- ÍTEM - 180 - O NATAL - PÁG. 399**

**ÍTEM 180 - NATAL:   
"Glória a Deus nas Alturas, paz na Terra e boa-vontade para com os homens." — (LUCAS, 2:14.)  
As legiões angélicas, junto à Manjedoura, anunciando o Grande Renovador, não apresentaram qualquer palavra de violência.  
Glória a Deus no Universo Divino.  
Paz na Terra.  
Boa-vontade para com os Homens.  
O Pai Supremo, legando a nova era de segurança e tranquilidade ao mundo, não declarava o Embaixador Celeste investido de poderes para ferir ou destruir.  
Nem castigo ao rico avarento.  
Nem punição ao pobre desesperado.  
Nem desprezo aos fracos.  
Nem condenação aos pecadores.  
Nem hostilidade para com o fariseu orgulhoso.  
Nem anátema contra o gentio inconsciente.  
Derramava-se o Tesouro Divino, pelas mãos de Jesus, para o serviço da Boa-Vontade.  
A justiça do "olho por olho" e do "dente por dente" encontrara, enfim, o Amor disposto à sublime renúncia até à cruz.  
Homens e animais, assombrados ante a luz nascente na estrebaria, assinalaram júbilo inexprimível ...  
Daquele inolvidável momento em diante a Terra se renovaria.  
O algoz seria digno de piedade. O inimigo converter-se-ia em irmão transviado. O criminoso passaria à condição de doente. Em Roma, o povo gradativamente extinguiria a matança nos circos. Em Sídon, os escravos deixariam de ter os olhos vazados pela crueldade dos senhores. Em Jerusalém, os enfermos não mais seriam relegados ao abandono nos vales de imundície.  
Jesus trazia consigo a mensagem da verdadeira fraternidade e, revelando-a, transitou vitorioso, do berço de palha ao madeiro sanguinolento.  
Irmão, que ouves no Natal os ecos suaves do cântico milagroso dos anjos, recorda que o Mestre veio até nós para que nos amemos uns aos outros. Natal! Boa Nova! Boa-Vontade!... Estendamos a simpatia para com todos e comecemos a viver realmente com Jesus, sob os esplendores de um novo dia.**

**09 - LAMPADÁRIO ESPÍRITA - JOANNA DE ÂNGELIS - PÁG. 139**

**ÍTEM 33 - Exaltação do Natal  
Se já consegues perceber a sublime mensagem do Natal de Jesus, faze um exame dos benefícios que fruis com o conhecimento e dos resultados produzidos na tua vida. Refaze, mentalmente, o caminho percorrido, desde que a sinfonia do Natal permeou teu espírito de alegrias, e considera as tuas atitudes. Embalado pelo cântico da esperança cristã, rememora quantas lágrimas estancaste, quantos companheiros soergueste da queda moral lastimável, quantos corações vitalizaste com a fé clara e pura, quantas vezes silenciaste se ultrajado, se perseguido, se instado ao revide, quanto desculpaste reatando liames de afeto com o ofensor, quanto confiaste embora aparentemente perdido, quanto pudeste perseverar nos propósitos sadios, apesar das tentações de toda ordem!. . . Tens elegido a serenidade como companheira nas horas difíceis, o amor como sustentáculo das tuas aspirações, a caridade como normativa fraternal e a fé como lâmpada sempre acesa no curso das tuas horas?!**

**O Natal evoca o Rei Divino descendo à Terra para amar, como uma lição viva e inconfundível de como se devem conduzir os amados que conseguem amá-Lo. Esses, os que ensaiam amá-Lo, experimentam gáudio pelo Seu nascimento, mas não convertem a alegria em estroinice nem a gratidão afetuosa em repasto exagerado, motivando desequilíbrios e abusos de variada contextura. Buscam, à semelhança d'Ele, aqueles que não têm tido ensejo de ser amados nem socorridos e cujos leitos de dores se encontram à mercê das escuras tormentas da aflição em que eles se debatem, convertendo os sentimentos de que se encontram possuídos em alavancas de socorro e proteção. Não se queixam, nem lamentam, pois que têm os olhos n'Aquele que tudo cedeu e todas as honras desdenhou para exaltar o amor e elevá-lo à condição de astro-rei no arquipélago das conquistas humanas. Se ainda não consegues sentir a glória do Natal de Jesus vibrar nas íntimas fibras do teu ser, porque a tua coleta há sido de desencantos e tristezas, perversidades e incompreensões, ou porque as amarras do cepticismo cedo te enovelaram aos pélagos da indiferença pelas questões transcendentais do espírito, evoca a história daquele Homem que medrou como lírio imaculado em chavascal odiento e não se conspurcou, que viveu sitiado pelo sofrimento de todos e não desanimou, que sofreu zombaria e apodo de toda natureza e não descreu, que se viu a sós quando mais era convocado ao testemunho ímpar e não se fez amargo nem decepcionado.**

**Recorda-O, simples e majestoso, face crestada pelo sol, cabelos ao vento, pés sangrentos, esguio e nobre, misturado à plebe, enxugando suor e lavando feridas, limpando raízes morais, acolitado por mulheres mutiladas nos ideais da maternidade e reduzidas à condição mais dolorosa, e por homens vencidos por impostos exorbitantes ou dominados por misérias sem nome... Elegeu esses, os sem-ninguém, à condição de amigos, sem se voltar contra aqueles outros, também infelizes, momentaneamente guindados ao poder ou enganados pela ilusão. A cruz em que o cravejariam mais tarde, simbolizou-a sempre, de braços abertos, aconchegando ao peito afável quantos desejassem paz e, descrentes, necessitassem de luz e vida. Evoca-O, e deixa que cheguem ao teu espírito e o penetrem, neste Natal, as vibrações d'Ele, o Amigo por quase todos esquecido, que jamais se esqueceu de ninguém. Aquieta o turbilhão que te atordoa, e, enquanto se espraiam no ar as sutis vibrações do Natal de Jesus, escuta a voz dos anjos e alça-te dos sítios sombrios onde te demoras para as culminâncias do amor clarificador de rotas em homenagem ao Governador da Terra, quando da sua visita, no passado, para que, agora, novamente Ele te possa visitar, sendo o conviva invisível e presente na formosa festa de paz em que se converteria tuas horas de agora em diante. O Natal é mensagem perene que desceu do Céu para a Terra e que agora, em ti, se levanta da Terra na direção do Céu.**

**11 - NA ERA DO ESPÍRITO - ESPIRITOS DIVERSOS - PÁG. 160**

**ÍTEM 28 - Chico Xavier - Como Consideramos Jesus: Do que posso pessoalmente compreender, dos ensinamentos dos Espíritos Amigos, consideramos Jesus Cristo como sendo Espírito de evolução suprema, em confronto com a evolução dos chamados terrícolas que somos nós outros. Não o senhor do sistema solar, com todo o respeito que temos à personalidade sublime de Jesus, mas consideramo-lo como supremo orientador da evolução moral do Planeta. E os Espíritos como Buda, como Zoroastro, como aqueles outros grandes instrutores da índia e da Grécia, por exemplo, que eram considerados orientadores ou chefes de grandes movimentos mitológicos, serão ministros do Cristo, pois temos ainda outra definição para classificá-los, dentro nossos parcos conhecimentos a respeito da nossa História no lado espiritual da vida. Vemos que Jesus convidou doze discípulos, Eram discípulos humanos tanto quanto nós, para que não fôssemos instruídos por anjos, pois senão nada entendei da Doutrina do Cristo. Teríamos de entender a discípulos também humanos, frágeis portadores de deficiências como as nossas, embora respeitemos, nos doze, personalidades eminentemente elevadas em nossa posição atual na Terra. Mas, do plano espiritual Ministros do Senhor cooperaram, cooperam e cooperarão sempre para que a nossa personalidade se consolide cada vez mais no plano físico.**

**Nós estamos, vamos dizer, no limiar da era do espírito, mas estamos ainda sacudidos por grandes calamidades psicológicas, como a Terra no seu início, como habitação sólida, esteve movimentada por grandes convulsões. Psicologicamente estamos sacudidos por esses movimentos que dificultam a nossa compreensão. Mas os Ministros do Senhor estão cooperando para que alcancemos a segurança, com a estabilidade precisa, para que o Planeta seja realmente promovido a mundo de paz e felicidade para todos os seus habitantes. (Não sei se expliquei bem). O Criador, a nosso ver, conforme ensinam Espíritos Amigos que nos visitam — é o Criador. Não podemos ainda ter outra definição de Deus mais alta do que aquela de Jesus Cristo quando o chamou de Pai Nosso. Além disso, a nossa mente vagueia como se estivéssemos em águas demasiadamente profundas, sem recursos para tatear a terra sólida. Pai Nosso, Deus Criador do Universo. Então, a força que Deus representa ter-se-ia manifestado em Jesus Cristo para que ele, como um grande engenheiro, de mente quase divina, pudesse realizar prodígios sob a inspiração de Deus na plasmagem, na estruturação do mundo maravilhoso que habitamos. Mas não consideramos Jesus como criador, conquanto o respeito que lhe devemos.**

**Acho formidável o que o Prof. Herculano Pires disse. Quer dizer que Jesus seria o demiurgo da Terra. E o demiurgo do sistema solar será, então, um demiurgo da mais alta potência construtora. A esse respeito peço licença para dizer que certa feita, indagando de Emmanuel qual a posição de Jesus no sistema solar, ele me respondeu que ficasse, a respeito de Deus, com a expressão do Pai Nosso dita por Jesus e não perguntasse muito, porque eu não tinha mente capaz de entrar no domínio desses conhecimentos com a segurança precisa. Eu insisti e ele então desdobrou um painel à minha vista, num fenômeno mediúnico. Apareceu então a Terra na Comunidade dos Mundos do nosso sistema evolutivo em torno do Sol. O nosso Sol, depois, em outra face do painel, evoluindo para a constelação que se não me engano, é chamada de Andrômeda. Depois, essa constelação, arrastando o nosso sistema e outros, evoluía em direção a outra constelação que já não tinha nome na minha cabeça. Essa outra constelação avançava para outra muito maior dentro da nossa galáxia.**

**Depois, apareceu a nossa galáxia, imensa, como se uma lente de alta potencialidade estivesse entre os meus olhos e o painel. E a nossa galáxia evoluía com outras galáxias em torno de uma nebulosa enorme e que Emmanuel me disse que passava a evoluir, em torno de outras nebulosas. Então, a minha cabeça ficou cansada e eu pedi para voltar, como se tivesse saído de um foguete da Terra e me perdesse pelo espaço a fora e sentisse uma vontade louca de voltar a ser gente e ficar outra vez no meu lugar. Porque tudo está dentro da Ordem Divina. Cada mundo, cada sistema, cada galáxia, orientados por Inteligências Divinas, e Deus para lá disso tudo, sem que possamos fazer-lhe uma definição. Senti uma vontade enorme de voltar para a minha cama e tomar café quente!**

**14 - O REDENTOR - EDGARD ARMOND - PÁG. 19**

**CAP. 3 - O NASCIMENTO DO MESSIAS - AS PROFECIAS:  
As profecias sobre o nascimento do Messias cumpriram-se em quase todos os detalhes e o próprio Jesus, nos diferentes atos de sua curta vida pública de três anos, a elas se referia sempre e lhes dava constantes testemunhos, colaborando para seu cumprimento. Isso fazia não só para prestigiar os profetas, como canais que eram da revelação, como para demonstrar que esta antecede sempre os acontecimentos relevantes da vida da humanidade e que, uniformemente, expressam-se os mandatários siderais pela boca dos profetas ou médiuns. As profecias hebréias, referentes ao advento do Messias redentor, confirmavam outras anteriores, proferidas em outras regiões do mundo de então, no sentido de um nascimento miraculoso, contrário às leis naturais, através de uma virgem, sem contatos humanos que, conforme referiam, ocorrerá com outros missionários religiosos ou fundadores de movimentos espiritualizantes como, por exemplo, Zoroastro, Krisna, Buda.**

**Essa concordância permitia supor que os profetas hebreus deixaram-se influenciar por essas notícias que, gravadas em seus subconscientes, vieram à tona no transe das revelações, ou que, então, foram realmente verdadeiras, como verdadeiras foram todas as demais que proferiram sobre, por exemplo: a fixação de Jesus na Galiléia, da qual fez centro para seus movimentos e pregações; os sofrimentos do Messias; seus sacrifícios; a traição de Judas; as atormentações e torturas na noite de sua prisão; a morte na cruz; a ressurreição, etc. Mas, se todas as profecias hebréias foram confirmadas, esta, entretanto, do nascimento virginal não o foi mas, ao contrário, até hoje vem se tornando motivo de controvérsias entre cristãos. Quando o excelso Missionário, custodiado pelos seus luminosos assistentes espirituais, aproximou-se da atmosfera terrestre, no crucial sofrimento da redução vibratória para adaptação ao nosso mundo material denso, onde seus assistentes já lhe haviam preparado o nascimento físico, quatro grupos de iniciados maiores, pertencentes àquelas correntes a que já nos referimos atrás, pressentiram essa aproximação e também se prepararam para apoiar e receber condignamente tão sublime visitante; foram eles: os sacerdotes do Templo-Escola do Monte Horeb na Arábia, dirigido por Melchior; os Ruditas, solitários dos Montes Sagros, na Pérsia, cujo culto era baseado no Zend-Avesta de Zoroastro e cujo chefe era Baltazar; os solitários do Monte Zuleiman, junto ao Rio Indo, dirigidos por Gaspar, Senhor de Srinagar e príncipe de Bombaim; e finalmente, os Essênios, da Palestina, que habitavam santuários e mosteiros isolados e inacessíveis, nas montanhas desse país, da Arábia e da Fenícia.**

**A esses iniciados foi revelado mediunicamente a próxima encarnação do Messias, há tanto tempo esperado. Melchior, Baltazar e Gaspar foram os visitantes piedosos que a tradição evangélica chama de "Reis Magos" e que visitaram o Menino-Luz nos primeiros dias do seu nascimento, em Belém. Foram tidos como magos porque vieram da direção do oriente, onde ficavam a Caldéia, a Assíria, a Pérsia, a Índia e onde a ciência da astrologia, da magia teúrgica e de outras espécies eram praticadas livremente. Aliás, o próprio Evangelho justifica os títulos, pondo na boca de um dos magos, à sua chegada a Jerusalém, a seguinte frase: "Onde está aquele que é nascido rei dos judeus? Vimos sua estrela no oriente e viemos adorá-lo". (Mateus 2:2) Para a encarnação do anjo planetário, o vaso carnal escolhido e já compromissado desde antes de sua reencarnação na Terra, foi Maria, virgem hebréia de família sacerdotal, filha de Joaquim e Ana. Moravam em Jerusalém, fora dos muros, junto ao caminho que ia para Betânia. Ele era de Belém, da tribo de Levi, da família de Aarão, e ela de Nazaré, da tribo de Judá, da família de Davi. Já estavam ambos em idade avançada quando lhes nasceu uma filha que foi chamada Maria, cujo nome significa beleza, poder, iluminação. Com a morte de seus pais foi ela internada por parentes no Templo de Jerusalém, junto às Virgens de Sião, que nas grandes festividades cantavam em coro os salmos de Davi e os hinos rituais, pois que as jovens descendentes de tais famílias tinham esse direito e podiam ser educadas primorosamente no Templo, consagrando-se, caso o quisessem, a seus serviços internos.**

**Dois anos depois, segundo revelações mediúnicas, José, carpinteiro residente em Nazaré, cidadezinha da província da Galiléia, usando de um direito que também lhe pertencia por descender da família de Davi, tendo enviuvado de sua mulher Débora, filha de Alfeu e ficado com cinco filhos menores, bateu às portas do Templo pedindo que lhe fosse designada uma esposa. Nestes casos, a designação era feita pela sorte e a indicada foi Maria. A expectativa por um Messias nacional, nesse tempo, era geral na Palestina, região agravada pela pesada ocupação romana, que repercutia também, fundamentalmente, no Templo, por causa da redução de autoridade e de prestígio do clero, até então dominante e arbitrário; e uma tarde, dias antes de sua indicação, estando Maria sozinha em uma das dependências do Templo, recordando o quanto também sofrera seu progenitor com essa situação e as preces que fazia pela libertação de Israel, adormeceu e teve um sonho, ou melhor dito, uma visão (pois era dotada de aprimoradas faculdades psíquicas) durante a qual um anjo a visitou e a saudou como predestinada a gerar o Messias esperado.**

**Atemorizada, guardou silêncio sobre o ocorrido, mas seus temores aumentaram quando, como era de praxe, foi escolhida pela sorte para esposa do pretendente José, também pertencente à família de Davi, em cuja linhagem, pelas Escrituras, o Messias nacional deveria nascer. Este fato, para ela, foi uma evidente confirmação da visão que tivera e das palavras do anjo que a visitara, e seu Espírito ingênuo e místico compreendeu que sua aquiescência àquele consórcio era imperativa. A partir de sua chegada a Nazaré e após as comemorações rituais das bodas, cerimoniais que, segundo os costumes, duravam vários dias, dedicou-se aos afazeres domésticos sem poder, contudo, esquivar-se à lembrança dos acontecimentos do Templo; e a vida do casal, desde o primeiro dia, ressentiu-se daquelas apreensões e temores. Foi-se retraindo o mais que pôde da vida social e das intimidades domésticas, recolhendo-se a prolongadas meditações e alheamentos, a ponto de provocar reprovações de conhecidos, parentes e familiares.**

**Vivia como dentro de um enlevo permanente, no qual vozes misteriosas lhe falavam das coisas celestiais, de alegrias sobre-humanas, de sofrimentos e de dores que lhe estavam reservadas no futuro, exatamente como, bem se lembrava, estava escrito nas Escrituras Santas do seu povo. Por fim, sentindo-se grávida, confessou seus temores a José, de cuja paternal bondade estava certa poder esperar auxílio e compreensão. Surpreendido pela revelação, José, dentro da sensatez que lhe era atributo sólido, guardou silêncio, aguardando o perpassar dos dias; mas estando evoluindo para termos finais a gestação e não podendo confiar em estranhos ou parentes ali residentes, resolveu levar a jovem esposa para Belém onde ela ficaria sob os cuidados maternais de sua tia Sara. Pois foi ali, naquela cidade histórica, por ter sido onde Samuel sagrou a Davi como rei, que deu-se o nascimento transcendente do Messias Redentor, ao qual foi dado o nome de Jesus. Este fato tão relevante ocorreu no ano 747 da fundação de Roma e 1° da era cristã, conforme admitimos por conveniência expositiva.**

**(Belém é nome modernizado; o nome antigo era Efrata. Nas profecias se lê, segundo Miquéias 5:1: "Somente a ti, Bethleem-Efrata, embora sejas pequena ante as muitas de Judá, de ti é que virá Aquele que será o soberano de Israel e cuja origem vem de longe, da eternidade". Ao narrar a vida de Jesus e devido a divergências existentes nos calendários; para simplificar as coisas e evitar interpretações diferentes, adotamos o sistema de considerar o ano l o primeiro a partir do nascimento; ano 33 o de sua crucificação, etc., desprezando, o calendário oficial, que considera tenha ele se verificado no ano 7 de nossa era e 747 da fundação de Roma). Contam as escrituras que o evento se deu num estábulo, o que não é de se estranhar, tendo em vista a pobreza e a exiguidade das habitações do povo naquela época, e o fato de que os estábulos nem sempre eram lugares destinados a conter o gado, servindo também de depósito de material, forragem, etc. É de se admitir que os hóspedes tenham sido acomodados em um compartimento desses, mais afastado do bulício da casa e da curiosidade dos estranhos. Em Belém se encontram ainda vários estábulos desse tipo, que servem, ora para habitação, ora para depósito de combustível e forragem, ora ainda de acomodação de pastores nómades, quando vêm à cidade a negócios.**

**20 - Segue-me - Emmanuel - pág. 95, 99, 123**

**MENSAGEM DO NATAL - "Glória a Deus nas alturas paz na Terra e boa vontade para com os homens" - (Lucas, 2:14)**

**O cântico das legiões angélicas, na Noite Divina, expressa o programa do Pai acerca do apostolado que se reservaria ao Mestre nascente. O louvor celeste sintetiza, em três enunciados pequeninos, a plataforma do Cristianismo inteiro. Glória a Deus nas Alturas, significando o imperativo de nossa consagração ao Senhor Supremo, de todo o coração e de toda a alma.**

**Paz na Terra, traduzindo a fraternidade que nos compete incentivar, no plano de cada dia, com todas as criaturas. Boa vontade para com os homens, definindo as nossas obrigações de serviço espontâneo, uns à frente dos outros, no grande roteiro da Humanidade. O Natal exprime renovação da alma e do mundo, nas bases do Amor, da Solidariedade e do Trabalho. Dantes, os que se anunciavam, em nome de Deus, exibiam a púrpura dos triunfadores sobre o acervo de cadáveres e despojos dos vencidos.  
  
Com o Enviado Celeste, que surge na Manjedoura, temos o Divino vencedor arrebanhando os fracos e os sofredores, os pobres e os humildes para a revelação do Bem Universal. Não amaldiçoa. Não condena. Não fere. Fortalece as boas obras. Ensina e passa. Auxilia e segue adiante. Consola os aflitos sem esquecer-se de consagrar o júbilo esponsalício de Cana. Reconforta-se com os discípulos no jardim doméstico, todavia não desampara a multidão na praça pública.  
  
Exalta as virtudes femininas no Lar de Pedro, contudo não menospreza a Madalena transviada. Partilha o pão singelo dos pescadores, mas não menoscaba o banquete dos publicanos. Cura Bartimeu, o cego esquecido, entretanto não olvida Zaqueu, o rico enganado. Estima a nobreza dos amigos, contudo não desdenha a cruz entre os ladrões. Cristo, na Manjedoura, representava o Pai na Terra. O cristão no mundo é Cristo dentro da vida.  
  
Dantes, exércitos e armadilhas, flagelos e punhais, chuvas de lodo e lama para a conquista sanguinolenta. Agora, porém, é um Coração armado de Amor aberto à compreensão de todas as dores, ao encontro das almas Natal! Glória a Deus! Paz na Terra! Boa Vontade para com os Homens! Se já podes ouvir a mensagem da Noite Inesquecível recorda que a Boa Vontade para com todas as criatura é o nosso dever de sempre.**

**NATAL - As legiões angélicas, junto à Manjedoura, anunciando o Grande Renovador não apresentaram qualquer ação de reajuste violento. Glória a Deus no Universo Divino. Paz na Terra. Boa Vontade para com os Homens.**

**O Pai Supremo, legando a nova era de segurança e tranquilidade ao mundo, não se declarava o Embaixador Celeste investido de poderes para ferir ou destruir. Nem castigo ao rico avarento. Nem punição ao pobre desesperado. Nem desprezo aos fracos. Nem condenação aos pecadores. Nem hostilidade para com o fariseu orgulhoso.**

**Nem anátema contra o gentio inconsciente. Derramava-se o Tesouro Divino, pelas mãos de Jesus, para o serviço da Boa Vontade. A justiça do "olho por olho" e do "dente por dente" encontrara, enfim, o Amor disposto à sublime renúncia até à cruz. Homens e animais, assombrados ante a luz nascente na estrebaria, assinalaram júbilo inexprimível... Daquele inolvidável momento em diante a Terra se renovaria. O algoz seria digno de piedade. O inimigo converter-se-ia em irmão transviado.  
  
O criminoso passaria à condição de doente. Em Roma o povo gradativamente extinguiria a matança nos circos. Em Sídon os escravos deixariam de ter os olhos vazados pela crueldade dos senhores. Em Jerusalém os enfermos não mais sofreriam relegados ao abandono nos vales de imundície. Jesus trazia consigo a mensagem da verdadeira fraternidade e, revelando-a, transitou, vitorioso, do berço de palha ao madeiro sanguinolento. Irmão, que ouves no Natal os ecos suaves do cântico milagroso dos anjos, recorda que o Mestre veio até nós para que nos amemos uns aos outros. Natal! Boa Nova! Vontade!... Estendamos a simpatia a todos e comecemos a viver realmente com Jesus, sob os esplendores de um novo dia.**

**PÁGINA DO NATAL - "Luz para alumiar as nações" ( Lucas, 2:32)**

**Há claridades nos incêndios destruidores que consomem vidas e bens. Resplendor sinistro transparece nos bombardeios que trazem a morte. Reflexos radiosos surgem do lança-chamas. Relâmpagos estranhos assinalam a movimentação das armas de fogo. No Evangelho, porém, é diferente.**

**Comentando o Natal assevera Lucas que o Cristo é a Luz para aluminar as nações. Não chegou impondo normas ao pensamento religioso. Não interpelou governantes e governados sobre processos políticos. Não disputou com os filósofos quanto às origens do homem. Não concorreu com os cientistas na demonstração de aspectos parciais e transitórios da vida. Fez luz no Espírito eterno.   
  
Embora tivesse o ministério endereçado aos povos do mundo, não marcou a sua presença com expressões coletivas de poder, quais exército e sacerdócio, armamentos e tribunais. Trouxe claridade para todos, projetando-a de Si mesmo. Revelou a grandeza do serviço à coletividade por intermédio da consagração pessoal ao Bem Infinito. Nas reminiscências do Natal do Senhor, meu amigo, medita no próprio roteiro.  
  
Tens suficiente luz para a marcha? Que espécie de claridade acendes no caminho? Foge ao brilho fatal dos curtos-circuitos da cólera, não te contentes com a lanterninha da vaidade que imita o pirilampo em voo baixo dentro da noite, apaga a labareda do ciúme e da discórdia que atira corações aos precipícios do crime e do sofrimento. Se procuras o Mestre Divino e a experiência cristã lembra-te de que, na Terra, há clarões que ameaçam, perturbam, confundem e anunciam arrasamento... Estarás realmente cooperando com o Cristo, na extinção das trevas, acendendo em ti mesmo aquela sublime luz para alumiar!**

**23 - OFERENDA - JOANNA DE ÂNGELIS - PÁG. 197**

**PERMANENTE NATAL**

**Toda a urdidura das paixões humanas e dos interesses imediatistas, através dos quase dois milênios, não conseguiu ensombrar-Lhe o majestoso berço de luz. Os conflitos engendrados pelas opiniões precipitadas e maquinações escolásticas não lograram diminuir a excelsa pureza da Sua vida.**

**O vigor e a força da Sua palavra, apoiados na mansuetude e na pacificação, têm vencido os séculos que se ensanguentam e enlutam, sem tornar-se, embora os dominadores transitórios do mundo, mensagem de força.**

**Tudo quanto a Ele se refere é pulcro e poético, não obstante portando energia vitalizadora com que Sua voz supera o clamor das multidões desvairadas, no suceder dos tempos.**

**Elegendo a pobreza e a humildade, Ele engalanou a história com os mais expressivos tesouros de dignificação humana e engrandecimento moral, oferecendo as mais importantes páginas do heroísmo e da santificação na Terra.**

**O poema que cantou, musicado pelo amor, à medida que se sucederam os evos mais ecoa na acústica das almas, arrebatando os homens e levando-os a uma união sinfônica de todas as aspirações e ansiedades numa só emoção: a da harmonia perfeita!**

**Insuperável, Jesus prossegue o triunfador diferente nas canchas e arenas do mundo. Crisna, Buda, Confúcio, Hermes, Sócrates e Platão, precursores da Sua mensagem, preparam a gleba do pensamento para que Ele ensementasse a palavra de vida libertadora.**

**Zoroastro ontem e Bahá Ulláh hoje, Francisco de Assis e Allan Kardec. Seus embaixadores, destacando-se da multidão dos construtores da fé, no mundo, se encarregaram de mantê-Lo insculpido no metal nobre dos sentimentos humanos. Os guerreiros passaram pela Terra, temidos e odiados...**

**Os construtores de povos transitaram na História, arbitrários, entre lauréis e pavores... Os governantes violentos brilharam por um pouco nos cenários do mundo e se apagaram no silêncio do túmulo...**

**Ele, todavia, herói particular e guerreiro do amor, elaborou um código sublime com o qual vem erguendo a Humanidade, afável e sobrevivente aos destroços dos tempos de todos os tempos...**

**Jesus é o protótipo da perfeição, que constitui "Modelo e Guia" para a criatura humana na sua áspera marcha ascencional. Sobrepairando todas as conjunturas, prossegue o condutor nosso e alvo para todos nós, que Lhe buscamos seguir as pegadas.**

**Seu Natal, em um momento da Humanidade, extrapola do calendário e torna-se o instante em que cada alma Lhe dá guarida na manjedoura do mundo íntimo, facultando Seu nascimento e vida, a partir de então.**

**Apesar desse permanente Natal, aquele marco poderoso da Sua chegada, que dividiu e sulcou profundamente a historiografia da vida terrestre, continua sendo a claridade inapagável de um berço tosco que se fez via-láctea iridescente, incrustada no velário da noite moral, social e humana, em que a Divindade reafirmou, num ato de amor, o Seu amor pelas criaturas, enviando às sombras dominadoras do planeta terrestre o Filho Amado, para uma perfeita identificação entre a criatura e o Seu Criador, para todo sempre.**

**24 - JESUS CRISTO, A LUZ DO MUNDO - PAULO A. GODOY - pág. 57**

**"E darás à luz um filho e chamarás o seu nome Jesus, porque ele redimirá o seu povo dos seus pecados." - (Mateus, 1:21)**

**Todos os anos, no dia 25 de dezembro, o mundo cristão comemora mais uma passagem do nascimento, na Terra, do Maior dos Missionários: Jesus Cristo.  
  
Essa auspiciosa data representa um acontecimento de transcendental importância, pois o advento de Jesus em nosso Planeta foi a maior das dádivas propiciadas pelos Céus, facultando aos homens, dessa maneira, o conhecimento dos preceitos evangélicos, que constituem uma bússola para os que se propõem a seguir as pegadas do grande Mestre.  
  
O que tão generosa dádiva representa para a Humanidade?  
  
— Através dela, o gênero humano tomou conhecimento de uma diretriz segura suscetível de equacionar os problemas que afligem o mundo. O Evangelho encerra em seu bojo a fórmula ideal para solucionar esses problemas, por mais insignificantes que sejam;  
  
— Por ela, o homem compreendeu que Deus é uno, indivisível, sendo o Pai misericordioso, a essência mais requintada da justiça, que faz o sol brilhar para bons e maus e a chuva beneficiar justos e injustos;  
  
— Que todos ficassem compreendendo que Jesus não é Deus, mas o Filho Ungido de Deus; que desceu ao mundo para levantar uma ponta do véu que encoberta a verdade;  
  
— Por essa dádiva, ficou evidenciado que o advento de Jesus Cristo não significou que tomaria sobre os seus ombros os pecados de todos os homens; porém Ele ensinou como devem proceder as criaturas, para se libertarem das taras do pecado e palmilharem o caminho do Bem, fazendo com que a vida se espelhe no amor a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmas.**

**Com a revelação cristã, os homens compreenderam que existem muitas moradas na Casa do Pai, autenticando a teoria da multiplicidade dos mundos habitados.  
  
Aqui é imperioso lembrar que jamais nenhum poder político, militar, religioso ou de qualquer outra natureza sobrepujou a amplitude do poder do qual o Cristo se tornou o vexilário, poder esse que se estendeu:  
  
— Entre os pequeninos da Terra, os quais se compenetraram de que herdarão o Reino dos Céus somente os manos, os pobres de Espírito e os humildes;  
  
— Entre os grandes, os potentados, que se capacitaram de que jamais conquistarão o Reino dos Céus os violentos, os atrabiliários e os que se insurgem contra a vontade de Deus;  
  
— Entre os escribas e fariseus hipócritas, que contornaram o Céu e a Terra, para conquistarem um novo discípulo, e depois o fizeram mais merecedor de reprimendas que de elogios;  
  
— Entre os Apóstolos, para que se cientificassem de que, para serem seguidores do Grande Mestre, que viera trazer à Terra a mais grandiosa das mensagens, não eram necessários a erudição e o inócuo palavreado, bastando ter dedicação e senso de obediência e humildade;  
  
— Entre os conquistadores romanos, para que aprendessem que os poderes políticos do mundo eram transitórios e repletos de turbulências, enquanto os poderes espirituais seriam permanentes e pranhe de mansuetude;  
  
— À Maria Madalena, dando-lhe a certeza de que muitos pecados lhe foram perdoados, porque ela muito havia amado;  
  
— Ao publicano Zaqueu, sendo-lhe garantido que a redenção espiritual o havia atingido, porque ele se despreendera de grande parte dos bens terrenos, em benefício dos pobres, cientificando-se das palavras do Mestre de que "onde estiver o tesouro dos homens, ali estará também o seu coração";**

**- Aos Apóstolos Tiago e João, sendo-lhes asseverado que somente ao Pai Celestial, era dado decidir sobre quem se assentaria à sua direita e à sua esquerda, no Reino dos Céus;**

**- Ao Apóstolo Paulo, garantindo-lhe que grande seria o seu galardão nos Céus, após a portentosa missão que viera desempenhar na Terra.**

**- A Nicodemos, ensinando-lhe que ninguém veria o Reino dos Céus, sem que nascesse de novo, dando-lhe assim, a mais decisiva prova da reencarnação;**

**- Também aos Apóstolos, confirmando-lhes que João Batista era a reencarnação do profeta Elias, comprovando-lhes, desta forma, que, no âmbito da Justiça Divina, a reencarnação é a mais sábia e justa das leis.**

**De um modo geral, Jesus Cristo trouxe à Terra uma mensagem de esclarecimento e de demonstração do seu amor pelos seus irmãos terrenos, ao deixar as Regiões sublimadas do mundo celestial para vir a este Planeta enfrentar o ódio e a incompreensão de homens recalcitrantes, que não entrariam no Reino dos Céus e não deixariam que outros entrassem, demonstrando assim, a incoerência de muitas teorias terrenas.**

**Tais como o pecado original, as penas eternas, o pecado irremessível, a existência de Inferno como lugar circunscrito para a aplicação de penalidade incompatíveis com as leis sábias e misericordiosas de Deus.**

**25 - REVISTA DAS RELIGIÕES - EDIÇÃO 16- PÁG. 40**

**NATAL, A CELEBRAÇÃO DA ESPERANÇA**

**Tudo começou com o nascimento de Jesus - e então a data tornou-se uma festa universal.**

**Se há uma data que não passa em branco nos calendários do mundo inteiro, certamente é 25 de dezembro. Talvez poucos se lembrem do motivo original da celebração, mas a maioria a comemora. Afinal, o Natal tornou-se a maior festa de todos os tempos, ultrapassando as fronteiras da fé e dos templos e remetendo a símbolos não religiosos, como a ceia em família, a troca de presentes e enfeites variados. Para muita gente, trata-se de mais um feriado, talvez um dia um tanto diferente dos demais. Mas, para cristãos de todo o planeta, festejar o Natal tem uma conotação especial: significa relembrar o nascimento de Jesus, aquele que mudou para sempre os rumos da humanidade.**

**A data mais importante do calendário cristão, porém, é a Páscoa, pois retoma a vitória de Cristo sobre a morte. Por isso, fica muito mais fácil recordar as imagens do doloroso martírio na cruz ou do Jesus ressuscitado e diáfano, em sua mais divina manifestação conforme a concepção cristã, do que a figura do Jesus bebê, deitado na manjedoura, em toda a sua fragilidade de ser humano. No entanto, por trás das origens do Natal, da escolha da época de sua comemoração e do impacto de seu significado no universo das religiões existe um panorama de fé surpreendente que vale a pena desvendar.**

**Acredite se quiser: a data levou mais de quatro séculos para ser incluída de forma irrestrita entre as celebrações da Igreja. Aliás, gerou controvérsias sobre se deveria ser comemorada ou não. Alguns dos primeiros pensadores cristãos omitiam-na da lista das festividades religiosas. Outros faziam a reprimenda de que somente pecadores, e não santos, comemoravam aniversários. Segundo a historiadora das Religiões Eliane Moura da Silva, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), foi somente depois de disputas teológicas nos séculos 4 e 5 que o Natal tornou-se afirmação de fé no mistério da encarnação - Deus se teria feito homem para salvar a humanidade.**

**QUEM FOI PAPAI NOEL?**

**Ele se encontra no imaginário cristão entre a figura inacessível do Deus "adulto" e a criança, representada pelo Cristo menino. Sua gordura está associada a saúde e generosidade; a barba, à imagem sábia do Pai celeste. A lenda original mescla temas do paganismo nórdico com a figura real do bondoso São Nicolau, arcebispo do Mosteiro de Mirna, na atual Turquia, nascido em 430 e conhecido por distribuir presentes à criançada no Natal.**

**No século 6, relatos sobre milagres realizados por Nicolau levaram à sua santificação. Foi nesta época que surgiram as primeiras referências ao traje vermelho - cor que, durante muito tempo, foi de uso exclusivo dos bispos. Na época da Reforma Protestante, a figura já arraigada do bom velhinho teve de ser dissociada do santo católico e ganhou vida própria.**

**COMO SURGIU A ÁRVORE DE NATAL?**

**O costume de enfeitar árvores em cerimônias religiosas remonta aos egípcios, 4 mil anos antes de Cristo. Os romanos também homenageavam Saturno, deus da Agricultura, com árvores enfeitadas. Os celtas costumavam decorar carvalhos com maçãs em suas festividades. A escolha do pinheiro de Natal no Cristianismo é um resquício cultural do norte da Europa.**

**No rigor do inverno, era a única árvore que se mantinha verde, representando a fé do cristão num mundo de obscuridade. Uma das lendas conta que o religioso alemão Martinho Lutero, no século 16, teria enfeitado um pinheiro com velas pensando em reproduzir o provável céu estrelado da noite em que Jesus nasceu. A luz das velas simboliza a esperança que Cristo trouxe ao mundo. O costume se firmou na Alemanha e daí se espalhou.**

**QUAL É A ORIGEM DA CEIA NATALINA?**

**As ceias religiosas têm origem remota. "Não existe celebração ritualística sem comida", diz a psicóloga Denise Gimenez Ramos, da PUC-SP. A idéia da ceia como ritual já está presente desde o início do Cristianismo, repetindo o gesto de Jesus que reuniu os apóstolos e com eles partilhou pão e vinho, dizendo: -"Este é o meu corpo, este é o meu sangue."**

**Quando o Natal começou a ser celebrado pelos cristãos, no século 4, a ceia tornou-se símbolo de partilha e de confraternização. Mas a tradição se fixou por influência dos cristãos ortodoxos, que costumam jejuar na véspera do Natal e, no dia da celebração, festejam o nascimento de Cristo com uma ceia especial. O peru foi introduzido no jantar natalino por influência da comemoração do Dia de Ação de Graças anglo-saxão.**

**POR QUE SE TROCAM PRESENTES?**

**A justificação cristã apóia-se na adoração dos reis magos ao Menino Jesus, quando lhe ofertaram ouro, incenso e mirra. Assim, o presente seria tanto um símbolo terreno das dádivas que Deus oferece ao homem quanto um sinal de confraternizações entre as pessoas.**

**Muitos pesquisadores, porém, acreditam que a tradição se inspirou também numa antiga festa pagã do Império Romano, chamada Saturnália. Tratava-se de uma comemoração em homenagem a Saturno, deus da Agricultura, que durava uma semana e terminava em 25 de dezembro. Durante a festa, imperadores costumavam receber regalos. O ritual acabou se espalhando: todos os cidadãos passaram a trocar, na época da comemoração, presentes e votos de felicidade entre si.**

**Se festejar o nascimento do Messias provocava discussões acirradas entre os primeiros cristãos, também a data a ser comemorada não era um ponto pacífico. "É impossível precisar o dia e o lugar do fato", diz o teólogo e padre Antônio**

**Manzatto, da Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, em São Paulo. Teólogos do Egito, por volta do ano 200, fIxaram-na no dia equivalente ao 20 de maio do nosso calendário. Um século mais tarde, grupos cristãos na Síria comemoravam-na em 20 de abril. Também esta data não era aceita tranqüilamente: podiam-se encontrar cristãos no século 4 festejando-a em 28 de março. Em Belém, naquela época, o nascimento de Cristo não era nem mesmo comemorado.**

**A data que apaziguou os ânimos dos cristãos, nos idos do ano 400, acabou sendo a de uma comemoração pagã: a Festa do Sol Invicto, em 25 de dezembro, que marcava o solstício de inverno no Hemisfério Norte. Foi uma manobra inteligente da Igreja para legitimar o Cristianismo em expansão no decadente Império Romano. "O Natal surgiu como resposta à exigência de afastar os fiéis das celebrações pagãs e idolátricas do Sol Invicto", afirma Eliane.**

**O que firmou a data de fato no imaginário cristão foi a identificação de Cristo com o corpo celeste. "Cristo marca o nascimento da luz do mundo", afirma o padre Manzatto. Santo Agostinho (354-430) considerava essa identificação herética. Já seu contemporâneo São João Crisóstomo a via como legítima, afirmando que, se o motivo da celebração era o nascimento do Sol, tratava-se do Sol da Justiça. Isso ainda confIrmava a profecia de Isaías, expressa numa passagem lida até hoje em muitas missas católicas de Natal: "O povo que andava nas trevas viu uma grande luz." Para a sensibilidade cristã, Jesus vinha trazer um novo reino, um reino que não era deste mundo. Um dos símbolos de realeza nas mais diversas culturas sempre foi o do Sol.**

**Celebrar um rei ainda bebê talvez soe estranho, mas faz sentido dentro do arcabouço simbólico do ser humano. "O indivíduo possui diversos arquétipos (padrões de comportamento comuns a todos). Um deles é o da Criança Eterna, associado à alegria, renovação, criatividade, esperança. Por isso, é possível encontrar nas religiões a celebração da criança, como é o caso de Jesus ou Buda meninos", diz a psicóloga Denise Gimenez Ramos, da PUC de São Paulo.**

**O Cristo na manjedoura, portanto, marcava a esperança dos primeiros cristãos no advento do reinado do Messias. A esperança, é claro, não poderia deixar de recair sobre um ser extraordinário. A excepcionalidade, no caso, era representada pela filiação de Jesus (nascido de Maria e concebido do Espírito Santo). "No mito do herói, o protagonista tem um pai divino e uma mãe terrena", conta Denise. "Por isso, o Natal lembra a transcendência do ser humano." Tal idéia encontra eco na afirmação cristã de que "Deus se fez homem para que o homem se fizesse Deus".**

**COMEMORAÇÂO CRISTÂ**

**Esperança e alegria podem ser sinônimos de espírito natalino, mas o que muitos não sabem é que a celebração começa, tanto na Igreja Católica quanto na Ortodoxa, com um período de ascese e de recolhimento. Para os católicos, o Natal é precedido de quatro semanas de penitência, chamado de "tempo do advento". Já o cristão ortodoxo se prepara para a festa do advento com um jejum entre os dias 18 de dezembro e 6 de janeiro. Primeiro, abstenção de laticínios; depois, de carne. Nos últimos três dias da preparação, o ortodoxo passa literalmente a pão e água. "O jejum mais importante, no entanto, é o da língua", diz o padre Valério Lopes, da Catedral Ortodoxa Grega de São Paulo. "De nada adianta a abstenção de alimentos se o espírito não jejuar também."**

**A celebração católica do Natal tradicionalmente acontecia à meia-noite do dia 24 para o 25 de dezembro, com a Missa do Galo. Hoje, porém, a cerimônia solene se mantém, mas costuma ocorrer mais cedo. A troca de presentes era originalmente reservada para 6 de janeiro, dia da Festa da Epifania, recordando a adoração de Cristo pelos reis magos. Os sábios do Oriente teriam presenteado o Menino Jesus com ouro, incenso e mirra, representando respectivamente sua divindade, sua humanidade e seu sofrimento redentor. Na Igreja Ortodoxa, contudo, 6 de janeiro é a data reservada para a comemoração da vinda do Pantokrator (o "governador de todas as coisas", em grego).**

**Para a maioria dos cristãos evangélicos - com algumas variações -, o Natal também é festejado com cultos ou ritos especiais, trocas de presentes e ceia como símbolos de partilha. Entre os adventistas, por exemplo, a solidariedade faz parte da celebração natalina, segundo o pastor Ronaldo Alberto de Oliveira, da Igreja Adventista do Sétimo Dia de Moema, São Paulo. Em 25 de dezembro, diz ele, é costume os templos de maior porte oferecerem uma grande ceia para pessoas necessitadas e solitárias. O trabalho social também está presente no Natal dos mórmons. "É tradição nossa ajudar as pessoas necessitadas a terem um Natal feliz", afirma Fernando de Assis, assessor da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. A cerimônia natalina entre os fiéis, contudo, é realizada no núcleo familiar e não no templo. Os mórmons entoam hinos e orações, trocam presentes e compartilham a ceia. Os testemunhas-de-jeová, por sua vez, não festejam o Natal. "Os primeiros cristãos não celebravam o nascimento de Jesus porque consideravam a comemoração do aniversário um costume pagão", diz o membro-ancião Walter Freoa. "Além disso, os evangelhos não dizem nada sobre a data exata do nascimento de Cristo."**

**E OS NÃO CRISTÃOS?**

**Para os judeus, Jesus não é visto como Messias ou Salvador. Portanto, a celebração do dia em que ele nasceu não está entre os costumes judaicos. "O Judaísmo não reconhece um 'Filho de Deus' que se destaca e se eleva acima dos outros seres humanos. A convicção judaica é a de que todos os homens são iguais. Somos todos filhos de Deus, criados à Sua imagem", diz o rabino Henry Sobel, presidente da Congregação Israelita Paulista. No Judaísmo, a relação de Deus sempre se deu com o povo profético; portanto, as festas judaicas celebram antes temas universais, como a libertação do cativeiro no Egito (o Pessach, a Páscoa judaica), o Yóm Kippur, Dia do Perdão, e o Rosh Hashand, ano-novo judaico.**

**No Islã, Cristo (ou Seyydina'Issa, na transliteração do árabe) é considerado profeta e mensageiro. Mesmo assim, não há comemoração do Natal. "Existem dois feriados religiosos oficiais no Islã", diz o sheik Jihad Hassan, vice-presidente da Assembléia Mundial da Juventude Islâmica na América Latina. "A festa do desjejum, Eid el-Fitr, ao final do Ramadã (o mês do jejum), e, dois meses e dez dias depois, o Eid el-Adha, o encerramento da peregrinação a Meca. Tanto o jejum quanto a peregrinação possuem o sentido de purificação, ao final dos quais vem a recompensa espiritual, simbolizada por uma festa."**

**No caso do Candomblé, crença de matriz africana, também não se festeja o Natal. "As crenças africanas surgiram antes do Cristianismo", afirma o babalorixá Cido de Oxum, do Templo Elê de Oxum, da zona leste paulistana. Em vez de Jesus, a religião celebra Obaluayê (também chamado de Omolu), o "Rei dono da Terra", um ser mítico que teria vivido entre 4 e 5 mil anos antes do início da Era Cristã. A festa ocorre em agosto, quando são servidos pratos típicos da culinária afro-brasileira, como acarajé, abaná e inhame assado. Já a Umbanda, nascida no século 19 do sincretismo do Candomblé africano com a crença católica e com o Espiritismo, naturalmente encontrou um lugar para Cristo no rol de suas divindades - ele é associado a Oxalá, considerado o maior orixá de todos. "O ritual cumprido pelos médiuns umbandistas no Natal é o de agradecimento a Pai Oxalá e a todos os orixás, as entidades que comandam as forças da natureza, conta Mãe Marilene, do Templo de Umbanda Caboclo Sete Pedreiras, em São Paulo.**

**A tradição cristã do Natal também está bem longe das religiões orientais, como o Budismo em suas várias vertentes. Entretanto, se nessa crença não se celebra o nascimento de Jesus, pelo menos comemora-se o de Buda. Para a linha tibetana, em 23 de maio são festejados o nascimento, a iluminação e a morte de Sidarta Gautama. No Zen Budismo, o nascimento de Buda é lembrado em 8 de abril. Em procissão, os adeptos carregam uma imagem de Buda quando bebê em cima de um elefante branco, banham a imagem com chá e enfeitam o altar com flores. A "água doce" e as flores simbolizam o jardim no qual Buda teria nascido. Em 8 de dezembro, comemora-se a iluminação do Mestre, quando teria atingido o Nirvana. Na cerimônia, budistas comungam uma tigela de arrroz e feijão que simboliza a busca pela sabedoria alcançada por Buda.**

**O Hinduísmo também não contempla uma celebração específica para Jesus, apesar de ele ser considerado por muitos um avatar (encarnação) de Vishnu, uma das divindades hindus mais importantes. Porém, uma das comemorações da crença, chamada Diwali (Festas das Luzes), na qual as mulheres indianas enfeitam as calçadas com lamparinas e adereços coloridos, tem uma simbologia próxima ao espírito natalino cristão: festeja-se o nascimento da luz do mundo, quando as trevas prevaleciam. E os fiéis brasileiros do Movimento Hare Krishna, também de tradição indiana, não comemoram o Natal à maneira cristã, mas promovem uma ceia de confraternização no dia 25 para lembrar a data.**

**Seja nas crenças cristãs, seja nos credos que não se apóiam na figura de Jesus, o sentido primeiro do Natal está, de certo modo, presente - na essência, todas as religiões celebram a esperança em um mundo constantemente renovado pelo exercício do amor. E mesmo que, ao longo dos séculos, o Natal tenha sido encarado por muitos como uma festa secular, a lembrança do bebê na manjedoura estará sempre viva: a luz que afasta, de vez, a escuridão.**

**Álvaro Oppermann**

|  |  |
| --- | --- |
| **OBEDIÊNCIA** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- Allan Kardec - vol. 3 pág. 192** | **02 - Chão de flores - pág. 125** |
| **03 - Encontro marcado - pág. 64** | **04 - Instrumento do tempo - pág. 149** |
| **05 - O Livro dos Espíritos - q. 544, 594,888** | **06 - Repositório de sabedoria - pág. 105** |
| **07 - Rumos libertadores - pág. 77** | **08 - Segue-me - pág. 49, 115** |
| **09 - Vinha de luz - pág. 265** | **10 -** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**OBEDIÊNCIA** **– COMPILAÇÃO**

**05 - O Livro dos Espíritos - Allan Kardec - questões: 544, 594, 888**

**Perg. 543 - Certos Espíritos podem influenciar o general na concepção dos seus planos de campanha? - Sem nenhuma dúvida. Os Espíritos podem influenciá-lo nesse sentido, como em todas as concepções.**

**Perg. 544 - Os maus Espíritos poderiam suscitar-lhe planos errados, com vistas à derrota?- Sim, mas não tem ele o seu livre-arbítrio? Se o seu raciocínio não lhe permite distinguir uma idéia certa de uma falsa, terá de sofrer as consequências e faria melhor em obedecer do quem comandar.**

**Perg. 594 - Os animais tem linguagem? - Se pensais numa linguagem formada de palavras e de sílabas, não; mas num meio de se comunicarem entre si, então sim. Eles se dizem muito mais do que supondes, mas a sua linguagem é limitada, como as próprias idéias, às suas necessidades.**

**08 - Segue-me - Emmanuel - pág. 49, 115**

**OBEDIÊNCIA JUSTA  
"Que, sendo em forma de Deus não teve por usurpação ser igual a Deus". - Paulo (Filipenses, 2:6)  
Todos os sofrimentos dos homens, de modo geral, originam-se da pretensão de usurpar o Divino Poder.  
Orgulho, vaidade, insensatez, egoísmo, perversidade, rebeldia e opressão representam apenas modalidades variadas dessa usurpação indébita. A guerra e o seu século pestilencial, a tirania e o instinto revolucionário, as paixões arrasadoras e os desastres espirituais que lhes são consequentes constituem-lhe as obras.  
  
Na vastíssima paisagem de nossas existências vemos sempre a Misericórdia Divina e a maldade humana, a Bondade Celestial e a desobediência das criaturas... Sempre, o Pai Generoso e os filhos imprevidentes, o Deus Justo e as inteligências caídas e perversas... Doloroso quadro... Em tudo, no planeta, a harmonia das leis do Senhor e a discórdia dos homens, a bênção providencial ao céu e a rebeldia terrestre...  
  
Por isso mesmo a Humanidade, como aranha gigantesca, encontra-se no milenário labirinto, encarcerada na teia criminosa de suas próprias ações. O coração do discípulo fiel do Evangelho, nos dias que passam, deve revestir-se com a vigorosa couraça da fé viva, porquanto é chamado a trabalhar numa floresta escura, onde a maldade se tornou mais requintada e a sombra mais densa.**

**E que guarde, sobretudo, a serenidade confiante do trabalhador, compreendendo a necessidade dos testemunhos e sacrifícios para todos, porque para o aprendiz sincero deve resplandecer o ensinamento Daquele que tendo vindo ao mundo através de anúncios divinos, assinalados por uma estrela brilhante, temido pelas autoridades de seu tempo, que transformou pescadores em apóstolos, que curou leprosos e cegos, e levantou paralíticos de nascença, não quis usurpar o Direito Divino e marchou, um dia, para o monte, a fim de testemunhar a obediência justa ao Senhor Supremo da Vida, no alto de uma cruz, ante o desprezo e ironia de todos.**

**NÃO PEQUES MAIS!  
"Vai e não peques mais".- Jesus (João, 8:11)  
A semente valiosa que não ajudas, pode perder-se.  
A árvore tenra que não proteges, permanece exposta à destruição.  
A fonte que não amparas, costuma secar-se.  
A água que não distribuis, forma pântanos.  
O fruto não aproveitado, apodrece.  
A terra boa que não defendes, é asfixiada pela erva inútil.  
A enxada que não utilizas, cria ferrugem.  
As flores que não cultivas, nem sempre se repetem.  
O amigo que não conservas, foge do teu caminho.  
A medicação que não respeitas, na dosagem e na oportunidade de que lhe dizem respeito, não te beneficia o campo orgânico.  
Assim também é a graça Divina.  
Se não guardas o favor do alto, respeitando-o em ti mesmo, se não usas os conhecimentos elevados que recebes em benefício da própria felicidade, se não prezas a contribuição que te vem de cima, não te vale a dedicação dos mensageiros espirituais. Debalde improvisarão eles milagres de amor e paciência, na solução de teus problemas, porque sem a adesão de tua vontade ao programa regenerativo todas as medidas salvadoras resultarão imprestáveis.  
"Vai e não peques mais".  
O ensinamento de Jesus é suficiente e expressivo.  
O médico Divino proporciona a cura, mas se não a conservarmos, dentro de nós, ninguém poderá prever a extensão e as consequências de novos desequilíbrios que nos aviltarão a invigilância**

**OBEDEÇAMOS  
"Escrevi-te confiando na tua obediência, sabendo que ainda farás mais do que te digo". - Paulo (Filemon, 1:21)  
Escrevendo ao companheiro, Paulo não afirma confiar na inteligência que pode envaidecer-se e desgovernar-se.  
Nem na força que induz à mentira.  
Nem no entusiasmo suscetível de enganar a si próprio.  
Nem no desassombro que, muita vez, é simples temeridade.  
Nem no poder capaz de iludir-se.  
Nem na superioridade que costuma desmandar-se no orgulho.  
O apóstolo confia na obediência.  
Não na passividade-cegueira que alimenta a discórdia e o fanatismo, mas na compreensão que se subordina ao trabalho por devotamento ao bem de todos, enxergando na felicidade alheia a felicidade que lhe é própria.  
Para que atinjas a comunhão com o Senhor não é necessário te consagres ao incenso da adoração, admirando-o ou defendendo-o.  
Obedece-lhe. Seguindo-lhe as recomendações aperfeiçoarás a ti mesmo pela cultura e pelo sentimento e terás contigo o amor e a lealdade, a harmonia e o discernimento, a energia e a brandura que garantem a eficiência do serviço a que foste chamado.  
Saibamos, pois, obedecer ao Senhor em nosso mundo íntimo e aprenderemos a fazer mais pela vida do que a vida espera de nós.  
  
09 - Vinha de luz - Emmanuel - pág. 265**

**126 - OBEDIÊNCIA CONSTRUTIVA  
"E assim vos rogo eu, o preso do Senhor, que andeis como é digno da vocação com que fostes chamados."— Paulo. (EFÉSIOS, 4:1.)  
Na leitura do Evangelho, é necessário fixar o pensamento nas lições divinas, para que lhes sorvamos o conteúdo de sabedoria. No versículo sob nossa atenção, reparamos em Paulo de Tarso o exemplo da suprema humildade, perante os desígnios da Providência. Escrevendo aos efésios, declara-se o apóstolo prisioneiro do Senhor.  
  
Aquele homem sábio e vigoroso, que se rendera a Jesus, incondicionalmente, às portas de Damasco, revela à comunidade cristã sublime qualidade de sua fé. Não se afirma detento dos romanos, nem comenta a situação que resultava da intriga judaica. Não nomeia os algozes, nem se refere às sentinelas que o acompanham de perto.  
  
Não examina serviços prestados. Não relaciona lamentações. Compreendendo que permanece a serviço do Cristo e cônscio dos deveres sagrados que lhe competem, dá-se por prisioneiro da Ordem Celestial e continua tranquilamente a própria missão. Simples frase demonstra-lhe a elevada concepção de obediência.  
  
Anotando-lhe a nobre atitude, conviria lembrar a nossa necessidade de conferir primazia à vontade de Jesus, em nossas experiências.  
Quando predominarem, nos quadros da evolução terrestre, os discípulos que se sentem administradores do Senhor, operários do Senhor e cooperadores do Senhor, a Terra alcançará expressiva posição no seio das esferas.  
  
Imitando o exemplo de Paulo, sejamos fiéis servidores do Cristo, em toda parte. Somente assim, abandonaremos a caverna da impulsividade primitiva, colocando-nos a caminho do mundo melhor.**

|  |  |
| --- | --- |
| **OBRAS** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- À luz da oração- pág. 141** | **02 - A sombra do olmeiro - pág. 130** |
| **03 - Agenda cristã- pág. 75, 133** | **04 - Alerta - pág. 157** |
| **05 - Caminho, verdade e vida - pág. 83, 113, 247** | **06 - Catecismo Espírita - pág. 63** |
| **07 - Celeiro de bênçãos - pág. 94** | **08 - Contos desta e doutras vidas - pág. 39** |
| **09 - Contos e apólogos - pág. 55, 85, 145** | **10 - Dramas da obsessão - pág. 141** |
| **11 - Emmanuel - pág. 48** | **12 - Entre a Terra e o Céu - pág. 79, 217** |
| **13 - Falando à Terra - pág. 85, 117** | **14 - Fonte viva - pág. 27, 29, 55, 63, 67, 81** |
| **15 - Jesus no Lar - pág. 55, 115** | **16 - Joana D'Arc - pág. 46** |
| **17 - Lampadário Espírita - pág. 207** | **18 - Livro da esperança - pág. 168** |
| **19 - Maria Dolores - pág. 64** | **20 - Nas pegadas do Mestre - pág. 29** |
| **21 - Nosso Lar - pág. 262** | **22 - O Consolador - pág. 139** |
| **23 - O Espírito da Verdade - pág. 38, 133** | **24 - O Livro dos Espiritos - q. 9, 16, 123, 315,** |
| **25 - Palavras de vida eterna - pág. 23, 39, 206** | **26 - Pão nosso - pág. 13** |
| **27 - Pérolas do Além - pág. 173** | **28 - Pontos e contos - pág.69** |
| **29 - Rumo certo - pág. 123** | **30 - Seareiros de volta- pág. 33, 35** |
| **31- Segue-me - pág. 45, 55, 93** | **32 - Vinhas de luz - pág. 95** |
| **33 - Voltas que a vida dá - pág. 18** | **34 - Vozes do grande além - pág. 127** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**OBRAS** **– COMPILAÇÃO**

**04 - Alerta - Joanna de Ângelis - pág. 157**

**Afirmas que o aguilhão da dor é uma constante na tua vida, amesquinhando as tuas forças, diminuindo as tuas alegrias. Informas que o desencanto fez moradas nas paisagens mentais da tua existência, tornando-a triste, sem sentido. Revelas que as decepções se somam a cada momento às anteriores, dando-te uma visão deprimente do comportamento social das criaturas humanas.  
  
Esclareces que perdeste as motivações para continuar a jornada e que não raro o desencanto cochicha idéias derrotistas, impelindo-te, de alguma forma, para a direção do autocídio. Armazenas o lado negativo da experiência humana, quase com volúpia, reunindo as observações infelizes e deixando-te engajar no veículo do desequilíbrio.  
  
Para e reflexiona, porém, um pouco, descompromissando-te das aflições que carregas. Observarás que ninguém transita na Terra sem o ônus que a vida cobra, naturalmente, a todos. Uns padecem, crucificados, sem o demonstrarem, transformando os cravos rudes em apoio e sustentação com que se seguram, para alçarem voo às paragens da esperança...  
  
Outros caminham açodados por chagas ocultas sob tecidos custosos, sorrindo, na certeza de que elas se transformarão, hoje ou mais tarde, em rosas abençoadas de que se ornarão um dia. . .Diversos se sentem vitimados por insuspeitada soledade, embora cercados por amigos e bajuladores, sejam invejados, não sorvendo a água lustral do amor nem da fidelidade que dessedentam e nutrem.  
  
Há dores morais sob disfarces numerosos como chagas purulentas guardadas sob ataduras de alto preço, cujos portadores não se deixaram vencer e demonstram, no esforço que empreendem, a alegria pelo superá-los. Evita a auto-compaixão e sai a lutar. Luta é convite à renovação, quanto dor representa espinho que desperta o ser para a valorização dos recursos que todos possuem interiormente, nem sempre correspondendo ao significado que representam.  
  
Quando afligido, medita nas causas profundas e remove-as a esforço. Quando sitiado por todos os lados, por esta ou aquela injunção dolorosa, recorda que do Mundo Espiritual generoso chegarão as respostas, o concurso.. . Abre-te à renovação interior para melhor, realiza uma terapia otimista contigo próprio e descobrirás os tesouros que jazem sem ser utilizados em ti, aguardando a aplicação enobrecida que os multiplicará em bênçãos para o teu próprio lucro.  
  
Jesus, o Terapeuta por excelência, em momento algum queixou-se, lamentou-se, deteve-se na observação deprimente. Saudando a vide como dádiva de Deus, ensinou-nos que no amor, mediante a ação positiva, estão os recursos de felicidade que a todos libertam de qualquer mazela, de toda limitação e enfermidade.**

**05 - Caminho, verdade e vida - Emmanuel - pág. 83, 113, 247**

**34 - COMER E BEBER  
"Então, começareis a dizer: Temos comido e bebido na tua presença e tens ensinado nas nossas ruas." — Jesus. (LUCAS, 13:26.)  
O versículo de Lucas, aqui anotado, refere-se ao pai de família que cerrou a porta aos filhos ingratos.  
O quadro reflete a situação dos religiosos de todos os matizes que apenas falaram, em demasia, reportando-se ao nome de Jesus. No dia da análise minuciosa, quando a morte abre, de novo, a porta espiritual, eis que dirão haver "comido e bebido" na presença do Mestre, cujos ensinamentos conheceram e disseminaram nas ruas.  
  
Comeram e beberam apenas. Aproveitaram-se dos recursos egoisticamente. Comeram e acreditaram com a fé intelectual. Beberam e transmitiram o que haviam aprendido de outrem. Assimilar a lição na existência própria não lhes interessava a mente inconstante.  
Conheceram o Mestre, é verdade, mas não o revelaram em seus corações. Também Jesus conhecia Deus; no entanto, não se limitou a afirmar a realidade dessas relações. Viveu o amor ao Pai, junto dos homens.**

**Ensinando a verdade, entregou-se à redenção humana, sem cogitar de recompensa. Entendeu as criaturas antes que essas o entendessem, concedeu--nos supremo favor com a sua vinda, deu-se em holocausto para que aprendêssemos a ciência do bem. Não bastará crer intelectualmente em Jesus. É necessário aplicá-lo a nós próprios.  
  
O homem deve cultivar a meditação no círculo dos problemas que o preocupam cada dia. Os irracionais também comem e bebem. Contudo, os filhos das nações nascem na Terra para uma vida mais alta.**

**49 - SABER E FAZER  
"Se sabeis estas coisas, bem-aventurados sois se as fizerdes." — Jesus. (JOÃO, 13:17.)  
Entre saber e fazer existe singular diferença. Quase todos sabem, poucos fazem. Todas as seitas religiosas, de modo geral, somente ensinam o que constitui o bem. Todas possuem serventuários, crentes e propagandistas, mas os apóstolos de cada uma escasseiam cada vez mais.  
  
Há sempre vozes habilitadas a indicar os caminhos. É a palavra dos que sabem. Raras criaturas penetram valorosamente a vereda, muita vez em silêncio, abandonadas e incompreendidas. É o esforço supremo dos que fazem.  
  
Jesus compreendeu a indecisão dos filhos da Terra e, transmitindo-lhes a palavra da verdade e da vida, fez a exemplificação máxima, através de sacrifícios culminantes. A existência de uma teoria elevada envolve a necessidade de experiência e trabalho. Se a ação edificante fosse desnecessária, a mais humilde tese do bem deixaria de existir por inútil.  
  
João assinalou a lição do Mestre com sabedoria. Demonstra o versículo que somente os que concretizam os ensinamentos do Senhor podem ser bem-aventurados. Aí reside, no campo do serviço cristão, a diferença entre a cultura e a prática, entre saber e fazer.**

**116 - AGIR DE ACORDO  
"Confessam que conhecem a Deus, mas negam-no com as obras, sendo abomináveis e desobedientes, e reprovados para toda boa obra." — Paulo. (TITO, 1:16.)  
O Espiritismo, em sua feição de Cristianismo redivivo, tem papel muito mais alto que o de simples campo para novas observações técnicas da ciência instável do mundo. A Terra, até agora, no que se refere às organizações religiosas, tem vivido repleta dos que confessam a existência de Deus, negando-O, porém, através das obras individuais.  
  
O intercâmbio dos dois mundos, visível e invisível, de maneira direta objetiva esse reajustamento sentimental, para que a luz divina se manifeste nas relações comuns dos homens. Como conciliar o conhecimento de Deus com o menosprezo aos semelhantes?  
  
As antigas escolas religiosas, à força de se arregimentarem como agrupamentos políticos do mundo,, sob o controle do sacerdócio, acabaram por estagnar os impulsos da fé, em exterioridades que aviltam as forças vivas do espírito.  
  
A doutrina consoladora da sobrevivência e da comunicação entre os habitantes da Terra e do Infinito, com bases profundas e amplas no Evangelho, floresce entre as criaturas com características de nova revelação, para que o homem seja, nas atividades vulgares, real afirmação do bem que nasce da fé viva.  
  
14 - Fonte viva - Emmanuel - pág. 27, 29, 55, 63, 67, 81**

**7 - PELOS FRUTOS  
"Por seus frutos os conhecereis" - Jesus (Mateus, 7:16)**

**Nem pelo tamanho. Nem pela configuração. Nem pelas ramagens. Nem pela imponência da copa. Nem pelos rebentos verdes. Nem pelas pontas ressequidas. Nem pelo aspecto brilhante. Nem pela apresentação desgradável.**

**Nem pela vetustez do tronco. Nem pela fragilidade das folhas. Nem pela casca rústica ou delicada. Nem pelas flores perfumadas ou inodoras. Nem pelo aroma atraente.**

**Nem pelas emanações repulsivas. Árvore alguma será conhecida ou amada pelas aparências exteriores, mas sim pelos frutos, pela utilidade, pela produção. Assim também nosso espírito em plena jornada...**

**Ninguém que se consagre realmente à verdade dará testemunho de nós pelo que parecemos, pela superficialidade de nossa vida, pela epiderme de nossas atitudes ou expressões individuais percebidas ou apreciadas de passagem, mas sim pela substância de nossa colaboração no progresso comum, pela importância de nosso concurso no bem geral.**

**-Pelos frutos os conhecereis- disse o Mestre. - Pelas nossas ações seremos conhecidos- repetiremos nós.**

**8 - OBREIROS ATENTOS  
"Aquele, porém, que atenta bem para a lei perfeita da liberdade e nisso persevera, não sendo ouvinte esquecido, mas fazedor da obra, esse tal será bem-aventurado em seus feitos" - (Tiago, 1:25)**

**O discípulo da Boa Nova, que realmente comunga com o Mestre, antes de tudo compreende as obrigações que lhe estão afetas e rende sincero culto à lei de liberdade, ciente de que ele mesmo recolherá nas leiras do mundo o que houver semeado. Sabe que o juiz dará conta do tribunal, que o administrador responderá pela mordomia e que o servo se fará responsabilizado pelo trabalho que lhe foi conferido.**

**E, respeitando cada tarefeiro do progresso e da ordem, da luz e do bem, no lugar que lhe é próprio, persevera no aproveitamento das possibilidades que recebeu da Providência Divina, atencioso para com as lições da verdade e aplicado às boas obras de que se sente encarregado pelos Poderes Superiores da Terra.  
  
Caracterizando-se por semelhante atitude, o colaborador do Cristo, seja estadista ou varredor, está integrado com o dever que lhe cabe, na posição de agir e servir, tão naturalmente quanto comunga com o oxigénio no ato de respirar.  
  
Se dirige, não espera que outros lhe recordem os empreendimentos que lhe competem. Se obedece, não reclama instruções reiteradas, quanto às atribuições que lhe são deferidas na disposição regimental dos trabalhos de qualquer natureza. Não exige que o governo do seu distrito lhe mande adubar a horta, nem aguarda decretos para instruir-se ou melhorar-se.  
  
Fortalecendo a sua própria liberdade de aprender, aprimorar-se e ajudar a todos, através da inteira consagração aos nobres deveres que o mundo lhe confere, faz-se bem-aventurado em todas as suas ações, que passam a produzir vantagens substanciais na prosperidade e elevação da vida comum.  
  
Semelhante seguidor do Evangelho, de aprendiz do Mestre passa à categoria dos obreiros atentos, penetrando em glorioso silêncio nas reservas sublimes do Celeste Apostolado.  
  
  
20. DIFERENÇA  
"Crês que há um só Deus: fazes bem. Também os demônios o crêem, e estremecem." — (TIAGO, 2:19.)  
A advertência do apóstolo é de essencial importância no aviso espiritual. Esperar benefícios do Céu é atitude comum a todos. Adorar o Senhor pode ser trabalho de justos e injustos.  
  
Admitir a existência do Governo Divino é traço dominante de todas as criaturas. Aceitar o Supremo Poder é próprio de bons e maus. Tiago foi divinamente inspirado neste versículo, porque suas palavras definem a diferença entre crer em Deus e fazer-Lhe a Sublime Vontade.  
  
A inteligência é atributo de todos. A cognição procede da experiência. O ser vivo evolve sempre e quem evolve aprende e conhece. A diferenciação entre o gênio do mal e o gênio do bem permanece na direção do conhecimento. O demônio, como símbolo de maldade, executai os próprios desejos, muita vez desvairados e escuros.!  
  
O anjo identifica-se com os desígnios do Eterno; e cumpre-os onde se encontra. Recorda, pois, que não basta a escola religiosa a que te filias para que o problema da felicidade pessoal alcance a solução desejada. Adorar o Senhor, esperar e crer n'Ele são atitudes características de toda a gente.  
  
O único sinal que te revelará a condição mais nobre estará impresso na ação que desenvolveres na vida, a fim de executar-lhe os desígnios, porque, em verdade, não adianta muito ao aperfeiçoamento o ato de acreditar no bem que virá do Senhor e sim a diligência em praticar o bem, hoje, aqui e agora, em seu nome.**

**24 - PELAS OBRAS**  
**"E que os tenhais em grande estima e amor por causa da sua obra."—Paulo. (l TESSALONICENSES, 5:13.)  
Esta passagem de Paulo, na Primeira Epístola aos Tessalonicenses, é singularmente expressiva para a nossa luta cotidiana. Todos experimentamos a tendência de consagrar a maior estima apenas àqueles que leiam a vida pela cartilha dos nossos pontos de vista.   
  
Nosso devotamento é sempre caloroso para quantos nos esposem os modos de ver, os hábitos enraizados e os princípios sociais; todavia, nem sempre nossas interpretações são as melhores, nossos costumes os mais nobres e nossas diretrizes as mais elogiáveis.  
  
Daí procede o impositivo de desintegração da concha do nosso egoísmo para dedicarmos nossa amizade e respeito aos companheiros, não pela servidão afetiva com que se liguem ao nosso roteiro pessoal, mas pela fidelidade com que se norteiam em favor do bem comum.  
  
Se amamos alguém tão-só pela beleza física, é provável encontremos amanhã o objeto de nossa afeição a caminho do monturo. Se estimamos em algum amigo apenas a oratória brilhante, é possível esteja ele em aflitiva mudez, dentro em breve.  
  
Se nos consagramos a determinada criatura só porque nos obedeça cegamente, é provável estejamos provocando a queda de outros nos mesmos erros em que temos incidido tantas vezes.  
  
É imprescindível aperfeiçoar nosso modo de ver e de sentir, a fim de avançarmos no rumo da vida superior. Busquemos as criaturas, acima de tudo, pelas obras com que beneficiam o tempo e o espaço em que nos movimentamos, porque, um dia, compreenderemos que o melhor raramente é aquele que concorda conosco, mas é sempre aquele que concorda com o Senhor, colaborando com ele, na melhoria da vida, dentro e fora de nós.**

**15 - Jesus no Lar - Néio Lúcio - pág. 55, 115**

**11 - O SANTO DESILUDIDO  
Inclinara-se a palestra, no lar humilde de Cafarnaum, para os assuntos alusivos à devoção, quando o Mestre narrou com significativo tom de voz:**

**- Um venerado devoto retirou-se, em definitivo, para uma gruta isolada, em plena floresta, a pretexto de servir a Deus. Ali vivia, entre orações e pensamentos que julgava irrepreensíveis, e o povo, crendo tratar-se de um santo messias, passou a reverenciá-lo com intraduzível respeito. Se alguém pretendia efetuar qualquer negócio do mundo, dava-se pressa em buscar-lhe o parecer. Fascinado pela alheia consideração, o crente, estagnado na adoração sem trabalho, supunha dever situar toda gente em seu modo de ser, com a respeitável desculpa de conquistar o paraíso.  
  
Se um homem ativo e de boa-fé lhe trazia à apreciação algum plano de serviço comercial, ponderava, escandalizado:— Ë' um erro. Apague a sede de lucro que lhe ferve nas veias. Isto é ambição criminosa. Venha orar e esquecer a cobiça. Se esse ou aquele jovem lhe rogava opinião sobre o casamento, clamava, aflito:  
  
— É disparate. A carne está submetendo o seu espírito. Isto é luxúria. Venha orar e consumir o pecado. Quando um ou outro companheiro lhe implorava conselho acerca de algum elevado encargo, na administração pública, exclamava, compungido:— Ê' um desastre. Afaste-se da paixão pelo poder. Isto é vaidade e orgulho. Venha orar e vencer os maus pensamentos.  
  
Surgindo pessoa de bons propósitos, reclamando-lhe a opinião quanto a alguma festa de fraternidade em projeto, objetava, irritadiço:  
— É uma calamidade. O júbilo do povo é desregramento. Fuja à desordem. Venha orar, subtraindo-se à tentação. E assim, cada consulente, em vista da imensa autoridade que o santo desfrutava, se entristecia de maneira irremediável e passava a partilhar-lhe os ócios na soledade, em absoluta paralisia da alma.  
  
O tempo, todavia, que tudo transforma, trouxe ao preguiçoso adorador a morte do corpo físico. Todos os seguidores dele o julgaram arrebatado ao Céu e ele mesmo acreditou que, do sepulcro, seguiria direto ao paraíso. Com inexcedível assombro, porém, foi conduzido por forças das trevas a terrível purgatório de assassinos.**

**Em pranto desesperado indagou, à vista de semelhante e inesperada aflição, dos motivos que lhe haviam sitiado o espírito em tão pavoroso e infernal torvelinho, sendo esclarecido que, se não fora homicida vulgar na Terra, era ali identificado como matador da coragem e da esperança em centenas de irmãos em humanidade. Silenciou Jesus, mas João, muito admirado, considerou:  
  
— Mestre, jamais poderia supor que a devoção excessiva conduzisse alguém a infortúnio tão grande! O Cristo, porém, respondeu, imperturbável: — Plantemos a crença e a confiança entre os homens, entendendo, entretanto, que cada criatura tem o caminho que lhe é próprio. A fé sem obras é uma lâmpada apagada. Nunca nos esqueçamos de que o ato de desanimar os outros, nas santas aventuras do bem, é um dos maiores pecados diante do Poderoso e Compassivo Senhor.  
  
17 - Lampadário Espírita - Joanna de Ângelis - pág. 207**

**A problemática da vivência evangélica dia-a-dia se nos afigura de profunda magnitude, exigindo de todos nós os mais acendrados esforços para materializar, através dos atos, as legítimas aspirações do nosso mundo mental. Sitiados por complexa maquinaria promotora do desequilíbrio de multíplices facetas, não raro encontramos refúgio para o culto da sobriedade e da harmonia.**

**Por isso mesmo, quando desatentos das nossas responsabilidades, somos arrastados pelo rio caudaloso do desassossego para despertarmos logo após em idêntica paisagem à daqueles que não firmaram compromisso com as realidades espirituais. Assim considerando, é de bom alvitre recordarmos vez que outra as lamentosas advertências de Jesus, perfeitamente cabíveis em nosso comportamento:  
  
«Mas ai de vós que sois ricos, porque já recebestes a vossa consolação! «Ai de vós os que agora estais fartos, porque tereis fome! «Ai de vós os que agora rides, porque haveis de lamentar e chorar! «Ai de vós quando todos vos louvarem, porque assim vossos pais trataram os falsos profetas.»   
  
A árvore altaneira atinge a cumeada da montanha após vencidas mil tormentas. O rio alcança o oceano depois de longo e difícil curso. O sol beneficia a Terra, vencidas diversas atmosferas. O homem sensato lobriga a paz, ultrapassadas com perícia amorosa as inúmeras barreiras, mediante incessante luta.  
  
Repontam seduções fáceis e fascínios às miríades pelo caminho ao teu alcance... Diante das vacuidades atraentes que logo se desvanecem, vigia e persevera na sã conduta. Na corrida louca da posse e do triunfo ilusório, recobra alento e trabalha o íntimo com a vigilância.  
  
Verbalmente convocado ao tumulto ou à desordem no lugar onde fulgem as jóias enganosas da sagacidade que triunfa, silencia a cobiça e medita. Ante o êxito sobre as bases da ignorância ou do crime, envolve o coração atormentado nos tecidos da prece, e asserena-te.  
  
Estás informado do amanhã que a todos indubitavelmente nos alcançará; já experimentaste mais de uma vez o sabor dulcíssimo da felicidade legítima — aquela que não se faz acompanhar da inquietação nem do receio de perdê-la —. Meditaste em torno de outras vidas que te embelezaram as horas juvenis, oferecendo rotas à tua madureza.  
  
Persevera, ainda e agora, insiste na vivência evangélica. Trabalhando na gleba redentora, vês os que passam ociosos, invejados. Recolhes-te, então, ao exame das próprias dores e sofres, como se fosses desditoso... Pouco te importem as dificuldades de agora.  
Não te deixes seduzir pelos tecidos luzidios que cobrem corpos inclinados para baixo.. .  
  
Prossegue fiel, sem lamentos, e transforma a cruz das tuas provações em duas asas sublimes, para, terminada a tarefa na noite aflitiva, poderes desferir glorioso voo em ressurreição luminosa.**

|  |  |
| --- | --- |
| **OBRIGAÇÕES** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- A sombra do olmeiro - pág. 114** | **02 - Ceifa de luz - pág. 147** |
| **03 - Chico e Emmanuel - pág. 64** | **04 - Lampadário Espírita - pág. 185** |
| **05 - O Espírito da verdade - pág. 65, 92** | **06 - O Evangelho S. o Espiritismo - cap. XXV, 11** |
| **07 - O Livro dos Espíritos - q. 222, 679, 681,** | **08 - Seara dos Médiuns - pág. 179** |
| **09 - Vinhas de luz - pág. 15** | **10 -** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**OBRIGAÇÕES** **– COMPILAÇÃO**

**04 - Lampadário Espírita - Joana de Ângelis - pág. 185**

**45. DEVERES DE AGORA**

**Enquanto respeitáveis pesquisadores investigam, infatigáveis, o problema da imortalidade da alma em laboratórios que obedecem às mais exigentes conquistas da técnica moderna, vês desfilarem à mingua de compaixão os "filhos do Calvário". Muitos companheiros atilados, empolgados pela terminologia complexa sugerida na sistemática da psicologia experimental, apresentam teses arrojadas, fixados a conceitos respeitáveis, e tu observas os descendentes da "Casa do Caminho", tresmalhados e tristes na faina do sofrimento, deambulando sem rota...**

**Parece-te, às vezes, que o complexo aparato dos laboratórios penetra o teu santuário de fé para interpretar as manifestações espirituais em linguagem nova. fazendo exigências a que se devem submeter os espíritos da caridade, de modo a atenderem impositivos intelectuais, no mesmo momento em que entidades atribuladas do além-túmulo batem angustiadas às portas da mediunidade, rogando palavras de consolo em nome de Jesus...  
  
Momentos difíceis atravessas, considerando a valiosa bibliografia que te chega às mãos, sugerindo novas fórmulas de interpretação do amor em relação à comunicabilidade dos Espíritos, embora enxameiem ao teu lado os órfãos, as viúvas, os atribulados em abandono total, desejando comunicar-se contigo, espíritos também que são, encarnados no domicílio da matéria.. . Todavia, a mensagem cristã é tão suave e simples!  
  
Os ensinos do Rabi, que enflorescem as mais caras evocações cristãs da Humanidade, são um convite vigoroso para a manutenção do amor entre os homens! E os conceitos esflorados por Allan Kardec, na admirável Doutrina Consoladora, refletem, todos eles, o im-positivo da transformação moral do homem, à base do culto dos deveres agora, todos os dias, para alcançar o ápice da evolução impostergável de todos nós.  
  
E' verdade que o homem não atinge as Altas Esferas sem as luminescências do conhecimento; da mesma forma ninguém evolui realmente sem a santificação dos sentimentos, através da conjugação do verbo amar, em todas as suas expressões. Diante do poviléu esfaimado e aturdido, o Senhor solicitou aos companheiros o repasto de que dispunham, após o que multiplicou pães e peixes para todos eles; ao lado da mulher surpreendida no delito conjugal fatigada pelos próprios desencantos e humilhada pela massa em rebeldia, vitimada quase pela lapidação pública, o Senhor, depois de exprobrar o comportamento dos adúlteros presentes, disse-lhe com piedosa misericórdia:**

**«Ninguém te condenou? Eu também não te condeno. Vai e não tornes a pecar»; após ouvir o relatório minudente sobre o culto dos deveres externos, apresentado por um jovem que ansiava encontrar o Reino de Deus e fruí-lo, o Mestre foi peremptório: «Vende tudo o que tens, dá-o aos pobres, vem e segue-me»; a obsidiada, que transformara o corpo em instrumento de aflição, mas que se compungira ante a mensagem fascinante da Boa Nova, irrompendo, desesperada, na casa de Simão, que O hospedava momentaneamente, d'Ele recebeu a palavra de alento: «Por muito amares, os teus pecados te serão perdoados»; e ao ladrão, que no momento extremo Lhe rogara oportunidade de aportar, também, na Região da justiça, Ele acenou com a esperança próxima de recebê-lo oportunamente no Paraíso ...  
  
Em todos os momentos da vida do incansável Seareiro do Amor, essas pequenas-grandes lições de toda hora, deveres de todo momento, constituíram a seara sublime da perene Boa Nova. Dir-te-ão muitos que já não há campo para aquela vida de odor evangélico, qual a dos primeiros dias dos homens dos caminhos; falar-te-ão que é necessário aplicar a inteligência e os favores do conhecimento moderno e explicarão quanto à necessidade de utilizar a técnica para viver com tranquilidade e em plenitude do gozo.  
  
Sem desconsideração às nobres conquistas do pensamento hodierno, ama, serve, aprimora, teus ensinamentos e renova-te incessantemente. Não descures de acender a luz do Evangelho na tua casa, não deixes de plantar uma árvore generosa e frutífera no caminho, não recuses a palavra gentil ao transeunte e, seguindo as pegadas de Jesus, embora a distância que medeia entre ti e Ele, faze-te mesmo assim, mensagem viva do Evangelho, coroado pela luz da imortalidade, cumprindo com os teus deveres agora, a fim de penetrares no Reino dos Céus, desde este instante, mediante a tua integração no espírito vivo e atuante do Cristo.**

**05 - O Espírito da verdade - Emmanuel - pág. 65, 92**

**26 NO RETOQUE DA PALAVRA - Cap. XI — Item 7  
Seja onde for, não afirme: — Detesto esse lugar! Cada criatura vive na terra dos seus credores. Ouvindo a frase infeliz, não grite: — "Ê um desaforo!" Invigilância alheia pede a nossa vigilância maior. Atravessando a madureza, não se lamente: — "Já estou cansado."  
Sintoma de exaustão, vontade enferma. Sentindo a mocidade, não assevere: — "Preciso gozar a vida!"  
  
Romagem terrestre não é excursão turística. À frente do amigo endividado, não ameace: — "Hoje ou nunca!" Agora alguém se compromete, amanhã seremos nós. Ao companheiro menos categorizado, não ordene: "Faça isso!" Indelicadeza no trabalho, ditadura ridícula. Perante o doente, não exclame: — "Pobre coitado!" Compaixão desatenta, crueldade indireta.  
  
Ao vizinho faltoso, nunca diga: — "Dispenso-lhe a amizade." Todos somos interdependentes. Sob o clima da provação, não se queixe: — "Não suporto mais!" O fardo do espírito gravita na órbita das suas forças. No cumprimento do dever, não clame: — "Estou sozinho."  
Ninguém vive desamparado.  
  
Colhido pelo desapontamento, não reclame: — "Que azar!" A Lei Divina não chancela imprevistos. À face do ideal, não se lastime: — "Ninguém me ajuda." No Espiritismo temos responsabilidade pessoal com o Cristo.  
ANDRÉ Luiz**

**06 - O Evangelho Segundo o Espiritismo - Allan Kardec - cap. XXV, 11**

**NÃO VOS CANSEIS PELO OURO   
  
9. Não possuais ouro nem prata, nem leveis dinheiro nas vossas cintas: alforge para o caminho, nem duas túnicas, nem calçado, nem bordão porque digno é o trabalhador do seu alimento.   
  
10. E, em qualquer cidade ou aldeia que entrardes, informai-vos de quem nela digno, e ficai ali, até que vos retireis. E ao entrardes na casa, saudai-a, dizendo: Paz seja nesta casa. E se aquela casa, na realidade, o merecer, virá sobre ela a vossa paz; e se não o merecer, tornará para vós a vossa paz. Sucedendo não vos querer alguém em casa, nem ouvir o que dizeis, ao sairdes dessa casa, ou da cidade, sacudi o pó de vossos pés. Em verdade vos afirmo isto: Menos rigor experimentará no dia do juízo a terra de Sodoma e de Gomorra, do que aquela cidade. (Mateus, X: 9-15.)  
  
11. Estas palavras, que Jesus dirigia aos seus apóstolos, ao enviá-los a anunciar a boa nova pela primeira vez, nada tinham de estranho naquela época. Estavam de acordo com os costumes patriarcais do Oriente, onde o viajor era sempre bem recebido. Mas, então, eles eram raros. Entre os povos modernos, o aumento das viagens teria de criar novos costumes. Só encontramos agora os dos tempos antigos nas regiões distantes, onde o tráfego intenso ainda não penetrou. Se Jesus voltasse hoje à Terra, não poderia mais dizer aos seus apóstolos: Ponde-vos a caminho sem provisões.  
  
Juntamente com o seu sentido próprio, essas palavras encerram um sentido moral bastante profundo. Jesus ensinava, assim, aos seus discípulos, a se confiarem na Providência. Além disso, desde que nada possuíam, eles não podiam tentar a cupidez dos que os recebiam. Era um meio pelo qual distinguiriam os caridosos dos egoístas, e por isso lhes disse: "Informai-vos de quem é digno de vos receber", ou seja, de quem é suficientemente humano para abrigar o viajor que nada pode pagar, porquanto esses são dignos de ouvir as vossas palavras, e é pela sua caridade que os reconhecereis.  
  
Quanto aos que nem sequer os quisessem receber, nem ouvir, recomendou Ele aos apóstolos que os amaldiçoassem? Ou recomendou que se impusessem a eles, e usassem de violência, para os constranger a se converterem? Não, mas que se retirassem pura e simplesmente, à procura de gente de boa vontade. Assim diz hoje o Espiritismo aos seus adeptos. Não violenteis nenhuma consciência; não forceis ninguém a deixar a sua crença para adotar a vossa; não lanceis o anátema sobre os que não pensam como vós. Acolhei os que vos procuram e deixai em paz os que vos repelem. Lembrai-vos das palavras do Cristo: antigamente o céu era tomado com violência, mas hoje o será pela caridade e pela doçura.**  
  
**07 - O Livro dos Espíritos - Allan Kardec - questões:. 222, 679, 681, 816, 827, 877, 1009**

**Perg. 679 - O que possui bens suficientes para assegurar sua subsistência está liberto da lei do trabalho? - Do trabalho material, talvez, mas não da obrigação de se tornar útil na proporção dos seus meios, de aperfeiçoar a sua inteligência ou a dos outros, o que é também um trabalho. Se o homem a quem Deus concedeu bens suficientes para assegurar sua subsistência não está obrigado a comer o pão com o suor da fronte, a obrigação de ser útil a seus semelhantes é tanto maior para ele, quanto a parte que lhe coube por adiantamento lhe der maior lazer para fazer o bem.**

**Perg. 681 - A lei da Natureza impõe aos filhos a obrigação de trabalhar para os pais? - Certamente, como os pais devem trabalhar para os filhos. Eis porque Deus fez do amor filial e do amor paterno um sentimento natural, a fim de que, por essa afeição recíproca, os membros de uma mesma família seja levados a se auxiliarem mutuamente. É o que, com muita frequência, não se reconhece em vossa atual sociedade.**

**Perg. 816 - Se o rico sofre mais tentações; não dispõe também de mais meios para fazer o bem? - É justamente o que nem sempre faz; torna-se egoísta, orgulhoso e insaciável; suas necessidades aumentam com a fortuna e julga não ter o bastante para si mesmo.**

**Perg. 827 - A obrigação de respeitar os direitos alheios tira ao homem o direito de ser senhor de si? - Absolutamente, pois esse é um direito que lhe vem da Natureza.**

**Perg. 877 - A necessidadede viver em sociedade acarreta para o homem obrigações particulares?- Sim, e a primeira de todas é a de respeitar os direitos dos semelhantes; aquele que respeitar esses direitos será sempre justo. No vosso mundo, onde tantos homens não praticam a lei de justiça, cada um usa de represálias, e vêm daí a perturbação e a confusão da vossa sociedade. A vida social dá direitos e impõe deveres recíprocos.**

**Perg. 1008 - A duração das penas depende sempre da vontade do Espírito, não existindo as que lhe são impostas por um tempo determinado? - Sim; há penas que lhe podem ser impostas por determinado tempo, mas Deus, que não deseja senão o bem de suas criaturas, aceita sempre o arrependimento, e o desejo de se melhorar nunca é estéril.**

**Perg. 1009 - Segundo isso, as penas impostas jamais seriam eternas? - Consultai o vosso bom senso, a vossa razão e perguntai se uma condenação perpétua, em consequência de alguns momentos de erro, não seria a negação da bondade de Deus. Que é, com efeito a duração da vida, mesmo que seja de cem anos, em relação à eternidade?**

**09 - Vinhas de luz - Emmanuel - pág. 15**

**2 - VÊ COMO VIVES  
"E chamando dez servos seus, deu-lhes dez minas e disse-lhes: negociai até que eu venha." — Jesus. (LUCAS, 19:13.)  
Com a precisa madureza do raciocínio, compreenderá o homem que toda a sua existência é um grande conjunto de negócios espirituais e que a vida, em si, não passa de ato religioso permanente, com vistas aos deveres divinos que nos prendem a Deus. Por enquanto, o mundo apenas exige testemunhos de fé das pessoas indicadas por detentoras de mandato essencialmente religioso.  
  
Os católicos romanos rodeiam de exigências os sacerdotes, desvirtuando-lhes o apostolado. Os protestantes, na maioria, atribuem aos ministros evangélicos as obrigações mais completas do culto. Os espiritistas reclamam de doutrinadores e médiuns as supremas demonstrações de caridade e pureza, como se a luz e a verdade da Nova Revelação pudessem constituir exclusivo patrimônio de alguns cérebros falíveis.  
  
Urge considerar, porém, que o testemunho cristão, no campo transitório da luta humana, é dever de todos os homens, indistintamente.  
Cada criatura foi chamada pela Providência a determinado setor de trabalhos espirituais na Terra. O comerciante está em negócios de suprimento e de fraternidade.  
  
O administrador permanece em negócios de orientação, distribuição e responsabilidade. O servidor foi trazido a negócios de obediência e edificação. As mães e os pais terrestres foram convocados a negócios de renúncia, exemplificação e devotamento. O carpinteiro está fabricando colunas para o templo vivo do lar.  
  
O cientista vive fornecendo equações de progresso que melhorem o bem-estar do mundo. O cozinheiro trabalha para alimentar o operário e o sábio. Todos os homens vivem na Obra de Deus, valendo-se dela para alcançarem, um dia, a grandeza divina. Usufrutuários de patrimônios que pertencem ao Pai, encontram-se no campo das oportunidades presentes, negociando com os valores do Senhor.  
  
Em razão desta verdade, meu amigo, vê o que fazes e não te esqueças de subordinar teus desejos a Deus, nos negócios que por algum tempo te forem confiados no mundo.**

|  |  |
| --- | --- |
| **OBSESSÃO** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- A agonia das religiões - pág. 26** | **02 - A alma é imortal - pág. 42** |
| **03 - A evolução anímica - pág. 211** | **04 - A GÊnese- cap. XIV, 45** |
| **05 - A loucura sob novo prisma - pág. 129** | **06 - A mediunidade sem lágrimas - pág. 87, 95** |
| **07 - A prece segundo o Evangelho - pág. 24** | **08 - A tragédia de Santa Maria - pág. 168** |
| **09 - Ação e reação - pág. 54, 117,221** | **10 - Alerta- pág. 23** |
| **11 - Almas que voltam - pág. 64** | **12 - Após a tempestade - pág. 92** |
| **13 - Auto desobsessão - pág. 21, 40** | **14 - Cartas e crônicas - pág. 39** |
| **15 - Celeiro de bênçãos - pág.158** | **16 - Chão de flores - pág. 52** |
| **17 - Contos desta e doutras vidas - pág. 177** | **18 - Contos e apólogos - pág. 69** |
| **19 - Conversa firme - pág. 116** | **20 - Da alma humana - pág. 231** |
| **21 - Depois da morte - pág.191** | **22 - Devassanto o invisível - pág. 179** |
| **23 - Doenças da alma - pág. 68** | **24 - Dramas da obsessão - pág. 19, 25** |
| **25 - Estudando a Mediunidade - pág. 67, 108** | **26 - Estude e viva - pág. 120, 134, 160** |
| **27 - Estudos Espíritas - pág.143** | **28 - Evolução em dois mundos - pág. 115** |
| **29 - Lampadário Espírita - pág. 123** | **30 - O Consolador - pág. 99,218** |
| **31 - O Evangelho S. o Espiritismo - cap. 28** | **32 - O Livro dos Médiuns- cap.XXIII** |
| **33 - O que é o Espiritismo - pág. 111, 175** | **34 - Pão nosso - pág. 75, 77** |
| **35 - Pontos e contos - pág. 41** | **36 - Segue-me - pág. 169** |
| **37 - Seara dos médiuns - pág. 59, 1771, 181** | **38 - Universo e vida - pág. 87** |
| **39 - Plantão da paz - pág. 82** | **40 - Florações Evangélicas - pág. 235** |
| **41 - Oferenda - pág. 131** | **42 - Temas da vida e da morte - pág. 153** |
| **43 - Correnteza de luz - pág. 143, 149** |  |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

|  |
| --- |
| [**OBSESSÃO E DESOBSESSÃO - PROFILAXIA E TERAPÊUTICA ESPÍRITAS**](file:///C:\Documents%20and%20Settings\User\Desktop\COMUNIDADE\site\temas\obsessaodesobsessao\obsessao%20desobsessao%20profilaxia.htm) |

**OBSESSÃO** **– COMPILAÇÃO**

**01- A agonia das religiões -J. Herculano Pires - pág. 26**

**(...) Não seria mais certo tentarmos a revisão dos conceitos religiosos que nos deram a herança de tantos fracassos e tão espantosa expansão do materialismo e do ateísmo no mundo? Todas as grandes religiões afirmam a onipresença de Deus no Universo. Não obstante, todas consideram o mundo (criado por Deus) como profano, região em que as trevas dominam e o Diabo faz a incessante caçada das almas de Deus. É curioso lembrar que nos tempos mitológicos o mundo era considerado sagrado, a vida uma bênção, os prazeres naturais e as leis da procriação eram graças concedidas pelos deuses aos homens.**

**O monoteísmo judaico, desenvolvido pelo Cristianismo, impregnou o mundo com a onipresença de Deus e o mundo tornou-se profano. Se Deus está presente num grão de areia, numa folha de relva, num fio dos nossos cabelos e numa pena das asas de um pássaro, como, apesar dessa impregnação divina, o homem se defronta com a impureza do mundo? Por que estranho motivo necessitamos de ritos especiais para purificar a inocência de uma criança, se Deus está presente no seu olhar puro e límpido, no seu choro, na meiguice do seu rostinho ainda não marcado pelo fogo das paixões terrenas? E porque precisa o cadáver de recomendação, com aspersão de água benta, se a ressurreição dos mortos se faz, como ensina o Apóstolo Paulo na I Epístola aos Coríntios e como Jesus exemplificou na sua própria morte, no corpo espiritual e não no corpo material?  
  
São esses e outros muitos problemas acumulados nos erros milenares dos teólogos que levam o homem contemporâneo à descrença e ao materialismo, ao ateísmo e ao niilismo. São todos esses erros que colocam as religiões em crise e as levarão à morte sem ressurrei-cão. Considerando-se, porém, esse estranho panorama religioso da Terra numa perspectiva histórica, à luz da razão, compreende-se facilmente que os erros de ontem, até hoje sustentados pelas religiões, foram úteis e necessários nos tempos de ignorância, em que os problemas espirituais não podiam ser colocados em termos racionais. Há justificativas válidas para o passado religioso, mas não justificativas possíveis para o seu presente contraditório e absurdo. A tese, mais do que absurda, do Cristianismo Ateu, com que teólogos rebeldes procuram hoje remendar as vestes esfarrapadas das igrejas, só vem acrescentar maior confusão ao momento de agonia das religiões envelhecidas.  
  
O problema da experiência de Deus poderia ser resolvido com um mínimo de reflexão. Se Deus está em nós, e por isso somos deuses em potência, segundo a própria expressão evangélica, porque necessitamos de uma busca artificial de Deus para termos a experiência da sua realidade? Se fomos criados por Deus e se Deus pôs em nós a sua marca, como afirmou Descartes — a idéia de Deus em nós, que é inata — já não trazemos, ao nascer, a experiência de Deus? E se, no desenvolver da vida humana, o homem nada mais faz do que cumprir um desígnio de Deus, assistido pelos Anjos Guardiães, porque tem ele de buscar a Deus através de uma prática artificial e egoísta, procurando preservar-se sozinho num mundo em que a maioria se perde irremediavelmente?**

**Moisés supunha ter ouvido o próprio Deus no Sinai, mas o Apóstolo Paulo explicou que Deus lhe falara através de mensageiros, que são anjos. As pessoas que buscam hoje a experiência de Deus em audiência privada serão mais dignas do que Moisés, não estarão sujeitas a ouvir a voz de um anjo, que tanto pode ser bom quanto mau, pois as próprias igrejas admitem que os anjos decaídos andam à solta pela Terra procurando roubar para o Inferno as almas de Deus? Quem estará livre, na sua piedosa tarefa de salvar-se a si mesmo, de ser tentado pelo Diabo, que tentou o próprio Jesus nas suas meditações solitárias no Deserto?  
  
As práticas místicas do passado não servem para a era da razão, em que nos encontramos na antevéspera da era do espírito. Orar e meditar é evidentemente um exercício religoso respeitável e necessário em todos os tempos. A oração nos liga aos planos superiores do espírito e a meditação sobre questões elevadas desenvolve a nossa capacidade de compreensão espiritual. Mas o dogma da experiência de Deus através de um pretensioso colóquio direto e pessoal com a Divindade é uma proposição egoísta e vaidosa. Se Deus é o Absoluto e nós somos relativos, a humildade não nos aconselha a ter mais cautela em nossas relações pessoais com a Divindade? São muitos os casos de perturbações mentais, de obsessões perigosas, de lamentáveis desequilíbrios psíquicos decorrentes de exageradas pretensões das criaturas humanas no campo das práticas religiosas.**

**A História das Religiões é marcada por terríveis experiências nesse sentido. Basta lembrarmos os casos de perturbações coletivas em conventos e mosteiros da Idade Média, onde os excessos de misticismo transformaram criaturas piedosas em vítimas de si mesmas, sujeitando-as não raro à própria condenação da igreja a que pertenciam e a que procuravam servir. Os dogmas de fé, que formam a estrutura conceptual das igrejas, são as pedras de tropeço do seu caminho evolutivo. Partindo do princípio de que a Revelação Divina é a própria palavra de Deus dirigida aos homens, as igrejas se anquilosaram em seus dogmas intocáveis, pois a exegese humana não poderia alterar as ordenações ao próprio Deus. Na verdade, a alteração se verificou em vários casos, apesar disso, mas decisões conciliares puseram a última pá de cimento nos erros cometidos.**

**As estruturas eclesiásticas tornaram-se rígidas e as igrejas confirmaram, no seu espírito, a ossatura de pedra de suas catedrais. Vangloriam-se ainda hoje da sua imutabilidade, num mundo em que tudo evolui sem cessar. Os resultados dessa atitude ilusória e pretensiosa só poderiam ser nefastos, como vemos atualmente no lento e doloroso processo de agonia das religiões. Incidiram assim no pecado do apego, contra o qual os Evangelhos advertiram os homens. Apegaram-se de tal maneira à própria vida, que perderam a vida em abundância que Jesus prometeu aos que se desapegasse. As liberalidades atuais chegaram demasiado tarde.  
  
A palavra dogma é grega e seu sentido original é opinião. Adquiriu em filosofia e religião o sentido de princípio doutrinário. Nas Escrituras religiosas aparece algumas vezes com o sentido de édito ou decreto de autoridades judaicas ou romanas. Entre o dogma religioso e o filosófico há uma diferença fundamental. O dogma religoso é de fé, principio de fé que não pode ser contraditado, pois provém da Revelação de Deus. O dogma filosófico é racional, dogma de razão, ou seja, princípio de uma doutrina racionalmente estruturada. O sentido religioso superou os demais por motivo das consequências muitas vezes desastrosas da sua rigidez e imutabilidade. Se falarmos, por exemplo, em dogmática, esse termo é geralmente entendido como designando a estrutura dos dogma s fundamentais de uma religião. Por isso, a adjetivação de dogmática, que implica também o masculino como nas expressões: pessoa dogmática, posição dogmática ou homem dogmático, significa intransigência de opiniões. (...)  
  
  
04 - A Gênese - - Allan Kardec - cap. XIV, 45**

**OBSESSÕES E POSSESSÕES.  
45.-Os maus Espíritos pululam ao redor da Terra, em consequência da inferioridade moral de seus habitantes. Sua ação malfazeja faz parte dos flagelos aos quais a Humanidade está exposta neste mundo. A obsessão, que é um dos efeitos desta ação, como as doenças e todas as atribulações da vida, deve, pois, ser considerada como uma prova ou uma expiação, e aceita como tal.   
  
A obsessão é a ação persistente que um mau Espírito exerce sobre um indivíduo. Ela apresenta caracteres muito diferentes, desde a simples influência moral, sem sinais exteriores sensíveis, até a perturbação completa do organismo e das faculdades mentais. Ela oblitera todas as faculdades mediúnicas; na mediunidade auditiva e psicográfica, se traduz pela obstinação de um Espírito em se manifestar com a exclusão de todos os outros.  
  
A aptidão de certas pessoas para línguas que elas sabem, por assim dizer, sem tê-las aprendido, não tem outra causa do que uma lembrança intuitiva daquilo que souberam numa outra existência. O exemplo do poeta Méry, narrado na revista Espírita de novembro de 1864, página 328, disso é uma prova. É evidente que se o Sr. Méry fora médium em sua juventude, teria escrito em latim tão facilmente quanto em francês, e ter-se-ia apregoado o prodígio.  
  
46. - Do mesmo modo que as doenças são o resultado das imperfeições físicas, que tornam o corpo acessível às influências perniciosas exteriores, a obsessão é sempre o de uma imperfeição moral, que dá presa á um mau Espírito. A uma causa física, opõe-se uma força física; a uma causa moral, é necessário se opor uma força moral. Para se preservar das doenças, fortifica-se o corpo; para se garantir da obsessão, é necessário fortificar a alma; daí, para o obsidiado, a necessidade de trabalhar no seu próprio melhoramento, o que, o mais frequentemente, basta para desembaraçá-lo do obsessor, sem o socorro de pessoas estranhas. Esse socorro se torna necessário quando a obsessão degenera em subjugação e em possessão, porque então o paciente perde, às vezes, a sua vontade e o seu livre arbítrio.  
  
A obsessão é, quase sempre, o fato de uma vingança exercida por um Espírito, e que, o mais frequentemente, tem a sua fonte nas relações que o obsidiado teve com ele numa precedente existência. Nos casos de obsessão grave, o obsidiado está como envolvido e impregnado com um fluido pernicioso, que, neutraliza a ação dos fluidos salutares e os repele. É deste fluido que é necessário desembaraçar-se; ora, um mau fluido não pode ser repelido por um mau fluido. Por uma ação idêntica à de um médium curador, no caso de doença, é necessário expulsar o fluido mau com a ajuda de um fluido melhor.  
  
Isto é a ação mecânica, mas que nem sempre basta; é necessário também, e sobretudo, agir sobre o ser inteligente com o qual é preciso ter o direito de falar com autoridade, e esta autoridade não é dada senão pela superioridade moral; quanto maior é esta, tanto maior é a autoridade. Ainda não é tudo: para assegurar a libertação, é necessário levar o Espírito perverso a renunciar aos seus maus desejos; é preciso fazer nascer nele o arrependimento e o desejo do bem, com a ajuda de instruções habilmente dirigidas, nas evocações particulares feitas com vista à sua educação moral; então pode-se ter a doce satisfação de livrar um encarnado e converter um Espírito imperfeito.  
  
A tarefa se torna mais fácil quando o obsidiado, compreendendo a sua situação, traz o seu concurso de vontade e de prece; assim não o é quando este, seduzido pelo Espirito enganador, se ilude sobre as qualidades de seu dominador, e se compraz no erro em que este último o mergulha; porque, então, longe de secundar, ele repele toda a assistência. É o caso da fascinação, sempre infinitamente mais rebelde do que a mais violenta subjugação. (O Livro dos Médiuns, cap. XXIII). Em todos os casos de obsessão, a prece é o mais poderoso auxiliar para agir contra o Espírito obsessor.  
  
47. -Na obsessão, o Espírito age exteriormente com a ajuda de seu perispírito, que ele identifica com o do encarnado; este último se encontra então como numa rede e constrangido a agir contra a sua vontade. Na possessão, em lugar de agir exteriormente, o Espírito livre se substitui, por assim dizer, ao Espírito encarnado; faz eleição de domicílio em seu corpo, sem, contudo, que este o deixe definitivamente, o que não pode ocorrer senão na morte. A possessão é, pois, sempre temporária e intermitente, porque um Espírito desencarnado não pode tomar definitivamente o lugar de um Espírito encarnado, tendo em vista que a união molecular do perispírito e do corpo não se opera senão no momento da concepção. (Cap. XI, n818).  
  
O Espírito, na posse momentânea do corpo, dele se serve como de seu próprio; fala por sua boca, vê pelos seus olhos, age com os seus braços, como o faria quando vivo. Não e mais como na mediunidade falante, onde o Espírito encarnado fala transmitindo o pensamento de um Espírito desencarnado; é este último, ele mesmo, quem fala e age, e se foi conhecido quando vivo, será reconhecido pela sua linguagem, pela sua voz, pelos seus gestos e até pela expressão de sua fisionomia.  
  
48. - A obsessão é sempre o fato de um Espírito malfazejo. A possessão pode ser o fato de um bom Espirito que quer falar e, para fazer mais impressão sobre os seus ouvintes, empresta o corpo de um encarnado, que este lhe empresta voluntariamente, como empresta a sua roupa. Isto se faz sem nenhuma perturbação ou mal-estar, e, durante esse tempo, o Espírito se encontra em liberdade, como no estado de emancipação, e, o mais frequentemente, se coloca ao lado de seu substituto para escutá-lo.  
  
Quando o Espírito possuidor é mau, as coisas se passam de outro modo; ele não empresta o corpo, dele se apodera se o titular não tem força moral para lhe resistir. Fá-lo por maldade contra este, que tortura e martiriza de todas as maneiras, até querer fazê-lo perecer, seja por estrangulamento, seja empurrando-o para o fogo ou outros lugares perigosos. Servindo-se dos membros e dos órgãos do infeliz paciente, blasfema, injuria e maltrata aqueles que o cercam; entrega-se a excentricidades e atos que tem todos os caracteres da loucura furiosa.  
  
Os fatos deste gênero, em diferentes graus de intensidade, são muito numerosos, e muitos dos casos de loucura não têm outra causa. Frequentemente, a isso se juntam desordens patológicas que não são senão consecutivas, e contra as quais os tratamentos médicos são impotentes, enquanto subsiste a causa primeira. O Espiritismo, fazendo conhecer esta fonte de uma parte das misérias humanas, indica o meio de remediá-las: o meio é agir sobre o autor do mal que, sendo um ser inteligente, deve ser tratado pela inteligência.  
  
49. -A obsessão e a possessão, o mais frequentemente, são individuais, mas, às vezes, são epidêmicas. Quando uma nuvem de maus Espíritos se abate sobre uma localidade, é como quando uma tropa de inimigos vem invadi-la. Neste caso, o número de indivíduos atingidos pode ser considerável.**

**10 - Alerta - Joanna de Ângelis - pág. 23**

**4. OBSESSÃO E JESUS  
A idéia enfermiça, sem contornos definidos alcança os painéis mentais, sutilmente. Aceita, desenvolve características, apresenta-se com maior riqueza de detalhes, estabelece o contato através do qual se originam as penosas fixações, lamentáveis quão perniciosas. .   
Se recusada, apaga-se em névoa diluente para repetir-se com maior intensidade até alcançar correspondente vibratório na mente receptora, que passa, a largo prazo, a submeter-se ao impositivo que termina por dominar. . .  
  
A obsessão é enfermidade generalizada, que grassa entre os homens, em decorrência do comércio psíquico, infeliz quão desesperador.  
Desde que o agente obsessivo é persistente no plano negativo a que se afervora, este muda de técnica toda vez que repudiado, mantendo rigoroso cerco em torno de quem lhe padece a influência, até dobrar a vontade resistente, caso esta não se fortaleça nos valores morais e espirituais que constituem defesa e vitalidade contra essa terrível chaga devastadora.  
  
Mentes viciadas com mais facilidade aceitam as sugestões morbíficas que lhes são insufladas dentro do campo em que melhor se expressam: desconfiança, ciúme, ódio, desvario sexual, dependência alcoólica ou toxicômana, gula, maledicência. . .Temperamentos arredios, suspeitosos, são mais acessíveis em razão de melhor agasalharem as induções equivalentes, que se lhes associam em forma de perfeita sintonia.  
  
Caracteres violentos, apaixonados, mais fortemente se fazem maleáveis em decorrência do espírito rebelde que nesse corpo habita, dissimulando as chispas que lhes acendem as labaredas do incêndio interior, a exteriorizar-se como fogaréis destruidores. . .  
Personalidades ociosas são mais susceptíveis em razão da mente vazia sempre acolher o que lhe apraz, deixando-se conduzir pela personalidade dos seus afins desencarnados.  
  
Desnecessário reafirmar que, não apenas além-da-morte, se encontram os perturbadores, desde que a obsessão campeia, igualmente, entre os transeuntes do corpo, obedecendo ao mesmo processo de sintonia mental, por cultivo das mesmas paixões inferiores. A ação do pensamento otimista e sadiamente operante; o labor fraternal de solidariedade; a preocupação edificante em favor do próximo; os serviços humílimos ou grandiosos a benefício dos outros; o interesse honesto pelo bem-estar alheio constituem a terapia preventiva quanto curadora contra a obsessão.  
  
A prece — o hábito de orar —, gerando um clima de paz; a leitura elevada, que cria clichês psíquicos superiores; a meditação em torno das questões enobrecedoras da vida; o diálogo edificante impedem qualquer intercâmbio perturbante, verdadeiros antídotos que se fazem à obsessão, por constituírem meios de elevação vibratória na qual não vigem as interferências maléficas, as parasitoses e as vampirizações prejudiciais que somente têm curso em faixas mentais semelhantes.  
  
Ademais, o exercício de tais métodos libera qualquer tombado nas malhas apertadas da alienação obsessiva de perniciosos efeitos na Terra.. Na condição de Terapeuta Divino prescreveu Jesus, contra os flagelos da obsessão: "Fazer ao próximo somente o que desejar que este lhe faça", porquanto, assim procedendo, o amor que nos dedicamos a nós mesmos, automaticamente se dilatará em relação ao nosso próximo, desfazendo as matrizes do mal que ainda se demoram fixadas em muitos dos seres que pululam em torno da Terra, ao mesmo tempo auxiliando-os a despertarem para o bem e para a felicidade.  
  
  
14 - Cartas e crônicas -Irmão X - pág. 39**

**8. OBSESSÃO PACÍFICA  
Quando encontrei o meu amigo Custódio Saquarema na Vida Espiritual, depois da efusão afetiva de companheiros separados desde muito, a conversa se dirigiu naturalmente para comentários em torno da nova situação. Sabia Custódio pertecente a família espírita e, decerto, nessa condição, teria ele retirado o máximo de vantagens da existência que vinha de largar. Pensando nisso, arrisquei uma pergunta, na expectativa de sabê-lo com excelente bagagem para o ingresso em estâncias superiores.**

**Saquarema, contudo, sorriu, de modo vago, e informou com a fina autocrítica que eu lhe conhecia no mundo: — Ora, meu caro, você não avalia o que seja obsessão disfarçada, sem qualquer mostra exterior. Terra me devolveu para cá, na velha base do «ganhou mas não leva». Ajuntei muita consideração e muito dinheiro; no entanto, retorno muito mais pobre do que quando parti, no rumo da reencarnação...  
  
Percebendo que não me dispunha a interrompê-lo, continuou:— Você não ignora que renasci num lar espírita, mas, como sucede à maioria dos reencarnados, trazia comigo, jungidos ao meu clima psíquico, alguns sócios de vícios e extravagâncias do passado, que, sem o veículo de carne, se valiam de mim para se vincularem às sensações do plano terrestre, qual se eu fora uma vaca, habilitada a cooperar na alimentação e condução de pequena família. .. Creia que, de minha parte, havia retomado a charrua física, levando excelente programa de trabalho que, se atendido, me asseguraria precioso avanço para as vanguardas da luz.**

**Entretanto, meus vampirizadores, ardilosos e inteligentes, agiam à socapa, sem que eu, nem de leve, lhes pressentisse a influência... E sabe como? \_ ?... — Através de simples considerações íntimas — prosseguiu Saquarema, desapontado. — Tão logo me vi saído da adolescência, com boa dose de raciocínios lógicos na cabeça, os instrutores amigos me exortaram, por meus pais, a cultivar o reino do espírito, referindo-se a estudo, abnegação, aprimoramento, mas, dentro de mim, as vozes de meus acompanhantes surgiam da mente, como fios dágua fluindo de minadouro, propiciando-me a falsa idéia de que eu falava comigo mesmo:**

**«Coisas da alma, Custódio? Nada disso. A sua hora é de juventude, alegria, sol... Deixe a filosofia para depois...» Decorrido algum tempo, bacharelei-me. As advertências do lar se fizeram mais altas, conclamando-me ao dever; entretanto, os meus seguidores, até então invisíveis para mim, revidavam também com a zombaria inarticulada: «Agora? Não é ocasião oportuna. De que maneira harmonizar a carreira iniciante com assuntos de religião? Custódio, Custódio!... Observe o critério das maiorias, não se faça de louco!...» Casei-me e, logo após, os chamados à espiritualização recrudesceram, em torno de mim.**

**Meus solertes exploradores, porém, comentaram, vivazes: «Não ceda, Custódio! E as responsabilidades de família? E' preciso trabalhar, ganhar dinheiro, obter posição, zelar por mulher e filhos...» A morte subtraiu-me os pais e eu, advogado e financista, já na idade madura, ainda ouvia os Bons Espíritos, por intermédio de companheiros dedicados, requisitando-me à elevação moral pela execução dos compromissos assumidos; todavia, na casa interna se empoleiravam os argumentos de meus obsessores inflexíveis: «Custódio, você tem mais que fazeres. .. Como diminuir os negócios? E a vida social? Pense na vida social. ..Você não está preparado para seara de fé...»**

**Em seguida, meu amigo, chegaram a velhice e a doença, essas duas enfermeiras da alma, que vivem de mãos dadas na Terra. Passei a sofrer e desencantar-me. Alguns raros visitantes de minha senectude, transmitindo--me os derradeiros convites da Espiritualidade Maior, insistiam comigo, esperando que eu me consagrasse às coisas sagradas da alma; no entanto, dessa vez, os gritos de meus antigos vampirizadores se altearam, mais irônicos, assoprando-me sarcasmo, qual se fora eu mesmo a ridicularizar-me: «Você, velho Custódio?! Que vai fazer você com Espiritismo?**

**E' tarde demais. . . Profissão de fé, mensagens de outro mundo.. . Que se dirá de você, meu velho? Seus melhores amigos falarão em loucura, senilidade. . . Não tenha dúvida. . . Seus próprios filhos interditarão você, como sendo um doente mental, inapto à regência de qualquer interesse econômico. .. Você não está mais no tempo disso...»Saquarema endereçou-me significativo olhar e rematou:  
— Os meus perseguidores não me seviciaram o corpo, nem me conturbaram a mente. Acalentaram apenas o meu comodismo e, com isso, me impediram qualquer passo renovador. Volto da Terra, meu caro, imitando o lavrador endividado e de mãos vazias que regressa de um campo fértil, onde poderia ter amealhado inimagináveis tesouros...**

**Sei que você ainda escreve para os homens, nossos irmãos. Conte-lhes minha pobre experiência, refira-se, junto deles, à obsessão pacífica, perigosa, mascarada... Diga-lhes alguma coisa acerca do valor do tempo, da grandeza potencial de qualquer tempo na romagem humana!...  
  
Abracei Saquarema, de esperança voltada para tempos novos, prometendo atender-lhe a solicitação. E aqui lhe transcrevo o ensinamento pessoal, que poderá servir a muita gente, embora guarde a certeza de que, se eu andasse agora reencarnado na Terra e recebesse de alguém semelhante lição, talvez estivesse muito pouco inclinado a aproveitá-la.  
  
17 - Contos desta e doutras vidas - Irmão X - pág. 177**

**38. Decisão nas trevas   
ORGANIZADOR DE OBSESSÕES — Garoa companheiros, atualmente o nosso problema intricado é o Espiritismo. Ensinamentos renovadores em toda parte, horizontes claros na mente humana. ..UM OBSERVADOR DAS TREVAS — Isso mesmo. Verdadeira lástima!  
ORGANIZADOR DE OBSESSÕES — Os espíritas criam atmosfera semelhante à que se conheceu nos tempos do Cristo. Não se conformam à fé expectante dos santuários. Não há meio de isolá-los nas preces inativas. Por mais sugiramos encantamentos com melodias e aromas, rituais e painéis, mais se afastam das seduções magnéticas, atirando-se ao exercício do bem.**

**Ao invés de arcas místicas, preferem tijolos para casas beneficentes. Em vez de se ajoelharem, caminham... Trocam perfumados unguentos por suor desagradável, desde que possam servir aos semelhantes. Quadro igual ao da época de Jesus, em que se realizavam caravanas de socorro aos infelizes, onde os infelizes estivessem. Sabem vocês que tudo isso ocorre em prejuízo nosso, de vez que precisamos das energias do homem, tanto quanto o homem necessita dos recursos do boi. (O gênio das sombras piscou os olhos.) Indispensável encontrar o processo de esmagá-los, destruí-los...  
  
UM OBSESSOR EXALTADO — Convém a guerra declarada, provocação de recinto em recinto. ..ORGANIZADOR DE OBSESSÕES — Bobagem! Perseguição é benefício aos perseguidos. Deve ser feita apenas em nossa própria família, quando quisermos acordar um companheiro e torná-lo mais vantajoso...UM OBSESSOR VIOLENTO — Pode-se promover o extermínio de todos eles... Desastres, envenenamentos ... Um veículo motorizado é a morte de galochas, um medicamento mal dosado patrocina a desencarnação por descuido...  
  
ORGANIZADOR DE OBSESSÕES — Morte assim não resolve. (Sorriu, brejeiro.) Vocês sabem que desde a crucificação de Jesus não valem vítimas públicas. Vítimas são cartazes de propaganda para as idéias que representam. Que adiantaria retirar essa gente do corpo físico ? Engrossaria aqui a fileira dos que nos combatem. Imperioso inventar diferentes empresas de anulação. UM MALFEITOR RECRUTA — Penso que seria ótimo se conseguíssemos formar falanges e falanges de obsessores, capazes de invadir os lares e as instituições espíritas, gerando a loucura em massa.  
  
ORGANIZADOR DE OBSESSÕES — Medida contraproducente. As perturbações multiplicadas induziriam os espíritas a mais amplos estudos e observações dos princípios que abraçam... E vocês não desconhecem que o Espiritismo, quanto mais observado, mais luz fornece ao pensamento... Ora, é claro que a luz não nos permite o serviço da sombra... UM OBSESSOR CONFUSIONISTA — Será possível engenhar novos truques, novas mistificações. ..  
  
ORGANIZADOR DE OBSESSÕES — Tolice! Isso traria mais estudo... UM MALFEITOR ANTIGO — Calúnias e discórdias, críticas e escárnios nunca foram empregados em vão...ORGANIZADOR DE OBSESSÕES — Tudo isso é técnica superada. O povo em si quer rendimento de boas obras. Toda pessoa injuriada vence facilmente essas tramóias, desde que se conserve trabalhando... UM OBSESSOR FABRICANTE DE DÚVIDAS — A melhor providência seria, decerto, a dúvida. As maiores cerebrações caem pela incerteza, imitando árvores poderosas quando sufocadas pela erva-de-passarinho...**

**Procuremos atrasar o passo dos espíritas, instilando-lhes a vacilação em matéria de fé... Bastará um tanto mais de trabalho em nossas organizações e desconfiarão da Providência Divina e da imortalidade da alma, acabando com a mediunidade e arquivando as doutrinas pregadas por eles mesmos...ORGANIZADOR DE OBSESSÕES — A idéia é interessante, mas o tiro sairia pela culatra. Sobrariam aqueles de ânimo inquebrantável que, estimulados pela dúvida, se decidiriam por mais ampla incursão nos domínios da realidade e, quando se pronunciassem, depois de mais amplas visões da vida, atrairiam multidões contra o nosso próprio esforço.  
  
UM VAMPIRIZADOR EXPERIENTE — Tenho um projeto que me parece viável. Será fácil treinar alguns milhares de companheiros para a hipnose em larga escala e faremos que os espíritas se acreditem santos de carne e osso. Mobilizaremos legiões de amigos nossos que lhes assoprem lisonja ao coração, ocupando a mediunidade, seja na palavra falada ou escrita, para a sustentação de elogios mútuos. Faremos que se suponham heróis e reis, místicos e fidalgos reencarnados com títulos honoríficos, garantidos nos mundos superiores, como os beatos do tempo antigo se julgavam donos de poltronas cativas no reino dos Céus.**

**Depois dessa primeira fase, estarão dispostos a serem bonzinhos, a viverem na santa paz com todos. Não mais abraçarão problemas; considerarão a análise desnecessária; não estimarão perder a companhia dos desencarnados ou encarnados que os bajulem; ao invés de canseira, a serviço dos outros, mergulharão a existência em meditações no colchão de molas, esperando que os anjos lhes emprestem asas para a ascensão aos Espaços Felizes; usarão o silêncio para que a verdade não os incomode e aproveitarão a palavra, quando se trate de dourar a mentira que os favoreça.  
  
Cada qual, assim, passará a viver entronizado na pequenina corte dos adoradores que lhes mantenham as ilusões. Colocarão considerações terrestres muito acima dos patrimônios espirituais, para não ferirem a claque dos amigos que os incensem; abominarão desgostos e aborrecimentos; nada quererão com discernimento e raciocínio; dirão que o mal será apagado pela bondade de Deus e não se lembrarão de que Deus espera por eles para que o bem triunfe do mal, estirando-se em meditações inoperantes acerca dos milênios vindouros; fugirão do mundo para não perderem a veste imaculada; detestarão qualquer empreendimento que vise a movimentar as ideias espíritas nas praças do mundo, a fim de não sofrerem incompreensões e desgastes...  
  
Em suma, há religiões que possuem santos de pedra ou gesso, mas nós, com a hipnose na base da ação, acabaremos improvisando neles santos de carne e osso por fora, conquanto prossigam na condição de homens e mulheres por dentro... Creio que, desse modo, enquanto estiverem preocupados em preservar a postura e a mascara dos santos, não disporão de tempo algum para os interesses do espírito'...ORGANIZADOR DE OBSESSÕES — Excelente! Excelente! (O Chefe mostrou largo sorriso de satisfação.) Até que enfim! até que enfim!... Mãos à obra!...  
MILHARES DE MALFEITORES E OBSESSORES — Muito bem!... Muito bem!...**

**21 - Depois da morte - Léon Denis - pág.191**

**(...) Sabemos, entretanto, que esse mundo oculto reage constantemente sobre o mundo corpóreo. Os mortos influenciam os vivos, os guiam e inspiram à vontade. Os Espíritos atraem-se em razão de suas afinidades. Os que despiram as vestes carnais assistem os que ainda estão com elas. Estimulam-nos no caminho do bem; porém, mais vezes ainda, nos impelem ao do mal.  
  
Os Espíritos superiores só se manifestam nos casos em que sua presença é útil e pode facilitar o nosso melhoramento. Fogem das reuniões bulhentas e só se dirigem a homens animados de intenções puras. Pouco lhes convêm as nossas regiões obscuras. Desde que podem, voltam para os meios menos carregados de fluidos grosseiros, mas, apesar da distância, não cessam de velar pelos seus protegidos.  
  
Os Espíritos inferiores, incapazes de aspirações elevadas, comprazem-se em nossa atmosfera. Mesclam-se em nossa vida e, preocupados unicamente com o que cativava seu pensamento durante a existência corpórea, participam dos prazeres e trabalhos daqueles a quem se sentem unidos por analogias de caráter ou de hábitos. Algumas vezes mesmo, dominam e subjugam as pessoas fracas que não sabem resistir às suas influências.**

**Em certos casos, seu império torna-se tal que podem impelir suas vítimas ao crime e à loucura. É nesses casos de obsessão e possessão, mais comuns do que se pensa, que encontramos a explicação de numerosos fatos relatados pela História. Há perigo para quem se entrega sem reservas às experimentações espíritas. O homem de coração reto, de razão esclarecida e madura, pode daí recolher consolações inefáveis e preciosos ensinos.**

**Mas aquele que só fosse inspirado pelo interesse material ou que só visse nesses fatos um divertimento frívolo tornar-se-ia fatalmente o objeto de uma infinidade de mistificações, joguete de Espíritos pérfidos que, lisonjeando suas inclinações, seduzindo-o por brilhantes promessas, captariam sua confiança, para, depois, acabrunhá-lo com decepções e zombarias.  
  
É, portanto, necessária uma grande prudência para se entrar em relação com o mundo invisível. O bem e o mal, a verdade e o erro nele se misturam, e, para distingui-los, cumpre passar todas as revelações, todos os ensinos pelo crivo de um julgamento severo. Nesse terreno ninguém deve aventurar-se senão passo a passo, tendo nas mãos o facho da razão.**

**Para expelir as más influências, para afastar a horda dos Espíritos levianos ou maléficos, basta tornar-se senhor de si mesmo, jamais abdicar o direito de verificação e de exame; é bastante procurar, acima de tudo, os meios de se aperfeiçoar no conhecimento das leis superiores e na prática das virtudes. Aquele cuja vida for reta, e que procure a verdade com o coração sincero, nenhum perigo tem a temer. Os Espíritos de luz distinguem, vêem suas intenções, e assistem-no.**

**Os Espíritos enganadores e mentirosos afastam-se do justo, como um exército diante de uma cidadela bem defendida. Os obsessores atacam de preferência os homens levianos que descuram das questões morais e que em tudo procuram o prazer ou o interesse. Laços cuja origem remonta as existências anteriores unem quase sempre os obsidiados aos seus perseguidores invisíveis. A morte não apaga as nossas faltas nem nos livra dos inimigos.**

**Nossas iniquidades recaem, através dos séculos, sobre nós mesmos, e aqueles que as sofreram perseguem-nos, às vezes, com seu ódio e vingança, de além-túmulo. Assim o permite a justiça soberana. Tudo se resgata tudo se expia. O que, nos casos de obsessão e de possessão, parece anormal, iniquo muitas vezes não é senão a consequência das espoliações e das infâmias praticadas no obscuro passado.**

**26 - Estude e viva - Emmanuel e André Luiz - pág. 120, 134, 160**

**Lugar para ela  
Todos nós precisamos da verdade, porque a verdade é a luz do espírito, em torno de situações, pessoas e coisas; fora dela, a fantasia é capaz de suscitar a loucura, sob o patrocínio da ilusão. Entretanto, é necessário que a caridade lhe comande as manifestações para que o esclarecimento não se torne fogo devorador nas plantações da esperança.  
  
Todos nós precisamos da justiça, porque a justiça é a lei, em torno de situações, pessoas e coisas; fora dela, a iniquidade é capaz de premiar o banditismo, em nome do poder. Entretanto, é necessário que a caridade lhe presida as manifestações para que o direito não se faça intolerância, impedindo a recuperação das vítimas do mal.  
  
Todos nós precisamos da lógica, porque a lógica é a razão em si mesma, em torno de situações, pessoas e coisas; fora dela, a paixão é capaz de gerar o crime, à conta de sentimento. Entretanto, é necessário que a caridade lhe inspire as manifestações, para que o discernimento não se converta em vaidade, obstruindo os serviços da educação.  
  
Todos nós precisamos da ordem, porque a ordem é a disciplina, em torno de situações, pessoas e coisas; fora dela, o capricho é capaz de estabelecer a revolta destruidora, sob a capa dos bons intentos. Entretanto, é necessário que a caridade lhe oriente as manifestações para que o método não se transforme em orgulho, aniquilando as obras do bem.  
  
Cultivemos a verdade, a justiça, a lógica e a ordem, buscando a caridade e reservando, em todos os nossos atos, um lugar para ela, porquanto a caridade é a força do amor e o amor é a única força com bastante autoridade para sustentar-nos a união fraternal, sob a raiz sublime da vida pórticos do Espiritismo a divisa inolvidável, destinada a quantos lhe abraçam as realizações e os princípios: - Fora da caridade não há salvação**.

**Em torno da obsessão  
O êxito do pensamento positivo depende do trabalho positivo. O projeto de edifício importante reunirá planos magníficos, hauridos nas mais avançadas práticas da Civilização; no entanto, para que se concretize, reclama o emprego de material adequado, a fim de que a obra não se transfigure em joguete de forças destrutivas.  
  
Numa construção de cimento armado, ninguém se lembrará de colocar varas de madeira em lugar das estruturas de ferro e nem de substituir a pedra britada por taipa de mão. Para que o trabalho se defina dentro das linhas determinadas, as substâncias devem estar nas condições certas e nas posições justas. Idênticos princípios regem o plano da alma.  
  
Se aspiramos ao erguimento de realizações que nos respondam ao elevado gabarito dos ideais, é forçoso selecionar os ingredientes que nos constituem a vida íntima, cultivando o bem nas menores manifestações. Qualquer ação oposta comprometerá a estabilidade da organização que pretendamos efetuar. À vista disso, cogitemos de sanear emoções, idéias, palavras, atitudes e atos, por mínimos que sejam.  
  
Todos nos referimos ao perigo dos agentes do mal que nos ameaçam; no entanto, os agentes do mal apenas dominam onde lhes favoreçamos a intromissão. E a intromissão deles, via de regra, se verifica principiando pela imprudência da brecha ...**

**Hoje, uma queixa; amanhã, um momento de azedume; cedo, uma discussão temerária; mais tarde, uma crise de angústia perfeitamente removível através do serviço; agora, um comentário deprimente; depois, um minuto de irritação; e, por fim, a enfermidade, a delinquência, a perturbação, e, às vezes, a morte prematura.  
  
O desastre grande, quase sempre, é a soma dos descuidos pequenos. Estejamos convencidos de que, nos processos de obsessão, acontece também assim.  
  
Na cura da obsessão  
Reconhecer no obsidiado, seja ele quem for, um familiar doente a quem se deve o máximo de consideração e assistência. Equilibrar a palavra socorredora, dosando consolo e esclarecimento, brandura e energia.  
  
Não desconsiderar as necessidades do corpo ante os desbarates da alma, conjugando os recursos da medicação e do passe, da higiene e da prece. Incluir o trabalho por agente curativo, de acordo com as possibilidades e forças do paciente.  
  
Abolir as sugestões de medo no trato com o obsesso, evitando encorajar ou consolidar o assalto de entidades menos felizes. Tratar os Espíritos perturbados que, porventura, se comuniquem no ambiente do enfermo, não à conta de verdugos e sim na categoria de irmãos credores de assistência e piedade.  
  
Impedir comentários em torno da conversação desequilibrada ou deprimente dos desencarnados infelizes. Policiar modos e frases que exteriorize, convencendo-se de que o obsidiado, não raro, representa, só por si, toda uma falange de Inteligências necessitadas de reconforto e direção, conquanto invisíveis aos olhos comuns.  
  
Evitar suscetibilidades perante supostas ofensas no clima familiar do obsidiado, entendendo que uma obsessão instalada em determinado ambiente assemelha-se, às vezes, a um quisto no corpo, deitando raízes em direções variadas. Compreender ao invés de emocionar-se.  
  
Abster-se de tabus e rituais, cujos efeitos nocivos permanecerão na mente do obsidiado depois da própria cura. Solicitar a cooperação de amigos esclarecidos que possam prestar auxílios ao doente. Controlar-se.  
  
Desinteressar-se com os sucessos da cura, tendo em mente que lhe cabe fazer o bem com discrição e humildade. Ensinar, mas igualmente exercer a caridade, observando que, em muitos casos, o obsidiado e os que lhe compõem a equipe doméstica são pessoas necessitadas até mesmo do alimento comum.  
  
Suprimir, quanto possível, os elementos que recordem tristeza ou desânimo, aflição ou tensão no trabalho que realiza. Não atribuir a si os resultados encorajadores do tratamento, menosprezando a ação oculta e providencial dos Bons Espíritos.  
  
Educar o obsidiado nos princípios espíritas, encaminhando-o a um templo doutrinário em que possa assimilar as lições lógicas e simples do Espiritismo . Socorrer sem exigir.  
  
Amparar o companheiro necessitado, sem propósitos de censura, ainda mesmo que surjam motivos aparentes que o induzam a isso, recordando que Jesus-Cristo, o iniciador da desobsessão sobre a Terra, curava os obsidiados sem ferir ou condenar a nenhum.  
  
  
Na hora da fadiga  
Quando o cansaço te procure no serviço do bem, reflete naqueles irmãos que suspiram pelo mínimo das facilidades que te enriquecem as mãos. Pondera não apenas as dificuldades dos que, ainda em plenitude das forças físicas, se viram acometidos por lesões cerebrais, mas também no infortúnio dos que se acham em processos obsessivos, vinculados às trevas da delinquência.  
  
Observa não somente a tortura dos paralíticos, reclusos em leitos de provação, mas igualmente a dor dos que não souberam entender a função educativa das lutas terrestres e caminham, estrada afora, de coração enrijecido na indiferença.  
  
Considera não apenas o suplício dos que renasceram em dolorosas condições de idiotia, reclamando o concurso alheio nas menores operações da vida orgânica, mas também o perigoso desequilíbrio daqueles que, no fastígio do conforto material, resvalam em ateísmo e vaidade, fugindo deliberadamente às realidades do espírito.  
  
Medita não somente na aflição dos que foram acidentados em desastres terríveis, mas igualmente na angústia dos que foram atropelados pela calúnia, tombando moralmente em revolta e criminalidade, por não saberem assimilar o benefício do sofrimento.   
  
Quando a fadiga te espreite a esfera de ação, pensa naqueles companheiros ilhados em padecimentos do corpo e da alma, a esperarem pelo auxílio, ainda que ligeiro, de teu pensamento, de tua palavra, de tua providência, de tuas mãos...  
  
Se o desânimo te ameaça, examina se o abatimento não será unicamente anseio de repousar antes do tempo, e se te reconheces conscientemente dotado de energias para ser útil, não te confies à inércia ou à lamentação.  
  
Quando a fadiga apareça, recorda que alguém existe, a orientar-te e a fortalecer-te na execução das tarefas que o Alto te confiou; alguém com suficiente amor e poder, a esperar-te os recursos e dons na construção da Vida Melhor... Esse alguém é Jesus, a quem aceitamos por Mestre e que, certa feita, asseverou, positivo, à frente dos seguidores espantados por vê-lo a servir num dia consagrado ao descanso: — «Meu Pai trabalha até hoje e eu trabalho também».  
  
Doenças - fantasmas  
Somos defrontados com frequência por aflitivo problema cuja solução reside em nós. A ele debitamos longas fileiras de irmãos nossos que não apenas infelicitam o lar onde são chamados à sustentação do equilíbrio, mas igualmente enxameiam nos consultórios médicos e nas casas de saúde, tomando o lugar de necessitados autênticos .  
  
Referimo-nos às criaturas menos vigilantes, sempre inclinadas ao exagero de quaisquer sintomas ou impressões e que se tornam doentes imaginários, vítimas que se fazem de si mesmas nos domínios das moléstias-fantasmas.  
  
Experimentam, às vezes, leve intoxicação, superável sem maiores esforços, e, dramatizando era demasia pequeninos desajustes orgânicos, encharcam-se de drogas, respeitáveis quando necessárias, mas que funcionam à maneira de cargas elétricas inoportunas, sempre que impropriamente aplicadas.**

**Atingido esse ponto, semelhantes devotos da fantasia e do medo destrutivo caem fisicamente em processos de desgaste, cujas consequências ninguém pode prever, ou entram, modo imperceptível para eles, nas calamidades sutis da obsessão oculta, pelas quais desencarnados menos felizes lhes dilapidam as forças.  
  
Depois disso, instalada a alteração do corpo ou da mente, é natural que o desequilíbrio real apareça e se consolide, trazendo até mesmo a desencarnação precoce, em agravo de responsabilidade daqueles que se entibiam diante da vida, sem coragem de trabalhar, sofrer e lutar.  
  
Precatemo-nos contra esse perigo absolutamente dispensável. Se uma dor aparece, auscultemos nossa conduta, verificando se não demos causa à benéfica advertência da Natureza.  
  
Se surge a depressão nervosa, examinemos o teor das emoções a que estejamos entregando as energias do pensamento, de modo a saber se o cansaço não se resume a um aviso salutar da própria alma, para que venhamos a clarear a existência e o rumo.  
  
Antes de lançar qualquer pedido angustiado de socorro, aprendamos a socorrer-nos através da auto-análise, criteriosa e consciente.  
Ainda que não seja por nós, façamos isso pelos outros, aqueles outros que nos amam e que perdem, inconsequentemente, recurso e tempo valiosos, sofrendo em vão com a leviandade e a fraqueza de que fornecemos testemunho.  
  
Nós que nos esmeramos no trabalho desobsessivo, em Doutrina Espírita, consagremos a possível atenção a esse assunto, combatendo as doenças-fantasmas que são capazes de transformar-nos em focos de padecimentos injustificáveis a que nos conduzimos por fatores lamentáveis de auto-obsessão.**

**27 - Estudos Espíritas - Joanna de Ângelis - pág.143**

**19 - OBSESSÃO   
CONCEITO — Distúrbio espiritual de longo curso, a obsessão procede dos painéis íntimos do homem, exteriorizando-se de diversos modos, com graves consequências, em fornia de distonias mentais, emocionais e desequilíbrios fisiológicos. Inerentes à individualidade que lhe padece o constrangimento, suas causas se originam no passado culposo, em cuja vivência o homem, desatrelado dos controles morais, arbitrariamente se permitiu consumir por deslizes e abusos de toda ordem, com o comprometimento das reservas de previdência e tirocínio racional.  
  
Amores exacerbados, ódios incoercíveis, dominação absolutista, fanatismo injustificável, avareza incontrolável, morbidez ciumenta, abusos do direito como da força, má distribuição de valores e recursos financeiros, aquisição indigna da posse transitória, paixões políticas e guerreiras, ganância em relação aos bens perecíveis, orgulho e presunção, egoísmo nas suas múltiplas facetas são as fontes geratrizes desse funesto condutor de homens, que não cessa de atirá-los nos resvaladouros da loucura, das enfermidades portadoras de síndromes desconhecidas e perturbantes do suicídio direto ou indireto que traz novos agravamentos àquele que se lhe submete, inerme, à ação destrutiva.  
  
Parasita pertinaz, a obsessão se constitui de toda idéia que se fixa de fora para dentro — como na hipnose, por sugestão consciente ou não, como pela incoercível persuasão de qualquer natureza a que se concede arrastar o indivíduo. Ou, de dentro para fora, pela dominadora força psíquica que penetra e se espraia, no anfitrião que a agasalha e sustenta, vencendo-lhe as débeis resistências. Originária, às vezes, da consciência perturbada pelas faltas cometidas nas existências passadas, e ainda não expungidas — renascendo em forma de remorsos, recalques, complexos negativos, frustrações, ansiedades —, impõe o auto-supliciamento, capaz, de certo modo, de dificultar novos deslizes, mas ensejando, infelizmente, quase sempre, desequilíbrios mais sérios...  
  
Possuindo o homem os fatores predisponentes para o seu surgimento e fixação (os débitos exarados na mente espiritual culpada), faculta uma simbiose entre as mentes, encarnadas ou desencarnadas, mas de maior incidência na esfera entre o Espírito desatrelado do carro somático e o viandante da névoa carnal, constituindo tormento de larga expansão que, não atendido convenientemente, termina por atingir estados desesperadores e fatais.  
  
Sendo, todavia, a morte, apenas um corolário da vida, em que aquela confirma esta, compreensível é que o intercâmbio incessante prossiga, não obstante a ausência da forma física. Viajando pelo perispírito, veículo condutor das sensações físicas na direção do Espírito e, vice-versa, mensageiro das respostas ou impulsos deste no rumo do soma, esse corpo semimaterial, depositário das forças impregnantes das células, constitui excelente campo plástico de que se utiliza a Lei para os imprescindíveis reajustes daqueles que, por distração ou falta de siso, desrespeito ou abuso, ambição ou impiedade se atrelaram às malhas da criminalidade.  
  
O comércio mental funciona em regime de amplas perspectivas, seja no plano físico, seja nas esferas espirituais; ou reciprocamente.  
Não sendo necessário o cérebro para que a mente continue o seu ministério intelectual, constituindo o encéfalo tão-somente o instrumento de exteriorização física, mentes e mentes ligam-se e se desligam em conúbios contínuos, incessantes, muito mais do que seria de supor-se. O que é normal entre os homens não muda após o decesso corporal.  
  
Há sempre alguém pensando noutrem. O estabelecimento dos contactos como a continuidade deles é que podem dar curso aos processos obsessivos ou lenificadores, consoante seja a fonte emissora. Através da Física Moderna, em ligeiro exame, podemos constatar que, à medida que a matéria foi perquirida, experimentou desagregação, até quase total extinção da idéia de estrutura.  
  
Dos conceitos medievais aos hodiernos, há abismos de conhecimento, viandando da constituição bruta à quintessência. Em consequência, a Terra e tudo que nela se encontra ora se converte em ondas, raios, mentes, energias...Da idéia simples, que insiste, perseverante, à fascinação estonteante, contínua, até à subjugação vencedora, a obsessão é, em nossos dias, o mais terrível flagelo com que se vê a braços a Humanidade...  
  
Espocando em condições próprias, quais cogumelos bravos e venenosos, multiplica-se assustadoramente, conclamando-nos todos à terapêutica imediata, cuidadosa, e a medidas preventivas, inadiáveis, antes que os palcos do mundo se convertam em cenários nefandos de horror e desastre.  
  
DESENVOLVIMENTO — A História é testemunha de obsessões cruéis.  
Atormentados de todo porte desfilaram através dos tempos, vestindo indumentárias masculinas e femininas, em macabros festivais, desde as guerras sanguissedentas a que se entregavam às dominações mefíticas, cuja evocação produz estupor nas mentes desacostumadas à barbárie.  
  
Não somente, todavia, nos recuados tempos do passado. Não há muito, a Humanidade foi testemunha da fúria obsessiva dos apaniguados do racismo hediondo, que nos campos de concentração de diversas nações modernas praticaram os mais selvagens e frios crimes contra o homem e a sociedade, conseqüentemente contra Deus.  
  
Isto porque a obsessão não se desenvolve somente nos chamados meios vis, em que imperam a ignorância, o primitivismo, o analfabetismo, os sofrimentos cruciais. Medra, também, e muito facilmente, entre os que são fátuos, os calculistas e imediatistas, neles desdobrando, em virtude das condições favoráveis da própria constituição espiritual, os sêmens da perturbação que já conduzem interiormente.  
  
Estigma a pesar sobre cabeças coroadas, a medrar em berços de ouro e nácar, a fustigar conquistadores, a conduzir perversos- esteve nos fastos históricos aureolada de poder e ovacionada pela febre da loucura, condecorando homicidas e destruindo-os depois, homenageando bárbaros e destroçando-os, em voragens nas quais se consumiam, em espetáculos inesquecíveis pela aberração de que davam mostras.  
  
Ferrete cravado em todos aqueles que um dia se mancomunaram com o crime, aparece nas mentes e corpos estiolados, arrebentando-se em expressões teratológicas dolorosas, exibindo as feridas da incúria e da alucinação.  
  
Não apenas no campo psíquico a obsessão desarticulou, no passado, heróis e príncipes, dominadores e dominados, mas, também, nas execrações físicas de que não se podiam furtar os criminosos, jugulando-os às jaulas em que se fazia necessário padecerem para resgatar.  
  
Hoje, em pleno século da tecnologia, em que os valores éticos sofrem desprestígio, a benefício dos valores sem valor, irrompe a obsessão caudalosa, arrastadora, arrancando o homem das estrelas para onde procura fugir, a fim de fixá-lo ao solo que pensa deixar e que se encontra juncado de cadáveres, maculado de sangue, decorrência de suas múltiplas e incessantes desídias.  
  
OBSESSÃO E JESUS — Ensinando mansuetude e renúncia, quando o mundo se empolgava nas luzes de Augusto; precedido pelos arregimentadores da paz e da concórdia, que mergulharam na carne para lhe prepararem o advento, Jesus viveu, todavia, os dias em que a força estabelecia as bases do direito e o homem era lacaio das paixões infrenes, vitimado pelas loucas ambições da prepotência e das guerras...  
  
Embora as luzes do pensamento filosófico de então, a especarem em vários rincões, o ser transitava, ainda, das expressões da selvageria à civilidade, acobertado por vernizes tênues de cultura, em que o orgulho vão mantinha supremacia, dividindo as criaturas em castas e sub-castas, a expensas de preconceitos muito enganosos.  
  
A Sua mensagem de amor, no entanto, sobrepairou além e acima de todas as conceituações que chegaram antes, e a força do Seu verbo, na exemplificação tranquila quão eloquente de que se fez expoente, abalou a pouco e pouco os falsos alicerces da Terra, injetando estrutura salutar e poderosa sobre a qual ergue, há vinte séculos, o Reino da Plenitude...  
  
Nunca se escutara voz que se Lhe semelhasse. Jamais se ouviu canção que transfundisse tal esperança. Outra vez não voltaria o murmúrio sublime de tão comovedora musicalidade...Ninguém que fizesse o que Ele fez. Nenhuma dádiva que suplantasse a que Ele distribuiu.  
  
Pelo tanto que é, tornou-se também o Senhor dos Espíritos, penetrando os meandros das mentes obsidiadas e arrancando de lá as matrizes fixas, por meio das quais os Espíritos impuros se impunham àqueles que lhes estavam jugulados pelos débitos pesados do pretérito.  
  
Não libertou, no entanto, os obsidiados sem lhes impor a necessidade de renovação e paz, por meio das quais encontrariam o lenitivo da reparação da consciência maculada pelas infrações cometidas. Nem expulsou, desapiedadamente, os cobradores inconscientes. Antes entregou-os ao Pai, a Quem sempre exorava proteção, em inigualável atitude de humildade total.  
  
Apesar disso, os que O cercavam, fizeram-se por diversas vezes instrumento de obsessões temporárias, a fim de que pudéssemos compreender, mais tarde, a nossa própria fragilidade, afastando assim pretensões e regimes de exceção. Enérgico ou meigo, austero ou gentil, cônscio da Sua missão, ensinou que a terapêutica mais poderosa contra obsessões e desgraças é a do amor, pela vivência da caridade, da renúncia e da auto-sublimação.  
  
Prevendo o futuro de dores que chegaria mais tarde, facultou-nos o Consolador para que todos que "nele cressem não perecessem, mas tivessem a vida eterna". Enquanto as luzes da cultura parecem esmaecidas pelo sexo em desconcerto, de que se utilizam os Espíritos infelizes para maior comércio com os homens; pelos estupefacientes e alucinógenos em báratro assustador, que facultam mais amplas possibilidades ao conúbio entre os Espíritos dos dois lados da vida.**

**Pela aflição na conquista da posse, que estimula o exercício exagerado de paixões de vário porte; pela fuga espetacular à responsabilidade, que engendra o desrespeito e acumplicia o homem às torpes vantagens da carne ligeira; pela desesperação do gozo de qualquer matiz, que abre as comportas do vampirismo destruidor, o Consolador chega lucilando ao mundo e acenando novos métodos de paz para os que sofrem, e esses sofredores somos quase todos nós. Obsidiados, obsessões, obsessores!**

**Ei-los em toda parte, para quem os pode identificar. Em arremedos de gozadores, padecem ultrizes exulcerações íntimas. Sorrindo, têm a face em esgares. Dominando, se revelam vencidos por incontáveis mazelas que brotam de dentro e se exteriorizam mais tarde em feridas purulentas, nauseantes...  
  
Mais do que nunca, a oração do silêncio e a voz da meditação, no rumo da edificação moral, se fazem tão necessárias! Abrir a mente à luz e o coração ao amor, albergando a família padecente dos homens, de que fazemos parte, é o impositivo do Cristo para todos os que crêem e, especialmente, para os espiritistas, que possuímos os antídotos eficazes contra obsessões e obsessores, com o socorro aos obsidiados e seus perseguidores, sob a égide de Jesus.**

**39 - PLANTÃO DA PAZ - EMMANUEL - PÁG. 82**

**OBSESSÃO VISTA DE CIMA**

**Para mencionar o sofrimento dos amigos espirituais quando impelidos a deixar, temporariamente, o convívio dos entes amados, com moradia transitória na Terra, recorramos às lições vivas da experiência. Mãe abnegada albergava no colo o filho querido..Flor de seu sangue, assegurou-lhe proteção, orvalhando-lhe a vida com as lágrimas de suas dores e de suas alegrias esmaltadas de aflição. Nunca lhe viu tristeza no semblante que não se lhe anuviasse o pensamento.**

**De quantos sacrifícios entreteceu as lides cotidianas, para que o rebento de suas aspirações crescesse feliz, ninguém soube, a não ser a Bondade Divina, no equilíbrio da consciência. Jamais relacionou os sonhos asfixiados no nascedouro para que não lhe faltasse assistência; os pesadelos que lhe enregelavam o coração ao vê-lo abatido; as privações do corpo e da alma, em repetição constante, a fim de que a mais leve sombra não lhe tisnasse o ambiente, os dias atormentados, de cativeiro doméstico, e os plantões noturnos, em solidão e serviço, que ela agredecia aos Céus, para não se lhe apartar do sorriso confiante...**

**Em troca, não lhe pedia nem homenagens, nem tributos, nem o ouro da Terra, nem espetáculos de grandeza. Por toda a retribuição, ao cuidados da existência inteira, rogava-lhe apenas bondade e retidão, de modo a ser cada vez mais digno e mais feliz. O filho, entretanto, bandeando-se para a ilusão, em plenitude do livre arbítrio, resvalou na armadilha da criminalidade, sendo internado, imediatamente, na prisão para o corretivo necessário; e, desde então, ele que se habituara ao tépido arminho de invariável dedicação, conquanto seguido de longe pela ternura materna, passou a receber o trato frio e, por vezes agressivo de carcereiros indiferentes.**

**Reflitamos no martírio das milhares de mãe, afetuosas e devotadas, constrangidas pela força da lei e entregar os filhos estremecidos ao clima afogueante de calabouços e penitenciárias, e compreenderemos, sem palavras, o súplicio dos espíritos generosos, ao verem amigos e companheiros da Terra retidos na grilheta invisível da obsessão.**

**40 - FLORAÇÕES EVANGÉLICAS - JOANNA DE ÂNGELIS- PÁG. 235**

**SEXO E OBSESSÃO**

**Espíritos perturbados em si mesmos reencarnam-se, anatematizados por desequilíbrios físicos e psíquicos que procedem das lembranças negativas e dos erros anteriormente praticados. Espíritos inquietos reemboscam-se na indumentária fisiológica, açulados por falsas necessidades a que se atiraram, impensadamente, nas existências passadas.**

**Espíritos aturdidos recomeçam a experiência carnal sob o guante de paixões que devem superar, e derrapam nas experiências comprometedoras em que mais se infelicitam. Espíritos ansiosos vitalizam as idéias que os atormentam e estabelecem conexões enfermiças com outras mentes, engendrando dramas obsessivos de consequências lastimáveis.**

**Espíritos viciados se recondicionam no corpo somático e se permitem acumpliciamento com outros seres reencarnados, em ultrizes processos de vampirização recíproca, em que desarticulam os centros genésicos, passando a experimentar desditas inenarráveis. Estatísticas eficientes realizadas do lado de cá informam que os processos infelizes da criminalidade e do desespero procedem invariavelmente do ódio.**

**Merece, porém, examinar, que o ódio resulta das frustrações afetivas, das ansiedades incontidas do egoísmo exacerbado, da maledicência sinistra, da ira frequente, das ambições desmedidas, dos amores alucinados que se conjugam em nefandos conciliábulos de imprevisíveis resultados.  
  
Por isso, o amor é fundamental na vida de todos. E por ser o sexo a fonte poderosa que faculta a perpetuação da espécie, entre os homens, invariavelmente vai confundindo nos delineamentos afetivos, como fator essencial para a comunhão, senão o único meio de exteriorização do amor. Diariamente milhões de criaturas mal informadas ou desavisadas, fascinadas pelas ilusões do prazer, arrojam-se a despenhadeiros da loucura, por frustrações e desassossegos sexuais. Sublime campo de experiências superiores normalmente se converte em paul sombrio de miasmas asfixiantes e tóxicos nefastos.  
  
Através dele, todavia, o Espírito que recomeça a caminhada na Terra encontra o regaço materno mãos vigorosas da paternidade, os braços fraternos transformados em asas de socorro, o ósculo da amizade pura e a certeza do reequilíbrio na oportunidade nova, como porta abençoada para a própria redenção.  
  
Não o esqueças propositadamente nos cometimentos humanos em que te encontras. Não o espicaces levianamente, buscando as expressões da violência. Sublima-o pela continência, mediante a correção do comportamento, através da disciplina mental. Não esperes a senectude para que te apresentes sereno.**

**Muitas pessoas idosas expressam amarguras, que decorrem das frustrações coercitivas a que se viram impelidas; outras se caracterizam conduzindo excessivas doses de pudor, após a travessia lamentável pelos perigosos rios do uso desequilibrado, de que se arrependem dolorosamente, descambando para a aversão sistemática; diversas fingem ignorá-lo, após perderem as exigências naturais pelo cansaço e disfunção que a velhice impõe...  
  
Muito males, que não podem ser catalogados facilmente, decorrem de íntimas inquietações nos departamentos do sexo atribulado, desde os dias da juventude...Em razão disso, ama, quanto te permitam as forças. Não esperes, porém, que o ser amado seja compelido a responder-te às aspirações. Provavelmente esse Espírito está vinculado a outro Espírito e chegaste tarde, não te sendo facultado desatrelá-lo das ligações a que se permitiu prender espontaneamente.  
  
Se chegas antes, não o atormentes com exigências, porque é possível que o compromisso dele esteja à frente. Se te aproximas tardiamente e desfazes os laços que já mantém, não fruirás a felicidade, e se impedes que marche na direção das tarefas para as quais reencarnou sofrerás, mais tarde, o travo da desilusão, quando passe o infrene desejo imediato...  
  
Entrega o teu amor à vida e envolve-o nas vibrações da ternura que felicita e dulcifica aquele que ama, quanto o que é amado. Se, todavia, não possuíres forças para o cometimento não te permitas a conjectura de sonhos escravocratas. Antes, ora e roga o socorro do Alto que os anjos guardiães vigilantes te distendam compassivas e bálsamo tranquilizador. O teu íntimo amor resplandecerá um dia, a superação do tormento sexual, em paisagem festa em que o teu Espírito cantará a música da liberdade e da paz. Há mentes ociosas, na Erraticidade, atormentadas e sedentas, vitimadas por paixões que ainda não se aplacaram, que estão realizando incessante comércio obsessivo com os que se permitem, na Terra alucinações sexuais e os desavisos afetivos.**

**Em conúbios terríveis atiram-se com virulência, explorando os centros genésicos dos encarnados e esfacelando neles a esperança e a alegria de viver. Sutilmente instilam os pensamentos depressivos ou açulam falsas necessidades, absorvendo, por processos muito complexos, as expressões do prazer fugidiço e instalando as matrizes de desequilíbrio irreversíveis. Vigia a mente e controla o sexo.  
  
Quando pensamentos inusitados te sombrearem os painéis mentais com idéias infelizes; quando afetos dúlcidos se transformarem nos recessos do teu coração em fornalha de desejos; quando a ternura com que envolves os a quem estimas ou amas se te apresentar ardente ou angustiante; quando passares a sofrer dolorosas constrições na organização genésica, tem cuidado! Certamente estarás obsidiado por outros Espíritos, encarnados de mente vigorosa ou desencarnados infelizes, em trama contínua para te arrojarem nos despenhadeiros da alucinação.**

**Levanta o pensamento a Jesus e a Ele te entrega em regime de total doação, certo de que o Vencedor de todos os embates te ajudará a sair da constrição cruel, encaminhando-te na direção da harmonia. Para tanto, ora e trabalha pelo bem comum, e o bem de todos te oferecerá o lenitivo e a força para a libertação a que aspiras.**

**"Pois do coração procedem maus pensamentos, homicídios, adultérios, fornicações, furtos, falso testemunhos, blasfêmias. Mateus, 15-19.**

**Ide, portanto, meus filhos bem-amados, caminhai sem tergiversações, sem pensamentos ocultos, na rota bendita que tomastes. Ide, ide sempre, sem temor; afastai cuidadosamente tudo o que vos possa entravar a marcha para o objetivo eterno. Cap. XXI, ítem 8.**

**41 - OFERENDA - JOANNA DE ÂNGELIS - PÁG. 131**

**TERAPÊUTICA DESOBSESSIVA**

**Desde que já consegues raciocinar com alguma clareza, após a grande crise psíquica que te conduzia à alucinação ou ao desencanto na depressão infeliz, faz-se indispensável que te revistas de maior soma de vigilância, a fim de que precates contra a recidiva, voltando a cair no lamentável processo de aflição desnecessária. De início evita as cômodas expressões: "não posso", "não suporto fazer isso", "não gosto desta terapèutica", ou outras que levam à fuga da responsabilidade.**

**Valoriza o esforço. A "lei do trabalho" é impositivo divino a que ninguém se pode furtar. Ninguém te indaga se a medicação ser-te-á ou não agradável. Aplicar-te-ão as que se fizerem necessárias à tua recuperação. Desde que estás em condições de logicar, és convidado a cooperar no tratamento, mesmo que o paladar se te afigure momentaneamente amargo, já que será através dele que cobrarás a saúde perdida.**

**Pessoa alguma poderá ir contigo além do lugar onde queiras estacionar. Se não fizeres da tua parte, o que podes e deves realizar, os teus melhores afetos não conseguirão preencher as lacunas dos teus deveres, assumindo o compromisso que só a ti é lícito sofrer. Vigia a mente, que está saindo do letargo ou da exaltação, dependento do tipo de sofrimento que experimentas.**

**És o condutor da tua vida e, portanto, senhor da vontade. Exercitando a mente, esta te atenderá mediante processo natural de sedimentação dos impulsos, da fixação das mensagens que mandas, positivas, a fim de lograres adaptar-te, novamente, aos hábitos, dos quais te afastaste há pouco.**

**Estuda páginas edificantes e otimistas, a fim de que consigas imprimir clichês mentais idealistas que funcionarão como o estímulo de que necessitas. Exercita os membros no trabalho. A praxiterapia te dará motivação para que a "hora vazia" não se te constitua motivo de desfalecimento ou queda nos abismos da desordem mental.**

**Lembra-te dos que sofrem mais e esforça-te pelo recuperar as forças, a fim de os ajudar, mais tarde, agora que conheces por experiência pessoal o significado da alineação transitória. Porfia na prece. Ela dar-te-á alimento espiritual, criando ao teu derredor psicosfera superior, que impedirá a presença ou a insistência do perseguidor desencarnado.**

**Concatena idéias e formula planos edificantes, através dos quais sentirás o alento para te libertares da canga perturbadora. Busca a conversação agradável. O mutismo levar-te-á a um estado de letargia mental, tornando-te presa fácil dos desajustes emocionais. Sê gentil, não implicando por nada ou com ninguém, mesmo que no íntimo te insurjas contra isto ou aquilo.**

**A humildade e a submissão dão valor moral e fazem que granjeies mérito perante a Vida, conseguindo a libertação. Atende à medicação se estiveres sob cuidados especializados, porque a ciência tem a sua inspiração divina a serviço do homem enfermo.**

**Se a fluidoterapia, seja pelo passe, pela água magnetizada, pelo serviço de socorro ao desencarnado que te aflige, é te ofertada, embora tenha reserva para com esta metodologia, ajuda a quem te ajuda, abre-te em aceitação mental, esforçando-te por sintonizar com o labor, a fim de que impregnes das forças com que te socorrem generosamente.**

**Há muitas outras sugestões valiosas que funcionam como terapêutica anti-obsessiva, que não foram referidas e nem aqui poder-se-ia incluir todas. No entanto, estas prescritas, se forem observadas, os resultados felizes se farão com brevidade e a paz volver-te-á em forma de harmonia mental.**

**Disse Jesus: "Àquele que crê tudo é possível", o que podemos interpretar como àquele que se esforça, porque crê, os resultados salutares são possíveis e imediatos.**

**42 - TEMAS DA VIDA E DA MORTE - MANOEL P. DE MIRANDA- PÁG. 153**

**FENÔMENOS OBSESSIVOS**

**As obsessões de ordem espiritual, na qual se expressam, em pugna lamentável, homens e Espíritos, têm curso, normalmente, demorado. Obedecendo, a gêneses que procedem de reencarnações anteriores, traduzem-se por ódios furibundos; amores apaixonados, em situações frustrantes; cobiças exacerbadas; desforços bem programados numa esteira de incidentes que se sucedem sob chuvas de fé e azorragues de loucura.  
  
Em todos os casos, o encarnado possui os condicionamentos que propiciam o nefando intercâmbio que, muitas vezes, não se interrompe com a morte física. Porque a divina justiça se encontra insculpida na consciência da criatura, o delinquente ou réprobo proporciona os recursos predisponentes ou preponderantes para o conúbio devastador.  
  
Preferências iguais assinalam o perseguidor e o perseguido, porque do mesmo nível de evolução moral. Temperamentos fortes, em face das aquisições negativas a que se dedicaram, identidade de interesses mesquinhos, decorrentes da viciação a que se entregaram, facultam ligações de igualdade fluídica, entrelaçando os litigantes no mesmo halo de comunhão, ampliando-se a interdependência na razão direta em que o hospedeiro se entrega ao albergado psíquico, interdependência que sempre, quando não cuidada, termina na osmose parasitária aniquiladora.  
  
Desde que conhecidos e afins psiquicamente, o enfermo encarnado recusa a ajuda que lhe é oferecida, assimilando, prazerosamente, as induções que lhe chegam por via telepática e que incorpora aos hábitos aos quais submete. Quando a perturbação é causada por antagonista que ignora as técnicas de vampirismo — no caso das obsessões simples — fazem-se mais fáceis as psicoterapias libertadoras. Todavia, à medida que evolui o processo desagregador da personalidade, o algoz se adestra em mecanismos controle da vontade da sua vítima, muitas vezes sob orientação de impenitentes perseguidores outros, que comprazem em produzir aflições nos homens.  
  
São, então, armadas ciladas contínuas, e inumeráveis tentações se apresentam, disfarçadas, arrojando os incautos em compromissos mais graves, de lesa consciência, graças aos quais perde os contactos com os possíveis recursos de auxílio que são propiciados pela Providência. Obnubila-se a razão, que se turba, fixando-se nas faixas da vinculação nefasta, não deixando claros mentais para as intuições lenificadoras, nem campo para as recapitulações positivas que dulcificam o sentimento, favorecendo a captação das idéias benéficas.  
  
As obsessões enxameiam por toda parte e os homens terminam por conviver, infelizes, com essas psicopatologias para as quais, fugindo à sua realidade, procuram as causas nos traumas, nos complexos, nos conflitos, pressões sociais, familiares e econômicas, como mecanismo de fuga aos exames de profundidade da gênese real tão devastadora enfermidade.**

**Não negando a preponderância de todos esses fatores que desencadeiam problemas de comportamento psicológico, afirmamos que eles, antes de constituírem causa dos distúrbios são, em si mesmos, efeito de atitudes transatas, que o Espírito imprime na organização fisiopsíquica ao reencarnar-se, porquanto é sempre colocado no grupo familiar com o qual se encontra enredado, por impositivo de ressarcimento de dívidas, para o equilíbrio evolutivo.  
  
Enquanto o homem não for estudado na sua realidade profunda — ser espiritual que é, preexistente ao corpo e a ele sobrevivente -, muito difíceis serão os êxitos da ciência médica, na área da saúde mental. As doenças psíquicas, entre as quais se destacam, pela alta incidência, as obsessões, continuarão ainda a perseguir o homem.  
  
Todo comportamento que se exacerba ou se deprime, exaltando paixões e comandando desregramentos, fomentando ódios e distonias, guardam, na sua raiz, graves incidências obsessivas que merecem cuidados especiais. É indispensável que a compreensão das finalidades da vida comande o pensamento do homem, oferecendo-lhe as seguras diretrizes para precatar-se contra essa epidemia voluptuosa, ao mesmo tempo armando os cultores das ciências da alma com os valiosos instrumentos para a terapia de profundidade, na qual ambos os enfermos — obsessor e obsidiado — sejam amparados, apaziguando-se e produzindo no bem, em favor de si mesmos e da comunidade em geral.  
  
Não desejamos transferir para os Espíritos turbados ou maus as ocorrências desditosas na Terra, isentando os homens da responsabilidade que lhes cabe. Afirmamos que partilham os desencarnados, mais do que se pensa, dos sucessos e acontecimentos humanos negativos, por assimilação e vinculação, nos quais se comprazem os encarnados, que lhes oferecem os meios e a sintonia para que tenham lugar esses fatos reprováveis.**

**É certo que, no sentido inverso, o intercâmbio com as Entidades evoluídas também se faz amiúde, num programa de amor e socorro ao ser humano, como expressão do divino auxílio. Como, todavia, as manifestações mais primárias predominam nas atividades terrestres a incidência se descubra como é, filha de Deus e resolva-se a atender ao chamado paterno, avançando na Sua direção pelas vias do amor.**

**43 - CORRENTEZA DE LUZ - J. RAUL TEIXEIRA (ESPÍRITO CAMILO) - PÁG. 143, 149**

**REUNIÃO DE DESOBSESSÃO**

**Sendo a reunião mediúnica UM SER COLETIVO, como assinala o notável Allan Kardec, não padece dúvida o fato de que todos os componentes das reuniões têm o fato de que todos os componentes das reuniões têm responsabilidades específicas e gerais sobre a sua realização. Embora conheçamos reuniões mediúnicas de diversos matizes, aquela denominada DE DESOBSESSÃO guarda em si peculiaridades que merecem observadas.  
  
O evento mediúnico destinado à desobsessão carecerá de um pugilo de criaturas dispostas ao desempenho, à dedicação, às renúncias variadas, para que o labor alcance o seu desiderato feliz. Não será pelo motivo de ser uma tarefa mediúnica, que todo e qualquer médium, ainda que psicofônico ou psicógrafo, ou vidente ou de outra modalidade qualquer, terá acesso a ela, sem mais nem menos. Sabemos de um sem-número de médiuns, portadores de amplas faculdades, mas que não guardam cuidados com a própria conduta, tornando-se veículos de más comunicações, eivadas dos condicionamentos capazes de perturbar todo o labor.  
  
Desses médiuns descuidados, invigilantes, destacamos aqueles cuja língua é uma verdadeira chibata, pespegando golpes sobre a vida alheia ou tornando o esforço mediúnico da equipe de domínio público, sem atender à discrição que a atividade exige. Não é que haja segredos, mas vale o respeito aos dramas e conflitos dos encarnados quanto dos desencarnados sofredores. Outros médiuns adeptos dos alcoólicos e dos tabacos, do "garfo nervoso" ou da pornografia costumam estabelecer intercâmbio psíquico com Entidades da mesma craveira moral, o que seria transtorno dispensável para o trabalho da desobsessão.  
  
Não é que a reunião deva comportar criaturas santificadas, porque isso seria impraticável. Entretanto, poderão ser encontrados os que, não se comprazendo com tais dislates, lutam pela sua transformação moral, nos esforços por dominar suas más inclinações, como o Codificador define os espíritas verdadeiros. Muitos médiuns, abrasados por perturbações libidinosas, ao invés de se impor peleja de renovação por disciplinar os impulsos de "homem velho", dão vazão aos instintos grosseiros, o que se faz elemento de descompasso, quando no bojo de semelhantes atividades desobsessivas.**

**A reunião de desobsessão é um labor previamente organizado pelos Nobres Mentores do Invisível, quando o grupo se ajusta para isso, pelo fato de os Emissários da Luz não se envolverem com pilhérias ou brincadeiras de indivíduos estúrdios. É comum que nos períodos próximos às reuniões, os Luminares operem aproximações psíquicas das Entidades que serão atendidas em breve com os médiuns, em geral, com esclarecedores, passistas, facilitando com isso o registro mediúnico de mal-estares, incômodos físicos ou morais, em razão de que tudo isso auxilia o atendimento dos companheiros desencarnados, por serem identificadas as suas tormentas íntimas.  
  
Se os participantes desses misteres não têm o devido controle na autodisciplina, se não se aplicam aos estudos sérios e profundos, se não se esmeram na vigilância cotidiana, padecem a penetração desses infortunados irmãos nos seus psiquismos ou sofrem-lhes as ingerências nos elementos à sua volta, que se fazem presas fáceis desses infelizes, com o fito de perturbar os lidadores. O guarnecimento moral, numa vida saudável, é cobertura de luz contra os possíveis efeitos ruinosos dessas enfermiças presenças.  
  
Para os lidadores da desobsessão, torna-se de bom alvitre os continuados estudos da Doutrina Veneranda, dos tipos comunicantes, tanto quanto de si mesmos, a fim de que a cada dia se transformem em mais aptos cooperadores do Cristo, na lide por afugentar as sombras espessas que teimam em fustigar a Humanidade.  
  
Durante os labores desobsessivos os Seareiros do Bem costumam levar para os locais de trabalho aparatos fluídicos, os mais variados, para o atendimento de uma problemas apresentados por desencarnados em tormenta. Muitos sofredores invisíveis têm necessidade de permanecer no mesmo ambiente das reuniões, após a lide formal, sendo inúmeras vezes atendidos de modo mais direto e profundo pelos componentes da equipe, quando desdobrados pelo comum. Razão temos aí para que os lidadores das reuniões de desobsessão não se imiscuam em agitações folguedos desnecessários, depois das tarefas, procurando manter seu íntimo clima de alegria e de paz até o momento de entregar-se ao repouso.  
  
Na certeza de que Cristo não põe sobre os ombros dos Seus colaboradores fardos por eles insuportáveis, abracemos os compromissos da desobsessão com a devida disposição de ajudar, ajudando-nos, para que construamos o Mundo Novo que queremos, cooperando na drenagem desses pântanos de dor moral, que infestam a uma infinidade de seres encarnados e desencarnados, enleados nas malhas das obsessões infelizes.  
  
Dá tua parte de esforço e guarda a certeza de te tornares operário da caridade, sob a fulgurante condução do Excelente Guia da Humanidade, que é Jesus.**

**PENITÊNCIA OBSESSIVA**

**Gravita em torno dos homens essa multidão de testemunhas a acompanhar-lhes os trajetos... Vibram algumas com seus sucessos felizes, locupletando-se outras com o fomento de quedas e dissensões nas existências daqueles que lhes caem nas malhas soezes. É do indivíduo humano o vezo da renitência, da teimosia, quando aconselhado pelo orgulho infelicitador, pela vaidade perturbadora, enfim, pelo egoísmo e seus séquitos, ao revés de ajustar-se à humildade que, em conseguindo abençoar a alma com paz, lhe dá euforia para as atividades do bem, fazendo-a rever os campos minados esperando pela renovação.  
  
Na longa caminhada que os seres devem encetar no panorama evolutivo, não são poucos os que se aglomeram nas praças da inutilidade, das horas vazias, da maledicência francamente desnecessária, dos chamados pequenos vícios, tais como os de pitar, alcoolizar-se socialmente, os das intrigas disfarçadas, os da palavrada portadora de obscenidade, da jocosidade picante que estimula os apetites da licença; ruídos estridentes que se ingerem, à semelhança de verdadeiros tóxicos para a alma, ensejando, desse modo, a agregação de companheiros despegados do corpo somático, que passam a nutrir esses interesses "inocentes", ao mesmo tempo que acham nutrimento nas vibrações levianas, torpes e irresponsáveis, que são liberadas pelos partícipes desses contumazes e estranhos hábitos.  
  
Vivem-se no mundo momentos de tumulto espiritual, quando falanges sombrias investem contra os valores do amor e do bem, atacam os rútilos ensinos do Mestre Jesus, numa atitude enlouquecida de quem deseja, a qualquer preço, apagar da Terra a marca dessa constelação gloriosa dos Servidores do Cristo. Tem-se aí excelente motivação para que os lidadores do Evangelho, os que se alimentam com as fulgurâncias do excelso Espiritismo, nos unamos para refletir o bem em nós mesmos, para que com ele nos fortaleçamos, executando as tarefas, ainda que as mais simples, com bom ânimo e fidelidade.  
  
À frente dessa renitência obsessiva que toma conta dos painéis mentais daqueles que enveredam, invigilantes, por esse submundo de energias viciadas, urge se use de cautela. Aos que entregam à inutilidade os vastos e valiosos recursos de que Deus os dotou, quando poderiam para Deus dirigir-se, utilizando os formidáveis elementos do mundo, ainda fulgem esperanças para o feliz retrocesso, retomando os passos da autodisciplina, com melhor aproveitamento do tempo e dos ensejos que a vida apresenta para a elaboração da saúde moral de que se sente carência.  
  
O que se vê é um processo de pouca vontade para empreender mudanças em si mesmo, fazendo com que cada indivíduo, sem coragem de fazer ainda que sejam pequenos esforços , siga justificando a sua própria perturbação. Mesmo que tenha consciência, a princípio, de que se vale de desculpas inverídicas, o tempo e a continuidade das suas afirmativas vão lhe impondo a certeza de que as suas mentiras são a sua verdade. A fascinação, alicerçada na vaidade e no orgulho, vai minando sempre mais as possibilidades da pessoa, tornando mais enraizados os tormentos obsessivos que, agora, contarão com o caldo tépido das justificativas equivocadas.  
  
Muitos dão preferência ao uso de expressões que bem indicam a sua pouca disposição de transformação superior: "não há nada demais nisso", "todo mundo faz assim", "todo mundo usa isso", enquanto outros preferem: "não sou de ferro", "sou humano ainda", "não sou fanático". Entretanto, surgem os que já se admitem como são, fazendo do seu estado um estado intocável que alimentam afirmando: "comigo é assim...", "quem quiser gostar de mim tem que ser assim", "sou muito bom, mas não me pise no calo...", e seguem desfilando as suas "máximas", mantendo o processo pernicioso de suas renitentes perturbações indefinidamente.  
  
Somente palmilhando os caminhos da operosidade benfeitora, com vontade firme, mantendo a lídima fraternidade, na alegria de viver e na felicidade que promove para os semelhantes, renunciando aos gozos fugidios e desconcertantes, buscando estar em harmonia consigo mesmo, o indivíduo conquistará a chave libertadora para evadir-se das tenazes persistentes, tidas por "coisas à toa", e que não passam de obsessões perigosas, detendo a pessoa indiferente ou irrefletida com relação aos valores reais da existência planetária, ainda que sorrateiras e aparentemente ingênuas.**

**INFLUÊNCIA PARALISANTE**

**Sem desconsiderarmos os casos de patologias que agem sobre os centros da motricidade de certos indivíduos, fazendo-os ancilosados, mencionamos um gênero de perturbação obsessiva, que vem, sem dúvida, dominando companheiros desavisados ou desassisados que, gradualmente, se aprofundam em miasmas infelizes, sem que disso se apercebam. Referimo-nos ao que poderíamos chamar de obsessão anestesiante.  
  
É válida a consideração pelos anestésicos, quando eles representam conquistas abençoadas do progresso do mundo, objetivando o impedimento das dores torturantes. Entretanto, identificamos outros tipos de "substâncias", trabalhadas por psiquismos cruéis e infelicitadores que, quando assimiladas pela alma, têm o poder de detê-la na caminhada para a frente.  
  
Variados têm sido os que se deixam conduzir pelas influências narcóticas de muitas mentes atreladas ao mal ou ao marasmo, do Mundo Invisível, naturalmente desleixados com relação à vigilância íntima, realizando seus afazeres, quando os realizam, como quem se desincumbe de um fardo pesado e difícil, mas não como quem participa do alevantamento espiritual da Humanidade. Encontram-se elementos que se acostumaram a deixar tudo para que seja feito amanhã, quando o dia de hoje pede disposição e não adiamento.  
  
Ninguém pode, em sanidade de consciência, afirmar que estará no corpo somático no dia seguinte. Temos aí, então, maior razão para que não retardemos os labores que têm regime de urgência em nossa pauta de tarefas. Diversos irmãos da Terra, portadores de enorme quota de má vontade ou deixando as próprias mentes mergulhadas na displicência, são envolvidos nos vapores letárgicos, paralisantes, que impedem a continuidade dinâmica da obra sob seus cuidados. Há sempre uma providência que se pode procrastinar.  
  
Surgem problemas a solucionar na esfera de renovação do Espírito, sempre postergados, sem que os companheiros se dêem conta de que poderão estar sendo minados por fluidos anestesiantes da vontade. Uma vez que não puderam impedir que muitas criaturas aceitassem e desejassem servir na Seara do Cristo, Entidades do Além, inimigas do progresso e da luz, que não se dão por vencidas com a primeira perda, fazem com que esses mesmos indivíduos não se movimentem no bem, que tem caráter de premência e que depende tão-somente da boa vontade dos lidadores. Estão no movimento do bem, mas não atuam com o bem, o que é sempre lastimável.  
  
Não fazemos apologia das neuroses da pressa. Não estamos aconselhando desequilíbrios e irreflexão, seriamente comprometedores. Estamos, isto sim, conclamando aos que costumam meditar nas questões da alma, para que não se permitam o amolentamento, a preguiça, a pachorra, em pleno labor de Jesus, quando da Terra inteira se erguem gritos de imensa necessidade de equilíbrio e de paz.  
É importante cuidar do corpo, repousar, quando os trabalhos imponham desgastes. É da Lei Divina. Se o problema é de enfermidade física ou estafa orgânica ou mental, é justo se providencie o devido tratamento.  
  
O que não nos cabe fomentar ou aplaudir é a postura dos que estão sempre esgotados, por pouco ou nada que façam, exigindo largos períodos de estacionamento, e, quando se decidem por algo fazer, demoram sem rendimento positivo, complicam a atividade geral, francamente embriagados por energias anestesiantes que, ameaçadoramente, têm tomado em seu bojo a muitos seareiros irrefletidos, preparando-lhes grandes tormentos de remorsos e angústias para logo mais, quando a hora propícia e ideal para o trabalho do bem já houver passado.  
  
Quando sintas que, não obstante o repouso, não tens ânimo para as leituras e quefazeres edificantes, ou quando a sonolência tornar-se presença comum em suas horas de estudo ou de necessária atenção aos chamados do Infinito, ergue a tua oração e roga dos Benfeitores Celestes o socorro, a assistência de que careças, a fim de te desviares desses dardos morbíficos que se destinam a retardar a ação do bem na Terra, produzindo narcose nos combatentes invigilantes, exatamente porque esse bem, em última análise, é a atuação de Jesus Cristo reafirmando o Seu amor a todos nós, ovelhas desgarradas do Seu rebanho, da esperança e da ação.**

|  |  |
| --- | --- |
| **OCIOSIDADE** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- A mansão Renoir - pág. 168** | **02 - Caminho, verdade e vida - pág. 189** |
| **03 - Cartilha da Natureza - pág. 7, 11, 141** | **04 - Contos e apólogos - pág. 161, 173** |
| **05 - Coragem - pág. 111, 150** | **06 - Espírito e vida - pág. 37** |
| **07 - Há dois mil anos - pág. 32** | **08 - Jesus no lar - pág. 55,159** |
| **09 - Justiça Divina - pág. 166** | **10 - Luz acima - pág. 17** |
| **11 - O céu e o inferno - pág. 367** | **12 - O Evangelho S.o Espiritismo - cap. XXVIII, 4** |
| **13 - O Livro dos Espíritos - q.21, 113, 562, 564, 574, 678** | **14 - Otimismo - pág. 87** |
| **15 - Pérolas do Além - pág. 174, 196** | **16 - Pontos e contos - pág. 221** |
| **17 - Reencarnação e vida - pág. 245** | **18 - Renovar-se e viver - pág. 31** |
| **19 - Revista espírita- 1858, 1865 - pág.169** | **20 - Sem medo de ser feliz** |
| **21 - Roteiro - pág. 87** | **22 - Voltas que a vida dá - pág. 26** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**OCIOSIDADE** **– COMPILAÇÃO**

**02 - Caminho, verdade e vida - Emmanuel - pág. 189**

**87. POR QUE DORMIS?  
"E disse-lhes: Por que estais dormindo? Levantai-vos e orai, para que não entreis em tentação." - Lucas, 22:46  
Nos ensinos fundamentais de Jesus, é imperioso evitar as situações acomodatícias, em detrimento das atividades do bem. O Evangelho de Lucas, nesta passagem, conta que os discípulos "dormiam de tristeza", enquanto o Mestre orava fervorosamente no Horto. Vê-se, pois, que o Senhor não justificou nem mesmo a inatividade oriunda do choque ante as grandes dores.**

**O aprendiz figurará o mundo como sendo o campo de trabalho do Reino, onde se esforçará, operoso e vigilante, compreendendo que o Cristo prossegue em serviço redentor para o resgate total das criaturas. Recordando a prece em Getsemani, somos obrigados a lembrar que inúmeras comunidades de alicerces cristãos permanecem dormindo nas convivências pessoais, nos mesquinhos interesses, nas vaidades efêmeras.**

**Falam do Cristo, referem-se à sua imperecível exemplificação, como se fossem sonâmbulos, inconscientes do que dizem e do que fazem, para despertarem tão-só no instante da morte corporal, em soluções tardios. Ouçamos a interrogação do Salvador e busquemos a edificação e o trabalho, onde não existem lugares vagos para o que seja inútil e ruinoso à consciência.**

**Quanto a ti, que ainda te encontras na carne, não durmas em espírito, desatendendo aos interesses do Redentor. Levanta-te e esforça-te, porque é no sono da alma que se encontram as mais perigosas tentações, através de pesadelos ou fantasias.**

**05 - Coragem - Espíritos diversos - pág. 111, 150**

**35. PARA LIBERTAR-NOS  
A preguiça conserva a cabeça desocupada e as mãos ociosas. A cabeça desocupada e as mãos ociosas encontram a desordem. A desordem cai no tempo sem disciplina. O tempo sem disciplina vai para a invigilância. A invigilância patrocina a conversação sem provisão.**

**A conversação sem proveito entretece as sombras da cegueira de espírito. A cegueira de espírito promove o desequilíbrio. O desequilíbrio atrai o orgulho. O orgulho alimenta a vaidade. A vaidade agrava a preguiça.**

**Como é fácil de perceber, a preguiça é suscetível de desencadear todos os males, qual a treva que é capaz de induzir a todos os erros. Compreendamos, assim, que obsessão, loucura, pessimismo, delinquência ou enfermidade podem aparecer por autênticas fecundações da ociosidade, intoxicando a mente e arruinando a vida.**

**E reconheçamos, de igual modo, que o primeiro passo para libertar-nos da inércia será sempre: trabalhar.**

**Emmanuel**

**48. HORA DIFÍCIL  
Os amigos espirituais auxiliam aos companheiros encarnados na Terra, em toda parte e sempre. Sobretudo, com alicerces na inspiração e no concurso indireto. Serviço no bem do próximo, todavia, será para todos eles o veículo essencial. Contato fraterno por tomada de ligação.**

**Suportarás determinadas tarefas sacrificiais com paciência e, através daqueles que se tem beneficiam do esforço, os Mensageiros da Vida Superior te estenderã apoio imprevisto. Darás tua contribuição no trabalho espontâneo, em campanhas diversas, a favor dos necessitados, e, pelos irmãos que te cercam, oferecer-te-ão esperança e alegria.**

**Visitarás o doente e, utilizando o próprio doente, renovar-te-ão as idéias. Socorrerás os menos felizes, e, por intermédio daqueles que se lhes vinculam pelo destino, descerrar-te-ão, dar-te-ão bondade e simpatia. Ajudarás a criança desprotegida e, mobilizando quantos se lhe interessam pelo destino, descerrar-te-ão vantagens inesperadas.**

**Desculparás ofensas recebidas e, servindo-se dos próprios beneficiários de tua generosidade e tolerância, surpreender-te-ão com facilidades e bênçãos a te enriquecerem as horas. Permaneça o tarefeiro na tarefa que lhe cabe e os Emissários do Senhor encontrarão sempre meios de lhe prestarem assistência e cooperação.**

**Entretanto, eles também, os Doadores da Luz, sofrem, por vezes, a intromissão da hora difícil. Quando o obreiro se deixa invadir pelo desânimo, eis que os processos de intercâmbio entram em perturbação e colapso, de vez que, entorpecida a vontade, o trabalhador descamba para a inércia e a inércia, onde esteja, cerra os canais do auxílio, instalando o deserto espiritual.**

**Emmanuel**

**08 - Jesus no lar - Néio Lúcio - pág. 55,159**

**11. O SANTO DESILUDIDO  
Inclinara-se a palestra, no lar humilde de Cafarnaum, para os assuntos alusivos à devoção quando o Mestre narrou com significativo tom de voz: - Um venerado devoto retirou-se, em definitivo, para uma gruta isolada, em plena floresta, a pretexto de servir a Deus. Ali vivia, entre orações e pensamentos que julgava irrepreensíveis, e o povo, crendo tratar-se de um santo messias, passou a reverenciá-lo com intraduzível respeito.**

**Se alguém pretendia efetuar qualquer negócio do mundo, dava-se pressa em buscar-lhe o parecer. Fascinado pela alheia consideração, o crente, estagnado na adoração sem trabalho, supunha dever situar toda gente em seu modo de ser, com a respeitável desculpa de conquistar o paraíso.  
  
Se um homem ativo e de boa-fé lhe trazia à apreciação algum plano de serviço comercial, ponderava, escandalizado:— Ë' um erro. Apague a sede de lucro que lhe ferve nas veias. Isto é ambição criminosa. Venha orar e esquecer a cobiça. Se esse ou aquele jovem lhe rogava opinião sobre o casamento, clamava, aflito:  
  
— É disparate. A carne está submetendo o seu espírito. Isto é luxúria. Venha orar e consumir o pecado. Quando um ou outro companheiro lhe implorava conselho acerca de algum elevado encargo, na administração pública, exclamava, compungido: — É um desastre. Afaste-se da paixão pelo poder. Isto é vaidade e orgulho. Venha orar e vencer os maus pensamentos.  
  
Surgindo pessoa de bons propósitos, reclamando-lhe a opinião quanto a alguma festa de fraternidade em projeto, objetava, irritadiço:  
— É uma calamidade. O júbilo do povo é desregramento. Fuja à desordem. Venha orar, subtraindo-se à tentação. E assim, cada consulente, em vista da imensa autoridade que o santo desfrutava, se entristecia de maneira irremediável e passava a partilhar-lhe os ócios na soledade, em absoluta paralisia da alma.  
  
O tempo, todavia, que tudo transforma, trouxe ao preguiçoso adorador a morte do corpo físico. Todos os seguidores dele o julgaram arrebatado ao Céu e ele mesmo acreditou que, do sepulcro, seguiria direto ao paraíso. Com inexcedível assombro, porém, foi conduzido por forças das trevas a terrível purgatório de assassinos. Em pranto desesperado indagou, à vista de semelhante e inesperada aflição, dos motivos que lhe haviam sitiado o espírito em tão pavoroso e infernal torvelinho, sendo esclarecido que, se não fora homicida vulgar na Terra, era ali identificado como matador da coragem e da esperança em centenas de irmãos em humanidade.  
  
Silenciou Jesus, mas João, muito admirado, considerou:— Mestre, jamais poderia supor que a devoção excessiva conduzisse alguém a infortúnio tão grande! O Cristo, porém, respondeu, imperturbável:  
  
— Plantemos a crença e a confiança entre os homens, entendendo, entretanto, que cada criatura tem o caminho que lhe é próprio. A fé sem obras é uma lâmpada apagada. Nunca nos esqueçamos de que o ato de desanimar os outros, nas santas aventuras do bem, é um dos maiores pecados diante do Poderoso e Compassivo Senhor.**

**37. O FILHO OCIOSO  
Reportava-se a pequena assembléia a variados problemas da fé em Deus, quando Jesus, tomando a palavra, narrou, complacente: - Um grande Soberano possuía vastos domínios. Terras, rios, fazendas, pomares e rebanhos eram incontáveis em seu reino prodigioso. Vassalos inúmeros serviam-lhe a casa, em todas as direções. Alguns deles nunca se perdiam dos olhos do Senhor, de maneira absoluta de tempos em tempos, visitavam-lhe a residência, ofereciam-lhe préstimos ou traziam-lhe flores de ternura, recebendo novos roteiros de trabalho edificante.**

**Outros, porém, viviam a bel-prazer nas florestas imensas. Estimavam a liberdade plena com declarada indisciplina. Eram verdadeiros perturbadores do vasto império, porquanto, ao invés de ajudarem a Natureza, desprezavam-na sem comiseração. Matavam animais pelo simples gosto da caça, envenenavam as águas para assassinarem os peixes em massa, perseguiam as aves ou queimavam as plantações dos servos fiéis, não obstante saberem, no intimo, que deviam obediência ao Poderoso Senhor.  
  
Um desses servidores levianos e ociosos não regateava sua crença na existência e na bondade do Rei. Depois de longas aventuras na mata, exterminando aves indefesas, quando o estômago jazia farto, costumava comentar a fé que depositava no rico Proprietário de extenso e valioso domínio. Um Soberano tão previdente quanto aquele que soubera dispor das águas e das terras, das árvores e dos rebanhos, devia ser muito sábio e justiceiro — explanava consciente. Sutilmente, todavia, escapava-lhe a todos os decretos.**

**Pretendia viver a seu modo, sem qualquer imposição, mesmo daquele que lhe confiara o vale em que consumia a existência regalada e feliz. Decorridos muitos anos, quando as suas mãos já não conseguiam erguer a menor das armas para perturbar a Natureza, quando os olhos embaciados não mais enxergavam a paisagem com a mesma clareza da juventude, inclinando-se-lhe o corpo, cansado e triste, para o solo, resolveu procurar o Senhor, a fim de pedir-Ihe proteção e arrimo.  
  
Atravessou lindos campos, nos quais os servos leais, operosos e felizes, cultivavam o chão da propriedade imensa e chegou ao iluminado domicílio do Soberano. Experimentando aflitivo assombro, reparou que os guardas do limiar não lhe permitiam o suspirado ingresso, porque seu nome não constava no livro de servidores ativos. Implorou, rogou, gemeu; no entanto, uma das sentinelas lhe observou:  
  
— O tempo disponível do Rei é consagrado aos cooperadores.— Como assim? — bradou o trabalhador imprevidente. — Eu sempre acreditei na soberania e na bondade do nosso glorioso ordenador... O guarda, contudo, redarguiu, sem pestanejar:— Que te adiantava semelhante convicção, se fugiste aos decretos de nosso Soberano, gastando precioso tempo em perturbar-lhe as obras ? O teu passado está vivo em tua própria condição. ..**

**Em que te servia a confiança no Senhor, se nunca vieste a Ele, trazendo um minuto de colaboração a benefício de todos? Observa-se, logo, que a tua crença era simples meio de acomodar a consciência com os próprios desvarios do coração. E o servo, já comprometido pelos atos menos dignos, e de saúde arruinada, foi constrangido a começar toda a sua tarefa, de novo, de maneira a regenerar-se.  
  
O Mestre calou-se, durante alguns momentos, e concluiu: — Aqui temos a imagem de todo ocioso filho de Deus. O homem válido e inteligente que admite a existência do Eterno Pai, que lhe conhece o poder, a justiça e a bondade, através da própria expressão física da Natureza, e que não o visita em simples oração, de quando em quando, nem lhe honra as leis com o mínimo gesto de amparo aos semelhantes, sem o mais leve traço de interesse nos propósitos do Grande Soberano, poderá retirar alguma vantagem de suas convicções inúteis e mortas?  
  
Com essa indagação que calou nos ouvidos dos presentes, o culto evangélico da noite foi expressivamente encerrado  
  
  
09 - Justiça Divina - Emmanuel - pág. 166**

**SIRVAMOS SEMPRE - REUNIÃO PÚBLICA DE 6.11.61 - 1ª PARTE, CAP. vii, 16  
Não apenas nos dias de arrependimento e reparação. Em todas as circunstâncias, o serviço é o antídoto do mal. Caíste na trama de enganos terríveis e arrepiaste caminho, sonhando reabilitar-te. Não desperdices a riqueza das horas, amontoando lamentações. Levanta-te e serve nos lugares onde esparziste a sombra dos próprios erros, e granjearás, na humildade, apoio infalível ao reajuste.**

**Arrostas duros problemas na vida particular. Livra-te do fardo inútil da aflição sem proveito. Reanima-te e serve, no quadro de provações em que te situas, e a diligência funcionará, por tutora prestigiosa, abrindo-te a senda ao concurso fraterno.  
  
Padeces obscura posição no edifício social. Segue imune ao micróbio da inveja. Movimenta-te e serve no anonimato e o devotamento surgir-te-á por luminosa escada à subida. Sofres o assalto de calúnias ferozes.  
  
Esquece a vingança, que seria aviltamento em ti mesmo. Silencia e serve, olvidando as ofensas, e conquistarás, no perdão com atividade no bem, escudo invencível contra os dardos da injúria.  
  
Suportas afrontoso assédio de Espíritos inferiores, inclinando-te à queda na obsessão. Abstém-te da queixa improfícua. Resiste e serve, dedicando-te ao socorro dos que choram em dificuldades maiores, e surpreenderás, na beneficência, o acesso à simpatia e à renovação dos próprios adversários.  
  
Preguiça é ópio das trevas. Os que não trabalham transformam-se facilmente em focos de tédio e ociosidade, revolta e desespero, desequilíbrio e ressentimento, pessimismo e loucura.  
  
Sirvamos sempre. Quem busca realmente servir, nunca dispõe de motivos para se arrepender.**

**13 - O Livro dos Espíritos - Allan Kardec - questões: 21, 113, 562, 564, 574, 678**

**Perg. 21 - A matéria existe desde toda a eternidade, como Deus, ou foi criada por Ele num certo momento?  
- Só Deus o sabe. Há, entretanto, uma coisa que a vossa razão deve indicar: é que Deus, modelo de amor e de caridade, jamais esteve inativo. Qualquer que seja a distância a que possais imaginar o início da sua ação, podereis compreendê-lo um segundo na ociosidade?**

**Perg. 113 - Primeira Ordem - Espíritos puros - primeira classe: Classe única: Percorreram todos os graus da escala e se despojaram de todas as impurezas da matéria. Havendo atingindo a soma de perfeições de que é suscetível a criatura, não têm mais provas nem expiações a sofrer. Não estando mais sujeitos à reencarnação em corpos perecíveis, vivem a vida eterna, que desfrutam no seio de Deus. (...)**

**Perg. 562 - Os Espíritos da ordem mais elevada, nada mais tendo a adquirir, entregam-se a um repouso absoluto ou têm ainda ocupações? - Que querias que eles fizessem por toda a eternidade? A eterna ociosidade seria um suplício eterno.**

**Perg. 574 - Qual pode ser a missão de pessoas voluntariamente inúteis na Terra?  
- Há efetivamente pessoas que só vivem para si mesmas e não sabem tornar-se úteis para nada. São pobres seres que devemos lamentar, porque expiarão cruelmente sua inutilidade voluntária. Seu castigo começa frequentemente desde este mundo, pelo tédio e o desgosto da vida.**

**Perg. 678 - Nos mundos mais aperfeiçoados, o homem é submetido à mesma necessidade de trabalho?  
- A natureza do trabalho é relativa à natureza das necessidades; quanto menos necessidades materiais, menos material é o trabalho. Mas não julgueis, por isso, que o homem permanece inativo e inútil: a ociosidade seria um suplício, ao invés de ser um benefício.**

**21 - Roteiro - Emmanuel - pág. 87**

17 - EVANGELHO E TRABALHO  
  
**A GLORIFICAÇÃO do trabalho é serviço evangélico. Antecedendo a influência do Mestre, a Terra era vasto latifúndio povoado de senhores e escravos. O serviço era considerado desonra. Dominadas pelo princípio da força, as nações guardavam imensa semelhança com as tabas da comunidade primigênia.  
  
O destaque social resultava da caça. Erguiam-se os tronos, quase sempre, sobre escuros alicerces de rapinagem. Os favores da vida pertenciam aos mais argutos e aos mais poderosos. Qualquer infelicidade econômica redundava em compulsório cativeiro.   
  
Trabalho era sinônimo de aviltação. Os espíritos mais nobres, na maioria das vezes, demoravam-se na subalternidade absoluta, suando e gemendo para sustentar o carro purpúreo dos opressores. Em todas as cidades, pululavam escravos de todos os matizes e somente a eles era conferido o dever de servir, como austera punição.  
  
Roma imperial jazia repleta de cativos tomados ao Egito e à Grécia, à Gália e ao Ponto. Só na revolução de Espártaco, no ano de 71, antes da era cristã, foram condenados à morte trinta mil escravos na Via Ápia, cuja única falta era aspirar ao trabalho digno em liberdade edificante. Com Jesus, no entanto, nova época surge para o mundo.  
  
O ministério do Senhor é, sobretudo, de ação e movimento. Levanta-se o Mestre com o dia e devota-se ao bem dos semelhantes pela noite a dentro. Médico — não descansa no auxílio efetivo aos doentes. Professor — não se fatiga, repetindo as lições. Juiz — exemplifica a imparcialidade e a tolerância. Benfeitor — espalha, sem cessar, as bênçãos do amor infinito.  
  
Sábio — coloca a ciência do bem ao alcance de todos. Advogado — defende os interesses dos fracos e dos humildes. Trabalhador divino — serve a todos, sem reclamação e sem recompensa. O exemplo do Cristo é sublime e contagiante. Cada companheiro de apostolado ausenta-se, mais tarde, do comodismo para ajudar e ensinar em seu nome, rasgando horizontes mais vastos à compreensão da vida, em regiões distantes do berço que os vira nascer.  
  
Mais tarde, em Roma, o desejo de auxílio mútuo entre os cristãos atinge inconcebíveis realizações no capítulo do trabalho. Pessoas convertidas ao Evangelho se consagram, inteiramente, ao serviço com o objetivo de amparar os companheiros necessitados. Espalham-se aprendizes da Boa Nova nas atividades da indústria e da agricultura, das artes e das ciências, da instrução e do comércio, da enfermagem e da limpeza pública, disputando recursos para o auxílio aos associados de ideal, na servidão ou na indigência, no sofrimento e nas prisões.**

**Há quem jejue por dois e três dias seguidos, a fim de economizar dinheiro para os serviços de assistência ao próximo, sob a direção do pastor.O trabalho passa, então, a ser interpretado por bênção divina. Paulo de Tarso, transferindo-se da dignidade do Sinédrio para o duro labor do tear, confeccionando tapetes para não ser pesado a ninguém e garantindo, por esse modo, a sua liberdade de palavra e de ação, é o símbolo do cristão que educa e realiza, demonstrando que à claridade do ensino deve aliar-se a glória do exemplo.  
  
E, até hoje, honrando no trabalho digno a sua norma fundamental de ação, o Cristianismo é a força libertadora da Humanidade, nos quadrantes do mundo inteiro.**

|  |  |
| --- | --- |
| **OFENSAS** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- Alerta - pág. 15** | **02 - Ceifa de Luz - pág. 171** |
| **03 - Celeiro de bênçãos - pág. 88** | **04 - Coragem - pág. 56, 138** |
| **05 - De Francisco para você - pág. 232** | **06 - Encontro marcado - pág. 55** |
| **07 - Entre a Terra e o céu - pág. 134** | **08 - Passos da vida - pág. 17** |
| **09 - Pérolas do Além - pág. 176** | **10 - Repositório de sabedoria - pág. 112** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**OFENSAS** **– COMPILAÇÃO**

**01- Alerta - Joanna de Ângelis - pág. 15**

**O teu agressor, talvez, noutra circunstância, levantará a voz em tua defesa. O teu adversário, possivelmente, em situação diferente, será o amigo que te distenderá a mão em socorro.**

**O teu caluniador, quiçá, em posição diversa, virá em teu auxílio. O teu inimigo, certamente, passada a injunção de agora, ser-te-á devotado benfeitor.**

**O teu acusador, superado o transe que o amargura,far-se-á o companheiro gentil da tua jornada. Perdoa-os, portanto, hoje que se voltaram contra tua pessoa, levantando dificuldades no caminho pelo qual avanças.**

**Perdoa as suas ofensas sem impores quaisquer condições, sequer aclarando incompreensões e dirimindo equívocos. O perdão deve assentar-se no esquecimento da ofensa, no repúdio total ao mal, sem exigências.**

**Não sabes como se encontra aquele que se ergue para ferir-te, acusar-te. Ignoras como vive intimamente quem se fez inimigo revel. Desconheces a trama em que tombou o companheiro, a ponto de voltar-se contra ti.**

**Ainda não experimentaste a dolorosa aflição que padece o outro - o que está contrário a ti e te flecha com petardos venenosos, amargurando-te as horas....**

**É certo que nada justifica a atitude inimiga, a posição agressiva, a situação adversária. No entanto, se fosses ele, talvez agisse da mesma forma ou pior.**

**Para evitar que isso te aconteça, exercita o perdão, preparando-te para não tombares na rampa por onde outros escorregaram. Quem perdoa ofensas adquire paz e propicia paz.**

**Quem esquece o mal de que foi vítima, vitaliza o bem de que necessita. Nunca te faças inimigo de ninguém, nem aceites o desafio dos que se te fazem inimigos, sintonizando na faixa deles.**

**Se não conseguires superar a injunção penosa, que os teus inimigos criam, ora por eles e pensa neles com paz no coração. O inimigo é alguém que enfermou...**

**Recorda de Jesus que, mesmo vítima indébita, perdoando, rogou ao Pai que a todos perdoasse, porque "eles não sabiam o que estavam a fazer".**

**02 - Ceifa de Luz - Emmanuel - pág. 171**

**49 - ANTE OFENSAS  
"Porque vos digo que se a vossa justiça não exceder em muito a dos escribas e fariseus, jamais entrareis no Reino dos Céus." — JESUS. (Mateus, 5:20.)  
  
A fim de atender à recomendação de Jesus —"amai-vos uns aos outros como eu vos amei" — , não te colocarás tão-somente no lugar do irmão necessitado de socorro material para que lhe compreendas a indigência com segurança; situar-te-ás também na posição daquele que te ofende para que lhe percebas a penúria da alma, de modo a que lhe estendaso concurso possível.  
  
  
Habitualmente aquele que te fere pode estar nos mais diversos graus de dificuldade e perturbação. Talvez esteja: no clima de enganos lastimáveis dos quais se retirará, mais tarde, em penosas condições de arrependimento; sofrendo a pressão de constrangedores processos obsessivos; carregando moléstias ocultas; evidenciando propósitos infelizes sob a hipnose da ambição desregrada, de que se afastará, um dia, sob os desencantos da culpa; agindo com a irresponsabilidade decorrente da ignorância; satisfazendo a compulsões da loucura ou procedendo sem autocrítica, em aflitivo momento de provação.  
  
Por isso mesmo, exortou-nos Jesus a amar os inimigos e a orar pelos que nos perseguem e caluniam. Isso porque somos inconsequentes toda vez que passamos recibo a insultos e provocações com os quais nada temos que ver.  
  
Se temos o espírito pacificado no dever cumprido, a que título deixar a estrada real do bem, a fim de ouvir as sugestões das trevas nos despenhadeiros do mal? Além disso, se estamos em paz, à frente de irmãos nossos, envolvidos em sombra ou desespero, não seria justo nem humano agravar-lhes o desequilíbrio com reações impensadas, quando os sãos, perante Jesus, são chamados a socorrer os doentes, com a sincera disposição de compreender e servir, aliviar e auxiliar.**

**04 - Coragem - Espíritos Diversos - pág. 56, 138**

**16. SE CRÊS EM DEUS  
Se crês em Deus, por mais te ameacem os anúncios do pessimismo, com relação a prováveis calamidades futuras, conservarás o coração tranquilo, na convicção de que a Sabedoria Divina sustenta e sustentará o equilíbrio da vida, acima de toda perturbação.**

**Se crês em Deus, em lugar nenhum experimentarás solidão ou tristeza, porque te observarás em ligação constante com todo o Universo, reconhecendo que laços de amor e de esperança te identificam com todas as criaturas.**

**Se crês em Deus, nunca te perderás no labirinto da revolta ou da desesperação, ante golpes e injúrias que se te projetem na estrada, porquanto interpretarás ofensores e deliquentes, na condição de infelizes, muito mais necessitados de bondade e proteção que de fel e censura.**

**Se crês em Deus, jornadearás na Terra sem adversários, de vez que, por mais se multipliquem na senda aqueles que te agridam ou menos prezem, aceitarás inimigos e opositores, à conta de irmãos nossos, situados em diferente pontos de vista.**

**Se crês em Deus, jamais te faltarão confiança e trabalho, porque te erguerás, cada dia, na certeza de que dispõe da bendita oportunidade de comunicação com os outros, desfrutando o privilégio incessante de auxiliar e abençoar, entender e servir.**

**Se crês em Deus, caminharás sem aflição e sem medo, nas trilhas do mundo, por maiores surjam perigos e riscos a te obscurecerem a estrada, porquanto, ainda mesmo à frente da morte, reconhecerás que permaneces com Deus, tanto quanto Deus está sempre contigo, além de provação e sombras, limitações e mudanças, em plenitude de vida eterna.**

**Emmanuel**

**44. NA HORA DA PACIÊNCIA  
Quando os acontecimentos surjam convulsionados compelindo-te a seguir para a frente, como se estivesse sob tormenta de fogo... Quandoa manifestação da crueldade te faça estremecer de sofrimento.**

**Quando o assalto das trevas te deixe as forças transidas de aflição... Quando o golpe em teu prejuízo haja partido das criaturas a que mais te afeiçoas...**

**Quando a provação apareça, a fim de demorar-se longo tempo contigo, em função de doloroso burilamento... Quando a ignorância te desafie, ameaçando-te o trabalho.**

**Quando o afastamento de amigos queridos te imponha solidão e desencanto... Quando contratempos e desarmonia no lar te forcem a complicadas travessias de angústia...**

**Quando a tentação te induza à revolta e revide, na hora em que a injúria te cruze os passos...Quando enfim, todas as tuas idéias e aspirações alusivas ao bem se mostrem supostamente asfixiadas pela influência transitória do mal...**

**Então haverás chegado ao teste mais importante do cotidiano, a configurar-se no testemunho da paciência. Saberás desculpar e abençoar, agir e construir em paz nessa preciosa quão difícil oportunidade de elevação, que a experiência te aponta à frente.**

**E não digas que a serenidade expresse fraqueza, ante os cultores da violência, qual se não tivesse brio para a reação necessária, porque é preciso muito mais combatividade interior para dominar-se alguém ao colher ofensas e esquecê-las do que para assacá-las ou devolvê-las, a detrimento do próximo.**

**Capacitemo-nos de que entre agredir e suportar, o equilíbrio e a força de espírito residem com a paciência sempre capaz de aguentar e compreender, servir e recomeçar, incessantemente, o trabalho do bem nas bases do amor para que a vida permaneça, sem qualquer solução de continuidade, em luminosa e constante ascensão.**

**Emmanuel**  
**07 - Entre a Terra e o céu - André Luiz - pág. 134**

**19 - DOR E SURPRESA  
-Júlio! Júlio! comparece, covarde!... - bramia o enfermeiro, possesso.  
E percebendo talvez a simpatia que Amaro nos conquistara, à face da serenidade com que suportava a situação, prosseguiu, invocando, revel: - Comparece para desmascarar o patife que procura comover-nos! Júlio, odeio-te! Mas é necessário apareças! Acusa teu desalmado assassino!...  
  
O Ministro procurava contê-lo, bondoso, mas Silva, como potro indomesticado, gesticulava a esmo e continuava, conclamando:- Júlio!... Júlio!... Sim, Júlio não respondeu à chamada, entretanto, alguém surgiu, surpreendendo-nos a atenção. A irmã Blandina, em pessoa, qual se fora nominalmente intimada, estacou junto de nós. Envolvidos na doce luz que nos banhou, de improviso, aquietamo-nos, perplexos, à exceção de Clarêncio que se mantinha calmo, como se aguardasse semelhante visita.  
  
Depois de saudar-nos, Blandina rogou, humilde:- Irmãos, por amor a Jesus, atendei!... Temos Júlio, sob a nossa guarda. Acha-se doente, aflito... Vossos apelos individuais alteram-lhe o modo de ser... Poderia colocar-se mentalmente ao vosso encontro, contudo, atravessa agora difíceis provas de reajuste... Venho implorar -vos caridade!... Compadecei-vos de quem hoje se esforça por olvidar o que foi ontem para regenerar-se amanhã, com eficiência!...  
  
Havia tanta aflição e tanta ternura naquela rogativa que a vibração do ambiente modificou-se, de súbito. Comecei a entender com mais clareza a trama obscura do romance vivo que abordávamos. Júlio, o menino doente, era o companheiro que voltava na condição de filho do amigo com quem outrora se desaviera... Não pude, porém, alongar divagações, porque Silva, provavelmente revoltado contra a emoção que nos senhoreava o espírito, passou a reclamar, de novo:  
  
- Anjo ou mulher, não lutarei contra o sortilégio! Não lutarei! mas preciso arrojar este bandido ao despenhadeiro que merece por suas deslavadas mentiras!... Que Júlio permaneça no céu ou no inferno, sob a custódia dos arcanjos ou dos demônios, todavia, exijo que a verdade surja, inteira!... Recorro ao testemunho de Lina! que Lina compareça! que ela deponha! Se nos achamos aqui, convocados pelo destino que nos algema uns aos outros, que a pérfida mulher seja ouvida igualmente... Nosso instrutor, assumindo a chefia espiritual do grupo, convidou com energia e brandura:  
  
- Lina encontra-se não longe de nós. Entremos. A determinação foi obedecida. Na penumbra do quarto que já conhecíamos, a segunda esposa de Amaro jazia subjugada pela outra. Enquanto Odila se nos afigurava mais rancorosa e mais dura, Zulmira revelava-se mais abatida. Clarêncio enlaçou Mário, como um pai que recolhe um filho, carinhosamente, e, apontando a enferma, esclareceu, generoso:  
- Amigo, acalma-te! Lina Flores, atualmente, padece na forja da luta e do sacrifício, a fim de recuperar-se.  
  
Apaga a labareda de ódio que te requeima o coração! Deixa que nova compreensão te beneficie a alma ulcerada!... Não nos cabe prejudicar o caminho de quem procura a regeneração que lhe é necessária!... Ante o olhar de Mário, espantadiço e agoniado, o Ministro considerou: - Lina, hoje, com imensas dificuldades, tenta alcançar a altura do casamento digno e, superando tremendos obstáculos, constrói os alicerces da missão de maternidade para a qual se encaminha... Ajudemo-la com as nossas vibrações de compreensão e carinho. Quando amamos realmente, antes de tudo é a felicidade da criatura amada que nos interessa...  
  
Nosso grupo avançou algo mais. Junto de nós, Blandina mantinha-se em prece. O orientador abeirou-se da doente, com atenção respeitosa, e mostrou-lhe o rosto ossudo e triste ao enfermeiro que, ao reconhecê-la, bradou, aterrado: - Zulmira! Zulmira, então, é Lina que volta? O Ministro acariciou-lhe a cabeça e informou, conciso: - Sim, regressou em companhia de Armando, em dolorosas reparações. O consórcio para eles não foi o castelo de flores de laranjeira, mas sim uma associação de interesses espirituais para o trabalho regenerativo. Armando, em luta no plano da vida real para reerguer--se, aceitou o compromisso de reconduzi-la à dignidade feminina, amparando-lhe as angústias silenciosas...  
  
Estupefato, Silva exclamou, cambaleante: - Quer dizer então que Zulmira me traiu duas vezes? - Não te refiras à traição - corrigiu Clarêncio, sem alterar-se -, é imprescindível compreender! Armando, ontem, escutou apelos inferiores, incompatíveis com as responsabilidades de que se via depositário. Hoje, é compelido a responder, embora constrangido, a requisições de natureza edificante, às quais, em verdade, não lhe será lícito fugir. Lina Flores reclama alguém que a recambie ao serviço renovador, a fim de que se habilite a auxiliar Júlio, devidamente. Todos somos devedores uns dos outros.**

**As almas aprimoram-se, grupo a grupo, à maneira de pequenas constelações, gravitando em torno do Sol Magno, Jesus-Cristo!... Como um astro que se distancia do núcleo em que se integra, abandonaste a órbita de velhos companheiros de evolução, caindo, pelas vibrações de afetividade e ódio, no centro de forças em que Leonardo Pires e Lola Ibarruri aguardam-te a precisa cooperação, de modo a se liberarem perante a Lei. Amaro, noutro tempo, separou Zulmira e Júlio, estabelecendo espinheiros dilacerantes entre os dois...   
  
Agora, cabe-lhe reuni-los no carinho familiar, para que na posição de mãe e filho se reajustem na afeição santificadora... Antigamente, isolaste Leonardo da afetuosa assistência de Lola, criando embaraços asfixiantes à própria marcha... Prepara-te na fé para congregá-los, de novo, no templo doméstico, igualmente na condição de filho e mãe, de maneira a se redimirem para a bênção do amor puro... Nossas ações são pesadas na Justiça Divina... Não podemos enganar o Supremo Senhor. Nossos débitos, por isso mesmo, devem ser resgatados, ceitil a ceitil...  
  
A ligeira preleção trouxera-nos enorme proveito. Amaro dobrara a cerviz, revelando-se disposto a obedecer aos ditames de natureza superior, fossem como fossem. Silva, no entanto, não parecia desperto para as verdades que Clarêncio pronunciara. Hipnotizado na contemplação da mulher querida, demonstrava-se indiferente. Depois de fitá-la, absorto, entre o carinho e a aversão, quebrou a quietude que envolvera o recinto, rugindo, desesperado: - Não posso modificar-me, desgraçado de mim!... Odiarei! odiarei a infame que voltou!... Somente a vingança me convém, não quero perdoar! não quero perdoar!...  
  
Novamente enraivecido e inquieto, como fera solta, erguia os punhos cerrados contra a desditosa mulher que jazia no leito, em lastimável prostração. Seu veículo espiritual rodeava-se agora de um halo cinzento-escuro, que despedia raios desagradáveis e perturbantes. Nosso orientador libertou-o da influência magnética com que lhe tolhia as energias. Tão logo se reconheceu sem o controle que lhe sofreava os movimentos, Silva retrocedeu, exclamando: - Não suporto mais! não suporto mais!...E correu para o seio da noite.  
  
Clarêncio recomendou-nos seguir-lhe o passo, enquanto prestaria assistência ao ferroviário e à esposa, em colaboração com Blandina. O enfermeiro, decerto -informou o Ministro prestimoso -, retomaria o corpo denso em aflitivas condições de saúde. Passes anestesiantes deviam favorecê-lo. Não podia lembrar a experiência grave daquela hora. A aventura provocada pela insistência mental dele mesmo era suscetível de perigosas consequências. Num átimo, Hilário e eu achamo-nos ao lado de Silva, que aderia ao envoltório de carne com o automatismo da molécula de ferro, atraída pelo imã. Examinamo-lo, atentamente. O peito arfava-lhe, sibilante.  
  
O coração acusava-se desgovernado, sob o império de insopitável arritmia. De imediato, entramos em ação, sossegando-lhe o campo mental, quanto possível, através de sedativos magnéticos. Ainda assim, apesar dos passes, pelos quais foi completamente envolvido de energias revigoradoras, o moço acordou agoniado, hesitante e trêmulo, como se estivesse fugindo de medonhas tempestades no mundo íntimo. Semi-inconsciente, despendeu vários minutos para identificar-se. O pensamento surgia-lhe atormentado, nebuloso...  
  
Tentou locomover-se, mas não conseguiu. Sentia-se chumbado à cama, quase na situação de um cadáver repentinamente desperto.  
Buscou alinhar recordações, contudo, não pôde. Sabia tão-somente que atravessara grande pesadelo cujas dimensões lhe não cabiam na memória. Suarento, aflito, sentia-se morrer... Instintivamente orou, suplicando a Proteção Divina. Bastou essa atitude dalma para ligar-se, com mais facilidade, aos fluidos restauradores que lhe administrávamos. Pouco a pouco, readquiriu os movimentos livres e levantou-se, ingerindo uma pílula calmante.  
  
Amedrontado, sentou-se no leito e, mergulhando a cabeça nas mãos, falou, sem palavras, de si para consigo: - "Estou evidentemente conturbado. Amanhã, consultarei um psiquiatra. É a minha única solução." Sim - concordei comigo mesmo -, o ódio gera a loucura. Quem se debate contra o bem, cai nas garras da perturbação e da morte. Com semelhante raciocínio, afastei-me. Clarêncio aguardava-nos. Era preciso continuar na lição.  
  
LEMBRETE:**

**1° - Toda ofensa - friamente exumada - é tão exclusivamente um arranhão provocado em nossa vaidade pessoal, alimento para o amor-próprio doentiamente acalentado, um convite para que o nosso orgulho venha a explodir ruidosamente. Roque Jacintho**

**2° - (...) é fruto da ignorância ou, mais propriamente, da ausência de luz espiritual (...) Emmanuel**

**3° - OFENSOR é uma pessoa, que Deus manda de imprevisto, para ver nossa atitude, no ensino de Jesus-Cristo. Fco. C. Xavier**

**Edivaldo Fontana**

|  |  |
| --- | --- |
| **ONDAS** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- A força do pensamento - pág. 26** | **02 - Animismo ou Espiritismo - pág. 75** |
| **03 - Correlações espirito-matéria - pág. 11** | **04 - Mão de luz - pág. 46** |
| **05 - Espírito e Vida - pág. 174** | **06 - Mecanismos da mediunidade - pág. 21, 38, 85** |
| **07 - Metapsiquica humana- pág. 158** | **08 - Nos dominios da mediunidade- pág. 9** |
| **09 - Pão nosso - pág. 45** | **10 - Psi quântico - pág. 39** |
| **11 - Seara dos médiuns - pág. 215** | **12 - Seareiros de volta - pág. 28** |
| **13 - Técnica da mediunidade - pág. 12** | **14 - Universo e vida - pág 91** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**ONDAS** **– COMPILAÇÃO**

**02 - Animismo ou Espiritismo - Ernesto Bozzano - pág. 75**

**(..) "Noutra ocasião, um erro muito mais relevante se produziu. Achava-me eu em Redcar e minha mão transcreveu uma conversação que Miss Summers teria tido com uma pessoa que ela nomeava. Tratar-se-ia de uma entrevista que degenerara em disputa e me foi transmitida parte do diálogo vivíssimo que se travara. Quando me encontrei com Miss Summers, comparámos as notas que ambos tornáramos e eu com surpresa verifiquei que, conquanto Miss Summers se tivesse avistado naquele dia com a pessoa cujo nome ela declinara, a entrevista que degenerara em disputa absolutamente não lhe dizia respeito, nem à pessoa por ela visitada, mas a uma amiga sua e a outro interlocutor.**

**Acontece, porém, que a amiga de Miss Summers a procurara para lhe contar com viva emoção o doloroso incidente que se dera e minha mão transcrevera a narrativa, exagerando-lhe a importância e isso a uma distância de 350 milhas. Eu não conhecia pessoalmente a amiga de Miss Summers, de sorte que esta última ficou profundamente estupefacta ao ver que a disputa de sua amiga fora transmitida em seu próprio nome, interpolada no relato genuíno de uma conversação sua com outra pessoa de negócio."  
  
Esta a exposição de Stead. Quanto ao primeiro erro de transmissão que ele aponta, não vem ao caso discuti-lo, porque, muito pressumivelmente, a razão que lhe atribui Stead é verdadeira. Quanto ao segundo, esse é sem dúvida singular, incomum e enigmático. De todo modo, lembra muito de perto um outro verificado nas experiências do príncipe Wittgenstein, referido no "caso X" da minha monografia sobre "Comunicações mediúnicas entre vivos", onde se assinala que esse príncipe, desejando entrar em relação com a sua "correspondente éspiritual" do costume, orientara o pensamento para o domicílio dela; mas, como a senhora estivesse ausente e na sua casa dormia uma sua irmã, aconteceu que o príncipe, por efeito da "afinidade fluídica" existente entre as duas irmãs, se pôs em relação psíquica com a que , coabitava no mesmo ambiente.**

**Daí vem que esta última narrou ao príncipe um incidente que com ela se dera num baile. Como, porém, o príncipe cria estar em relação com a pessoa que lhe era conhecida, produziu-se uma interferência por autosugestão, que levou a mão do sensitivo a firmar erroneamente a mensagem com o nome daquela que se achava ausente.**

**Ora bem, tudo leva a presumir que análoga interferência havia ocorrido no caso de Stead e, nessa conformidade, se deveria inferir que o seu pensamento, orientado para a residência da sua "correspondente espiritual", no momento em que ela conversava com uma amiga que lhe narrava com emoção viva os pormenores de uma disputa em que se empenhara, deu em resultado que o estado emocional da amiga de Miss Summers repercutisse nas condições de relação psíquica existentes, na ocasião, entre ele e essa senhora, determinando uma perturbação correspondente na transmissão da mensagem, a qual, depois de iniciar-se com uma informação de Miss Summers acerca do resultado de uma entrevista sua, sobre negócios, com um senhor cujo nome ela mencionava, improvisamente se alterou, desde que as "ondas hertzianas da telegrafia sem fio", mediante as quais as duas personalidades espirituais conversavam, foram sobrepujadas por outras "ondas hertzianas" mais potentes, que chegaram a sintonizar-se com as primeiras, em virtude da coexistência, no mesmo ambiente, das duas amigas que conversavam.**

**Assim, esse segundo sistema de "ondas hertzianas", aparfhando notícias da disputa havida, se sobrepôs ao primeiro sistema, com este se amalgamando e confundindo. Por ocasião da conferência de William Stead na sede da "London Spiritual Alliance", empenhou-se entre ele e os ouvintes uma interessante discussão sobre o tema dos erros' intercalados nas suas experiências de comunicações mediúnicas com os vivos, o que lhe forneceu ensejo de referir outros dois casos do'mesmo gênero.**

**Disse ele:"Agora, consenti que eu volte ao problema dos erros. Pode dar-se que se trate de uma imperfeição do que defino como o meu "automático receptor telepático", ou de um defeito dos nervos motores do meu cérebro. Pode dar-se que lhes caiba a culpa, mas julgo bem difícil arquitetar-se uma hipótese de trabalho que se mostre satisfatória. Quando meu filho se achava na Germânia, transmitia, servindo-se da minha mão, muitas informações verídicas, dizendo que partia para determinado país, ou pormenorizando o que fazia no momento.**

**Mas, em meio da mensagem me falava, por exemplo, de um domingo horrivelmente chuvoso durante o qual, obrigado a permanecer em casa, nada tinha para ler, afora uma Bíblia tedesca, o que o levava a lamentar não haver levado bons livros consigo. Eis, porém, que, a seu tempo, vinha a verificar-se que nada disso era exato. O domingo em questão não fora "horrivelmente chuvoso", os dois viajantes nenhum desejo, com efeito, tinham tido de ler e não possuíam nenhuma Bíblia tedesca. (..)**

**06 - Mecanismos da mediunidade -André Luiz - pág. 21, 38, 85  
  
ONDAS E PERCEPÇÕES  
Agitação e ondas - Em seguida a esforços persistentes de muitos Espíritos sábios, encarnados no mundo e patrocinando a evolução, a inteligência do século XX compreende que a Terra é um magneto de gigantescas proporções, constituído de forças atômicas condicionadas e cercado por essas mesmas forças em combinações multiformes, compondo o chamado campo eletromagnético em que o Planeta, no ritmo de seus próprios movimentos, se tipifica na Imensidade Cósmica.  
  
Nesse reino de energias, em que a matéria concentrada estrutura o Globo de nossa moradia e em que a matéria em expansão lhe forma o clima peculiar, a vida desenvolve agitação. E toda agitação produz ondas. Uma frase que emitimos ou um instrumento que vibra criam ondas sonoras. Liguemos o aquecedor e espalharemos ondas caloríficas. Acendamos a lâmpada e exteriorizaremos ondas luminosas. Façamos funcionar o receptor radiofónico e encontraremos ondas elétricas. Em suma, toda inquietação se propaga em forma de ondas, através dos diferentes corpos da Natureza.  
  
Tipos e definições - As ondas são avaliadas segundo o comprimento em que se expressam, dependendo esse comprimento do emissor em que se verifica a agitação. Fina vara tangendo as águas de um lago provocará ondas pequenas, ao passo que a tora de madeira, arrojada ao lençol líquido, traçará ondas maiores. Um contrabaixo lança-las-á muito longas. Um flautim desferi-las-á muito curtas. As ondas ou oscilações eletromagnéticas são sempre da mesma substância, diferenciando-se, porém, na pauta do seu comprimento ou distância que se segue do penacho ou crista de uma onda à crista da onda seguinte, em vibrações mais, ou menos rápidas, conforme as leis de ritmo em que se lhes identifica a frequência diversa. Que é, no entanto, uma onda?  
  
À falta de terminologia mais clara, diremos que uma onda é determinada forma de ressurreição da energia, por intermédio do elemento particular que a veicula ou estabelece. Partindo de semelhante princípio, entenderemos que a fonte primordial de qualquer irradiação é o átomo ou partes dele em agitação, despedindo raios ou ondas que se articulam, de acordo com as oscilações que emite.  
  
Homem e ondas - Simplificando conceitos em torno da escala das ondas, recordemos que, oscilando de maneira integral, sacudidos simplesmente nos elétrons de suas órbitas ou excitados apenas em seus núcleos, os átomos lançam de si ondas que produzem calor e som, luz e raios gama, através de inumeráveis combinações. Assim é que entre as ondas da corrente alternada para objetivos industriais, as ondas do rádio, as da luz e dos raios X, tanto quanto as que definem os raios cósmicos e as que se superpõem além deles, não existe qualquer diferença de natureza, mas sim de frequência, considerado o modo em que se exprimem.  
  
E o homem, colocado nas faixas desse imenso domínio, em que a matéria quanto mais estudada mais se revela qual feixe de forças em temporária associação, somente assinala as ondas que se lhe afinam com o modo de ser. Temo-lo, dessa maneira, por viajante do Cosmo, respirando num vastíssimo império de ondas que se comportam como massa ou vice-versa, condicionado, nas suas percepções, à escala do progresso que já alcançou, progresso esse que se mostra sempre acrescentado pelo patrimônio de experiência em que se gradua, no campo mental que lhe é característico, em cujas dimensões revela o que a vida já lhe deu, ou tempo de evolução, e aquilo que ele próprio já deu à vida, ou tempo de esforço pessoal na construção do destino.**

**Para a valorização e enriquecimento do caminho que lhe compete percorrer, recebe dessa mesma vida, que o acalenta e a que deve servir, o tesouro do cérebro, por intermédio do qual exterioriza as ondas que lhe marcam a individualidade, no concerto das forças universais, e absorve aquelas com as quais pode entrar em sintonia, ampliando os recursos do seu cabedal de conhecimento, e das quais se deve aproveitar, no aprimoramento intensivo de si mesmo, no trabalho da própria sublimação.  
  
Continente do "infra-som"- Ajustam-se ouvidos e olhos humanos a balizas naturais de percepção, circunscritos aos implementos da própria estrutura. Abaixo de 35 a 40 vibrações por segundo, a criatura encarnada, ou que ainda se mostre fora do corpo físico em condições análogas, movimenta-se no império dos "infra-sons", porquanto os sons continuam existindo, sem que disponha de recursos para assinalá-los.  
  
A ponte pressionada por grande veículo ou a locomotiva que avança sobre trilhos agita a porta de residência não distante, porta essa cuja inquietação se comunica a outras portas mais afastadas, em regime de transmissão "infra-som". Nesse domínio das correntes imperceptíveis, identificaremos as ondas eletromagnéticas de Hertz a se exteriorizarem da antena alimentada pela energia elétrica e que, apresentando frequência aumentada, com o emprego dos chamados "circuitos oscilantes", constituídos com o auxílio de condensadores, produzem as ondas da telegrafia sem fio e do rádio comum, começando pelas ondas longas, até aproximadamente mil metros, na medida equivalente à frequência de 300.000 vibrações por segundo ou 300 quilociclos, e avançando pelas ondas curtas, além das quais se localizam as ondas métricas ou decimétricas, disciplinadas em serviço do radar e da televisão.  
  
Em semelhantes faixas da vida, que a ciência terrestre assinala como o continente do "infra-som", circulam forças complexas; contudo, para o Espírito encarnado ou ainda condicionado às sensações do Plano Físico, não existe nessas províncias da Natureza senão silêncio.  
  
Sons perceptíveis - Aumente-se a frequência das ondas, nascidas do movimento incessante do Universo, e o homem alcançará a escala dos sons perceptíveis, mais exatamente qualificáveis nas cordas graves do piano. Nesse ponto, penetraremos a esfera das percepções sensoriais da criatura terrestre, porquanto, nesse grau vibratório, as ondas se transubstanciam em fontes sonoras que afetam o tímpano, gerando os "tons de Tartini" ou "tons de combinação", com efeitos psíquicos, segundo as disposições mentais de cada indivíduo. Eleva-se o diapasão.  
  
Sons médios, mais altos, agudos, superagudos. Na fronteira aproximada de pouco além de 15.000 vibrações por segundo, não raro, o ouvido vulgar atinge a zona-limite. Há pessoas, contudo, que, depois desses marcos, ouvem ainda. Animais diversos, quais os cães, portadores de profunda acuidade auditiva, escutam ruídos no "ultra-som", para além das 40.000 vibrações por segundo. Prossegue a escala ascendente em recursos e proporções inimagináveis aos sentidos vinculados ao mundo físico.  
  
Outros reinos ondulatórios - Salientando-se no oceano da Vida Infinita, outros reinos ondulatórios se espraiam, ofertando novos campos de evolução ao Espírito, que a mente ajustada às peculiaridades do Planeta não consegue perceber. Sigamos através das oscilações mais curtas e seremos defrontados pelas ondas do infravermelho. Começam a luz e as cores visíveis ao olhar humano.  
  
As microondas, em manifestação ascendente, determinam nas fibras intra-retinianas, segundo os potenciais elétricos que lhes são próprios, as imagens das sete cores fundamentais, facilmente descortináveis na luz branca que as sintetiza, por intermédio do prisma comum, criando igualmente efeitos psíquicos, em cada criatura, conforme os estados mentais que a identifiquem.  
  
Alteia-se a ordem das ondas e surgem, depois do vermelho, o alaranjado, o amarelo, o verde, o azul, o anilado e o violeta. No comprimento de onda em que se localiza o violeta, em 4/10.000 de milímetro, os olhos humanos cessam de enxergar; todavia, a série das oscilações continua em progressão constante e a chapa fotográfica, situada na vizinhança do espectro, revela a ação fotoquímica do ultravioleta e, ultrapassando-o, aparecem as ondas imensamente curtas dos raios X, dos raios gama, dirigindo-se para os raios cósmicos, a cruzarem por todos os departamentos do Globo. Semelhantes notas oferecem ligeira idéia da transcendência das ondas nos reinos do Espírito, com base nas forças do pensamento.**

**10 - FLUXO MENTAL  
Partícula elétrica - Por anotações ligeiras, em torno da Microfísica, sabemos que toda partícula se desloca, gerando onda característica naturalmente formada pelas vibrações do campo elétrico, relacionadas com o número atômico dos elementos. Em conjugando os processos termoelétricos e o campo magnético, a Ciência pode medir com exatidão a carga e a massa dos elétrons, demonstrando que a energia se difunde, através de movimento simultâneo, em partículas infra-atômicas e pulsações eletromagnéticas correspondentes.  
  
Informamo-nos, ainda, de que a circulação da corrente elétrica num condutor é invariavelmente seguida do nascimento de calor, formação de um campo magnético ao redor do condutor, produção de luz e ação química. Deve-se o aparecimento do calor às constantes colisões dos elétrons livres, espontaneamente impelidos a se moverem ao longo do condutor, associando a velocidade de transferência ou deslocamento à velocidade própria, no que tange à translação sobre si mesmos, o que determina a agitação dos átomos e das moléculas, provocando aquecimento.  
  
A constituição de um campo magnético, ao redor do condutor, é induzida pelo movimento das correntes corpusculares a criarem forças ondulatórias de imanização. A produção de luz decorre da corrente elétrica do condutor. E a ação química resulta de circulação da corrente elétrica, através de determinadas soluções.  
  
Partícula mental - Em identidade de circunstâncias, apesar da diversidade dos processos, toda partícula da corrente mental, nascida das emoções e desejos recônditos do Espírito, através dos fenômenos íntimos e profundos da consciência, cuja estrutura ainda não conseguimos abordar, se desloca, produzindo irradiações eletromagnéticas, cuja frequência varia conforme os estados mentais do emissor, qual acontece na chama, cujos fótons arremessados em todas as direções são constituídos por grânulos de força cujo poder se revela mais, ou menos intenso, segundo a frequência da onda em que se expressam.  
  
Corrente mental subumana - Nos reinos inferiores da Natureza, a corrente mental restringe-se a impulsos de sustentação nos seres de constituição primária, a começar dos minerais, preponderando nos vegetais e avançando pelo domínio dos animais de formação mais simples, para se evidenciar mais complexa nos animais superiores que já conquistaram bases mais amplas à produção do pensamento contínuo.**

**Em todas as criaturas subumanas, os agentes mentais, na forma de impulsos constantes, são, desse modo, empregados na manutenção de calor e magnetismo, radiação e atividade química nos processos vitais dos circuitos orgânicos, de maneira a sedimentarem, pouco a pouco, os alicerces da inteligência, salientando-se que nos animais superiores os impulsos mentais a que aludimos já se responsabilizam por valioso patrimônio de percepções avançadas.  
  
Função dos agentes mentais - Por intermédio dos agentes mentais ou ondas eletromagnéticas incessantes, temos os fenômenos elétricos da transmissão sináptica ou transmissão do impulso nervoso de um neurônio a outro, fenômenos esses que podem ser largamente analisados nos gânglios simpáticos (quais o oftálmico, o estrelado, o cervical superior, o mesentérico inferior, os lombares), na medula espinhal, após a excitação das fibras aferentes, nos núcleos motores dos nervos óculo-motor comum e motores espinhais.  
  
Podemos, ainda, verificar essa ocorrência nos neurônios motores espinhais, valendo-nos de eletródios intracelulares. Inibindo, controlando, libertando ou distribuindo a força nervosa ou os potenciais eletromagnéticos acumulados pelos impulsos mentais, nas províncias celulares, surpreendemos a coordenação dos estímulos diversos, mantenedores do equilíbrio orgânico, através da ação conduzida dos vários mediadores químicos de que as células se fazem os fabricantes e distribuidores essenciais.  
  
Corrente mental humana - No homem a corrente mental assume feição mais elevada e complexa. No cérebro humano, gabinete da alma erguida a estágios mais nobres na senda evolutiva, ela não se exprime tão-só à maneira de impulso necessário à sustentação dos circuitos orgânicos, com base na nutrição e reprodução. É pensamento contínuo, fluxo energético incessante, revestido de poder criador inimaginável.  
  
Nasce das profundezas da mente, em circunstâncias por agora inacessíveis ao nosso conhecimento, porque, em verdade, a criatura, pensando, cria sobre a Criação ou Pensamento Concreto do Criador. E, após nascida, ei-la - a corrente mental -que se espraia sobre o cosmo celular em que se manifesta, mantendo a fábrica admirável das unidades orgânicas, através da inervação visceral e da inervação somática a se constituírem pelo arco reflexo espinhal, bem como pêlos centros e vias de coordenação superiores.  
  
E, assim, percorre o arco reflexo visceral, vibrando: 1) nas fibras aferentes, cuja tessitura celular ; permanece nos gânglios das raízes dorsais e dos nervos cranianos correspondentes; 2) nas fibras conectoras mielínicas que se originam na coluna intermédio-lateral; 3) nas fibras motoras originadas nos neurônios ganglionares e que terminam nos efetores ou fibras pós-ganglionares.  
  
Acima do nível espinhal, vibra, ainda: 1) na integração pontobulbar em que se hierarquizam reflexos importantes, como sejam os da pressão arterial; 2) no conjunto talâmico e hipotalãmico, em que se mecanizam os reflexos do Espírito; 3) na composição cortical.  
A corrente mental, segundo anotamos, vitaliza, particularmente, todos os centros da alma e, conseqüentemente, todos os núcleos endócrinos e junturas plexiformes da usina física, em cuja urdidura dispõe o Espírito de recursos para os serviços da emissão e recepção, ou exteriorização dos próprios pensamentos e assimilação dos pensamentos alheios.  
  
Campo da aura - Articulando, ao redor de si mesma, as radiações das sinergias funcionais das agregações celulares do campo físico ou do psicossomático, a alma encarnada ou desencarnada está envolvida na própria aura ou túnica de forças eletromagnéticas, em cuja tessitura circulam as irradiações que lhe são peculiares.  
  
Evidenciam-se essas irradiações, de maneira condensada, até um ponto determinado de saturação, contendo as essências e imagens que lhe configuram os desejos no mundo íntimo, em processo espontâneo de auto-exteriorização, ponto esse do qual a sua onda mental se alonga adiante, atuando sobre todos os que com ela se afinem e recolhendo naturalmente a atuação de todos os que se lhe revelem simpáticos.  
  
E, desse modo, estende a própria influência que, à feição do campo proposto por Einstein, diminui com a distância do fulcro consciencial emissor, tornando-se cada vez menor, mas a espraiar-se no Universo infinito.  
  
ONDA MENTAL  
Onda hertziana - Examinando sumariamente as forças corpusculares de que se constituem todas as correntes atômicas do Plano Físico, podemos compreender, sem dificuldade, no pensamento ou radiação mental, a substância de todos os fenômenos do espírito, a expressar-se por ondas de múltiplas frequências. Valendo-nos de idéia imperfeita, podemos compará-lo, de início, à onda hertziana, tomando o cérebro como sendo um aparelho emissor e receptor ao mesmo tempo.  
  
Pensamento e televisão - Recorrendo ainda a recursos igualmente incompletos, recordemos a televisão, cujos serviços se verificam à base de poderosos feixes eletrônicos devidamente controlados. Nos transmissores dessa espécie, é imperioso conjugar a aparelhagem necessária à captação, transformação, irradiação e recepção dos sons e das imagens de modo simultâneo. De igual maneira, até certo ponto, o pensamento, a formular-se em ondas, age de cérebro a cérebro, quanto a corrente de elétrons, de transmissor a receptor, em televisão.  
  
Não desconhecemos que todo Espírito é fulcro gerador de vida onde se encontre. E toda espécie de vida começa no impulso mental. Sempre que pensamos, expressando o campo íntimo na ideação e na palavra, na atitude e no exemplo, criamos formas-pensamentos ou imagens-moldes que arrojamos para fora de nós, pela atmosfera psíquica que nos caracteriza a presença. Sobre todos os que nos aceitem o modo de sentir e de ser, consciente ou inconscientemente, atuamos à maneira do hipnotizador sobre o hipnotizado, verificando-se o inverso, toda vez que aderimos ao modo de ser e de sentir dos outros.  
  
O campo espiritual de quem sugestiona gera no âmbito da própria imaginação os esboços ou planos que se propõe exteriorizar, assemelhando-se, então, à câmara de imagens do transmissor vulgar, em que o iconoscópio, com o jogo de lentes adequadas, focaliza a cena sobre a face sensível do mosaico que existe numa das extremidades dele mesmo, iconoscópio, ao passo que um dispositivo explorador, situado na outra extremidade, fornece um feixe tênue de elétrons ou raio explorador que percorre toda a superfície do mosaico.  
  
Quando o raio explorador alcança a superfície do mosaico, desprende-se deste uma corrente elétrica de potência proporcional à luminosidade da região que está atravessando e, compreendendo-se que a maior ou menor luminosidade dos pontos diversos do mosaico equivale à imagem sobre ele mesmo refletida, perceberemos com facilidade que as variações de intensidade da corrente fornecida pelo mosaico equivalem à metamorfose das cenas em eletricidade, variações que respondem pelas modificações das cores e respectivos semitons.  
  
As imagens arremessadas através do dispositivo de focalização da câmara, atingindo o mosaico, se fazem invisíveis ao olhar comum.  
Nessa fase da transmissão, os vários pontos do mosaico acumulam maior ou menor corrente elétrica, segundo a porção de luz a incidir sobre eles.  
  
Somente depois dessa operação, que prossegue em variadas minudências técnicas, é que a cena passa ao transmissor da imagem, a reconstituir-se, através do cinescópio ou válvula da imagem, no aparelho receptor, válvula essa cujo funcionamento é quase análogo ao do iconoscópio, na transmissão, embora fisicamente não se pareçam.  
  
Células e peças - Com muito mais primor de organização, o cérebro ou cabine de manifestação do Espírito, tanto quanto possamos conhecer-nos, do ponto de vista da estrutura mental, em nossa presente condição evolutiva, possui nas células e implementos que o servem aparelhagens correspondentes às peças empregadas em televisão para a emissão e recepção das correntes eletrônicas, exteriorizando as ondas que lhe são características, a transportarem consigo estímulos, imagens, vozes, cores, palavras e sinais múltiplos, através de vias aferentes e eferentes, nas faixas de sintonia natural. (..)**

**09 - Pão nosso - Emmanuel - pág. 45**

**17 - INTERCESSÃO**

**"Irmãos, orai por nós".- Paulo ( I Tessalonicenses, 5:25)  
Muitas criaturas sorriem ironicamente quando se lhes fala das orações intercessórias. O homem habituou-se tanto ao automatismo teatral que encontra certa dificuldade no entendimento das mais profundas manifestações de espiritualidade. A prece intercessória, todavia, prossegue espalhando benefícios com os seus valores inalterados.**

**Não é justo acreditar seja essa oração o incenso bajulatório à derramar-se na presença de um monarca terrestre a fim de obtermos certos favores. A súplica da intercessão é dos mais belos atos da fraternidade e constitui a emissão de forças benéficas, vão ao objetivo visado por abençoada contribuição de conforto e energia.**

**Isso não acontece, porém, a pretexto de obséquio, mas em consequência de leis justas. O homem custa a crer na influenciação das ondas invisíveis do pensamento, contudo, o espaço que o cerca está cheio de sons que os seus ouvidos materiais não registram; só admite o auxílio tangível, no entanto, na própria natureza física, vêem-se árvores venerandas que protegem e conservam ervas e arbustos, a lhes receberem as bênçãos da vida, sem lhes tocarem jamais as raízes e os troncos.**

**Não olvides os bens da intercessão. Jesus orou por seus discípulos e seguidores, nas horas supremas.**

**11 - Seara dos médiuns - Emmanuel - pág. 215**

**ONDAS - REUNIÃO PÚBLICA DE 4/11/60 - QUESTÃO N° 182**

**Ondas mentais enxameiam por toda parte. Não é necessário te definas em tarefas especiais, nos circulos mediúnicos, para transmitires o pensamento de entidades outras. Particularmente, quando falas, exprimes as inclinações e opiniões de inteligências diversas.**

**Sentes, pensas, ouves, lês e observas e, em qualquer desses estados de alma, assimilas influências alheias. Medita, assim, na função da palavra que despedes. Cada peça verbal pode ser comparada a certo veículo de essências mentais determinadas. A preleção edificante é lâmpada acesa. A conversa maledicente é prato de lama. O reparo confortador é bálsamo de coragem. A indicação caluniosa é poção corrosiva.**

**A nota de fraternidade é injeção de bom ânimo. O gracejo inoportuno é dissolvente da responsabilidade. O registro da compreensão é recurso calmante. A anedota deprimente é coagulante do vício. A frase amiga é copo de água pura. O apontamento pessimista é drágea de veneno.**

**Cada vez que dizes, refletes, a teu modo, alguém ou alguma coisa. Idéias inúmeras de Espíritos encarnados e desencarnados podem fazer ninho em tua boca. A língua, de certa forma, é um alto-falante. Repara a onda que sintonizas.**

**14 - Universo e vida - Espírito Áureo- pág 91**

**14. PROBLEMAS DE SINTONIA  
Na sua feição de aparelhagem eletromagnética, de extrema e delicada complexidade, o ser humano apresenta a singularidade de não poder jamais desligar-se ou ser desligado. Mesmo nas piores condições de monoideísmo, ou despido da roupagem perispirítica, após os dolorosos eventos da segunda morte da forma, e até nas mais ingratas condições de letargia mental, o espírito humano continua ativo e sintonizado com as "noures" a que se afina.  
  
Sendo o pensamento contínuo uma conquista definitiva da alma, não pode esta, ainda que o queira, desligar-se do circuito através do qual se ajusta às forças vivas e conscientes do Universo. Entretanto, cada qual emitirá e receberá sensações na faixa de frequência que lhe é própria, e da mesma qualidade que lhe marca o teor dos interesses.  
  
Embora ondas de todos os comprimentos cruzem constantemente o ar que respiramos, nenhum aparelho receptor de frequência modulada consegue captar as emissões de ondas curtas para as quais não foi programado. Contudo, uma vez que esteja funcionando, captará compulsoriamente os sons da frequência com que estiver sintonizado.  
  
Em razão disso, cada um de nós conviverá sempre, em toda parte e a todo tempo, com aqueles com quem se afina, efetuando permanentemente, com os seus semelhantes, as trocas energéticas que, em face da lei, asseguram a manutenção de todas as vidas.  
Atendendo às disposições da afinidade, esse imperativo substancia igualmente o primado da justiça iniludível que preside a todos os destinos, na imensa esteira da evolução. Qualquer mudança de sintonia, ou diferenciação de níveis de troca energética vital, sempre decorrerá necessariamente de alteração do potencial íntimo de cada espírito e da natureza de seus pensamentos e emoções.  
  
As forças que nos jungem uns aos outros são, por isso mesmo, as que emitimos de nós e alimentamos em nosso próprio âmago. Os compromissos que disso decorrem são mais do que evidentes, pois ninguém deixará, em momento algum, de integrar e engrossar alguma corrente de forças, atuante e dirigida para determinado objetivo. Cada qual de nós está, portanto, trabalhando sem cessar, de momento a momento, seja para o bem ou para o mal, na construção do amor ou do ódio, da alegria ou da desventura, da felicidade ou do desequilíbrio.  
  
Claro que o problema da responsabilidade é sempre proporcional ao nível de consciência de cada um. Em sua grande maioria, os espíritos terráqueos não são, na atualidade, deliberadamente maus, embora estejam muito longe de ser conscientemente bons. Vogam, por isso, alternada e desordenadamente, entre os impulsos superiores e os inferiores, experimentando, na angústia de sua indefinição, todas as gamas de sensações de uma experiência multifária, que ainda se processa ao sabor dos improvisos, entre crises de animalidade e anseios de integração com o Céu. Fazendo e desfazendo, construindo e demolindo, plantando rosais e espinheiros, a alma humana comum é qual folha batida por todos os ventos e arrastada por todas as correntezas.  
  
Quando, porém, um coração já ascendeu a planos mais altos e já se acostumou ao pão divino de ideais elevados e de sensações sublimadas, não sintonizará, sem terríveis padecimentos interiores, as faixas de emoções mais deprimentes da experiência humana. Independentemente das responsabilidades que assuma e dos males que semeie, e que terá de colher, essa consciência amargurada sentirá vibrar, nos seus mais tristes acentos, a nostalgia do paraíso perdido. E como ninguém atraiçoa impunemente a lei, nem a si mesmo, esse espírito infeliz corre ainda o risco enorme de, pelo seu maior poder de percepção e de sintonia, cair vitimado por processos demoníacos de hipnose obsessiva, sob o guante impiedoso do poder das Trevas.  
  
É assim que se criam, frequentemente, doridos e complicados processos de resgate e recuperação de Espíritos substancialmente nobres, que se deixaram voluntariamente imergir em densos lagos de lama. Essa a razão da advertência do Divino Mestre, que há dois mil anos repercute no mundo: "Aquele que comete pecado faz-se escravo do pecado." Nem é por diverso motivo que o Cristo nos convida, compassivo, há vinte séculos, a sermos "filhos da Luz".  
  
15. O PODER DAS TREVAS  
Espantam-se alguns companheiros de aprendizado com as demonstrações de força do chamado Poder das Trevas, capaz de organizar verdadeiros impérios, em zonas umbralinas e nas regiões subcrostais, de onde consegue atuar organizada e maleficamente sobre pessoas e instituições na Crosta da Terra.  
  
O espanto, porém, é descabido, não só por motivos de boa lógica, mas, igualmente, por motivos de ordem técnica. Por mais intelectualizados que possam ser os gênios do mal, e por mais sofisticados que sejam os seus recursos tecnológicos, não podem eles, nunca puderam e jamais poderão afrontar a sabedoria e o Poder do Cristo e de seus grandes mensageiros, que controlam, com absoluta segurança, todos os fenômenos ocorrentes no planeta e no sistema de que este é parte.  
  
Tudo o que as Inteligências rebeladas podem fazer é rigorosamente condicionado aos limites de justiça e tolerância que o Governo da Vida estabelece, no interesse do sumo bem. É fora de dúvida que os "Dragões" e seus agentes possuem ciência e tecnologia muito superiores às dos homens encarnados, e, sempre que podem, as utilizam. Entretanto, os Poderes Celestes sabem mais e podem mais do que eles.  
  
A Treva pode organizar, e organiza, infernos de vasta e aterrorizadora expressão; contudo, sempre que semelhantes quistos ameaçam a estabilidade planetária, a intervenção superior lhes promove a desintegração. Os "demônios", que se arrogam os títulos de "juizes", e que há muitíssimo tempo utilizam, em larga escala, processos e instrumentais de desintegração que nem a mais moderna ficção científica dos encarnados ainda sequer imagina, realmente conhecem muito mais do que os homens sobre a estrutura e a dinâmica dos átomos e das partículas elementares.**

**Eles sabem consideravelmente mais do que os cientistas e pesquisadores terrenos, acerca de muito mais coisas do que massa, carga, spin, número bariônico, estranheza e vida média de lambdas, sigmas, csis, ômegas, etc., e conseguem verdadeiros "milagres" tecnológicos, a partir de seus conhecimentos práticos avançados sobre ressonâncias e recorrências, usando com mestria léptons, mésons e bárions, além de outras partículas, como o gráviton, que o engenho humano experimentalmente desconhece.  
  
Apesar disso, os operadores celestes não somente varrem, com frequência, o lixo de saturação que infecta demasiado perigosamente certas regiões do Espaço, aniquilando-o através de interações de partículas com antipartículas atômicas, como se valem de outros recursos, infinitamente mais poderosos, rápidos e decisivos, para além de todas as forças eletromagnéticas e físico-químicas ao alcance das Trevas.  
  
Também a capacidade de destruição do homem encarnado permanece sob o rigoroso controle do Poder Celeste. A energia produzida pelas reações nucleares, que os belicistas da Crosta já conseguem utilizar, não vai além de um centésimo da massa total dos reagentes. Eles sabem que o encontro de um pósitron com um elétron de carga negativa resulta na total destruição de ambos, pela transformação de suas massas em dois fótons de altíssima energia.**

**Entretanto, não conseguem pósitrons naturais para essas reações e não são capazes ainda de produzi-los senão à custa de um dispêndio energético praticamente insuportável. Assim, as Trevas podem realmente assustar-nos e ferir-nos, sempre que nossos erros voluntários nos colocam ao alcance de sua maldade. Basta, porém, que nossa opacidade refuta um único raio do Amor Divino, para que nenhuma força maligna possa exercer sobre nós qualquer poder.  
  
16. COMANDO MENTAL  
Todos sabemos que é principalmente das queimas respiratórias intracelulares que o corpo humano obtém a energia necessária ao seu funcionamento. Como aparelho vivo, o organismo somático do homem é realmente uma máquina de combustão, onde a penetração de oxigênio em moléculas de carbono libera a força íntima de pressão destas últimas, na formação de gás carbônico, produzindo, desse modo, energia calorífica.  
  
Entretanto, cada uma das trinta bilhões de células do corpo humano é não somente uma usina viva, que funciona sob o impulso de oscilações eletromagnéticas de 0,002 mm de comprimento de onda, mas, por igual, um centro emissor, permanentemente ativo, de poderosos raios ultravioleta. Os processos de manutenção da biossíntese do ser humano podem ser fundamentalmente endotérmicos, mas é a mente espiritual que comanda a vida fisiopsicossomática, de modo mais ou menos consciente, conforme a posição evolutiva de cada Espírito.  
  
A mente espiritual não se alimenta, realmente, em exatos termos de vida própria, senão de energias cósmicas, de natureza eminentemente divina, das quais haure recursos para a sua auto-sustentação. Esses recursos, ela os transforma na energia dinâmica, eletromagnétíca, que lança ao cosmo em que se manifesta e que controla através dos liames de energia espiritual que a mantém em contato com o citoplasma e que impressionam a intimidade das células com os reflexos da mente.  
  
Quanto mais o Espirito evolve, tanto mais livre, efetiva e conscientemente governa a si mesmo e ao seu cosmo orgânico, cujo metabolismo é conduzido e controlado pelas forças vivas do seu pensamento e das suas emoções. Quem de fato cresce, definha, adoece e se cura é sempre o Espírito. Em sua multimilenária trajetória no tempo e no espaço, ele aprendeu, aprende e aprenderá, por via de incessantes experimentações, a manter e enriquecer a própria vida.  
  
O cristal cresce por acúmulo, em sua superfície, de substâncias idênticas à de que se constitui; mas isso não se dá com os seres vivos. Mesmo no caso de células nervosas, de características especialíssimas, que crescem sem se dividirem, o fenômeno é outro, pois seu crescimento se verifica de modo estruturalmente uniforme e não apenas superficial.  
  
De regra, não é o aumento de volume das células, e sim a sua multiplicação numérica, que determina o crescimento dos organismos. A diferença entre um organismo recém-nascido e um organismo adulto não é somente de tamanho, mas sobretudo de complexidade. Assim também com o Espírito. Quanto mais evoluído, sábio e moralizado, mais complexa e poderosa a sua estrutura orgânica perispiritual, capaz de viver e agir em domínios cada vez mais amplos de tempo e espaço.  
  
Se a conquista progressiva do conhecimento nos faz compreender sempre melhor a modéstia da nossa atual condição evolutiva e a extensão do quanto ainda ignoramos, compelindo-nos à humildade diante da sabedoria e do poder de Deus, dá-nos também uma crescente noção de auto-respeito, em face da excelsa nobreza da Vida. (..)**

|  |  |
| --- | --- |
| **O ÓRGÃO FLUÍDICO** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- A reencarnação - pág. 51** | **02 - Análise das coisas - pág. 152** |
| **03 - Da alma humana - pág. 164** | **04 - Espírito, perispírito e alma - pág. 189** |
| **05 - Fatos Espíritas - pág. 79** | **06 - Hipnotismo e Espiritismo - pág. 179** |
| **07 - História do Espiritismo - pág. 223, 344** | **08 - Katie King - pág. 81, 108** |
| **09 - Mãos de luz - pág. 70, 202** | **10 - Metapsíquica humana - pág. 144** |
| **11 - No limiar do etéreo - pág. 98, 150** | **12 - No limiar do infinito - pág. 29** |
| **13 - O consolador - pág. 35** | **14 - O Livro dos Espíritos - pág. q. 375a** |
| **15 - O que é a morte - pág. 77** | **16 - Os chakras - pág. 81** |
| **17 - Psi quântico - pág. 216** | **18 - Voltei - pág. 46** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**O ÓRGÃO FLUÍDICO** **– COMPILAÇÃO**

**01- A reencarnação - Gabriel Delanne - pág. 51**

**(...) "Eu vi tão bem Katie King, recentemente, quando estava iluminada pela luz elétrica, que me é possível acrescentar alguns traços às diferenças que, em precedente artigo, estabeleci entre ela e sua médium. Tenho a mais absoluta certeza de que a Srta. Cook e Katie são duas individualidades distintas, pelo menos no que lhes concerne aos corpos. Muitos pequenos sinais, que se encontram no rosto da Srta. Cook, não se vêem no de Katie. Os cabelos da Srta.**

**Cook são de um castanho tão escuro que parecem quase preto; um anel dos de Katie, que tenho diante dos olhos, e que ela me permitiu cortasse do meio de suas luxuriantes tranças, depois de o ter seguido com meus dedos até o alto de sua cabeça e me haver assegurado que ele ai tinha nascido, é de um rico castanho-dourado."  
  
Por mais inverossímeis que possam parecer tais fenômenos, são, entretanto, reais, porque, apesar de sua repugnância instintiva, o Prof. Eichet, depois de haver verificado fenômenos idênticos, foi obrigado a escrever, cinquenta anos depois de William Crookes: "Os espíritas me têm censurado duramente essa palavra — absurdo, e não puderam compreender que eu não me resignasse a aceitar, sem constrangimento, a realidade de tais fenômenos. Mas, para conseguir que um fisiologista, um físico, um químico admitam que saia do corpo humano uma forma que possui circulação, calor próprio e músculos, que exala ácido carbônico, que pesa, que fala, que pensa, é preciso pedir-lhe um esforço intelectual, verdadeiramente muito doloroso.  
  
Sim, é absurdo, mas pouco importa, é verdade." Assim, voltando a William Crookes, a aparição possui coração e pulmões! Estes têm um mecanismo fisiológico que difere do da Srta. Cook, e, sem fazer nenhuma suposição, deve-se deduzir o que daí decorre naturalmente: que se trata de dois organismos diferentes, estando um são e outro enfermo.  
  
Pergunto, com toda a sinceridade, onde se acha o verdadeiro espírito científico? Será com os que inventam as mais fantásticas hipóteses ou com os que jamais vão além do que lhes permite verificar a mais rigorosa observação? Parece-me que a resposta não é duvidosa. É mil vezes mais inverossímil imaginar que Katie é uma criação da Srta. Cook, do que acreditar que ela é o que ela mesmo diz ser, isto é, um Espírito. Verifiquei, eu próprio, em presença do Prof. Richet, que o fantasma de Bien Boa exalava ácido carbônico, pois que, soprando em um balão com uma solução de barita, produziu-se, diante de nossos olhos, um precipitado de carbonato de barita.  
  
Se fossem necessárias outras provas da independência do fantasma, achá-las-íamos nas conversas que Florence Cook mantinha com Katie, durante os últimos tempos de sua mediunidade e no dia de sua última sessão. A menos que tenhamos que sustentar absurdos evidentes, como, por exemplo, que se possa ser, ao mesmo tempo, consciente e inconsciente, e estar, simultaneamente, no próprio corpo e em outro, com idéias inteiramente diversas e com um caráter oposto ao que se possui, o final do relatório de Crookes demonstra, com a mais poderosa evidência, que Katie era uma individualidade distinta da médium e dos assistentes.  
  
Ouçamos a narrativa comovedora da última entrevista do Espírito com a médium: "Tendo terminado suas instruções, disse Crookes, Katie me fea entrar consigo no gabinete e me permitiu que aí ficasse até o fim. Depois de haver fechado a cortina, conversou comigo durante algum tempo ainda; depois atravessou o aposento para ir até onde a Srta. Cook jazia inanimada no assoalho. Inclinando-se sobre ela, Katie tocou-a e lhe disse: Acorde, Florence. Ê preciso que eu a deixe agora.**(..)

**05 - Fatos Espíritas - William Crookes - pág. 79**

**(...) Durante esses seis últimos meses, a Srta. Cook fez-nos numerosas visitas e demorava-se algumas vezes uma semana em nossa casa; só trazia consigo pequena mala de mão, que não fechava à chave; durante o dia estava em companhia da Sra. Crookes, na minha ou na de algum outro membro da minha família; não dormia só, não tinha ocasião de preparar algo, mesmo de caráter menos aperfeiçoado, que fosse apto para representar o papel de Kátie King.  
  
Eu mesmo preparei e dispus a minha biblioteca, assim como a câmara escura, e, como de costume, depois que a Srta. Cook jantava e conversava conosco, ela se dirigia logo ao gabinete; a seu pedido eu fechava à chave a segunda porta, guardando a chave comigo durante toda a sessão; então, abaixava-se o gás e deixava-se a Srta. Cook na escuridão.  
  
Entrando no gabinete, a Srta. Cook deitava-se no soalho, repousando a cabeça num travesseiro, e logo depois caía em letargia. Durante as sessões fotográficas, Kátie envolvia a cabeça da médium com um chalé, para impedir que a luz lhe caísse sobre o rosto. Várias vezes levantei um lado da cortina, quando Kátie estava em pé, muito perto, e então não era raro que as 7 ou 8 pessoas que estavam no laboratório pudessem ver, ao mesmo tempo, a Srta. Cook e Kátie, à plena claridade da luz elétrica.**

**Não podíamos então perceber o rosto da médium, por causa do chalé, mas notávamos as suas mãos e pés; vimo-la mover-se, penosamente, sob a influência desta luz intensa, e, por momentos, ouvíamos-lhe os gemidos. Tenho uma prova de Kátie e da médium fotografadas juntamente; mas Kátie está colocada diante da cabeça da Srta;. Cook.  
  
Enquanto eu tomava parte ativa nessas sessões, a confiança que em mim tinha Kátie aumentava gradualmente, a ponto de ela não querer mais prestar-se à sessão, sem que eu me encarregasse das disposições a tomar, dizendo que queria sempre ter-me perto dela e perto do gabinete. Desde que essa confiança ficou estabelecida, e quando ela teve a satisfação de estar certa de que eu cumpriria as promessas que lhe fazia, os fenômenos aumentaram muito em força e foram-me dadas provas que me seriam impossíveis obter se me tivesse aproximado da médium de maneira diferente.  
  
Kátie me interrogava muitas vezes a respeito das pessoas presentes às sessões e sobre o modo de serem colocadas, pois nos últimos tempos se tinha tornado muito nervosa, em consequência de certas sugestões imprudentes, que aconselhavam empregar a força, para tornar as pesquisas mais científicas.  
  
Uma das fotografias mais interessantes é aquela em que estou em pé, ao lado de Kátie, tendo ela o pé descalço sobre determinado ponto do soalho. Vestiu-se em seguida a Srta. Cook como Kátie; ela e eu nos colocamos exatamente na mesma posição, e fomos fotografados pelas mesmas objetivas colocadas perfeitamente como na outra experiência, e alumiados pela mesma luz. Quando os dois esboços foram postos um sobre o outro, as minhas duas fotografias coincidiram perfeitamente quanto ao porte, etc., mas Kátie é maior meia cabeça do que a Senhorita Cook, e, perto dela, parece uma mulher gorda. Em muitas provas, o tamanho do seu rosto e a estatura do seu corpo diferem essencialmente da médium, e as fotografias fazem ver vários outros pontos de dessemelhança.  
  
Mas a fotografia é tão impotente para representar a beleza perfeita do rosto de Kátie, quanto as próprias palavras o são para descrever o encanto de suas maneiras. A fotografia pode, é verdade, dar um desenho do seu porte; mas como poderá ela reproduzir a pureza brilhante de sua tez ou a expressão sempre cambiante dos seus traços, tão móveis, ora velados pela tristeza, quando narra algum acontecimento doloroso da sua vida passada, ora sorridente, com toda a inocência de uma menina, quando reúne os meus filhos ao redor de si, e os diverte contando-lhes episódios das suas aventuras na Índia ?  
  
Vi tão bem Kátie, recentemente, quando estava alumiada pela luz elétrica, que me é possível acrescentar alguns traços às diferenças que, em precedente artigo, estabeleci entre ela e a médium. Tenho a mais absoluta certeza de que a Senhorita Cook e Kátie são duas individualidades distintas, pelo menos no que diz respeito aos seus corpos. Vários pequenos sinais, que se acham no rosto da Srta. Cook, não existem no de Kátie. A cabeleira da Srta. Cook é de um castanho tão forte que parece quase preto; um cacho da cabeleira de Kátie, que tenho à vista, e que ela me permitira cortar de suas tranças luxuriantes, depois de ter seguido com os meus próprios dedos até ao alto da sua cabeça e de haver convencido de que ali nascera, é de um rico castanho dourado.  
  
Uma noite, contei as pulsações de Kátie; o pulso batia regularmente 75, enquanto o da Srta. Cook, poucos instantes depois atingia a 90, seu número habitual. Auscultando o peito de Kátie, eu ouvia um coração bater no interior, e as suas pulsações eram ainda mais regulares, que as do coração da Senhorita Cook, quando, depois da sessão, ela me permitia igual verificação.  
  
Examinados da mesma forma, os pulmões de Kátie mostraram-se mais sãos que os da médium, pois, no momento em que fiz a experiência, a Senhorita Cook seguia tratamento médico por motivo de grave bronquite. Os leitores acharão, sem dúvida, interessante que as suas narrações e as do Sr. Ross Church, acerca da aparição de Kátie, venham reunir-se às minhas, pelo menos as que posso publicar.  
  
Quando chegou o momento de Kátie nos deixar, pedi-lhe o obséquio de ser eu o último a veria. Chamou ela a si cada pessoa da sociedade e lhes disse algumas palavras em particular, deu instruções gerais sobre nossa direção futura e sobre a proteção a dispensar à Srta. Cook. Dessas instruções, que foram estenografadas, cito o seguinte: "O Sr. Crookes sempre agiu muito bem, e é com a, 'maior confiança que deixo Florence em suas mãos, perfeitamente convicta de que não faltará à confiança que tenho nele. Em, todas as circunstâncias imprevistas, o Sr. Crookes poderá agir melhor do que eu mesma, porque tem mais força".  
  
Tendo terminado suas instruções, Kátie convidou-me a entrar no gabinete com ela, e permitiu-me ficar nele até o fim. Depois de fechada a cortina, conversou comigo durante algum tempo, em seguida atravessou o quarto para ir até a Srta. Cook, que jazia inanimada no soalho; inclinando-se para ela, Kátie tocou-a e disse-lhe: "Acorda, Florence, acorda! É preciso que eu te deixe agora!"  
  
A Srta. Cook acordou e, em lágrimas, suplicou a Kátie que ficasse algum tempo ainda: "Minha cara, não posso; a minha missão está cumprida; Deus te abençoe!" respondeu Kátie, e continuou a falar à Srta. Cook. Durante alguns minutos conversaram juntas, até que enfim as lágrimas da Senhorita Cook a impediram de falar. Seguindo as instruções de Kátie, precipitei-me para suster Cook, que ia cair sobre o soalho e que soluçava convulsivamente. Olhei ao redor de mim, mas Kátie, com o seu vestido branco, tinha desaparecido. Logo que a Senhorita Cook ficou bastantemente calma, trouxeram luz, e a conduzi para fora do gabinete.  
  
As sessões, quase diárias, com que a Srta. Cook me favoreceu ultimamente, muito esgotaram as suas forças, e desejo patentear, o mais possível, os obséquios que lhe devo pelo seu empenho em me ajudar nas experiências. A qualquer prova que eu propusesse, concordava ela em submeter-se com a maior boa vontade; a sua palavra é franca e viva e vai diretamente ao assunto. Nunca vi a menor coisa que pudesse assemelhar-se à mais ligeira aparência do desejo de enganar. Na verdade, não creio "que ela pudesse levar uma fraude a bom fim, porque, se o tentasse, seria prontamente descoberta, por ser completamente estranho à sua natureza tal modo de proceder.  
  
E quanto a imaginar que uma inocente colegial de 15 anos tenha sido capaz de conceber e de pôr em prática durante três anos, com grande êxito, tão gigantesca impostura como esta, e que durante esse tempo se tenha submetido a todas as condições que dela se exigiram, que tenha suportado as pesquisas mais minuciosas, quê tenha consentido em ser examinada a cada momento, fosse antes, fosse depois das sessões; que tenha obtido ainda mais êxito na minha própria casa do que na casa de seus pais, sabendo que ia para ali, expressamente com o fim de se submeter a rigorosos ensaios científicos, quanto a imaginar que a Kátie King dos três últimos anos é o resultado de uma impostura, isso faz mais violência à razão e ao bom senso, do que crer que Kátie King é o que ela própria afirma ser. (...)  
  
07 - História do Espiritismo - Arthur Conan Doyle - pág. 223, 344**

**E não havia um caso que ele não fosse capaz de dar as mal; seguras provas. Seu relato foi recebido com incredulidade, mas agora já produz menor descrença. Mas Olcott dominava o assunto e, tomando suas precauções, preveniu, assim como prevenimos, a crítica daqueles que, não tendo estado presentes, preferem dizer que os que estavam ou foram enganados ou eram malucos. Diz ele: "Se alguém lhes fala de crianças carregadas por senhoras que saem da cabine, ou de moças de formas flexíveis, cabelos dourados e pequena estatura, de velhas e velhos apresentando-se em corpo inteiro e falando conosco, de criançolas, vistas aos pares, simultaneamente com outras formas e roupas diferentes, de cabeças calvas, de cabelos grisalhos, de feias cabeças negras de cabelos encarapinhados, de fantasmas imediatamente reconhecidos como amigos, e fantasmas que falam de modo audível línguas estranhas que o médium desconhece — sua indiferença não se altera. . .**

**A credulidade de alguns homens de ciência, também, seria ilimitada — antes prefeririam acreditar que uma criança possa, levantar uma montanha sem uma alavanca do que um Espírito possa levantar um peso." Mas, de lado o céptico irredutível, que ninguém convence, e que, no último dia classificará o Anjo Gabriel como uma ilusão de ótica, há algumas objeções muito naturais que um novato pode fazer honestamente e um pensador honesto pode responder. Podemos aceitar uma lança de nove pés como sendo um objeto espiritual? Que dizer dessas roupagens? De onde vêm elas?**

**A resposta se encontra, até onde podemos entender as coisas, nas admiráveis propriedades do ectoplasma. E' a mais proteica substância, capaz de ser moldada instantaneamente em qualquer forma, e o poder de moldagem é a vontade do Espírito, dentro ou fora de um corpo. Tudo pode ser instantaneamente feito com ele, desde que assim o decida a inteligência predominante. Em todas as sessões dessa natureza parece que se acha presente um ser espiritual controlador, que comanda as figuras e confecciona o programa. Às vezes fala e dirige abertamente. Outras vezes fica calado e se manifesta apenas por atos. Como ficou dito, muitas vezes os controles são índios Peles-Vermelhas, que parecem ter em sua vida espiritual uma afinidade especial com os fenómenos físicos.  
  
William Eddy, o médium principal desses fenómenos, parece nada haver sofrido quanto à saúde e à força, naquilo que em geral é um processo de exaustão. Crookes constatou como ficava Home "como que desfalecido no chão, pálido e sem fala." Entretanto Home não era um rude camponês, mas um inválido sensitivo e artista. Parece que Eddy comia pouco, mas fumava continuamente. Nas sessões eram empregados a música e o canto, porque de longa data foi observado que há uma íntima conexão entre as vibrações musicais e os resultados psíquicos. Também se verificou que a luz branca é prejudicial aos resultados, o que agora é explicado pelo efeito dissociativo que a luz exerce sobre o ectoplasma. Muitas cores têm sido examinadas com o fito de evitar a completa escuridão.**

**Mas, se se pode confiar no médium a escuridão é mais favorável, especialmente aos fenômenos de fosforescência e de atos de luz, que se contam entre os mais belos fenômenos. Se se empregar luz, a mais tolerada é a vermelha. Nas sessões de Eddy havia uma luz atenuada de uma lâmpada velada. Seria cansativo para o leitor entrar em detalhes sobre os vários tipos que apareceram nessas interessantes reuniões. Madame Blavatsky, então uma criatura desconhecida em New York, tinha vindo observar as coisas. Naquela época ainda não havia ela desenvolvido a linha teosófica do seu pensamento e era uma espiritista ardorosa.**

**O Coronel Olcott e ela se encontravam pela primeira vez na casa da fazenda de Vermont, onde começou uma amizade que produziria no futuro estranhos desenvolvimentos. Em sua homenagem, ao que parece, apareceu um séquito de imagens russas, mantendo com ela uma conversação nessa língua. A principal figura, entretanto, era um chefe índio, chamado Santum, e uma índia de nome Honto, que se materializaram tão completamente e tantas vezes que a assistência seria desculpada por esquecer que estava tratando com Espíritos. Tão grande foi o contacto, que Olcott mediu Honto numa escala pintada ao lado da porta da cabine.**

**Tinha um metro e sessenta centímetros. Certa vez expôs o seio e pediu a uma senhora presente que observasse as batidas do coração. Honto era leviana, gostava de dançar, de cantar, de fumar e exibir sua rica cabeleira negra aos assistentes. Santum, por outro lado, era um guerreiro taciturno, de um metro e noventa centímetros. O médium tinha apenas um metro e setenta e cinco centímetros.  
Digno de menção é o fato de o índio usar sempre um polvarinho de chifre, que lhe fora dado então por um dos assistentes. Estava pendurado na cabine e lhe fora dado quando estava materializado.**

**Alguns dos Espíritos de Eddy falavam, outros não, e a fluência variava muito. Isto concordava com a experiência do que aprender quando maneja esse simulacro de si própria e que aqui, como alhures, a prática vale muito. Ao falar, essas figuras movem os lábios exatamente como faziam em vida. Também foi mostrado que a sua respiração em água de cal produz a reação característica de dióxido de carbono. Diz Olcott: "Os próprios Espíritos dizem que têm de aprender a arte de se materializar, como a gente procederia com qualquer outra arte".**

**A princípio apenas podem moldar mãos, como no caso dos Davenport, das Fox e outros. Muitos médiuns jamais vão além desse estágio. Entre os numerosos visitantes da casa de Vermont naturalmente alguns havia que assumiam uma atitude hostil. Nenhum destes, entretanto, parece ter dominado inteiramente o assunto. Um dos que mais chamavam a atenção foi um tal Dr. Beard, médico de New York, que, apenas com uma sessão, sustentava que todas as figuras eram disfarces do próprio William Eddy. Para sustentar esse ponto de vista nenhuma prova foi produzida, mas apenas a sua opinião pessoal; e ele declarava ser capaz de produzir os mesmos resultados com aparelhos de teatro do custo de três dólares.**

**Tal opinião bem podia ser formulada honestamente numa única sessão, especialmente se esta tivesse sido mais ou menos bem sucedida. Mas é perfeitamente insustentável quando comparada com as das pessoas que assistiram a várias sessões. Assim, o Dr. Hodgson, de Stoneham, em Massachussetts, com mais quatro outras testemunhas, assinam um documento que diz: "Atestamos que... Santum estava do lado de fora, na plataforma, quando um outro índio mais ou menos da mesma estatura saiu e os dois passavam e repassavam um pelo outro, andando para cima e para baixo.**

**Ao mesmo tempo era mantida uma conversa entre George Dix, Mayflower, o velho Mr. Morse e Mrs. Eaton, dentro da cabine. Nós reconhecemos a voz familiar de cada um". Há muitas testemunhas de fatos semelhantes, além de Olcott; e todos põem a teoria dos disfarces fora de cogitação. E' preciso acrescentar que muitas das formas eram crianças e até crianças de colo. Olcott mediu uma criança cuja altura era de setenta e um centímetros. Poderia acrescentar-se honestamente que uma coisa que preocupa ocasionalmente o leitor é a hesitação de Olcott, além de sua reserva. A coisa era nova para ele e de vez em quando uma onda de receio e de dúvida passava por sua mente e ele pensava que tivesse ido muito longe e que devia contorná-la, caso, de algum modo, mostrassem que ele estava errado.  
  
Assim, diz ele: "As formas que vi em Chittenden, enquanto aparentemente desafiando qualquer outra explicação que não a de uma origem suprasensível, permanecem, do ponto de vista científico como ainda "não provadas". Noutra passagem refere-se a falta de "condições para testes". Esta expressão tornou-se uma espécie de advertência que perde toda significação. Assim, quando se diz ter visto, fora de qualquer dúvida ou engano, o rosto da própria mãe falecida, o oponente replica: "Ah! mas foi sob condições para teste?"   
  
O teste repousa no próprio fenômeno. Quando se pensa que durante dez semanas Olcott pôde examinar a pequena cabine, vigiar o médium, medir e pesar as formas ectoplásmicas, fica-se a pensar o que é que se poderia exigir para fazer prova completa. O fato é que enquanto Olcott escrevia o seu relato veio o suposto desmascaramento de Mrs. Holmes e a parcial retratação de Mr. Dale Owen, o que o levou a tomar essas precauções.  
  
Foi a mediunidade de William Eddy que tomou a forma de materializações. Horace Eddy fez sessões de caráter bem diverso. Em seu caso foi usada uma espécie de tela, em cuja frente ele se sentava com um dos assistentes, ao seu lado, sob boa luz e segurando a sua mão. Do outro lado da tela era colocado um violão ou outro instrumento, que então começava a ser tocado, aparentemente sem executante, enquanto mãos materializadas eram vistas às bordas da cortina. O efeito geral era muito semelhante ao produzido pelos irmãos Davenport, mas era mais impressionante, uma vez que o médium era visto inteiramente e se achava sob controle de um espectador.**

**A hipótese da moderna ciência psíquica, baseada em muitas experiências, é que faixas invisíveis de ectoplasma, que são antes condutoras de força do que forças elas próprias, são emitidas do corpo do médium e aplicadas sobre o objeto que deve ser manipulado, sendo empregadas para o levantar, para o tocar, conforme um poder invisível o deseje — poder invisível que, conforme pretende o Professor Charles Richet, é um prolongamento da personalidade do médium e, conforme a mais avançada escola, uma entidade independente.**

**Nada disso era conhecido ao tempo dos Eddys e os fenômenos apresentavam uma indubitável aparência de toda uma série de efeitos sem causa. Quanto à realidade do fato, é impossível ler a minuciosa descrição de Olcott sem ficar convencido de que não poderia haver erro nisso. Esse movimento de objetos a distância do médium, ou telecinésia, para usar a expressão moderna, é um raro fenômeno à luz; mas certa ocasião, numa reunião de amadores que eram espíritas experimentados, o autor viu uma espécie de bandeja de madeira, à luz de uma vela, ser levantada pela borda e responder a perguntas por meio de batidas, quando se achava a menos de dois metros de distância. (...)**

|  |  |
| --- | --- |
| **ORGULHO** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- A levitação - pág. 132** | **02 - A sombra do olmeiro - pág. 37** |
| **03 - Chão de flores - pág. 61** | **04 - Depois da morte - pág. 262** |
| **05 - Diálogo com as sombras - pág. 191** | **06 - Espírito e vida - pág. 64** |
| **07 - Falando à Terra - pág. 180** | **08 - Florações evangélicas - pág. 38** |
| **09 - Luz no lar - pág. 97** | **10 - Nas pegadas do mestre- pág.158** |
| **11 - O Espírito da Verdade - pág. 89** | **12 - O Evangelho S. o Espiritismo - cap. vii, xv,3** |
| **13 - O Livro dos Espíritos - q. 9, 75, 101, 205,399...** | **14 - O sermão da montanha - pág. 105** |
| **15 - Obras Póstumas - pág. 222** | **16 - Pérolas do além - pág. 179** |
| **17 - Reencarnação e vida - pág. 38** | **18 - Religião dos Espíritos - pág. 53** |
| **19 - Seara dos médiuns- pág. 51** | **20 - Segue-me - pág. 123** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**ORGULHO** **– COMPILAÇÃO**

**04 - Depois da morte - Léon Denis - pág. 262**

**XLV — ORGULHO, RIQUEZA E POBREZA  
De todos os males o orgulho é o mais temível, pois deixa em sua passagem o germe de quase todos os vícios. É uma hidra monstruosa, sempre a procriar e cuja prole é bastante numerosa. Desde que penetra as almas, como se fossem praças conquistadas, ele de tudo se assenhoreia, instala-se à vontade e fortifica-se até se tornar inexpugnável.  
  
Ai de quem se deixou apanhar pelo orgulho! Melhor fora ter deixado arrancar do próprio peito o coração do que deixá-lo insinuar-se. Não poderá libertar-se desse tirano senão a preço de terríveis lutas, depois de dolorosas provações e de muitas existências obscuras, depois de bastantes insultos e humilhações, porque nisso somente é que está o remédio eficaz para os males que o orgulho engendra.  
Este cancro é o maior flagelo da Humanidade.**

**Dele procedem todos os transtornos da vida social, as rivalidades das classes e dos povos, as intrigas, o ódio, a guerra. Inspirador de loucas ambições, o orgulho tem coberto de sangue e ruínas este mundo, e é ainda ele que origina j os nossos padecimentos de além-túmulo, pois seus efeitos ultrapassam a morte e alcançam nossos destinos longínquos. O orgulho não nos desvia somente do amor de nossos semelhantes, pois também nos estorva todo aperfeiçoamento, engodando-nos com a superestima nosso valor ou cegando-nos sobre os nossos defeitos.**

**Só o exame rigoroso de nossos atos e pensamentos pode induzir-nos a frutuosa reforma. E como se submeterá o orgulhoso a esse exame? De todos os homens ele é quem menos se conhece. Enfatuado e presumido, coisa alguma pode desenganá-lo, porque evita o quanto serviria para esclarecê-lo, aborrece-o a contradição e só se compraz no convívio dos aduladores.  
  
Assim como o verme estraga um belo fruto, assim o orgulho corrompe as obras mais meritórias. Não raro as torna nocivas a quem as pratica, pois todo o bem realizado com ostentação e com secreto desejo de aplausos e lauréis depõe contra o próprio autor. Na vida espiritual, as intenções, as causas ocultas que nos inspiraram reaparecem como testemunhas; acabrunham o orgulhoso e fazem desaparecer-lhe os ilusórios méritos.  
  
O orgulho encobre-nos toda a verdade. Para estudar frutuosamente o Universo e suas leis, é necessário, antes de tudo, a simplicidade, a sinceridade, a Inteireza do coração e do espírito, virtudes estas desconhecidas ao orgulhoso. É-lhe insuportável que tantos entes e tantas coisas o tornem subalterno. Para si, nada existe além daquilo que está ao seu alcance; tampouco admite que seu saber e sua compreensão sejam limitados.  
  
O homem simples, humilde em sentimentos, rico em qualidades morais, embora seja inferior em faculdades, apossar-se-á mais depressa da verdade do que o soberbo ou presunçoso da ciência terrestre que se revolta contra a lei que o rebaixa e derrui o seu prestígio. O ensino dos Espíritos patenteia-nos a triste situação dos orgulhosos na vida de além-túmulo.**

**Os humildes e pequenos deste mundo acham-se aí exaltados; os soberbos e os vaidosos aí são apoucados e humilhados. É que uns levaram consigo o que constitui a verdadeira supremacia: as virtudes, as qualidades adquiridas pelo sofrimento; ao passo que outros tiveram de largar, no momento da morte, todos os seus títulos, todos os bens de fortuna e seu vão saber, tudo o que neste mundo lhes formava a glória; e sua felicidade esvaiu-se como fumo.**

**Chegam ao espaço pobres, esbulhados; e este súbito desnudamento, contrastando com o passado esplendor, desconsola-os e sobremodo os mortifica. Avistam, então, na luz, esses a quem haviam desprezado e pisoteado aqui na Terra. O mesmo terá de suceder nas reencarnações futuras. O orgulho e a voraz ambição não se podem abater e suprimir senão por meio de existências atribuladas, de trabalho e de renúncia, no decorrer das quais a alma orgulhosa reflete, reconhece a sua fraqueza e, pouco a pouco, vai-se permeando a melhores sentimentos.  
  
Com um pouco de reflexão e sensatez evitaríamos esses males. Por que consentir que o orgulho nos invada e domine, quando apenas basta refletir sobre o pouco que somos? Será o corpo, os nossos adornos físicos que nos inspiram a vaidade? A beleza é de pouca duração; uma só enfermidade pode destruí-la. Dia por dia, o tempo tudo consome e, dentro em pouco, só ruínas restarão; o corpo tornar-se-á então algo repugnante.**

**Será a nossa superioridade sobre a Natureza? Se o mais poderoso, o mais bem dotado de nós, for transportado pelos elementos desencadeados; se se achar insulado e exposto às cólera do oceano; se estiver no meio dos furores do vento, da ondas ou dos fogos subterrâneos, toda a sua fraqueza então se patenteará! Assim, todas as distinções sociais, os títulos e as vantagens da fortuna medem-se pelo seu justo valor. Todo\* são iguais diante do perigo, do sofrimento e da mor te.  
  
Todos os homens, desde o mais altamente colocado até o mais miserável, são construídos da mesma argila. Revestidos de andrajos ou de suntuosos hábitos, os seus corpos são animados por Espíritos da mesma origem e todos reunir-se-ão na vida futura. Aí somente o valor moral é que os distingue.**

**O que tiver sido grande na Terra pode tornar-se um dos últimos no espaço; o mendigo, talvez, aí, venha a revestir uma brilhante roupagem. Não desprezemos, pois, a ninguém. Não sejamos vaidosos com os favores e vantagens que fenecem, pois não podemos saber o que nos está reservado para o dia seguinte.**

**11 - O Espírito da Verdade - Espíritos Diversos - pág. 89**

**36 - O FILHO DO ORGULHO - Cap. VII — Item 11  
O melindre — filho do orgulho — propele a criatura a situar-se acima do bem de todos. É a vaidade que se contrapõe ao interesse geral.  
Assim, quando o espírita se melindra, julga-se mais importante que o Espiritismo e pretende-se melhor que a própria tarefa libertadora em que se consola e esclarece.  
  
O melindre gera a prevenção negativa, agravando problemas e acentuando dificuldades, ao invés de aboli-los. Essa alergia moral demonstra má-vontade e transpira incoerência, estabelecendo moléstias obscuras nos tecidos sutis da alma. Evitemos tal sensibilidade de porcelana, que não tem razão de ser. Basta ligeira observação para encontrá-la a cada passo: É o diretor que tem a sua proposição refugada e se sente desprestigiado, não mais comparecendo às assembléias.  
  
O médium advertido construtivamente pelo condutor da sessão, quanto à própria educação mediúnica, e que se ressente, fugindo às reuniões. O comentarista admoestado fraternalmente para abaixar o volume da voz e que se amua na inutilidade. O colaborador do jornal que vê o artigo recusado pela redação e que se supõe menosprezado, encerrando atividades na imprensa.  
  
A cooperadora da assistência social esquecida, na passagem de seu aniversário, e se mostra ferida, caindo na indiferença. O servidor do templo que foi, certa vez, preterido na composição da mesa orientadora da ação espiritual e se desgosta por sentir-se infantilmente injuriado. O doador de alguns donativos cujo nome foi omitido nas citações de agradecimento e surge magoado, esquivando-se a nova cooperação.  
  
O pai relembrado pela professora das aulas de moral cristã, com respeito ao comportamento do filho, e que, por isso, se suscetibiliza, cortando o comparecimento da criança. O jovem aconselhado pelo irmão amadurecido e que se descontenta, rebelando-se contra o aviso da experiência. A pessoa que se sente desatendida ao procurar o companheiro de cuja cooperação necessita, nos horários em que esse mesmo companheiro, por sua vez, necessita de trabalhar a fim de prover a própria subsistência.  
  
O amigo que não se viu satisfeito ante a conduta do colega, na instituição, e deserta, revoltado, englobando todos os demais em franca reprovação, incapaz de reconhecer que essa é a hora de auxílio mais amplo. O espírita que se nega ao concurso fraterno somente prejudica a si mesmo.  
  
Devemos perdoar e esquecer se quisermos colaborar e servir. A rigor, sob as bênçãos da Doutrina Espírita, quem pode dizer que ajuda alguém? Somos sempre auxiliados. Ninguém vai a um templo doutrinário para dar, primeiramente. Todos nós aí comparecemos para receber, antes de mais nada, sejam quais forem as circunstâncias.  
  
Fujamos à condição de sensitivas humanas, convictos de que a honra reside na tranquilidade da consciência, sustentada pelo dever cumprido. Com a humildade não há o melindre que piora aquele que o sente, sem melhorar a ninguém.  
  
Cabe-nos ouvir a consciência e segui-la, recordando que a suscetibilidade de alguém sempre surgirá no caminho, alguém que precisa de nossas preces, conquanto curtas ou aparentemente desnecessárias. E para terminar, meu irmão, imagine de um dia Jesus se melindrasse com os nossos incessaptes desacertos. ..  
Cairbar Schutel**

**12 - O Evangelho S. o Espiritismo - Allan Kardec - cap. vii, xv,3**

**O ORGULHO E A HUMILDADE - Lacordaire, Constantina, 1863**

**11. Que a paz do Senhor esteja convosco, meus queridos amigos! Venho até vós para encorajar-vos a seguir o bom caminho. O melindre — filho do orgulho — propele a criatura a situar-se acima do bem de todos. É a vaidade que se contrapõe ao interesse geral.  
Assim, quando o espírita se melindra, julga-se mais importante que o Espiritismo e pretende-se melhor que a própria tarefa libertadora em que se consola e esclarece.**

**Aos pobres Espíritos que outrora viveram na Terra, Deus concede a missão de vir esclarecer-vos. Bendito seja pela graça que nos dá, de podermos, ajudar o vosso adiantamento. Que o Espírito Santo me ilumine, me ajude a tornar compreensível a minha palavra, e me conceda a graça de pô-la ao alcance de todos. Todos vós, encarnados, que estais sob a pena e procurais a luz, que a vontade de Deus venha em minha ajuda, para fazê-la brilhar aos vossos olhos!  
  
A humildade é uma virtude bem esquecida, entre vós. Os grandes exemplos que vos foram dados são tão pouco seguidos. E, no entanto, sem humildade, podeis ser caridosos para o vosso próximo? Oh! não, porque esse sentimento nivela os homens, mostra-lhes que são irmãos, que devem ajudar-se mutuamente, e os encaminha ao bem.**

**Sem a humildade, enfeitai-vos de virtudes que não possuís, como se vestísseis um hábito para ocultar as deformidades do corpo. Lembrai-vos d'Aquele que nos salva; lembrai-vos da sua humildade, que o fez tão grande e o elevou acima de todos os profetas. O orgulho é o terrível adversário da humildade. Se o Cristo prometeu o Reino dos Ceais aos mais pobres, foi porque os grandes da Terra imaginavam que os títulos e as riquezas eram a recompensa de seus méritos, e que a sua essência era mais pura que a do pobre.   
  
Acreditavam que essas coisas lhes eram devidas, e, por isso, quando Deus as retira, acusam-no de injustiça. Oh! irrisão e cegueira! Dei acaso, estabeleceu entre vós alguma distinção pêlos corpos? O invólucro do pobre não é o mesmo do rico? O Criador fez duas espécies de homens? Tudo quanto Deus fez é grande e sábio. Não lhe atribuais as idéias concebidas por vossos cérebros orgulhosos.  
  
Oh rico! Enquanto dormes em teus aposentos suntuosos, ao abrigo do frio, não sabes quantos milhares de irmãos, iguais a ti, jazem na miséria? O desgraçado faminto não é teu igual? Bem sei que teu orgulho se revolta com estas palavras. Concordarás em lhe dai uma esmola; nunca, porém, em lhe apertar fraternalmente a mão Que! exclamarás: Eu, nascido de sangue nobre, um dos grandes da Terra, ser igual a esse miserável estropiado? Vã utopia de pretenso filósofos! Se fôssemos iguais, por que Deus o teria colocado tão baixe e a mim tão alto?**

**É verdade que vossas roupas não são nada iguais mas, se vos despirdes a ambos, qual a diferença que então haverá entre vós? A nobreza do sangue, dirás. Mas a química não encontro diferenças entre o sangue do nobre e o do plebeu, entre o do rico e o do escravo. Quem te diz que também não foste miserável com ele? Que não pediste esmolas? Que não a pedirás um dia a esse mesmo que hoje desprezas? As riquezas são por acaso eternas?**

**Não acabam com o corpo, invólucro perecível do Espírito? Oh! debruça-te humildemente sobre ti mesmo! Lança, enfim, os olhos sobre a realidade das coisas desse mundo, sobre o que constitui a grandeza e a humilhação no outro; pensa que a morte não te poupará mais do que aos outros; que os teus títulos não te preservarão dela; que te pode ferir amanhã, hoje, dentro de uma hora; e se ainda te sepultas no teu orgulho, oh! então, eu te lamento, porque serás digno de piedade!  
  
Orgulhosos! Que fostes, antes de serdes nobres e poderosos? Talvez mais humildes que o último de vossos servos. Curvai, portanto, vossas frontes altivas, que Deus as pode rebaixar, no momento mesmo em que as elevais mais alto. Todos os homens são iguais na balança divina; somente as virtudes os distinguem aos olhos de Deus. Todos os Espíritos são da mesma essência, e todos os corpos foram leitos da mesma massa. Vossos títulos e vossos nomes em nada os modificam; ficam no túmulo; não são eles que dão a felicidade prometida aos eleitos; a caridade e a humildade são os seus títulos de nobreza.  
  
Pobre criatura! És mãe, e teus filhos sofrem. Estão com frio. Têm fome. Vais, curvada ao peso da tua cruz, humilhar-te para conseguir um pedaço de pão. Oh! eu me inclino diante de ti! Como és nobre, santa e grande aos meus olhos! Espera e ora; a felicidade inda não é deste mundo. Aos pobres oprimidos, que nele confiam, Deus concede o Reino dos Céus.  
  
E tu, que és moça, pobre filha devotada ao trabalho, entregue as privações, por que esses tristes pensamentos? Por que chorar? Que teus olhos se voltem, piedosos e serenos, para Deus: às aves do céu Ele dá o alimento. Confia nele, que não te abandonará. O ruído ! dus festas, dos prazeres mundanos, faz bater-te o coração. Querias lambem enfeitar de flores a fronte e misturar-te aos felizes da Terra. Dizes que poderias, como as mulheres que vês passar, estouvadas e alegres, ser rica também.**

**Oh! cala-te, filha! Se soubesses quantas ! lágrimas e dores sem conta se ocultam sob esses vestidos bordados, quantos suspiros se asfixiam sob o ruído dessa orquestra feliz, preferias teu humilde retiro e tua pobreza. Conserva-te pura aos olhos Deus, se não queres que o teu anjo da guarda volte para Ele, escondendo o rosto sob as asas brancas, e te deixe com os teus remorsos, sem guia, sem apoio, neste mundo em que estarias perdida, esperando a punição no outro.  
  
E todos vós que sofreis as injustiças dos homens, sede indulgentes para as faltas dos vossos irmãos, lembrando que vós mesmos não estais sem manchas: isso é caridade, mas é também humildade. Se suportais calúnias, curvai a fronte diante da prova. Que vos importam as calúnias do mundo? Se vossa conduta é pura, Deus não pode vos recompensar? Suportar corajosamente as humilhações dos homens, é ser humilde e reconhecer que só Deus é grande e todo-poderoso.  
  
Oh! meu Deus, será preciso que o Cristo volte novamente à Terra, para ensinar aos homens as tuas leis, que eles esquecem?! Deverá Ele ainda expulsar os vendilhões do templo, que maculam tua casa, esse recinto de orações? E, quem sabe? Ó homens, sei Deus vos concedesse essa graça agora, se não o renegaríeis, de novo, como outrora? Se não o acusaríeis de blasfemo, por vir abater! o orgulho dos fariseus modernos? Talvez, mesmo, se não o faríeis seguir de novo o caminho do Gólgota?  
  
Quando Moisés subiu ao Monte Sinai, para receber os mandamentos da Lei de Deus, o povo de Israel, entregue a si mesmo, abandonou o verdadeiro Deus. Homens e mulheres entregaram suas jóias e seu ouro, para a fabricação de um ídolo que adoraram! Homens civilizados, fazeis, entretanto, como eles. O Cristo vos deixou! a sua Doutrina, vos deu o exemplo de todas as virtudes, mas abandonastes exemplos e preceitos.**

**Cada um de vós, carregando as suas paixões, fabricou um deus de acordo com a sua vontade: para uns, terrível e sanguinário; para outros, indiferente aos interesses do mundo. O deus que fizestes é ainda o bezerro de ouro, que cada qual apropria aos seus gostos e às suas ideias. Despertai, meus irmãos, meus amigos! Que a voz dos Espíritos vos toque o coração.**

**Sede generosos e caridosos, sem ostentação. Quer dizer: fazei o bem com humildade. Que cada um vá demolindo aos poucos os altares elevados ao orgulho. Numa palavra: sede verdadeiros cristãos, e atingireis o reino da verdade. Não duvideis mais da bondade de Deus, agora que Ele vos envia tantas provas. Vimos preparar o caminho para o cumprimento das profecias.**

**Quando o Senhor vos der uma manifestação mais esplendente da sua clemência, que o enviado celeste vos encontre reunidos numa grande família; que os vossos corações, brandos e humildes, sejam dignos de receber a palavra divina que Ele vos trará; que o eleito não encontre em seu caminho senão as palmas dispostas pelo vosso retorno ao bem, à caridade, à fraternidade; e então o vosso mundo tornará um paraíso terreno.**

**Mas, se permanecerdes insensíveis voz dos Espíritos, enviados para purificar e renovar a vossa sociedade civilizada, rica em conhecimentos e não obstante tão pobre de sentimentos, ah! nada mais nos restará do que chorar e gemer ela vossa sorte.**

**Mas, não, assim não acontecerá. Voltai-vos para Deus, vosso pai, e então nós todos, que trabalhamos para o cumprimento da sua vontade, entoaremos o cântico de agradecimento no Senhor, por sua inesgotável bondade, e para O glorificar por Iodos os séculos. Assim seja.**

**13 - O Livro dos Espíritos - Allan Kardec - Intr. VI questões: 9, 75, 101, 205, 399, 469, 759, 917, 928, 933**

**Perg. 9 - Onde se pode ver, na causa primária, uma inteligência suprema, superior a todas as outras?  
-Tendes um provérbio que diz o seguinte: Pela obra se conhece o autor. Pois bem: vede a obra e procurai o auto! É o orgulho que gera a incredulidade. O homem orgulhoso nada admite acima de si, e é por isso que se considera um espírito forte. Pobre ser, que um sopro de Deus pode abater.**

**Perg. 75 - É acertado dizer as faculdades instintivas diminuem, à medida que crescem as intelectuais?  
-Não. O instinto existe sempre, mas o homem o negligencia. O instinto pode também conduzir ao bem; ele nos guia quase sempre, e às vezes mais seguramente que a razão; ele nunca se engana.**

**Perg. 205 - Segundo certas pessoas, a doutrina da reencarnação parece destruir os laços de família, fazendo-os remontar às existências anteriores? - Ela os amplia, em vez de destruí-los. Baseando-se o parentesco em afeições anteriores, os laços que unem os membros de uma mesma família menos precários. A reencarnação amplia os deveres da fraternidade, pois no vosso vizinho ou no vosso criado pode encontrar-se um Espírito que foi do vosso sangue.**

**Perg. 399 - Sendo as vicissitudes da vida corpórea ao mesmo tempo uma expiação das faltas passadas e provas para o futuro, segue-se que, da natureza dessas vicissitudes, possa induzir-se o gênero da existência anterior? - Muito frequentemente, pois cada um é punido naquilo em que pecou. Entretanto, não se deve tirar daí uma regra absoluta; as tendências instintivas são um índice mais seguro, porque as provas que um Espírito sofre, tanto se referem ao futuro, quanto ao passado.**

**Perg. 469 - Por que meio se pode neutralizar a influência dos maus Espíritos? - Fazendo o bem e colocando toda a vossa confiança em Deus, repelis a influência dos Espíritos inferiores e destruís o império que desejam ter sobre vós. Guardai-vos de escutar as sugestões dos Espíritos que suscitam em vos os maus pensamentos, que insuflam a discórdia e eexcitam em vós todas as más paixões. Desconfiai sobretudo dos que exaltam o vosso orgulho, porque eles atacam na vossa fraqueza. Eis por que Jesus vos faz dizer na oração dominical: "Senhor, não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal".**

**Perg. 759 - Qual o valor do que se chama "ponto de honra" em matéria de duelo?  
- Orgulho e vaidade, duas chagas da Humanidade.**

**Perg. 917 - Qual é o meio de se destruir o egoísmo?  
- De todas as imperfeições humanas, a mais difícil de desenraizar é o egoísmo, porque se liga à influência da matéria, da qual o homem, ainda muito próximo da sua origem, não pode libertar-se. Tudo concorre para entreter essa influência; suas leis, sua organização social, sua educação. O egoísmo se enfraquecerá com a predominância da vida moral sobre a vida material.**

**Perg. 928 - Pela natureza especial das aptidões naturais. Deus indica evidentemente a nossa vocação neste mundo. Muitos males não provêm do fato de não seguirmos essa vocação?  
- Isso é verdade, e muitas vezes são os pais que, por orgulho ou avareza, fazem os filhos se desviarem do caminho traçado pela Natureza, comprometendo-lhes com isso a felicidade. Mas serão responsabilizados.**

**Perg. 933 - Se é o homem, em geral, o artífice dos seus sofrimentos materiais, sê-lo-á também dos sofrimentos morais:  
- Mais ainda, pois os sofrimentos materiais são às vezes independentes da vontade, enquanto o orgulho ferido, a ambição frustrada, a ansiedade da avareza, a inveja, o ciúme, todas as paixões, enfim, constituem torturas da alma.**

**15 - Obras Póstumas - Allan Kardec - pág. 222**

**Faz gosto ver proclamar o reino da fraternidade; mas de que serve, se vai de par com uma cauda de destruição? É construir na areia; é o mesmo que procurar um país insalubre para restabelecer a saúde. Para ali, se quiserem garantir habitantes, não basta enviar médicos, que morrerão como outros; é preciso mandar os meios de estudar as causas insalubridade.  
  
Se quiserdes que os homens vivam como irmãos, na terra, não basta dar-lhes lições de moral; é preciso destruir causa do antagonismo existente e atacar a origem do mal: orgulho e o egoísmo. É aquela a chaga que deve merecer toda a atenção daqueles que desejam seriamente o bem da humanidade. Enquanto subsistir aquele obstáculo, estará paralisados os seus esforços, não só pela resistência da inércia, como por uma força ativa, que trabalhará incessantemente para destruir o trabalho; porque toda idéia grande, generosa, sã e emancipadora, arruina as pretensões pessoais.  
  
Destruir o egoísmo e o orgulho é impossível, direis, por que esse vícios são inerentes à espécie humana. Se assim fosse, impossível seria o progresso moral passo que, quando considerarmos o homem em diversas épocas, reconhecemos à evidência um progresso incontestável; logo, se temos sempre progredido, em progresso continuaremos. Demais, não haverá, por ventura, algum homen limpo de orgulho e de egoísmo? Não há exemplos de uma pessoa dotada de natureza generosa, em quem o sentimentos do amor ao próximo, da humildade, do devotamento e da abnegação, parece inato?**

**O número é inferior ao dos egoístas, bem o sabemos, e se assim não fora, estes não fariam a lei mas não é tão reduzido, como pensam, e se parece menor porque a virtude, sempre modesta, se oculta na sombra, no passo que o orgulho se põe em evidência. Se pois o egoísmo e o orgulho fossem condições de vida, como a nutrição, então, sim, não haveria exceção.  
  
O essencial portanto é fazer que a exceção passe a ser regra e para isso incumbe destruir as causas produtoras do mal. A principal é, evidentemente, a falsa idéia, que faz o homem da sua natureza, do seu passado e do seu futuro, Não sabe donde vem, julga-se mais do que é; não sabendo para onde vai, concentra todos os pensamentos na vlda terrestre. Deseja viver o mais agradavelmente possível, procurando, a realização de todas as satisfações, de todos os gozos.**

**É por isso que investe contra o vizinho, se este lhe opõe obstáculo; então entende dever dominar, porque a Igualdade daria aos outros o direito que ele quer só para si, a fraternidade lhe imporia sacrifícios em detrimento do próprio bem-estar, e a liberdade, deseja-a só para si, não concedendo a outrem senão o que não fira as prerrogativas. Se todos têm essas pretensões, hão-de surgir perpétuos conflitos, que farão comprar bem caro o pouco gozo, que conseguem fruir.  
  
Identifique-se o homem com a vida futura e a sua perspectiva mudará inteiramente, como acontece a quem sabe que pouco tempo deve estar em ruim pouso e que dele saindo alcançará um excelente para o resto da vida. A importância da presente vida, tão triste, tão curta e efêmera, desaparece diante do esplendor da vida futura infinita, que se abre à frente. A consequência natural e lógica desta certeza é o sacrifício voluntário do presente fugitivo a im futuro sem fim, ao passo que antes tudo era sacrificado ao presente.**

**Desde que vida futura se torna o fim, que importa gozar mais ou menos nesta? Os interesses mundanos são acessórios, em vez de principais. Trabalha-se no presente, a lim de assegurar-se uma boa posição no futuro, sabendo quais as condições para alcançá-la. Em matéria de interesses mundanos, podem os homens opor obstáculos, que ocasionem a necessidade de combatê-los, o que gera o egoísmo. Se porém erguerem os olhos para onde a felicidade não pode ser perturbada por ninguém, nenhum interesse alheio precisa de ser debelado e, conseguintemente, não há razão de ser para o egoísmo, embora subsista o estimulante do orgulho.  
  
A causa do orgulho está na crença, que o homem tem, da sua superioridade individual, e aqui se faz ainda sentir a influência da concentração do pensamento nas coisas da vida terrestre. O sentimento de personalidade arrasta o homem que nada vê diante de si, atrás de si ou acima de si; então o seu orgulho não conhece medidas. A incredulidade, além de não ter meio para combater o orgulho, estimula-o e da-lhe razão, pelo fato de negar a existência de poder superior ao da humanidade. (..)**

**18 - Religião dos Espíritos - Emmanuel - pág. 53**

**CARRASCO - Reunião pública de 20-3-59 Questão n° 913  
Verdugo invisível, onde se lhe evidencie a influência, aparecem a rebeldia e o azedume, preparando a perturbação e a discórdia.  
Mostra-se na alma que lhe ouve as pérfidas sugestões, à maneira de fera oculta a atirar-se sobre a presa. Assimilando-lhe a faixa de treva, cai a mente em aflitiva cegueira, dentro da qual não mais enxerga senão a si mesma.  
  
E assim dominada, a criatura, ao pé dos outros, é a personificação da exigência, desmandando-se, a cada instante, em reclamações descabidas, incapaz de anotar os sofrimentos alheios. Pisa nas dores do próximo com a dureza do bronze e recebe-lhe as petições com a agressividade do espinheiro, expelindo pragas e maldições.**

**Onde surge, pede os primeiros lugares, e, se lhos negam, à face das tarefas que a previdência organiza, não se peja de evocar direitos imaginários, condenando, sem análise, tudo quanto se lhe expõe ao discernimento. Desatendida nos caprichos particulares com que se aproxima dos setores de luta que desconhece, mastiga a maledicência ou gargalha o sarcasmo, lançando lodo e veneno sobre nomes e circunstâncias que demandam respeito.**

**Se alguém formula ponderações, buscando-lhe o ânimo à sensatez, grita, desesperada, contra tudo o que não seja adoração a si mesma, na falsa estimativa dos minguados valores que carrega no fardo de ignorância e basófia.  
  
E, então, a pessoa, invigilante e infeliz, assim transformada em temível fantasma de incompreensão e de intransigência, enrodilha-se na própria sombra, como a tartaruga na carapaça, e, em lastimável isolamento de espírito, não sabe entender ou perdoar para ser também perdoada e entendida, enquistando-se na inconformação, que se lhe amplia no pensamento e na atitude, na palavra e nos atos, tiranizando-lhe a vida, como a enfermidade letal que se agiganta no corpo pela multiplicação indiscriminada de perigosos bacilos.  
  
Atingido esse estado dalma, não adota outro rumo que não seja o da crueldade com que, muitas vezes, se arroja ao despenhadeiro da delinquência, associando-se a todos aqueles que se lhe afinam com as vibrações deprimentes, em largas simbioses de desumanidade e loucura, formando o pavoroso inferno do crime.  
  
Irmãos, precatai-vos contra semelhante perseguidor, vestindo o coração na túnica da humildade que tudo compreende e a todos serve, sem cogitar de si mesma, porque esse estranho carrasco, que nos alenta o egoísmo, em toda parte chama-se orgulho.  
  
19 - Seara dos médiuns - Emmanuel - pág. 51  
  
TRÊS ATITUDES - Reunião pública de 22-2-60 Questão n.° 226 - § 11.°  
  
Entendendo-se que o egoísmo e o orgulho são qualidades negativas na personalidade mediúnica, obscurecendo a palavra da Esfera Superior, e compreendendo-se que o bem é a condição inalienável para que a mensagem edificante seja transmitida sem mescla, examinemos essas três atitudes, em alguns dos quadros e circunstâncias da vida.  
  
Na sociedade: O egoísmo faz o que quer. O orgulho faz como quer. O bem faz quanto pode, acima das próprias obrigações. No trabalho:  
O egoísmo explora o que acha. O orgulho oprime o que vê. O bem produz incessantemente  
  
Na equipe: O egoísmo atrai para si. O orgulho pensa em si. O bem serve a todos.  
  
Na amizade: O egoísmo utiliza as situações. O orgulho clama por privilégios. O bem renuncia ao bem próprio.  
  
Na fé: O egoísmo aparenta. O orgulho reclama. O bem ouve.  
  
Na responsabilidade: O egoísmo foge. O orgulho tiraniza. O bem colabora.  
  
Na dor alheia: O egoísmo esquece. O orgulho condena. O bem ampara.  
  
No estudo: O egoísmo finge que sabe. O orgulho não busca saber. O bem aprende sempre, para realizar o melhor.  
  
Médiuns, a orientação da Doutrina Espírita é sempre clara. O egoísmo e o orgulho são dois corredores sombrios, inclinando-se, em toda  
parte, ao vício e à delinquência, em angustiantes processos obsessivos, e só o bem é capaz de filtrar com lealdade a Inspiração Divina, mas, para isso, é indispensável não apenas admirá-lo e divulgá-lo; acima de tudo, é preciso querê-lo e praticá-lo com todas as forças do coração.**

|  |  |
| --- | --- |
| **OVÓIDES** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- A crise da morte - pág. 83** | **02 - Antologia do perispírito - ref. 1073** |
| **03 - Correlações espirito -matéria - pág. 22** | **04 - Diconário Enc.Ilustrado - pág. 47** |
| **05 - Evolução em dois mundos - pág. 91, 117** | **06 - Libertação - pág. 84, 95, 115** |
| **07 - O livro dos Médiuns - cap. I, 56** | **08 - O ser e a serenidade - pág. 101** |
| **09 - Obsessão e desobsessão - pág. 81** | **10 - Pão nosso - pág. 75** |
| **11 - Saúde e Espiritismo - pág. 180, 182** | **12 - Universo e vida - pág. 80, 98** |
| **13 - Vampirismo- cap. II, pág. 15** | **14 -** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**OVÓIDES** **– COMPILAÇÃO**

**05 - Evolução em dois mundos - André Luiz - pág. 91, 117**

**MONOIDEÍSMO E REENCARNAÇÃO — Ressurgir na própria taba e renascer na carne, cujas exalações lhe magnetizam a alma, constituem aspiração incessante do selvagem desencarnado. Estabelece-se nele o monoideísmo pelo qual os outros desejos se lhe esmaecem no íntimo.  
  
Pela oclusão de estímulos outros, os órgãos do corpo espiritual se retraem ou se atrofiam, por ausência de função, e se voltam, instintivamente, para a sede do governo mental, onde se localizam, ocultos e definhados, no fulcro dos pensamentos em circuito fechado sobre si mesmos, quais implementos potenciais do germe vivo entre as paredes do ovo.  
  
Em tais circunstâncias, se o monoideísmo é somente reversível através da reencarnacão, a criatura humana desencarnada, mantida a justa distância, lembra as bactérias que se transformam em esporos quando as condições de meio se lhes apresentam inadequadas, tomando-se imóveis e resistindo admiravelmente ao frio e ao calor, durante anos, para regressarem ao ciclo de evolução que lhes é peculiar, tão logo se identifiquem, de novo, em ambiente propício.  
  
Sentindo-se em clima adverso ao seu modo de ser, o homem primitivo, desenfaixado do envoltório físico, recusa-se ao movimento na esfera extrafísica, submergindo-se lentamente, na atrofia das células que lhe tecem o corpo espiritual, por monoideísmo auto-hipnotizanfe, provocado pelo pensamento fixo-depressivo que lhe define o anseio de retorno ao abrigo fisiológico.  
  
Nesse período, afirmamos habitualmente que o desencarnado perdeu o seu corpo espiritual, transubstanciando-se num corpo ovóide, o que ocorre, aliás, a inúmeros desencarnados outros, em situação de desequilíbrio, cabendo-nos notar que essa forma, segundo a nossa maneira atual de percepção, expressa o corpo mental da individualidade, a encerrar consigo, conforme os princípios ontogenéticos da Criação Divina, todos os órgãos virtuais de exteriorização da alma, nos círculos terrestrês e espirituais, assim como o ovo, aparentemente simples, guarda hoje a ave poderosa de amanhã, ou como a semente minúscula, que conserva nos tecidos embrionários a árvore vigorosa em que se transformará no porvir.  
  
FORMA CARNAL — Todavia, assim como o germe para desenvolver-se no ovo precisa aquecer-se ao calor da ave que o acolha maternalmente ou do ambiente térmico apropriado, no recinto da chocadeira, e assim como a semente, para liberar os princípios germinativos do vegetal gigantesco em que se converterá, não prescinde do berço tépido no solo, os Espíritos desencarnados, sequiosos de reintegração no mundo físico, necessitam do vaso genésico da mulher que com eles se harmoniza, nas linhas da afinidade e, conseqüentemente, da herança, vaso esse a que se aglutinam, mecanicamente, e onde, conforme as leis da reencarnacão, operam em alguns dias todas as ocorrências de sua evolução nos reinos inferiores da Natureza.  
  
Assimilando recursos orgânicos com o auxílio da célula feminina, fecundada e fundamentalmente marcada pelo gene paterno, a mente elabora, por si mesma, novo veículo fisiopsicossomático, atraindo para os seus moldes ocultos as células físicas a se reproduzirem por cariocinese, de conformidade com a orientação que lhes é imposta, isto é, refletindo as condições em que ela, a mente desencarnada, se encontra.  
  
Plasma-se-lhe, desse modo, com a nova forma carnal, novo veículo ao Espírito, que se refaz ou se reconstitui em formação recente, entretecido de células sutis, veículo este que evoluirá igualmente depois do berço e que persistirá depois do túmulo.  
  
DESENCARNAÇÃO NATURAL — Por milênios consecutivos o homem ensaia a desencarnação natural, progredindo vagarosamente em graus de consciência, após a decomposição do corpo somático. Recordando as anteriores comparações com o domínio dos insetos, a matriz uterina oferece-lhe novas formas e, assim como a larva se alimenta, assegurando a esperada metamorfose, a alma avança em experiência, enquanto no corpo carnal, adquirindo méritos ou deméritos, segundo a própria conduta, e entregando-se em em seguida, no fenômeno da morte ou histólise do invólucro de matéria física, à pausa imprescindível nas próprias atividades ou hiato de refazimento, que pode ser longo ou rapido, para ressurgir, pela histogênese espiritual, senhoreando novos órgãos e implementos necessários aos seu novo campo de ação, demorando-se nele, à medida dos conhecimentos conquistados na romagem humana.**

**É assim que a consciência nascente do homem pratica as lições da vida, no plano espiritual, pela desencarnação ou libertação da alma, como praticou essas mesmas lições da vida no plano físico, pelo renascimento ou internação do elemento espiritual na matéria densa, evoluindo, degrau a degrau, desde a excitabilidade rudimentar das bactérias até o automatismo perfeito dos animais superiores em que se baseia o domínio da inteligência. (...)**

**"PARASITAS OVÓIDES" — Inúmeros infelizes, obstinados na idéia de fazerem justiça pelas próprias mãos ou confiados a vicioso apego, quando desafivelados do carro físico, envolvem sutilmente aqueles que se lhes fazem objeto da calculada atenção e, auto-hipnotizados por imagens de afetividade ou desforço, infinitamente repetidas por eles próprios, acabam em deplorável fixação mo-noideística, fora das noções de espaço e tempo, acusando, passo a passo, enormes transformações na morfologia do veículo espiritual, porquanto, de órgãos psicossomáticos retraídos, por falta de função, assemelham-se a ovóides, vinculados às próprias vítimas que, de modo geral, lhes aceitam, mecanicamente, a influenciação, à face dos pensamentos de remorso ou arrependimento tardio, ódio voraz ou egoísmo exigente que alimentam no próprio cérebro, através de ondas mentais incessantes.  
  
Nessas condições, o obsessor ou parasita espiritual pode ser comparado, de certo modo, à Sacculina carcini, que, provida de órgãos perfeitamente diferenciados na fase de vida livre, enraiza-se, depois, nos tecidos do crustáceo hospedador, perdendo as características morfológicas primitivas, para converter-se em massa celular parasitária.  
  
No tocante à criatura humana, o obsessor passa a viver no clima pessoal da vítima, em perfeita simbiose mórbida, absorvendo-lhe as forças psíquicas, situação essa que, em muitos casos, se prolonga para além da morte física do hospedeiro, conforme a natureza e a extensão dos compromissos morais entre credor e devedor.  
  
PARASITISMO E REENCARNAÇÃO — Nas ocorrências dessa ordem, quando a decomposição da vestimenta carnal não basta para consumar o resgate preciso, vítima e verdugo se equiparam na mesma gama de sentimentos e pensamentos, caindo, além-túmulo, em dolorosos painéis infernais, até que a Misericórdia Divina, por seus agentes vigilantes, após estudo minucioso dos crimes cometidos, pesando atenuantes e agravantes, promove a reencarnação daquele Espírito que, em primeiro lugar, mereça tal recurso.  
  
E, executado o projeto de retorno do beneficiário, a regressar do Plano Espiritual para o Plano Terrestre, sofre a mulher, indicada por seus débitos à gravidez respectiva, o assédio de forças obscuras que, em muitas ocasiões, se lhe implantam no vaso genésico por simbiontes que influenciam o feto em gestação, estabelecendo-se, desde essa hora inicial da nova existência, ligações fluídicas através dos tecidos do corpo em formação, pelas quais a entidade reencarnante, a partir da infância, continua enlaçada ao companheiro ou aos companheiros menos felizes, que integram com ela toda uma equipe de almas culpadas em reajuste.  
  
Desenvolve-se-lhe, então, a meninice, cresce, reinstrui-se e retorna à juvenilidade das energias físicas, padecendo, porém, a influência constante dos assediantes, até que, frequentemente por intermédio de uniões conjugais, em que a provação emoldura o amor, ou em circunstâncias difíceis do destino, lhes ofereça novo corpo na Terra, para que, como filhos de seu sangue e de seu coração, lhes devolva em moeda de renúncia os bens que lhes deve, desde o passado próximo ou remoto.  
  
Em tais fatos, vamos anotar situações quase idênticas às que são provocadas pelos parasitas heteroxênicos, porquanto, se os adversários do Espírito reencarnado são em maior número, atuam, muitos deles, à feição dos tripanossomas, tomando os filhos de suas vítimas e afins deles próprios, por hospedeiros intermediários das formas-pensamentos deploráveis que arremessam de si, alcançando em seguida, a mente dos pais ou hospedeiros definitivos, a inocular-lhes perigosos fluidos sutis, com que lhes infernizam as almas, muitas vezes até à ocasião da própria morte. (..)**

**06 - Libertação -André Luiz - pág. 84, 95, 115**

**Gúbio estampou na fisionomia significativa expressão e ajuntou:- Quem se atreveria a nomear um anjo de amor para exercer o papel de carrasco? Ao demais, como acontece na Crosta Planetária, cada posição, além da morte, é ocupada por aquele que a deseja e procura. Vagueei o olhar, em derredor, e confrangeu-se-me toda a alma. Na comunidade das vítimas, arrebanhadas aos magotes, como se fossem animais raros para uma festa, predominavam a humildade e a aflição; mas, entre as sentinelas que nos rodeavam, a peçonha da ironia transbordava.  
  
Palavrões eram desferidos, desrespeitosamen-te, a esmo. À frente de vasta tribuna vazia e sob as galerias laterais abarrotadas de povo, compacta multidão se amontoava, irreverente. Alguns minutos decorreram, desagradáveis e pesados, quando absorvente vozerio se fez ouvido: - Os magistrados! os magistrados! Lugar! lugar para os sacerdotes da justiça!  
  
Procurei a paisagem exterior, curiosamente, tanto quanto me era possível, e vi que funcionários rigorosamente trajados à moda dos lictores da Roma antiga, carregando a simbólica machadinha (fasces) ao ombro, avançavam, ladeados por servidores que sobraçavam grandes tochas a lhes clarearem o caminho. Penetraram o átrio em passos rítmicos e, depois deles, sete andores, sustentados por dignitários diversos daquela corte brutalizada, traziam os juizes, esquisitamente ataviados.  
  
Que solenidade religiosa era aquela? As poltronas suspensas eram, em tudo, idênticas à "sédia gestatória" das cerimônias papalinas.  
Varando, agora, o recinto, os lictores passaram o instrumento simbólico às mãos e alinharam-se, corretos, perante a tribuna espaçosa, sobre a qual resplandecia alarmante facho de luz. Os julgadores, por sua vez, desceram, pomposos, dos tronos içados e tomaram assento numa espécie de nicho a salientar-se de cima, inspirando silêncio e temor, porque a turba inconsciente, em redor, calou-se de súbito.  
  
Tambores variados rufaram, como se estivéssemos numa parada militar em grande estilo, e urna composição musical semi-selvagem acompanhou-lhes o ritmo, torturando-nos a sensibilidade. Terminado aquele ruído, um dos julgadores se levantou e dirigiu-se à massa, aproximadamente nestes termos: - "Nem lágrimas, nem lamentos. Nem sentença condenatória, nem absolvição gratuita. Esta casa não pune, nem recompensa. A morte é caminho para a justiça. Escusado qualquer recurso à compaixão, entre criminosos.   
  
Não somos distribuidores de sofrimento, e, sim, mordomos do Governo do Mundo. Nossa função é a de selecionar delinquentes, a fim de que as penas lavradas pela vontade de cada um sejam devidamente aplicadas em lugar e tempo justos. Quem abriu a boca para vilipendiar e ferir, prepare-se para receber, de retorno, as forças tremendas que desencadeou através da palavra envenenada. Quem abrigou a calúnia, suportará os gênios infelizes aos quais confiou os ouvidos.  
  
Quem desviou a visão para o ódio e para a desordem, descubra novas energias para contemplar os resultados do desequilíbrio a que se consagrou, espontaneamente. Quem utilizou as mãos em sementeiras de malícia, discórdia, inveja, ciúme e perturbação deliberada, organize resistência para a colheita de espinhos.  
  
Quem centralizou os sentidos no abuso de faculdades sagradas espere, doravante, necessidades enlouquecedoras, porque as paixões envilecentes, mantidas pela alma no corpo físico, explodem aqui, dolorosas e arrasadoras. A represa por longo tempo guarda micróbios e monstros, segregados a distância do curso tranquilo das águas; todavia, chega um momento em que a tempestade ou a decadência surpreendem a obra vigorosa de alvenaria e as formas repelentes, libertadas, se espalham e crescem em toda a extensão da corrente.  
  
Seguidores do vício e do crime, tremei! Condenados por vós mesmos, conservais a mente prisioneira das mais baixas forças da vida, à maneira do batráquio encarcerado no visco do pântano, ao qual se habituou no transcurso dos séculos!..." Nesse ponto, o orador fez pausa e reparei os circunstantes. Olhos esgazeados pelo pavor jaziam abertos em todas as máscaras fisionômicas.  
  
O juiz, por sua vez, não parecia respeitar o menor resquício de misericórdia. Mostrava-se interessado em criar ambiente negativo a qualquer espécie de soerguimento moral, estabelecendo nos ouvintes angustioso temor. Prolongando-se o intervalo, enderecei com o olhar silenciosa interrogação ao nosso orientador, que me falou quase em segredo:- O julgador conhece à saciedade as leis magnéticas, nas esferas inferiores, e procura hipnotizar as vítimas em sentido destrutivo, não obstante usar, como vemos, a verdade contundente.  
  
- Não vale acusar a edilidade desta colônia -prosseguiu a voz trovejante -, porque ninguém escapará aos resultados das próprias obras, quanto o fruto não foge às propriedades da árvore que o produziu. Amaldiçoados sejam pelo Governo do Mundo quem nos desrespeite as deliberações, baseadas, aliás, nos arquivos mentais de cada um.  
  
(..) Quando encontramos um morto de cada vez, é fácil conceder-lhe sepultura condigna, mas, se os cadáveres são contados por multidões, nada nos resta senão adotar uma vala comum. Todos os Espíritos renascem nos círculos carnais para destruirem os ídolos da mentira e da sombra e entronizarem, dentro de si mesmos, os princípios da sublimação vitoriosa para a eternidade, quando não se encontram em simples estrada evolutiva; contudo, nas demonstrações de ordem superior que lhes cabem, preferem, na maioria das ocasiões, adorar a morte na ociosidade, na ignorância agressiva ou no crime disfarçado, olvidando a gloriosa imortalidade que lhes compete atingir.**

**Ao invés de estruturarem destino santificante, com vistas ao porvir infinito, menosprezam oportunidades de crescimento, fogem ao aprendizado salutar e contraem débitos clamorosos, retardando a obra de elevação própria. E se eles mesmos, senhores de preciosos dons de inteligência, com todo o acervo de revelações religiosas de que dispõem para solucionar os problemas da alma, se confiam voluntariamente a semelhante atraso, que nos resta fazer senão seguir nas linhas de paciência por onde se regula a influenciação dos nossos benfeitores? Sem dúvida, esta paisagem é inquietante e angustiosa, mas compreensível e necessária.  
  
Perguntei-lhe se naqueles sítios purgatoriais não havia companheiros amigos, detentores da missão de consolar, ao que o nosso Instrutor respondeu afirmativamente.- Sim - disse -, esta imensa coletividade, dentro da qual preponderam individualidades que pelo sofrimento contínuo se caracterizam pelo comportamento sub-humano, não está esquecida. A renúncia opera com Jesus, em toda parte. Agora, todavia, não dispomos de ensejos para a identificação de missionários e servidores do bem. Vamos ao estudo que nos interessa de mais perto. Descemos alguns metros e encontramos esquálida mulher estendida no solo.  
  
Gúbio nela fixou os olhos muito lúcidos e, depois de alguns momentos, recomendou-nos seguir-lhe a observação acurada.- Vês, realmente, André? - inquiriu, paternal. Percebi que a infeliz se cercava de três formas ovóides, diferençadas entre si nas disposições e nas cores, que me seriam, porém, imperceptíveis aos olhos, caso não desenvolvesse, ali, todo o meu potencial de atenção.  
  
- Reparo, sim - expliquei, curioso -, a existência de três figuras vivas, que se lhe justapõem ao perispírito, apesar de se expressarem por intermédio de matéria que me parece leve gelatina, fluida e amorfa. Elucidou Gúbio, sem detença: - São entidades infortunadas, entregues aos propósitos de vingança e que perderam grandes patrimônios de tempo, em virtude da revolta que lhes atormenta o ser.   
  
Gastaram o perispírito, sob inenarráveis tormentas de desesperação, e imantam-se, naturalmente, à mulher que odeiam, irmã esta que, por sua vez, ainda não descobriu que a ciência de amar é a ciência de libertar, iluminar e redimir. Auscultamos, de mais perto, a desventurada criatura. Assumiu Gúbio a atitude do médico ante a paciente e os aprendizes. (..)   
  
  
10 - Pão nosso - Emmanuel - pág. 75**

**32 - CADÁVERES**

**"Pois onde estiver o cadáver, aí se ajuntarão as águias."- (Mateus, 24:28)  
Apresentando a imagem do cadáver e das águias, referia-se o Mestre à necessidade dos homens penitentes, que precisam recursos de combate à extinção das sombras em que se mergulham.**

**Não se elimina o pântano, atirando-lhe flores. Os corpos apodrecidos no campo atraem corvos que os devoram. Essa figura, de alta sinificação simbológica, é dos mais fortes apelos do Senhor, conclamando os servidores do Evangelho aos movimentos do trabalho santificante.**

**Em vários círculos do Cristianismo renascente surgem os que se queixam, desalentados, da ação de perseguidores, obsessores e verdugos visíveis e invisíveis. Alguns aprendizes se declaram atados à influência deles e confessam-se incapazes de atender aos designios de Jesus.**

**Conviria, porém, muita ponderação, antes de afirmativas desse jaez, que apenas acusam os próprios autores. É imprescindível lembrar que as aves impiedosas se ajuntarão em torno de cadáveres ao abandono. Os corvos se aninham noutras regiões, quando se alimpa o campo em que permaneciam.**

**Um homem que se afirma invariavelmente infeliz fornece a impressão de que respira num sepulcro; todavia, quando procura renovar o próprio caminho, as aves escuras da tristeza negativa se afastam para mais longe.**

**Luta contra os cadáveres de qualquer natureza que se abriguem em teu mundo interior. Deixaque o divino sol da espiritualidade te penetre, pois, enquanto forem ataúde de coisas mortas, serás seguido, de perto, pelas águias da destruição.**

**11 - Saúde e Espiritismo - A.M.E. Brasil - pág. 180, 182**

**PSICOPATOLOGIAS DO CORPO ESPIRITUAL (PERISPÍRITO)  
Monoideísmo  
O homem selvagem emprega a força e a astúcia para dominar os seres inferiores e a natureza à sua volta, mas não tem preparo algum para enfrentar o grande desconhecido que se descortina, para ele, após a morte física. "O espetáculo da vastidão cósmica perturba-lhe o olhar e a visita de seres extraterrestres mesmo benevolentes e sábios, infunde-lhe pavor, crendo-se à frente de deuses bons ou maus, cuja natureza ele próprio se incumbe de fantasiar, na exiguidade das próprias concepções".   
  
Assim, depois do óbito, permanece, tímido, ao pé dos seus, em cuja companhia passa a viver, em outras condições vibratórias, em processos variados de simbiose, ansioso por voltar à existência corpórea. Mantém-se, assim, vinculado à choça, aos seus, e "não tem outro pensamento senão voltar - voltar ao convívio revitalizante daqueles que lhe usam a linguagem e lhe comungam os interesses".  
  
Tal qual as bactérias que se transformam em esporos, quando as condições do meio lhe são adversas, tornando-se imóveis e resistentes ao ambiente, durante anos a fio, assim também, o espírito do selvagem perde os órgãos do corpo espiritual, que se lhe atrofiam por falta de função.  
  
Isso porque estabelece-se em seu íntimo o monoideísmo, a idéia fixa de voltar para a carne, e esse desejo eclipsa todos os demais.  
Dá-se, então, o que André Luiz chama de monoideísmo auto-hipnotizante, provocado por pensamento fïxo-depressivo, nascido de sua inadaptação ao mundo extrafísico. Por esse processo, o desencarnado perde o seu corpo espiritual, transformando-se em ovóide, forma pela qual expressa o seu corpo mental.  
  
No monoideísmo, o núcleo da visão profunda, no centro coronário, sofre disfunção específica pela qual o Espírito contemplará tão-so-mente os quadros terríficos relacionados com as culpas contraídas. Tudo o mais ele deixa de observar. Vejamos o caso de Leonardo Pires, desencarnado há vinte anos, vive, agora, na casa da neta, Antonina. Apresenta-se como um velhinho, conforme seus últimos dias terrestres.**

**A mente dele, porém, está fixada nos lances da última existência, em recordações que o obsecam. Quando jovem, foi empregado do marechal Guilherme Xavier de Souza e, hoje, conserva a mente detida num crime de envenenamento, que cometeu quando integrava as forças brasileiras acampadas em Piraju, no Paraguai. Enciumado, sentindo-se preterido pela mulher leviana com a qual se relacionava, por causa de um colega de farda, Leonardo idealizou o crime e executou-o, utilizando vinho envenenado.**

**Como as tropas deveriam seguir rumo ao Paraguari, o caso foi encerrado, sem maiores investigações. Leonardo seguiu em frente, convivendo por algum tempo com a mulher que fora pivô do crime, mas, de regresso ao Brasil, casou-se, deixando vários descendentes, entre os quais, Antonina. No leito de morte, reconheceu que a lembrança do crime castigava-lhe o mundo íntimo, centralizando todos os episódios apenas nesse.   
  
No além, o monoideísmo persistiu. Com o olhar de louco, segue a única imagem que se lhe vitaliza, a cada dia, na memória, ao influxo da ; própria consciência que se considera culpada. Como ensinam os Espíritos Reveladores a Allan Kardec : "a lei de Deus está inscrita na consciência". E ninguém pode ludibriá-la, impunemente.  
  
Parasitas Ovóides  
Há Espíritos que perdem a forma humana de apresentação do seu Perispírito, surgindo como esferas ovóides. "Pela densidade da mente, saturada de impulsos inferiores, não conseguem elevar-se e gravitam em derredor das paixões absorventes que, por muitos anos, elegeram em centro de interesses fundamentais".**

**Inúmeros desencarnados, empolgados pela idéia de fazerem justiça com as próprias mãos ou apegados a vícios aviltantes, por repetirem infinitamente, essas imagens degradantes, acabam em deplorável fixação monoideística, fora das noções de espaço e tempo, sofrendo, então, enormes transformações na morfologia do psicossoma. Por falta de função, os órgãos psicossomáticos ficam retraídos, e surge a forma ovóide.   
  
Atingida essa forma permanecem colados àqueles que foram seus sócios nos crimes, obedecendo à orientação das inteligências que os entrelaçam na rede do mal. Por isso servem às empreitadas infelizes nos processos de obsessão.  
  
Nas regiões inferiores, onde André Luiz esteve, em missão de paz, em companhia do instrutor Gúbio, e que estão descritas no extraordinário livro Libertação, grande número de entidades transportavam essas esferas, como se estivessem imantadas às suas próprias irradiações.  
  
O médico desencarnado explicou que esses ovóides são pouco maiores que um crânio humano, variando muito nas particularidades; alguns denunciam movimento próprio, como se fossem grandes amebas, outros parecem em repouso, aparentemente inertes, ligados ao halo vital de outras entidades. Qual a situação psíquica desses ovóides? A maioria deles dorme em estranhos pesadelos, incapazes de exteriorizações maiores.  
  
ALTERAÇÕES E DEFORMAÇÕES DO CORPO ESPIRITUAL  
Ao lado de espíritos que já conquistaram belas vestes de apresentação, encontramos outros cujos psicossomas revestem-se de verdadeiras deformidades. No livro Libertação, André Luiz teve oportunidade de constatar, de forma inesperada, um caso com essas alterações.   
  
A senhora de um médico revelava extremo cuidado com a aparência externa, apresentando-se sempre muito bem penteada e maquiada, no entanto, o médico desencarnado teve oportunidade de vê-la como autêntica bruxa, igual à dos contos infantis, quando, pela ação do sono, o seu Perispírito desprendeu-se do corpo físico. As aparências enganam.  
  
Em Evolução em Dois Mundos, André Luiz utiliza a nomenclatura corrente no mundo espiritual para designar as diversas alterações do psicossoma, consequentes a patologias mentais diferentes. Adinamia seria a queda mental no remorso; Hiperdinamia a patologia consequente aos delírios da imaginação, provocando hipo ou hipertensão no movimento circulatório das forças que o mantêm.   
  
Utiliza também a denominação Miopraxia do Centro Genésico Atonizado para designar a patologia do organismo sutil no caso do aborto provocado, que seria a arritmia do chacra responsável pela organização das energias sexuais.**

**Em Ação e Reação, nos trabalhos de socorro da Mansão Paz, estabelecimento situado nas regiões inferiores, mas que permanece sob a jurisdição da cidade Nosso Lar, foi recolhido um desencarnado, cujo rosto era disforme, todos os traços se confundiam, qual se fosse uma esfera estranha e, além disso, seus braços e pernas eram hipertrofiados, enormes. Depois de consultá-lo, o instrutor Druso afirmou que o desencarnado em questão encontrava-se sob terrível hipnose, tendo sido conduzido a essa posição por adversários temíveis, que, decerto, para torturá-lo, fixaram-lhe a mente em alguma penosa recordação.**

**Era Antônio Olímpio, o fazendeiro que assassinara os dois irmãos e; cujo crime passou despercebido da justiça humana. Sua história está também no estudo da fixação mental. Em Libertação, porém, os relatos reportam-se a zonas muitíssimo inferiores, as regiões infernais. Lá estão presentes a velhice, a moléstia, o desencanto, o aleijão, as deformidades de toda a sorte e os ovóides.**

**O Perispírito de todos os habitantes dessas regiões é opaco, como o corpo físico, e pode sofrer ainda alterações mais profundas, deixando sua forma humana, para apresentar-se como a de um animal. É o fenômeno conhecido, genericamente, como Zoantropia, mas que tem na Licantropia - transformação em lobo - o processo mais conhecido.  
  
Nas regiões inferiores, uma mulher é julgada por um tribunal constituído de entidades inteligentes e perversas. Diante dos juizes, confessou que matou quatro filhinhos, e contratou o assassinato do próprio marido, entregando-se depois às "bebidas de prazer", mas nunca pôde fugir da própria consciência.  
  
Através de olhar temível, o juiz sentenciou-a, dizendo que ela não passava de uma loba. A mulher desencarnada passou a modificar-se, paulatinamente, diante da sentença repetida várias vezes, chegando ao resultado final da licantropia. Segundo explicações espirituais, ela não passaria por essa humilhação se não a merecesse.**

**A renovação mental, porém, depende dela. Deus mantém a senda redentora sempre aberta a seus filhos. Tornou-se clássica na literatura espiritualista o caso de Nabucodonosor, rei cruel e despótico, que viveu, sentindo-se como animal, durante sete anos. Diz a Bíblia (Dn 4.33) que "o seu corpo foi molhado de orvalho do céu, até que lhe cresceu pelo como as penas da águia e suas unhas como as das aves".  
  
12 - Universo e vida - Espírito Áureo - pág. 80, 98**

**INFECÇÃO E PURGAÇÃO  
Acionados os mecanismos do gravador comum, a fita magnética vai sendo sensibilizada pelas vibrações sonoras que nela se registram. Quando termina a gravação, se se quer ouvir o que foi gravado, deve-se reenrolar a fita em sentido contrário.  
Mutatis mutandis, ocorre também assim com os registros da memória. Nela se vão gravando automaticamente todos os acontecimentos da vida, até que o choque biológico da desencarnação desata os mecanismos de revisão e arquivamento de todas as experiências gravadas ao longo da etapa existencial encerrada.  
  
Acontece que nem sempre todas as experiências então revistas podem ser simplesmente arquivadas na memória profunda da mente, por não haverem sido por esta absorvidas. São os casos pendentes, ainda não encerrados, que traduzem, na maioria das vezes, realidades que a consciência não consegue aceitar.  
  
Essa rejeição consciencial gera conflito mental interno, ou indigestão psíquica, provocando no espírito o reconhecimento do erro e o consequente remorso, ou, o que é pior, a orgulhosa ou cega ratificação do erro, causadora de revolta e empedernimento.  
  
De qualquer modo, a rejeição consciencial tem como inelutável consequência a não assimilação das concentrações energéticas correspondentes às formas-pensamentos que duplicam os fatos, mantendo-os "vivos" e atuantes na aura do espírito, à maneira de tumores autônomos, simples ou em rede, a afetarem o corpo espiritual e o lesarem.  
  
No caso do remorso, o tumor se transforma em abscesso energético, a exigir imediata drenagem; no caso do empedernimento, o tumor cria carnicão e se estratifica, realimentado pela continuidade dos pensamentos-força da mente, arrastando o espirito a longas incursões nos despenhadeiros da revolta, onde não raro se transforma transitoriamente em demônio, a serviço mais ou menos prolongado das Trevas.  
  
As operações de drenagem psíquica são dolorosas e variam de tempo e intensidade, caso por caso, mas resultam sempre na recuperação relativa do espírito para futuras retificações de conduta, sem prejuízo da continuidade, a breve trecho, de sua marcha evolutiva ascensional.  
  
Quando a revolta se cristaliza no monoideísmo, onde as idéias fixas funcionam como escoadouros de energia, em excessivo dispêndio de forças vitais, pode o espírito chegar facilmente à perda do psicossoma, ovoidizando-se, caso em que se reveste tão-só da túnica energética mental, à maneira de semente em regime de hibernação.  
  
Chegue ou não a esse extremo, o espírito responderá, naturalmente, perante si mesmo, pelos fulcros de lesões mento-psicofísicas que gera, para seu próprio prejuízo, imediato e futuro.  
  
No que tange à drenagem a que nos referimos, importa consideremos que o pus energético a ser expelido decorre das transformações psicofísico-químicas das energias degeneradas que foram segregadas pela mente e incorporadas à economia vital do ser, representando forças ídeo-emotivas de teor e peso específicos.  
  
Necessário entendamos que as formas-pensamentos nem sempre são concentrações energéticas facilmente desagregáveis. Conforme a natureza ídeo-emotíva de sua estrutura e a intensidade e constância dos pensamentos de que se nutrem, podem tornar-se verdadeiros carcinomas, monstruosos "seres" automatizados e atuantes, certamente transitórios, mas capazes, em certos casos, de subsistir até por milénios inteiros de tempo terrestre, antes de desfazer-se.  
  
A expiação, de que fala a Doutrina Espírita, não é senão a purgação purificadora do mal que infeccionou o espírito. Este, através dela, restaura a própria saúde e se liberta das impurezas que o afligem e lhe retardam a felicidade.  
  
Notemos, porém, que os mecanismos expiatórios não obedecem a uma fórmula única. Se a dor dissolve o mal, o amor consegue transformá-lo.  
  
Lembremo-nos de que tudo o que existe é suscetível de servir ao bem, sob o comando soberano da mente espiritual. O mal, seja qual for a sua natureza, é sempre apenas uma degenerescência do bem (\*), porque a essência de toda a Criação repousa na Suprema Perfeição do Amoroso Criador dos Universos.**

**13 - Vampirismo - José Herculao Pires - cap. II, pág. 15**

**PARASITAS E VAMPIROS  
A economia da Natureza nos revela a unidade funcional de todos os processos vitais. A Natureza, em sua infinita variedade de coisas e seres, não esbanja energias e formas, conteúdos e continentes, em suas estruturações. Do reino vegetal ao reino animal o processo criador é uno, obrigando-nos a uma concepção monista do Universo. A Fisiologia da Natureza, segundo a lei da diferenciação na unidade, mostra-se estruturada e funcionalizada, pêlos mesmos sistemas adaptados a cada reino.**

**Da seiva do vegetal ao sangue dos animais e do homem, das estruturas óticas inferiores às superiores, a organização é a mesma. Dos sistemas de motilidade e percepção e de alimentação e assimilação das plantas ao homem o sistema de funcionalidade só varia no tocante às adaptações específicas. Da mesma maneira e pela mesma razão, o parasitismo vegetal se desenvolve na direção do parasitismo animal e do vampirismo hominal-espiritual.**

**E assim como o parasitismo influi no desenvolvimento das plantas e no comportamento dos animais, o vampirismo influi no comportamento humano individual e social. Entre os vários elementos, coisas e seres que agem sobre o comportamento humano, o mais perturbador e o que mais profundamente ameaça as estruturas físicas e espirituais do ser humano é o vampirismo, porque é a atuação consciente de um ser sobre o outro, para deformar-lhe os sentimentos e as idéias, conturbar-lhe a mente e levá-lo a práticas e atitudes contrárias ao seu equilíbrio orgânico e psíquico.**

**No parasitismo, mesmo no espiritual, há uma tendência de acomodação do parasita na vítima. A lei é a mesma do parasitismo vegetal e animal. A entidade espiritual parasitária procura ajustar-se ao parasitado, na posição de uma subpersonalidade afim. Ambos vivem em sintonia, mas o parasita às custas das energias do parasitado, cujo desgaste naturalmente aumenta de maneira progressiva. Ambos ganham e perdem nessa conjugação nefasta.**

**O parasitado sofre duplo desgaste de suas energias mentais e vitais e o parasita cai na sua dependência, perdendo a sua capacidade individual de sobrevivência e conservação. A morte do parasitado afeta o parasita, que morre sugestivamente com ele, pois perdeu a capacidade de viver, sentir e pensar por si mesmo. Os casos de pessoas dependentes, excessivamente tímidas, desanimadas, inaptas para a vida normal, essas de que se diz "passaram pela vida, mas não viveram", são tipicamente casos de parasitismo.**

**As próprias condições orgânicas dessas pessoas, que não reagem devidamente aos socorros medicamentosos, à alimentação e aos estímulos do meio, de práticas espirituais ou físicas, decorrem de deficiências orgânicas, mas também da sobrecarga invisível do parasitismo espiritual. As medicações estimulantes e os tratamentos psicológicos raramente produzem os efeitos desejados. Mas a conjugação desses recursos habituais com o tratamento espiritual para a expulsão do parasita, que representa no organismo da vítima uma forma de subvida consumidora, geralmente produz efeitos surpreendentes.**

**As causas dessa situação mórbida decorrem de processos kánnicos originados por associações criminosas em vidas anteriores dos comparsas. Os recursos espirituais são os passes espíritas, a frequência regular a reuniões mediúnicas, o estudo e a leitura dos livros espíritas básicos, a prática da prece individual diária pelo parasitado em favor do parasita ou parasitas.  
  
Todas essas providências devem ser orientadas por pessoas conhecedoras do Espiritismo, despretensiosas e dotadas de bom-senso, o que permitirá o controle do processo de cura. Todas as práticas exorcistas, queima de ingredientes, queima de defiimadores, aplicação ginástica de passes formalizados, uso de plantas supostamente milagrosas ou objetos de magia só poderá agravar a situação. O espírito parasitário é uma criatura humana com os direitos comuns da espécie humana e deve ser sempre encarado como parceiro dos sofrimentos do parasitado.**

**Nesses tratamentos não se deve desprezar o concurso médico, pois os efeitos negativos do parasitismo espiritual, depauperando o organismo da vítima, propiciam também a infiltração dos parasitas do meio físico, que devem ser combatidos com os medicamentos específicos. Embora a ação espiritual das entidades protetoras possa também ajudar o reequilíbrio orgânico, a presença de um médico, se possível espírita, se faz necessária.**

**Enganam-se os que se voltam contra a Medicina nessas ocasiões, pois as leis e os recursos do meio físico são mais apropriados nesses casos. Cada plano da Natureza tem suas exigências específicas, que precisamos respeitar. Existem também os Espíritos da Natureza, que trabalham no plano físico. Essas entidades semimateriais, de corpos perispiríticos, estão em ascensão evolutiva para o plano hominá. São os chamados elementares da concepção teosófica, derivada das doutrinas espiritualistas da índia. As funções dessas entidades na Natureza são de grande responsabilidade.**

**O Espiritismo põe sua ênfase no estudo e na investigação dos espíritos humanos, que são os do nosso plano evolutivo, dotado de consciência e inteligência racional mais desenvolvida. Os parasitas já pertencem ao plano humano. São considerados na Teosofia e em outras correntes espiritualistas como larvas astrais. Na verdade não são larvas nem elementares, são entidades que necessitam da ajuda da doutrinação.**

**Os teosofistas atribuem também as comunicações espíritas aos chamados cascões astrais, que são para eles invólucros espirituais, perispíritos abandonados pêlos mortos e de que se servem os elementares ou espíritos brincalhões para se manifestarem nas sessões mediúnicas como sendo os espíritos desses mortos. A teoria dos cascões foi criada por Mme. Blavatski, após uma sessão mediúnica que assistiu em New York.**

**O Sr. Sinet declara em seu livro Incidentes da Vida da Sra. Blavatski que ela cometeu então um engano de observação, ao qual nunca mais se referiu. Sinet, teósofo de projeção e companheiro de Bkvatstó, discorda dos teosofistas que continuam a aceitar essa falsa teoria. André Luiz refere-se a ovóides, espíritos que perderam o seu corpo espiritual e se vêem fechados em si mesmos, envoltos numa espécie de membrana.**

**Isso lembra a teoria de Sartre sobre o em-si, forma anterior do ser espiritual, que a rompe ao se projetar na existência por necessidade de comunicação. A ação vampiresca desses ovóides é aceita por muitos espíritas amantes de novidades. Mas essa novidade não tem condições científicas nem respaldo metodológico para ser integrada na doutrina.**

**Não passa de uma informação isolada de um espírito. Nenhuma pesquisa séria, por pesquisadores competentes, provou a realidade dessa teoria. Não basta o conceito do médium para validá-la. As exigências doutrinárias são muito mais rigorosas no tocante à aceitação de novidades.**

**O Espiritismo estaria sujeito a mais completa deformação, se os espíritas se entregassem ao delírio dos caçadores de novidades. André Luiz manifesta-se como um neófito empolgado pela doutrina, empregando as vezes termos que destoam da terminologia doutrinária e conceitos que nem sempre se ajustam aos princípios espíritas. (...)**

|  |  |
| --- | --- |
| **PACIÊNCIA** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- A educação S.o Espiritismo - pág. 74** | **02 - Agenda cristã - pág. 39, 93, 97** |
| **03 - Alerta - pág. 44** | **04 - Calma - toda a obra** |
| **05 - Cartas e crônicas - pág. 13** | **06 - Celeiro de bênçãos - pág. 155** |
| **07 - Contos e apólogos- pág. 77** | **08 - Convites da vida - pág. 110** |
| **09 - Coragem - pág. 17, 129, 137** | **10 - Depois da morte- pág. 279** |
| **11 - Do país da luz - vol. iv pág. 274** | **12 - Escrínio de luz - pág. 131** |
| **13 - Espírito e vida - pág. 131** | **14 - Estude e viva- pág. 188** |
| **15 - Jesus no lar - pág. 199** | **16 - Justiça divina - pág. 151** |
| **17 - No mundo maior - pág. 123** | **18 - O espirito da verdade - pág. 20, 119, 159** |
| **19 - O Evangelho S.o Espiritismo - cap. ix, 7** | **20 - O Livro dos Espíritos, q 530,707,740,862** |
| **21 - Palavras de vida eterna - pág. 204** | **22 - Pão nosso- pág. 25. 27** |
| **23 - Seara dos médiuns - pág. 128, 223** | **24 - Segue-me - pág. 47, 165** |
| **25 - Mãos unidas - pág. 31, 130** | **26 - Oferenda - pág. 149** |
| **27 - Bênção de paz - pág. 147** |  |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**PACIÊNCIA** **– COMPILAÇÃO**

**03 - Alerta - Joanna de Ângelis - pág. 44**

**11. PACIÊNCIA E CARIDADE  
Aturdem-te os comentários malsãos que são entretecidos contra a tua pessoa, ferindo-te as mais caras aspirações. Sofres o aguilhão das dificuldades e malícias que são postas no teu caminho, atingindo as carnes da tua alma. Padeces a incompreensão gratuita de pessoas bem formadas, que se deixam anestesiar pelos vapores da antipatia e voltam a sua animosidade contra ti, não descansando na faina de sensibilizar-te.  
  
Experimentas angústia, quando te informas dos problemas inconsequentes que são criados, envolvendo teu nome e tua ação em rudes colocações ou informes pejorativos. Gostarias, talvez, de caminhar sem tropeço, desconhecendo impedimentos. Todavia, não te olvides que te encontras na Terra e este é o campo ao qual foste chamado para o serviço.  
  
Além de auxiliar-te a desenvolver a paciência e exercitar-te a humildade correta, propicia-te o desapego aos transitórios conceitos do mundo. Nem mesmo Jesus, impoluto e incorruptível, experimentou uma trajetória de exceção, padecendo azorragues de todo tipo e qualidade, a fim de ensinar-nos coragem e valor.  
  
Diante das dores que te chegam oriundas das mais variadas géneses, vive a caridade da paciência. Caridade para com aqueles que te não compreendem e paciência ante a prova. Desprezado e estigmatizado pela intolerância e insistência dos que preferem perseguir a servir, adestra-te na caridade da paciência.  
  
Caridade difícil é desculpar o ofensor e tê-lo em conta de enfermo, necessitado da tua amizade e consideração. Ao mesmo tempo, é caminho iluminativo para tuas aspirações, através de paciência com perseverança no dever.**

**São caridade a doação de amor, a transferência de recursos e moedas para amenizar provações e dores, os socorros fraternos da sopa e do pão, todavia, a paciência em relação aos que se obstinam em dificultar-nos a marcha no bem, buscando o Pai, constitui a excelente caridade moral de que todos necessitamos, desde que, ontem por certo, tenhamos delinqüido, aprendendo, agora, a reparar, ou estejamos a equivocar-nos necessitando, por nossa vez, da doação da benevolência do nosso próximo.  
  
A caridade da paciência é das mais expressivas virtudes que o cristão autêntico deve cultivar. Jesus, esperando-nos e amando-nos sem cansaço, até hoje, oferece-nos o exemplo sublime e sem retoques da caridade pela paciência.**

**05 - Cartas e crônicas - Irmão X - pág. 13**

**2 - As três orações  
Instado pela assembléia de amigos a falar sobre a resposta do Criador às preces das criaturas, respondeu o velho Simão Abileno, instrutor cristão, considerado no Plano Espiritual por mestre do apólogo e da síntese:  
  
— Repetirei para vocês, a nosso modo, antiga lenda que corre mundo nos contos populares de numerosos países... Em grande bosque da Ásia Menor, três árvores ainda jovens pediram a Deus lhes concedesse destinos gloriosos e diferentes. A primeira explicou que aspirava a ser empregada no trono do mais alto soberano da Terra; após ouvi-la, a segunda declarou que desejava ser utilizada na construção do carro que transportasse os tesouros desse rei poderoso, e a terceira, por último, disse então que almejava transformar-se numa torre, nos domínios desse potentado, para indicar o caminho do Céu.**

**Depois das preces formuladas, um Mensageiro Angélico desceu à mata e avisou que o Todo-Misericordioso lhes recebera as rogativas e lhes atenderia às petições. Decorrido muito tempo, lenhadores invadiram o horto selvagem e as árvores, com grande pesar de todas as plantas circunvizinhas, foram reduzidas a troncos, despidos por mãos cruéis.**

**Arrastadas para fora do ambiente familiar, ainda mesmo com os braços decepados, elas confiaram nas promessas do Supremo Senhor e se deixaram conduzir com paciência e humildade. Qual não lhes foi, porém, a aflitiva surpresa!...**

**Depois de muitas viagens, a primeira caiu sob o poder de um criador de animais que, de imediato, mandou convertê-la num grande cocho destinado à alimentação de carneiros; a segunda foi adquirida por um velho praiano que construía barcos por encomenda; e a terceira foi comprada e recolhida para servir, em momento oportuno, numa cela de malfeitores.**

**As árvores amigas, conquanto separadas e sofredoras, não deixaram de acreditar na mensagem do Eterno e obedeceram sem queixas às ordens inesperadas que as leis da vida lhes impunham... No bosque, contudo, as outras plantas tinham perdido a fé no valor da oração, quando, transcorridos muitos anos, vieram a saber que as três árvores haviam obtido as concessões gloriosas solicitadas. ..**

**A primeira, forrada de panos singelos, recebera Jesus das mãos de Maria de Nazaré, servindo de berço ao Dirigente Mais Alto do Mundo; a segunda, trabalhando com pescadores, na forma de uma barca valente e pobre, fora o veículo de que Jesus se utilizou para transmitir sobre as águas muitos dos seus mais belos ensinamentos; e a terceira, convertida apressadamente numa cruz em Jerusalém, seguira com Ele, o Senhor, para o monte e, ali, ereta e valorosa, guardara-lhe o coração torturado, mas repleto de amor no extremo sacrifício, indicando o verdadeiro caminho do Reino Celestial...  
  
Simão silenciou, comovido.E, depois de longa pausa, terminou, a entremostrar os olhos marejados de pranto:  
— Em verdade, meus amigos, todos nós podemos endereçar a Deus, em qualquer parte e em qualquer tempo, as mais variadas preces; no entanto, nós todos precisamos cultivar paciência e humildade, para esperar e compreender as respostas de Deus.**

**09 - Coragem - Espíritos Diversos - pág. 17, 129, 137**

**3 - CULTIVANDO PACIÊNCIA**

**Cultivando paciência:  
- Se voce foi vítima de preterição em serviço, reconhecerá que isso aconteceu, em favor da sua elevação de nível;  
- Se perdeu o emprego, ante a perseguição de alguém que lhe cobiçou o lugar, creia que alcançará outro muito melhor;  
- Se um companheiro lhe atravessou o caminho, atrapalhando-lhe um negócio, transações mais lucrativas aparecerão, amanhã em seu benefício;  
- Se determinada criatura lhe tomou a residência, manejando processos inconfessáveis, em futuro próximo, terá você moradia muito mais confortável;  
- Se um amigo lhe prejudica os interesses, subtraindo-lhe oportunidades de progresso e ajustamento econômico, guarde a certeza de que outras portas se lhe descerrão mais amplas aos anseios de paz e prosperidade;  
- Se pessoas queridas lhe menosprezam a confiança, outras afeições muito mais sólidas e mais estimáveis surgirão a caminho, garantindo-lhe a segurança e a felicidade;  
- Mas nunca pretiras, não persigas, não atrapalhes, não desconsideres, não menosprezes e nem prejudiques a ninguém, porque sofrer é muito diferente de fazer sofrer é sempre uma carga dolorosa para quem a contrai.**

**Albino Teixeira.**

**42 - PASSO DE LUZ**

**Nas tribulações ou discórdias que nos agravem os problemas da vida, recordemos a necessidade de certo donativo, talvez dos mais difícieis na beneficência da alma; - o primeiro passo para o reajuste da harmonia e da segurança. Isso significa para nós um tanto mais de amor, ainda mesmo quando nos vejamos ilhados no espinheiro vibratório da incompreensão.  
  
Por vezes, é o lar em tumulto reclamando a tranquilidade, à face do desentendimento entre criaturas queridas. Noutras circunstâncias, são companheiros respeitáveis, em conflito uns com os outros.  
  
Em algumas situações, é o estopim curto da agressividade exagerada nesse ou naquele amigo, favorecendo a explosão da violência.  
Em muitos lances do caminho, é o sofrimento de algum coração brioso e nobre, mas ainda tisnado pelo orgulho-a ferir-se.  
  
Nessas horas, quando a sombra se nos estende a vida, em forma de perturbação ou desafio a lutas maiores, bem-aventurados sejam todos aqueles que se decidam ao primeiro passo da benevolência e da humildade, da tolerância e do" perdão, auxiliando-nos na recomposição do caminho.  
  
Onde estiveres, com quem seja, em qualquer tempo e tanto quanto puderes, dá de ti mesmo esse acréscimo de bondade, recordando o acréscimo de misericórdia, que todos recebemos de Deus, a cada trecho da vida. Alguém nos injuria? Suportar com mais paciência.   
Aparece quem nos aflija? Disciplinar-nos sempre mais na compreensão das lutas alheias  
  
Surjem prejuízos? Trabalhar com mais vigor. Condenações contra nós? Abençoar e servir constantemente.  
Em todas as situações, nas quais o mal entreteça desequilíbrio, tenhamos a coragem do primeiro passo, em que a serenidade e o amor, a humildade e a paciência nos garantam de novo a harmonia do Bem.  
Emmanuel**

**44 - NA HORA DA PACIÊNCIA**

**Quando os acontecimentos surjam convulsionados compelindo-te a seguir para a frente, como se estivesses sob tormenta de fogo... Quando a manifestação da cruedade te faça estremecer de sofrimento.  
  
Quando o assalto das trevas te deixe as forças transidas de aflição. Quando o golpe em teu prejuízo haja partido das criaturas a que mais te afeiçoas.**

**Quando a provação apareça, a fim de demorar-se longo tempo contigo, em função de doloroso burilamento...Quando a ignorância te desafie, ameaçando-te o trabalho. . .  
  
Quando o afastamento de amigos queridos te imponha solidão e desencanto. . .Quando contratempos e desarmonia no lar te forcem a complicadas travessias de angústia. ..  
  
Quando a tentação te induza à revolta e revide, na hora em que a injúria te cruze os passos...Quando, enfim, todas as tuas idéias e aspirações alusivas ao bem se mostrem supostamente asfixiadas pela influência transitória do mal...  
  
Então haverás chegado ao teste mais importante do cotidiano, a configurar-se no testemunho da paciência. Saberás desculpar e abençoar, agir e construir em paz nessa preciosa quão difícil oportunidade de elevação, que a experiência te aponta à frente.  
  
E não digas que a serenidade expresse fraqueza, ante os cultores da violência, qual se não tivesses brio para a reação necessária, porque é preciso muito mais combatividade interior para dominar-se alguém ao colher ofensas e esquecê-las do que para assacá-las ou devolvê-las, a detrimento do próximo.  
  
Capacitemo-nos de que entre agredir e suportar, o equilíbrio e a força de espírito residem com a paciência sempre capaz de aguentar e compreender, servir e recomeçar, incessantemente, o trabalho do bem nas bases do amor para que a vida permaneça, sem qualquer solução de continuidade, em luminosa e constante ascensão.  
EMMANUEL**

**10 - Depois da morte - Léon Denis - pág. 279**

**XLVIII — DOÇURA, PACIÊNCIA, BONDADE  
Se o orgulho é o germe de uma multidão de vícios, a caridade produz muitas virtudes. Desta derivam a paciência, a doçura, a prudência. Ao homem caridoso é fácil ser paciente e afável, perdoar as ofensas que lhe fazem. A misericórdia é companheira da bondade. Para uma alma elevada, o ódio e a vingança são desconhecidos.**

**Paira acima dos mesquinhos rancores, é do alto que observa as coisas. Compreende que os agravos humanos são provenientes da ignorância e por isso não se considera ultrajada nem guarda ressentimentos. Sabe que perdoando, esquecendo as afrontas do próximo aniquila todo germe de inimizade, afasta todo motivo de discórdia futura, tanto na Terra como no espaço.  
  
A caridade, a mansuetude e o perdão das injúrias tornam-nos invulneráveis, insensíveis às vilanias e às perfídias: promovem nosso desprendimento progressivo das vaidades terrestres e habituam-nos a elevar nossas vistas para as coisas que não possam ser atingidas pela decepção.  
  
Perdoar é o dever da alma que aspira à felicidade. Quantas vezes nós mesmos temos necessidade desse perdão? Quantas vezes não o temos pedido? Perdoemos a fim de sermos perdoados, porque não poderíamos obter aquilo que recusamos aos outros. Se desejamos vingar-nos, que isso se faça com boas ações. Desarmamos o nosso inimigo desde que lhe retribuímos o mal com o bem.**

**Seu ódio transformar-se-á em espanto e o espanto, em admiração. Despertando-lhe a consciência obscurecida, tal lição pode produzir-lhe uma impressão profunda. Por esse modo, talvez tenhamos, pelo esclarecimento, arrancado uma alma à perversidade.  
  
O único mal que devemos salientar e combater é o que se projeta sobre a sociedade. Quando esse se apresenta sob a forma de hipocrisia, simulação ou embuste, devemos desmascará-lo, porque outras pessoas poderiam sofrê-lo; mas será bom guardarmos silêncio quanto ao mal que atinge nossos únicos interesses ou nosso amor-próprio.  
  
A vingança, sob todas as suas formas, o duelo, a guerra, são vestígios da selvageria, herança de um mundo bárbaro e atrasado. Aquele que entreviu o encadeamento grandioso das leis superiores, do princípio de justiça cujos efeitos se repercutem através das idades, esse poderá pensar em vingar-se?  
  
Vingar-se é cometer duas faltas, dois crimes de uma só vez; é tornar-se tão culpado quanto o ofensor. Quando nos atingirem o ultraje ou a injustiça, imponhamos silêncio à nossa dignidade ofendida, pensemos nesses a quem, num passado obscuro, nós mesmos lesamos, afrontamos, espoliamos, e suportemos então a injúria presente como uma reparação. Não percamos de vista o alvo da existência que tais acidentes poderiam fazer-nos olvidar.**

**Não abandonemos a estrada firme e reta; não deixemos que a paixão nos faça escorregar pêlos declives perigosos que poderiam conduzir-nos à bestialidade; encaminhemo-nos com ânimo robustecido. A vingança é uma loucura que nos faria perder o fruto de muitos progressos, recuar pelo caminho percorrido.**

**Algum dia, quando houvermos deixado a Terra, talvez abençoemos esses que foram inflexíveis e intolerantes para conosco, que nos despojaram e nos cumularam de desgostos; abençoá-los-emos porque das suas iniqüidades surgiu nossa felicidade espiritual. Acreditavam fazer o mal e, entretanto, facilitaram, nosso adiantamento, nossa elevação, fornecendo-nos a ocasião de sofrer sem murmurar, de perdoar e de esquecer.  
  
A paciência é a qualidade que nos ensina a suportar com calma todas as impertinências. Consiste em extinguirmos toda sensação, tornando-nos indiferentes, inertes para as coisas mundanas, procurando nos horizontes futuros as consolações que nos levam a considerar fúteis e secundárias todas as tribulações da vida material.  
  
A paciência conduz à benevolência. Como se fossem espelhos, as almas reenviam-nos o reflexo dos sentimentos que nos inspiram. A simpatia produz o amor; a sobranceria origina a rispidez. Aprendamos a repreender com doçura e, quando for necessário, aprendamos a discutir sem excitação, a julgar todas as coisas com benevolência e moderação.**

**Prefiramos os colóquios úteis, as questões sérias, elevadas; fujamos às dissertações frívolas e bem assim de tudo o que apaixona e exalta. Acautelemo-nos da cólera, que é o despertar de todos os instintos selvagens amortecidos pelo progresso e pela civilização, ou, mesmo, uma reminiscência de nossas vidas obscuras. Em todos os homens ainda subsiste uma parte de animalidade que deve ser por nós dominada à força de energia, se não quisermos ser submetidos, assenhoreados por ela.**

**Quando nos encolerizamos, esses instintos adormecidos despertam e o homem torna-se fera. Então, desaparece toda a dignidade, todo o raciocínio, todo o respeito a si próprio. A cólera cega-nos, faz-nos perder a consciência dos atos e, em seus furores, pode induzir-nos ao crime.  
  
Está no caráter do homem prudente o possuir-se sempre a si mesmo, e a cólera é um indício de pouca sociabilidade e muito atraso. Aquele que for suscetível de exaltar-se, deverá velar com cuidado as suas impressões, abafar em si o sentimento de personalidade, evitar fazer ou resolver qualquer coisa quando estiver sob o império dessa terrível paixão.  
  
Esforcemo-nos por adquirir a bondade, qualidade inefável, auréola da velhice, a bondade, doce foco onde se reaquecem todas as criaturas e cuja posse vale essa homenagem de sentimentos oferecida pêlos humildes e pêlos pequenos aos seus guias e protetores.  
  
A indulgência, a simpatia e a bondade apaziguam os homens, congregando-os, dispondo-os a atender confiantes aos bons conselhos; no entanto, a severidade dissuade-os e afugenta. A bondade permite-nos uma espécie de autoridade moral sobre as almas, oferece-nos mais probabilidade de comovê-las, de reconduzi-las ao bom caminho.**

**Façamos, pois, dessa virtude um archote com o auxílio do qual levaremos luz às inteligências mais obscuras, tarefa delicada, mas que se tornará fácil com um sentimento profundo de solidariedade, com um pouco de amor por nossos irmãos.  
  
15 - Jesus no lar - Néio Lúcio - pág. 199**

**47 - O EDUCADOR CONTURBADO  
Comentava André, o apóstolo prestativo, as dificuldades para afeiçoar-se às verdades novas, quando Jesus narrou para a edificação de todos: - Um homem, singularmente forte, que se especializara em variados serviços de reparação e reajustamento, foi convidado por um anjo a consertar um aleijado que aspirava ao ingresso no paraíso e aceitou a tarefa.**

**Avizinhou-se do enfermo, de martelo em punho e, não obstante os gritos e lágrimas que a sua obra arrancava do infeliz, aprimorando-o, dia a dia, cumpriu o prometido. Ó mensageiro divino, satisfeito, rogou-lhe a contribuição no aperfeiçoamento de uma velha coxa que desejava ardentemente a entrada na Corte Celeste.  
  
O trabalhador robusto, indiferente aos gemidos da anciã, impôs-lhe a disciplina curativa e, gradativamente, colocou-a em condições de subir às Esferas Sublimes. O ministro do Alto, jubiloso, solicitou-lhe o concurso no refazimento de um homem chagado e aflito que anelava a beatitude edênica. O consertador não hesitou.**

**Absolutamente inacessível aos petitórios do infortunado, queimou-lhe as úlceras com atenção e rigor, pondo-o em posição de elevar-se. Terminada a tarefa, o anjo retornou e requisitou-lhe a cooperação em benefício de um jovem perdido em maus costumes. O restaurador tomou o rapaz à sua conta e deu-lhe trabalho e contenção, com tamanho tirocínio, que, em tempo breve, a tarefa se fazia completa.  
  
E, assim, o emissário de Cima pediu-lhe colaboração em diversos casos complexos de reestruturação física e moral, até que, um dia, o emérito educador, entediado da existência imperfeita na Terra, implorou ao administrador angélico a necessária permissão para seguir em companhia dele, na direção do Céu. O embaixador sublime revistou-o, minuciosamente, e informou que também ele devia preparar-se com vistas ao grande cometimento; mostrou-lhe os pés irregulares, os braços deficientes e os olhos defeituosos e rogou, dessa vez, reajustasse ele a si mesmo, a fim de elevar-se.  
  
O disciplinador começou a obra de auto-aprimoramento, esperançoso e otimista; entretanto, o seu antigo martelo lhe feria agora tão rudemente a própria carne que ele, ao invés de consertar os pés, os braços e os olhos, caiu a contorcer-se no chão, desditoso e revoltado, proferindo blasfêmias e vomitando injúrias contra Deus e o mundo, quase paralítico e quase cego.**

**Ele mesmo não suportara o regime de salvação que aplicara aos outros e o próprio anjo amigo, ao reencontrá-lo, com extrema dificuldade o identificou, tão diferente se achava.  
  
Findo o longo exame a que submeteu o infortunado, o mensageiro do Eterno não teve outro recurso senão confiá-lo a outros educadores para que o reajustamento necessário se fizesse, com o mesmo rigor salutar com que funcionara para os outros, a fim de que o notável consertador se aperfeiçoasse, convenientemente, para, então, ingressar no Paraíso.  
  
Diante da estranheza que senhoreara o ânimo dos presentes, o Senhor concluiu:— Usemos de paciência e amor em todas as obras de corrigenda e aprendamos a suportar as medidas com que buscamos melhorar a posição daqueles que nos cercam, porque para cada espírito chega sempre um momento em que deve ser burilado, com eficiência e segurança, para a Luz Divina.**

**16 - Justiça divina - Emmanuel - pág. 151**

**JORNADA ACIMA - Reunião pública de 13-10-61 1ª Parte, cap. VI, item 13  
  
Ergue a flama da fé na imortalidade, e caminha!  
Os que desertaram da confiança gritar-te-ão impropérios, entrincheirados na irresponsabilidade que lhes serve de esconderijo.  
Demagogos do desânimo, dirão, apressados, que o mundo nunca se desvencilhará da lei de Caim; que os tigres da inteligência continuarão devorando os cordeiros do trabalho; que a mentira, na História, prosseguirá entronizando criminosos na galeria dos mártires; que a perfídia se anteporá, indefinidamente, à virtude; que a mocidade é carne para canhões e prostíbulos; que as mães amamentam para o sepulcro; que as religiões são fábulas piedosas para consumo de analfabetos; que as tenazes da guerra te constringirão a cabeça, sufocando-te a voz no silêncio do horror...**

**Tentarão, decerto, envolver-te na nuvem do pessimismo, induzindo-te a esquecer o presente e o futuro, na taça de tranquilidade e prazer em que anestesiam o pensamento.  
  
Contudo, reflete levemente e perceberás que os trânsfugas do dever, acolhidos à negação e infantilizados no medo, simplesmente desfrutam a paz dos entrevados e a alegria dos loucos.  
  
Ora por eles, nossos irmãos que ainda não amadureceram o entendimento para a altura da vida, e segue adiante. Na escuridão mais espessa, acende a chama da prece, e, onde todos se sentirem desalentados, fala, sem revolta, a palavra de esperança que desenregele os corações mumificados no desconsolo.**

**Um gesto de bondade sobre a agonia de alguém que oscila, à beira do abismo, e uma gota de bálsamo espremida com amor numa ferida que sangra bastam, muitas vezes, para renovar multidões inteiras.  
  
Sobretudo, nos mais aflitivos transes da provação, não percas a paciência. Não consegues emendar os companheiros desarvorados, mas podes restaurar a ti mesmo.  
  
Embora contemplando assaltos e violências, ruínas e escombros, avança jornada acima, apagando o mal e fazendo o bem.  
Criatura alguma, na Terra, escapará da grandeza fatal da justiça e da morte; no entanto, sabemos todos que a justiça, por mais dura e terrível, é sempre a resposta da Lei às nossas próprias obras, e que a morte, por mais triste e desconcertante, é sempre o toque de ressurgir.  
  
18 - O espirito da verdade - Espíritos Diversos - pág. 20, 119, 159  
  
68 - PROVAS DECISIVAS - Cap. V — Item 19  
Clamas contra o infortúnio que te visita e desespera-te, sem reação construtiva, ante as horas de luta. Falaram-te do Senhor e dos aprendizes abnegados que o seguiram, nas horas primeiras, na senda marginada de prantos e sacrifícios... Queres, porém, comungar-lhe a paz e viver em menor esforço...  
  
Todavia, quase todos os grandes vultos da Humanidade, em todas as épocas e em todos os povos, passaram pelo tempo das provas decisivas. Senão observemos: Cervantes ficou paralítico da mão esquerda e esteve preso sob a acusação de insolvente, mas sobrepairou acima da injúria e legou um tesouro à literatura da Terra.  
  
Bernard Palissy experimentou tamanha pobreza que chegou, em certo momento, a queimar a mobília da própria casa, a fim de conseguir suficiente calor nos fornos em que fazia experiências; contudo, atingiu a perfeição que desejava em sua obra de ceramista.  
  
Shakespeare sentiu-se em tão grande penúria, que se achou, um dia, a incendiar um teatro, tomado de desespero; entretanto, superou a crise e deixou no mundo obras-primas inesquecíveis.  
  
Victor Hugo esteve exilado durante dezoito anos; todavia, nunca abandonou o trabalho e depôs o corpo físico, no solo de sua pátria, sob a admiração do mundo inteiro.  
  
Faraday, na mocidade, foi compelido a servir na condição de ajudante de ferreiro, de modo a custear os próprios estudos; no entanto, converteu-se num dos físicos mais respeitados por todas as nações.  
  
Hertz enfrentou imensa falta de recursos e foi vendedor de revistas para sustentar-se; entretanto, venceu as dificuldades e tornou-se um dos maiores cientistas mundiais. De igual modo, entre os espíritas as condições de existência terrestre não têm sido outras.  
  
Na França, Allan Kardec sofreu, por mais de uma década, insultuoso sarcasmo da maioria dos contemporâneos; contudo, jamais desanimou, entregando à posteridade o luminoso patrimônio da Codificação.  
  
Na Espanha, Amália Domingo Sóler, ainda em plenitude das forças físicas, tolerou o suplício da fome, na flagelação da cegueira; todavia, nunca duvidou da Providência Divina, consagrando ao pensamento espírita a riqueza de suas páginas imortais.  
  
No Brasil, Bezerra de Menezes, abdicando das fulgurações da política humana e, não obstante a posição de médico ilustre, partiu da Terra, em extrema necessidade material, o que não impediu a sua elevação ao título de Apóstolo. Em razão disso, não te deixes vencer pelos obstáculos.  
  
A resignação humilde, a misturar lágrimas e sorrisos, anseios e ideais, consolações e esperanças, constrói sobre a criatura invisível auréola de glória que se exterioriza em ondas de simpatia e felicidade.  
  
Quando o carro de tua vida estiver transitando pelo vale da aflição, recorda a paciência e continua trabalhando, confiando e servindo com Jesus.  
LAMEIRA DE ANDRADE**

**21 - Palavras de vida eterna - Emmanuel - pág. 204**

**94 - BENEFICÊNCIA E PACIÊNCIA  
"A caridade é paciente e benigna..." — Paulo. (I CORÍNTIOS, 13:4.)  
Beneficência, sim, para com todos:  
Prato dividido.  
Veste aos nus.  
Remédio aos doentes.  
  
Asilo aos que vagueiam sem teto.  
Proteção à criança desamparada.  
Auxílio ao ancião em desvalimento.  
Socorro às viúvas.  
  
Refúgio aos indigentes.  
Consolo aos tristes.  
Esperança aos que choram.  
Entretanto, é preciso estender a bondade igualmente noutros setores:  
Compreensão em família. Trabalho sem queixa.  
  
Cooperação sem atrito. Pagamento sem choro.  
Atenção a quem fale, ainda mesmo sem qualquer propósito edificante.  
Respeito aos problemas dos outros. Serenidade nas horas difíceis. Silêncio às provocações. Tolerância para com as idéias alheias. Gentileza na rua.  
A beneficência pode efetuar prodígios, levantando a generosidade e conquistando a gratidão; contudo, em nome da caridade, toda beneficência, para completar-se, não pode viver sem a paciência.  
  
  
22 - Pão nosso - Emmanuel - pág. 25. 27**

**7 - SEMENTE  
"E, quando semeias, não semeias o corpo simples que há de nascer, mas o simples grão de trigo ou de outra qualquer semente. - Paulo (I Corintios, 15:37)  
  
Nos serviços da Natureza, a semente reveste-se, aos nossos olhos, do sagrado de sacerdotisa do Criador e da Vida.  
Gloriosa herdeira do poder divino, coopera na evolução do mundo e transmite silenciosa e sublime lição, tocada de valores infinitos à criatura.  
  
Exemplifica sabiamente a necessidade dos pontos de partida, as requisições justas de trabalho, os lugares próprios, os tempos adequados.  
  
Há homens inquietos e insaciados que ainda não conseguiram compreendê-la. Exigem as obras de um dia para outro, impõe medidas tirânicas pela força das ordenações ou das armas ou pretendem trair as leis profundas dá Natureza; aceleram os processos da ambição, estabelecem domínio transitório, alardeiam mentirosas conquistas, incham-se e caem, sem nenhuma edificação santificadora para si ou para outrem.  
  
Não souberam aprender com a semente minúscula que lhes dá trigo ao pão de cada dia e lhes garante a vida, em todas as regiões de luta planetária. Saber começar constitui serviço muito importante.  
  
No esforço redentor, é indispensável que não se percam de vista as possibilidades pequeninas: um gesto, uma palestra, uma hora, uma frase pode representar sementes gloriosas para edificações imortais. Imprescindível, pois, jamais desprezá-las.  
  
8 - ANSIEDADES  
"Lançando sobre ele toda a vossa ansiedade, porque ele tem cuidado de vós." — (I PEDRO, 5:7.)  
As ansiedades armam muitos crimes e jamais edificam algo de útil na Terra.  
Invariavelmente, o homem precipitado conta com todas as probabilidades contra si.  
Opondo-se às inquietações angustiosas, falam as lições de paciência da Natureza, em todos os setores do caminho humano.  
  
Se o homem nascesse para andar ansioso, seria dizer que veio ao mundo, não na categoria de trabalhador em tarefa santificante, mas por desesperado sem remissão.  
  
Se a criatura refletisse mais sensatamente reconheceria o conteúdo de serviço que os momentos de cada dia lhe podem oferecer e saberia vigiar, com acentuado valor, os patrimônios próprios.  
  
Indubitável que as paisagens se modificarão incessantemente, compelindo-nos a enfrentar surpresas desagradáveis, decorrentes de nossa atitude inadequada, na alegria ou na dor; contudo, representa impositivo da lei a nossa obrigação de prosseguir diariamente, na direção do bem.  
  
A ansiedade tentará violentar corações generosos, porque as estradas terrenas desdobram muitos ângulos obscuros e problemas de solução difícil; entretanto, não nos esqueçamos da receita de Pedro.  
  
Lança as inquietudes sobre as tuas esperanças em Nosso Pai Celestial, porque o Divino Amor cogita do bem-estar de todos nós.  
Justo é desejar, firmemente, a vitória da luz, buscar a paz com perseverança, disciplinar-se para a união com os planos superiores, insistir por sintonizar-se com as esferas mais altas. Não olvides, porém, que a ansiedade precede sempre a ação de cair.**

**25 - MÃOS UNIDAS - EMMANUEL - PÁG. 31, 101, 130**

**PACIÊNCIA SEMPRE: Habitualmente, paciência é um artigo que aspiramos a adquirir de exportação alheia, na loja da vida. Para pesquisar, entretanto, a existência desse talento em nós, urge observar as nossas reações no cotidiano.**

**Para isso, não é a manifestação menos desejável do próximo que nos favorecerá o estudo preciso e sim o próprio comportamento analisado por nós mesmos. O chefe que se desmandou em gritaria terá encontrado motivos para agir assim, em vista das aflitivas questões que lhe esfogueiam o pensamento.**

**O subordinado que aderiu à rebeldia, entrou, possivelmente, em perturbação, induzido pelas constrangedoras necessidades materiais que lhe corroem o mundo íntimo. O amigo que se aborreceu indebitamente conosco decerto abraçou semelhante procedimento, impulsionado por lamentáveis equívocos.**

**O adversário que se fez mais azedo, atirando-nos pesadas injúrias, terá descido a crises mortais de ódio, reclamando, por isso, mais ampla dose de compaixão.**

**O companheiro que nos espanca mentalmente com o relho da cólera jaz, sem dúvida, ameaçado de colapso nervoso, exigindo o socorro do silêncio e da oração, a fim de não cair em moléstia mais grave. O irmão que abraçou aventuras menos felizes, provavelmente haverá resvalado na sombra de perigosa ação obsessiva, cujos meandros de treva não somos ainda capazes de perceber.**

**Paciência é tesouro que acumulamos, migalha a migalha de amor e entendimento, perante os outros; para conquistá-lo, no entanto, é forçoso saibamos justificar com sinceridade a irritação e a hostilidade, sempre que surjam naqueles que nos rodeiam.**

**Em síntese, se desejamos a própria integração com os ensinamentos do Cristo, é imperioso compreender que todos os irmãos destrambelhados em fadiga ou desfalecentes na prova, ainda incientes quanto às próprias responsabilidades, têm talvez razão de perder o próprio equilíbrio, menos nós.**

**PACIÊNCIA E TRABALHO: Auxílio se baseia na comunicação e toda comunicação a fim de expressar-se roga caminho. Isso transparece dos processos mais simples da vivência comum. O medicamento, via de regra, pede veículo para alcançar os mais entranhados redutos da vida orgânica. Fontes garantem cidades reclamando redes de canalização.**

**A força elétrica para ser alavanca de atividade e progresso exige fios transmissores. E até mesmo o próprio pensamento materializado, no plano físico, para atingir a mente alheia necessita acomodar-se em estruturas verbais. O amparo do Mundo Superior não foge ao sistema.**

**Paciência com trabalho é o clima indispensáveis à intervenção da Providência Divina pelos meios imprevisíveis e múltiplos em que a Divina Providência se manifesta. Observa semelhante lição por ti mesmo.**

**Ante problemas que aparecem se ter perdes no desespero sem pausa ou se recolhes obstáculos cozinhando-os indefinidamente na queixa, nada mais consegues senão tumultuar a própria experiência, impedindo a presença da tranquilidade imprescindível ao apoio da Vida Maior.**

**Quando sofrimentos e provações te batam à porta, refugia-te na paciência e no trabalho e verificarás que agentes ocultos colaboram eficientemente contigo na supressão de quaisquer dificuldades e sombras.**

**Lembremo-nos disto: sem paciência com trabalho nenhuma obra de elevação se consolida, mas é importante salientar que o trabalho sem a paciência pode induzir a desequilíbrio, tanto quanto a paciência sem trabalho pode favorecer a ociosidade.**

**Em todas as circunstâncias, serve e espera sempre sem reclamar e adquirirás a certeza de que com a paciência conjugada ao trabalho oferecerás constantemente o melhor de ti mesmo em louvor do próximo para receber o melhor dos outros, sem nunca atrapalhar o concurso de Deus.**

**PACIÊNCIA E VIDA: Estudo necessário da paciência: observar cada um de nós face a própria conduta nas relações humanas e no reduto doméstico. Sabemos compreender habitualmente os assaltos morais de inimigos gratuitos, obrigando-nos a refletir quanto à melhor forma de auxiliá-los para que se renovem construtivamente em seus pontos de vista, e, em muitos casos, esbravejamos contra o desagrado de uma criança que a doença incomoda.**

**Aprendemos a suportar com serenidade e entendimento, prejuízos enormes da parte de amigos, nos quais depositávamos confiança e carinho, buscando encontrar o modo mais seguro de ajudá-los para o resgate preciso e, muitas vezes, condenamos asperamente pequenas despesas naturais de entes queridos, credores insofismáveis de nosso reconhecimento e ternura.**

**A tolerância para com superiores e subalternos colegas e associados, familiares e amigos íntimos é realmente o recurso da vida em quese nos erige o metro do burilamento moral. Isso porque, conquanto a beneficência se mostre sempre sublime e respeitável, em todas as suas manifestações e atributos, é sempre muito mais fácil colaborar em campanhas públicas em auxílio da Humanidade ou prestigiar pessoas com as quais não estejamos ligados por vínculos de compromisso e obrigação que tolerar com calma e compreensão, os contratempos mínimos e as diminutas humilhações no ambiente individual.**

**Paciência por isso mesmo, em sua luminosa autenticidade há de ser aprendida, sentida, sofrida, exercitada e consolidada junto daqueles que nos povoam as áres do dia-a-dia, se quisermos esculpí-la por realização imorredoura no mundo da própria alma.**

**Preguemos e ensinemos quanto nos seja possível os méritos da paciência, no entanto, examinemos as próprias reações da experiência íntima à frente de quantos nos compartilham a luta cotidiana, na condição de sócios da parentela e do trabalho, do ideal e das tarefas de cada dia e, perguntemos com sinceridade a nós próprios se estamos usando de paciência para com eles e para com todos os outros companheiros da Humanidade, assim como estamos incessantemente tolerados e amparados pela paciência de Deus.**

**26 - OFERENDA - JOANNA DE ÂNGELIS - PÁG. 149**

**OPORTUNIDADE DA PACIÊNCIA**

**Escuda-te na paciência. Ninguém improvisa equilíbrio ou logra paz sem o investimento da perseverança, na vivência dos ideais enobrecedores. A paciência resulta do comportamento ético que a criatura mantêm em relação aos ideais que esposa, fascinada pela significação deles. O cristão, e em particular, o espírita, deve escudar-se na paciência a fim de atingir o êxito nos cometimentos a que se propõe.**

**Paciência é bênção da vida a quem respeita a vida. Transbordam rios de problemas, ameaçando a barca da tua conduta? Tem paciência Amanhã a situação se terá modificado. Chuvas torrenciais de aflições transformam o teu pomar de alegrias em caos onde abundam destroços?**

**Tem paciência. O dia novo trará sol amigo e abençoado, que refará a paisagem com o auxílio da tua ação. Enfermidade ultriz surpreende-te os passos quando te candidatas ao apostolado do bem? Tem paciência. O despertar para a verdade, já é vivê-la, e o confiar nela, é dar início à sua realização.**

**Inimigos gratuítos forcejam a porta das tuas esperanças assacando calúnias e arrojando-te impropérios? Tem paciência. Recolhes hoje as tempestades que semeaste, mas o futuro dar-te-á o fruto da sementeira que agora produzes.**

**A noite sombreia-se de dificuldades levando-te a conclusões pessimistas? Tem paciência. Além da treva brilha a luz e, longe das tuas percepções débeis, há claridades desconhecidas a apontarem o rumo da vida. Companheiros desertam do ideal que os sustenta? Tem paciência. Eles estão comprometidos com a vida e, não podendo seguí-lo, agora, avança-tu.**

**Decepções assinalam as tuas atividades, no exercício do bem? Tem paciência. A edificação do reino de Deus exige o trabalho puro e simples, mais a abnegação e o sacrifício com devotamento total. Em todo lugar, em qualquer circunstância, preserva a paciência.**

**Com paciência observarás a semente intumescer-se na intimidade da terra, o embrião surgir, a plântula desdobrar-se, agigantar-se o vegetal, coroar-se de flores, bendizer-se com frutos e perpetuar-se em sementes novas. Pacientemente, o Pai opera sem descanso e o Mestre trabalha sem descoroçoamento. Não têm pressa na modificação das estruturas dos Orbes, da Terra, do homem.**

**Esperam e esperam decisões felizes e a dedicação integral de cada qual. Com paciência vencer-te-ás a ti próprio, superando limites, aprimorando aspirações, corrigindo imperfeições e, candidato que és à conquista da paz, chegarás além das sombras físicas, à plenitude da vida liberado e ditoso para a tua glória estelar.**

**27 - BÊNÇÃO DE PAZ - EMMANUEL - PÁG. 147**

**PACIÊNCIA E CONSTRUÇÃO**

**"A caridade é paciente..." - Paulo (I Corintios, 13:4)**

**Indiscutivelmente não consegues corrigir, como talvez desejes, os desacertos da Humanidade, mas é possível ajustar o próprio coração à lei do amor a fim de que a redenção do mundo encontre em ti mesmo o ponto necessário de expansão. Não julgues, porém, que pressa ou violência sejam climas adequados de ação para a vitória do bem.**

**Amarás e servirás; entretanto, não só isso: ampararás também. Compreensão pede amadurecimento de raciocínio nos refolhos da alma. Que dizer do lavrador que propiciasse leito e adubo à semente, sob a condição de ser correspondido com o fruto em apenas algumas horas? Do professor que instituísse o apoio da escola exigindo, por isso, que o aluno efetue a conquista de todos os louros culturais numa semana?**

**Auxilia aqueles a quem amas; no entanto, não lhes solicites espetáculos de entendimento e gratidão que ainda não sejam capazes de oferecer.**

**Que seria de nós se fôssemos constrangidos a pagar de improviso as contas do amor que temos recebido e com que temos sido sustentados na longa fieira de nossas reencarnações, através dos séculos? Pensa nisso e semeia o bem quanto possas, porque a caridade é paciente e na caridade infatigável se edifica, em favor de nós todos, a paciência de Deus.**

|  |  |
| --- | --- |
| **PADRES** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- A luz da oração - pág. 174** | **02 - A vingança do judeu - pág. 46** |
| **03 - Allan Kardec, vol. 1,2,3 - pág. 104, 56,81** | **04 - As sessões Práticas do Esp. - pág. 55** |
| **05 - Caminho verdade e vida - pág. 185** | **06 - Confidências de um Inconf. - pág. 35, 43, 47** |
| **07 - Depoimentos vivos - pág. 159** | **08 - Do país da luz - vol. 2 pág. 36, 181** |
| **09 - Falando à Terra - pág. 117, 134** | **10 - Grandes Esp.do Brasil - pág. 87** |
| **11 - Hipnotismo e espiritismo - pág. 90, 120** | **12 - Hipnotismo e mediunidade - pág. 235** |
| **13 - Jesus perante a cristandade - pág. 77** | **14 - Lázaro redivivo - pág. 193** |
| **15 - Libertação - pág. 122** | **16 - Magnetismo espiritual - pág. 96** |
| **17 - Memórias de um suicida - pág. 114, 205** | **18 - Memórias do Pe. Germano - toda a obra** |
| **19 - Morte, renascimento, evolução - pág. 98** | **20 - O que é a morte - pág. 22** |
| **21 - O que é o Espiritismo - pág. 122** | **22 - Obreiros da vida eterna - pág. 12, 45, 86** |
| **23 - Os funerais da santa sé - pág. 95, 119, 223** | **24 - Renúncia - pág.239** |
| **25 - Veladores da luz - pág. 113** | **26 - Vozes do grande além - pág. 84** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**PADRES** **– COMPILAÇÃO**

**05 - Caminho verdade e vida - Emmanuel - pág. 185**

**85. TESTEMUNHO  
"Respondeu-lhe Jesus: -Dizes isso de ti mesmo ou foram outros que to disseram de mim?"- (joão, 18:34)  
A pergunta do Cristo a Pilatos tem significação mais extensiva. Compreendemo-la, aplicada às nossas experiências religiosas. Quando encaramos no Mestre a personalidade do Salvador, por que o afirmamos? estaremos agindo como discos fotográficos, na repetição pura e simples de palavras ouvidas?**

**É necessário conhecer o motivo pelo qual atribuimos títulos amoráveis e respeitosos ao Senhor. Não basta redizer encantadoras lições dos outros, mas viver substancialmente a experiência íntima na fidelidade ao programa divino.**

**Quando alguém se refere nominalmente a um homem, esse homem pode indagar quanto às origens da referência. Jesus não é símbolo legendário; é um Mestre Vivo.**

**As preocupações superficiais do mundo chegam, educam o espírito e passam, mas a experiência religiosa permanece. Nesse capítulo, portanto, é ilógico recorremos, sistematicamente, aos patrimônios alheios.**

**É útil a todo aprendiz testificar de si mesmo, iluminar o coração com os ensinos do Cristo, observar-lhe a influência excelsa nos dias tranquilos e nos tormentosos.**

**Reconheçamos, pois, atitude louvável no esforço do homem que se inspira na exemplificação dos discípulos fiéis; contudo, não nos esqueçamos de que é contraproducente repousarmos em edificações que não nos pertencem, olvidando o serviço que no é próprio.**

**09 - Falando à Terra - Espíritos Diversos - pág. 117, 134**

**CONTO SIMPLES - PAULO BARRETO  
Malaquias Furtado, conhecido libertino, reconhecendo enfim, que mais valia o dever bem cumprido que as aventuras mundanas, rendeu-se à necessidade imperativa de renovação espiritual para a reforma da vida. Para isto, confugiu à inspiração do Padre Elias Gomes, famoso cura de almas imaginando nele o guia ideal.**

**Recebido cordialmente pelo sacerdote, confessou-lhe as deploráveis experiências em que se emaranhara, obtendo calorosa doutrinação, como o vaso imundo em processo de lavagem na tina de água fervente. Malaquias arrependeu-se do passado e chorou, abatido. Visceralmente transformado, cumulou-se de juras e promessas, que procurou cumprir com sinceridade e rigor.**

**Quando a tentação lhe assaltava o espírito honesto, voltava a ajoelhar-se aos pés do mentor, suplicando:— Bom amigo, sinto-me perturbado por desejos inferiores... Tenebrosos pensamentos agitam minhalma... Que fazer para encontrar o caminho do Céu? Padre Elias logo respondia, calmo:  
  
— Filho, consagre-se a Deus e olvide Satã. Guarde castidade, cultive humildade, paciência e pobreza. A salvação cabe àqueles que trilham a subida escabrosa da virtude. O convertido voltava à arena cotidiana e sufocava os reclamos da carne indignada, curtindo provações duras que aos poucos lhe burilavam o espírito. Trabalhava, servia sem alarde e procurava suportar toda espécie de infortúnio com inexcedível heroísmo.  
  
Eis, porém, novo dia de mais vivas tribulações, e Malaquias regressava ao orientador, exclamando: — Devotado protetor, tenho sofrido calúnia e ingratidão. A ideia de vingança domina-me. Tenho fogo na alma. Que fazer para sustentar-me no roteiro do Paraíso? O ministro da fé esclarecia, sereno:— Tenha paciência, meu filho, muita paciência. Para consolidarmos em nós a tranquilidade, é imperioso perdoar infinitamente.**

**Não nos esqueçamos dos velhos ensinamentos. Desculpemos até setenta vezes sete, oremos pelos nossos inimigos e perseguidores... Quem ofende, condena-se; quem exerce a tolerância fraterna, exalta-se. Malaquias aceitava, confiante, as ponderações ouvidas e tornava, confortado, às lides que o Céu lhe reservara.**

**Devolvia o bem pelo mal e continuava, na condição do discípulo fervoroso, experimentando os conselhos obtidos, disciplinando os seus sentimentos, sorrindo para os algozes, cedendo aos adversários e mantendo inalterável submissão ao que considerava como sendo as imposições divinas.**

**Ressurgiam, porém, outras ocasiões de conflito para o criterioso aprendiz, e logo se apressava ele em conchegar-se à sabedoria do pastor, clamando, ansiado:— Meu padre, acho-me fatigado, enfermo, sem rumo certo... Familiares, aos quais prestei assistência e socorro em outros tempos, abandonaram-me sem comiseração pelas minhas fraquezas e sofrimentos. Minha esposa, vendo-me quase imprestável, receou o sacrifício que a nossa união lhe impunha e aliou-se aos nossos filhos maiores, hoje casados, contra mim...**

**Vivo sem ninguém... Por ninharias, antigos credores de minha casa me cercam de ameaças sem termo... Tenho a impressão de que o inferno se instalou dentro de mim. Debalde busco -- claridade da oração, e não mais a encontro. Padre, padre, que fazer para não me desviar da estrada celeste? O guia, na atitude convencional dos grandes inspirados, emitindo a palavra doce e fitando os olhos no céu, respondia, convicto:  
  
— Não se deixe enredar em ciladas e tentações! A fé remove montanhas! quem se sentirá só, depois de encontrar na Humanidade a grande família? Nossos pais e nossos filhos respiram em toda parte. Onde alguém esteja lutando, aí possuímos nosso irmão. Não se perca no desânimo destrutivo. Quem se dirige para Deus não perde os minutos na peregrinação do bem. Se há dificuldades e sofrimentos, a coragem é o sustento do espírito na estrada para o mais alto. Sobretudo, meu filho, não creia na enfermidade.**

**A doença é alguma coisa que depende de nós. A imaginação superexcitada improvisa monstros para o nosso corpo, mas a alma robusta na confiança, embora viva de pés na Terra, mantém o coração voltado para o Senhor, cada dia servindo mais intensamente na sementeira de luz e de amor. Não se agrilhoe a simples ninharias...O crente leal contemplava o instrutor, como quem se via agraciado pela presença de um plenipotenciário divino. Verteu copiosas lágrimas e indagou, por fim:  
  
— E se eu pautar pensamentos e atitudes nessas linhas, encontrarei a passagem para o Céu?— Como não? — falou o sacerdote, complacente e bem-humorado. E numa definição espetacular: — A virtude é divino passaporte para o Paraíso. Malaquias tornou à luta e aplicou o que aprendera. Olvidou a moléstia e dedicou-se ao trabalho constante; transformou a solidão em serviço a todos e, cultivando a oração e a bondade, acabou seus dias, de consciência tranquila.  
  
Aguardava-o à cabeceira um anjo, que, presto, o arrebatou ao País da Luz. Participando, agora, do séquito de santos anônimos, o antigo devoto era raramente lembrado na Terra. Vivera servindo, não obstante as deploráveis experiências do início, e, por isto, de tempo não dispusera para cuidar da propaganda do seu nome. Era, contudo, um dos príncipes mais felizes da Corte Celestial. Não contava tempo, nem era forçado à contemplação das misérias humanas.  
  
Acontece, porém, que um dia se ouviu entre as estrelas um chamado insistente para ele. Vinha do Inferno, diretamente da moradia de Satanás. Malaquias não se fez rogado. Solicitou permissão e desceu, desceu, desceu... E quando se viu no círculo das trevas infernais, encontrou quem lhe invocava o nome: era justamente o Padre Elias Gomes, que lhe estendia os braços e suplicava:  
  
— Malaquias! Malaquias! Compadeça-se de mim! Ensine-me! Onde encontrarei o caminho para o Céu?!... Acautele-se no mundo quem oriente, quem dirija e quem aconselhe. Quase todos nós, os que sabemos indicar o bom caminho aos pés alheios, esbarramos, além do túmulo, com a mesma surpresa do sacerdote.**

**20 - O que é a morte - Carlos Imbassahy - pág. 22**

**Capítulo l - A MORTE  
Omnia definitio periculosa est... diziam os latinos. Mas o axioma que eles aplicavam ao direito — in jure — pode estender-se a quaisquer atividades. Se toda a definição é perigosa, no que respeita à morte, onde se nos afiguraria dificílima, é de uma simplicidade admirável: A morte é a extinção da vida. Até o Conselheiro Acácio poderia formulá-la de improviso.  
  
Se quisermos torná-la mais séria, poderemos dizer: É o desaparecimento dos processos vitais. Ou o desaparecimento definitivo dos processos químicos. E se preferirmos o estilo filosófico: É a alteração dos elos da cadeia infinita. Não poderemos afirmar que a morte seja a parada das funções orgânicas, porque é comum o arresto sem que a vida cesse: é o caso da morte aparente, que tem levado tanta gente à sepultura antes do tempo.  
  
Há seres que se diriam mortos e se conservam vivos, como os tomados de síncope, ou em estado cataléptico; há seres que se diriam vivos e estão mortos, como os fantasmas na visão mediúnica. A morte se manifesta pela cessação dos batimentos cardíacos, pela da circulação, pela dilatação da pupila, pela queda do globo ocular, pela palidez característica, pela algidez, pela rigidez cadavérica, pela imobilidade da íris, pela putrefação.**

**A duração da vida, segundo a Ciência, depende da hereditariedade, do gênero de vida, da profissão, do clima, do dispêndio orgânico, da alimentação, dos vícios, dos excessos. Mas todos já devem trazer os seus dias contados. A falar verdade, cada qual deve ter um relógio invisível, que pára no momento fatal, predestinado. Tomás Ribeiro falava do relógio "que pregado na parede das horas se esqueceu". Mas o relógio do destino não se esquece nunca das horas. Ninguém foge ao supremum diem.  
  
A MORTE FÍSICA  
A morte do corpo, ao que parece, não é fácil de ser verificada, e daí haver muita gente enterrada ainda em vida, apesar dos progressos da Medicina. O Dr. Maurice d'Halluin pergunta: "Quando chega a morte? Acompanha ela sempre o último suspiro e o desaparecimento dos sinais da vida? Qual o desfecho? Ou o desastre? Quelle en est l 'échéance? "  
  
A separação entre alma e corpo não se dá quando o coração pára. E entra a citar Brouardel: "Não podemos em medicina legal admitir que a parada do coração seja o momento da morte. Nem há sinais que possam em todos os casos precisar esse momento." Glenard: "A morte quebra a subordinação dos órgãos, porém não destrói a vida." Dastre: "Quando se diz que um homem é morto, estabelece-se um prognóstico, não um diagnóstico. Em suma, os fatos têm mostrado que o homem pode retornar depois de muitas horas do desaparecimento da manifestação da vida."  
  
Isto é desanimador para os morituri. Afrânio Peixoto é otimista quanto ao diagnóstico da morte, que lhe parece seguro, o que já é um consolo para os que temem ser inumados vivos. "A tanatognose — diz ele — serve-se de várias ordens de sinais que se podem averbar de duvidosos, prováveis e certos. Deixemos as duas primeiras e vamos às certas que são: pergaminhamento do derma (pele seca, dura, amarelada); mancha verde abdominal; parada completa e prolongada da circulação.**

**São fenômenos cadavéricos: a face cadavérica chamada hipocrática. Hipócrates refere-se à fronte enrugada e árida, olhos fundos, nariz afilado, têmporas deprimidas, côncavas, rugosas, orelhas repudiadas para cima, lábios pendentes, maçãs cavas, mento enrugado e duro, pele seca, lívida e cinzenta, vibrissas e cílios semeados de uma poeira esbranquiçada, rosto fortemente contornado e alterado. Há o resfriamento do corpo, a pele pálida, o espasmo cadavérico ou rigidez cataléptica, a putrefação."  
  
Transcrevemos em linhas gerais o que diz respeito aos sintomas da cessação da vida. Há autores mais explícitos e mais extensos, mas paramos por aqui, numa ligeira idéia do caso, porque não é nosso intento apresentar um capítulo sobre medicina legal.  
  
COMO SE ENCARA A MORTE  
Para o selvagem há sempre um responsável pela morte de qualquer indivíduo; ela era imputada ao crime de alguém, e ainda hoje costuma cair nas costas largas do demónio. Na Idade Média e ainda pêlos tempos afora, os feiticeiros e ne-cromantes não estavam isentos de suspeita. Houve muita gente perneando nas fogueiras porque alguém morreu mais ou menos misteriosamente.**

**Não faltavam também as vítimas quando padeciam dúvidas sobre a causa da moléstia, e havia quase sempre alguém para pagar os erros de diagnóstico ou de terapêutica por parte de facultativos, quando não eram os próprios facultativos que iam expiar duramente os seus equívocos.  
  
Alexandre tomou-se de grande furor quando morreu o seu amigo Hepastion, aliás sem culpa nenhuma do médico, cujas prescrições havia desobedecido. Ele não só mandou crucificar o médico como desandou a fazer desatinos e maldades de toda a ordem, como arrasar templos, cidades, tosquiar animais, proibir folguedos, degolar pessoas que não tinham nada com a morte daquele Hepastion, vítima apenas de comezainas e carraspanas.  
  
Não poderemos ainda gabar-nos da ausência de tais atos, posto que a civilização tenha contribuído para que acabassem as injustiças de todos os tempos. A exemplo de Alexandre, o Grande, muita gente costuma invectivar, quando não matar, o médico que não pôde curar o enfermo confiado a seus cuidados. No interior do país não era sem receio que um doutor em medicina assumia o compromisso de prestar assistência médica a parentes de um "coronel" bem fornecido de capangas.  
  
Enfim, já se dizia no Tibete que a morte é nascimento num mundo desconhecido. O recém-morto e o recém-nascido procuram acostumar-se, uns aos órgãos psíquicos, outros aos órgãos sensórios que lhes cabem. A definição da morte não abrange o espírito nem se declara qual a sua situação, extinta a vida. Autor muito entendido no caso acha que a crença em outra vida não é uma verdade de senso comum, mas uma ideia emitida por indução, insuficientemente demonstrada e sempre discutível.**

**Não é esse o consenso geral e já não é tão grande a insuficiência de demonstrações, no que toca à sobrevivência. Verdade é que muitos filósofos a negam, que os sábios a desconhecem, que a Ciência a repele, que o dogmatismo a anatematiza, e que homens eminentes, por mostrarem superioridade, timbram em assegurar-nos que o que nos espera é o nada ou nada nos espera, o que vem a dar no mesmo.  
  
Conta-nos, entretanto, um manuscrito de 1730, conservado na Biblioteca do Arsenal de Paris, que havia sineta necromântica com a qual se chamavam os mortos. Gabriel Mareei afirma-nos que já o homem primitivo tinha medo dos mortos e vivia em luta com as sombras. Se usasse dochette nécromancienne seria para afastá-los.  
  
As solenidades fúnebres, os ritos, os cultos, o cerimonial concorrem para tornar a morte mais assustadora. Os frades trapistas da Tebaida tinham uma divisa — memento mori. Era uma ordem religiosa fundada em 1140. Viviam tristes, silenciosamente. Quando se encontravam, um dizia para o outro — lembra-te que vais morrer — memento mori — e isto com a voz mais lúgubre possível. E continuavam a caminhar, sem olhar para os lados, sem mover os lábios, como se fossem múmias ambulantes.**

**Esses frades representavam a morte com o seu mais terrível aspecto. Ao saírem das celas, ou a caminharem em filas, mãos no peito, cabeça baixa, poder-se-ia dizer que eram a morte em marcha. E deixaram-na como o fim das alegrias, o fim da vida, o fim de tudo. Os materialistas, com o nada, deles pouco diferiam.  
  
O paganismo não era tão tristonho. A deusa dos funerais em Roma era Libitina. No seu templo os parentes dos mortos não vinham chorar. Quando muito, deixavam já uma espór­tula. O dinheiro é que nunca deixou de existir em qualquer parte do mundo. Nunca se esclareceu o que era morte. Razão tinha Ribeiro Costa em sua quadra: Quem volta ao cemitério, alma em luta, dolorida, volta envolto no mistério que deixa a morte na vida.  
  
Muito contribui para o medo da morte a descrença da imortalidade, que eméritos escritores timbram em propagar. E assim dizia-nos de Puchesse: "O homem, declinando de hora a hora à sepultura, não pode sem horror encarar o terrível desconhecido que está além. Apavora-o o pressenti­mento do nada. Não tem movimento de espírito nem fibra de coração que impugne tal idéia."  
  
Feuerbach escreveu um livro com o propósito de "tirar-nos a ilusão de uma segunda existência". Vejamos estes seus trechos: "Conhecendo mal a verdadeira índole da morte e assombrados com seus estragos cotidianos, lançamo-nos infantilmente nos braços da ilusão de urna segunda existência de além-túmulo, de uma imortalidade individual." E robustece a sua tese com esta outra tirada:   
  
"Assim, senhores teístas e espiritualistas cristãos, ou concedeis como verdade inconcussa aos germanos antigos o seu Walhala, aos gregos o seu Olimpo, aos índios da América do Norte o seu País do Grande Espírito, ou declareis estar errado alçar o grito imprecando contra quem — no vosso dizer — ousa com mão cruel tirar às almas simples o doce conforto, a delícia em perspectiva do Outro Mundo."  
Em síntese: Ou o Walhala, o Olimpo, o País do Grande Espírito ou o vazio. Resta-nos a esperança de poder abalar com provas estas alegações improváveis.  
  
Fiquemos com Eakhovsky, quando nos lança uma grande verdade: "A morte não é triste e dolorosa separação para a qual nos preparam de toda a eternidade as religiões e as filosofias. É, pelo contrário, a metamorfose final, a esplêndida libertação de nossa alma, que abandona o sofrimento e a prisão corpórea para ascender à felicidade eterna." "Nossos últimos momentos transcorrem em suavidade e serenidade. (Aussi nos derniers moments se passentils dans l 'apaissement et Ia sérénité.)"   
  
E nós, como La Bruyère, não compreendemos que uma alma possa ser aniquilada. Outro erro dos credos é a repetição de que somos pó e ao pó retornaremos. E isto apesar do ensino religioso da sobrevivência. Mas vemos no corpo todo o nosso ser, e a importância que se lhe dá é de tal ordem que, segundo o dogma, ele acompanha a alma no juízo final.  
  
Um sintoma desse materialismo inconsciente são as sentenças que se conservam através dos tempos e pelas quais nos vivem a lembrar que somos pó: — "Não passas de terra e cinzas." Nas portas dos cemitérios lá está: — Memento homo, quiapulvis est et inpulverem reverteris. E no Gênese'. "Porque barro és e ao barro voltarás." E no Eclesiastes: De terra facta sunt et in terram pariter revertuntur.  
  
Não admira que o padre Vieira visse também em nós o pó em que nos tornaremos: "Os vivos são pó levantado, os mortos, pó caído." Mas é engano: O que é pó e volta à terra é o corpo; mas o eu, o ser espiritual não é pó nem vai ao pó. Ele se liberta do pó e feliz será se ao pó não voltar mais. Mais certo andava Horácio quando dizia que éramos pó e sombra. Pó em vida, sombra na morte. Sombra é como os antigos denominavam as almas, as quais como sombra lhes passavam diante dos olhos.  
  
É preciso tirar ao homem o medo da morte que, para ele, dadas as noções que lhe fornecem, é o eterno desconhecido. Um irlandês, já às portas do túmulo, não se conformava com sua situação fatal. Diz-lhe um amigo para consolá-lo: — Olha, só se morre uma vez. Pois nisto — respondeu ele— é que está o meu aborrecimento. Se eu pudesse morrer uma dúzia de vezes não me incomodaria.  
  
Se, entretanto, tivesse outros conhecimentos, saberia que, de fato, morremos muitas dúzias de vezes. E talvez fosse melhor morrer uma só. Por sábia disposição da natureza, a certeza da morte faz-nos muitas vezes esperá-la com calma E no auge da paixão, religiosa, política, social, ou qualquer que seja, desaparece o receio da extinção: daí os heróis e os mártires.  
  
"O medo da morte — dizia Mac Kena — é o mais débil dos temores — cede diante da glória, do dever, da religião. Sei-o de fonte segura, que o homem ou mulher, ao avizinhar-se a hora, a enfrentam com calma." Alguns autores têm certa idéia desse fenômeno, sem precisá-lo exatamente. G. Barbaim ensinava que o homem pressente com horror o momento de expirar, ruas acostuma-se à idéia e quando surge a Parca a angústia desaparece.  
  
Não é tanto uma questão de acostumar-se. O indivíduo perde a angústia diante do que vê, do que sente, do que se abre ao seu entendimento espiritual; diante do instinto, ou da memória recôndita que lhe está a segredar que a morte não existe. Dizia Heine, salvo de uma queda: "Quando caí, imaginei que iria esfacelar-me; percebi quando me choquei contra os rochedos, ouvi o ruído do corpo de encontro à neve que os cobria. No momento não senti dores. Diante de meus olhos perpassou toda a minha vida, iluminada por um esplendor celeste, sem angústia, sem sofrimento nenhum."  
  
É de fato muito interessante o que se passa no momento da morte — a chamada visão panorâmica, de cuja existência sabemos seguramente pêlos informes daqueles que tiveram a vida por um fio, os que puseram um pé ligeiramente nos umbrais do outro mundo. É uma espécie de visão da cons­ciência ou pós-visão, como a indicar-nos que não ficou esquecido na memória do tempo nenhum de nossos atos; que eles não se perdem e temos que responder por eles.**

**Assim, às portas da morte, o indivíduo revê toda a vida que se vai extinguir. Aquela visão desdobrar-se-á mais tarde com as suas devidas consequências. O almirante Beaufort caiu de um navio na baía de Portsmouth. Desapareceu na água. À angústia do primeiro momento sucedeu um período de calma e sentiu-se bem que não teve nenhuma vontade de que o socorressem.**

**Nenhum sofrimento, antes uma sensação de bem-estar, a que precede o sono devido à fadiga. Entretanto, havia grande atividade cerebral: o acidente, sua causa, o tumulto que se seguiria, a dor de seu pai... Depois vieram as lembranças do passado. Em breve, o fluxo completo de sua vida, em seus por­menores; toda a sua existência se lhe desfilou diante da memória, numa revista panorâmica. (...)  
  
  
23 - Os funerais da santa sé - Espírito Guerra Junqueiro - pág. 95, 119, 223**

**AOS PADRES  
Ó mercenários dos cerrados batalhões de águias infernais, de tigres, de leões, - fantasmas de batina entrincheirados para inumar sob a lama a explêndida seara; deixar os troncos nus em vez da sombra amiga; fazer a Humanidade, a sórdida mendiga, lamber os pés ao papa; enfim, lançar o mundo - esse balão eterno - ao charco mais imundo; chafurdar na peçonha ignóbil das serpentes a face virginal das almas inocentes!**

**Vós fazeis da Maldade a tétrica bandeira, misérrima, que empunha a loba carneceira - a Igreja! E dum montão de chãs velhacarias de coxas tradições e velhas fantasias tentais formar o monstro — o espetral sandeu, — que diga ao mundo inteiro: o imperador sou eu! Quereis acorrentar a Consciência, ainda, à jaula do terror e da miséria infinda? Ah! loucos recolhei às fauces dilatadas essas línguas que são de raiva saturadas; calai-vos! nada serve o rouquejar insano que visa amedrontar o pensamento humano!   
  
Espantalhos sem vida, as gesticulações não só vêm abalar as articulações mas alterar, também, o sistema nervoso. A quem obedeceis? — a um lobo virtuoso que vive contemplando o seu real tesouro. . . — Bendito sejas tu, ó vil bezerro de ouro!.. . Palhaços, recuai, mais uma vez ordeno! No olhar inquisidor trazeis mortal veneno. Mas temos o remédio a ministrar aos crentes, que os há de preservar da sânie das serpentes. Com todo esse furor sois vítimas, decerto, da própria hediondez. Ó sombras do deserto, pregais a castidade imaculada, eterna, e ides procurar em torno da caverna — onde reside o Vício — as sensações impuras, que têm levado a alma às sórdidas loucuras. . .  
  
Pregais o celibato a olhar para as donzelas, despindo-as com a vista, na ânsia de mordê-las, — eis toda a realidade! Irmãos, eu vejo o fundo do vosso pensamento, e um tremedal profundo encontro dentro em vós. Dizei que calunio; bradai que quanto digo é falso, eu desafio!. . .  
  
Na inspiração que Deus já me concede agora, eu bebo novo alento, alguém duvide embora! Carrascos, não é crime azorragar dragões. Vamos iniciar evangelizações; é necessário o punho forte e a mão segura para domar leões; e um raio de brandura brilhará logo após esse ideal castigo, e o domador será o mais fiel amigo dos que assim subjugar.  
  
Atentai, escolásticos: Querer desenterrar esses dogmas fantásticos do negro poeiral que os vai já soterrando; querer que o homem vá dobrar-se ao vosso mando, como fazia outrora a miserável gente, — é doida criação de um cérebro doente; são nuvens de ilusiva e singular quimera. . .  
  
— O desengano atroz, sabeis, já vos espera! As brumas vão fugindo e a Verdade surge! Urge a reparação dos vossos crimes, urge. Apressai-vos, despi a capa lutulenta; buscai no Evangelho a fonte de água benta, e lavai e banhai a alma enodoada nesse manancial que nasce da alvorada!**

**Compreendei, sim, que sois os gastos instrumentos — autômatos, febris — dos ímpios elementos.De todo esse furor, as vítimas, repito,  
sois vós; no turbilhão do uníssono conflito, andais de terra em terra expectorando abusos. Fazeis o grã-papel de velhos parafusos tentando entrar à força, e obstinadamente, na idéia varonil dessa moderna gente: quereis meter o Erro onde ele mais não cabe!  
  
Se acompanhais um corpo ao termo-sepultura, estipulais o preço ao ato de. . . bravura! De graça, que valia a caridade imensa com que acobertais o sol da vossa crença já meio envolto, assim, em nuvens tenebrosas?! A Evolução cavou as fendas horrorosas, e caís, e rolais o escuro sorvedouro por entre o rebentar de formidando estouro. . .  
  
Mineiros do Porvir, hercúleas entidades, vamos banir da gleba o caos de iniquidades. É necessário agir, pôr termo a esses abusos; limpemos a ferrugem aos velhos parafusos; façamos rebrilhai a todas as criaturas as luzes que nos Têm das célicas alturas! Esse erro que vos veio da vossa ignorância (vampiros que julgais sei doutos, eruditos), fez germinar em vossas almas a arrogância, sapos que pretendeis voar aos infinitos, acobertar a Alva e enodoar o mundo para impedir que siga em marcha acelerada buscando esse ideal, seráfico, profundo, de conquistar de todo a perfeição sonhada.  
  
Que desejais, pigmeus, de há muito nós sabemos, fazer ressuscitar o monstro do poder. . . Por isso, com ardor lutamos, combatemos, para que o mal não venha os homens abater! A vossa glória é morta em cinerárias urnas, lá onde também jazem restos do dragão maldoso, que afundava outrora às negras furnas para enterrar no lodo o senso e a Razão.  
  
Rebentais num estouro a própria consciência, rugindo como estais, de ódio e de ambição; mas tende muita calma e mui formal paciência, assisti ao enterro e olhai com atenção: Não vedes como vão os bispos, cabisbaixos, aqueles que, a pisar a mísera ralé, faziam dos cristãos os tímidos capachos onde escarravam lama e limpavam o pé?!  
  
Atentai para aquela multidão de freiras envoltas pelo manto ignóbil da indigência forçada, e vede como espalham, traiçoeiras, em fluidos que enodoam, vil concupiscência! A essas vós chamais — esposas de Jesus, — fantasmas que inda levam fogo da luxúria, queimando sem cessar os peitos sempre crus, na vertigem cruel de insaciável fúria?!**

**Se procurassem elas o almo paraíso de um lar, e, obedecendo à lei da Natureza, abrissem a flor da alma ao plácido sorriso que é nos berços — amor e virginal pureza, iriam encontrar na sempiterna vida a grinalda de luz que um ser puro e divino tecera, como prêmio à sua mãe querida!  
  
É triste relembrar um tempo que se escoa por entre o esperdiçar de dolorosas queixas. . . As almas que perderam rosas da coroa contentam-se, meu Deus! em modular endeixas. Às vezes escutais a alguém cantar, mas quando procurais sufocar as sensações doridas, sentis que em vossa face o pranto vai rolando. . . São as setas que ferem harpas bipartidas, que tocam através desse descante alado, que tem a vibração de irresistíveis falas. Ouvindo-o, chora e freme o peito mais gelado: as grandes comoções quem. ousa sufocá-las?!. . .  
  
É que na voz que vibra há seres mil cantando, talvez para esquecer as dolorosas chagas, que procuram fugir do tremedal nefando adormecendo a idéia ao som das vozes magas. . . Ministros, que sois vós perante o olhar supremo que sabe perscrutar a consciência humana?. . . À miséria moral em tos chega ao extremo. Rendei-vos à Teidade excelsa e soberana!. . .**

**VOZES DOS NEGROS JESUÍTAS  
Não temos dó deste malvado,  
deste traidor, deste ladrão!  
Ele devia ser queimado  
nas chamas da Revolução.**

**O ódio, o ódio é o que merece,  
- ardente e eterno, abrasador!  
A maldição, em vez da prece,  
lançai-lhe ó servos do Senhor!**

**Quando rompia ao longe a aurora,  
sem crer na pura realidade,  
inda tentou, naquela hora,  
lançar um bote à Humanidade:**

**desceu do trono, olhou em volta,  
mas quando erguia a mão feroz,  
os brados vivos da Revolta,  
lhe estrangularam toda a voz!**

**E o soberano da impostura  
quis se ocultar no Vaticano,  
para abafar da enorme altura  
a voz do pensamento humano.**

**E grande força do Invisível  
atou o mostro impertinente,  
perante o olhar inflexível  
da turbamulta dissolvente!**

**Em vão chamou os seus criados:  
em vão lançou a excomunhão!  
Pelos espaços carregados  
soprava um negro furacão...**

**E nós, que fomos os caixeiros  
desse armazém comercial,  
somos, talvez, mais verdadeiros  
que o padre santo - o industrial.**

**Mas, nem assim, nos poupa a sorte,  
fomos forçados a sair  
desse passado negro e forte  
pelas janelas do Porvir!**

**Quando nos vimos despojados  
de tudo que a oração nos dava,  
ficamos tão desconsolados  
que até mandamos Deus à...fava!**

**Andamos sujos, remendados,  
cabeça ao vento e pés no chão;  
além da carga dos pecados,  
mais o terror da Evolução!**

**Esses clamores incontidos,  
esse furor de onda bravia,  
põe-nos assim estarrecidos,  
sujeitos a uma apoplexia...**

**Por piedade - aventureiros  
que dais o pão em vez de altar  
e os elementos verdadeiros  
para o bom senso alimentar.**

**- deixai-nos ir, pelos escuros  
das prisões eras já esquecidas,  
medir a altura desses muros  
que nos serviram a investidas...**

**Deixai-nos ir - morno descanso -  
lembrar o que nos pertenceu,  
desde o Missal que sabe a ranço,  
aos ornamentos do Sandeu.**

**Sandeu! ninguém se espante disto!  
Sandeu é o nome do animal  
que tinha a cruz de Jesus-Cristo  
sobre o erário colossal...**

**Ele guardava com usura  
lindas relíquias fulgurantes;  
e em vez de orar fitando a Altura,  
rezava olhando os seus diamantes...**

**Todos se agarram às riquezas,  
ninguém procura os infinitos.  
Tende piedade das fraquezas  
de pobres, míseros proscritos.**

**Se nós andássemos na estrada  
cumprindo os santos mandamentos,  
talvez que a grei apiedada  
nos desse a nós bons vencimentos.**

**Estamos todos manietados  
pelas correntes do Porvir,  
como animais enjaulados  
que servem para divertir!**

**Ah! se pudéssemos a dentes  
partir as tramas desta malha!  
mas as diabólicas correntes  
se tornam sólida muralha.**

**Assim, sabemos que é escusado  
lutar para sair do caos...  
Ao vendaval desenfreado  
nos vão lançar os homens maus.**

**Silêncio! A nossa vozeria  
tem atraído a multidão...  
Valha-nos Deus! Ave-Maria!  
-Bendita seja a Evolução!...**

|  |  |
| --- | --- |
| **PAIXÕES** | |
| **BIBLIOGRAFIA** | |
| **01- A pluralidade dos mundos habitados - pág. 211** | **02 - A reencarnação na Bíblia - pág. 92** |
| **03 - Agenda cristã - pág. 115** | **04 - Alerta - pág. 60** |
| **05 - Após a tempestade - pág. 27** | **06 - Boa Nova - pág. 101 (15)** |
| **07 - Caminho, verdade e vida- pág. 179** | **08 - Dramas da obsessão - pág. 23** |
| **09 - Entre a Terra e o céu - pág. 100** | **10 - Evolução em dois mundos - pág. 217** |
| **11 - Fonte Viva - pág. 187** | **12 - Forças sexuais da alma - pág. 151** |
| **13 - Nas pegadas do Mestre - pág. 101** | **14 - Nosso lar - pág. 36** |
| **15 - O exilado - pág. 26** | **16 - O Livro dos Espíritos - q 97, 131, 182, ...** |
| **17 - Pão nosso - pág. 167** | **18 - Passes e radiações - pág. 62** |
| **19 - Pérolas do além - pág. 182** | **20 - Renovar-se e viver- pág. 103** |
| **21 - Socialismo e Espiritismo - pág. 80** | **22 - Trabalhos práticos de Espiritismo - pág. 28** |
| **23 - Vida e sexo - toda a obra** | **24 - Vinhas de luz - pág. 327** |

**LEMBRETE**: O NÚMERO DA PÁGINA PODE VARIAR DE ACORDO COM A EDIÇÃO DA OBRA CITADA.

**PAIXÕES – COMPILAÇÃO**

**01 - A PLURALIDADE DOS MUNDOS HABITADOS - CAMILLE FLAMARION - PÁG. 211**

**..."Os anéis proporcionam um outono fresco às regiões equatoriais do planeta. Este outono é uma estação em que o tempo fica coberto, a saber: no meio do dia para os países próximos de uma das bordas da sombra; à tarde e de manhã para os que ficam na borda oposta da sombra; todo o dia para os outros; mas não à noite, e a grande espessura da atmosfera basta para conservar nessas regiões uma temperatura branda. Além disso, a sombra dos anéis deve modificar profundamente o sistema dos ventos alísios do planeta, fazendo descer, desde esta latitude, das altas regiões para as mais baixas, as colunas de ar aquecidas na região que tem o sol a pino. Quanto aos anéis, os habitantes do anel interior devem desfrutar de um singular espetáculo quando vêm se colocar na parte de sua residência que dá para o planeta: vêem-no como um imenso globo imóvel no zênite, enchendo o céu até a um terço, aproximadamente, da distância angular entre o zênite e o plano horizontal; ao mesmo tempo, o horizonte real do anel deve lhes oferecer, para o sul e para o norte, depressões notáveis, e, ao contrário, para o leste e para o oeste, devem ver, o seu anel erguer-se como duas montanhas, que vão se perder atrás do globo do planeta. Caminhando rumo ao plano do anel, vêem essas duas montanhas distantes se inclinar para o sul ou para o norte, até desaparecerem sob o plano horizontal, que então oculta a metade do disco do planeta.  
  
"Poder-se-ia imaginar as correspondências telegráficas entre os habitantes dos anéis e os do planeta, de onde resultaria uma utilidade considerável. Mas temendo sermos acusados de fantasiosos, vamos nos limitar a mencionar um serviço singular que os anéis de Saturno poderiam prestar aos habitantes do planeta: o de ter-lhes ensinado cedo a redondeza de seu globo. De fato, os que estão na estação do verão vêem cada dia a sombra do planeta sobre o plano do anel. E é assim, é assim, madame", acrescenta o cosmósofo, "que se quereis, sem embaraços, ver como vossos cabelos estão arranjados atrás de vossa cabeça, sabeis colocar-vos um pouco de perfil entre uma lâmpada e um muro, sobre o qual contemplais de soslaio a silhueta de vossa cabeça. Nós, gente da Terra, poderíamos, como os de Saturno, ver a sombra de nosso globo, e reconhecer, sem outro obstáculo, que a Terra é redonda; mas o que os saturninos vêem todas as tardes e manhãs, só vemos nos eclipses da Lua." Os filósofos não se contentaram em determinar a partir daqui o espetáculo da Natureza para os habitantes dos outros mundos — esta determinação pode ser, até certo ponto, baseada em dados científicos —, mas ainda tentaram descobrir o modo de vida, o grau de civilização, até mesmo o tamanho desses homens desconhecidos. No começo do século passado, Christian Wolff deu com aproximação de uma polegada o tamanho dos habitantes de Júpiter. Se se tem curiosidade de conhecer o método que seguiu para chegar a este resultado, ei-lo aqui:  
  
"Ensina-se em óptica", diz ele, "que a retina do olho é dilatada por uma luz fraca e contraída por uma luz intensa. A luz do Sol sendo muito menos forte para os habitantes de Júpiter do que para nós, em virtude de seu maior afastamento deste astro, segue-se que estes homens têm a retina muito maior e mais dilatada que a nossa. Ora, observa-se que a retina está constantemente em proporção com o globo do olho, e o olho com o resto do corpo, de modo que quanto mais a retina está desenvolvida num animal, maior é seu olho e maior é seu corpo. Para determinar o tamanho dos habitantes de Júpiter, é preciso considerar que a distância de Júpiter ao Sol está para a distância da Terra como vinte e seis está para cinco, e que, por conseguinte, a luz do Sol, em relação a Júpiter, está para esta luz, em relação à Terra, na razão do dobro de cinco para vinte e seis. Por outro lado, a experiência nos ensina que a dilatação da retina é sempre mais que proporcional ao crescimento da intensidade da luz; por outro lado, um corpo colocado a uma grande distância pareceria tão claramente delimitado quanto um outro colocado mais perto. O diâmetro da retina dos habitantes de Júpiter está pois, para o diâmetro da nossa, numa proporção maior que cinco para vinte e seis. Suponhamos de dez para vinte e seis, ou de cinco para treze. A altura ordinária dos habitantes da Terra sendo de cinco pés e quatro polegadas em média, conclui-se que a altura comum dos habitantes de Júpiter deve ser de catorze pés e dois terços.   
  
Este tamanho", acrescenta benevolamente o inventor, "era mais ou menos a de Og, rei de Bazan, cujo leito, segundo o relato de Moisés, tinha nove côvados de comprimento e quatro de largura." Que responderia Wolff hoje se fosse convidado a aplicar seus princípios ao planeta Netuno, que recebe novecentas vezes menos luz que nós? Esta teoria bizarra não tem, de resto, nenhum fundamento fisiológico; sem falar do erro de Wolff, que atribui à própria retina sua contração e sua dilatação aparentes, ao passo que estes movimentos pertencem, em realidade, ao fechamento diafragmático da membrana coróide, à íris, e qualquer um pode observar, contrariando a sua hipótese, que a pupila está longe de estar sempre em relação com o tamanho da órbita, e esta com o resto do corpo. Lembramos que Biot, em seu curso de física da Sorbonne, contava muitas vezes que em sua viagem à ilha de Formentera com Arago, em 1808, encontrou por meio da sonda, a um quilômetro de profundidade, no mar, arraias cujos olhos eram de um tamanho monstruoso e desmesurado; estes olhos eram protegidos por ossos de grande dureza. Com o auxílio destes órgãos, as arraias em questão viviam no fundo do mar, e tinham condições de viver, malgrado a noite espessa do Oceano; mas seu tamanho não sofrera nenhuma modificação. Ao redor de nós, ademais, as coisas se passam diversamente da teoria do filósofo alemão. Sabemos que a coruja tem os olhos maiores do que em proporção aos olhos do homem; que a toupeira tem um olho menor que o da abelha; que a baleia e o elefante têm olhos muito pequenos, relativamente a seu tamanho, etc.  
  
Todas estas teorias, como vemos, pecam por sua base. Malgrado a ressonância que tiveram e o número de seus adeptos, as mais recentes do célebre Fourier parecem infelizmente poder ser assimiladas às precedentes. Para ele, as espécies vivas (humana, animais ou vegetais) que habitam os diferentes globos são o resultado da fecundação dos planetas; pois, no dizer do filósofo, os planetas são seres animados e apaixonados, que são andróginos e se fecundam mutuamente, por cordões aromáticos que escapam de seus pólos magnéticos. Os produtos destas fecundações são os primeiros pais de cada humanidade, conforme os mundos, como os primeiros casais de cada espécie, tanto animal quanto vegetal. Cada planeta possuindo uma alma, qualidades e paixões de caráter próprio, segue-se que a população de cada planeta está em relação com este caráter. O homem está longe de ser superior ao mundo que ele habita; ao contrário, é a alma deste mundo que domina a do homem, que estabelece uma ligação entre ele e o Criador, que age por sua vontade própria, dirigindo sua humanidade pelos caminhos que ela escolheu. E os mundos formam assim uma hierarquia celeste, segundo os grupos ou os universos de que são membros; e esta hierarquia forma o que o próprio Fourier chama os biniversos, triniversos, quadriniversos, quintuniversos etc. Os planetas vivem e morrem como os outros seres; quando nosso planeta morrer, sua alma levará consigo todas as almas humanas e as levará com ele, para começar nova carreira num globo novo, num cometa, por exemplo, que será implanado e concentrado (termos falansterianos).**

**O homem, quaisquer que sejam seu gênio e sua grandeza, não pode progredir individualmente senão seguindo o caminho da humanidade à qual pertence; ele só pode se elevar e habitar outras terras depois da morte de seu planeta. . . Fourier vai um pouco longe em suas especulações; muitas vezes ele divaga por um mundo puramente imaginário. O que há de mais estranho, é que seus discípulos não temeram ir mais longe ainda por esses territórios inóspitos. Há aqueles que hoje pretendem que a humanidade de Saturno é muito avançada, que temos uma prova disto pela auréola resplandecente que brilha em torno deste astro, e que mesmo o nosso globo assumirá uma coroa semelhante, em sinal de júbilo, quando sua humanidade atingir seu período de harmonia. Vemos bem o quanto Fourier se deixou enganar por uma falsa analogia, estendendo para o reino do espírito as leis do reino material. Quem nos diz que não há duas ordens de criações completamente distintas, dois mundos radicalmente separados em sua base? Sua doutrina, admirável no que se relaciona com a solidariedade humana, desviou como a do sr. Pierre Lerous, que restringe à Terra as existências sucessivas da alma. Eles foram muito ousados por um lado, e muito tímidos do outro; muito ousados avançando assim tão longe no arbitrário, no conjetural, tomando a utopia pelo progresso; demasiado tímidos, pois a solidariedade humana terrestre é apenas parte da verdade. Quem quer que sejamos sobre a Terra, qualquer que seja o degrau da escada em que estejamos colocados, cada um de nós tem sua personalidade distinta; a humanidade à qual pertencemos é um ramo da árvore imensa; o mundo que habitamos é uma estação do arquipélago infinito, e caminhamos todos, na solidariedade universal, rumo a uma perfeição infinita.**

**Nunca conseguiríamos esposar, provavelmente, as idéias que um descendente de Fourier emitiu sobre a origem dos seres planetários. A analogia é um excelente método para proceder do conhecido ao desconhecido; mas a analogia passional não nos parece ter toda a importância que este autor lhe atribui. Sem dúvida, a lei que rege o mundo, a atração, poderia ser chamada Amor dos Corpos, assim como a lei que rege as almas poderia ser chamada Atração das Almas; sem dúvida, o grau de atividade de toda criatura é constituída pela Paixão, e a rigor, poder-se-ia estender esta expressão ao reino inorgânico e dizer que a Afinidade Molecular é ainda o amor, a paixão. Mas não é neste sentido metafórico que os partidários desta teoria entendem a palavra paixão: para eles, não há mundo inorgânico, tudo está animado de um espírito individual, tudo pensa, tudo está apaixonado, do grão de areia até o Sol. Eis onde nos parece estar o erro: afirmamos que a hipótese do seixo pensante nada tem a ver conosco, e professamos a doutrina oposta, sem levar em conta as seguintes palavras do autor em questão: "No Bureau dês Longitudes não se tem o hábito de julgar os astros por seus frutos; a paixão é o princípio do movimento pivotal da mecânica celeste, e os que o suprimiram são vândalos que nada entenderam da ciência". O mesmo teórico enunciou os seguintes aforismos, em seu tratado de ciência passional (se nos estendermos um pouco sobre este assunto, é porque suas alegações singulares não são sustentadas por um só, mas por toda uma escola).— A suprema felicidade dos astros, como a de todos os seres animados, é produzir e manifestar seu poder criador; e sem esta necessidade imperiosa de criar e de amar, os mundos morreriam.— Os planetas, que são seres superiores ao homem, são andróginos, quer dizer, têm a faculdade de criar, pela simples fusão de seus próprios aromas. Eles têm grandes deveres a cumprir, como cidadãos de um turbilhão de início, como mães de família, a seguir. (...)**

**04 - ALERTA - JOANNA DE ÂNGELIS - PÁG. 60**

**18. HÁBITO DA SOLIDARIEDADE:   
Por mais te encontres cansado não te eximas de ser solidário com alguém.  
Talvez o problema do outro, aquele que te procura, seja menor do que o teu.  
Para ele, no entanto, por que se afigura muito grave, assim se faz.  
As tuas experiências de fé dão-te real dimensão de inúmeras ocorrências, e por isto podes ajudar mais com menos desgaste de forças e emoções.  
Quem percorre um trecho de estrada tem condições de apresentar notícias daquele caminho.  
Experiência é rota que cada qual deverá vencer mesmo que a grande esforço.  
A solidariedade, por isso mesmo, é pão de empréstimo, de que sempre o doador necessitará.  
Ninguém a pode prescindir, por mais que se pretenda isolar do convívio com o seu próximo.  
Na vida de todas as criaturas um momento surge em que a solidariedade se faz imperiosa, como socorro salvador.  
Fazer ou deixar de fazer o bem é efeito natural da fé que se mantém, definindo-lhe a qualidade, cuja ação se transforma em hábito, que se incorpora à natureza, à personalidade de cada um.  
Quem se não acostuma a doar, nunca dispõe de oportunidade para auxiliar, encontrando motivos injustificáveis para recusar-se.  
Aquele que se aclimata ao trabalho solidário, sempre dispõe de tempo e recursos para fazê-lo.  
Os desocupados e indiferentes estão sempre muito cheios de horas vazias para tentar preencher algum espaço, por isso não dispõem de tempo para nada.  
Vivem extenuados pela inutilidade e pessimismo.  
Apura a tua percepção e verificarás que os lamentos demasiados nem sempre decorrem da enfermidade ou do problema que se tem, mas da necessidade de chamar a atenção, requerendo apoio e amizade.  
Há muita carência, no mundo, sendo, entretanto, a mais grave e urgente, a de afeto, de interesse humano. . .  
A questão assume tão grave proporção que, não raro, quando alguém se preocupa com outrem e dá-lhe assistência, os sentimentos de um ou de ambos perturbam-se, dando origem a desvios da fraternidade, tombando-se em delíquios morais, que mais agravam as circunstâncias e as dificuldades.  
Mantém o hábito da solidariedade sem exigência ou solicitação alguma.  
Ajuda, portanto, sem vinculação servil, a fim de permaneceres livre, no amor e na ação solidária, crescendo para Deus ao lado do teu próximo necessitado, necessitados que somos quase todos, da divina solidariedade.**

**06 - BOA NOVA - HUMBERTO DE CAMPOS - PÁG. 101**

**ÍTEM 15 - JOANA DE CUSA  
Entre a multidão que invariavelmente acompanhava a Jesus nas pregações do lago, achava-se sempre uma mulher de rara dedicação e nobre caráter, das mais altamente colocadas na sociedade de Cafarnaum. Tratava-se de Joana, consorte de Cusa, intendente de Ântipas, na cidade onde se conjugavam interesses vitais de comerciantes e de pescadores. Joana possuía verdadeira fé; contudo, não conseguiu forrar-se às amarguras domésticas, porque seu companheiro de lutas não aceitava as claridades do Evangelho. Considerando seus dissabores íntimos, a nobre dama procurou o Messias, numa ocasião em que ele descansava em casa de Simão, e lhe expôs a longa série de suas contrariedades e padecimentos. O esposo não tolerava a doutrina do Mestre. Alto funcionário de Herodes, em perene contacto com os representantes do Império, repartia as suas preferências religiosas, ora com os interesses da comunidade judaica, ora com os deuses romanos, o que lhe permitia viver em tranquilidade fácil e rendosa. Joana confessou ao Mestre os seus temores, suas lutas e desgostos no ambiente doméstico, expondo suas amarguras em face das divergências religiosas existentes entre ela e o companheiro.**

**Após ouvir-lhe a longa exposição, Jesus lhe ponderou:— Joana, só há um Deus, que é o Nosso Pai, e só existe uma fé para as nossas relações com o seu amor. Certas manifestações religiosas, no mundo, muitas vezes não passam de vícios populares nos hábitos exteriores. Todos os templos da Terra são de pedra; eu venho, em nome de Deus, abrir o templo da fé viva no coração dos homens. Entre o sincero discípulo do Evangelho e os erros milenários do mundo, começa a travar-se o combate sem sangue da redenção espiritual. Agradece ao Pai o haver-te julgado digna do bom trabalho, desde agora. Teu esposo não te compreende a alma sensível? Compreender-te-á um dia. É leviano e indiferente? Ama-o, mesmo assim. Não te acharias ligada a ele se não houvesse para isso razão justa. Servindo-o com amorosa dedicação, estarás cumprindo a vontade de Deus. Falas-me de teus receios e de tuas dúvidas. Deves, pelo Evangelho, amá-lo ainda mais. Os sãos não precisam de médico. Além disso, não poderemos colher uvas nos abrolhos, mas podemos amanhar o solo que produziu cardos envenenados, a fim de cultivarmos nele mesmo a videira maravilhosa do amor e da vida.  
Joana deixava entrever no brilho suave dos olhos a íntima satisfação que aqueles esclarecimentos lhe causavam; mas, patenteando todo o seu estado dalma, interrogou:**

**— Mestre, vossa palavra me alivia o espírito atormentado; entretanto, sinto dificuldade extrema para um entendimento recíproco no ambiente do meu lar. Não julgais acertado que lute por impor os vossos princípios? Agindo assim, não estarei reformando o meu esposo para o céu e para o vosso reino? O Cristo sorriu serenamente e retrucou:— Quem sentirá mais dificuldade em estender as mãos fraternas, será o que atingiu as margens seguras do conhecimento com o Pai, ou aquele que ainda se debate entre as ondas da ignorância ou da desolação, da inconstância ou da indolência do espírito? Quanto à imposição das idéias — continuou Jesus, acentuando a importância de suas palavras —, por que motivo Deus não impõe a sua verdade e o seu amor aos tiranos da Terra? Por que não fulmina com um raio o conquistador desalmado que espalha a miséria e a destruição, com as forças sinistras da guerra? A sabedoria celeste não extermina as paixões: transforma-as. Aquele que semeou o mundo de cadáveres desperta, às vezes, para Deus, apenas com uma lágrima. O Pai não impõe a reforma a seus filhos: esclarece-os no momento oportuno. Joana, o apostolado do Evangelho é o de colaboração com o céu, nos grandes princípios da redenção. Sê fiel a Deus, amando o teu companheiro do mundo, como se fora teu filho. Não percas tempo em discutir o que não seja razoável.**

**Deus não trava contendas com as suas criaturas e trabalha em silêncio, por toda a Criação. Vai!... Esforça-te também no silêncio e, quando convocada ao esclarecimento, fala o verbo doce ou enérgico da salvação, segundo as circunstâncias! Volta ao lar e ama o teu companheiro como o material divino que o céu colocou em tuas mãos para que talhes uma obra de vida, sabedoria e amor!...Joana de Cusa experimentava um brando alívio no coração. Enviando a Jesus um olhar de carinhoso agradecimento, ainda lhe ouviu as últimas palavras:— Vai, filha!... Sê fiel! Desde esse dia, memorável para a sua existência, a mulher de Cusa experimentou na alma a claridade constante de uma resignação sempre pronta ao bom trabalho e sempre ativa para a compreensão de Deus. Como se o ensinamento do Mestre estivesse agora gravado indelevelmente em sua alma, considerou que, antes de ser esposa na Terra, já era filha daquele Pai que, do Céu, lhe conhecia a generosidade e os sacrifícios. Seu espírito divisou em todos os labores uma luz sagrada e oculta. Procurou esquecer todas as características inferiores do companheiro, para observar somente o que possuía ele de bom, desenvolvendo, nas menores oportunidades, o embrião vacilante de suas virtudes eternas. Mais tarde, o céu lhe enviou um filhinho, que veio duplicar os seus trabalhos; ela, porém, sem olvidar as recomendações de fidelidade que Jesus lhe havia feito, transformava suas dores num hino de triunfo silencioso em cada dia.**

**Os anos passaram e o esforço perseverante lhe multiplicou os bens da fé, na marcha laboriosa do conhecimento e da vida. As perseguições políticas desabaram sobre a existência do seu companheiro. Joana, contudo, se mantinha firme. Torturado pelas idéias odiosas de vingança, pelas dívidas insolváveis, pelas vaidades feridas, pelas moléstias que lhe verminaram o corpo, o ex-intendente de Ântipas voltou ao plano espiritual, numa noite de sombras tempestuosas. Sua esposa, todavia, suportou os dissabores mais amargos, fiel aos seus ideais divinos edificados na confiança sincera. Premida pelas necessidades mais duras, a nobre dama de Cafarnaum procurou trabalho para se manter com o filhinho que Deus lhe confiara. Algumas amigas lhe chamaram a atenção, tomadas de respeito humano. Joana, no entanto, buscou esclarecê-las, alegando que Jesus igualmente havia trabalhado, calejando as mãos nos serrotes de modesta carpintaria e que, submetendo-se ela a uma situação de subalternidade no mundo, se dedicara primeiramente ao Cristo, de quem se havia feito escrava devotada. Cheia de alegria sincera, a viúva de Cusa esqueceu o conforto da nobreza material, dedicou-se aos filhos de outras mães, ocupou-se com os mais subalternos afazeres domésticos para que seu filhinho tivesse pão. Mais tarde, Suando a neve tal experiências do mundo lhe alvejou os Simeíos anéis da fronte, uma galera romana a conduzia em seu bojo, na qualidade de serva humilde.**

**No ano 68, quando as perseguições ao Cristianismo iam intensas, vamos encontrar, num dos espetáculos sucessivos do circo, uma velha discípula do Senhor amarrada ao poste do martírio, ao lado de um homem novo, que era seu filho. Ante o vozerio do povo, foram ordenadas as primeiras flagelações.— Abjura!... — exclama um executor das ordens imperiais, de olhar cruel e sombrio. A antiga discípula do Senhor contempla o céu, sem uma palavra de negação ou de queixa. Então o açoite vibra sobre o rapaz seminu, que exclama, entre lágrimas: — "Repudia a Jesus, minha mãe!... Não vês que nos perdemos?! Abjura!... por mim, que sou teu filho!...Pela primeira vez, dos olhos da mártir corre a fonte abundante das lágrimas. As rogativas do filho são espadas de angústia que lhe retalham o coração. — Abjura!... Abjura! Joana ouve aqueles gritos, recordando a existência inteira. O lar risonho e festivo, as horas de ventura, os desqostos domésticos, as emoções maternais, os fracassos do esposo, sua desesperação e sua morte, a viuvez a desolação e as necessidades mais duras... Em seguida, ante os apelos desesperados do filhinho, recordou que Maria também fora mãe e, vendo o seu Jesus crucificado no madeiro da infâmia, soubera conformar-se com os desígnios divinos. Acima de todas as recordações, como alegria suprema de sua vida, pareceu-lhe ouvir ainda o Mestre, em casa de Pedro, a lhe dizer: — "Vai filha! Sê fiel!" Então, possuída de força sobrehumana, a viúva de Cusa contemplou a primeira vítima ensanguentada e, fixando no jovem um olhar profundo e inexprimível, na sua dor e na sua ternura, exclamou firmemente:**

**— Cala-te, meu filho! Jesus era puro e não desdenhou o sacrifício. Saibamos sofrer na hora dolorosa, porque, acima de todas as felicidades transitórias do mundo, é preciso ser fiel a Deus! A esse tempo, com os aplausos delirantes do povo, os verdugos lhe incendiavam, em derredor, achas de lenha embebidas em resina inflamável. Em poucos instantes, as labaredas lamberam-lhe o corpo envelhecido. Joana de Cusa contemplou com serenidade a massa de povo que lhe não entendia o sacrifício. Os gemidos de dor lhe morriam abafados no peito opresso. Os algozes da mártir cercaram-lhe de impropérios a fogueira:— O teu Cristo soube apenas ensinar-te a morrer? — perguntou um dos verdugos. A velha discípula, concentrando a sua capacidade de resistência, teve ainda forças para murmurar:— Não apenas a morrer, mas também a vos amar!...Nesse instante, sentiu que a mão consoladora do Mestre lhe tocava suavemente os ombros, e lhe escutou a voz carinhosa e inesquecível:— Joana, tem bom ânimo!... Eu aqui estou!...**

**16 -O LIVRO DOS ESPÍRITOS - ALLAN KARDEC - QUESTÕES: 97,131, 182, 191, 222, 257, 265,363, 469, 883, 907, 972**

**Perg. 97 - Há um número determinado de ordens ou de graus de perfeição entre os Espíritos? - É ilimitado o número dessas ordens, pois não há entre elas uma linha de demarcação, traçada como barreira, de maneira que se pode multiplicar ou restringir as divisões, à vontade. Não obstante, se considerarmos os caracteres gerais, poderemos reduzí-las a três ordens principais. Na primeira ordem, podemos colocar os que já chegaram à perfeição: os Espíritos Puros. Na segunda, estão os que chegaram ao meio da escala: o desejo do bem é a sua preocupação. Na terceira, os que estão ainda na base da escala: os Espíritos imperfeitos, que se caracterizam pela ignorância, o desejo do mal e todas as máspaixões que lhes retardam o desenvolvimento.   
Perg. 131. Há demônios, no sentido que se dá a essa palavra?— Se houvesse demônios, eles seriam obra de Deus. E Deus seria justo e bom, criando seres infelizes, eternamente voltados ao mal? Se há demônios, é no teu mundo inferior e em outros semelhantes que eles residem: são esses homens hipócritas que fazem de um Deus justo um Deus mau e vingativo, e que pensam lhe ser agradáveis pelas abominações que cometem em seu nome.  
  
A palavra demônio não implica a idéia de Espírito mau, a não ser na sua acepção moderna, porque o termo grego daimon, de que ela deriva, significa gênio, inteligência, e se aplicou aos seres incorpóreos, bons ou maus, sem distinção. Os demônios, segundo a significação vulgar do termo, seriam entidades essencialmente malfazejas; e seriam, como todas as coisas, criação de Deus. Mas Deus, que é eternamente justo e bom, não pode ter criado seres predispostos ao mal, por sua própria natureza, e condenados pela eternidade. Se não fossem obra de Deus, seriam eternos como ele, e nesse caso haveria muitas potências soberanas. A primeira condição de toda doutrina é a de ser lógica; ora, a dos demônios, no seu sentido absoluto, falha neste ponto essencial. Que na crença dos povos atrasados, que não conheciam os atributos de Deus, admitindo divindades malfazejas, também se admitissem os demônios, é concebível; mas para quem quer que faça da bondade de Deus um atributo por excelência é ilógico e contraditório supor que ele tenha criado seres voltados ao mal e destinados a praticá-lo perpetuamente, porque isso negaria a sua bondade. Os partidários do demônio se apoiam nas palavras do Cristo, e não seremos nós que iremos contestar a autoridade dos seus ensinos, que desejamos ver mais no coração do que na boca dos homens; mas estariam bem certos do sentido que ele atribuía à palavra demônio? Não se sabe que a forma alegórica é uma das características da sua linguagem? Tudo o que o Evangelho contém deve ser tomado ao pé da letra? Não queremos outra prova, além desta passagem:  
  
"Logo após esses dias de aflição, o sol se obscurecerá e a lua não dará mais a sua luz, as estrelas cairão do céu e as potências celestes serão abaladas. Em verdade vos digo que esta geração não passará, antes que todas essas coisas se cumpram". Não vimos a forma do texto bíblico contraditada pela Ciência, no que se refere à criação e ao movimento da Terra? Não pode acontecer o mesmo com certas figuras empregadas pelo Cristo, que devia falar de acordo com o tempo e a região em que se achava? O Cristo não poderia ter dito conscientemente uma falsidade. Se, portanto, nessas palavras há coisas que parecem chocar a razão, é que não as compreendemos ou que as interpretamos mal.  
Perg. 182. - Podemos conhecer exatamente o estado físico e moral dos diferentes mundos?— Nós, Espíritos, não podemos responder senão na medida do vosso grau de evolução. Quer dizer que não devemos revelar estas coisas a todos, porque nem todos estão em condições de compreendê-las, e elas os perturbariam.  
A medida que o Espírito se purifica, o corpo que o reveste aproxima-se igualmente da natureza espírita. A matéria se torna menos densa, ele já não se arrasta penosamente pelo solo, suas necessidades físicas são menos grosseiras, os seres vivos não têm mais necessidade de se destruírem para se alimentar. O Espírito é mais livre, e tem, para as coisas distanciadas, percepções que desconhecemos: vê pelos olhos do corpo aquilo que só vemos pelo pensamento. A purificação dos Espíritos reflete-se na perfeição moral dos seres em que estão encarnados. As paixões animais se enfraquecem, o egoísmo dá lugar ao sentimento fraternal. E assim que, nos mundos superiores ao nosso, as guerras são desconhecidas, os ódios e as discórdias não têm motivo, porque ninguém pensa em prejudicar o seu semelhante. A intuição do futuro, a segurança que lhes dá uma consciência isenta de remorsos fazem que a morte não lhes cause nenhuma apreensão: eles a recebem sem medo e como uma simples transformação.  
  
A duração da vida, nos diferentes mundos, parece proporcional ao seu grau de superioridade física e moral, e isso é perfeitamente racional. Quanto menos material é o corpo, menos sujeito está às vicissitudes que o desorganizam; quanto mais puro é o Espírito, menos sujeito às paixões que o enfraquecem. Este é ainda um auxílio da Providência, que deseja assim abreviar os sofrimentos.  
Perg. 183. - Pensando de um mundo para outro, o Espírito passa por nova infância?— A infância é por toda parte uma transição necessária, mas não é sempre tão ingênua como entre vós.  
Perg. 184- O Espírito pode escolher o novo mundo em que vai habitar?— Nem sempre; mas pode pedir e obter o que deseja, se o merecer. Porque os mundos só são acessíveis aos Espíritos de acordo com o grau de sua elevação.  
Perg. 184-a. -Se o Espírito nada pede, o que determina o mundo onde irá reencarnar-se?— O seu grau de elevação.  
Perg. 185. - O estado físico e moral dos seres vivos é perpetuamente o mesmo, em cada globo?— Não; os mundos também estão submetidos à lei do progresso. Todos começaram como o vosso, por um estado inferior, e a Terra mesma sofrerá, uma transformação semelhante, tornando-se um paraíso terrestre, quando os homens se fizerem bons. Assim, as raças que atualmente povoam a Terra desaparecerão um dia e serão substituídas por seres mais e mais perfeitos. Essas raças transformadas sucederão à atual, como esta sucedeu a outras que eram mais grosseiras.   
Perg. 191 - As almas dos nossos selvagens estão no estado de infância? - Infância relativa; pois são almas já desenvolvidas. Dotada de paixões.  
Perg. 265 - Se alguns Espíritos escolhem o contato com o vício, como prova há os que o escolhem por simpatia e pelo desejo de viver num meio adequado aos seus gostos, ou para poderem entregar-se livremente às suas inclinações materiais? - Há por certo, mas só entre aqueles cujo senso moral é ainda pouco desenvolvido; a prova decorre disso, e eles a sofrem por tempo mais longo. Cedo ou tarde compreenderão que a satisfação das paixões brutais tem para eles consequências deploráveis, que terão de sofrer durante um tempo que lhes parecerá eterno. Deus poderá deixá-los nesse estado até que eles tenham compreendido suas faltas, pedindo por si mesmos o meio de resgatá-los em provas proveitosas.  
Perg. 363 - Os Espíritos têm paixões estranhas à humanidade? - Não, se assim fosse, vós também as teríeis.  
Perg. 469 - Por que meio se pode neutralizar a influência dos maus Espíritos? - Fazendo o bem e colocando toda a vossa confiança em Deus, repelis a influência dos Espíritos inferiores e destruís o império que desejam ter sobre vós. Guardai-vos de escutar as sugestões dos Espíritos que suscitam em vós maus pensamentos, que insuflam a discórdia e excitam em vós todas as más paixões. Desconfiai sobretudo dos que exaltam o vosso orgulho, porque eles atacam na vossa fraqueza. Eis por que Jesus vos fez dizer na oração dominical: "Senhor, não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal".  
Perg. 883 - O desejo de possuir é natural?- Sim, mas quando o homem só deseja para si e para sua satisfação pessoal é egoísmo.  
Perg. 883a - Entretanto não será legítimo o desejo de possuir, pois aquele que tem com o que viver não se torna carga para ninguém?- Há homens insaciáveis, que acumulam sem proveito para ninguém ou apenas para satisfazer as suas paixões. Acreditas que isso seja aprovado por Deus? Aquele que ajunta pelo seu trabalho, com a intenção de auxiliar o semelhante, pratica a lei de amor e caridade e seu trabalho é abençoado por Deus.  
DAS PAIXÕES  
Perg. 907. - O princípio das paixões sendo natural, é mau em si mesmo?. — Não. A paixão está no excesso provocado pela vontade, pois o princípio foi dado ao homem para o bem e as paixões podem conduzi-lo a grandes coisas. O abuso a que ele se entrega é que causa o mal.  
Perg. 908. - Como definir o limite em que as paixões deixam de ser boas ou más?— As paixões são como um cavalo que é útil quando governado e perigoso quando governa. Reconhecei, pois, que uma paixão se torna perniciosa no momento em que a deixais de governar e quando resulta num prejuízo qualquer para vós ou para outro. As paixões são alavancas que decuplicam as forças do homem e o ajudam a cumprir os desígnios da Providência. Mas, se em vez de as dirigir, o homem se deixa dirigir por elas, cai no excesso e a própria força, que em suas mãos poderia fazer o bem, recai sobre ele e o esmaga. Todas as paixões têm seu princípio num sentimento ou necessidade de natureza. O princípio das paixões não é portanto um mal, pois repousa sobre uma das condições providenciais de nossa existência. A paixão propriamente dita é o exagero de uma necessidade ou de um sentimento; está no excesso e não na causa; e esse excesso se torna mau quando tem por consequência algum mal. Toda paixão que aproxima o homem da Natureza animal o afasta da Natureza espiritual. Todo sentimento que eleva o homem acima da Natureza animal anuncia o predomínio do Espírito sobre a matéria e o aproxima da perfeição.  
Perg. 909. - O homem poderia sempre vencer as suas más tendências pelos seus próprios esforços?— Sim, e às vezes com pouco esforço; o que lhe falta é a vontade. Ah, como são poucos os que se esforçam!  
Perg. 910. - O homem pode encontrar nos Espíritos uma ajuda eficaz para superar as paixões? — Se orar a Deus e ao seu bom gênio com sinceridade, os bons Espíritos virão certamente em seu auxílio, porque essa é a sua missão.  
Perg. 911. - Não existem paixões de tal maneira vivas e irresistíveis que a vontade seja impotente para as superar?— Há muitas pessoas que dizem: "Eu quero!" mas a vontade está somente em seus lábios. Elas querem, mas estão muito satisfeitas de que assim não seja. Quando o homem julga que não pode superar suas paixões' que o seu Espírito nelas se compraz, como consequência de sua própria interioridade. Aquele que procura reprimi-las compreende a sua natureza espiritual; vencê-las é para ele um triunfo do Espírito sobre a matéria.  
Perg. 912. - Qual o meio mais eficaz de se combater a predominância da natureza— Abnegar-se.  
Perg. 972. - Como procedem os maus Espíritos para tentar os outros Espíritos, se não dispõem do auxílio das paixões?— Se as paixões não existem materialmente, existem, entretanto, no pensamento dos Espíritos atrasados. Os maus entretém esses pensamentos, arrastando suas vítimas aos lugares onde deparam com essas paixões e com tudo o que as possa excitar.  
Perg. 972-a. Mas para que servem essas paixões, se lhes falta o objeto real?— Assim é precisamente para o seu suplício: o avarento vê o ouro que não pode possuir; o devasso, as orgias de que não pode participar; o orgulhoso, as honras que inveja e de que não pode gozar.  
Perg. 973. - Quais os maiores sofrimentos a que os maus Espíritos se verão sujeitos?— Não há descrição possível das torturas morais que constituem a punição de certos crimes. Os próprios Espíritos que as sofrem teriam dificuldades em vos dar uma idéia. Mas seguramente a mais horrível é o pensamento de serem condenados para sempre.**

**17 - PÃO NOSSO - EMMANUEL - PÁG. 167**

**ÍTEM 78 - SEGUNDO A CARNE  
"Porque, se viverdes segundo a carne, morrereis." — Paulo. (ROMA­NOS, 8:13.)  
Para quem vive segundo a carne, isto é, de conformidade com os impulsos inferiores, a estação de luta terrestre não é mais que uma série de acontecimentos vazios. Em todos os momentos, a limitação ser-lhe-á fantasma incessante. Cérebro esmagado pelas noções negativas, encontrar-se-á com a morte, a cada passo. Para a consciência que teve a infelicidade de esposar concepções tão escuras não passará a existência humana de comédia infeliz. No sofrimento, identifica uma casa adequada ao desespero. No trabalho destinado à purificação espiritual, sente o clima da revolta. Não pode contar com a bênção do amor, porquanto, em face da apreciação que lhe é própria, os laços afetivos são meros acidentes no mecanismo dos desejos eventuais. A dor, benfeitora e conservadora do mundo, é-lhe intolerável, a disciplina constitui-lhe angustioso cárcere e o serviço aos semelhantes representa pesada humilhação.  
  
Nunca perdoa, não sabe renunciar, dói-lhe ceder em favor de alguém e, quando ajuda, exige do beneficiado a subserviência do escravo. Desditoso o homem que vive, respira e age, segundo a carne! Os conflitos da posse atormentam-lhe o coração, por tempo indeterminado, com o mesmo calor da vida selvagem. Ai dele, todavia, porque a hora renovadora soará sempre! E, se fugiu à atmosfera da imortalidade, se asfixiou as melhores aspirações da própria alma, se escapou ao exercício salutar do sofrimento, se fez questão de aumentar apetites e prazeres pela absoluta integração com o "lado inferior da vida", que poderá esperar do fim do corpo, senão sepulcro, sombra e impossibilidade, dentro da noite cruel?**

**18 - PASSES E RADIAÇÕES - EDGARD ARMOND - PÁG. 62**

**Defeitos morais e paixões  
A batalha moral contra os defeitos e as paixões deve ser igualmente encetada pelos espíritas sem vacilações e temores, sendo certo que desde os primeiros passos, serão fortemente apoiados pelos benfeitores espirituais, que sempre estão atentos, aguardando que tão salutares e imperiosas resoluções surjam e tomem consistência no espírito dos seus protegidos, entes amados que eles, os benfeitores, assumiram o compromisso de assistir e proteger durante a encarnação.  
Antes de encetar a luta contra os defeitos e as paixões tão comuns ao homem inferior, como sejam, o orgulho, o egoísmo, a sensualidade, a hipocrisia, a avareza, a crueldade, e outros — é necessário que cada um faça um programa individual de ação, examine a influência que cada defeito ou paixão exerce sobre si mesmo e em seguida inicie a repressão com confiança e disposição de lutar sem desfalecimentos, até o fim; assim procedendo, logo aos primeiros passos, verá que o apoio recebido do Alto é muito importante e que a vitória está desde o princípio, em suas próprias mãos.**

**21 - SOCIALISMO E ESPIRITISMO - LÉON DENIS - PÁG. 80**

**ÍTEM IV - A rivalidade entre os partidos desperta, por vezes, paixões bastante violentas para obscurecer as mais altas inteligências e falsear os melhores julgamentos. Assim, convém não tocar as questões sociais senão com grande seriedade. É preciso aproximar-se do término de uma longa carreira, ter adquirido uma madura experiência dos homens e das coisas, ter se afastado por antecipação das contingências terrestres para disso falar com uma serena imparcialidade. É um pouco o meu caso, é porque me propus a abordar essas questões com inteira franqueza. Recebi sobre esse assunto um certo número de cartas que apresentam as nuances mais variadas de opinião desde as aprovações mais calorosas até as críticas mais amargas. Não podendo responder a todas; envio aos seus autores, indistintamente amigos e adversários, aprovadores ou críticos, uma radiação do coração, um pensamento igualmente simpático. Eu, apenas, pediria a meus contraditores que prestassem muita atenção na Finalidade dos artigos que escrevo antes de julgar-me e de condenar-me.  
  
Em todos os tempos, em todos os meios, a questão social foi objeto de preocupações de pensadores, filósofos, de homens políticos; deu nascimento a uma multidão de teorias e sistemas; caos confuso onde o pesquisador encontra dificilmente o fio de Ariadne que os impedirá de se desgarrarem. Hoje, ainda os socialistas dividem-se em escolas diversas. Os alemães em número importante, prendem-se às teorias de Karl Marx, que se inspiram no materialismo brutal, preconizam as lutas de classes e sua conclusão, logicamente, desemboca em uma ditadura do proletariado, isto é, no bolchevismo. Ora, sabe-se o que este regime proporcionou à Rússia. Voltaremos mais tarde a tratar deste assunto. Depois do sucesso das forças armadas alemãs em Sadova, logo após em Sedan, as teorias marxistas ganharam uma grande extensão. A "Sozial Demokratie" tinha se tornado bastante poderosa para impedir a grande guerra mas, apesar da promessa feita a Jaurès, ela não apenas votou os créditos militares, pedidos pelo Imperador em vista dessa Guerra, como tomou nela uma parte pérfida e cruel. Por este fato ela assumiu, diante da história, uma pesada e terrível responsabilidade.**

**Os socialistas franceses adotaram de preferência as doutrinas de Fourier e de Proudhon. Seu fim comum é a supressão do salariado em proveito de um novo regime de propriedade em sentido coletivo com a socialização dos meios de produção e de troca. Mas, desde o começo, vê-se passar nos modos de aplicação, tanto entre os unificados como em outros agrupamentos, divergências de opinião que se revelam e contradições que aparecem. É aí, sobretudo, que lhe falta um ideal superior que religasse todos os esforços e vantagens e se fizessem sentir; pois não é o materialismo em voga nestes meios que é susceptível de inspirá-lo. Pelo contrário, os apetites se fazem à luz e o socialismo muitas vezes serve de trampolim a ambiciosos destituídos de brio que o utilizam para chegar a seus fins políticos, sem cuidar dos engajamentos tomados, o que muitas vezes contribui para o desacreditar na opinião geral. Estamos, pois, em presença de duas grandes correntes opostas, uma germânica e russa, outra ocidedada socialista. São próprias do homem "Doze Paixões": o gosto, o tato, a vista, o ouvido, o olfato, a amizade, a ambição, o amor, o familiarismo, o sentimento de fraternidade, a cabala ou paixão pela intriga, a paixão por "mar/posar" ou tendência à adversidade. Os moralistas somente haviam denunciado a depravação da natureza humana e exortavam afogar as paixões. Na realidade declara Fourier, é o regime social que está viciado. O homem é substancialmente bom. Trata-se de criar uma sociedade que favoreça a plena satisfação das paixões humanas, seu desenvolvimento e seu florescimento.**

**A partir destas premissas, Fourier esboça o quadro da ordem social futura, cuja célula fundamental é a falange, composta de "diferentes séries de produção". Todos os membros da falange têm direito ao trabalho. De bom grado oferecendo as suas paixões, enrolam-se nos diferentes grupos de produção. O trabalho é considerado na falange uma necessidade, uma fonte de gozo. A ausência de especialização estreita, que mutila o homem sob o regime burguês, contribui para isto. No curso da jornada, cada membro da falange muda de ocupação várias vezes. Assim, se satisfaz a necessidade de mariposar, a necessidade de variedade própria do homem. Fourier dizia dos homens do porvir que sua altiva Intrepidez venceria todos os obstáculos; que para eles a palavra impossível, não existiria. Na sociedade futura, os interesses do Indivíduo coincidirão com a sociedade. Chegar-se-á a uma abundância de bens materiais, como resultado de um trabalho criador e altamente produtivo. A distribuição na falange se faz, essencialmente, de acordo com o trabalho e o talento: 5/12 das entradas para o trabalho e 3/12 para o talento. Sob uma forma rudimentar, Fourier expressa a Idéia da supressão da oposição entre o trabalho Intelectual e manual, entre a cidade e o campo. O socialismo de Fourier tem um Caráter utópico. Fourier se opunha à revolução violenta. Desencantado, pensava organizar a sociedade socialista do porvir, graças à propaganda pacifica de suas idéias. Acreditava na possibilidade de criar falanges no capitalismo. Fourier se dirigia aos ricos, a quem confiava seus projetos na esperança de obter subvenções para executá-los.**

**A fim de atrair os capitalistas, Fourier lhes prometia os quatro doze avos restantes das entradas. Igual aos demais socialistas utópicos, ignorava a missão histórica do proletariado. Fourier, Saint-Simon, Owen eram socialistas solitários a quem as massas não seguiam. O socialismo não podia contar com uma salda eficaz para libertar a humanidade da escravidão capitalista. Fourier exerceu uma grande Influência no desenvolvimento das idéias socialistas. Marx o designava como um dos "patriarcas do socialismo". Junto ao de Saint-SImon e ao de Owen, o de Fourier constitui importante fonte teórica do comunismo científico. Obras principais: "Teoria dos quatro movimentos e dos destinos gerais" (1808), "Teoria da unidade universal" (1822), e "Novo mundo industrial e societário" (1829). Proudhon, Pierre Joseph (1809 -1865) — Literato, economista e sociólogo francês; um dos precursores do anarquismo contemporâneo. Sonhava com a perpetuação da propriedade privada e criticava a propriedade capitalista do ponto de vista pequeno burguês. No "Manifesto do Partido Comunista", Marx e Engels fazem notar o encarniçamento de Proufhon em conservar"...**

**24 - VINHAS DE LUZ - EMMANUEL - PÁG. 327**

**ÍTEM 156 - O VASO: "Que cada um de vós saiba possuir o seu vaso em santificação e honra." — Paulo. (I tessalonicenses, 4:4.)  
A recomendação de Paulo de Tarso aos tessalo-nicenses ainda se reveste de plena atualidade. O vaso da criatura é o corpo que lhe foi confiado. O homem comum, em sua falsa visão do caminho evolutivo, inadvertidamente procura saturá-lo de enfermidade, lama e sombras e, em toda parte, observam-se consequências funestas de semelhantes desvios. Aqui, aparecem abusos da alimentação; além, surgem excessos inconfessáveis. Existências numerosas esbarram no túmulo, à maneira de veículos preciosos atropelados ou esmagados pela imprevidência. Entretanto, não faltam recursos da Bondade Divina para que o patrimônio se mantenha íntegro, nas mãos do beneficiário que é a nossa alma imortal. A higiene, a temperança, a medicina preventiva, a disciplina jamais deverão ser esquecidas.  
  
O Pai Compassivo não se despreocupa das necessidades dos filhos, mas sim os próprios filhos é que menoscabam os valores que a Sabedoria Infinita lhes empresta por amor. Alguns superlotam o vaso sagrado com bebidas tóxicas e estonteantes, transformam-no outros em máquina da gula carniceira, quando o não despedaçam nos choques do prazer delituoso. Em obedecer aos impositivos de equilíbrio, na Lei Divina, reside a magnífica prova para todos os filhos da inteligência e da razão. Raros saem dela integralmente vitoriosos. A maioria espera milagres para exonerar-se dos compromissos assumidos, olvidando que o problema do resgate e do reajustamento compete a cada um. O melhor pai terrestre não conseguirá preservar o vaso dos filhos, senão transmitindo-lhes as diretrizes do reto proceder. Fora, pois, da lição da palavra e do exemplo, é imprescindível reconhecer que cada criatura deve saber possuir o próprio vaso em santificação e honra para Deus.**